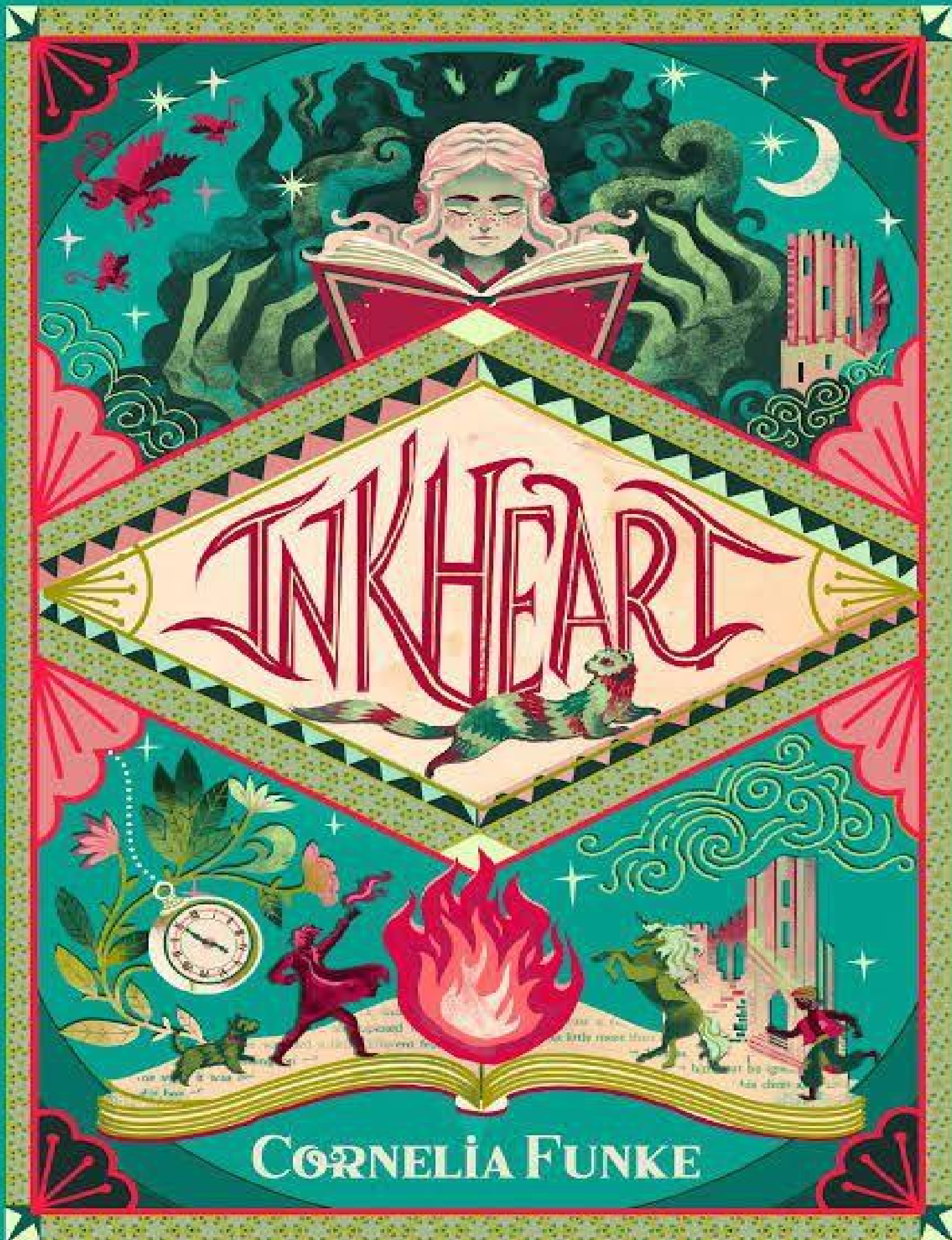

INKHEART
CORNELIA FUNKE

CORNELIA FUNKE

CORAÇÃO DE TINTA

Ilustrações
Cornelia Funke

Tradução
Sonali Bertuol

CIA. DAS LETRAS

Para Anna,
que até mesmo deixou de lado
O senhor dos anéis para ler este livro.
(O que mais se pode querer de uma filha?)

E para Elinor,
que me emprestou seu nome, embora eu
não precisasse dele para uma rainha élfica.

Veio, veio.
Veio uma palavra, veio,
veio na noite,
quis brilhar, quis brilhar.

Cinzas.
Cinzas, cinzas.
Noite.

Paul Celan, *Estreto*

Sumário

1. Um estranho na noite

2. Segredos

3. Rumo ao sul

4. Uma casa cheia de livros

5. Apenas uma imagem

6. Fogo e estrelas

7. O que a noite oculta

8. Sozinha

9. Uma troca ruim

10. A cova do leão

11. Covarde

12. Mais ao sul

13. A aldeia de Capricórnio

14. A tarefa cumprida

15. Sorte e azar

16. Naquele tempo

17. O traidor traído

18. Língua Encantada

19. Perspectivas sombrias

20. Cobras e espinhos

21. Basta

22. Em segurança

23. Uma noite cheia de palavras

24. Fenoglio

25. O final errado

26. Um arrepio e um pressentimento

27. Apenas uma ideia

28. Em casa

29. Um bom lugar para ficar

30. Pippo tagarela

31. Nas colinas felpudas

32. De volta

33. A criada de Capricórnio

34. Segredos

35. Objetivos distintos

36. Na casa de Capricórnio

37. Imprudência

38. Palavras sussurradas

39. Punição para os traidores

40. O cavalo negro da noite

41. Farid

42. Pelo na janela

43. Um lugar escuro

44. O relato de Farid

45. Algumas mentiras para Basta

46. Acordada na noite escura

47. Sozinha

48. A gralha

49. O orgulho de Basta e a astúcia de Dedo Empoeirado

50. Azar para Elinor

51. Por um triz

52. Uma criaturinha tão frágil

53. As frases certas

54. Fogo

55. Traição, tagarelice e estupidez

56. Sombra

57. Apenas uma aldeia abandonada

58. Nostalgia

59. Para casa

1. Um estranho na noite

A lua brilhava no olho do cavalinho de balanço, e também no olho do ratinho, quando Tolly o tirava de sob o travesseiro para admirá-lo. O relógio fazia tiquetaque e, no meio do silêncio, ele pensou ouvir o som de pezinhos nus correndo pelo chão, depois risadas e cochichos, e então um ruído como se alguém estivesse folheando as páginas de um grande livro.

Lucy M. Boston, *As crianças de Green Knowe*

Chovia naquela noite, uma chuvinha fina e murmurante. Ainda depois de muitos anos, bastava Meggie fechar os olhos e ela podia ouvi-la novamente, como se minúsculos dedinhos estivessem batendo em sua janela. Um cão latia em algum lugar na escuridão e, por mais que se virasse de um lado para o outro, Meggie não conseguia dormir.

O livro que ela começara a ler estava debaixo do travesseiro. Cutucava o ouvido dela com a ponta da capa, como se quisesse chamá-la de volta para suas páginas. "Oh, deve ser mesmo muito confortável dormir com uma coisa dura e pontuda debaixo da cabeça", dissera seu pai na primeira vez em que encontrara um volume sob o travesseiro dela. "Confesse, à noite ele sussurra histórias no seu ouvido." "Às vezes, sim!", respondera Meggie. "Mas só funciona com crianças." Em troca, Mo lhe dera um beliscão no nariz. Mo. Meggie nunca chamara o pai de outra maneira.

Naquela noite, em que tanta coisa começou e tanta coisa mudou para sempre, um dos livros preferidos de Meggie estava debaixo de seu travesseiro. Como a chuva não a deixava dormir, ela se sentou, esfregou os olhos e pegou o livro. As páginas farfalharam cheias de promessas quando ela o abriu. Meggie achava que esses primeiros sussurros soavam de maneira diferente em cada livro, conforme ela soubesse ou não o que ele lhe contaria. Mas agora era preciso providenciar luz. Havia uma caixa de fósforos escondida na gaveta do criado-mudo. Mo a proibira de acender velas à noite. Ele não gostava de fogo. "O fogo devora os livros", ele sempre dizia, mas afinal de contas ela tinha doze anos e podia muito bem tomar conta de algumas chamas. Meggie adorava ler à luz de velas. Ela havia posto três pequenas lanternas e três castiçais no batente da janela. E estava justamente encostando o palito de fósforo aceso num dos pavios já queimados quando ouviu os passos lá fora. Assustada, Meggie

apagou o fogo com um sopro — como ela ainda lembrava nitidamente depois de muitos anos —, ajoelhou-se em frente à janela molhada pela chuva e olhou para fora. Foi então que ela o viu.

A chuva dava à escuridão um tom esbranquiçado, e o estranho quase não passava de uma sombra. Somente seu rosto, virado na direção de Meggie, brilhava lá embaixo. Os cabelos estavam grudados em sua testa molhada. A chuva o encharcava, mas ele parecia não se importar. Estava imóvel, os braços em volta do peito, como se dessa maneira pudesse se aquecer pelo menos um pouco. Assim, ele olhava para a casa de Meggie.

"Preciso acordar Mo!", Meggie pensou. Mas continuou ali sentada, com o coração aos pulos, os olhos fixos na noite, como se o estranho a tivesse contagiado com a sua imobilidade. De repente ele virou a cabeça e Meggie teve a impressão de que olhava diretamente em seus olhos. Ela pulou da cama tão afoita que o livro aberto caiu no chão. Descalça, saiu correndo pelo corredor escuro. Estava frio na velha casa, embora já fosse final de maio.

A luz do quarto de Mo estava acesa. Era comum ele ficar lendo até altas horas da noite. Meggie herdara do pai a paixão pelos livros. Quando ela tinha um sonho ruim e ia se refugiar junto dele, não havia nada melhor para fazê-la adormecer do que a respiração calma de Mo ao seu lado virando as páginas de um livro. Nada espantava mais rápido os sonhos ruins do que o barulho das folhas impressas.

Mas a figura na frente da casa não era um sonho.

O livro que Mo estava lendo naquela noite tinha uma capa de pano azul-claro. Também disso Meggie se lembraria mais tarde. Quantas coisas insignificantes ficam gravadas na memória!

— Mo, tem alguém lá fora!

Seu pai ergueu a cabeça e olhou para ela com uma expressão ausente, como sempre fazia quando ela o interrompia na leitura. Sempre demorava alguns instantes até que ele voltasse inteiramente do outro mundo, do labirinto das letras.

— Tem alguém aqui? Você tem certeza?

— Tenho. Ele está olhando para a nossa casa.

Mo pôs o livro de lado.

— O que você leu antes de dormir? *O médico e o monstro*?

Meggie franziu a testa.

— Mo, por favor! Venha comigo.

Ele não estava acreditando, mas foi atrás dela. Meggie o puxava com tanta impaciência que ele deu uma topada com o dedão do pé numa pilha de livros. E no que mais poderia ser? Havia livros espalhados por toda a casa. Eles não ficavam apenas nas estantes, como na casa das outras pessoas. Não, ali eles se empilhavam debaixo das mesas, em cima das cadeiras, nos cantos dos quartos. Havia livros na cozinha e no banheiro, em cima da televisão e dentro do guarda-roupa, pilhas pequenas, pilhas altas, livros grossos e finos, velhos e novos… livros. Eles acolhiam Meggie de páginas abertas na mesa do café da manhã, espantavam o tédio nos dias cinzentos — e de vez em quando alguém tropeçava neles.

— Ele está plantado de pé ali fora! — sussurrou Meggie enquanto puxava Mo para dentro do quarto.

— Ele tem uma cara peluda? Se tiver, pode ser um lobisomem.

— Pare! — Meggie olhou para o pai com uma expressão séria, embora as brincadeiras dele espantassem seu medo. Ela mesma quase já não acreditava mais na figura lá fora na chuva… até ajoelhar-se de novo diante da janela. — Ali! Está vendo? — ela cochichou.

Mo olhou para fora através das gotas de chuva que continuavam a escorrer no vidro, e não disse nada.

— Você não jurou que aqui nunca viria um ladrão, porque não há nada para roubar? — sussurrou Meggie.

— Não é um ladrão — Mo respondeu, mas estava com uma expressão tão séria quando se afastou da janela que o coração de Meggie começou a bater ainda mais depressa. — Vá para a cama, Meggie. A visita é para mim.

E então Mo já não estava mais no quarto — antes mesmo que Meggie pudesse ter perguntado que visita, por tudo neste mundo, podia ser aquela para aparecer daquele jeito no meio da noite. Aflita, ela foi atrás dele, no corredor ouviu-o soltar a corrente da porta e, quando chegou ao vestíbulo, Meggie viu o pai parado em frente à porta aberta.

A noite escura e úmida penetrou na casa, e o barulho da chuva soou alto, ameaçador.

— Dedo Empoeirado! — exclamou Mo para a escuridão. — É você?

Dedo Empoeirado? Que nome era aquele? Meggie não conseguia se lembrar de tê-lo ouvido alguma vez, mas assim mesmo lhe parecia familiar, como uma lembrança muito antiga que não quer tomar forma definida.

Por alguns instantes, tudo permaneceu quieto lá fora. Somente a chuva caía, murmurando e sussurrando, como se de repente a noite tivesse adquirido voz. Então Meggie ouviu passos se aproximarem da casa, e o homem que estava no pátio emergiu da escuridão. O longo sobretudo que ele vestia estava grudado em suas pernas, encharcado de chuva, e, quando o estranho apareceu na luz da frente da casa, por uma fração de segundo Meggie pensou ter visto sobre seus ombros uma cabecinha peluda meter o nariz para fora da mochila e depois se enfiar bem depressa dentro dela novamente.

Dedo Empoeirado passou a manga no rosto molhado e estendeu a mão para Mo.

— Como vai, Língua Encantada? — ele perguntou. — Há quanto tempo!

Mo apertou a mão estendida, com hesitação.

— Muito tempo — ele disse, passando os olhos pelo visitante, como se esperasse ver atrás dele mais uma figura surgir do meio da noite. — Entre, você vai acabar pegando uma pneumonia. Meggie disse que você já está aí fora há um bom tempo.

— Meggie? Ah, é claro.

Dedo Empoeirado deixou que Mo o conduzisse para dentro da casa. Então ele olhou tão demoradamente para Meggie que ela ficou encabulada, sem saber para onde olhar. No final, ela simplesmente retribuiu o olhar.

— Ela cresceu.

— Você se lembra dela?

— Claro.

Meggie notou que Mo deu duas voltas com a chave.

— Com quantos anos ela está?

Dedo Empoeirado sorriu para ela. Era um sorriso estranho. Meggie não conseguia definir se era sarcástico, desdenhoso ou simplesmente tímido. Não retribuiu o sorriso.

— Doze — respondeu Mo.

— Doze? Minha nossa!

Dedo Empoeirado tirou os cabelos encharcados da testa. Eles quase chegavam aos seus ombros. Meggie perguntou-se de que cor seriam quando estivessem secos. Ao redor da boca de lábios finos, sua barba era ruiva como o pelo do gato sem dono para o qual Meggie colocava uma tigela de leite na frente da casa de vez em quando. A barba por fazer era rala como a primeira barba de um rapaz, e incapaz de esconder as cicatrizes, três longas e pálidas cicatrizes. Elas marcavam de tal forma o rosto de Dedo Empoeirado que parecia que algum dia ele se partira em pedaços e depois fora rejuntado novamente.

— Doze anos — ele repetiu. — É claro. Naquela época ela tinha… três, não é mesmo?

Mo confirmou com a cabeça.

— Venha, vou lhe dar uma roupa seca. — Ele levou o visitante consigo, impaciente, como se de repente tivesse pressa em escondê-lo de Meggie. E disse para ela, por cima dos ombros: — E você vá dormir, Meggie.

Então, sem mais uma palavra, Mo fechou a porta da oficina atrás de si.

Meggie ficou ali esfregando os pés frios um no outro. "Vá dormir, Meggie." Às vezes, quando já era muito tarde, Mo a jogava na cama como um saco de farinha. Outras vezes, depois do jantar, ele corria atrás dela pela casa até que, já sem fôlego de tanto rir, ela se refugiava em seu quarto. E algumas vezes ele estava tão cansado que se esticava no sofá, e ela lhe fazia um café antes de irem dormir. Mas nunca, nunca, ele a mandara para a cama daquele jeito.

Um pressentimento impregnado de medo espalhou-se em seu coração: o de que, com aquele desconhecido, cujo nome soava estranho e mesmo assim familiar, algo ameaçador tivesse invadido sua vida. E Meggie desejou — com tanto fervor que ela própria se assustou — que Mo não tivesse aberto a porta e que Dedo Empoeirado tivesse ficado lá fora até que a chuva o arrastasse para longe.

Quando a porta da oficina se abriu novamente, ela levou um susto.

— Mas você ainda está aí! — disse Mo. — Vá para a cama, Meggie. Vá!

Na sua testa havia aquela pequena ruga que somente aparecia quando ele estava realmente preocupado com alguma coisa. Nessas ocasiões ele olhava para ela como que sem vê-la, como se em pensamentos estivesse num lugar totalmente diferente. O pressentimento cresceu e abriu suas asas negras no coração de Meggie.

— Fale para ele ir embora, Mo! — ela disse enquanto era empurrada para o quarto. — Por favor, mande-o embora. Eu não gosto dele.

Mo encostou-se na porta aberta do quarto.

— Amanhã, quando você acordar, ele já vai ter ido embora. Palavra de honra.

— Palavra de honra? Sem cruzar os dedos?

Meggie olhou firme nos olhos dele. Ela sempre via quando Mo estava mentindo, mesmo quando ele se esforçava ao máximo para esconder isso dela.

— Sem cruzar os dedos — ele disse, e ergueu as duas mãos como prova.

Então Mo fechou a porta atrás de si, embora soubesse que ela não gostava disso. Meggie encostou o ouvido na porta. Ouviu a louça tilintar. "Ah, o barba-de-raposa vai ganhar um chá para se aquecer. Tomara que ele pegue uma pneumonia", pensou Meggie. Bem, ele também não precisava morrer, como a mãe de sua professora de inglês. Meggie ouviu a chaleira apitar na cozinha e depois Mo voltar para a oficina levando uma bandeja com louça tilintante.

Depois que ele fechou a porta, ela achou melhor esperar mais alguns segundos por precaução, o que foi bastante difícil. Então, pé ante pé, voltou para o corredor.

Na porta da oficina de Mo havia uma placa, uma pequena placa de latão. Meggie sabia de cor as palavras que estavam escritas ali. Aos cinco anos ela aprendera a ler com aquelas letras antigas e enfeitadas: Alguns livros devem ser degustados,
Outros são devorados,
Apenas poucos são mastigados
E digeridos totalmente.

Naquela época, quando ainda precisava subir numa caixa para decifrar a placa, ela pensava que a frase falava literalmente em mastigar, e se perguntava horrorizada por que Mo havia escolhido para pendurar em sua porta as palavras de alguém tão esquisito, que destruía livros daquela maneira.

Agora ela já sabia o sentido, mas naquela noite não estava interessada em palavras escritas. Queria entender as palavras faladas, sussurradas em segredo, as palavras quase incompreensíveis trocadas pelos dois homens atrás da porta.

— Não o subestime! — ela ouviu Dedo Empoeirado dizer.

A voz era tão diferente da de Mo. Nenhuma voz soava como a de seu pai. Com sua voz, Mo era capaz de pintar imagens no ar.

— Ele faria tudo para obtê-lo! — Era Dedo Empoeirado novamente. — E pode acreditar, tudo quer dizer tudo.

— Eu não vou lhe dar o livro. — Esse era Mo.

— Mas ele vai consegui-lo de uma forma ou de outra! Ouça, vou repetir mais uma vez: eles estão seguindo o seu rastro.

— Não seria a primeira vez. Até agora sempre consegui despistá-los.

— Ah, é? E por quanto tempo você acha que isso ainda vai funcionar? E a sua filha? Vai me dizer que ela gosta de ficar mudando de cidade a toda hora? Acredite, eu sei do que estou falando.

Atrás da porta, ficou tão silencioso que Meggie quase não se atrevia a respirar, de medo que os dois homens pudessem ouvir.

Então Mo falou outra vez, hesitante, como se sua língua encontrasse dificuldade em formar as palavras.

— E o que… devo fazer, na sua opinião?

— Venha comigo. Eu o levarei até eles! — Uma xícara tilintou. Uma colher bateu na porcelana. Como os pequenos barulhos ficavam grandes no silêncio. — Você sabe que Capricórnio aprecia muito os seus talentos, ele certamente ficaria muito feliz se você mesmo o levasse para ele! O novo, que ele arranjou como seu substituto, é um charlatão terrível.

Capricórnio. Mais um nome esquisito. Dedo Empoeirado o pronunciara como se o som pudesse morder a sua língua. Meggie mexeu os dedos dos pés, que estavam gelados. O frio subia até o seu nariz e, embora não entendesse muito do que os dois homens diziam, ela tentava gravar cada palavra.

Na oficina, reinava o silêncio novamente.

— Não sei… — Mo finalmente disse. Sua voz soou tão cansada que Meggie sentiu um aperto no coração. — Preciso refletir. Quando você acha que seus homens estarão aqui?

— Logo!

A palavra caiu como uma pedra no silêncio.

— Logo — repetiu Mo. — Pois bem. Então decidirei até amanhã. Você tem onde dormir?

— Oh, dá-se um jeito. Já estou me virando bem, embora tudo ainda continue muito rápido para mim — respondeu Dedo Empoeirado, dando uma risada que não parecia alegre. — Mas eu gostaria de saber o que você decidiu. Tudo bem se eu voltar amanhã? Lá pelo meio-dia?

— Claro. Vou buscar Meggie na escola à uma e meia. Venha depois.

Meggie ouviu uma cadeira ser empurrada. Mais do que depressa, correu de volta pelo corredor. Quando a porta da oficina se abriu, ela havia acabado de fechar a porta do quarto. Deitou-se na cama, puxou o cobertor até o queixo e ouviu o pai se despedir de Dedo Empoeirado.

— Bem, mais uma vez obrigado por me avisar! — ela o ouviu dizer.

Então os passos de Dedo Empoeirado foram se distanciando, lentos, entrecortados, como se ele hesitasse em prosseguir, como se não tivesse dito tudo o que queria.

No entanto ele se foi, e apenas a chuva ainda tamborilava com seus dedos molhados na janela de Meggie.

Quando Mo abriu a porta do quarto, ela fechou os olhos depressa e tentou respirar devagar, como se estivesse num sono profundo e inocente.

Mas Mo não era bobo. Às vezes, ele era terrivelmente esperto.

— Meggie, ponha um pé para fora das cobertas — ele disse.

Relutante, ela tirou os dedos dos pés ainda frios de sob o cobertor e colocou-os em cima da mão quente de Mo.

— Eu sabia — ele disse. — Você estava espionando. Você não pode fazer o que eu digo pelo menos uma vez?

Com um suspiro, ele empurrou de volta o pé para baixo do cobertor quente. Então sentou-se na cama, passou as mãos no rosto cansado e olhou pela janela. Seus cabelos eram escuros como o pelo de uma toupeira. Os cabelos de Meggie eram loiros como os da mãe, que ela conhecia somente de algumas fotos desbotadas. "Fique feliz por ser mais parecida com ela do que comigo", Mo sempre dizia. "Minha cabeça não ficaria nada bem em cima de um pescoço de menina." Mas Meggie gostaria de ser parecida com ele. Não havia no mundo um rosto que ela amasse mais.

— Não entendi nada do que vocês falaram — ela murmurou.

— Ótimo.

Mo olhou pela janela, como se Dedo Empoeirado ainda estivesse no pátio. Então levantou-se e foi até a porta.

— Tente dormir mais um pouco — ele disse.

Mas Meggie não queria dormir.

— Dedo Empoeirado! Que nome é esse? — ela perguntou. — E por que ele chamou você de Língua Encantada?

Mo não respondeu.

— E o outro, o que está atrás de você… eu ouvi quando Dedo Empoeirado falou… Capricórnio. Quem é?

— Ninguém que você precise conhecer. — Mo não se virou. — Você não disse que não tinha entendido nada? Até amanhã, Meggie.

Dessa vez, ele deixou a porta aberta. A luz do corredor batia na cama de Meggie e misturava-se ao negro da noite que entrava pela janela. Ela ficou ali deitada, esperando que a escuridão afinal desaparecesse e levasse consigo a sensação de que algo funesto estava para acontecer.

Somente muito depois ela compreendeu que o mal que a ameaçava não nascera naquela noite. Ele apenas voltara sorrateiramente.

2. Segredos

— Mas como fazem essas crianças sem livros de histórias? — perguntou Naftali.

E Reb Zebulun respondeu: — Elas têm que se conformar. Livros de histórias não são como pão. Pode-se viver sem eles.

— Eu não poderia viver sem eles — disse Naftali.

Isaac B. Singer, *Naftali,*
o contador de histórias, e seu cavalo Sus

O dia começava a clarear quando Meggie acordou. Nos campos, a noite estava desbotada, como se a chuva tivesse lavado a barra de seu vestido. No despertador ainda não eram cinco horas, e Meggie ia se virar para o lado e continuar a dormir quando percebeu que havia alguém no quarto. Assustada, sentou-se e viu Mo na frente do guarda-roupa.

— Bom dia! — ele disse, enquanto colocava numa mala o pulôver preferido de Meggie. — Sinto muito, sei que ainda é cedo, mas precisamos viajar. Que tal um chocolate quente?

Meggie fez que sim, sonolenta. Lá fora os passarinhos cantavam alto, como se já estivessem acordados havia horas.

Mo ainda pôs duas calças na mala, fechou-a e levou-a até a porta.

— Vista alguma coisa quente — ele disse. — Está frio lá fora.

— Para onde vamos? — perguntou Meggie, mas ele já havia desaparecido.

Perturbada, ela olhou pela janela. Quase esperava ver Dedo Empoeirado lá fora, mas no pátio havia apenas um melro saltitando entre as pedras molhadas. Meggie vestiu a calça e se arrastou até a cozinha. No corredor havia duas malas, uma sacola e a caixa de ferramentas de Mo.

Ele estava sentado à mesa preparando sanduíches. Provisões para a viagem. Quando Meggie entrou na cozinha, seu pai olhou para ela e sorriu, mas Meggie percebeu que ele estava preocupado.

— Não podemos viajar, Mo! — ela disse. — Ainda falta uma semana para as

minhas férias!

— E daí? Afinal, não é primeira vez que preciso viajar a trabalho durante as aulas.

Ele tinha razão. Isso até acontecia com frequência: toda vez que o dono de um sebo, um colecionador de livros ou uma biblioteca precisava de um encadernador, Mo era contratado para remover o mofo e a poeira de livros antigos e valiosos, ou fazer novos trajes para eles. Meggie achava que o nome "encadernador" não descrevia muito bem o trabalho do pai, por isso, alguns anos antes, ela fizera uma placa para a oficina dele com os dizeres: *Mortimer Folchart, médico de livros*. E aquele médico de livros jamais visitava seus pacientes sem a filha. Sempre fora assim e assim sempre seria, não importava o que dissessem os professores de Meggie.

— Que tal catapora? Já usei essa desculpa alguma vez?

— A última vez. Quando tivemos que visitar aquele sujeito horrível das bíblias. — Meggie examinou o rosto de Mo. — Mo? Temos que ir embora por causa de... ontem à noite?

Por um instante, ela pensou que ele lhe contaria tudo — o que quer que houvesse para contar. Mas ele sacudiu a cabeça.

— Não, imagine! — ele disse, enfiando os sanduíches num saco plástico, sem olhar para ela. — Sua mãe tinha uma tia. A tia Elinor. Já fomos uma vez à casa dela, quando você era bem pequena. Já faz um bom tempo que ela quer que eu dê um jeito nos seus livros. Ela mora na região dos lagos italianos, nunca me lembro qual deles, mas é um lugar muito bonito, e daqui são no máximo seis ou sete horas de viagem.

"Por que precisa ser justo agora?", Meggie quis perguntar. Mas não fez isso. Também não perguntou se ele havia se esquecido do encontro no começo da tarde. O medo que sentia das respostas era grande demais — e o medo de que Mo mentisse para ela mais uma vez também.

— Ela é tão esquisita quanto as outras? — foi o que Meggie perguntou.

Mo já a levara para visitar cada parente! Tanto a família dele quanto a da mãe de Meggie eram grandes, e ela tinha a impressão de que se espalhavam por metade da Europa.

Mo sorriu.

— Um pouco esquisita ela é, sim, mas vocês vão se dar bem. Ela tem livros

realmente magníficos.

— Quanto tempo vamos ficar fora?

— Pode ser um tempo maior desta vez.

Meggie bebeu um gole do chocolate. Estava tão quente que queimou seus lábios. Ela encostou depressa a faca na boca para esfriá-los.

Mo arrastou a cadeira para trás.

— Ainda preciso pegar umas coisas na oficina — ele disse. — Não vai demorar muito. Você deve estar morta de sono, mas pode dormir no ônibus depois.

Meggie fez que sim com a cabeça e olhou para fora pela janela. A manhã estava cinzenta. Uma névoa pairava sobre os campos e as colinas, e Meggie teve a impressão de que as sombras da noite haviam se escondido entre as árvores.

— Traga o lanche e não se esqueça de pegar livros — gritou Mo do corredor.

Como se ela não fizesse isso sempre. Já havia alguns anos, ele confeccionara um pequeno baú para ela carregar os livros prediletos em todas as viagens, curtas e longas, para lugares distantes e não tão distantes. "É bom ter os próprios livros quando se está num lugar estranho", Mo dizia. Ele mesmo sempre levava pelo menos uma dúzia.

Mo pintara o baú de vermelho, vermelho como uma papoula, a flor preferida de Meggie, cujas pétalas eram ótimas para prensar entre as páginas de um livro e depois carimbar na pele uma estampa com a forma de uma estrela. Na tampa, Mo escrevera, com lindas letras ornamentais, *Baú do tesouro de Meggie*; dentro, o forro era de tafetá preto-brilhante. Desse tecido, porém, quase nada se via, pois Meggie possuía muitos livros prediletos. E, a cada nova viagem para um lugar diferente, um novo se juntava aos antigos. "Quando você leva um livro numa viagem", dissera Mo quando ela pôs o primeiro no baú, "acontece uma coisa estranha: o livro começa a colecionar lembranças. Depois basta abri-lo, e você já está de novo no lugar onde o leu. Tudo volta, já nas primeiras palavras: as imagens, os cheiros, o sorvete que você tomou enquanto lia... Acredite, os livros são como papel pega-moscas. Não existe nada melhor para grudar lembranças do que páginas impressas."

Talvez ele tivesse razão. Mas Meggie levava seus livros em todas as viagens também por outra razão. Eles eram seu lar quando ela estava num lugar estranho — vozes familiares, amigos que nunca brigavam com ela, amigos inteligentes e

poderosos, audazes e experientes, viajados, aventureiros calejados. Seus livros a alegravam quando ela estava triste e espantavam o tédio enquanto Mo cortava o couro e o tecido e reencadernava velhas páginas que haviam se soltado após inúmeros anos sendo folheadas por incontáveis dedos.

Alguns livros iam todas as vezes, outros ficavam em casa, porque não combinavam com o objetivo da viagem ou porque precisavam dar lugar a uma nova história, ainda desconhecida.

Meggie passou a mão pelas lombadas arredondadas. Que histórias ela deveria levar desta vez? Que histórias podiam ajudar contra o medo que invadira a casa na noite anterior? Que tal uma história de mentiroso, como *As aventuras do barão de Munchhausen*? Mo havia mentido para ela. Havia mentido mesmo sabendo que ela vira a mentira em seu nariz. *Pinóquio*, pensou Meggie. Não. Muito estranha. E muito triste. Mas alguma coisa arrepiante ela tinha que levar, algo que expulsasse todos os pensamentos da cabeça, mesmo os mais sombrios. *As bruxas*. Isso, ela levaria *As bruxas*, as bruxas de cabeças calvas que transformavam crianças em ratos — e Ulisses, junto com o ciclope e a feiticeira que transformava os guerreiros em porcos. Mais perigosa do que essa a sua viagem não poderia ser, poderia?

Bem à esquerda estavam dois livros de figuras, com os quais Meggie aprendera a ler — na época ela estava com cinco anos, e as páginas ainda tinham a marca do seu pequeno e incrivelmente inquieto dedo indicador —, e no fundo, escondidos embaixo de todos os outros, estavam os livros que a própria Meggie confeccionara. Ela passara dias inteiros recortando e colando figuras e fazendo novos desenhos, embaixo dos quais Mo tinha que escrever o que representavam: *Um anjo com cara feliz, de Meggi para Mo*. O próprio nome ela mesma escrevera — naquela época sempre se esquecia de escrever o "e" final. Meggie observou sua letra infantil e pôs o pequeno livro de volta no baú. Naturalmente Mo ajudara na encadernação. Ele enfeitara com capas de papel colorido e estampado todos os livros feitos por ela e, para os outros, dera um carimbo de cabeça de unicórnio para que imprimisse o nome na primeira página, ora com tinta preta, ora com tinta vermelha, conforme a escolha de Meggie. A única coisa que Mo nunca havia feito era ler para a filha. Nem uma única vez.

Ele jogava Meggie para o alto, carregava-a nos ombros pela casa ou a ensinava a fazer um marcador de páginas com penas de melro. Mas ler para ela, nunca. Nem uma única vez, nem uma única palavra, por mais que ela pusesse os livros no colo dele. Assim, Meggie tivera que aprender sozinha a decifrar os sinais de tinta preta, a abrir o

baú do tesouro…

Meggie levantou-se.

Ainda havia espaço no baú. Talvez Mo tivesse um livro novo que ela pudesse levar, algum livro bem grosso, especialmente maravilhoso…

A porta da oficina estava fechada.

— Mo?

Meggie girou a maçaneta. A grande escrivaninha estava limpa como se tivesse sido varrida; nenhum carimbo, nenhum estilete, Mo realmente pegara tudo. Então ele não mentira?

Meggie entrou na oficina e olhou ao redor. A porta da câmara dourada estava aberta. Na verdade, a câmara era um simples quarto de despejo, mas Meggie o batizara assim, pois era ali que Mo guardava seus materiais mais preciosos: o couro mais fino, os tecidos mais bonitos, o papel marmorizado, os carimbos com os quais imprimia estampas douradas no couro macio… Meggie enfiou a cabeça pela porta entreaberta — e viu Mo empacotando um livro com papel de embrulho. Não era um livro muito grande nem muito grosso. A capa de tecido verde-claro parecia gasta, mas Meggie não pôde ver mais nada, pois Mo o escondeu rapidamente nas costas quando notou que ela estava lá.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou em tom rude.

— Eu… — Por um momento Meggie ficou muda de susto com a cara feia que seu pai fez. — Eu só queria perguntar se você tem mais um livro para mim… já li todos os do meu quarto e…

Mo passou a mão no rosto.

— Claro. Alguma coisa vou achar, com certeza — ele disse, mas seus olhos continuavam dizendo "Saia daqui. Saia, Meggie". — Eu já levo para você. Agora só preciso pegar mais uma coisa, está bem?

Pouco depois, ele levou três livros para ela. Mas o livro que ele havia embrulhado não estava entre eles.

Uma hora depois, eles carregaram tudo até o pátio. Meggie começou a tiritar de frio quando saiu da casa. Era uma manhã fria, fria como a chuva da noite anterior, e o sol pálido no céu parecia uma moeda que alguém havia esquecido lá em cima.

Fazia pouco mais de um ano que eles moravam naquele velho sítio. Meggie gostava da vista para as colinas, dos ninhos de andorinhas no telhado, do poço seco, tão fundo e escuro que parecia descer em linha reta até o centro da Terra. Ela achava a casa muito grande e muito ventilada, com todos aqueles quartos vazios, onde moravam aranhas enormes, mas o aluguel era barato e Mo tinha espaço suficiente para seus livros e para a oficina. Além disso, havia um galinheiro ao lado da casa e o estábulo — apesar de ser mais apropriado para algumas vacas ou um cavalo, era lá que agora estava estacionado o velho ônibus. "Vacas precisam ser ordenhadas, Meggie", Mo havia dito quando ela propusera fazer uma tentativa com pelo menos dois ou três espécimes. "Cedo, de manhã bem cedo. E todos os dias."

"E um cavalo?", ela perguntara. "Até Píppi Meialonga tem um cavalo, e ela nem tem um estábulo."

Meggie também teria ficado satisfeita com algumas galinhas ou uma cabra, mas estas também tinham que ser alimentadas diariamente e eles viajavam demais. Assim, só restou a Meggie o gato de pelo alaranjado que às vezes passava por lá, cansado de brigar com os cães no sítio ao lado. O velho ranzinza que morava lá era o único vizinho. Às vezes seus cães uivavam tão queixosos que Meggie tinha que tapar os ouvidos. Eram vinte minutos de bicicleta até a cidade mais próxima, onde ficava a escola e moravam duas de suas amigas, mas Mo quase sempre a levava de carro, porque era um caminho deserto e a estradinha passava por campos ermos e árvores escuras.

— Meu Deus, o que você pôs aqui dentro? Tijolos? — perguntou Mo quando carregava o baú de Meggie para fora.

— Você mesmo sempre diz que os livros têm que ser pesados, porque o mundo inteiro está dentro deles — respondeu Meggie, fazendo-o rir pela primeira vez naquela manhã.

O ônibus, que estava no estábulo como se fosse um enorme bicho malhado, era mais familiar a Meggie do que todas as casas em que já morara com Mo. Em nenhum outro lugar ela dormia tão profundamente como na cama que ele construíra para ela dentro do veículo. Naturalmente, havia também uma mesa, uma pequena bancada para cozinhar e um banco cujo assento era uma tampa que, quando erguida, deixava entrever guias de viagens, mapas de estradas e uma série de livros de bolso já lidos e relidos.

Sim, Meggie gostava do ônibus, mas naquela manhã hesitou ao entrar. Quando Mo voltou mais uma vez para fechar a porta da casa, ela teve subitamente a sensação de que aquela viagem seria diferente das outras, de que levaria os dois para longe, muito longe, numa fuga de alguma coisa que não tinha nome. Pelo menos não um nome que Mo lhe revelasse.

— Lá vamos nós. Para o sul! — ele disse depois de se acomodar atrás do volante.

E assim eles partiram, sem se despedir de ninguém, muito cedo, numa manhã com cheiro de chuva.

Mas, no portão, Dedo Empoeirado esperava por eles.

3. Rumo ao sul

— Depois da Floresta Selvagem vem o vasto mundo — disse a ratazana. — E nós não temos nada a ver com ele, nem você nem eu. Nunca estive lá e também não irei, e você muito menos se tiver um pingo de bom senso.

Kenneth Grahame, *O vento nos salgueiros*

Dedo Empoeirado devia estar esperando na estrada, atrás do muro. Centenas e mais centenas de vezes, Meggie se equilibrara em cima desse muro, do começo até as dobradiças enferrujadas do portão e de volta, com os olhos bem fechados, para que pudesse ver nitidamente o tigre de olhos cor de âmbar que espreitava nos bambus ao pé do muro, ou as cachoeiras espumantes à sua direita e à sua esquerda.

Agora somente Dedo Empoeirado estava lá. Mas nenhuma outra visão teria feito o coração de Meggie bater mais depressa. Ele apareceu tão de repente que Mo quase o atropelou; vestia apenas um pulôver e tiritava de frio, com os braços em volta do corpo para se aquecer. Seu sobretudo ainda devia estar molhado, mas seus cabelos já estavam secos. Eram ruivos e eriçados, e caíam sobre o rosto marcado por cicatrizes.

Mo xingou com voz abafada, desligou o motor e desceu do ônibus. Dedo Empoeirado deu um sorriso estranho e encostou-se no muro.

— Para onde vai, Língua Encantada? — ele perguntou. — Não tínhamos um encontro? Você já me esqueceu uma vez desse jeito, lembra?

— Você sabe por que estou com pressa — respondeu Mo. — Pelo mesmo motivo que daquela vez.

Ele ficou ao lado da porta aberta do ônibus, tenso, como se mal pudesse esperar que Dedo Empoeirado finalmente saísse do caminho.

Mas Dedo Empoeirado fingiu não notar a impaciência de Mo.

— Posso saber para onde vai agora? — ele perguntou. — Da última vez precisei procurá-lo durante quatro anos, e por pouco os homens de Capricórnio não o encontraram antes de mim.

Quando ele olhou para Meggie, ela respondeu com um olhar hostil.

Mo ficou calado um tempo antes de responder.

— Capricórnio está no norte — ele disse finalmente. — Portanto, vamos para o sul. Ou será que nesse meio-tempo ele levantou acampamento de novo?

Dedo Empoeirado olhou para a estrada. A chuva da noite anterior brilhava nas poças.

— Não! Não! — ele falou. — Não, ele ainda está no norte. É o que ouvi dizer e, como você parece ter decidido mais uma vez não lhe dar o que ele quer, é melhor eu também me mandar depressa para o sul. Por nada neste mundo gostaria de ter que dar a má notícia aos homens de Capricórnio. Se vocês pudessem me dar uma carona… Estou pronto para viajar.

As duas sacolas que ele tirou de trás do muro pareciam já ter rodado o mundo dezenas de vezes. Além delas, Dedo Empoeirado levava apenas uma mochila.

Meggie apertou os lábios.

"Não, Mo!", ela pensou. "Não, não vamos dar carona para ele!" Mas bastou olhar para o pai e ela soube qual seria a sua resposta.

— Ora, vamos! — disse Dedo Empoeirado. — O que vou dizer aos homens de Capricórnio se eles me pegarem?

Ele parecia perdido como um cão abandonado, do jeito que estava ali. E por mais que Meggie se esforçasse por descobrir algo suspeito nele, à luz pálida da manhã não conseguiu encontrar nada. Mesmo assim, ela não queria que ele fosse junto. Isso estava estampado claramente em seu rosto, mas nenhum dos dois homens lhe deu atenção.

— Acredite, eu não conseguiria esconder deles por muito tempo que o vi. E além disso… — Dedo Empoeirado hesitou antes de terminar a frase — … além disso, você me deve um favor, certo?

Mo abaixou a cabeça. Meggie viu como a mão dele agarrou mais firme a porta do ônibus.

— Se você vê desse modo — ele disse. — Certo, acho que devo um favor a você.

O alívio se espalhou no rosto de Dedo Empoeirado. Rapidamente, ele jogou a mochila nas costas e se pôs a andar com suas sacolas em direção ao ônibus.

— Esperem! — exclamou Meggie quando Mo foi ao encontro de Dedo

Empoeirado para ajudá-lo com a bagagem. — Se ele vai com a gente, eu também quero saber por que estamos indo embora. Quem é esse Capricórnio?

Mo virou-se para ela.

— Meggie… — ele começou naquele tom de voz que ela conhecia tão bem: "Meggie, não seja boba. Meggie, pare com isso".

Ela abriu a porta do ônibus e pulou para fora.

— Raios, Meggie! Volte para dentro. Temos que partir!

— Só depois que você responder.

Mo foi até ela, mas Meggie escapou de suas mãos e correu até o outro lado do portão.

— Por que você não me conta? — ela gritou.

Ali parecia tão deserto, era como se não houvesse mais ninguém no mundo. Uma brisa começou a soprar, acariciando o rosto de Meggie e fazendo crepitar as folhas das tílias na beira da estrada. O céu ainda estava cinzento e pálido, simplesmente não queria clarear.

— Quero saber o que está acontecendo! — exclamou Meggie. — Quero saber por que tivemos que acordar às cinco horas e por que não vou à escola. Quero saber se vamos voltar e quem é esse Capricórnio!

Quando ela pronunciou o nome, Mo olhou ao seu redor como se aquele estranho, que os dois homens pareciam temer tanto, de repente pudesse sair de dentro do estábulo vazio, assim como Dedo Empoeirado surgira de trás do muro. Mas o lugar continuava vazio, e Meggie estava furiosa demais para ter medo de alguém de quem só sabia o nome.

— Você sempre me disse tudo! — ela gritou para o pai. — Sempre.

Mas Mo não contou.

— Todo mundo tem segredos, Meggie — ele disse finalmente. — E agora suba de uma vez. Temos que ir.

Dedo Empoeirado olhou para ele e depois para ela, como se não acreditasse no que ouvira.

— Você não contou nada para ela? — Meggie o ouviu perguntar com a voz abafada.

Mo fez que não.

— Mas alguma coisa você tem que contar! É perigoso ela não saber de nada. Afinal, ela não é mais um bebezinho.

— Se ela souber, também é perigoso — respondeu Mo. — E não faria diferença nenhuma.

Meggie ainda estava na estrada.

— Ouvi tudo o que vocês disseram! — ela gritou. — O que é perigoso? Não entro enquanto não souber.

Novamente Mo não respondeu.

Por um momento, Dedo Empoeirado olhou indeciso para ele, então pôs as sacolas de volta no chão.

— Pois bem — ele disse. — Então eu mesmo contarei a ela sobre Capricórnio.

Ele andou até Meggie devagar. Involuntariamente, ela deu um passo para trás.

— Você já o encontrou uma vez. Faz muito tempo, você não vai se lembrar, pois ainda era deste tamanho — disse Dedo Empoeirado, mostrando com a mão a altura do joelho. — Como é que eu vou explicar quem ele é? Se você tivesse que ver um gato devorando um passarinho, provavelmente choraria, não é? Ou tentaria ajudá-lo. Capricórnio daria o pássaro para o gato comer, apenas para vê-lo destrinchar o pobre bichinho com os dentes, ele se deliciaria em vê-lo estrebuchar, como se bebesse o mais puro mel.

Meggie deu mais um passo para trás, mas Dedo Empoeirado aproximou-se novamente.

— Suponho que você não tenha prazer em amedrontar alguém até deixá-lo com os joelhos bambos, não é mesmo? — ele perguntou. — Pois não há nada que faça Capricórnio se divertir mais. Suponho também que você não ache que pode simplesmente pegar para si tudo aquilo que quer, não importa como, nem de onde. Pois Capricórnio acha. E, infelizmente, o seu pai possui uma coisa que ele quer a qualquer custo.

Meggie olhou para Mo, mas ele não se mexeu, apenas olhou de volta.

— Capricórnio não sabe encadernar livros como o seu pai — prosseguiu Dedo Empoeirado. — Ele não sabe fazer nada, a não ser uma coisa: fazer as pessoas sentirem medo. Ele é um mestre nisso. Ele vive disso. Embora eu ache que ele próprio não sabe como uma pessoa se sente quando o medo paralisa os seus membros e a torna impotente. Mas sabe muito bem como despertar o medo e espalhá-lo, nas casas e nas camas, nos corações e nas mentes. Os homens dele distribuem o medo como correspondência indesejada, enfiam-no por baixo das portas e nas caixas de correio, penduram o medo nos postes e nas portas dos estábulos, até que ele comece a se alastrar por si só, silencioso e fétido como a peste.

Dedo Empoeirado estava bem perto de Meggie, e baixou a voz para continuar: — Capricórnio tem muitos homens. Quase todos estão com ele desde crianças e, se Capricórnio ordenar a um deles que corte a sua orelha ou o seu nariz, ele fará isso sem pestanejar. Eles gostam de se vestir de preto como corvos, só o chefe usa uma camisa branca sob o paletó retinto, e se acaso alguma vez você se encontrar com um deles, esconda-se e fique bem quietinha, torcendo para que não a vejam. Entendeu?

Meggie fez que sim. Ela quase não conseguia respirar, de tão forte que batia o seu coração.

— Compreendo que o seu pai nunca tenha lhe contado nada sobre Capricórnio — disse Dedo Empoeirado, e olhou para Mo. — Eu também preferiria contar aos meus filhos sobre pessoas legais.

— Eu sei que não existem só pessoas legais! — Meggie não conseguiu impedir que a sua voz tremesse de raiva. Talvez também houvesse um pouco de medo junto com a raiva.

— Ah, é? Como você sabe? — ali estava novamente aquele sorriso enigmático, triste e arrogante ao mesmo tempo. — Alguma vez você já se deparou com uma pessoa verdadeiramente má?

— Eu li sobre elas.

Dedo Empoeirado deu uma gargalhada.

— Ah, bom, é verdade, é quase a mesma coisa — ele disse. Seu sarcasmo queimava como folha de urtiga. Ele se abaixou diante de Meggie e olhou em seus olhos. Depois disse em voz baixa: — Mesmo assim, desejo que você encontre esse

tipo de gente somente nos livros.

Mo acomodou a bagagem de Dedo Empoeirado no fundo do ônibus.

— Espero que aí dentro não haja nada que possa voar no nosso pescoço — ele disse enquanto Dedo Empoeirado se sentava atrás da poltrona de Meggie. — Na sua profissão, isso não me surpreenderia.

Antes que Meggie pudesse perguntar qual era a profissão, Dedo Empoeirado abriu a mochila e, com muito cuidado, tirou de dentro um animalzinho de pelo sedoso, que estava dormindo.

— Ao que tudo indica, temos uma longa viagem juntos pela frente — ele disse para Mo —, por isso gostaria de apresentar alguém à sua filha.

O animal era quase do tamanho de um coelho, mas muito mais magro, e tinha uma cauda peluda que parecia uma estola de pele no peito de Dedo Empoeirado. Ele enfiou suas garrinhas na manga de Dedo Empoeirado, enquanto Meggie o observava com os olhos arregalados, e, quando bocejou, seus dentes afiados ficaram à mostra.

— Este é Gwin — declarou Dedo Empoeirado. — Se você quiser, pode fazer cafuné nas orelhas dele. Agora ele está com tanto sono que não vai morder.

— Senão ele morderia? — perguntou Meggie.

— É claro — disse Mo, ajeitando-se novamente atrás do volante. — Se eu fosse você, manteria os dedos longe dessa pequena fera.

Mas Meggie não conseguia manter os dedos longe de um bicho, nem mesmo de um com dentes tão afiados.

— É uma marta ou algo do gênero, não é? — ela perguntou enquanto acariciava suavemente com as pontas dos dedos uma das orelhas redondas do bichinho.

— Algo do gênero.

Dedo Empoeirado pegou um pedaço de pão seco do bolso e o pôs entre os dentes de Gwin. Enquanto ele comia, Meggie coçava sua cabecinha. Então ela sentiu uma coisa dura sob o pelo sedoso: uns chifrinhos minúsculos, ao lado das orelhas. Assustada, ela tirou a mão.

— Martas têm chifres?

Dedo Empoeirado deu uma piscada para ela e fez Gwin voltar para dentro da

mochila.

— Esta aqui tem — ele disse.

Perplexa, Meggie ficou observando enquanto ele fechava as fivelas. Parecia que ela ainda sentia os chifrinhos de Gwin nas pontas dos dedos.

— Mo, você sabia que martas têm chifres? — ela perguntou.

— Ah, que nada, foi Dedo Empoeirado que colou os chifres no seu pequeno diabinho mordedor. Para as apresentações.

— Que apresentações?

Meggie olhou para Mo e depois para Dedo Empoeirado à espera de uma resposta, mas Mo ligou o motor sem dizer nada e Dedo Empoeirado tirou as botas, que pareciam tão viajadas quanto suas sacolas, e se esticou na cama de Mo com um suspiro profundo.

— Fique quieto, Língua Encantada — ele disse antes de fechar os olhos. — Eu não revelo nada sobre os seus segredos e, em troca, você não espalha os meus por aí. Além do mais, para este precisa estar escuro.

Meggie cismou por pelo menos uma hora sobre o que poderia significar aquela resposta. Mas estava mais preocupada ainda com outra questão.

— Mo — ela perguntou, quando Dedo Empoeirado começou a roncar —, o que esse… Capricórnio quer com você?

Ela baixou a voz antes de pronunciar o nome, como se assim pudesse torná-lo menos ameaçador.

— Um livro — respondeu Mo sem tirar o olho da estrada.

— Um livro? E por que você não dá o livro para ele?

— Não posso. Vou lhe explicar tudo, mas não agora. Está bem?

Meggie olhou pela janela do ônibus. O mundo que passava lá fora já parecia desconhecido — casas desconhecidas, estradas desconhecidas, campos desconhecidos, mesmo as árvores e o céu pareciam desconhecidos —, mas Meggie estava acostumada com isso. Ela nunca se sentira realmente em casa. Mo era o seu lar, Mo e seus livros e talvez também aquele ônibus, que os levava de um lugar estranho para outro.

— Essa tia que vamos ver — ela disse quando passavam por um túnel interminavelmente longo —, ela tem filhos?

— Não — respondeu Mo. — E receio que ela não goste muito de crianças. Mas, como já disse, você vai se dar bem com ela.

Meggie suspirou. Ela se lembrava de algumas tias, e com nenhuma delas se dera lá muito bem.

As colinas foram se transformando em montanhas, as encostas dos dois lados da estrada foram ficando cada vez mais íngremes, e em algum momento as casas não eram apenas desconhecidas, mas também diferentes. Meggie tentou passar o tempo contando os túneis, mas, quando o nono os engoliu com uma escuridão que parecia não ter fim, adormeceu. Ela sonhou com martas, com casacos pretos e com um livro embrulhado em papel pardo.

4. Uma casa cheia de livros

— Meu jardim continua sendo o meu jardim — disse o Gigante. — Todo mundo entende isso, e ninguém pode brincar nele além de mim.

Oscar Wilde, *O gigante egoísta*

Meggie acordou com o silêncio.

O ronco monótono do motor que embalara seu sono havia cessado, e o banco do motorista ao seu lado estava vazio. Meggie precisou de algum tempo para se lembrar por que não estava em sua cama. Algumas mosquinhas estavam grudadas no para-brisa do ônibus, estacionado diante de um portão de ferro de aspecto amedrontador: com todas aquelas pontas de brilho pálido, como lanças, parecia que estava ali apenas esperando que alguém tentasse pulá-lo e ficasse espetado lá em cima. A visão do portão lembrou Meggie de uma de suas histórias preferidas, a do gigante egoísta que não deixava as crianças brincarem em seu jardim. Ela sempre imaginara o portão do gigante exatamente daquele jeito.

Mo estava lá fora com Dedo Empoeirado. Meggie saiu do ônibus e andou até eles. Do lado direito da estrada, uma ribanceira coberta por uma mata fechada descia até a margem de um grande lago, lá embaixo. As colinas que despontavam da água do outro lado pareciam montanhas que haviam se afogado. A água era quase negra, a noite já começava a se espalhar pelo céu e se refletia nas ondas escuras. Nas casas da margem, as luzes que começavam a se acender pareciam vaga-lumes ou estrelas cadentes.

— Bonito, não é? — Mo pôs o braço no ombro de Meggie. — Você gosta de histórias de salteadores. Está vendo as ruínas daquele castelo? Uma vez um famoso bando de salteadores se escondeu ali. Preciso perguntar para Elinor. Ela sabe tudo sobre esse lago.

Meggie apenas fez que sim e apoiou a cabeça no ombro dele. Ela estava tonta de sono, mas o rosto de Mo, pela primeira vez desde que haviam partido, não estava com uma expressão aflita.

— Onde é que ela mora, afinal? — Meggie perguntou e reprimiu um bocejo. — Atrás daquele portão de lanças é que não deve ser.

— Mas é. Esta é a entrada para o terreno. Não é muito convidativa, é? — Mo riu

e puxou Meggie para o outro lado da estrada. — Elinor tem muito orgulho desse portão. Ela mesma mandou construí-lo, de acordo com a figura de um livro.

— Uma figura do jardim do gigante egoísta? — murmurou Meggie, enquanto espiava através das barras de ferro retorcidas artisticamente.

— O gigante egoísta? — Mo riu. — Não, acho que era uma outra história, mas essa até que combinaria bem com Elinor.

Dos dois lados do portão erguia-se uma cerca viva alta que, com seus galhos espinhentos, impedia a visão do interior. Mas mesmo o portão sendo vazado Meggie não pôde ver nada muito revelador, além dos pés de azaleias e de um largo caminho de pedregulhos, que logo desaparecia no meio das flores.

— Parece a casa de uma família muito rica, não é? — Dedo Empoeirado cochichou no ouvido de Meggie.

— Sim, Elinor é muito rica — disse Mo, puxando Meggie de volta. — Mas a qualquer hora dessas vai acabar sem um tostão furado, pois gasta todo o dinheiro que tem com livros. Receio que ela não hesitaria em vender a alma ao diabo, se ele oferecesse o livro certo em troca.

Com um solavanco, ele empurrou o portão para trás.

— O que você está fazendo? — perguntou Meggie, alarmada. — Não podemos simplesmente ir entrando.

Ainda era possível ler claramente a placa ao lado do portão, mesmo com algumas letras escondidas atrás dos galhos da cerca viva. PROPRIEDADE PARTICULAR. PROIBIDA A ENTRADA DE PESSOAS NÃO AUTORIZADAS. Para Meggie, isso realmente não soava muito convidativo.

Mas Mo apenas riu.

— Não se preocupe — ele disse, empurrando mais o portão. — A única coisa que está protegida com alarme nesta casa é a biblioteca. Elinor não se importa a mínima com quem passa pelo seu portão. Ela não é exatamente o que poderíamos chamar de uma mulher medrosa. E de qualquer forma não recebe muitas visitas.

— E se houver cães? — Dedo Empoeirado, com uma expressão aflita, espreitou o jardim estranho. — Por esse portão, eu diria que há pelo menos três, ferozes e do tamanho de bezerros.

Mas Mo sacudiu a cabeça.

— Elinor detesta cães — ele disse enquanto voltava para o ônibus. — E agora subam.

O terreno da tia de Meggie mais parecia um bosque do que um jardim. Logo depois do portão, o caminho fazia uma curva, como se quisesse tomar impulso antes de subir a ladeira, e depois se perdia entre castanheiras e pinheiros escuros. As árvores o cercavam tão de perto que seus galhos formavam um túnel, e Meggie já estava achando que ele nunca terminaria, quando de repente elas recuaram e o caminho desembocou numa área coberta de cascalho, cercada por canteiros com roseiras muito bem cuidadas.

Havia uma perua cinza estacionada no cascalho, na frente de uma casa que era maior do que a escola que Meggie frequentara no último ano. Ela tentou contar as janelas, mas logo desistiu. Era uma casa muito bonita, porém parecia tão pouco convidativa quanto o portão lá embaixo na estrada. Talvez o reboco de cor ocre parecesse assim sujo apenas à luz do crepúsculo. E talvez as janelas de madeira pintadas de verde apenas estivessem fechadas porque a noite já tinha chegado atrás das montanhas que cercavam a casa. Talvez. Mas Meggie poderia apostar que também durante o dia elas raramente se abriam. A porta da entrada, de madeira escura, sugeria tanta repulsa quanto uma boca com os lábios apertados, e Meggie segurou involuntariamente a mão de Mo quando eles se dirigiram para ela.

Dedo Empoeirado seguiu-os com certa hesitação, levando nos ombros a mochila esfarrapada onde Gwin ainda dormia. Quando Mo e Meggie chegaram diante da porta, ele parou a alguns passos de distância dos dois e olhou com desconforto para as janelas fechadas, como se suspeitasse que a dona da casa os observava de alguma delas.

Ao lado da porta havia uma janelinha gradeada, a única que não estava escondida pelas folhas verdes. Atrás dela, mais uma placa: CASO PRETENDA DESPERDIÇAR O MEU TEMPO COM
BOBAGENS, É MELHOR IR EMBORA AGORA MESMO.

Meggie lançou um olhar preocupado para Mo, mas ele apenas fez uma careta para encorajá-la e tocou a campainha.

Meggie ouviu um som estridente ecoar dentro da grande casa. Então, por um bom tempo, nada aconteceu. Apenas uma gralha grasniu ao levantar voo de um dos pés de azaleia que cresciam em volta da casa, e alguns pardais gordos ciscavam freneticamente

no cascalho em busca de insetos invisíveis. Meggie estava justamente jogando para eles alguns farelos de pão que haviam sobrado no bolso de seu casaco — de um piquenique num dia já esquecido — quando a porta se abriu de supetão.

A mulher que saiu de dentro da casa era mais velha do que Mo, um bom tanto mais velha — embora Meggie nunca tivesse muita certeza no que dizia respeito à idade dos adultos. Seu rosto sugeriu a Meggie a fisionomia de um buldogue, mas talvez isso tivesse mais a ver com a expressão do que com o próprio rosto. Ela vestia um pulôver cinza como o pelo de um rato, com uma saia cinzenta como cinzas propriamente ditas, um colar de pérolas ao redor do pescoço curto e, nos pés, chinelinhos de pano como os que Meggie tivera que usar uma vez num castelo que ela e Mo visitaram. Os cabelos de Elinor já eram grisalhos, ela os prendera no alto da cabeça, mas caíam mechas por todos os lados, como se ela os tivesse prendido com muita pressa e impaciência. Elinor não parecia gastar muito tempo na frente do espelho.

— Meu Deus do céu, Mortimer! Mas que surpresa enorme! — ela disse, sem perder tempo com cumprimentos. — Que ventos o trazem aqui?

Seu tom de voz era rude, mas seu rosto não conseguia esconder o fato de que ela estava contente por ver Mo.

— Olá, Elinor — disse Mo, pondo a mão no ombro de Meggie. — Você se lembra de Meggie? Ela cresceu bastante, como você está vendo.

Elinor lançou um breve olhar irritado para Meggie.

— Sim, estou vendo — ela disse. — Afinal de contas, as crianças possuem a peculiaridade de crescer, não é? E, pelo que me lembro, faz alguns anos que não vejo a sua cara nem a da sua filha. A que devo a inesperada honra desta visita, justamente hoje? Finalmente você resolveu se compadecer dos meus pobres livros?

— Exatamente — Mo confirmou com a cabeça. — Um dos meus trabalhos foi adiado, era numa biblioteca, e você sabe como é, as bibliotecas estão sempre com falta de verbas.

Meggie fitou-o inquieta. Ela não sabia que ele era capaz de mentir tão bem.

— Com a pressa — prosseguiu Mo — não tive tempo de arrumar um lugar para Meggie ficar, por isso a trouxe comigo. Sei que você não gosta de crianças, mas Meggie não lambuza os livros com marmelada e também não arranca as páginas para embrulhar sapos mortos.

Elinor bufou desconfiada e mediu Meggie com o olhar, como se esperasse dela todos os tipos de infâmias, por mais que seu pai afirmasse o contrário.

— Da última vez que você a trouxe aqui, pelo menos podíamos prendê-la no cercado — ela observou com voz fria. — Agora acho que isso não é mais possível.

Ela mediu Meggie novamente, da cabeça aos pés, como se fosse um animal perigoso que tinha de admitir em sua casa.

Meggie sentiu o sangue ferver em seu rosto, de raiva. Ela queria voltar para casa ou para o ônibus, ir para um outro lugar qualquer, tudo menos ficar na casa daquela mulher detestável, cujos olhos de pedra fria abriam buracos em seu rosto.

O olhar de Elinor deixou-a e voltou-se para Dedo Empoeirado, que ainda se mantinha no fundo da cena, encabulado.

— E esse aí? — ela perguntou para Mo. — Eu já o conheço?

— Este é Dedo Empoeirado, um… um amigo meu. — Talvez apenas Meggie tenha notado a hesitação de Mo. — Ele está indo mais para o sul, mas talvez você possa hospedá-lo por uma noite num dos seus inúmeros quartos.

Elinor cruzou os braços.

— Apenas com a condição de que o nome dele não tenha nada a ver com a forma como lida com os livros — ela disse. — Assim mesmo, ele terá que se contentar com acomodações bastante precárias no sótão, pois nos últimos anos a minha biblioteca cresceu muito e engoliu quase todos os meus quartos de hóspedes.

— Mas quantos livros você tem? — perguntou Meggie.

Ela crescera entre pilhas de livros, porém mesmo com toda a sua boa vontade não conseguia imaginar que houvesse livros guardados atrás de todas as janelas daquela casa imensa.

Elinor mediu Meggie com o olhar novamente, dessa vez sem disfarçar o desprezo.

— Quantos? — ela repetiu. — Por acaso você acha que eu conto os meus livros como se fossem botões ou ervilhas? São muitos, muitos. Provavelmente, nos quartos desta casa existem mais livros do que você vai ler em toda a sua vida, e alguns são tão valiosos que eu não hesitaria em fuzilá-la se você se atrevesse a encostar neles. Mas, como o seu pai garantiu, você é uma menina inteligente e não vai fazer isso, não é mesmo?

Meggie não respondeu. Em vez disso, imaginou que subia nas pontas dos pés e cuspia três vezes na cabeça daquela bruxa velha.

Mas Mo deu uma risada.

— Você não mudou nada, Elinor — ele observou. — Tem uma língua afiada como um corta-papel. Mas fique sabendo que, se fuzilar Meggie, farei o mesmo com os seus livros favoritos.

Os lábios de Elinor se esticaram num sorrisinho discreto.

— Boa resposta — ela disse, dando um passo para o lado. — Pelo visto você também não mudou. Entrem. Vou lhe mostrar os livros que precisam da sua ajuda. E mais alguns outros.

Meggie sempre achara que Mo possuía muitos livros. Depois que entrou na casa de Elinor, deixou de pensar assim.

Ali não havia pilhas de livros espalhadas por todos os cantos, como na casa de Meggie. Aparentemente, cada livro tinha seu lugar. Mas, nos lugares onde na casa das outras pessoas havia papel de parede, quadros ou simplesmente um pedaço de parede nua, na casa de Elinor havia estantes abarrotadas de livros. No vestíbulo eram estantes brancas, de madeira clara, que subiam até o teto; nos aposentos que atravessaram a seguir, elas eram escuras como o assoalho, assim como no corredor em que entraram depois.

— Estes aqui — anunciou Elinor, fazendo gestos desdenhosos enquanto passava na frente das lombadas espremidas umas contra as outras — foram se juntando no decorrer dos anos. Não são muito valiosos, a maior parte é de qualidade inferior, nada de extraordinário. Caso alguns dedinhos não consigam se controlar e em algum momento peguem um deles — ela lançou um breve olhar para Meggie — não haverá consequências graves. Contanto que esses dedinhos, depois de saciada sua curiosidade, coloquem cada livro de volta no seu lugar sem deixar nenhum marcador nojento dentro deles.

Com essas palavras, Elinor virou-se para Mo.

— Você não vai acreditar, mas num dos últimos livros que comprei, uma magnífica primeira edição do século XIX, eu encontrei uma fatia seca de salame como marcador de leitura!

Meggie deu uma risadinha, o que lhe rendeu instantaneamente mais um olhar pouco amigável.

— Isso não tem graça, minha senhorita — disse Elinor. — Alguns dos livros mais incríveis que já foram impressos se perderam porque alguma besta quadrada de um feirante arrancou suas páginas para embrulhar peixes fedidos. Na Idade Média, milhares de livros foram destruídos porque as pessoas cortavam as capas para fazer solas de sapatos ou então queimavam as páginas para aquecer seus banhos de vapor.

A lembrança de infâmias tão terríveis, ainda que datadas de muitos séculos, fez Elinor perder o fôlego.

— Bem, deixe isso para lá! Senão vou ficar muito agitada, e tenho pressão alta.

Ela havia parado diante de uma porta de madeira clara, na qual havia um desenho, uma âncora com um golfinho enroscado.

— Este é o símbolo de um famoso impressor — explicou Elinor, e passou o dedo no nariz pontudo do golfinho. — Perfeito para a entrada de uma biblioteca, não é?

— Eu sei — disse Meggie. — Aldus Manutius. Ele viveu em Veneza e fazia livros do tamanho certo para caberem nos alforjes dos seus clientes.

— Ah, é? — Elinor franziu o cenho, irritada. — Eu não sabia. De qualquer forma, sou a feliz proprietária de um livro que ele próprio imprimiu. No ano de 1503.

— Você quer dizer, um livro que foi impresso na oficina dele — corrigiu Meggie.

— É claro que é isso o que eu quis dizer. — Elinor pigarreou e lançou um olhar repreensivo para Mo, como se ele fosse o único culpado pelo fato de sua filha saber coisas tão extravagantes. Então ela pôs a mão na maçaneta. Enquanto a girava com um ar quase solene, disse: — Por esta porta nunca passou uma criança, mas como o seu pai parece ter lhe incutido um certo respeito perante os livros, farei uma exceção. Contudo, apenas com a condição de que mantenha pelo menos três passos de distância das estantes. Você aceita essa condição?

Por um momento, Meggie quis recusar. Como ela gostaria de surpreender Elinor, mostrando que desprezava seus livros! Mas não conseguiu. Sua curiosidade era simplesmente grande demais. Meggie tinha a impressão de quase ouvir os livros sussurrarem pela porta entreaberta. Milhares de histórias desconhecidas prometiam abrir milhares de portas para mundos nunca antes vistos. A tentação foi maior do que

o orgulho.

— Aceito — ela murmurou, cruzando os dedos nas costas. — Três passos.

Suas mãos estavam ansiosas.

— Garota esperta — disse Elinor num tom tão arrogante que quase fez Meggie voltar atrás em sua decisão.

Então eles entraram no santuário de Elinor.

— Você fez uma reforma! — Meggie ouviu Mo dizer.

Ele disse mais alguma coisa, mas ela não estava mais escutando. Apenas olhava para os livros. As estantes cheiravam a madeira recém-cortada e iam até o teto azul-celeste, do qual, como estrelas enfileiradas, pendiam pequenas lâmpadas. Estreitas escadas de madeira, equipadas com rodinhas, ficavam diante das estantes, prontas para levar qualquer leitor curioso até as prateleiras mais altas. Havia púlpitos de leitura, onde repousavam livros abertos, atados por correntinhas de latão dourado. Havia vitrines, nas quais livros com páginas manchadas pela velhice mostravam figuras maravilhosas a quem se aproximasse. Meggie não pôde evitar. Um passo, um rápido olhar para Elinor, que para sua sorte estava virada de costas, e já estava diante da vitrine. Ela foi se inclinando mais e mais, até que bateu com o nariz no vidro.

Folhas espinhosas serpenteavam ao redor de letras marrons desbotadas. Uma minúscula cabeça vermelha de dragão cuspia flores no papel manchado. Cavaleiros montados em cavalos brancos olhavam para Meggie, como se não tivesse se passado um só dia desde que alguém os pintara com finos pincéis de pelo de marta. Ao lado deles havia um casal, talvez um casal de noivos. Um homem de chapéu vermelho cor de fogo olhava para os dois com uma expressão hostil.

— Isso são três passos?

Meggie teve um sobressalto, mas Elinor não parecia estar zangada de verdade.

— Sim, a arte da iluminura! — ela disse. — Antigamente, apenas os ricos sabiam ler. Por isso, para que os pobres pudessem entender as histórias, existiam as figuras desenhadas em cima das letras. Naturalmente, eles não faziam isso pensando no prazer dos pobres, afinal eles estavam no mundo para trabalhar, não para serem felizes ou para verem belas figuras. Isso estava reservado aos ricos. Não, eles queriam doutriná-los. A maior parte eram histórias bíblicas, que todos já conheciam de qualquer forma.

Os livros ficavam nas igrejas, e a cada dia se virava uma página e se exibia uma figura diferente.

— E este livro aqui? — perguntou Meggie.

— Oh, esse aí acho que nunca entrou numa igreja. Ele certamente serviu mais ao deleite de um homem muito rico, mas já tem quase seis séculos. — Não era possível ignorar o orgulho na voz de Elinor. — Por causa de um livro desses já houve morte e assassinato. Felizmente eu só precisei comprá-lo.

Ao dizer as últimas palavras, ela se virou de repente e olhou para Dedo Empoeirado, que os seguia silencioso como um gato à espreita de uma presa. Por um momento, Meggie pensou que Elinor fosse mandá-lo de volta para o corredor, mas Dedo Empoeirado estava parado diante das estantes com as mãos cruzadas nas costas, numa pose respeitosa que não dava nenhum motivo para fazer isso. Assim, ela lançou um último olhar de desprezo para ele e se voltou para Mo.

Ele estava diante de um púlpito de leitura, e tinha nas mãos um livro cuja lombada estava presa apenas por alguns fios. Segurava-o com muito cuidado, como a um passarinho com a asa partida.

— E então? — perguntou Elinor, preocupada. — Você pode salvá-lo? Sei que ele se encontra num estado terrível, e os outros... receio que não estejam em melhor estado, mas...

— Posso dar um jeito em todos eles — Mo pôs o livro de lado e examinou um outro. — Mas acho que vou precisar de duas semanas pelo menos. Se não precisar comprar mais material. Isso poderia prolongar um pouco mais a coisa. Você suportará nossa presença por tanto tempo?

— Mas é claro. — Elinor assentiu com a cabeça.

Meggie notou o olhar que ela lançou nesse momento na direção de Dedo Empoeirado. Ele ainda estava na frente das estantes e parecia completamente absorto na contemplação dos livros, mas Meggie teve a impressão de que não deixava escapar nada do que se falava em suas costas.

Na cozinha de Elinor não havia livros, nem um sequer, mas ali eles tiveram um excelente jantar, numa escrivaninha de madeira que, conforme garantira a dona da casa, provinha de um mosteiro na Itália. Meggie duvidava disso. Que ela soubesse, antigamente os monges trabalhavam em mesas com superfícies inclinadas, mas ela

decidiu guardar essa informação para si. Em vez de falar disso, pegou mais um pedaço de pão, e estava justamente se perguntando se o queijo que estava sobre a suposta escrivaninha era saboroso quando viu Mo cochichar alguma coisa com Elinor. Esta arregalou os olhos cheia de curiosidade, do que Meggie concluiu que o assunto só podia ser um livro e imediatamente se lembrou do papel de embrulho, da capa de tecido verde-claro e da voz furiosa de Mo.

Ao lado dela, Dedo Empoeirado fez um pedaço de presunto escorregar discretamente para dentro de sua mochila: o jantar de Gwin. Meggie viu um focinho redondo assomar para fora da mochila e farejar o ar na esperança de ganhar outras iguarias. Dedo Empoeirado sorriu para Meggie quando notou seu olhar, e mandou mais um pedaço de toucinho para Gwin. Ele parecia não ligar a mínima para o cochicho de Mo e Elinor; Meggie porém não tinha dúvidas de que os dois tramavam algo secreto.

Depois de um tempo, Mo se levantou e saiu. Meggie perguntou a Elinor onde ficava o banheiro e foi atrás dele.

Era estranho espionar Mo. Ela não se lembrava de ter feito isso alguma vez — a não ser na noite em que Dedo Empoeirado chegara. E quando ela tentara descobrir se Mo era Papai Noel. Ela sentia vergonha de segui-lo daquela maneira. Mas a culpa era dele mesmo. Por que escondera o livro dela? E agora, ao que tudo indicava, pretendia dá-lo a Elinor — um livro que ela própria não podia ver! Desde que Mo o escondera tão depressa, Meggie não o tirara mais da cabeça. Ela até mesmo o procurara na sacola com as coisas de Mo, antes que ele a levasse para o ônibus, mas não conseguira encontrá-lo.

Meggie simplesmente tinha que vê-lo, antes que ele desaparecesse numa das vitrines de Elinor! Tinha que saber por que ele era tão importante para Mo a ponto de tê-la arrastado até ali…

No vestíbulo, Mo olhou mais uma vez para os lados antes de sair da casa, mas Meggie abaixou-se a tempo, atrás de uma cesta de roupas que exalava um cheiro de naftalina e lavanda. Decidiu ficar escondida ali até Mo voltar. Lá fora no pátio, ele certamente a descobriria. O tempo a torturava passando devagar, como acontece sempre que se espera por alguma coisa com o coração acelerado. Os livros nas prateleiras de madeira clara pareciam observar Meggie, mas ficaram calados como se sentissem que naquele momento ela podia pensar apenas num exemplar.

Finalmente Mo voltou, trazendo na mão um pequeno pacote em papel de embrulho. "Talvez ele queira apenas escondê-lo aqui!", pensou Meggie. "Existe lugar melhor para esconder um livro do que no meio de dez mil outros?" Era isso, Mo iria deixá-lo ali e eles voltariam para casa. "Mas eu gostaria de vê-lo, uma só vez", pensou Meggie, "antes que ele vá parar numa estante da qual tenho que manter três passos de distância."

Mo passou tão perto que poderia tê-la tocado, mas não a viu. "Meggie, não me olhe assim!", ele dizia às vezes. "Você está lendo os meus pensamentos de novo." Agora ele parecia preocupado, como se não estivesse seguro de que iria fazer a coisa certa. Meggie contou até três bem devagar antes de ir atrás dele, mas Mo parou tão repentinamente algumas vezes que ela quase esbarrou nele. Em vez de voltar para a cozinha, ele foi direto à biblioteca. Sem olhar mais para os lados, abriu a porta com o símbolo do impressor veneziano e fechou-a com cuidado atrás de si.

Meggie ficou ali, no meio de todos aqueles livros calados, perguntando a si mesma se deveria ir atrás dele… se deveria pedir a ele que lhe mostrasse o livro. Ele ficaria muito zangado? Ela estava começando a criar coragem para segui-lo quando ouviu passos. Passos rápidos e decididos, apressados e impacientes. Só podia ser Elinor. E agora?

Meggie abriu a porta mais próxima e entrou. O cômodo tinha uma cama com dossel, um armário, fotos com molduras de prata, uma pilha de livros no criado-mudo, um catálogo aberto em cima do tapete, as páginas cheias de reproduções de livros antigos. Ela estava no quarto de Elinor. Com o coração aos pulos, parou para escutar, ouviu os passos enérgicos de Elinor e o barulho da porta da biblioteca se fechando uma segunda vez. Cautelosamente, Meggie se esgueirou de novo pelo corredor. Ela ainda estava indecisa diante da porta da biblioteca quando de repente uma mão atrás dela pousou em seu ombro. Uma segunda mão abafou o seu grito de pavor.

— Sou eu — cochichou Dedo Empoeirado em seu ouvido. — Fique bem quietinha, senão nós dois teremos problemas, entendeu?

Meggie concordou com a cabeça, e Dedo Empoeirado tirou lentamente a mão de sua boca.

— O seu pai quer dar o livro para essa bruxa, não é? — ele sussurrou. — Ele foi buscar o livro? Diga logo. Ele está com o livro ou não?

Meggie empurrou-o.

— Não sei! — ela sussurrou, irritada. — Mas o que o senhor tem a ver com isso?

— O que tenho a ver com isso? — Dedo Empoeirado riu baixinho. — Bem, talvez algum dia eu lhe conte o que tenho a ver com isso. Mas agora só quero saber se você viu o livro.

Meggie sacudiu a cabeça. Ela mesma não sabia por que estava mentindo para Dedo Empoeirado. Talvez porque a mão dele tivesse apertado um pouco demais a sua boca.

— Meggie! Ouça! — Dedo Empoeirado fitou-a com um olhar penetrante. Suas cicatrizes pareciam pinceladas pálidas que alguém havia traçado em sua face, duas pinceladas no lado esquerdo, no lado direito uma terceira, maior do que as outras, da orelha até o nariz. — Capricórnio vai matar o seu pai se não obtiver o livro! Ele vai matá-lo, entendeu? Não lhe contei como ele é? Ele quer o livro, e sempre consegue o que quer. É ridículo achar que estará seguro aqui.

— Mo não acha isso!

Dedo Empoeirado se pôs de pé e ficou olhando para a porta da biblioteca.

— É verdade, eu sei disso. É esse o problema. E por isso — ele pôs as duas mãos nos ombros de Meggie e a empurrou em direção à porta fechada — você vai entrar aí dentro inocentemente e descobrir o que os dois pretendem fazer com o livro. Certo?

Meggie ia protestar. Mas antes que ela pudesse pensar, Dedo Empoeirado havia aberto a porta e a empurrara para dentro da biblioteca.

5. Apenas uma imagem

Que aquele que rouba livros ou não devolve livros emprestados tenha o livro em sua mão transformado numa serpente voraz. Que ele sofra um ataque apopléctico que paralise todos os seus membros. Que, aos gritos e gemidos, implore por piedade, e seu tormento não seja mitigado até que entre em estado de putrefação. Que as traças corroam suas entranhas como o verme que nunca morre. E que no dia do juízo final seja condenado a arder para sempre no fogo do inferno.

Inscrição na biblioteca do Mosteiro de São Pedro,
em Barcelona, citada por Alberto Manguel

Eles haviam desembrulhado o livro. Meggie viu o papel pardo em cima de uma cadeira. Nenhum dos dois notou que ela entrara. Elinor estava debruçada sobre um púlpito de leitura, Mo estava de pé ao seu lado. Os dois permaneciam de costas para a porta.

— Incrível. Pensei que não existisse mais nem um exemplar — dizia Elinor. — Circulam algumas histórias estranhas sobre este livro. O dono de um sebo do qual sou freguesa me contou que há alguns anos teve três exemplares roubados, todos no mesmo dia. Ouvi praticamente a mesma história de dois outros livreiros.

— É mesmo? Realmente estranho! — disse Mo, mas Meggie conhecia a voz dele o bastante para saber que o espanto era falso. — Bom, não importa. Mesmo se não fosse um livro tão raro, continuaria tendo muito valor para mim e eu ficaria feliz em saber que está bem guardado, por um tempo, até que eu venha buscá-lo novamente.

— Na minha casa, todos os livros estão bem guardados — respondeu Elinor, indignada. — Você sabe, eles são os meus filhos, meus filhinhos de tinta preta, e eu cuido muito bem deles. Mantenho a luz do sol longe de suas páginas, tiro o pó e os protejo das traças famintas e dos dedos sujos das pessoas. Este aqui receberá um lugar de honra, e ninguém mais o verá até que você o queira de volta. Na minha biblioteca, os visitantes são indesejados. Eles só servem para deixar marcas de dedos e casca de queijo nos meus pobres livros. Além disso, como você sabe, disponho de um dispendioso sistema de alarme.

— Sim, isso me tranquiliza mais do que tudo! — A voz de Mo parecia aliviada.

— Muito obrigado, Elinor! Eu realmente agradeço muito. E se por acaso nos próximos dias alguém bater à sua porta perguntando pelo livro, por favor, aja como se nunca tivesse ouvido falar dele, está bem?

— Mas é claro. O que não se faz por um bom encadernador? Além disso, você é o marido da minha sobrinha. Sabe que às vezes ainda sinto falta dela? Bem, acho que com você acontece o mesmo. Sua filha parece estar se saindo muito bem sem a mãe. Não é?

— Ela quase não se lembra — disse Mo baixinho.

— Bem, isso é uma bênção, não é mesmo? Às vezes é bastante prático que a nossa memória não funcione tão bem quanto a dos livros. Se bem que sem eles não saberíamos de praticamente mais nada. Tudo seria esquecido: a guerra de Troia, Cristóvão Colombo, Marco Polo, Shakespeare, todos os deuses e reis malucos…

Elinor virou-se e parou boquiaberta.

— Acho que não ouvi você bater — ela disse, olhando de forma tão hostil para Meggie que esta precisou juntar toda a sua coragem para simplesmente não dar as costas e sair correndo.

— Há quanto tempo você está aí, Meggie? — perguntou Mo.

Meggie ergueu o queixo.

— *Ela* pode ver o livro, mas de mim você esconde! — ela disse. O ataque ainda era a melhor defesa. — Você nunca escondeu um livro de mim! O que é que esse tem de tão especial? Vou ficar cega se o ler? Ele vai me morder os dedos? Que segredos terríveis existem aí dentro que eu não posso saber?

— Tenho meus motivos para não mostrá-lo a você — respondeu Mo.

Ele estava muito pálido. Sem dizer mais uma palavra, andou até ela e quis puxá-la de volta para a porta, mas Meggie se soltou.

— Oh, mas ela é teimosa! — observou Elinor. — Isso a torna quase simpática. Sua mãe era igualzinha. Venha cá.

Ela deu um passo para o lado e fez um sinal para que Meggie se aproximasse.

— Você vai ver que não há nada muito emocionante nesse livro, pelo menos para os seus olhos. Mas tire a prova. Sempre acreditamos mais em nossos próprios olhos.

Ou será que o seu pai é de outra opinião? — ela disse olhando para Mo.

Mo hesitou, e então sacudiu a cabeça resignado.

O livro estava aberto em cima do púlpito. Ele não parecia ser especialmente antigo. Meggie sabia reconhecer um livro realmente antigo. Na oficina de Mo, ela já vira alguns cujas páginas estavam manchadas como o pelo de um leopardo e quase tão amarelas quanto. Ela se lembrava de um cuja capa fora atacada por cupins. Os furinhos deixados pelos insetos devoradores pareciam marcas minúsculas de tiros, e Mo retirara o corpo do livro, reencadernara suas páginas com muito cuidado e, como ele dizia, fizera uma roupa nova para ele. Tais roupas podiam ser de tecido ou de couro, simples ou com estampas que Mo imprimia com pequenos carimbos e às vezes também revestia de ouro.

Aquele livro tinha uma capa de pano, de um verde prateado como as folhas de um salgueiro. Os cantos estavam ligeiramente amassados, mas as páginas ainda estavam bem claras e as letras pretas destacavam-se nitidamente no papel. Na página aberta, havia um pequeno marcador de fita vermelha. Do lado direito, uma ilustração mostrava mulheres luxuosamente vestidas, um saltimbanco cuspidor de fogo, acrobatas e alguém que parecia um rei. Meggie continuou a folhear. Não havia muitas figuras, mas a letra inicial de cada capítulo era como uma pequena ilustração. Em algumas dessas letras havia animais sentados, em volta de outras enroscavam-se plantas, havia também um "B" pegando fogo. As chamas pareciam tão verdadeiras que Meggie passou o dedo em cima delas para se certificar de que não estavam quentes. O capítulo seguinte começava com um *H*. Ele estava com as pernas plantadas numa pose de guerreiro, e em seu braço repousava um animal de rabo peludo. "*Dias atrás, ele saíra da cidade sem que ninguém o visse",* Meggie leu, mas antes que pudesse juntar mais palavras, Elinor fechou o livro no seu nariz.

— Acho que já é suficiente — ela disse, e prendeu com firmeza o livro debaixo do braço. — Seu pai me pediu que guarde este livro num lugar seguro, e é o que vou fazer agora.

Mo pegou a mão de Meggie novamente. Desta vez, ela foi com ele.

— Por favor, Meggie, esqueça esse livro! — ele sussurrou. — Ele só traz infelicidades. Comprarei centenas de outros para você.

Meggie fez que sim e não disse nada. Antes que Mo fechasse a porta atrás deles, ela ainda lançou mais um olhar para Elinor, que observava o livro embevecida, como

Mo às vezes olhava para a filha, à noite, quando esticava o seu cobertor até debaixo do queixo.

Então a porta se fechou.

— Onde ela vai guardá-lo? — perguntou Meggie enquanto seguia Mo pelo corredor.

— Oh, ela tem uns esconderijos excelentes para essas ocasiões — respondeu Mo evasivamente. — Mas eles são secretos, como devem ser os esconderijos. O que você acha de eu lhe mostrar o seu quarto agora?

Ele tentava parecer despreocupado, mas não conseguia muito bem.

— Parece um quarto de hotel chique. Ah, que nada, é muito melhor.

— Nada mau — murmurou Meggie, olhando ao seu redor. Ela procurava Dedo Empoeirado, mas não viu nem a sombra dele.

Onde ele estava? Ela precisava lhe perguntar uma coisa. Meggie não conseguia pensar em mais nada, enquanto Mo lhe mostrava o quarto e lhe dizia que agora estava tudo em ordem, que ele apenas precisava fazer seu trabalho e então eles iriam para casa. Ela balançava a cabeça como se o estivesse escutando, mas na verdade só conseguia pensar na pergunta que queria fazer a Dedo Empoeirado. A pergunta lhe queimava os lábios de tal forma que Meggie se espantou com o fato de Mo não a ver. Ali bem no meio da sua boca.

Quando Mo a deixou sozinha para buscar a bagagem no ônibus, Meggie foi até a cozinha, mas Dedo Empoeirado também não estava lá. Até no quarto de Elinor ela deu uma olhada, mas, por mais portas que abrisse na gigantesca casa, não conseguiu encontrá-lo. Finalmente ela estava cansada demais para continuar procurando. Mo já havia se deitado e Elinor também se recolhera. Assim, Meggie foi para o seu quarto e deitou-se na cama enorme. Sentiu-se totalmente perdida, pequenina, nanica, como se tivesse encolhido. Como Alice no País das Maravilhas, ela pensou, e passou a mão nos lençóis floridos. De resto, o quarto lhe agradava. Estava cheio de livros e de quadros. Havia até mesmo uma lareira, mas parecia que não era utilizada havia mais de um século. Meggie lançou as pernas para fora da cama e foi até a janela. Já estava escuro lá fora, e quando ela abriu a janela um vento frio bateu em seu rosto. A única coisa que conseguiu distinguir na escuridão foi a área coberta de cascalho na frente da casa. Um lampião lançava luz pálida sobre as pedras cinza-claro. O ônibus listrado de Mo, ao

lado da perua cinza de Elinor, parecia uma zebra que entrara no estábulo de cavalos por engano. Mo pintara as listras na pintura branca depois que Meggie lhe dera *O livro da selva* de presente. Ela pensou na casa que haviam deixado com tanta pressa, em seus quartos e na escola, onde seu lugar estava vazio hoje. Ela não sabia muito bem se sentia saudades.

Meggie deixou a janela aberta quando se deitou. Mo havia posto o baú de livros dela ao lado da cama. Sonolenta, tirou um livro de dentro e tentou construir um ninho com palavras familiares, mas não conseguiu. A lembrança do outro livro sempre apagava as palavras, a todo momento Meggie via as letras capitulares, grandes e coloridas, cercadas por figuras cuja história ela não conhecia, pois o livro não tivera tempo de lhe contar.

"Preciso encontrar Dedo Empoeirado", ela pensou, sonolenta. "Ele tem que estar aqui!" Mas então o livro escorregou de seus dedos e ela adormeceu.

Na manhã seguinte, o sol a acordou. O ar ainda guardava o frio da noite, mas o céu estava límpido. Meggie encostou-se na janela e, ao longe, entre os galhos das árvores, viu o lago cintilante. O quarto que Elinor lhe destinara ficava no primeiro andar. Mo dormia apenas duas portas adiante, mas Dedo Empoeirado tivera que se contentar com um cubículo no sótão; Meggie tinha visto esse cubículo durante suas buscas na noite anterior. Havia apenas uma cama estreita, cercada por caixas de livros que se empilhavam até o teto.

Mo já estava à mesa com Elinor quando Meggie entrou na cozinha para tomar o café da manhã, mas de Dedo Empoeirado ela não viu nem sinal.

— Oh, ele já tomou café da manhã — disse Elinor num tom malicioso quando Meggie perguntou por Dedo Empoeirado —, na companhia de um animalzinho de dentes afiados, que estava em cima da mesa e os mostrou para mim quando entrei desavisada na cozinha. Fiz saber ao seu excêntrico amigo que os únicos animais que tolero na minha cozinha são as moscas, então ele foi lá para fora com o animal peludo.

— O que você quer com ele? — perguntou Mo.

— Ah… nada de mais, eu… só queria perguntar uma coisa — disse Meggie, que comeu depressa meia fatia de pão, engoliu um pouco do chocolate quente e bem amargo que Elinor havia preparado e correu para fora.

Ela encontrou Dedo Empoeirado no gramado curto e espevitado detrás da casa,

onde havia uma espreguiçadeira ao lado de um anjo de gesso. De Gwin, nem sinal. Alguns passarinhos disputavam alguma coisa nas flores vermelhas das azaleias, e Dedo Empoeirado estava ali, fazendo malabarismos com um ar distraído. Meggie tentou contar as bolas coloridas, quatro, seis, eram oito. Ele as apanhava tão depressa que ela ficou tonta tentando seguir seus movimentos. Ele fazia isso apoiado numa perna só, displicentemente, como se não precisasse olhar. Somente quando notou Meggie, uma das bolas escapou de seus dedos e rolou a seus pés.

Meggie pegou a bola e jogou de volta para ele.

— Onde aprendeu a fazer isso? — ela perguntou. — Foi… maravilhoso.

Dedo Empoeirado fez uma mesura com um ar zombeteiro. Ali estava outra vez o seu estranho sorriso.

— Ganho o meu dinheiro com isso — ele disse. — Com isso e algumas outras coisinhas.

— Como se pode ganhar dinheiro com isso?

— Nas praças. Em festas. Em aniversários de crianças. Você já foi alguma vez a uma dessas feiras em que as pessoas fazem tudo como se vivessem na Idade Média?

Meggie fez que sim. Uma vez Mo a levara a uma dessas feiras. Havia coisas belíssimas, estranhas, como se não fossem apenas de um outro tempo, mas também de um outro mundo. Mo comprara uma caixinha para ela, enfeitada com pedrinhas coloridas e um peixinho de metal cintilante verde e dourado, com uma bocarra bem aberta e uma bola na barriga oca, que tilintava como um sino quando a caixa era sacudida. O ar tinha cheiro de pão recémassado, de fumaça e de roupa úmida, Meggie vira o ferreiro fazer uma espada e se escondera, atrás de Mo, de uma mulher vestida de bruxa.

Dedo Empoeirado recolheu as bolas e jogou-as na sacola que estava aberta atrás dele na grama. Meggie aproximou-se de mansinho e espiou dentro dela. Havia garrafas e algodão branco, um saco de leite, mas antes que ela pudesse descobrir mais coisas Dedo Empoeirado fechou a sacola.

— Sinto muito. Segredo profissional — ele disse. — O seu pai deu o livro para essa Elinor, não foi?

Meggie sacudiu os ombros.

— Pode me dizer sem medo. Eu já sei mesmo. Ouvi a conversa. É loucura deixá-lo aqui, mas de que adianta falar?

Dedo Empoeirado sentou-se na espreguiçadeira. Na grama, ao seu lado, estava a mochila. Uma cauda peluda saía para fora.

— Eu vi Gwin — disse Meggie.

— Ah, é? — Dedo Empoeirado recostou-se e fechou os olhos. Na luz do sol, seus cabelos pareciam mais claros. — Eu também. Está dentro da mochila. Está na hora da sesta dele.

— Eu vi Gwin no livro. — Meggie disse isso sem tirar os olhos de Dedo Empoeirado, mas o rosto dele não se mexeu. Ele não tinha os pensamentos estampados na testa como Mo. Dedo Empoeirado era como um livro fechado, e Meggie tinha a sensação de que ele morderia os dedos de todos que tentassem lê-lo. — Ele estava numa letra. Numa letra *H*. Eu vi os chifres.

— É mesmo? — Dedo Empoeirado nem sequer abriu os olhos. — Você sabe em qual das mil estantes essa fanática por livros o colocou?

Meggie fingiu não ouvir a pergunta.

— Por que Gwin se parece com o animal do livro? — ela perguntou. — É verdade que o senhor colou os chifres nele?

Dedo Empoeirado abriu os olhos e piscou com a luz do sol.

— Se eu colei? — ele perguntou olhando para o céu.

Algumas nuvens passavam sobre a casa de Elinor. O sol desapareceu atrás de uma delas e sua sombra caiu sobre a grama verde como uma mancha horrível.

— O seu pai lê para você com frequência, Meggie? — perguntou Dedo Empoeirado.

Meggie olhou desconfiada para ele. Então se ajoelhou ao lado da mochila e passou a mão na cauda sedosa de Gwin.

— Não — ela disse. — Mas ele me ensinou a ler quando eu tinha cinco anos.

— Pergunte a ele por que ele não lê em voz alta — disse Dedo Empoeirado. — Mas não se deixe engabelar com qualquer conversa mole.

— Como assim? — Meggie levantou-se, irritada. — Ele não gosta, é só isso.

Dedo Empoeirado sorriu. Ele se inclinou para fora da espreguiçadeira e enfiou a mão dentro da mochila.

— Ah, isso me parece uma barriga cheia — ele observou. — Acho que a caçada noturna de Gwin foi bem-sucedida. Espero que ele não tenha saqueado um ninho novamente. Ou será que são apenas o pãozinho e os ovos de Elinor?

A cauda de Gwin balançou para lá e para cá, quase como a de um gato.

Meggie olhou para a mochila com uma sensação desconfortável. Ela estava contente por não precisar ver o focinho de Gwin. Talvez ele ainda estivesse lambuzado de sangue.

Dedo Empoeirado recostou-se novamente na espreguiçadeira de Elinor.

— Quer que eu lhe mostre hoje à noite para que servem as garrafas, o algodão e as outras coisas misteriosas que estão na minha sacola? — ele perguntou sem olhar para ela. — Só que tem que estar bem escuro, escuro como o breu. Você tem coragem de sair de casa no meio da noite?

— É claro! — respondeu Meggie ofendida, embora a última coisa que ela gostasse de fazer fosse sair na noite escura. — Mas antes o senhor tem que me dizer por que…

— O senhor? — Dedo Empoeirado deu uma gargalhada. — Meu Deus, daqui a pouco você vai me tratar por excelentíssimo senhor Dedo Empoeirado. Não posso suportar ser tratado de senhor; deixe isso para lá, está bem?

Meggie mordeu os lábios e concordou com a cabeça. Ele tinha razão, "senhor" não combinava com ele.

— Então, como eu ia dizendo, por que você colou os chifres em Gwin? — ela concluiu a pergunta. — E o que você sabe sobre o livro?

Dedo Empoeirado cruzou os braços atrás da cabeça.

— Sei um monte de coisas — ele disse. — E talvez um dia conte a você, mas primeiro temos o nosso encontro. Hoje à noite, lá pelas onze, exatamente aqui. Combinado?

Meggie olhou para um melro que cantava a plenos pulmões no telhado de Elinor.

— Está bem — ela disse. — Às onze horas.

Então voltou para a casa.

Elinor propusera a Mo que montasse sua oficina ao lado da biblioteca. Ali havia uma saleta onde ela guardava sua coleção de manuais antigos de botânica e biologia (parecia não haver um único tipo de livro que Elinor não colecionasse). Essa categoria ficava numa estante de madeira clara, cor de mel. Em algumas extremidades, os livros eram apoiados em vitrines com besouros espetados, o que tornava Elinor ainda mais antipática aos olhos de Meggie. Diante da única janela havia uma mesa bonita com pés torneados, mas ela não tinha nem metade do tamanho da que Mo tinha em casa, em sua oficina. Era provavelmente por isso que ele estava xingando baixinho quando Meggie enfiou a cabeça pela abertura da porta.

— Olhe só esta mesa — ele disse. — Aqui em cima alguém pode organizar uma coleção de selos, mas não encadernar livros. Toda a sala é pequena demais. Onde é que vou montar a prensa, onde é que vou deixar as ferramentas?... Na última vez trabalhei lá em cima, no sótão, mas agora lá também está atulhado de caixas de livros.

Meggie passou a mão nas lombadas encostadas umas nas outras.

— Simplesmente diga a Elinor que você precisa de uma mesa maior.

Meggie tirou cuidadosamente um livro da prateleira e abriu-o. Havia figuras dos insetos mais esquisitos, besouros com chifres, besouros com trombas, um deles até mesmo tinha um nariz perfeito. Meggie passou o dedo indicador sobre as figuras desbotadas.

— Mo, por que você nunca leu para mim?

Ele virou-se tão bruscamente que ela quase deixou cair o livro.

— Por que você está me perguntando isso? Você andou conversando com Dedo Empoeirado, não é? O que ele lhe contou?

— Nada. Absolutamente nada!

A própria Meggie não sabia por que estava mentindo. Pôs o livro sobre besouros de volta no lugar. Ela quase tinha a impressão de que alguém tecia uma rede muito fina ao seu redor, uma rede de mentiras e segredos, que se fechava cada vez mais.

— Acho que é uma boa pergunta — ela disse enquanto pegava outro livro, o *Mestres da camuflagem*. Os bichos ali pareciam galhos vivos ou folhas secas.

Mo virou-se de costas novamente. Ele começou a espalhar suas ferramentas pela

mesa pequena demais: à esquerda, a dobradeira, depois o martelo de cabeça redonda, com o qual ele dava forma às lombadas, o corta-papel afiado…

Ele costumava fazer isso assobiando baixinho, mas agora estava totalmente calado. Meggie sentiu que seus pensamentos estavam distantes. Mas onde?

Finamente, ela se sentou no canto da mesa e olhou para ele.

— Eu não gosto de ler em voz alta — ele disse como se não houvesse assunto menos interessante no mundo. — Você está cansada de saber. É assim e pronto.

— Por quê? Você me conta histórias. Você sabe contar histórias muito bem. Sabe fazer todas as vozes, sabe fazer suspense e depois ficar engraçado de novo…

Mo cruzou os braços no peito, como se quisesse se esconder atrás deles.

— Você poderia ler *Tom Sawyer* para mim — propôs Meggie —, ou *Como o rinoceronte adquiriu suas rugas*.

Essa era uma das histórias preferidas de Mo. Quando ela era menor, os dois às vezes brincavam que suas roupas estavam cheias de rugas como a pele do rinoceronte.

— Sim, é uma história maravilhosa.

Mo virou-se de costas mais uma vez. Ergueu a pasta que estava em cima da mesa, na qual guardava os papéis coloridos para as folhas de guarda, e começou a folheá-los distraidamente. "Todos os livros deveriam começar com um desses papéis", ele dissera uma vez para Meggie. "De preferência com um escuro: vermelho-escuro, azul-escuro, de acordo com a capa. Quando você abre o livro, é como num teatro: ali está a cortina. Você a arrasta para o lado, e a apresentação começa."

— Meggie, eu realmente preciso trabalhar agora! — ele disse sem se virar. — Quanto antes eu terminar os livros de Elinor, mais cedo poderemos voltar para casa.

Meggie colocou o livro com os bichos camuflados de volta na estante.

— E se os chifres não forem colados? — ela perguntou.

— O quê?

— Os chifres de Gwin. E se Dedo Empoeirado não tiver colado os chifres?

— Eles são colados. — Mo puxou uma cadeira para perto da mesa estreita demais. — Aliás, Elinor foi fazer compras. Se tiver fome antes de ela voltar, faça umas

panquecas para você. Está bem?

— Está bem — murmurou Meggie. Por um momento, ela refletiu se deveria lhe contar sobre seu encontro noturno com Dedo Empoeirado, mas então decidiu não fazê-lo. — Você acha que posso levar uns livros daqui para o meu quarto?

— Claro. Contanto que eles não desapareçam no seu baú.

— Como esse ladrão de livros do qual você me falou? — Meggie prendeu três livros embaixo do braço esquerdo e quatro do direito. — Quantos ele roubou? Trinta mil?

— Quarenta mil — respondeu Mo. — Mas pelo menos não matou o dono.

— Não, quem matou foi aquele monge espanhol, esqueci o nome dele.

Meggie andou até a porta e empurrou-a com a ponta do pé.

— Dedo Empoeirado disse que Capricórnio mataria você para ter o livro — ela tentou fazer a sua voz soar indiferente. — Ele faria isso, Mo?

— Meggie! — Mo virou-se para ela empunhando o corta-papel numa pose ameaçadora. — Vá tomar sol ou enfie o nariz num desses livros, mas agora me deixe trabalhar. E diga a Dedo Empoeirado que vou cortá-lo em fatias bem finas com esta lâmina se ele continuar falando besteiras a você.

— Isso não foi uma resposta! — disse Meggie, e entrou no corredor com sua pilha de livros.

Quando chegou ao seu quarto, ela espalhou os livros sobre a cama gigantesca e começou a ler: eram sobre besouros, que se mudavam para cascas de caracóis abandonadas, como pessoas que ocupam uma casa vazia, sobre sapos com forma de folhas e lagartos com espinhos coloridos, macacos de barbas brancas, tamanduás listrados e gatos que escavavam a terra em busca de batatas-doces. Parecia haver de tudo, qualquer ser que Meggie pudesse imaginar e ainda muitos outros, que ela não poderia.

Mas em nenhum dos livros sábios de Elinor ela encontrou uma única palavra sobre martas com chifres.

6. Fogo e estrelas

Então eles chegavam com seus ursos dançarinos, com seus cães e cabritos, macacos e marmotas, eles andavam na corda bamba, davam cambalhotas de frente e de costas, arremessavam espadas e punhais e lançavam-se sobre as suas pontas e lâminas sem se ferirem, engoliam fogo e pedras trituradas, faziam prestidigitações sob suas casacas e chapéus, com correntes e cálices mágicos, faziam bonecos esgrimir, gorjeavam como o rouxinol, gritavam como o pavão, assobiavam como a rena, e lutavam e dançavam ao som da flauta dupla.

Wilhelm Hertz, *O livro do menestrel*

O dia custou a passar. Meggie apenas viu Mo rapidamente na hora do almoço, quando, meia hora após voltar das compras, Elinor lhes serviu um espaguete com um molho pronto.

— Desculpem, mas eu simplesmente não tenho paciência para ficar horas na cozinha — ela disse quando pôs as panelas em cima da mesa. — Será que o nosso amigo com o bicho peludo sabe cozinhar?

Dedo Empoeirado apenas ergueu os ombros.

— Não, sinto muito, nisso eu não posso ajudar.

— Mo sabe cozinhar muito bem — disse Meggie enquanto colocava o molho aguado na massa.

— Ele está aqui para restaurar os meus livros, e não para cozinhar — respondeu Elinor rudemente. — Mas e quanto a você?

Meggie sacudiu os ombros.

— Eu sei fazer panquecas — ela disse. — Por que você não arranja uns livros de receitas? Você tem todo tipo de livros. Com certeza ajudaria.

Elinor não achou a proposta nem mesmo digna de uma resposta.

— Ah, aliás, mais uma regra para a noite — ela disse, depois que todos haviam comido um pouco, em silêncio. — Não tolero luz de velas na minha casa. O fogo me deixa nervosa. Ele adora se alimentar de papel.

Meggie engoliu a saliva. Sentiu-se apanhada com a boca na botija. Naturalmente, ela trouxera algumas velas, que estavam lá em cima em seu criado-mudo. Era certo que Elinor as vira.

Porém Elinor não olhou para Meggie, e sim para Dedo Empoeirado, que estava brincando com uma caixa de fósforos.

— Espero que respeite essa regra — ela disse. — Já que, pelo visto, contaremos com a sua companhia por mais uma noite.

— Se me permite abusar um pouco mais da sua hospitalidade. Partirei amanhã cedo. Prometo.

Dedo Empoeirado ainda segurava a caixa de fósforos. O olhar de reprovação de Elinor não parecia incomodá-lo.

— Acho que alguém aqui tem uma ideia totalmente errada a respeito do fogo — disse ele. — Admito que ele possa ser um animalzinho voraz, mas é possível domá-lo.

E, com essas palavras, tirou um palito de fósforo de dentro da caixa, acendeu-o e pôs a chama dentro da boca aberta.

Meggie prendeu a respiração quando os lábios dele se fecharam em torno do palito aceso. Dedo Empoeirado abriu novamente a boca, tirou o palito apagado e, com um sorriso, colocou-o no prato vazio.

— Está vendo, Elinor? — ele disse. — O fogo não me mordeu. É mais fácil domá-lo do que domar um gato.

Elinor apenas torceu o nariz, mas Meggie não conseguia tirar os olhos de Dedo Empoeirado, de tão admirada que ficou.

A breve exibição de pirotecnia não pareceu impressionar Mo, e Dedo Empoeirado obedeceu ao seu olhar de advertência, fazendo a caixa de fósforos desaparecer no bolso da calça.

— Naturalmente, respeitarei a regra das velas — ele apressou-se em dizer. — Sem problemas. Mesmo.

Elinor assentiu com a cabeça.

— Bom — ela disse. — Mas tem mais uma coisa. Se hoje você resolver sumir novamente assim que escurecer, como fez ontem, é melhor não voltar muito tarde. Às

nove horas em ponto ligarei o meu sistema de alarme.

— Oh, então ontem eu realmente tive sorte.

Dedo Empoeirado enfiou um pouco de macarrão no bolso, a salvo do olhar de Elinor, mas não do de Meggie.

— Admito que saio à noite para passear. O mundo fica mais ao meu gosto, silencioso, quase deserto e significativamente mais misterioso. Hoje à noite, porém, não pretendo passear. Apesar disso, devo lhe pedir para que ligue esse fabuloso sistema um pouco mais tarde.

— Ah, é? E por quê, se me permite perguntar?

Dedo Empoeirado piscou para Meggie.

— Bem, eu prometi à pequena senhorita aqui presente uma apresentaçãozinha, que deverá ter início aproximadamente uma hora antes da meia-noite.

— Ah! — Elinor limpou o molho da boca com o guardanapo. — Uma apresentação. E que tal se o senhor a fizesse durante o dia? Afinal a senhorita aqui presente só tem doze anos de idade e deveria estar na cama às oito.

Meggie apertou os lábios. Desde que fizera cinco anos não precisava mais ir para a cama às oito horas, mas não se deu ao trabalho de explicar isso a Elinor. Em vez disso, ficou observando como Dedo Empoeirado reagia serenamente aos olhares hostis da anfitriã.

— Bem, durante o dia, os números que pretendo apresentar para Meggie não desenvolveriam o efeito correto — ele disse, e recostou-se novamente em sua cadeira. — Para que isso aconteça, o manto negro da noite se faz necessário, infelizmente. Mas por que a senhora não assiste também? Aí entenderá a necessidade de a coisa toda acontecer no escuro.

— Aceite a oferta, Elinor! — disse Mo. — Você vai gostar da apresentação. Talvez depois disso o fogo não lhe pareça mais tão sinistro.

— Não me parece sinistro. Eu apenas não gosto dele! — observou Elinor, com o rosto impassível.

— Ele também sabe fazer malabarismos — Meggie exclamou. — Com oito bolas.

— Onze — corrigiu Dedo Empoeirado. — Mas malabarismo é mais adequado para o dia.

Elinor apanhou um fio de macarrão da toalha e olhou com cara mal-humorada para Meggie e depois para Dedo Empoeirado.

— Está bem. Não vou bancar a desmancha-prazeres — ela disse. — Ligarei o alarme e me deitarei na minha cama com um livro às nove e meia, como faço todas as noites, mas, quando Meggie vier me avisar que está indo para a sua apresentação particular, desligarei o alarme novamente por uma hora. É suficiente?

— Perfeitamente — disse Dedo Empoeirado, fazendo uma mesura tão profunda que bateu com a ponta do nariz na borda do prato.

Meggie segurou uma risada.

Eram cinco para as onze quando Meggie bateu na porta do quarto de Elinor.

— Entre! — ouviu Elinor exclamar, e quando colocou a cabeça no lado de dentro, a viu sentada em sua cama, profundamente curvada sobre um catálogo grosso como uma lista telefônica, murmurando: — Muito caro, muito caro! Guarde bem um conselho: nunca arrume uma paixão para a qual o seu dinheiro não é suficiente. Ela corrói o seu coração como uma traça. Veja este livro aqui, por exemplo!

Elinor bateu com tanta força com o dedo na página esquerda do catálogo que Meggie não teria se espantado se tivesse feito um furo.

— Olhe que edição, e em tão bom estado. Faz quinze anos que quero comprá-la, mas é cara, muito cara.

Com um suspiro, Elinor fechou o catálogo, jogou-o no tapete e esticou as pernas para fora da cama. Meggie se surpreendeu ao ver que ela usava uma camisola florida comprida, que a fazia parecer muito mais jovem, quase como uma menina que um dia acordou com rugas no rosto.

— Bem, acho que você não vai ser tão louca quanto eu! — ela resmungou enquanto vestia umas meias grossas nos pés descalços. — Seu pai não tem queda para a loucura e a sua mãe também não tinha. Ao contrário, nunca conheci ninguém com uma cabeça tão fresca. Já o meu pai era pelo menos tão maluco quanto eu. Mais da metade dos meus livros eu herdei dele, e de que isso adiantou? Eles o protegeram da morte? Ao contrário. O derrame o surpreendeu num leilão de livros. Não é irônico?

Mesmo com toda a boa vontade, Meggie não conseguiu achar o que dizer sobre o assunto.

— Minha mãe? — ela perguntou no lugar. — Você a conheceu bem?

Elinor bufou como se ela tivesse feito uma pergunta obscena.

— Mas é claro que sim. O seu pai a conheceu aqui. Ele não lhe contou?

Meggie fez que não.

— Ele não fala muito dela.

— Bem, talvez seja melhor assim. Para que ficar cutucando antigas feridas? E você nem se lembra dela. O símbolo na porta da biblioteca foi ela quem pintou. Mas agora venha. Senão você vai perder a sua apresentação.

Meggie seguiu Elinor pelo corredor escuro. Por um instante, teve a sensação maluca de que sua mãe poderia sair por uma das muitas portas e sorrir para ela. Quase não havia luzes acesas em toda a gigantesca casa, e de vez em quando Meggie batia o joelho numa cadeira ou numa mesinha que não vira na escuridão.

— Por que está escuro aqui? — ela perguntou enquanto Elinor tateava as paredes à procura do interruptor.

— Porque prefiro gastar meu dinheiro com livros a gastar com eletricidade supérflua! — respondeu Elinor, e olhou irritada para a lâmpada que se acendeu como se, em sua opinião, aquela coisa estúpida pudesse gastar menos eletricidade. Então foi até a caixa de metal que ficava na parede ao lado da porta de entrada, escondida atrás de uma cortina poeirenta. Enquanto abria a caixa, disse: — Espero que você tenha apagado a luz do seu quarto antes de vir para cá.

— Claro — disse Meggie, mesmo não sendo verdade.

— Vire-se! — ordenou Elinor, antes de se voltar para a instalação do alarme com a testa franzida. — Meu Deus do céu, todos esses botões, espero não ter feito nada de errado de novo. Avise-me assim que a apresentação terminar. E nem pense em aproveitar a ocasião para entrar na minha biblioteca e pegar um livro. Lembre-se de que estarei bem ao lado, e tenho ouvidos melhores do que os de um morcego.

Meggie segurou a resposta que estava na ponta da língua. Elinor abriu a porta da casa para ela. Sem dizer uma palavra, passou pela tia e foi para fora. Era uma noite amena, repleta de cheiros estranhos e grilos cantando.

— Você sempre foi assim tão gentil com a minha mãe também? — ela perguntou quando Elinor ia fechar a porta atrás dela.

Elinor olhou para ela por um momento como que petrificada.

— Acho que sim — ela disse. — Sim, é claro. E ela era exatamente tão arrogante quanto você. Divirta-se com o seu devorador de fósforos!

Então ela fechou a porta.

*

Meggie andava pelo jardim escuro atrás da casa, quando de repente ouviu música. Ela preencheu a noite instantaneamente, como se estivesse somente esperando pelos passos de Meggie: era uma música que soava estranha, um confusão bizarra de sinos, flautas e tambores, alegre e triste ao mesmo tempo. Meggie não teria se espantado se todo um bando de saltimbancos estivesse esperando por ela no gramado atrás da casa de Elinor, mas apenas Dedo Empoeirado estava lá.

Ele aguardava no mesmo lugar em que Meggie o havia encontrado à tarde. A música vinha de um toca-fitas que estava no chão ao lado da espreguiçadeira. Dedo Empoeirado havia colocado um banco de jardim na beira do gramado para sua espectadora. À direita e à esquerda do banco, tochas acesas estavam fincadas na terra. No gramado havia outras duas tochas, cujas chamas desenhavam sombras que tremulavam na noite e dançavam na grama, como criados que Dedo Empoeirado houvesse trazido de um mundo obscuro para aquela ocasião.

Ele próprio estava de pé, com o dorso nu, a pele branca como a lua que pairava sobre a casa de Elinor. Era como se ela também tivesse vindo especialmente para a apresentação de Dedo Empoeirado.

Quando Meggie emergiu da escuridão, Dedo Empoeirado fez uma mesura.

— Por favor, tome assento, bela senhorita — ele exclamou no meio da música. — Tudo estava esperando apenas por você.

Encabulada, Meggie sentou-se no banco e olhou ao seu redor. Na espreguiçadeira estavam as duas garrafas de vidro escuro que ela vira na sacola de Dedo Empoeirado. A da esquerda tinha um brilho esbranquiçado, como se Dedo Empoeirado tivesse engarrafado um pouco de luar. Uma série de tochas com cabeças brancas de algodão estavam enfiadas entre as ripas de madeira da espreguiçadeira e, ao lado do toca-fitas,

havia um balde e um grande vaso abaulado que, se a memória de Meggie não falhava, provinha do vestíbulo de Elinor.

Por um breve momento, ela deixou o olhar passear pelas janelas da casa. No quarto de Mo a luz estava apagada, provavelmente ele ainda estava trabalhando, mas no andar de baixo ela viu Elinor, atrás de uma janela iluminada. Quando Meggie olhou em sua direção, ela fechou a cortina como se tivesse notado seu olhar, mas uma sombra escura ainda se desenhava na cortina amarelo-clara.

— Está ouvindo o silêncio? — Dedo Empoeirado desligou o gravador.

O silêncio da noite pousou como um chumaço de algodão nos ouvidos de Meggie. Nenhuma folha se mexia, apenas se ouvia o crepitar das tochas e o cricrilar dos grilos.

Dedo Empoeirado ligou a música mais uma vez.

— Falei pessoalmente com o vento — ele disse. — Pois é, uma coisa você precisa saber: quando o vento encasqueta de brincar com o fogo, nem mesmo eu consigo domá-lo. Mas ele me garantiu que vai se comportar direitinho esta noite e que não estragará a nossa brincadeira.

Com essas palavras, Dedo Empoeirado pegou uma das tochas que estavam enfiadas na espreguiçadeira de Elinor. Tomou um gole da garrafa com o luar aprisionado e cuspiu uma coisa esbranquiçada no grande vaso. Depois disso, mergulhou no balde a tocha que tinha na mão, tirou-a novamente e encostou sua ponta de algodão gotejante numa de suas irmãs em chamas. O fogo pegou tão de repente que Meggie teve um sobressalto. Dedo Empoeirado, porém, levou a segunda garrafa aos lábios e encheu a boca até que suas bochechas marcadas por cicatrizes ficassem inchadas, parecendo a ponto de arrebentar. Então ele inspirou fundo, bem fundo, esticou o corpo num arco e cuspiu no ar, acima das tochas em chamas, fosse lá o que estivesse em sua boca.

Uma bola de fogo pairava sobre o gramado de Elinor, uma bola de fogo clara e cintilante. Como uma coisa viva, ela ia devorando a escuridão. E era grande, tão grande, que Meggie tinha certeza de que tudo o que estava ao seu redor se consumiria em chamas no próximo instante, tudo, o gramado, a cadeira e o próprio Dedo Empoeirado. Mas ele girou em torno de si mesmo, dançando alegre como uma criança, e cuspiu fogo mais uma vez. Ele o lançou bem alto no céu, como se quisesse incendiar as estrelas. Então acendeu uma segunda tocha e passou a chama pelos seus braços nus. Parecia feliz como um menino que brincava com seu bichinho favorito. O fogo lambia sua pele como um ser vivo feito de labaredas, que se tornara amigo e o

acariciava, dançava para ele e espantava a noite. Ele jogou a tocha para o alto, onde a bola de fogo acabara de arder, apanhou-a novamente, acendeu mais uma e ainda outra, e começava a fazer malabarismos com três, quatro, cinco tochas. O fogo rodopiava ao seu redor, dançava com ele, sem mordê-lo: Dedo Empoeirado, o domador de chamas, cuspidor de faíscas, o amigo do fogo. Ele fez as tochas desaparecerem, como se a escuridão as tivesse devorado, e sorriu fazendo uma mesura diante da emudecida Meggie.

Como que enfeitiçada, ela estava ali, sentada no banco duro, e não se cansava de ver. Ele pôs a garrafa na boca mais uma vez e começou a cuspir fogo no rosto escuro da noite.

Mais tarde, Meggie não saberia dizer o que desviou seu olhar das tochas rodopiantes e da chuva de fagulhas para a casa e suas janelas. Talvez ela tenha sentido a presença do mal na pele como um calor ou um frio repentino… mas também talvez o que atraiu seu olhar tenha sido simplesmente a luz que de repente começara a vazar das janelas fechadas da biblioteca sobre as azaleias que cresciam agarradas à parede. Talvez.

Ela pensou ter ouvido vozes, mais altas do que a música de Dedo Empoeirado, vozes de homens, e um medo terrível se espalhou em seu coração, tão escuro e estranho como na noite em que Dedo Empoeirado aparecera lá fora no pátio de sua casa.

Quando ela se levantou de repente, uma tocha escorregou da mão de Dedo Empoeirado e caiu na grama. Ele pisoteou rapidamente o fogo antes que se alastrasse e então, sem dizer uma palavra, seguiu o olhar de Meggie na direção da casa.

Ela desatou a correr. O cascalho rangia sob seus sapatos. A porta estava entreaberta, não havia luz no vestíbulo, mas Meggie ouviu vozes no corredor que dava para a biblioteca.

— Mo? — ela chamou, e lá estava o medo novamente, picando seu coração com o bico curvo que tinha.

A porta da biblioteca também estava aberta. Exatamente no instante em que Meggie ia entrar, duas mãos fortes a agarraram pelos ombros.

— Quieta! — sussurrou Elinor, e puxou-a para dentro do quarto.

Meggie viu como seus dedos tremiam quando ela trancou a porta.

— Me larga! — Meggie arrancou a mão de Elinor, tentou girar a chave de volta, quis gritar que precisava ajudar o pai, mas Elinor apertou a mão contra a sua boca e arrastou-a para longe da porta, apesar de Meggie se debater e pisar no chão com força. Elinor era forte, muito mais forte do que Meggie.

— Eles são muitos! — ela sussurrou, enquanto Meggie tentava morder seus dedos. — Quatro ou cinco sujeitos grandalhões, e estão armados.

Ela puxou Meggie, apesar de sua resistência, para a parede ao lado da cama.

— Já pensei centenas de vezes em comprar um maldito revólver! — ela sussurrou enquanto encostava o ouvido na parede. — Que nada, milhares de vezes.

— É claro que ele está aqui! — Meggie ouviu a voz, sem precisar encostar o ouvido na parede. Era uma voz áspera, como a língua de um gato. — Quer que busquemos a filhinha dele no jardim para que ela nos mostre? Ou prefere fazer isso você mesmo?

Meggie tentou mais uma vez tirar a mão de Elinor de sua boca.

— Fique quieta de uma vez! — assoprou Elinor em seu ouvido. —Você só vai colocá-lo em perigo. Não está ouvindo?

— Minha filha? O que vocês sabem da minha filha? — Era a voz de Mo.

Meggie começou a chorar. Imediatamente, os dedos de Elinor taparam sua boca — Tentei chamar a polícia! — ela cochichou em seu ouvido. — Mas o telefone está mudo.

— Oh, sabemos tudo o que precisamos. — Era a outra voz novamente. — Então, onde está o livro?

— Está bem, entregarei o livro! — a voz de Mo soou cansada. — Mas irei com vocês, pois quero o livro de volta assim que Capricórnio não precisar mais dele.

"Irei com vocês..." O que ele estava querendo dizer? Ele não podia simplesmente ir embora. Meggie quis voltar para a porta, mas Elinor segurou-a com firmeza. Meggie quis empurrá-la, mas Elinor agarrou-a com seus braços fortes e tapou sua boca mais uma vez.

— Melhor ainda. Íamos levá-lo de qualquer forma — disse uma das vozes. Ela soou lenta e rude ao mesmo tempo. — Você não vai acreditar em como Capricórnio anseia por ouvir a sua voz. Ele confia muito nas suas capacidades.

— É verdade, o substituto que Capricórnio encontrou para você é um tremendo ignorante. — Era outra vez a voz de gato. Meggie ouviu então o barulho de pés se arrastando. — Veja Cockerell. Ele está manco, e Nariz Chato tinha uma cara bem melhor. E olha que ele não era nenhuma beldade.

— Chega de conversa fiada. Basta, não temos todo o tempo do mundo. E então, vamos levar logo a filha também? — mais uma voz. Ela soava como se alguém apertasse o nariz de seu dono.

— Não! — disse Mo energicamente. — Minha filha fica aqui, ou não entregarei o livro!

Um dos homens riu.

— Ah, entregará, sim, Língua Encantada, aliás você *entregaria,* sim, mas pode ficar tranquilo. Não estamos pensando em levar a sua filha. Uma criança só nos causaria atrasos, e Capricórnio já está esperando por você há muito tempo. Então, onde está o livro?

Meggie encostou o ouvido na parede com tanta força que doeu. Ela ouviu passos e depois um barulho, como se algo fosse empurrado e raspasse em outra coisa.

Ao seu lado, Elinor prendeu a respiração.

— Nada mau este esconderijo! — disse a voz de gato. — Cockerell, pegue-o. E tome conta. Vá na frente, Língua Encantada. Vamos.

Eles foram. Meggie tentou desesperadamente se soltar do braço de Elinor. Ela ouviu a porta da biblioteca bater e os passos se afastarem, soando cada vez mais baixos. Então tudo ficou em silêncio. E Elinor finalmente a soltou.

Soluçando, Meggie precipitou-se para a porta, abriu-a e correu até a biblioteca.

Ela estava vazia. Mo se fora.

Os livros continuavam arrumados em suas prateleiras, apenas num ponto havia uma falha, grande e escura. Meggie acreditou ter visto entre os livros, bem escondida, uma portinhola, e ela estava aberta.

— Incrível! — ela ouviu Elinor dizer em suas costas. — Eles realmente estavam procurando aquele livro.

Meggie empurrou-a para o lado e correu para o corredor.

— Meggie! — exclamou Elinor atrás dela. — Espere!

Mas esperar o quê? Que os estranhos levassem seu pai embora? Ela ouviu como Elinor começou a correr atrás dela. Seus braços talvez fossem mais fortes, mas as pernas de Meggie eram mais rápidas.

Ainda não havia luz no vestíbulo. A porta estava escancarada e um vento frio bateu em Meggie quando ela se lançou ofegante na noite.

— Mo! — ela gritou.

Ela pensou ter visto os faróis de um carro no ponto em que o caminho se perdia entre as árvores, e então ouviu o estouro de um motor. Meggie correu para lá. Tropeçou no cascalho úmido de sereno e caiu de joelhos. O sangue escorria quente pela sua perna, mas Meggie não deu atenção. Continuou a correr, mancando e soluçando, até chegar ao grande portão de ferro lá embaixo.

Mas a estrada atrás dele estava vazia.

E Mo se fora.

7. O que a noite oculta

É melhor ter mil inimigos fora de casa do que um único dentro dela.

Provérbio árabe

Dedo Empoeirado escondeu-se atrás do tronco de uma castanheira quando Meggie passou. Viu como ela parou no portão e ficou olhando para a estrada. Escutou-a chamar pelo pai com voz quase sumida. Os gritos perderam-se na escuridão, pouco mais altos do que o cricrilar de um grilo na grande noite escura. Então, de repente, tudo ficou em silêncio e Dedo Empoeirado viu a figura esguia de Meggie parada, como se nunca mais fosse voltar a se mexer. Todas as forças pareciam tê-la abandonado, como se a próxima lufada de vento pudesse levá-la dali.

Ela ficou um bom tempo assim. Tanto tempo que Dedo Empoeirado, de vez em quando, fechava os olhos para não ter que vê-la. Mas então ele a ouviu chorar e seu rosto ficou quente de vergonha, como se o vento fosse queimá-lo com o fogo com o qual acabara de brincar. Ele ficou ali quieto, com as costas prensadas contra o tronco da árvore, esperando que Meggie voltasse para a casa. Mas ela não se mexia.

Finalmente, quando suas pernas já estavam totalmente entorpecidas, ela se virou, como uma marionete que alguém puxasse por um fio, e começou a andar de volta para a casa. Não estava mais chorando quando passou por Dedo Empoeirado, apenas enxugava as lágrimas com as mãos e, durante um momento terrível, ele teve o impulso de correr até ela para consolá-la e explicar-lhe por que contara tudo a Capricórnio. Mas então Meggie já havia passado. Ela acelerou o passo, como se suas forças tivessem voltado. Correu cada vez mais depressa, até que sumiu entre as árvores escuras.

E Dedo Empoeirado saiu de trás da árvore, jogou a mochila nas costas, pegou as duas sacolas com seus pertences e, com passos rápidos, começou a andar em direção ao portão ainda aberto.

A noite o engoliu como a uma raposa predadora.

8. Sozinha

— Meu bem — disse minha avó finalmente. — Você não está triste porque terá que continuar a ser um rato pelo resto da sua vida, não é?

— Para mim tanto faz — respondi. — Não tem a menor importância quem a pessoa é ou qual é a sua aparência, contanto que alguém a ame.

Roald Dahl, *As bruxas*

Elinor estava na porta iluminada quando Meggie voltou. Ela vestira um sobretudo por cima da camisola. A noite estava quente, mas um vento frio começara a soprar do mar. Como a menina parecia desesperada, perdida... Elinor lembrou-se dessa sensação. Não havia nenhuma pior.

— Eles levaram Mo! — A voz de Meggie estava quase sufocada pela raiva impotente. Ela olhou para Elinor com um olhar hostil. — Por que você me segurou? Podíamos ter ajudado!

Meggie havia cerrado os punhos, como que para bater nela se pudesse.

Elinor também se lembrava dessa sensação. Às vezes queremos bater em todo mundo, mas não adianta nada, absolutamente nada. A dor permanece.

— Não fale uma bobagem dessas! — ela disse rudemente. — Como poderíamos ter feito isso? Eles teriam levado você junto. O seu pai gostaria disso? Isso teria adiantado alguma coisa? Não. Então pare de perambular por aí e entre em casa.

Mas a menina não se mexeu.

— Eles vão levar Mo até Capricórnio! — ela sussurrou, tão baixinho que Elinor mal pôde entender.

— Até quem?

Meggie apenas sacudiu a cabeça e enxugou as lágrimas com a manga.

— Logo a polícia estará aqui — disse Elinor. — Eu liguei do celular do seu pai. Eu nunca quis um desses trambolhos, mas acho que agora vou comprar um. Eles simplesmente cortaram o fio do telefone.

Meggie ainda não havia se mexido. Ela tremia.

— Eles já estão longe! — ela disse.

— Meu Deus do céu, não vai acontecer nada com ele!

Elinor fechou o sobretudo. O vento estava mais forte. Iria chover, com certeza.

— Como é que você pode saber? — a voz de Meggie tremia de raiva.

"Meu Deus, se olhar matasse", pensou Elinor, "agora eu já estava morta e enterrada."

— Oras, ele não quis ir por vontade própria? — ela respondeu, irritada. — Você também ouviu, não foi?

A menina baixou a cabeça. Era claro que tinha ouvido.

— É verdade! — ela sussurrou. — Ele se preocupou mais com o livro do que comigo.

Elinor não sabia o que responder. O próprio pai dela sempre tivera a firme convicção de que era preciso se preocupar mais com livros do que com filhos. E, depois que ele morrera inesperadamente, ela e suas duas irmãs ainda ficaram durante anos com a sensação de que ele estava na biblioteca como de costume, tirando o pó dos livros. Mas o pai de Meggie era diferente.

— Bobagem, é claro que ele se preocupou com você! Não conheço nenhum pai tão louco pela filha quanto o seu. Você vai ver. Ele vai voltar logo. E agora entre de uma vez! — ela estendeu a mão para Meggie. — Vou lhe preparar um leite quente com mel. Não é isso que se dá para as crianças que estão muito tristes?

Mas Meggie nem viu direito a mão. Ela se virou de repente e saiu correndo. Como se tivesse se lembrado de alguma coisa.

— Ei, espere!

Depois de praguejar, Elinor calçou os tamancos que usava para cuidar do jardim e foi atrás dela. Aquela tontinha estava indo para trás da casa, para onde o devorador de fogo fizera sua apresentação. Mas a grama estava vazia, obviamente. Apenas as tochas queimadas ainda estavam no chão.

— Pois é, o senhor devorador de fósforos parece ter partido também — disse Elinor. — Pelo menos, dentro de casa ele não está.

— Talvez ele tenha ido atrás deles! — A menina foi até uma das tochas queimadas e passou a mão nas cabeças carbonizadas. — Isso mesmo! Ele viu o que aconteceu e foi atrás deles!

Ela olhou esperançosa para Elinor.

— Com certeza. Deve ter sido isso. — Elinor realmente se esforçou para não parecer irônica. "Como você acha que ele foi atrás deles? A pé?", ela acrescentou em pensamento. Mas, em vez de dizer isso, ela pôs a mão no ombro de Meggie. Deus do céu, a garota ainda tremia.

— Agora venha! — ela disse. — Logo a polícia estará aqui e, por enquanto, realmente não podemos fazer nada. Você vai ver, em alguns dias o seu pai estará de volta, e talvez o seu amigo cuspidor de fogo esteja junto com ele. Mas até lá teremos que aguentar isso juntas, está bem?

Meggie apenas fez que sim com a cabeça. Sem oferecer resistência, ela se deixou levar até a casa.

— Ainda tenho uma condição — disse Elinor, quando chegaram à porta da casa.

Meggie olhou para ela desconfiada.

— Enquanto estivermos as duas sozinhas aqui, você poderia parar de olhar para mim desse jeito como se estivesse com vontade de me envenenar? É possível dar um jeito nisso?

No rosto de Meggie, esboçou-se um sorriso meio perdido.

— Acho que sim — ela disse.

Os dois policiais, que em algum momento estacionaram a viatura no pátio coberto de cascalho, fizeram muitas perguntas, mas nem Elinor nem Meggie puderam responder a elas. Não, Elinor nunca vira antes os homens. Não, eles não roubaram dinheiro nem nada de valor, além de um livro. Os dois homens trocaram um olhar de deboche quando Elinor disse isso. Irritada, ela deu uma pequena palestra sobre o valor de livros raros, o que só piorou ainda mais as coisas. Quando Meggie finalmente disse que eles descobririam onde seu pai estava se conseguissem encontrar um certo Capricórnio, os dois trocaram olhares como se a garota tivesse afirmado seriamente que seu pai fora raptado pelo lobo mau. Então eles foram embora. E Elinor levou Meggie para o quarto. Aquela tolinha já estava novamente com lágrimas nos olhos e

Elinor não tinha a menor ideia de como se fazia para consolar uma menina de doze anos, então apenas disse: — Sua mãe também dormia sempre neste quarto.

O que provavelmente era a coisa mais errada que ela poderia ter dito. Por isso, acrescentou bem depressa: — Leia alguma coisa se não conseguir dormir. — Depois pigarreou duas vezes e foi andando pela casa vazia e escura de volta para o próprio quarto.

Por que de repente a casa lhe parecia infinitamente grande e vazia? Em todos aqueles anos em que vivera sozinha ali, Elinor nunca se incomodara com o fato de que, atrás de todas aquelas portas, houvesse apenas livros esperando por ela. Já fazia muito tempo que ela havia brincado de esconde-esconde nos quartos e corredores com suas irmãs. O cuidado com que elas abriam a porta da biblioteca…

Lá fora o vento fustigava as janelas. "Meu Deus do céu, não vou conseguir pregar o olho", pensou Elinor. Então ela pensou no livro que a esperava ao lado da sua cama e, com uma mistura de expectativa alegre e consciência pesada, entrou em seu quarto.

9. Uma troca ruim

Um grande e doloroso mal de livros inunda a alma. Que ignominioso estar atado a essa pesada massa de papel, letras e sentimentos de homens mortos. Não seria melhor, mais nobre e mais heroico deixar esse lixo onde está e sair mundo afora — como um super-homem livre, desimpedido e analfabeto?

Solomon Eagle, *A mudança de uma biblioteca*

Naquela noite, Meggie não dormiu na sua cama. Assim que os passos de Elinor silenciaram, ela correu para o quarto de Mo.

Ele ainda não havia desfeito a mala, que estava aberta ao lado da cama. Apenas seus livros já estavam no criado-mudo, junto com uma barra de chocolate que ele começara a comer. Mo era louco por chocolate. Nem mesmo o mais bolorento Papai Noel de chocolate estava a salvo dele. Meggie partiu um pedaço do que sobrara do doce e o pôs na boca, mas não tinha gosto de nada. A não ser de tristeza.

O cobertor de Mo estava frio quando ela se enfiou debaixo dele, e os lençóis também ainda não tinham seu cheiro, cheiravam a sabão em pó e amaciante de roupas. Meggie pôs a mão embaixo do travesseiro. Ali estava: não era um livro, era uma foto. Meggie pegou-a. Uma foto de sua mãe, Mo sempre a deixava debaixo do travesseiro. Quando era pequena, Meggie pensava que Mo simplesmente havia inventado uma mãe em algum momento, porque achava que ela gostaria de ter uma. Ele contava histórias maravilhosas sobre ela. "Ela gostava de mim?", Meggie perguntava. "Muito." "Onde ela está?" "Ela teve que ir embora quando você tinha três anos." "Por quê?" "Ela teve que ir" "Para longe?" "Sim, para muito longe" "Ela está morta?" "Não, com toda a certeza, não." Meggie se acostumara a ouvir de Mo respostas estranhas para certas perguntas. E, aos dez anos, não acreditava mais numa mãe que Mo havia inventado, e sim numa que simplesmente se fora. Essas coisas aconteciam. E, enquanto Mo esteve lá, ela também não sentira especialmente a falta de uma mãe.

Mas agora ele se fora.

E ela estava sozinha com Elinor e seus olhos de pedra fria.

Ela tirou o pulôver de Mo da mala e pressionou o rosto contra ele. "A culpa é do livro", ela não parava de pensar. "A culpa é toda desse livro. Por que Mo não o

entregou para Dedo Empoeirado?" Ficar com raiva pode ajudar quando não se sabe o que fazer com tanta tristeza. Mas as lágrimas voltaram assim mesmo, e Meggie adormeceu com um gosto salgado nos lábios.

Quando ela despertou, de repente, com o coração aos pulos e os cabelos empapados de suor, estava tudo ali novamente: os homens, a voz de Mo e a estrada vazia. "Vou procurá-lo", pensou Meggie. "Sim, é isso o que vou fazer." Lá fora o céu se coloria de vermelho. Não demoraria muito para o sol nascer. Era melhor partir antes que o dia clareasse.

O casaco de Mo estava pendurado na cadeira debaixo da janela, como se ele tivesse acabado de despi-lo. Meggie tirou a carteira do bolso interno, poderia precisar do dinheiro. Depois foi até o próprio quarto pegar algumas coisas, apenas o estritamente necessário: uma muda de roupa e uma foto dela e de Mo, para mostrar às pessoas quando perguntasse por ele. O baú, naturalmente, ela não poderia levar. Sua primeira ideia foi escondê-lo debaixo da cama, mas depois ela decidiu escrever um bilhete para Elinor: "*Querida Elinor*", ela escreveu, embora na verdade não achasse que aquele fosse o tratamento adequado para Elinor, e a seguir se perguntou se deveria tratá-la por você ou usar o tratamento de senhora. "Ah, imagina, tias a gente trata por você", ela pensou, "além disso, fica mais fácil." "*Tenho que ir procurar o meu pai*", ela continuou. "*Estou escrevendo para você não ficar preocupada*", isso de qualquer forma ela não ficaria. "*Por favor, não diga nada à polícia, senão eles irão me procurar e me trazer de volta. No baú estão os meus livros favoritos. Infelizmente, não posso levá-los. Por favor, cuide deles, virei buscá-los assim que tiver encontrado o meu pai. Obrigada, Meggie*.

P.S.: Eu sei exatamente quantos livros há no baú."

Essa última frase Meggie riscou, pois só serviria para irritar Elinor e nesse caso ela poderia não querer cuidar bem dos livros. Ela quem sabe até os vendesse. Afinal, Mo fizera uma capa muito bonita para cada um deles. Não havia nenhum encadernado em couro — Meggie não queria ter que imaginar que um bezerro ou um porco fora esfolado por causa de seus livros. Felizmente, Mo era capaz de entender esse tipo de coisa. Havia muitos séculos, como certa vez ele contara a Meggie, as capas dos livros especialmente valiosos eram feitas de pele de bezerros ainda não nascidos: *Charta virginea non nata*, um nome com um som tão bonito para uma coisa tão terrível. "E nesses livros", dissera Mo, "havia muitas palavras sábias sobre o amor, o bem e a compaixão."

Enquanto pegava suas coisas, Meggie fazia um esforço para não pensar, pois sabia que isso a levaria à pergunta: onde procurar. Ela punha o pensamento de lado a cada vez, mas em algum momento suas mãos começaram a ficar mais lentas, até que ao final ela estava ali, parada ao lado da sacola cheia, sem poder mais fingir que não ouvia aquela vozinha cruel dentro de si. "E agora diga: onde você pretende procurar, Meggie?", ela sussurrava. "Você vai pegar a estrada para a esquerda ou para a direita? Nem isso você sabe. Até onde você acha que vai chegar antes que a polícia a apanhe? Uma menina de doze anos com uma sacola na mão, uma história maluca sobre um pai desaparecido e nenhuma mãe para a qual possam levá-la de volta!"

Meggie tapou os ouvidos. Mas de que adiantava, se ela lutava contra uma voz que vinha de sua própria cabeça ou de algum outro lugar dentro dela? Meggie ficou ali, com as mãos nas orelhas, por um bom tempo. Então sacudiu a cabeça até a voz finalmente se calar e arrastou a sacola para o corredor. Ela estava pesada, muito pesada. Meggie abriu-a novamente e jogou tudo de volta no quarto. Ficou somente com um pulôver (de um ela precisava, pelo menos um), a foto e a carteira de Mo. Assim ela poderia carregar a sacola, por mais longe que precisasse ir.

Desceu a escada de mansinho, com a sacola na mão e o bilhete para Elinor na outra. O sol da manhã já se infiltrava pelas frestas das janelas, mas na grande casa o silêncio era completo, como se os próprios livros estivessem dormindo nas estantes. Apenas do quarto de Elinor vinha um ronco suave. Meggie queria enfiar o bilhete por baixo da porta, mas ele não passava. Hesitou por um momento e então girou a maçaneta. O quarto de Elinor estava claro, apesar das janelas fechadas. O abajur ao lado da cama estava aceso, Elinor devia ter adormecido enquanto lia. Ela estava deitada de costas, virada para os anjos de gesso no teto, com a boca entreaberta, e tinha um livro no peito. Meggie o reconheceu imediatamente.

Com alguns passos, ela estava ao lado da cama.

— Onde você arranjou esse livro? — ela gritou enquanto o arrancava dos braços frouxos da tia. — Ele pertence ao meu pai!

Elinor acordou sobressaltada, como se Meggie tivesse jogado água quente no seu rosto.

— Você o roubou! — gritou Meggie, fora de si de tanta raiva. — E trouxe esses homens! É isso mesmo! Você e esse Capricórnio estão mancomunados! Você mandou eles levarem o meu pai e sabe Deus o que fez com o pobre Dedo Empoeirado! Você

queria ficar com o livro, desde o começo! Eu vi como você olhou para ele… como se fosse vivo! Ele deve valer um milhão ou dois ou três…

Elinor sentou-se na cama e ficou olhando para as flores de sua camisola sem dizer nada. Somente quando Meggie começou a respirar com dificuldade, ela se mexeu.

— Acabou? — ela perguntou. — Ou pretende gritar até ter uma síncope?

Sua voz soava rude como sempre, mas havia um outro tom: era o sentimento de culpa.

— Vou contar tudo à polícia! — exclamou Meggie. — Vou contar que você roubou o livro e dizer a eles que perguntem para você onde está o meu pai.

— Eu salvei você! E salvei este livro também!

Elinor pôs as pernas para fora da cama, andou até a janela e abriu-a.

— Ah, é? E Mo? — A voz de Meggie se elevou novamente. — O que vai acontecer quando descobrirem que ele entregou o livro errado? Você é a culpada se acontecer alguma coisa com ele. Dedo Empoeirado disse que Capricórnio vai matar Mo se ele não der o livro. Ele vai matar Mo!

Elinor pôs a cabeça para fora da janela e respirou fundo. Então ela se virou novamente.

— Mas isso é um absurdo — ela disse, irritada. — Você leva muito a sério o que esse devorador de fósforos conta. E, sem dúvida nenhuma, andou lendo muitas histórias de aventura ruins. Matar o seu pai, meu Deus do céu, ele não é nenhum agente secreto ou qualquer outra coisa perigosa! Ele restaura livros antigos! Essa não é exatamente uma profissão de risco! Eu só queria dar uma olhada no livro sossegada. E apenas por isso o troquei. Como eu poderia adivinhar que essas figuras esquisitas apareceriam aqui no meio da noite para levar o livro e o seu pai junto? Ele me disse que não sei qual colecionador maluco o importunava havia anos por causa do livro. Como eu poderia saber que esse colecionador era chegado em assaltar casas e sequestrar pessoas? Nem mesmo eu pensaria em fazer uma coisa dessas. Bem, a não ser talvez por um ou dois livros no mundo todo.

— Mas Dedo Empoeirado disse. Ele disse que Capricórnio mataria Mo! — Meggie segurou o livro com firmeza, como se somente assim pudesse impedir que acontecesse outra desgraça. Ela tinha a sensação de ouvir novamente a voz de Dedo

Empoeirado, e repetiu sussurrando o que ele havia lhe dito sobre Capricórnio: — "Ele se deliciaria em ver o pobre bichinho estrebuchar, como se bebesse o mais puro mel".

— O quê? De quem você está falando agora? — Elinor sentou-se na beira da cama e puxou Meggie para perto. — Agora você vai me contar tudo o que sabe. Vamos lá, sem papas na língua!

Meggie abriu o livro. Ela começou a folhear, até que encontrou novamente o grande *H* onde estava sentado o animal que tanto se parecia com Gwin.

— Meggie! Ei, estou falando com você! — Elinor sacudiu seus ombros sem muita delicadeza. — De quem você estava falando?

— De Capricórnio.

Meggie apenas sussurrou o nome. Parecia haver perigo impregnado em cada letra dele.

— Capricórnio. E daí? Já ouvi você dizer esse nome algumas vezes. Mas quem é, com mil demônios, esse Capricórnio?

Meggie fechou o livro, alisou a capa com a mão e examinou-o por todos os lados.

— Não tem título — ela murmurou.

— Não, nem na capa nem dentro, na folha de rosto. — Elinor levantou-se e foi até o guarda-roupa. — Existem muitos livros dos quais você não fica sabendo o título logo de cara. Afinal de contas, escrevê-lo na capa é um costume relativamente recente. Quando os livros ainda eram encadernados de forma que as lombadas se curvavam para dentro, no máximo o título aparecia por fora no corte lateral das páginas, porém na maioria dos casos era necessário abrir o livro para conhecê-lo. Apenas quando os encadernadores aprenderam a fazer lombadas arredondadas é que o título foi para lá.

— Eu sei! — disse Meggie, impaciente. — Mas este não é um livro antigo. Eu sei reconhecer um livro antigo.

Elinor lançou-lhe um olhar zombeteiro.

— Oh, desculpe! Esqueci que você é uma verdadeira especialista. Mas você tem razão: este livro não é muito antigo. Ele foi publicado há trinta e oito anos, quase exatos. Uma idade verdadeiramente ridícula para um livro! — Elinor desapareceu atrás da porta do guarda-roupa. — Mas mesmo assim ele tem um título, é claro:

chama-se *Coração de tinta*. Suponho que o seu pai o tenha encadernado dessa maneira com a intenção de que não se possa ver pela capa de que livro se trata. Nem mesmo dentro, na primeira página, você encontra o título e, se olhar bem, vai perceber que a página foi arrancada.

A camisola de Elinor caiu no tapete, e Meggie viu como ela enfiou com dificuldade as pernas nuas numa meia-calça.

— Temos que ir à polícia de novo — disse Meggie.

— Para quê? — Elinor jogou um pulôver em cima da porta do armário. — O que você pretende dizer a eles? Você não viu como aqueles dois nos olharam ontem?

Ela falseou a voz e continuou: — "Oh, como foi isso mesmo, senhora Loredan? Alguém entrou na sua casa depois de a senhora ter gentilmente desligado o alarme? Então esses invasores tão habilidosos roubaram um único livro, embora na sua biblioteca haja livros no valor de muitos milhões, e levaram o pai dessa garota, depois de ele próprio ter se oferecido para acompanhá-los! Sei. Muito interessante. E esses homens presumivelmente trabalham para um outro, que se chama Capricórnio. Como o signo do zodíaco." Menina do céu!

Elinor saiu de trás da porta do armário. Ela vestia uma saia xadrez horrível e um pulôver cor de caramelo que a fazia parecer pálida como massa de pão.

— Todo mundo neste lago acha que sou doida e, se eu for mais uma vez à polícia com essa história, vai correr a notícia de que Elinor Loredan agora enlouqueceu definitivamente. O que, por sua vez, seria uma prova de que a paixão pelos livros não é uma coisa nada saudável.

— Você se veste como uma vovó — disse Meggie.

Elinor olhou para si mesma.

— Muito obrigada — ela disse. — Mas comentários sobre a minha aparência não são bem-vindos. Além disso, eu poderia de fato ser a sua avó. Com um pouco de esforço.

— Você já se casou alguma vez?

— Não. Por que eu irira querer? E agora poderia me fazer o favor de parar de fazer perguntas pessoais? O seu pai não lhe ensinou que isso é falta de educação?

Meggie calou-se. Ela mesma não sabia por que tinha feito as perguntas.

— Ele é muito valioso, não é? — ela perguntou.

— *Coração de tinta*? — Elinor tirou o livro da mão de Meggie, alisou a capa e devolveu-o. — Sim, acho que sim. Embora você não encontre um único exemplar nos catálogos e índices que existem sobre livros valiosos. Eu descobri algumas coisas sobre esse livro. Pois é, existe um certo colecionador que ofereceria muito, mas muito dinheiro ao seu pai, caso se espalhasse a notícia de que talvez ele possua o único exemplar. Olha, não deve ser apenas um livro raro, mas também um livro bom. Eu não posso dizer nada a respeito, ontem à noite não consegui passar das primeiras páginas. Quando apareceu a primeira fada, eu peguei no sono. Nunca fui muito fã de histórias com fadas, anões e coisas do gênero. Embora não teria nada contra enfeitar meu jardim com alguns deles.

Elinor foi mais uma vez para trás da porta do armário, pelo jeito ela estava se observando num espelho. O comentário de Meggie sobre as suas roupas aparentemente fizera-a pensar.

— Sim, acho que é muito valioso — ela repetiu num tom pensativo. — Embora ele quase tenha sido esquecido. Parece que ninguém mais sabe do que se trata, ninguém o leu. Mesmo nas bibliotecas, ele não pode ser encontrado. Mas de vez em quando ainda se escutam umas histórias sobre ele: que não existem mais exemplares, porque todos os que ainda existiam teriam sido roubados. Isso provavelmente é besteira. Não são apenas animais e plantas que deixam de existir, livros também. Infelizmente não é raro que isso aconteça. Acho que seria possível encher uma centena de casas como esta com os livros que desapareceram para sempre.

Elinor fechou de novo a porta do guarda-roupa e afofou os cabelos com movimentos vigorosos.

— Pelo que sei, o autor ainda vive, mas ao que tudo indica nunca fez nada para que seu livro fosse reeditado, o que acho estranho, afinal quem escreve uma história quer que ela seja lida, não é? Bem, talvez o autor não goste mais da história, ou talvez ela venda tão pouco que ele não encontrou um editor que quisesse imprimi-la novamente. Bem, como vou saber?

— Mesmo assim, não acredito que tenha sido roubado apenas porque é valioso — murmurou Meggie.

— Ah, não? — Elinor deu uma gargalhada. — Meu Deus do céu, você realmente

é filha do seu pai. Mortimer também nunca conseguiu imaginar que as pessoas pudessem fazer algo censurável por dinheiro, porque para ele o dinheiro não tem uma importância especial. Você faz ideia de quanto pode valer um livro?

Meggie olhou irritada para ela.

— Sim, faço ideia. Mas mesmo assim não acho que o motivo seja o dinheiro.

— Bem, eu acho. E Sherlock Holmes pensaria a mesma coisa. Você já leu um desses livros alguma vez? São uma maravilha. Especialmente em dias chuvosos.

Elinor calçou os sapatos. Seus pés eram estranhamente pequenos para uma mulher tão robusta.

— Talvez haja algum segredo no meio disso — murmurou Meggie, pensativa, e passou a mão nas páginas cheias.

— Ah, já sei, você está pensando em algo como mensagens invisíveis escritas com suco de limão, ou um mapa do tesouro escondido numa das ilustrações. — A voz de Elinor soou tão sarcástica que Meggie sentiu vontade de torcer seu pescoço curto.

— Por que não? — ela fechou o livro novamente e o prendeu debaixo do braço. — Por que eles teriam levado Mo, se não fosse por alguma coisa assim? O livro teria bastado.

Elinor sacudiu os ombros.

"É claro, ela não consegue admitir que não imaginou isso", pensou Meggie cheia de desprezo. "Ela sempre tem que ter razão."

Elinor olhou para a menina como se tivesse ouvido seus pensamentos.

— Sabe de uma coisa? Leia o livro — ela disse. — Quem sabe você não encontrará alguma coisa que, na sua opinião, não se encaixa na história. Algumas palavras desnecessárias aqui, algumas letras inúteis ali... e pronto, você terá a sua mensagem secreta. O mapa do tesouro. Sabe lá quanto tempo o seu pai vai demorar para voltar, e afinal você precisa de alguma coisa para matar o tempo.

Antes que Meggie pudesse responder, Elinor curvou-se sobre uma folha de papel que estava no tapete ao lado de sua cama. Era a carta de despedida de Meggie, que ela devia ter deixado cair quando descobriu o livro nos braços de Elinor.

— E mais essa agora? — perguntou Elinor depois de ler o bilhete com o cenho

franzido. — Você pretendia ir procurar o seu pai? Onde, pelo amor de Deus? Você é mais maluca do que pensei.

Meggie apertou *Coração de tinta* contra o peito.

— E se eu não for, quem vai? — disse, e seus lábios começaram a tremer, ela não conseguiu impedir.

— Bem, se for o caso, vamos procurar juntas! — respondeu Elinor em tom áspero. — Mas antes vamos lhe dar a oportunidade de voltar. Ou você acha que ele gostaria de voltar e ver que você desapareceu para procurá-lo sabe Deus onde neste vasto mundo?

Meggie fez que não. O tapete de Elinor ficou embaçado, e uma lágrima deslizou pelo nariz da menina.

— Bem, então isso já está esclarecido — resmungou Elinor enquanto estendia um lenço de pano para Meggie. — Assoe esse nariz e vamos tomar o café da manhã.

Ela não deixou Meggie sair de casa antes de comer um pedaço de pão e tomar um copo de leite.

— O café da manhã é a refeição mais importante do dia — ela proclamou enquanto passava manteiga em sua terceira fatia de pão. — E, além disso, não quero correr o risco de, quando o seu pai voltar, você dizer a ele que a deixei passar fome. Você sabe, como aquela megera do conto de fadas.

Meggie engoliu a resposta que estava na sua língua junto com o último pedaço de pão e saiu com o livro.

10. A cova do leão

Ouçam. (Adultos, por favor, pulem este parágrafo.) Não quero afirmar que este seja um livro trágico. Eu já lhes disse na primeira frase que ele é o meu favorito. Mas a partir de agora muitas coisas ruins estão para acontecer.

William Goldman, *O noivo da princesa*

Meggie sentou-se no banco atrás da casa, ao lado do qual ainda estavam fincadas as tochas queimadas de Dedo Empoeirado. Ela nunca hesitara tanto antes de abrir um livro. Tinha medo do que a esperava dentro dele. Era uma sensação totalmente nova. Nunca antes tivera medo do que um livro lhe contaria, ao contrário, na maior parte das vezes estava tão ansiosa por se deixar levar para um mundo desconhecido e inexplorado que começava a ler nas ocasiões mais inadequadas. Muitas vezes, no café da manhã, ela e Mo ficavam lendo, os dois, e várias vezes aconteceu de ela chegar atrasada à escola. Ela também lia com o livro debaixo da carteira da escola, no ponto de ônibus, em visitas a parentes, tarde da noite debaixo do cobertor, até que Mo tirava o livro dela e ameaçava recolher todos os outros que tinha em seu quarto para que ela finalmente pudesse dormir o suficiente. Naturalmente ele nunca faria isso, e sabia que ela sabia que não, mas depois dessas advertências ela punha o livro debaixo do travesseiro, lá pelas nove horas, e o deixava continuar a fluir em seus sonhos, para que Mo não deixasse de ter a sensação de ser realmente um bom pai.

Aquele livro, porém, ela jamais colocaria embaixo do seu travesseiro, com medo do que ele poderia lhe sussurrar. Todas as coisas ruins que haviam acontecido nos últimos três dias pareciam ter saído de suas páginas, e talvez fossem apenas uma amostra do que ainda esperava por ela dentro dele.

Apesar disso, ela tinha que entrar. Do contrário, como poderia procurar Mo? Elinor tinha razão, não fazia sentido simplesmente pôr o pé na estrada. Ela precisava tentar encontrar a pista do paradeiro de Mo entre as letras de *Coração de tinta*.

Porém, mal acabara de virar a primeira página, ouviu passos atrás de si.

— Você vai ter uma insolação se continuar aí sentada em pleno sol — disse uma voz familiar.

Meggie virou-se.

Dedo Empoeirado fez uma mesura. Naturalmente, seu sorriso também estava lá.

— Ah, mas olha só que surpresa! — ele disse, inclinando-se sobre Meggie para examinar o livro que estava aberto em seu colo. — Então ele ainda está aqui. *Você* ficou com ele.

Meggie olhou desconcertada para aquele rosto marcado por cicatrizes. Como ele podia agir daquela maneira, como se nada tivesse acontecido?

— Onde você estava? — ela o censurou. — Eles não o levaram também? E onde está Mo? Para onde o levaram?

Ela simplesmente não conseguia dizer as palavras com a rapidez necessária.

Mas Dedo Empoeirado não teve pressa em responder. Olhou para os arbustos ao seu redor, como se nunca tivesse visto algo semelhante antes. Ele vestia seu sobretudo, embora fizesse calor, tanto calor que em sua testa escorriam gotas brilhantes de suor.

— Não, eles não me levaram — ele disse finalmente, e voltou a olhar para Meggie. — Mas eu vi quando levaram o seu pai. Eu corri atrás deles pelo meio dos arbustos, várias vezes pensei que ia quebrar o pescoço naquela maldita ribanceira, mas cheguei lá embaixo no portão a tempo de ver que eles tomaram a direção sul. É claro que os reconheci imediatamente. Capricórnio mandou os seus melhores homens. O próprio Basta estava entre eles.

Meggie não tirava os olhos dos lábios de Dedo Empoeirado, como se assim pudesse fazer as palavras saírem mais depressa.

— E daí? Você sabe para onde levaram Mo? — sua voz tremia de tanta impaciência.

— Para a aldeia de Capricórnio, eu pensei. Mas eu queria me certificar, então…

Dedo Empoeirado tirou o sobretudo e pendurou-o no banco.

— Então corri atrás deles. Sei que parece ridículo ir a pé atrás de um automóvel — ele disse quando Meggie franziu a testa, incrédula. — Mas é que eu estava tão furioso… Tudo havia sido em vão: eu ter advertido vocês, termos vindo para cá… em algum momento, consegui pegar uma carona até a próxima cidade. Eles haviam abastecido o carro deles ali, quatro homens, vestidos de preto e não muito gentis. Portanto eles não podiam estar muito longe. Então eu peguei uma lambreta…

emprestada e tentei continuar atrás deles. Não me olhe assim, pode ficar tranquila, eu devolvi a lambreta depois. Ela não era lá muito veloz, mas por sorte essas estradas aqui têm muitas curvas, e em algum momento eu vi o carro mais uma vez, lá embaixo num vale, enquanto eu ainda serpenteava montanha abaixo. E então tive certeza: eles estavam levando o seu pai para o quartel-general de Capricórnio. Não para o esconderijo no norte, mas direto para a cova do leão.

— Para a cova do leão? — repetiu Meggie. — Onde é isso?

— A cerca... de trezentos quilômetros ao sul daqui. — Dedo Empoeirado sentou-se ao lado dela no banco e piscou por causa do sol. — Não muito longe do mar.

Ele olhou novamente para o livro, que ainda estava no colo de Meggie.

— Capricórnio não vai ficar nem um pouco contente quando vir que seus homens levaram o livro errado. Só espero que ele não desconte a decepção no seu pai.

— Mas Mo não sabia que era o livro errado! Elinor trocou os livros sem ele ver!

Ali estavam outra vez as malditas lágrimas. Meggie passou a manga do casaco nos olhos.

Dedo Empoeirado franziu a testa e fitou-a como se não estivesse muito certo de poder acreditar nela.

— Elinor me disse que só queria dar uma olhada. O livro estava com ela no quarto. Mo conhecia o esconderijo onde ela o havia guardado e, como estava dentro do embrulho, não notou que era o livro errado! E os homens de Capricórnio também não conferiram.

— É claro que não, afinal para quê? — A voz de Dedo Empoeirado soou desdenhosa. — Eles não sabem ler. Para eles, um livro não passa de papel impresso. Além disso, estão acostumados a que as pessoas lhes deem o que eles querem.

A voz de Meggie ficou estridente de medo.

— Você tem que me levar para essa aldeia! Por favor! — ela olhou suplicante para Dedo Empoeirado. — Explicarei tudo a Capricórnio. Darei o livro a ele, e ele deixará Mo ir embora. Está bem?

Dedo Empoeirado piscou os olhos novamente.

— Sim, claro — ele disse sem olhar para Meggie. — Essa parece ser a única solução…

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, a voz de Elinor ecoou vinda da casa.

— Mas olha só quem está aí! — ela exclamou, esticando-se para fora da janela. A cortina amarelo-clara tremulava ao vento como se um espírito tivesse se enroscado nela. — Mas não é o engolidor de fósforos em pessoa!

Meggie levantou-se de um salto e correu pela grama em sua direção.

— Elinor, ele sabe onde Mo está! — ela exclamou.

— Ah, é? — Elinor apoiou-se no batente e olhou para Dedo Empoeirado com os olhos apertados. E então gritou: — Ponha o livro de volta onde estava! Meggie, tire o livro dele.

Meggie virou-se espantada. De fato, Dedo Empoeirado estava com *Coração de tinta* na mão, mas colocou rápido de volta no banco quando Meggie olhou para ele. Então chamou a garota com um aceno, e lançou um olhar de poucos amigos para Elinor.

Hesitante, Meggie foi até ele.

— Tudo bem, vou levá-la até o seu pai, mesmo que isso possa ser perigoso para mim! — ele disse em voz baixa. Depois apontou discretamente para Elinor com a cabeça. — Mas ela fica aqui, entendido?

Meggie olhou insegura para a casa.

— Posso tentar adivinhar o que ele está cochichando com você? — gritou Elinor do outro lado do gramado.

Dedo Empoeirado lançou um olhar de advertência para Meggie, mas ela não lhe deu atenção.

— Ele quer me levar para onde está Mo! — ela exclamou.

— E ele pode muito bem fazer isso! — exclamou Elinor. — Só que eu vou junto! Mesmo sabendo que talvez os dois preferissem abrir mão da minha companhia!

— Sim, adoraríamos — sussurrou Dedo Empoeirado enquanto sorria inocentemente para Elinor. — Mas quem sabe não conseguimos trocá-la por Mo? É bem possível que Capricórnio esteja precisando de mais uma criada. Ela não sabe

cozinhar, mas talvez sirva para lavar a roupa, embora isso não se aprenda nos livros.

Meggie teve que rir. Embora não conseguisse ler no rosto de Dedo Empoeirado se ele estava brincando ou falando a sério.

11. Covarde

Lar! Era o que diziam os ternos apelos, aqueles suaves afagos que vinham soprados pelo vento, as invisíveis mãozinhas que o puxavam e arrastavam numa direção bem definida.

Kenneth Grahame, *O vento nos salgueiros*

Dedo Empoeirado só entrou no quarto de Meggie quando estava absolutamente certo de que ela dormia. Ela havia trancado a porta. Com certeza, Elinor a convencera a fazer isso, pois não confiava nele e Meggie se recusara a deixar *Coração de tinta* com ela. Dedo Empoeirado achou graça enquanto enfiava o fino arame na fechadura. Mas como era tola aquela mulher, mesmo tendo lido tantos livros! Será que ela realmente acreditava que uma fechadura comum como aquela era um obstáculo? "Bem, talvez seja mesmo para uns dedos lerdos como os seus, Elinor!", ele sussurrou enquanto abria a porta. "Mas os meus dedos gostam de brincar com fogo, e isso os tornou muito rápidos e habilidosos."

A afeição que ele sentia pela filha de Língua Encantada era um obstáculo mais sério, e sua consciência pesada não facilitava exatamente as coisas. Sim, Dedo Empoeirado estava com a consciência pesada quando entrou furtivamente no quarto de Meggie, embora não pretendesse fazer nada de ruim. Ele não estava lá para roubar o livro, em absoluto, embora naturalmente Capricórnio ainda o quisesse: o livro mais a filha de Língua Encantada, essa era a nova tarefa. Mas isso teria que esperar. Aquela noite, Dedo Empoeirado estava ali por outro motivo. Naquela noite, o que o levava ao quarto de Meggie era algo que corroía o seu coração havia anos.

Ele parou pensativo ao lado da cama e observou a garota dormindo. Entregar o pai dela a Capricórnio não fora muito difícil, mas com ela a coisa seria diferente. Embora ainda nenhum pesar tivesse deixado sombras escuras no rosto infantil de Meggie, ele lembrava a Dedo Empoeirado o de outra pessoa. Era estranho, sempre que a menina olhava para Dedo Empoeirado, ele sentia o desejo de lhe provar que não merecia a desconfiança que via nos olhos dela. E sempre havia um vestígio de desconfiança, mesmo quando ela sorria. Para o pai ela olhava de uma maneira totalmente diferente, como se ele pudesse protegê-la de todo o mal e de todas as ameaças do mundo. Mas que pensamento idiota. Idiota! Ninguém poderia protegê-la.

Dedo Empoeirado passou o dedo nas cicatrizes que tinha no rosto e franziu o cenho. De que serviam aqueles pensamentos inúteis? Ele levaria a Capricórnio o que ele queria: a menina e o livro. Mas não naquela noite.

Gwin mexeu-se em seu ombro. Tentava tirar a coleira. Ele não gostava nada dela, assim como da guia que Dedo Empoeirado havia prendido à coleira. Ele queria caçar, mas Dedo Empoeirado não o soltou. Na última noite, a marta escapara enquanto ele falava com os homens de Capricórnio. O diabinho peludo ainda tinha medo de Basta. Dedo Empoeirado não podia censurá-lo por isso.

Meggie dormia profundamente, com a cara enfiada num pulôver cinza, que provavelmente pertencia a Mo. Ela murmurou alguma coisa no sono, Dedo Empoeirado não conseguiu entender o quê. Mais uma vez a culpa apertou seu coração, mas ele espantou a sensação incômoda. Ela não lhe serviria de nada agora, nem agora nem mais tarde. A garota não lhe dizia respeito, e ele estava quite com o pai dela. Sim, quite. Não tinha motivos para se sentir um patife miserável, um dedo-duro.

Ele olhou ao redor no quarto escuro. Onde ela pusera o livro? Ao lado da cama de Meggie havia um pequeno baú pintado de vermelho. Dedo Empoeirado ergueu a tampa. A corrente de Gwin tilintou suavemente quando ele se abaixou.

O baú estava repleto de livros. Eram livros belíssimos. Dedo Empoeirado tirou a lanterna do bolso e iluminou o interior do baú.

— Mas olha só! — ele murmurou. — Que belezuras são estas? Parecem damas em vestidos de gala para o baile do príncipe.

Provavelmente Língua Encantada reencadernara cada um deles depois que os dedos infantis de Meggie haviam maltratado as velhas capas. É claro, ali estava o seu ex-libris: a cabeça de um unicórnio. Todos os livros o traziam estampado em seu traje, e cada um deles estava encadernado numa cor diferente. Todas as cores do arco-íris estavam reunidas no baú.

O livro que Dedo Empoeirado procurava estava embaixo de todos. Simples, com a capa verde-clara, quase parecia um mendigo no meio de todos aqueles senhores ricamente paramentados.

Dedo Empoeirado não se espantou muito com o fato de Língua Encantada ter escolhido um traje tão discreto para aquele livro. Talvez o pai de Meggie o odiasse tanto quanto Dedo Empoeirado o amava. Com todo o cuidado, ele o tirou do meio

dos outros livros. Já fazia quase nove anos desde a última vez que Dedo Empoeirado o tivera nas mãos. Na época, ele ainda tinha uma capa de papelão e uma sobrecapa de papel suja, rasgada na parte de baixo.

Dedo Empoeirado ergueu a cabeça. Meggie suspirou e virou-se, até que seu rosto ficou voltado para ele. Como ela parecia infeliz. Certamente, estava tendo um sonho ruim. Seus lábios tremiam, e suas mãos se agarravam ao pulôver como se buscassem apoio em alguma coisa… em alguém. Mas nos sonhos ruins, na maioria das vezes, a gente está sozinho, terrivelmente sozinho. Dedo Empoeirado lembrou-se de muitos sonhos ruins, e por um momento quase estendeu a mão para acordar Meggie… Que manteiga derretida ele era.

Ele deu as costas para a cama. Longe dos olhos, longe do coração. Então abriu o livro, depressa, antes que pudesse mudar de ideia. Sua respiração estava pesada. Ele virou as primeiras páginas e continuou a folhear. No entanto, a cada página seus dedos hesitavam mais e, de repente, ele fechou o livro novamente. A luz da lua entrava pelas fendas da janela. Ele não fazia ideia de quanto tempo ficara ali, com os olhos perdidos no labirinto das letras. Ele ainda era um leitor muito lento…

— Covarde! Oh, você é um covarde, Dedo Empoeirado! — ele sussurrou, e então mordeu os lábios até sentir dor. — Ora, pense um pouco. Talvez esta seja a sua última oportunidade, seu tolo. Quando estiver com o livro, Capricórnio não o deixará dar mais nem uma olhada nele.

Ele abriu o livro outra vez, folheou até a metade e fechou-o novamente, fazendo tanto ruído que Meggie teve um sobressalto em seu sono e enfiou a cabeça debaixo do travesseiro. Dedo Empoeirado esperou imóvel ao lado da cama até que a respiração de Meggie se acalmasse novamente, então se debruçou sobre o baú do tesouro com um suspiro profundo, e pôs o livro de volta junto com os outros.

Sem fazer barulho, ele fechou a tampa.

— Você viu? — ele sussurrou para a marta. — Eu não tenho coragem. Você não quer procurar um dono mais corajoso? Pense bem.

Gwin lambeu sua orelha, mas se aquilo havia sido uma resposta, Dedo Empoeirado não conseguiu entendê-la.

Ainda por um momento, ele ficou escutando a respiração calma de Meggie, então voltou de mansinho para a porta.

— E daí? — ele murmurou quando estava outra vez no corredor. — Quem é que quer mesmo saber o final?

Então ele subiu até o quarto que Elinor havia lhe destinado no sótão e deitou-se na cama estreita, ao redor da qual empilhavam-se caixas e caixas de livros. Mas Dedo Empoeirado não conseguiu pegar no sono até o amanhecer.

12. Mais ao sul

> A estrada em frente vai seguindo
> Deixando a porta onde começa Agora
> longe já vai indo Devo seguir, nada me
> impeça; Por seus percalços vão meus pés,
> Até a junção com a grande estrada, De
> muitas sendas através Que vem depois?
> Não sei mais nada.
>
> J. R. R. Tolkien, *O senhor dos anéis*

Na manhã seguinte, depois do café da manhã, Elinor abriu um mapa rodoviário todo amassado em cima da mesa da cozinha.

— Bem, trezentos quilômetros para o sul — ela disse, olhando desconfiada para a direção de Dedo Empoeirado. — Que tal nos mostrar o lugar exato onde deveremos procurar o pai de Meggie?

Meggie olhou para Dedo Empoeirado com o coração palpitante. Seus olhos estavam envoltos em sombras profundas, como se ele tivesse dormido muito mal na noite anterior. Hesitante, Dedo Empoeirado aproximou-se da mesa e coçou o queixo de barba rala. Então se debruçou sobre o mapa, examinou-o durante uma pequena eternidade e finalmente apontou com o dedo.

— Aqui — ele disse. — Exatamente aqui fica a aldeia de Capricórnio.

Elinor se pôs ao seu lado e olhou para ele por cima dos ombros.

— Ligúria — ela disse. — Sei. E como se chama essa aldeia, se me permite perguntar? Capricórnia?

Ela olhou para o rosto de Dedo Empoeirado como se quisesse maquiar suas cicatrizes com o olhar.

— Ela não tem nome. — Dedo Empoeirado revidou o olhar de Elinor com franca antipatia. — Em algum momento deve ter tido um nome, mas ele já havia sido esquecido antes que Capricórnio se estabelecesse por lá. A senhora não o achará neste mapa nem em qualquer outro. Para o resto do mundo, a aldeia não passa de um

amontoado de casas desmoronadas, ao qual se chega por uma estrada que não faz jus a esse nome.

— Hum. — Elinor debruçou-se ainda mais sobre o mapa. — Nunca estive na região. Uma vez estive em Gênova, onde comprei num sebo um belíssimo exemplar de *Alice no país das maravilhas*, muito bem conservado e pela metade do preço que o livro valia.

Ela lançou um olhar interrogativo para Meggie.

— Você gosta de *Alice no país das maravilhas*?

— Não especialmente — disse Meggie com o olhar fixo no mapa.

Elinor sacudiu a cabeça perante tamanha insensatez infantil, e virou-se para Dedo Empoeirado.

— O que faz esse Capricórnio quando não está roubando livros ou sequestrando pais? — ela perguntou. — Se entendi Meggie direito, você o conhece bastante bem.

Dedo Empoeirado evitou seu olhar e seguiu com o dedo um rio que serpenteava em azul, cortando o verde e marrom do mapa.

— Bem, nós somos do mesmo lugar — ele disse. — Mas de resto não temos muita coisa em comum.

Elinor fitou-o de forma muito penetrante, como se quisesse cavar um buraco na testa dele.

— Tem uma coisa que acho estranha — ela disse. — Mortimer queria pôr *Coração de tinta* a salvo desse Capricórnio. Então por que trouxe o livro para mim? Ele praticamente se atirou nos braços de Capricórnio.

Dedo Empoeirado sacudiu os ombros.

— Bem, talvez ele considerasse a sua biblioteca o esconderijo mais seguro.

Na cabeça de Meggie despontou uma lembrança, bastante vaga a princípio. Até que, num instante, a cena estava lá novamente, com toda a nitidez, como uma figura num livro. Ela viu Dedo Empoeirado em pé, ao lado do ônibus de Mo, no portão do sítio, e quase podia ouvir sua voz…

Alarmada, ela olhou para ele.

— Você disse para Mo que Capricórnio morava no norte! — ela disse. — Ele ainda perguntou outra vez e você disse que tinha certeza absoluta.

Dedo Empoeirado olhou para as suas unhas.

— Bem… sim, isso é verdade — ele disse baixinho, sem olhar para Meggie nem para Elinor. Ficou fitando as unhas até que começou a esfregá-las em seu pulôver como se precisasse remover uma mancha terrível. — Vocês não confiam em mim. Vocês duas não confiam em mim. Eu… eu entendo, mas não menti. Capricórnio tem dois quartéis-generais e ainda muitos outros esconderijos, para o caso de a situação se complicar para ele em algum lugar ou um de seus homens precisar ficar na moita por algum tempo. Normalmente ele passa os meses quentes lá no norte e vem para o sul somente em outubro, mas este ano, ao que parece, também vai passar o verão no sul. Como é que eu vou saber? Talvez ele tenha tido problemas com a polícia no norte. Talvez haja algum assunto que ele tenha que tratar pessoalmente no sul.

A voz de Dedo Empoeirado parecia ofendida, quase como a de uma criança que foi acusada injustamente de alguma coisa. Ele continuou: — Seja lá como for, os homens de Capricórnio foram para o sul com o pai de Meggie, eu mesmo vi, e quando está no sul Capricórnio sempre resolve os assuntos importantes nessa aldeia! Ali ele se sente seguro como em nenhum outro lugar. Ali nunca teve problemas com a polícia, pode agir como um pequeno rei, como se o mundo lhe pertencesse. Ali faz as leis, determina o que acontece, e pode mandar e desmandar ao seu bel-prazer; seus homens providenciaram para que ele tivesse esses poderes. Pode acreditar em mim, eles sabem como fazer essas coisas.

Dedo Empoeirado sorriu. Foi um sorriso triste. "Se vocês soubessem!", ele parecia dizer. "Mas vocês não sabem nada de nada. Vocês não entendem nada."

Meggie sentiu novamente o medo abrir suas asas negras dentro dela. Ele não vinha do que Dedo Empoeirado dizia, vinha do que ele não dizia.

Elinor também parecia sentir isso.

— Pelo amor de Deus, pare de se expressar de forma tão misteriosa! — sua voz rude cortava as asas do medo. — Vou perguntar novamente: o que faz esse Capricórnio? Como ele ganha dinheiro?

Dedo Empoeirado cruzou os braços.

— Por mim, vocês não saberão de mais nenhuma informação. Perguntem ao

próprio. Só levá-las até a aldeia já pode me custar o pescoço, a senhora acha que ainda por cima eu vou lhe contar sobre os negócios de Capricórnio? De jeito nenhum. Não! Eu adverti o pai de Meggie, eu o aconselhei a levar o livro espontaneamente para Capricórnio, mas ele não quis me ouvir. Se eu não o tivesse advertido, os homens de Capricórnio o teriam achado ainda antes. Pergunte a Meggie! Ela estava lá quando eu o adverti! Está bem, não contei a ele tudo o que sabia. Mas e daí? Eu costumo falar o menos possível sobre Capricórnio, até mesmo evito pensar nele e, acredite em mim, se a senhora o conhecesse, faria exatamente o mesmo.

Elinor torceu o nariz, como se tal hipótese fosse tão ridícula que não merecesse comentário algum.

— Suponho que também não possa me dizer por que ele quer tanto esse livro, não é mesmo? — ela disse enquanto dobrava o mapa. — Ele é uma espécie de colecionador?

Dedo Empoeirado passou o dedo pela borda da mesa.

— Apenas direi o seguinte: ele quer esse livro, e por isso vocês devem dá-lo a ele. Uma vez vi seus homens ficarem quatro noites seguidas na frente da casa de um homem só porque Capricórnio havia gostado do cão dele.

— E ele conseguiu o cão? — perguntou Meggie baixinho.

— É claro — respondeu Dedo Empoeirado, olhando pensativo para ela. — Acredite, é impossível dormir bem quando os homens de Capricórnio ficam diante da sua casa olhando a noite toda para a sua janela, ou para a dos seus filhos. Normalmente ele consegue o que quer em dois dias.

— Cruzes! — exclamou Elinor. — O meu cão ele não levaria.

Dedo Empoeirado olhou novamente para suas unhas e sorriu.

— Não sorria assim! — ralhou Elinor. Depois voltou-se para Meggie. — Faça uma mala pequena! Partiremos em uma hora. Já está na hora de você ter o seu pai de volta. Embora não me agrade nem um pouco ter que dar o livro a esse sujeito, não importa como ele se chame. Eu odeio quando os livros não estão em boas mãos.

Eles foram na perua de Elinor, embora Dedo Empoeirado tivesse se declarado a favor do ônibus de Mo.

— Imagine, nunca dirigi um trambolho desses — disse Elinor enquanto punha

nos braços de Dedo Empoeirado uma caixa de papelão cheia de provisões para a viagem. — Além disso, Mortimer trancou o ônibus.

Meggie notou que Dedo Empoeirado tinha uma resposta na ponta da língua, mas a engoliu.

— E se precisarmos pernoitar? — ele perguntou, enquanto levava as provisões para a perua de Elinor.

— Meu Deus do céu, quem falou em uma coisa dessas? Pretendo estar de volta amanhã cedo o mais tardar. Odeio ter que deixar meus livros sozinhos por mais de um dia.

Dedo Empoeirado olhou para o céu, como se ali fosse encontrar mais compreensão do que na cabeça de Elinor, e já ia se ajeitando no banco de trás quando Elinor o deteve.

— Ei, ei, espere, é melhor o senhor dirigir — ela disse, e pôs a chave da perua na mão dele. — Afinal, sabe melhor para onde temos que ir.

Mas Dedo Empoeirado devolveu-lhe a chave.

— Eu não sei dirigir — ele disse. — Já é bastante desagradável viajar num calhambeque desses, quanto mais guiá-lo.

Elinor pegou a chave de volta e sentou-se atrás do volante, balançando a cabeça com um ar de reprovação.

— O senhor é mesmo um sujeito muito esquisito! — ela disse enquanto Meggie subia no banco do passageiro. — Espero que saiba realmente onde está o pai de Meggie, senão verá que não é somente desse Capricórnio que precisa ter medo.

Quando Elinor ligou o motor, Meggie abriu sua janela e olhou para o ônibus de Mo. Era uma sensação ruim deixá-lo ali, pior do que ir embora de uma casa, e depois dessa para uma outra. Por mais desconhecido que fosse o novo lugar, com o ônibus Mo e ela sempre tinham um pedacinho de lar. Agora isso também ficara para trás e nada mais era familiar, a não ser a roupa em sua mala. Ela pegara também algumas coisas para Mo, além de dois dos seus livros.

— Uma escolha interessante! — havia observado Elinor ao emprestar-lhe uma bolsa para os livros, uma sacola antiquada, de couro escuro, que podia ser carregada a tiracolo. — Quer dizer que você está levando a távola redonda do rei Artur, junto

com Frodo e seus oito companheiros. Não é má companhia. São duas longas histórias, exatamente o necessário para uma viagem. Você já leu as duas?

Meggie fizera que sim com a cabeça.

— Várias vezes — ela murmurara, e passara a mão nas capas mais uma vez antes de enfiar os livros na mala.

Ela ainda se lembrava exatamente do dia em que Mo reencadernara um deles.

— Agora não faça mais essa cara feia! — dissera Elinor, olhando preocupada para ela.

— Você verá, nossa viagem não vai ser nem de longe tão ruim como a do coitado de pé peludo, e muito mais curta.

Meggie teria ficado feliz se pudesse ter a mesma certeza. O livro que era o motivo daquela viagem estava no porta-malas, debaixo do estepe. Elinor o pusera dentro de um saco plástico.

— Não deixe Dedo Empoeirado ver onde ele está! — ela recomendara expressamente antes de colocá-lo em sua mão. — Eu ainda não confio nele.

Mas Meggie decidira confiar em Dedo Empoeirado. Ela queria confiar nele. Tinha que confiar nele. Afinal, quem mais poderia levá-la até Mo?

13. A aldeia de Capricórnio

Mas à última pergunta Selig respondeu: — Provavelmente ele fugiu para o país além das trevas, aonde nenhuma pessoa vai e nenhum bicho se perde, onde o céu é de cobre e a terra é de ferro e onde, debaixo de cogumelos petrificados e em tocas abandonadas pelas marmotas, habitam os poderes do mal.

Isaac B. Singer, *Naftali, o contador de histórias, e seu cavalo Sus*

O sol já estava alto no céu límpido quando eles partiram. Não demorou muito para que o ar dentro do carro de Elinor ficasse abafado a ponto de a camiseta de Meggie colar na pele, empapada de suor. Elinor, que vestia um casaco de tricô abotoado até o queixo, abriu a janela do seu lado e ofereceu uma garrafa d'água. Em algum momento, quando não estava pensando em Mo ou em Capricórnio, Meggie se perguntou como Elinor ainda não havia derretido debaixo do casaco.

Dedo Empoeirado estava sentado no banco de trás, tão calado que quase teria dado para esquecer que ele estava lá. Ele pusera Gwin no colo. A marta dormia, enquanto as mãos agitadas de Dedo Empoeirado acariciavam seu pelo sem cessar. De vez em quando, Meggie olhava para ele. A maior parte das vezes ele estava olhando pela janela, desinteressado, como se enxergasse através das montanhas e das árvores, das casas e das encostas que passavam do lado de fora. Seu olhar parecia completamente vazio, distante. Em certo momento Meggie olhou para trás e viu uma tristeza tão grande no rosto dele que voltou a cabeça para a frente bem depressa.

Ela também gostaria de ter um bichinho no colo naquela viagem longa, interminavelmente longa. Talvez ele espantasse os pensamentos sombrios que insistiam em tomar conta de sua cabeça. Lá fora, o mundo encrespava-se em montanhas cada vez mais altas, que às vezes pareciam querer esmagar a estrada entre as suas encostas rochosas cinzentas. Mas pior do que as montanhas eram os túneis. Dentro deles, espreitavam imagens que nem mesmo o calor do corpo de Gwin poderia espantar. Elas pareciam haver se escondido no escuro para ali esperar por Meggie: imagens de Mo num lugar frio e lúgubre e de Capricórnio… Meggie sabia que era ele, embora tivesse um rosto diferente a cada vez.

Durante um tempo ela tentou ler, mas logo notou que não retinha uma única

palavra na memória, então desistiu e ficou olhando pela janela como Dedo Empoeirado. Elinor decidira ir por estradas menores e com menos trânsito ("Senão, fica muito monótono guiar", ela dissera). Para Meggie não fazia diferença. Ela apenas queria chegar. Olhava impaciente para as montanhas e para as casas onde outras pessoas moravam. Às vezes flagrava um olhar num rosto estranho na janela de um automóvel vindo da outra direção, mas ele sumia rápido, como um livro que alguém abre e logo fecha novamente. Ao passar por uma pequena aldeia, eles viram na beira da estrada um homem aplicando um curativo no joelho machucado de uma menina. Ela estava chorando, e ele passava a mão em seus cabelos tentando consolá-la. Meggie se lembrou de como Mo fazia o mesmo com ela, e também de como, às vezes, ele corria pela casa xingando quando não encontrava um curativo. A lembrança encheu os olhos dela de lágrimas.

— Meu Deus do céu! Aqui está mais quieto do que um mausoléu numa pirâmide! — disse Elinor. (Meggie achava que ela dizia "Meu Deus do céu" com muita frequência.) — Será que ninguém poderia dizer pelo menos de vez em quando "Oh, que paisagem bonita!" ou "Mas que castelo magnífico!"? Com esse silêncio sepulcral, vou dormir ao volante no máximo em meia hora.

Ela não havia aberto um só botão de seu casaco até aquele momento.

— Não estou vendo nenhum castelo — murmurou Meggie.

Mas não demorou muito para Elinor avistar um.

— Século dezesseis — ela anunciou quando as ruínas surgiram na encosta de uma montanha. — Uma história trágica. Amor proibido, perseguição, morte, corações partidos.

Entre áridos rochedos, Elinor contou sobre uma batalha que havia ocorrido exatamente ali havia mais de seiscentos anos. ("Se você escavar entre as pedras, com certeza vai achar algumas ossadas e elmos amassados.") De cada torre de igreja, ela parecia conhecer uma história. Algumas eram tão estranhas que Meggie franzia a testa, desconfiada. "Foi exatamente assim que aconteceu, pode acreditar!", dizia Elinor a cada vez, sem desviar o olhar da estrada. As histórias mais escabrosas pareciam cativá-la mais do que tudo: histórias de amantes infelizes que haviam sido decapitados, de príncipes emparedados vivos.

— Claro, agora parece que está tudo em paz — ela observou, quando viu que Meggie empalidecera um pouco com uma dessas histórias. — Mas sempre há uma

história escabrosa escondida em algum lugar, pode estar certa. É verdade, há alguns séculos a vida era bem mais emocionante.

Meggie não sabia o que havia de emocionante numa época em que, pelo que dizia Elinor, as pessoas só tinham a escolha entre morrerem de peste ou serem trucidadas por soldados errantes. Mas o rosto de Elinor adquiria manchas vermelhas de excitação ao avistar um castelo em ruínas, e em seus olhos normalmente frios como pedras esboçava-se um brilho romântico quando ela contava sobre os príncipes beligerantes e os bispos gananciosos que outrora haviam espalhado o medo e a morte pelas montanhas, as mesmas montanhas que agora eles atravessavam por estradas muito bem pavimentadas.

— Elinor, minha cara, você parece ter nascido na história errada — disse Dedo Empoeirado em algum momento.

Eram as primeiras palavras que ele dizia desde que haviam partido.

— Na história errada? Na época errada, você quer dizer. Sim, já pensei nisso muitas vezes.

— Chame como quiser — disse Dedo Empoeirado. — De qualquer forma, acho que você se entenderá às mil maravilhas com Capricórnio. Ele gosta das mesmas histórias que você.

— Por acaso isso foi um insulto? — perguntou Elinor, ofendida.

Ela deve ter ficado encucada com aquela comparação, pois calou-se durante quase uma hora, deixando Meggie completamente entregue a seus pensamentos sombrios e às imagens de horror que esperavam por ela em cada túnel.

Quando começou a anoitecer as montanhas recuaram e, atrás das colinas verdejantes, vasto como um segundo céu, surgiu o mar. O sol baixo o fazia brilhar como a pele de uma bonita serpente. Fazia tempo que Meggie não via o mar. Da última vez havia sido um mar frio, cinzento como ardósia e empalidecido pelo vento. Aquele mar era diferente, bem diferente.

O coração de Meggie se aqueceu ao ver esse mar, mas muitas vezes ele desaparecia atrás daqueles malditos edifícios altos. Eles brotavam por toda parte, na estreita faixa de terra entre a água e as colinas. Mas às vezes as colinas não deixavam lugar para as casas, e sim avançavam até o mar, deixando-o lamber seus pés verdes. Ali, à luz do sol poente, elas pareciam ondas que haviam se arrastado para a terra.

Enquanto eles serpenteavam ao longo da costa, Elinor voltou a contar alguma coisa sobre os romanos que teriam construído aquela estrada que eles percorriam agora, sobre o medo que tinham dos ferozes moradores daquela estreita faixa de terra…

Meggie escutava apenas com um ouvido. Na beira da estrada, cresciam palmeiras, com copas espinhosas empoeiradas. Entre elas cresciam agaves gigantescos, que, agachados ali com suas folhas carnudas, lembravam aranhas. O céu atrás deles tingia-se de rosa e amarelo-limão, enquanto o sol caía cada vez mais sobre o mar, e um azul-escuro se derramava lá de cima e se espalhava como um borrão de tinta. A visão era tão bonita que doía nos olhos.

Meggie havia imaginado de forma totalmente diferente o lugar onde Capricórnio morava. Beleza e medo são difíceis de conciliar.

Eles passaram por uma pequena aldeia com casas tão coloridas que pareciam ter sido desenhadas por uma criança. Casas cor de laranja e cor-de-rosa, vermelhas e depois amarelas: amarelo-claro, amarelo-ocre, amarelo-areia, amarelo-sujo, com janelas verdes e telhados marrons-avermelhados. Mesmo o crepúsculo não era capaz de tirar seu colorido.

— O lugar não parece exatamente perigoso — observou Meggie, quando passou de novo por uma casa cor-de-rosa.

— É porque você está olhando o tempo todo para a esquerda! — disse Dedo Empoeirado atrás dela. — Mas sempre existe um lado claro e um lado escuro. Dê uma olhada para a direita.

Meggie obedeceu. Num primeiro momento, ali também havia apenas casas coloridas. Elas ficavam bem na beira da estrada, encostadas umas nas outras, como se estivessem de braços dados. Mas então, de repente, as casas desapareceram e as encostas escarpadas, em cujas fendas a noite já se instalava, começaram a cercar a estrada. Sim, Dedo Empoeirado tinha razão, ali tudo parecia sinistro, e as poucas casas pareciam se afogar na escuridão cada vez mais profunda.

Logo já estava totalmente escuro — a noite cai depressa no sul —, e Meggie estava contente por Elinor continuar na estrada costeira, que era bem iluminada. Mas finalmente Dedo Empoeirado fez um sinal para que ela pegasse uma estrada que se afastava da costa, do mar e das casas coloridas, e os levava para dentro da escuridão.

A estrada avançava cada vez mais na região das colinas, sempre serpenteando, ora morro acima ora morro abaixo, até que as encostas à beira da estrada ficaram mais íngremes. A luz dos faróis incidia em touceiras de giesta e vinhas abandonadas, e em oliveiras que se retorciam como anciãos à beira da estrada.

Apenas duas vezes eles cruzaram com um outro automóvel. Aqui e ali, as luzes de uma aldeia emergiam da escuridão. Mas as estradas que Dedo Empoeirado indicava para Elinor levavam para longe de todas as luzes e cada vez mais fundo na noite. Por diversas vezes os faróis iluminaram os restos desmoronados de uma casa, mas Elinor não conhecia nenhuma história sobre nenhuma delas. Entre aquelas paredes pobres, não haviam vivido príncipes, nem bispos em mantos vermelhos, apenas camponeses e agricultores, cujas histórias ninguém escrevera e que agora estavam perdidas, desaparecidas entre o tomilho e as flores selvagens.

— Tem certeza de que não erramos o caminho? — perguntou Elinor com a voz abafada, como se o mundo ao redor dela fosse silencioso demais para o seu tom normal. — Onde, neste deserto abandonado por Deus, pode haver uma aldeia? Devemos ter pegado a estrada errada pelo menos duas vezes.

Mas Dedo Empoeirado apenas sacudiu a cabeça.

— Estamos exatamente no caminho certo — ele respondeu. — Só mais aquela colina ali e vocês já poderão ver as casas.

— Bem, assim espero! — resmungou Elinor. — Por enquanto eu mal consigo ver a estrada. Meu Deus do céu, eu não imaginava que ainda existia um lugar tão escuro no mundo. Você não podia ter me avisado que era tão longe assim? Eu teria abastecido mais uma vez. Agora não sei se teremos gasolina para voltar até a costa.

— E de quem é o carro? É meu por acaso? — retrucou Dedo Empoeirado, irritado. — Mas eu avisei, não entendo nada dessas coisas. E agora olhe para a frente. Logo deve chegar a ponte.

— Ponte?

Elinor fez a próxima curva e pisou bruscamente no freio. No meio da estrada, iluminada por dois lampiões, havia uma espécie de bloqueio. Era uma grade de metal, que parecia enferrujada como se a barreira estivesse ali havia anos.

— Ora, vamos e venhamos! — exclamou Elinor, batendo as mãos no volante. — O caminho está errado. Eu não disse?

— Errado coisíssima nenhuma!

Dedo Empoeirado tirou Gwin do ombro e desceu do carro. Ele espreitou ao seu redor enquanto andava em direção à barreira. Então arrastou a grade para a beira da estrada.

Meggie quase riu ao ver o rosto pasmo de Elinor.

— Agora esse sujeito enlouqueceu de vez? — ela sussurrou. — Ele não pode estar achando que vou entrar numa estrada bloqueada nesta escuridão…

Apesar disso, ela ligou o motor quando Dedo Empoeirado acenou para ela, impaciente. Assim que ela passou, ele pôs a barreira de volta na estrada.

— Não me olhem assim! — ele disse quando subiu novamente no carro. — Essa barreira está sempre aí. Capricórnio mandou colocá-la para deter visitantes indesejados. Não é comum que alguém se atreva a vir até aqui. A maioria das pessoas se mantém afastada por causa das histórias que Capricórnio manda espalhar sobre a aldeia, mas…

— Que histórias? — Meggie o interrompeu, embora na verdade não quisesse ouvi-las.

— Histórias horripilantes — respondeu Dedo Empoeirado. — As pessoas aqui são supersticiosas, como em toda parte. A preferida é a de que o diabo em pessoa mora atrás da colina.

Meggie ficou irritada consigo mesma, mas não conseguia parar de olhar para o topo da escura colina.

— Mo diz que o diabo é uma invenção das pessoas — ela disse.

— Bem, pode ser — Dedo Empoeirado pôs novamente seu sorriso enigmático nos lábios. — Mas você queria saber quais são as histórias. Dizem por aí que os homens que moram na aldeia não podem ser mortos por arma de fogo, que eles podem atravessar paredes, e que nas noites de lua nova pegam três meninos a quem Capricórnio vai ensinar a roubar, a incendiar e a matar.

— Céus, quem inventou tudo isso? As pessoas daqui ou esse Capricórnio?

Elinor curvou-se sobre o volante. A estrada estava cheia de buracos e ela tinha que dirigir bem devagar para não ficar atolada.

— As duas coisas. — Dedo Empoeirado recostou-se no assento e deixou Gwin mordiscar seus dedos. — Capricórnio dá uma recompensa a quem inventar uma nova história. O único que não participa desse jogo é Basta, pois ele próprio é tão supersticioso que se desvia de todos os gatos pretos no seu caminho.

Basta. Meggie lembrou-se do nome, mas, antes que ela pudesse perguntar qualquer coisa, Dedo Empoeirado já estava falando novamente. Ele parecia se divertir contando aquelas coisas.

— Ah! Quase ia esquecendo! Naturalmente, todos os que moram na aldeia amaldiçoada sabem pôr mau-olhado, até mesmo as mulheres.

— Mau-olhado? — Meggie virou-se na direção dele.

— Ah, sim! Basta um olhar e você já está moribunda. E, no máximo em três dias, mortinha da silva.

— Mas quem acredita numa coisa dessas? — murmurou Meggie voltando a olhar para a frente.

— Imbecis acreditam nessas coisas — disse Elinor, e pisou no freio novamente.

A perua derrapou nas pedras da estrada. Diante deles, estava a ponte da qual Dedo Empoeirado falara. As pedras cinzentas brilhavam palidamente sob a luz dos faróis, e o abismo debaixo dela parecia não ter fundo.

— Continue, continue! — disse Dedo Empoeirado impaciente. — Ela aguenta, embora não pareça!

— Ela parece ter sido construída pelos romanos, na Antiguidade — resmungou Elinor. — E para asnos, não para automóveis.

Mas ela prosseguiu assim mesmo. Meggie fechou bem os olhos e só os abriu quando ouviu novamente as pedras da estrada rangerem sob os pneus.

— Capricórnio aprecia muito esta ponte — disse Dedo Empoeirado com voz baixa. — Um só homem bem armado é suficiente para bloqueá-la. Mas felizmente não há sentinelas aqui todas as noites.

— Dedo Empoeirado… — Meggie virou-se para ele, hesitante, enquanto a perua de Elinor subia a custo a última colina. — O que vamos dizer quando nos perguntarem como encontramos a aldeia? Acho que não é bom Capricórnio ficar sabendo que foi você quem nos mostrou, não é?

— É, você tem razão — murmurou Dedo Empoeirado sem olhar para Meggie. — Embora ele vá receber o livro finalmente.

Ele apanhou Gwin, que escalava o encosto do banco traseiro, segurou-o de forma que não pudesse receber uma mordida e atraiu-o para dentro da mochila com um pedaço de pão. A marta estava inquieta desde que escurecera. Ela queria caçar.

Eles haviam chegado ao topo da colina. Ao seu redor, o mundo desaparecera, engolido pela noite, mas não muito longe alguns retângulos pálidos começavam a se desenhar na escuridão. Eram janelas iluminadas.

— Aí está ela. A aldeia de Capricórnio. Ou, se vocês preferirem: a aldeia do diabo — disse Dedo Empoeirado, e riu baixinho.

Elinor virou-se para ele, irritada.

— Agora pare com isso! — ela ralhou. — Essas histórias parecem lhe agradar muito mesmo. Vai ver que foi você mesmo quem as inventou, e esse Capricórnio não passa de um colecionador de livros meio excêntrico.

Dedo Empoeirado não respondeu. Ele apenas olhava pela janela com aquele sorriso que Meggie às vezes sentia vontade de apagar dos lábios dele. Também dessa vez ele parecia dizer apenas uma coisa: "Como vocês são bobas!".

Elinor havia desligado o motor, e o silêncio que os envolveu a seguir foi tão completo que Meggie mal se atrevia a respirar. Ela olhou para as janelas iluminadas lá embaixo. Normalmente, achava as janelas acesas na noite convidativas, mas aquelas pareciam mais ameaçadoras do que a escuridão ao redor.

— Essa aldeia tem algum morador normal? — perguntou Elinor. — Avós inofensivas, crianças inocentes, homens que não têm nada a ver com Capricórnio…

— Não. Apenas Capricórnio e seus homens moram ali — sussurrou Dedo Empoeirado. — E as mulheres que cozinham para eles, fazem a limpeza e os outros serviços de mulher.

— E os outros serviços de mulher… Que maravilha! — Elinor ofegava de tão horrorizada que ficou. — Estou achando esse Capricórnio cada vez mais simpático. Bem, vamos tratar de resolver logo isso. Quero voltar para casa, para os meus livros, para uma iluminação decente e uma xícara de café.

— É mesmo? Pensei que você estivesse querendo viver um pouco de aventura.

"Se Gwin pudesse falar", pensou Meggie, "ele teria a voz de Dedo Empoeirado."

— Prefiro as aventuras que acontecem à luz do sol — respondeu Elinor em tom rude. — Meu Deus, como odeio esta escuridão, mas se ficarmos parados aqui até o sol aparecer, meus livros vão embolorar antes que Mortimer possa cuidar deles. Meggie, vá lá atrás e pegue a sacola. Você já sabe.

Meggie fez que sim com a cabeça, e já ia abrindo sua porta quando foi ofuscada por um clarão. Havia alguém diante da porta do motorista, cujo rosto era impossível reconhecer, que iluminava o interior do carro com uma lanterna e que bateu com ela no vidro sem muita delicadeza.

Elinor levou um susto tão grande que bateu com o joelho no volante, mas logo se recompôs. Xingando, ela esfregou a perna dolorida e abriu a janela.

— Mas o que é isso? — ralhou com o estranho. — Precisava nos matar de susto? É fácil ser atropelado perambulando assim na escuridão.

Como resposta, o estranho enfiou o cano de uma espingarda pela janela aberta.

— Isto aqui é uma propriedade particular! — ele disse. Meggie pensou ter reconhecido a voz de gato que ouvira na biblioteca de Elinor. — E é fácil levar um tiro entrando assim no meio da noite em propriedades particulares.

— Eu explico! — Dedo Empoeirado apareceu por cima dos ombros de Elinor.

— Ah, olha quem está aí. Dedo Empoeirado! — O estranho recolheu a espingarda. — Você tinha que aparecer aqui no meio da noite?

Elinor virou-se e lançou um olhar mais do que desconfiado para Dedo Empoeirado.

— Não fazia a menor ideia de que o senhor tinha tanta intimidade com esses supostos demônios! — ela observou.

Mas Dedo Empoeirado já havia descido da perua. Meggie também achou estranha a intimidade com que os dois homens começaram a cochichar. Ela ainda se lembrava perfeitamente do que Dedo Empoeirado dissera sobre os homens de Capricórnio. Como ele podia falar daquele jeito com um deles? Meggie não conseguia entender uma só palavra do que eles falavam, por mais que afinasse os ouvidos. Somente uma coisa ela conseguira escutar: Dedo Empoeirado chamara o estranho de Basta.

— Não estou gostando nada disto! — sussurrou Elinor. — Olhe só para os dois. Falam um com o outro como se o nosso amigo devorador de fósforos fosse aqui do pedaço!

— Vai ver que ele sabe que não lhe farão nada porque estamos com o livro! — sussurrou Meggie sem tirar os olhos dos dois homens.

O estranho tinha dois cães consigo, dois pastores alemães. Eles cheiraram as mãos de Dedo Empoeirado e enfiaram os focinhos em suas costelas abanando as caudas.

— Está vendo? — sussurrou Elinor. — Até mesmo os malditos cães o tratam como um velho amigo. E se…

Antes que ela pudesse continuar, Basta abriu a porta do motorista.

— Para fora vocês duas — ele ordenou.

Elinor pôs as pernas para fora do carro, renitente. Meggie também desceu e se pôs ao lado dela. Seu coração parecia querer sair pela boca. Ela nunca tinha visto um homem com uma espingarda. Na televisão, sim, mas não na vida real.

— Escute aqui, não gosto desse seu tom! — Elinor ralhou com Basta. — Acabamos de fazer uma viagem cansativa, e só viemos para este fim de mundo para trazer uma coisa para o seu chefe ou patrão ou como quer que o chame, uma coisa que ele espera há muito tempo. Portanto, seja mais educado.

Basta lançou-lhe um olhar tão hostil que Elinor respirou fundo e Meggie apertou sua mão involuntariamente.

— Onde você arranjou essa aí? — perguntou Basta virando-se novamente para Dedo Empoeirado, que estava parado com uma expressão de indiferença, como se não tivesse absolutamente nada a ver com tudo aquilo.

— Ela é a dona da casa, você sabe… — Dedo Empoeirado baixou a voz, mas Meggie conseguiu entender mesmo assim. — Eu não queria trazê-la, mas ela é teimosa. Como uma mula.

— Posso imaginar! — Basta olhou mais uma vez para Elinor, e então olhou para Meggie. — E essa aí deve ser a filhinha de Língua Encantada, certo? Não é muito parecida com ele.

— Onde está o meu pai? — perguntou Meggie. — Como ele está?

Eram as primeiras palavras que ela dizia. Sua voz soou rouca, como se não a usasse havia muito tempo.

— Oh, ele vai bem — respondeu Basta, lançando um olhar para Dedo Empoeirado. — Embora atualmente fosse melhor chamá-lo de Língua-de-chumbo, de tão pouco que ele fala.

Meggie mordeu os lábios.

— Viemos buscá-lo — ela disse. Agora sua voz saiu alta e aguda, embora ela tivesse se esforçado ao máximo para que parecesse adulta. — Trouxemos o livro, mas Capricórnio só vai recebê-lo quando soltar o meu pai.

Basta virou-se novamente para Dedo Empoeirado.

— Mas de alguma maneira ela lembra o pai, sim. Está vendo como aperta os lábios? E o olhar. Sim, não há dúvida quanto ao parentesco — a voz era divertida, mas quando Meggie olhou para o rosto dele de novo, não tinha graça nenhuma. Era um rosto estreito e anguloso, com olhos juntos um do outro, que ele apertava como se assim pudesse ver melhor.

Basta não era um homem alto, seus ombros eram estreitos como os de um menino, e mesmo assim Meggie parou de respirar quando ele deu um passo em sua direção. Nunca antes ela sentira tanto medo de uma pessoa, e isso não se devia à espingarda que ele segurava. Era algo nele, algo colérico, cruel.

— Meggie, pegue a sacola no porta-malas — Elinor, irritada, se pôs entre os dois quando Basta fez menção de agarrar a menina. — Não há nada de perigoso dentro dela. Apenas aquela coisa importante que trouxemos.

Como resposta, Basta apenas tirou os cães do caminho. Eles começaram a latir, de tão bruscamente que ele os puxou.

— Meggie, escute! — sussurrou Elinor quando haviam deixado a perua para trás e seguiam Basta por um caminho íngreme que levava na direção das janelas iluminadas. — Só entregue o livro quando eles nos mostrarem o seu pai, certo?

Meggie fez que sim e apertou a sacola de plástico contra o peito. Será que Elinor achava que ela era tão boba assim? Por outro lado, como ela faria para segurar o livro se Basta tentasse tirá-lo dela? Mas ela achou melhor não levar esse pensamento até o final…

A noite estava abafada. O céu sobre as colinas escuras estava salpicado de estrelas. O caminho pelo qual Basta os guiava era pedregoso e tão escuro que Meggie mal podia ver os seus pés, mas a cada vez que ela tropeçava havia uma mão ali para segurá-la, a de Elinor, que ia bem pertinho, ou a de Dedo Empoeirado, que a seguia com passos leves como se fosse sua sombra. Gwin ainda estava na mochila, e os cães de Basta erguiam os seus focinhos farejadores a todo instante, como se o forte cheiro da marta atiçasse o seu faro.

Lentamente, as janelas iluminadas se aproximaram. Meggie distinguiu as casas, casas velhas feitas de pedras rústicas e cinzentas. Acima de seus tetos erguia-se a torre pálida de uma igreja. Muitas das casas pareciam desabitadas, e as vielas eram tão estreitas que Meggie tinha dificuldade de respirar. Algumas delas não tinham teto, outras não passavam de um punhado de paredes desmoronadas. Estava escuro na aldeia de Capricórnio, e poucos lampiões, suspensos nos arcos de tijolos que havia sobre as vielas, estavam acesos. Finalmente, eles chegaram a uma pequena praça. De um lado erguia-se a torre da igreja que Meggie já avistara de longe e, não muito longe dali, separada apenas por uma estreita viela, havia uma grande casa de dois andares, que parecia até bem firme. A praça estava mais iluminada do que o restante da aldeia, e quatro lampiões lançavam sombras ameaçadoras sobre o calçamento.

Basta levou-os diretamente para a grande casa. Havia luz atrás de três das janelas do andar superior. Será que Mo estava lá? Meggie escutou dentro de si como se pudesse encontrar a resposta lá, mas o medo foi a única coisa que ela ouviu das batidas de seu coração. Medo e preocupação.

14. A tarefa cumprida

— Não vale a pena procurá-lo — disse o castor.

— O que você quer dizer? — perguntou Susana. — Ele não deve estar muito longe! Temos que encontrá-lo! Por que o senhor acha que não vale a pena procurar?

— Porque já sabemos onde ele está — respondeu o castor. — Vocês não se deram conta? Ele foi se encontrar com ela, a Feiticeira Branca. Ele nos traiu!

C. S. Lewis, *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*

Meggie havia imaginado o rosto de Capricórnio centenas de vezes, desde o momento em que Dedo Empoeirado lhe falara sobre ele: no caminho para a casa de Elinor, quando Mo ainda estava ao seu lado; na cama gigantesca da casa de Elinor e, finalmente, no caminho até ali; centenas de vezes, não, milhares de vezes ela tentara imaginá-lo apelando para a ajuda de todos os vilões que já havia encontrado nos livros: o Capitão Gancho, magro, com seu nariz curvo; Long John Silver, sempre com um sorriso falso nos lábios; Injun Joe com seu punhal e seus cabelos pretos sebosos, com quem ela se encontrara tantas vezes em pesadelos…

Mas Capricórnio não se parecia com nenhum deles.

Meggie logo desistiu de contar as portas pelas quais eles passaram antes que Basta finalmente parasse diante de uma delas. Mas os homens vestidos de preto ela contou. Eram quatro, com caras entediadas, espalhados pelos corredores. Ao lado de cada um, apoiada na parede pintada de branco, havia uma espingarda. Eles pareciam corvos em seus ternos justos, totalmente pretos. Somente Basta usava uma camisa branca, branca alvejada, como dissera Dedo Empoeirado, e uma flor vermelha na lapela do paletó, como se fosse uma advertência.

O roupão de Capricórnio também era vermelho. Ele estava sentado numa poltrona quando Basta entrou com os três visitantes noturnos. Uma mulher ajoelhada no chão cortava as unhas dos pés dele. A poltrona parecia pequena para aquele homem, alto e esguio como se houvessem esticado demais a pele sobre seus ossos. Sua tez era clara como papel branco, os cabelos eram curtos e espevitados como uma escova. Meggie não saberia dizer se eram grisalhos ou loiros.

Ele ergueu a cabeça quando Basta abriu a porta. Seus olhos eram quase tão pálidos

quanto tudo nele, claros e descorados como moedas de prata. A mulher que estava a seus pés também ergueu o olhar por um breve instante quando eles entraram, mas logo se debruçou novamente sobre seu trabalho.

— Desculpe interromper, mas a visita que estava sendo esperada chegou — disse Basta. — Pensei que você talvez quisesse falar logo com ela.

Capricórnio recostou-se na poltrona e lançou um breve olhar para Dedo Empoeirado. Então seus olhos inexpressivos voltaram-se para Meggie. Involuntariamente, ela apertou ainda mais a sacola de plástico com o livro contra o peito. Capricórnio olhou para a sacola, como se soubesse o que se ocultava dentro dela. Ele fez um sinal para a mulher a seus pés. Ela se levantou contrariada, alisou seu vestido negro como carvão e lançou um olhar de poucos amigos para Elinor e Meggie. Parecia uma gralha velha, os cabelos grisalhos presos num coque atrás da cabeça e o nariz afilado, que não combinava com o rosto pequeno e cheio de rugas. Ela acenou com a cabeça na direção de Capricórnio e se retirou.

Era uma sala grande. Não havia muitos móveis, apenas uma mesa comprida com oito cadeiras, um armário e um aparador pesado. Não havia uma única lâmpada em toda a sala, apenas velas, dezenas de velas em pesados castiçais de prata. Meggie teve a impressão de que elas enchiam a sala de sombras ao invés de luz.

— Onde ele está? — perguntou Capricórnio. Meggie recuou involuntariamente quando ele se ergueu da poltrona. — Não me diga que desta vez você só trouxe a garota!

A voz dele era mais expressiva do que o rosto. Era uma voz arrastada e lúgubre, e Meggie a odiou já na primeira palavra.

— Está com ela. Na sacola! — Dedo Empoeirado respondeu antes que Meggie pudesse fazê-lo. Os olhos dele vagavam inquietos de uma vela para outra enquanto falava, como se estivesse interessado apenas pelas chamas bruxuleantes. — O pai dela de fato não sabia que estava com o livro errado. Essa pretensa amiga dele — Dedo Empoeirado apontou para Elinor — trocou-o por outro sem que ele soubesse! Eu acho que ela se alimenta de letras. Toda a casa dela está atulhada de livros. Ela os prefere à companhia de seres humanos.

As palavras saíam depressa da boca de Dedo Empoeirado, como se ele quisesse se livrar logo delas.

— Desde o começo, eu a achei insuportável, mas você sabe como é o nosso amigo Língua Encantada. Ele sempre pensa o melhor das pessoas. Ele confiaria até no diabo em pessoa se ele lhe sorrisse amigavelmente.

Meggie virou-se para Elinor. Ela estava ali parada, como se tivesse engolido a língua. A consciência pesada estava claramente estampada em sua testa.

Capricórnio apenas inclinou a cabeça depois das explicações de Dedo Empoeirado. Ele apertou o cinto do roupão, cruzou os braços nas costas e andou até Meggie, lentamente. Ela fez todo o esforço que pôde para não recuar, para olhar firme e sem medo para aqueles olhos sem cor, mas o medo apertava a sua garganta. Que covarde ela era! Tentou se lembrar de algum herói, de algum de seus livros, que ela pudesse encarnar para se sentir mais forte, maior e mais corajosa. Por que só lhe ocorriam histórias sobre o medo enquanto Capricórnio a observava? Para ela, sempre fora tão fácil se transportar para outros lugares, entrar na pele de animais e pessoas que existiam apenas no papel! Por que não naquele momento? Porque ela estava com medo. "Porque o medo mata tudo", Mo lhe dissera um dia, "a razão, o coração e até mesmo a fantasia."

Mo… Onde ele estava? Meggie mordeu os lábios para que eles não tremessem, mas sabia que o medo estava alojado em seus olhos e que Capricórnio podia vê-lo. Ela desejou ter um coração de gelo e lábios sorridentes, em vez dos lábios trêmulos de uma criança cujo pai fora roubado.

Capricórnio agora estava bem perto dela. Ele a examinou detidamente. Nunca alguém olhara para ela daquela maneira. Ela se sentia como uma mosca que já estava grudada no papel pega-moscas e apenas esperava pelo golpe fatal.

— Quantos anos ela tem? — Capricórnio olhou para Dedo Empoeirado como se julgasse Meggie incapaz de saber a resposta.

— Doze! — ela disse bem alto. Não era fácil falar com os lábios trêmulos. — Tenho doze anos. E agora quero saber onde está o meu pai.

Capricórnio reagiu como se não tivesse ouvido a última frase.

— Doze? — ele repetiu com sua voz cavernosa, que ressoou pesadamente nos ouvidos de Meggie. — Mais dois ou três anos e será uma belezinha realmente aproveitável. Contudo, será necessário alimentá-la um pouco melhor.

Ao dizer isso, ele apertava o braço dela com seus dedos longos. Ele usava anéis de

ouro, logo três numa mão. Meggie tentou se soltar, mas Capricórnio a segurou firme enquanto a examinava com seus olhos pálidos. Como se ela fosse um peixe. Um pobre peixe se debatendo.

— Solte a menina!

Pela primeira vez, Meggie ficou contente de que a voz de Elinor pudesse soar tão rude. E de fato Capricórnio soltou seu braço. Elinor postou-se atrás dela e pôs as mãos em seus ombros num gesto protetor.

— Não sei o que está acontecendo aqui! — ela ralhou com Capricórnio. — Não sei quem é o senhor, e tampouco me interessa o que todos esses homens com espingarda fazem nesta aldeia esquecida por Deus e o mundo. Estou aqui para que esta menina tenha o pai dela de volta. Nós lhe cederemos o livro que tanto quer, ainda que isso me cause uma dor na alma, mas você apenas o receberá quando o pai de Meggie estiver sentado no meu automóvel. E, se por algum motivo ele quiser ficar mais tempo aqui, gostaríamos de ouvir isso da própria boca dele.

Capricórnio deu-lhe as costas sem dizer uma palavra.

— Por que você trouxe a mulher? — ele perguntou para Dedo Empoeirado. — Eu disse: a garota e o livro. Agora o que eu faço com essa mulher?

Meggie olhou para Dedo Empoeirado.

A garota e o livro. As palavras ecoavam em sua cabeça, repetidas vezes. "*Eu disse: a garota e o livro*." Meggie tentou olhar nos olhos de Dedo Empoeirado, mas ele desviou o olhar, como se pudesse se queimar. Doía sentir-se tão boba. Tão terrivelmente boba.

Dedo Empoeirado sentou-se no canto da mesa e começou a esmagar uma das velas acesas, de mansinho, bem devagar, como se esperasse pela dor, pela mordiscada da chama.

— Já expliquei a Basta: não foi possível dissuadir a digníssima senhora Elinor de vir também — ele disse. — Ela não quis deixar a menina viajar sozinha, e relutou muito em largar o livro.

— E daí? Eu não tinha razão? — a voz de Elinor soou tão alta que Meggie levou um susto. — Escute só o que está dizendo esse engolidor de fósforos hipócrita! Eu devia ter chamado a polícia quando ele reapareceu. Ele só voltou por causa do livro, só

por isso.

"E por minha causa", pensou Meggie. A garota e o livro.

Dedo Empoeirado fez como se estivesse extremamente ocupado em puxar um fio solto da manga de seu casaco. Mas suas mãos, sempre tão ágeis, agora estavam trêmulas.

— E o senhor! — Elinor encostou o dedo indicador no peito de Capricórnio.

Basta deu um passo para a frente, mas Capricórnio fez um sinal para que recuasse.

— De fato, já vi muitas coisas em se tratando de livros. Eu mesma já tive alguns deles roubados, e não posso afirmar que todos os livros que estão nas minhas estantes tenham chegado lá por vias legítimas. Talvez o senhor conheça o ditado: "Todo colecionador de livros é um abutre e um caçador", mas o senhor me parece ser realmente o mais louco de todos. Muito me admira nunca ter ouvido falar do senhor. Onde está a sua coleção? — Ela correu os olhos pela sala. — Não estou vendo um único livro.

Capricórnio pôs as mãos nos bolsos do roupão e fez um sinal para Basta.

Antes que Meggie entendesse como isso acontecera, basta havia arrancado a sacola de plástico de suas mãos. Ele abriu-a, espiou dentro dela desconfiado, como se suspeitasse haver ali uma serpente ou algo que pudesse mordê-lo, e só então puxou o livro para fora.

Ele o entregou para Capricórnio. Meggie não conseguiu ver em seu rosto nada da ternura com que Elinor ou Mo observavam um livro. Não, no rosto de Capricórnio não havia outra coisa senão repulsa — e alívio.

— As duas não sabem de nada?

Capricórnio abriu o livro, folheou-o e fechou-o novamente. Era o livro certo, Meggie viu em seu rosto. Era exatamente o livro que ele estava procurando.

— Não, elas não sabem de nada. Nem mesmo a garota. — Dedo Empoeirado olhava pela janela tão concentrado, como se houvesse algo para ver além da noite escura como o breu. — Seu pai não lhe contou nada. Por que eu deveria?

Capricórnio assentiu com a cabeça.

— Leve as duas lá para trás! — ordenou a Basta, que ainda estava diante dele com

a sacola vazia na mão.

— O que significa isso? — começou Elinor, mas Basta já arrastava as duas consigo.

— Isso significa que esses dois lindos passarinhos passarão a noite trancados numa das nossas gaiolas — disse Basta, cutucando as duas nas costas com o cano da espingarda.

— Onde está o meu pai? — gritou Meggie. Sua voz soou estridente em seus próprios ouvidos. — Você já está com o livro! O que ainda quer com o meu pai?

Capricórnio andou lentamente até a vela que Dedo Empoeirado havia esmagado, passou o dedo indicador no pavio e observou a fuligem na ponta do dedo.

— O que eu quero com o seu pai? — ele disse sem se voltar para Meggie. — Quero tê-lo aqui, o que mais seria? Você parece ignorar o extraordinário talento que ele possui. Até agora, Língua Encantada não quis pôr esse talento ao meu serviço, por mais que Basta tenha tentado convencê-lo. Mas agora que Dedo Empoeirado trouxe sua querida filhinha, ele vai fazer o que eu quero. Estou absolutamente certo disso.

Meggie tentou empurrar a mão de Basta quando ele a pegou pela nuca como a uma galinha cujo pescoço pretendia torcer. Quando Elinor tentou ajudá-la, ele apontou displicentemente a espingarda para o seu peito e empurrou Meggie para a porta.

Ao se virar mais uma vez, ela viu Dedo Empoeirado ainda encostado na grande mesa. Ele olhava para ela, mas dessa vez não estava sorrindo. "Desculpe!", pareciam dizer os seus olhos. "Eu tive que fazer isso. Posso explicar tudo!"

Mas Meggie não queria entender nada. E muito menos perdoar.

— Tomara que você morra! — ela gritou quando Basta a puxou para fora da sala. — Tomara que você morra queimado e asfixiado pelo seu próprio fogo!

Basta riu enquanto fechava a porta.

— Olhem só a pequena fera mostrando as garras! — ele disse. — Acho que devo tomar cuidado com ela.

15. Sorte e azar

Era madrugada; Bingo não conseguia dormir. O chão era duro mas ele estava acostumado. Seu cobertor estava imundo e cheirava muito mal, mas ele também estava acostumado. Uma canção entrara em sua cabeça e ele não conseguia espantá-la de seus pensamentos. Era o hino da vitória dos Wendel.

Michael de Larrabeiti, *Os Borribles 2*
—No labirinto dos Wendel

As gaiolas — como Basta as chamara —, que Capricórnio mantinha para hóspedes impertinentes, ficavam atrás da igreja, numa praça asfaltada, onde latas de lixo e contêineres repousavam ao lado de montanhas de entulho. Havia um leve odor de gasolina no ar, e os próprios vaga-lumes que voavam sem rumo pela noite pareciam não saber o que os atraíra para aquele local. Uma série de casas semidesmoronadas erguia-se atrás dos contêineres e do entulho. As janelas não passavam de buracos nas paredes cinzentas. Algumas venezianas apodrecidas pendiam tão inclinadas das dobradiças que davam a impressão de que a próxima rajada de vento as derrubaria. Apenas as portas no andar térreo pareciam ter recebido recentemente uma demão de tinta, de um marrom sujo, sobre o qual, torto como um garrancho infantil, fora pintado um número. A última porta, pelo que Meggie conseguiu distinguir na escuridão, tinha um sete.

Basta empurrou Meggie e Elinor em direção ao número quatro. Por um momento, Meggie sentiu alívio por ele não estar de fato falando de uma gaiola, embora a porta na parede sem janelas não parecesse propriamente convidativa.

— Isso tudo é ridículo! — esbravejou Elinor enquanto Basta destrancava a porta.

Ele trouxera reforços da casa, um rapazinho magro, que já usava o mesmo uniforme preto que os homens adultos da aldeia de Capricórnio, e tinha visível prazer em ameaçar Elinor com sua espingarda assim que ela abria a boca. Isso não fez com que ela se calasse.

— O que acontece aqui? — ela vociferou sem tirar o olho do cano da espingarda. — Já ouvi falar que essas montanhas sempre foram um paraíso para salteadores, mas estamos no século vinte e um, meu amigo! E agora ninguém mais conduz uma visita

com uma espingarda, muito menos um fedelho como esse aí…

— Pelo que ouvi falar, tudo o que se fazia antigamente se faz neste ilustre século também — retrucou Basta. — E esse fedelho está exatamente na idade certa para começar a aprender. Eu comecei ainda mais novo do que ele.

Ele abriu a porta. A escuridão atrás dela era mais negra do que a noite.

Basta empurrou Meggie e depois Elinor para dentro, e bateu a porta atrás delas.

Meggie ouviu a chave girar na fechadura, Basta dizer alguma coisa e o rapazinho rir, e então os passos se distanciaram. Ela esticou as mãos para o lado, até que a ponta de seus dedos tocou uma parede. Seus olhos eram inúteis como os de um cego, ela nem ao menos conseguia distinguir onde estava Elinor. Mas ela a ouviu xingar, em algum lugar à sua esquerda.

— Será que neste buraco não há pelo menos um maldito interruptor? Que diabos, estou me sentindo como se tivesse vindo parar num desses terríveis romances de aventura, insuportavelmente mal escritos, onde os vilões usam tapa-olhos e arremessam facas.

Elinor gostava de xingar, Meggie já notara. Quanto mais nervosa, mais ela xingava.

— Elinor? — a voz veio de algum lugar na escuridão.

Alegria, susto, surpresa, tudo transpareceu naquela palavra.

Meggie virou-se tão bruscamente que quase tropeçou nos próprios pés.

— Mo?

— Oh, não. Meggie! Como você veio até aqui?

— Mo!

Meggie cambaleou na escuridão em direção à voz de Mo. Uma mão segurou seu braço, dedos apalparam seu rosto.

— Até que enfim! — No teto uma lâmpada nua se acendeu, e Elinor tirou o dedo de um interruptor empoeirado com um ar de satisfação consigo mesma. — A luz elétrica é realmente uma invenção fabulosa! — ela disse. — Pelo menos é um grande progresso em relação a outros séculos, não acham?

— O que vocês estão fazendo aqui, Elinor? — perguntou Mo enquanto estreitava Meggie em seu peito. — Como você pôde permitir que eles a trouxessem para cá?

— Como pude permitir? — a voz de Elinor soou quase esganiçada. — Eu não pedi para bancar a babá da sua filha. Sei como tomar conta de livros mas, com os diabos, cuidar de crianças é outra coisa! Além do mais, ela estava preocupada com você! Ela queria sair para procurá-lo. E o que fez a tonta da Elinor, em vez de ficar confortavelmente em sua casa? "Não posso deixar a menina sair sozinha pelo mundo", eu pensei. E agora é isso que recebo pela minha generosidade! Tive que ouvir grosserias, aguentar uma espingarda no meu peito e agora ainda por cima as suas censuras…

— Tudo bem, tudo bem! — Mo afastou Meggie e examinou-a da cabeça aos pés.

— Estou bem, Mo! — disse Meggie, embora sua voz tremesse um pouco. — Verdade.

Mo assentiu com a cabeça e olhou para Elinor.

— Vocês trouxeram o livro para Capricórnio?

— É claro! Você também o teria entregado se eu não… — Elinor corou, e olhou para seus sapatos empoeirados.

— Se você não o tivesse trocado — Meggie terminou a frase por ela.

Ela pegou a mão de Mo e segurou-a bem firme. Quase não acreditava que ele estava novamente junto dela, são e salvo, com exceção do arranhão ensanguentado em sua testa, quase totalmente coberto por seus cabelos escuros.

— Eles bateram em você? — ela perguntou, preocupada, e passou o dedo sobre o sangue ressecado.

Mo sorriu de leve, embora certamente não estivesse muito animado.

— Não foi nada. Estou bem! Não se preocupe.

Meggie achou que isso não era uma resposta, mas não perguntou mais.

— Como vocês chegaram aqui? Capricórnio mandou os seus homens mais uma vez?

Elinor sacudiu a cabeça.

— Não foi necessário — ela lamentou. — O seu amigo língua de trapo se encarregou disso. Que bela víbora você levou para minha casa. Primeiro ele o traiu, e depois, para completar, entregou o livro e a sua filha de bandeja para Capricórnio. "A garota e o livro", como acabamos de ouvir do próprio Capricórnio, era a missão do devorador de fósforos. E ele a cumpriu muito a contento.

Meggie pôs o braço de Mo em seu ombro e escondeu o rosto na camisa dele.

— A garota e o livro? — Mo estreitou Meggie em seus braços novamente. — É claro. Agora Capricórnio pode ter certeza de que farei o que ele quer.

Ele se virou e andou com passos lentos até o monte de palha que havia num canto no chão. Com um suspiro, sentou-se ali, apoiou as costas na parede e fechou os olhos por um momento.

— Pois é, agora estamos quites, Dedo Empoeirado e eu — disse Mo. — Embora eu me pergunte como Capricórnio o recompensará pela traição. O que Dedo Empoeirado quer ele não pode lhe dar.

— Quites? Do que você está falando? — Meggie agachou-se ao lado dele. — E o que Capricórnio quer que *você* faça? O que ele quer com você, Mo?

A palha estava úmida. Aquele não era um bom lugar para dormir, mas sem dúvida melhor do que o chão frio de pedra.

Mo permaneceu calado por uma pequena eternidade, fitando as paredes nuas, a porta fechada, o chão sujo.

— Acho que está na hora de contar a história toda — ele disse finalmente. — Embora na verdade eu quisesse contá-la a você num lugar menos desolado, e só quando você fosse um pouco mais velha…

— Eu tenho doze anos, Mo!

Por que os adultos achavam que as crianças suportavam melhor os segredos do que a verdade? Será que não faziam ideia das histórias tenebrosas que elas inventam para explicar os mistérios? Somente muitos anos depois, quando Meggie já tinha os filhos dela, entendeu que existem verdades que enchem completamente o coração de desespero e das quais não é agradável falar, muito menos com os filhos, a não ser que se tenha alguma coisa que ofereça esperança perante o desespero.

— Sente-se, Elinor! — disse Mo, movendo-se um pouco para o lado.

Elinor suspirou e sentou-se de mau jeito na palha úmida.

— Isto tudo não é verdade! — ela murmurou. — Não pode ser verdade.

— É o que eu penso há nove anos, Elinor — disse Mo.

E então ele começou a contar.

16. Naquele tempo

Ele ergueu o livro.

— Lerei para você. Como distração.

— Fala de esporte?

— Duelos. Lutas corpo a corpo. Tortura. Veneno. Amor verdadeiro. Ódio. Vingança. Gigantes. Caçadores. Pessoas más. Pessoas boas. Mulheres belíssimas. Serpentes. Aranhas. Dor. Morte. Homens corajosos. Covardes. Homens fortes como ursos. Perseguições. Fuga. Mentiras. Verdades. Paixões. Milagres.

— Soa bem — eu disse.

William Goldman, *A princesa noiva*

— Você tinha acabado de fazer três anos, Meggie — começou Mo. — Ainda me lembro de como comemoramos o seu aniversário. Nós demos um livro de figuras de presente para você. Aquele da serpente marinha que tinha dor de dente e se enroscou num farol…

Meggie confirmou com a cabeça. Ele ainda estava em seu baú e já recebera roupa nova duas vezes.

— Nós? — ela perguntou.

— Sua mãe e eu. — Mo tirou um pouco de palha da calça dele. — Já naquela época, eu não podia passar na frente de uma livraria. A casa em que morávamos era muito pequena. Nós a chamávamos de caixa de sapatos, ou casa do ratinho, nós lhe demos muitos nomes. Mas naquele dia eu tinha comprado uma caixa cheia de livros num sebo. Elinor — ele olhou para ela e sorriu — teria gostado muito de alguns deles. O livro de Capricórnio também estava lá.

— O livro era dele? — Meggie olhou espantada para Mo, mas ele sacudiu a cabeça. — Não, isso não, mas… uma coisa de cada vez. Sua mãe suspirou quando viu os novos livros e perguntou onde iríamos guardá-los, mas depois, é claro, me ajudou a desempacotar todos eles. Naquela época eu sempre lia para ela.

— Você lia em voz alta?

— Sim. Todas as noites. Sua mãe gostava muito. Naquela noite, ela escolheu *Coração de tinta*. Ela sempre gostou de histórias de aventuras, histórias cheias de mistério e esplendor. Ela sabia de cor os nomes de todos os cavaleiros do rei Artur e conhecia tudo sobre Beowulf e Grendel, sobre os deuses da Antiguidade e outros heróis não tão antigos. Ela também gostava de histórias de piratas, mas preferia aquelas em que aparecia pelo menos um cavaleiro e um dragão ou uma fada. Aliás, ela sempre ficava do lado do dragão. Em *Coração de tinta* parecia não haver nenhum, mas em compensação não faltavam mistérios e esplendor, além de fadas e duendes… Sua mãe também gostava muito de duendes: dos *brownies*, *bucca boos*, *fenoderees*, dos *foltetti* com as suas asas de borboleta, ela conhecia todos eles. Então demos uma pilha de livros de figuras para você, nos sentamos confortavelmente ao seu lado no tapete, e eu comecei a ler.

Meggie encostou a cabeça no ombro de Mo e olhou para a parede nua. Ela viu a si mesma no branco sujo da parede, do jeito como aparecia em fotos antigas: pequenina, de pernas roliças, os cabelos loiros bem claros (eles haviam escurecido desde então), folheando os livros de figuras com seus dedinhos curtos. Sempre que Mo contava alguma coisa, era isto que acontecia: Meggie via imagens, imagens vivas.

— Nós gostamos da história — prosseguiu seu pai. — Ela era cheia de suspense, bem escrita e povoada pelos mais estranhos seres. Sua mãe adorava quando um livro a transportava para o desconhecido, e o mundo para o qual *Coração de tinta* a levava era bem ao seu gosto. Às vezes a história ficava um tanto tenebrosa e, sempre que a tensão era muito grande, sua mãe punha o dedo nos lábios e eu passava a ler mais baixo, embora soubéssemos que você estava ocupada demais com os seus livros para prestar atenção numa história cujo sentido você de qualquer forma não teria entendido. Lá fora já estava escuro, eu me lembro como se tivesse sido ontem, era outono, e o vento soprava na janela. Havíamos acendido o fogo, pois nossa caixinha de sapatos não possuía aquecimento central, e sim uma estufa a lenha em cada cômodo, e eu estava começando o sétimo capítulo. Foi então que aconteceu…

Mo calou-se. Ficou olhando para a frente, como se tivesse se perdido em seus próprios pensamentos.

— O quê? — sussurrou Meggie. — O que aconteceu, Mo?

O pai olhou para ela.

— Eles saíram — ele disse. — De repente eles estavam lá, na porta do corredor,

como se tivessem vindo de fora. Quando eles se viraram para nós, eu ouvi um ruído que era como se alguém desdobrasse uma folha de papel. Seus nomes ainda estavam em meus lábios: Basta, Dedo Empoeirado, Capricórnio. Basta segurava Dedo Empoeirado pelo colarinho como quem sacode um cachorrinho que fez algo proibido. Naquela época, Capricórnio já gostava de se vestir de vermelho, mas era nove anos mais jovem e ainda não era tão magro. Ele possuía uma espada, eu nunca tinha visto uma de perto. Basta também trazia uma pendurada no cinto, uma espada e uma navalha, enquanto Dedo Empoeirado… — Mo sacudiu a cabeça. — Bem, ele não tinha nada além da marta de chifres, e ganhava o seu pão com as exibições dela. Acho que nenhum dos três entendeu o que havia acontecido. Eu mesmo só entendi muito depois. A minha voz os fizera escorregar do livro, como um marcador que alguém tivesse esquecido entre as páginas. Como eles poderiam entender isso? Basta deu um empurrão tão violento em Dedo Empoeirado que o derrubou no chão. Então ele quis sacar a espada, mas suas mãos, pálidas como papel, pareciam ainda não ter forças. A espada escorregou de seus dedos e caiu no tapete. Parecia haver sangue na lâmina, mas talvez fosse apenas o fogo que se refletia nela. Capricórnio ficou parado, olhando ao redor. Parecia sentir tonturas, e cambaleava como um urso dançarino que girou demais. Provavelmente isso foi a nossa salvação, pelo menos foi o que Dedo Empoeirado sempre afirmou. Se Basta e seu chefe estivessem em pleno uso de suas forças, certamente teriam nos matado. Mas eles mal haviam chegado a este mundo, e eu peguei aquela espada horrível que estava jogada entre os livros no tapete. Ela era pesada, muito mais pesada do que eu imaginara. Devo ter parecido terrivelmente ridículo com ela na mão. Eu provavelmente a empunhava como um aspirador de pó ou uma bengala, mas quando Capricórnio veio cambaleando em minha direção e eu lhe apontei a lâmina, ele parou. Comecei a gaguejar tentando explicar o que acontecera, embora eu mesmo não soubesse, mas Capricórnio simplesmente olhou para mim com seus olhos azuis, claros como água, enquanto Basta se mantinha ao seu lado com a navalha na mão, e parecia esperar a ordem do chefe para cortar nosso pescoço.

— E o devorador de fósforos? — A voz de Elinor também soou rouca.

— Ele ainda estava sentado no tapete, como que entorpecido, sem ter emitido ainda um som sequer. Não me preocupei com ele. Quando você abre uma cesta e de dentro saem duas serpentes e um lagarto, primeiro você se ocupa das serpentes, certo?

— E a minha mãe? — Meggie conseguiu apenas sussurrar. Não estava acostumada a dizer essa palavra.

Mo olhou para ela.

— Ela tinha sumido! Você ainda estava ajoelhada entre os seus livros, e olhava com os olhos arregalados para os estranhos que estavam ali com aquelas armas e botas pesadas. Eu temia terrivelmente por vocês duas, mas, para meu alívio, nem Basta nem Capricórnio deram atenção alguma a você. "Chega de conversa mole!", disse Capricórnio finalmente, quando comecei a me atrapalhar ainda mais com minhas próprias palavras. "Não estou interessado em saber como vim parar neste lugar deplorável. Leve-nos de volta, seu mago infeliz, ou Basta cortará essa sua língua tagarela." Isso não soou exatamente reconfortante e, nos primeiros capítulos, eu lera o suficiente sobre os dois para saber que Capricórnio estava falando sério. Tive vertigens de tão desesperado que fui ficando enquanto pensava em como poderia pôr fim àquele pesadelo. Peguei o livro do chão, talvez se eu lesse o mesmo trecho mais uma vez… eu tentei. Eu tropeçava nas palavras, enquanto Capricórnio me observava e Basta sacava sua navalha. Nada aconteceu. Os dois estavam ali, na minha casa, e não pareciam nem um pouco dispostos a voltar para a história deles. E de repente tive a certeza de que eles nos matariam. Deixei cair o livro, esse malfadado livro, e ergui a espada que havia jogado no tapete. Basta tentou se adiantar, mas eu fui mais rápido. Precisei das duas mãos para segurar aquela coisa horrível, ainda me lembro de como seu punho era frio. Não me pergunte como, mas consegui impelir Basta e Capricórnio para o corredor. Brandi a espada com tanta fúria que algumas coisas se espatifaram no chão com um estrondo. Você começou a chorar, e eu queria me virar para você e dizer que aquilo tudo era apenas um sonho ruim, mas estava muito ocupado em manter afastadas a navalha de Basta e a espada de Capricórnio. "Agora aconteceu", eu pensava a todo instante, "agora você está dentro de uma história como sempre desejou, e é terrível." O medo tem um sabor muito diferente quando não se está lendo sobre ele, Meggie, e bancar o herói não estava sendo nem um pouco divertido, nada parecido com o que eu imaginara. Se os dois ainda não estivessem meio fracos das pernas, com certeza teriam me matado. Capricórnio gritava comigo, seus olhos quase saltavam das órbitas de tão irado que ele estava. Basta vociferava e me ameaçava, e fez um corte feio no antebraço com a navalha, mas de repente a porta da casa se abriu e os dois desapareceram na noite, cambaleando feito bêbados. Quase não consegui fechar o trinco, pois meus dedos tremiam de forma incontrolável. Eu me encostei na porta, prestei atenção nos ruídos do lado de fora, mas só consegui ouvir o meu próprio coração disparado. Então escutei você chorando na sala e me lembrei de que havia um terceiro. Voltei depressa, ainda com a espada na mão, e encontrei Dedo Empoeirado

em pé no meio da sala. Ele não tinha uma arma, apenas a marta em seu ombro, e recuou, o rosto lívido como a morte, quando andei na direção dele. Eu devia estar com um aspecto medonho, o sangue escorria do meu braço e todo o meu corpo tremia, não sei se de medo ou de fúria. "Por favor!", ele sussurrou. "Não me mate! Não tenho nada a ver com os dois. Sou apenas um saltimbanco, um inofensivo cuspidor de fogo. Posso provar." E eu respondi: "Está bem, está bem. Eu sei, você é Dedo Empoeirado". E ele fez uma reverência respeitosa diante de mim. Eu, o mago todo-poderoso, que sabia tudo sobre ele e que o havia colhido de seu mundo como uma maçã de uma árvore. A marta desceu de seu braço, pulou no tapete e correu até você. Você parou de chorar e estendeu a mão para ela. "Cuidado, ela morde", disse Dedo Empoeirado, espantando o animal. Não prestei atenção nele. De repente, percebi como a sala estava silenciosa. Silenciosa e vazia. Vi o livro jogado no tapete, aberto, como eu o deixara cair, e a almofada na qual sua mãe estava sentada. Ela não estava lá. Onde estaria? Eu chamei o nome dela, chamei várias vezes. Corri por todos os quartos. Mas ela não estava mais ali.

Elinor estava sentada, rígida como uma tábua, olhando para ele.

— Pelo amor de Deus, que história é essa? — ela exclamou. — Você me contou que ela partiu numa dessas viagens estúpidas de aventuras e não voltou mais!

Mo encostou a cabeça na parede.

— Alguma coisa eu tinha que inventar, Elinor — ele disse. — Você há de convir que seria muito difícil contar a verdade.

Meggie passou a mão no braço dele, no ponto onde a camisa escondia uma grande cicatriz pálida.

— Você sempre me disse que cortou o braço pulando uma janela quebrada.

— Isso mesmo. Porque a verdade era absurda demais. Não é?

Meggie fez que sim. Ele tinha razão, ela teria achado que era mais uma de suas histórias.

— Ela nunca voltou? — sussurrou, embora soubesse a resposta.

— Não — respondeu Mo. — Basta, Capricórnio e Dedo Empoeirado saíram do livro e ela entrou, junto com os nossos dois gatos, que sempre ficavam no colo dela quando eu lia. Provavelmente também sumiu alguém em troca de Gwin, talvez uma

aranha ou mosca ou algum pássaro que estava voando perto da casa naquele momento…

Mo calou-se. Às vezes, quando ele inventava uma história tão boa que Meggie acreditava que era verdade, de repente ele começava a rir e dizia: "Enganei um bobo na casca do ovo". Como naquela vez, em seu aniversário de sete anos, em que ele disse que havia descoberto umas fadas lá fora no meio dos pés de açafrão. Mas dessa vez o sorriso não veio.

— Depois de procurar em vão por sua mãe na casa toda — ele prosseguiu —, voltei para a sala, mas Dedo Empoeirado havia desaparecido junto com seu amiguinho de chifres. Apenas a espada ainda estava lá, e parecia tão real ao toque que decidi não duvidar da minha lucidez. Levei você para a cama, acho que lhe disse que sua mãe tinha ido dormir, e comecei a ler *Coração de tinta* em voz alta mais uma vez. Li todo o maldito livro, até que fiquei rouco e o sol nasceu lá fora, mas tudo o que saiu dele foi um morcego e uma capa de seda, com a qual eu mais tarde forrei o seu baú de livros. Nos dias e noites seguintes eu tentei novamente, diversas vezes, até que meus olhos começaram a arder e as letras a dançar feito bêbadas nas páginas. Eu não comia, não dormia, a cada vez lhe inventava uma nova história sobre o paradeiro da sua mãe, e sempre tomava cuidado para que você não estivesse no mesmo aposento onde eu lia, com medo de que você também pudesse desaparecer. Comigo eu não me preocupava. Era estranho, mas eu tinha a sensação de que, como leitor, não corria o perigo de sumir entre as páginas. Não sei até hoje se isso era verdade.

Mo espantou um mosquito com a mão, depois prosseguiu: — Eu lia em voz alta, até não aguentar mais ouvir a minha própria voz. Mas sua mãe não voltou, Meggie. Em compensação, no quinto dia, surgiu na minha sala um estranho homenzinho, transparente, como se fosse de vidro, e o carteiro, que acabara de pôr algumas cartas na nossa caixa de correio, desapareceu. Encontrei a bicicleta dele lá fora no pátio. A partir daí, eu soube que nem paredes, nem portas fechadas poderiam mantê-la a salvo de desaparecer também, nem você nem mais ninguém. Então decidi nunca mais ler um livro em voz alta. Nem *Coração de tinta,* nem qualquer outro.

— O que aconteceu com o homenzinho de vidro? — perguntou Meggie.

Mo deu um suspiro.

— Ele se estilhaçou, poucos dias depois, quando um caminhão passou na frente da nossa casa. Ao que tudo indica, são muito poucos os que suportam mudar de mundo

tão bruscamente. Nós dois sabemos como pode ser bom mergulhar num livro e viver nele por um tempo, mas ser arrancado de uma história e de repente se encontrar no nosso mundo não parece deixar a pessoa exatamente feliz. Isso partiu o coração de Dedo Empoeirado.

— Ele tem coração? — perguntou Elinor com amargura.

— Ele estaria melhor se não tivesse — respondeu Mo. — Mais de uma semana se passou até ele aparecer de novo na minha porta. Foi à noite, é claro; ele sempre prefere a noite. Eu estava fazendo as malas, pois decidira que era mais seguro ir embora. Não queria ter que expulsar Basta e Capricórnio da minha casa com uma espada novamente. Dedo Empoeirado confirmou minhas preocupações. Já era bem mais de meia-noite quando ele apareceu, mas de qualquer forma eu não estava conseguindo dormir.

Mo acariciou os cabelos de Meggie e continuou: — Naquela época, você também não dormia bem. Tinha sonhos ruins, por mais que eu tentasse espantá-los com minhas histórias. Eu estava justamente pegando minhas ferramentas na oficina quando alguém bateu na porta, baixinho, quase furtivamente. Daquela vez, Dedo Empoeirado também surgiu de repente da escuridão, como fez há quatro dias, quando voltou a aparecer na frente da nossa casa. Dá para acreditar que só faz quatro dias? Quando ele reapareceu naquela noite, tive a impressão de que ele não comia havia muito tempo, estava magro como um gato de rua, com os olhos completamente turvos. "Mande-me de volta", ele balbuciou. "Mande-me de volta, por favor! Este mundo está me matando. Ele é muito rápido, muito cheio e muito barulhento. Se eu não morrer de saudades, vou morrer de fome. Não sei do que viver. Não sei absolutamente nada. Sou como um peixe fora d'água." Ele custava a acreditar que eu não podia mandá-lo de volta. Ele quis ver o livro, quis tentar ele mesmo, embora mal soubesse ler, mas naturalmente eu não podia lhe dar o livro. Teria sido como se eu jogasse fora a última coisa que ainda possuía de sua mãe. Felizmente, eu o havia escondido muito bem. Deixei Dedo Empoeirado dormir no sofá e, quando desci do quarto no dia seguinte, ele ainda estava remexendo as estantes. Nos dois dias seguintes ele apareceu de novo e começou a andar atrás de nós, me seguindo para onde quer que eu fosse, até que não aguentei mais e fugi com você no meio da noite. Depois disso, nunca mais o vi. Até quatro dias atrás.

Meggie olhou para ele.

— Você ainda tem pena dele — ela disse.

Mo ficou calado.

— Às vezes — ele disse finalmente.

Ouvindo isso Elinor bufou, cheia de desprezo.

— Você é mais louco do que eu pensava — ela disse. — Esse cretino é o culpado por estarmos neste buraco, por causa dele talvez cortem o nosso pescoço, e você ainda tem pena dele?

Mo sacudiu os ombros e olhou para o teto, onde algumas traças voavam ao redor da lâmpada.

— Capricórnio deve ter prometido a Dedo Empoeirado que o faria voltar — ele disse. — Ele percebeu o que eu não percebi: que uma promessa dessas convenceria Dedo Empoeirado a fazer qualquer coisa. Voltar para a própria história é só o que ele deseja. Ele nem sequer pergunta se a história termina bem para ele!

— Bem, na vida real também é assim — observou Elinor com uma expressão melancólica. — Ninguém sabe se a coisa vai dar certo. No nosso caso, tudo leva a crer que o final não será nada bom.

Meggie estava sentada com os braços em volta das pernas, o rosto apoiado nos joelhos, o olhar perdido nas paredes sujas. Ela via diante de si o *H*, o *H* no qual a marta de chifres estava sentada, e tinha a sensação de que sua mãe olhava para ela de trás daquela grande letra maiúscula. Sua mãe, como ela conhecia pela foto desbotada que ficava debaixo do travesseiro de Mo. Então ela não havia ido embora. Como estaria lá naquele outro mundo? Ela ainda se lembrava da filha? Ou Meggie e Mo também eram para ela somente uma imagem meio apagada? Ela também tinha saudades de seu próprio mundo, como Dedo Empoeirado?

E Capricórnio, tinha saudades? Era isso o que ele queria de Mo? Que ele o fizesse voltar? O que aconteceria quando Capricórnio notasse que Mo não tinha a menor ideia de como fazer isso? Meggie sentiu um calafrio.

— Parece que agora Capricórnio tem um outro leitor — prosseguiu Mo, como se tivesse lido os pensamentos de Meggie. — Basta me falou dele, provavelmente para deixar claro que não sou de todo indispensável. Parece que ele tirou de um livro diversos ajudantes úteis para Capricórnio.

— Ah, é? Então o que ele quer de você? — Elinor levantou-se ofegante e esfregou os quadris com um gemido. — Não estou entendendo mais nada. Apenas espero que tudo isto seja um desses sonhos dos quais a gente acorda com torcicolo e um gosto ruim na boca.

Meggie tinha suas dúvidas de que Elinor realmente tivesse essa esperança. A palha úmida sobre a qual eles estavam sentados parecia muito real, assim como a parede fria em suas costas. Ela se encostou novamente no ombro de Mo e fechou os olhos. Lamentava ter lido tão pouco de *Coração de tinta*. Ela nada sabia sobre a história na qual sua mãe desaparecera. Conhecia apenas as histórias de Mo, todas as histórias que ele havia contado sobre o que mantinha sua mãe longe deles nos anos em que ficaram sozinhos, histórias de aventuras que ela vivia em países longínquos, sobre inimigos terríveis que impediam seu regresso e histórias sobre um baú que ela enchia só para Meggie, colocando dentro dele, em cada malfadado lugar por onde passava, algo novo e absolutamente maravilhoso.

— Mo? — ela perguntou. — Você acha que ela está gostando de estar nessa história?

Mo demorou para responder.

— Das fadas com certeza está gostando — ele disse finalmente —, embora sejam criaturinhas temperamentais. E os duendes, pelo que conheço de sua mãe, devem estar sendo alimentados com leite por ela. Sim, acho que dessa parte ela está gostando…

— E… de que parte ela não está gostando? — Meggie olhou para ele preocupada.

Mo hesitou.

— Do mal — ele disse finalmente. — Acontecem muitas coisas ruins nesse livro, e ela não sabe que tudo termina razoavelmente bem, afinal nunca li a história para ela até o fim… Disso ela não deve estar gostando.

— Não, não está mesmo — disse Elinor. — Mas como você sabe que a história não mudou? Afinal de contas, você tirou dela Capricórnio e o seu amigo da navalha. E os dois agora estão ocupados em pegar no nosso pé.

— É verdade — disse Mo. — Mas, mesmo assim, acho que eles ainda estão no livro também! Acredite, eu já o li muitas vezes desde que eles saíram. A história continua tratando deles: de Dedo Empoeirado, Basta e Capricórnio. Isso não significa

que tudo permaneceu como estava? Que Capricórnio ainda está lá, e que nós aqui nos defrontamos apenas com a sombra dele?

— Para uma sombra, ele é bastante assustador — disse Elinor.

— Sim, é verdade — disse Mo. Ele suspirou. — Talvez tudo tenha se alterado. Talvez atrás da história impressa haja uma outra, muito maior, que se modifica como acontece no nosso mundo. E talvez as letras não nos revelem mais do que aquilo que vemos quando espiamos pelo buraco de uma fechadura. Talvez elas sejam somente a tampa de uma panela que contém muitas coisas além das que podemos ler.

Elinor deu um gemido.

— Pelo amor de Deus, Mortimer! — ela disse. — Pare com isso, estou ficando com dor de cabeça.

— Acredite, eu também fiquei quando comecei a pensar sobre isso — respondeu Mo.

Depois disso os três se calaram, e continuaram assim por um bom tempo, cada qual preso aos seus próprios pensamentos.

Elinor foi a primeira a falar novamente, mas soou quase como se ela falasse consigo mesma.

— Meu Deus do céu — ela murmurou enquanto descalçava os sapatos. — Quando penso em quantas vezes desejei entrar dentro de um dos meus livros favoritos! Mas o bom dos livros é justamente isto: podemos fechá-los quando quisermos.

Gemendo, ela mexeu os dedos dos pés e começou a andar de um lado para o outro. Meggie teve que conter o riso. Elinor estava muito engraçada, mancando com os pés doloridos da parede para a porta e vice-versa, para lá e para cá, como um brinquedo de corda.

— Elinor, você está me deixando maluco! Sente-se de novo — disse Mo.

— Não sento! — ela esbravejou. — Se sentar, eu é que vou ficar maluca.

Mo fez uma careta e pôs o braço no ombro de Meggie.

— Bem, deixe ela andar! — ele cochichou no ouvido da filha. — Quando ela tiver percorrido uns dez quilômetros, vai cair de canseira. Mas você deveria dormir

agora. Deite na minha cama. Ela não é tão ruim quanto parece. Se você fechar bem os olhos, pode imaginar que é o porquinho Wilbur, deitado confortavelmente no seu estábulo…

— … ou Wart, dormindo na relva com os gansos selvagens.

Meggie não conseguiu reprimir um bocejo. Quantas vezes ela havia jogado aquele jogo com o pai! "Que livro isso lembra, que livro esquecemos? Ah, este! Fazia tempo que eu não pensava nele…!" Sonolenta, Meggie se estendeu sobre a palha pinicante.

Mo tirou o pulôver e cobriu a filha com ele.

— De qualquer forma, você precisa de um cobertor — ele disse. — Mesmo sendo um porco ou um ganso.

— Mas você vai ficar com frio.

— Que nada.

— E onde vocês vão dormir, você e Elinor?

Meggie bocejou mais uma vez. Ela não tinha notado como estava cansada.

Elinor continuava mancando de uma parede para a outra.

— Quem falou em dormir? — ela disse. — Vamos montar guarda, é claro.

— Está bem — murmurou Meggie, e enfiou o nariz no pulôver de Mo.

"Ele está comigo de novo", ela pensou, enquanto o sono deixava pesadas as suas pálpebras. "Todo o resto não importa." E então ela pensou: "Se pelo menos eu pudesse ler o livro". Mas *Coração de tinta* estava com Capricórnio, e ela não queria pensar nele, senão o sono não chegaria nunca. Nunca…

Mais tarde, ela não soube dizer por quanto tempo dormira. Talvez seus pés frios a tivessem despertado, ou talvez fosse a palha que pinicava a sua cabeça. Seu relógio de pulso marcava quatro horas. Nada naquele quarto sem janelas revelava ser dia ou noite, mas Meggie não conseguia imaginar que a noite já tivesse acabado. Mo estava sentado com Elinor ao lado da porta. Os dois pareciam cansados, cansados e preocupados, e conversavam aos sussurros.

— Sim, eles ainda acham que eu sou um mago — dizia Mo. — Eles me deram este nome ridículo: Língua Encantada. E Capricórnio possui a firme convicção de que sou capaz de fazer tudo de novo, a qualquer momento e com qualquer livro.

— E… você é capaz? — perguntou Elinor. — Você ainda não contou tudo, não é?

Mo demorou algum tempo para responder.

— Não! — ele disse finalmente. — Porque não quero que Meggie também ache que eu sou mago ou coisa parecida.

— Então já aconteceu muitas vezes de você… ler coisas?

Mo fez que sim.

— Sempre gostei de ler em voz alta, desde menino, e uma vez, quando estava lendo *Tom Sawyer* para um amigo, de repente apareceu um gato morto no tapete, duro como uma tábua. Somente mais tarde notei que, em troca, um dos meus bichos de pelúcia desaparecera. Acho que o nosso coração quase parou, e juramos um ao outro, selando o juramento com sangue como Tom e Huck, que jamais contaríamos a ninguém sobre o gato. Depois disso tentei várias vezes em segredo, sem testemunhas, mas parecia nunca acontecer quando eu queria. Na verdade parecia não haver uma regra, quando muito a de que só acontecia com histórias das quais eu gostava. Naturalmente, guardei tudo o que saía, com exceção da nabobrinha que *O bom gigante amigo* me deu de presente. Ela tinha um fedor insuportável. Quando Meggie ainda era bem pequena, às vezes saíam algumas coisas dos seus livros de figuras, uma pena, um sapatinho minúsculo… sempre colocamos as coisas no seu baú de livros, mas nunca lhe contei de onde elas vinham. Provavelmente ela nunca mais teria pegado um livro, com medo de que a serpente gigante com dor de dente ou outro ser ameaçador pudesse sair de dentro dele! Mas nunca, Elinor, de fato nunca havia saído nada vivo de um livro. Até aquela noite.

Mo examinou as palmas das mãos, como se visse ali todas as coisas que sua voz havia tirado dos livros.

— Por que não podia ser alguém simpático, já que tinha que acontecer, alguém como… o rei Babar, o elefante? Meggie teria ficado encantada.

"Oh, sim, com certeza eu teria ficado encantada", pensou Meggie. Ela se lembrou do sapatinho e da pena. Era verde-esmeralda, como as penas de Polinésia, o papagaio do dr. Dolittle.

— Pois é, saiba que poderia ter sido muito pior.

Isso era típico de Elinor. Como se ficar longe do mundo, aprisionado numa casa em ruínas, cercado por homens vestidos de preto com cara de abutre e faca no cinto não fosse ruim o suficiente. Mas pelo jeito Elinor era mesmo capaz de imaginar coisa pior.

— Imagine só se de repente Long John Silver tivesse aparecido na sua sala e atacado você com a sua muleta mortífera — ela sussurrou. — Acho que eu prefiro esse Capricórnio. Sabe de uma coisa? Quando tivermos voltado para casa, digo, para a minha casa, vou lhe dar um desses livros simpáticos: *O ursinho Pooh*, por exemplo, ou talvez *Onde vivem os monstros*. Contra um monstro desses eu não teria absolutamente nada a objetar. Deixarei a minha melhor poltrona para você, farei um café e então você lerá para mim. Que tal?

Mo riu baixinho, e por um momento o seu rosto não pareceu tão carregado de preocupações.

— Não, Elinor. Não farei nada disso. Embora soe muito atraente. Jurei a mim mesmo nunca mais ler em voz alta. Sabe lá quem desapareceria da próxima vez, e até mesmo na história do ursinho Pooh pode existir algum malfeitor no qual não reparamos. E se eu tirar o próprio Pooh do livro? E como ele iria fazer por aqui sem os seus amigos e sem o Bosque dos Cem Acres? Seu coração mole se partiria, assim como o de Dedo Empoeirado.

— Mas que coisa! — Elinor fez um gesto de impaciência. — Quantas vezes vou ter que lhe dizer que esse cretino não tem coração? Mas tudo bem. Vamos a uma outra pergunta cuja resposta me interessa muito.

Elinor baixou a voz, e Meggie precisou fazer um grande esforço para continuar ouvindo.

— Quem era afinal esse Capricórnio na sua história? Provavelmente o vilão, é claro, mas será que eu poderia saber um pouco mais sobre ele?

Sim, Meggie também gostaria de saber mais sobre Capricórnio, mas Mo de repente ficou bastante lacônico.

— Quanto menos vocês souberem sobre ele, melhor — ele se limitou a dizer.

E não disse mais nada. Elinor insistiu ainda por um tempo, mas ele se esquivou de todas as perguntas. Mo parecia não ter vontade alguma de falar sobre Capricórnio. Seus pensamentos estavam em outro lugar, Meggie via isso no rosto dele. Em algum

momento Elinor adormeceu, encolhida no chão frio, como se quisesse aquecer a si mesma. Mas Mo continuou ali sentado, com as costas apoiadas na parede.

O rosto dele observou Meggie enquanto ela adormecia novamente. Ele apareceu nos sonhos dela como uma lua escura. A lua abria a boca e de dentro dela saíam figuras grossas, finas, grandes, pequenas, uma longa sequência delas. No nariz da lua, porém, como uma simples sombra, dançava a figura de uma mulher. E de repente a lua começou a sorrir.

17. O traidor traído

Era um prazer especial ver como algo se consumia, como enegrecia e se *transformava*. [...] Ele gostaria de esquentar um espeto de marshmallow no calor da fornalha, enquanto os livros morriam, como o bater das asas de pombo, nas chamas diante da casa. Enquanto os livros subiam em redemoinhos de fagulhas e eram levados por um vento preto carregado de fumaça.

Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*

Em algum momento, pouco antes de romper o dia, aquela lâmpada que com uma luz pálida os ajudara a atravessar a noite começou a piscar. Mo e Elinor dormiam, ao lado da porta trancada, mas Meggie estava deitada de olhos abertos no escuro, e sentia o medo rastejar das paredes frias em sua direção. Ela escutou a respiração de Elinor e de seu pai, e tudo o que desejou foi uma vela — e um livro, que mantivesse o medo afastado. Ele parecia estar em toda parte, um ser mau e sem corpo que apenas esperara a lâmpada se apagar e agora se esgueirava na escuridão para apanhá-la com seus braços frios. Meggie sentou-se, respirou fundo e engatinhou até Mo. Ela se encolheu ao lado do pai, como fazia antigamente, quando era pequena, e ficou esperando que a luz da manhã se infiltrasse pela porta.

Com a luz, vieram dois dos homens de Capricórnio. Mo acabara de se sentar ainda com sono, e Elinor esfregava as costas doloridas sem parar de xingar. Então eles ouviram os passos.

Basta não estava com eles. Um dos homens, grande como um armário, tinha o rosto achatado, como se um gigante o tivesse esmagado com o polegar. O segundo, baixo e magro, com um cavanhaque no queixo recuado, mexia o tempo todo em sua espingarda e os examinava com um olhar hostil, como se estivesse com muita vontade de fuzilar os três ali mesmo naquele instante.

— Andem logo. Para fora! — ele vociferou enquanto os três cambaleavam para a rua, ofuscados pela luz clara do dia.

Meggie tentou recordar se também ouvira aquela voz na biblioteca de Elinor, mas não tinha certeza. Capricórnio possuía muitos homens.

Era uma manhã quente e bonita. O céu estendia-se límpido e azul sobre a aldeia de

Capricórnio. Pintassilgos cantavam entre algumas roseiras abandonadas que cresciam perto das velhas casas, como se, afora alguns gatos famintos, nada houvesse de ameaçador no mundo. Mo segurou Meggie pelo braço quando eles saíram. Elinor ainda precisou calçar os sapatos e, quando o barba-de-bode quis arrastá-la à força para fora, pois ela não estava indo depressa como ele queria, empurrou a mão dele de volta e cobriu-o com uma avalanche de palavrões. Isso só fez os dois homens rirem, ao que Elinor apertou os lábios e resolveu não fazer nada além de lançar alguns olhares hostis.

Os homens de Capricórnio estavam com pressa. Eles conduziram os três de volta pelo mesmo caminho que Basta havia feito com Meggie e Elinor na noite anterior. O cara-achatada ia na frente, o barba-de-bode atrás deles, com a espingarda engatilhada. Ele era manco de uma perna, e a lançava para a frente a toda hora, como se quisesse provar que apesar de tudo era mais rápido que os outros.

Mesmo durante o dia, a aldeia de Capricórnio parecia estranhamente abandonada, e isso não se devia apenas às muitas casas vazias, que à luz da manhã pareciam ainda mais tristes. Quase não havia vivalma nas ruazinhas estreitas, apenas alguns dos casacos-pretos, como Meggie os batizara secretamente, ou então um ou outro garoto franzino que seguia esses homens feito um cachorrinho. Por duas vezes, Meggie viu uma mulher passar apressada por eles. Não havia crianças brincando ou andando atrás de suas mães, havia apenas gatos. Pretos, brancos, ferrugem, malhados, listrados, em cima de muros, nos batentes das portas, em cima dos telhados.

Estava tudo quieto nas ruas da aldeia de Capricórnio, e o que acontecia parecia acontecer às ocultas. Somente os homens com suas espingardas não se escondiam. Eles vagavam pelas esquinas e portais, cochichavam e apoiavam-se na espingarda com uma pose apaixonada. Não havia flores na frente das casas, como Meggie vira nas cidadezinhas da costa. Em vez disso, havia casas com telhados desmoronados e touceiras de plantas agrestes que assomavam dos buracos vazios das janelas. Algumas tinham um cheiro tão forte que Meggie sentiu tonturas.

Quando chegaram à praça em frente à igreja, Meggie pensou que os dois homens fossem levá-los mais uma vez para a casa de Capricórnio, mas a casa ficou à esquerda e eles foram conduzidos diretamente para o grande portal da igreja. A torre do templo parecia ameaçada, como se o vento e as intempéries já viessem corroendo suas paredes por muito tempo. O sino suspenso sob o telhado pontudo estava enferrujado, e, menos de um metro abaixo, alguma semente trazida pelo vento dera origem a uma árvore franzina, que agora se agarrava às pedras cor de areia lá em cima.

No portal havia olhos pintados, olhos estreitos e vermelhos, e na entrada, um de cada lado, dois horríveis diabos de pedra, da altura de uma pessoa, que arreganhavam os dentes como cães ferozes.

— Bem-vindos à casa do Diabo! — disse o barba-de-bode, fazendo uma mesura debochada antes de abrir o portal.

— Deixe disso, Cockerell — repreendeu-o o cara-achatada, e cuspiu três vezes no piso empoeirado. — Isso dá azar.

O barba-de-bode apenas riu e deu uma palmadinha na barriga gorda de um dos diabos de pedra.

— Ah, que é isso, Nariz Chato! Você está quase tão mal quanto Basta. Daqui a pouco, vai começar a andar com uma pata de coelho fedorenta pendurada no pescoço.

— Sou precavido, só isso — resmungou Nariz Chato. — Dizem cada coisa por aí.

— Dizem. E quem inventou as histórias? Nós, seu paspalho!

— Alguma coisa já existia antes.

— Aconteça o que for — sussurrou Mo para Elinor e Meggie, enquanto os dois homens discutiam —, deixem que eu fale. Uma língua afiada pode ser perigosa aqui. Basta é rápido para sacar sua navalha, e ele faz uso dela, acreditem.

— Não é só Basta que tem uma navalha aqui, Língua Encantada! — disse Cockerell, e empurrou Mo para dentro da igreja.

Meggie foi depressa atrás dele.

A igreja estava fria e escura. A luz da manhã penetrava apenas através das poucas janelas que havia no alto e pintava manchas pálidas nas paredes e colunas. Em algum momento elas deviam ter sido cinzentas como as pedras do chão, mas agora havia uma única cor na igreja de Capricórnio. As paredes, as colunas, até mesmo o teto, tudo estava pintado de vermelho, de um vermelho carregado, como carne crua ou sangue seco, e por um momento Meggie teve a sensação de penetrar nas entranhas de um monstro.

Num canto, ao lado da entrada, havia uma estátua de anjo. Uma asa estava quebrada e, na outra, um dos homens de Capricórnio pendurara o paletó preto. Na cabeça haviam sido colocados dois chifres demoníacos, como os que as crianças costumam usar no Carnaval, e no meio deles ainda pairava a auréola do anjo.

Provavelmente, em alguma época ele ficava no pedestal de pedra que havia diante da primeira coluna, porém teve que ceder o lugar a uma outra figura. Seu rosto, magro e pálido como cera, olhava entediado para Meggie. O criador daquela estátua parecia não entender muito de seu ofício. O rosto estava pintado como o de um boneco de plástico, com lábios de um vermelho estranho e olhos azuis que nada possuíam do horror presente nos olhos incolores com os quais o verdadeiro Capricórnio examinava o mundo. Em compensação, a estátua tinha pelo menos o dobro da altura de seu modelo, e quem passava por ela tinha que deitar a cabeça para trás se quisesse enxergar seu rosto pálido.

— Isso é permitido, Mo? — Meggie perguntou baixinho. — Exibir uma estátua de si mesmo numa igreja?

— Oh, esse é um costume muito antigo! — Elinor sussurrou para ela. — As estátuas nas igrejas raramente são de santos. É que a maioria dos santos não podia pagar escultores. Na catedral de…

Cockerell deu um empurrão tão violento em Elinor que ela tropeçou.

— Andem! — ele rosnou. — E da próxima vez, façam uma reverência quando passarem na frente dele, entendido?

— Uma reverência? — Elinor quis parar, mas Mo puxou-a bem depressa.

— Mas como é que eu vou levar a sério um disparate desses?! — esbravejou Elinor.

— Se você não ficar quieta — sussurrou Mo em resposta — vai sentir na pele o quanto tudo aqui é levado a sério, entendeu?

Elinor olhou para o arranhão na testa de Mo e calou-se.

Na igreja de Capricórnio não havia assentos como os que Meggie vira em outras igrejas, apenas duas mesas de madeira com bancos compridos, uma de cada lado da nave central. Havia pratos usados em cima delas, canecas sujas de café, tábuas com restos de queijo, facas, fatias de salame, cestas de pães vazias. Algumas mulheres estavam justamente ocupadas em recolher tudo. Elas apenas ergueram brevemente o olhar quando Cockerell e Nariz Chato passaram com seus três prisioneiros, e logo se debruçaram de novo sobre seu trabalho. Para Meggie, elas lembravam pássaros com a cabeça encolhida entre os ombros, se protegendo de pancadas.

Não faltavam somente assentos na igreja de Capricórnio, o altar também havia desaparecido. Ainda se podia ver onde ele ficava antes. Agora havia apenas uma cadeira no final da escada que antigamente conduzia ao altar, uma pesada peça de madeira, estofada em vermelho, com entalhes grosseiros nas pernas e nos braços. Quatro largos degraus levavam até essa cadeira, Meggie os contara por algum motivo. Estavam cobertos por um tapete negro e, no último deles, a poucos metros da cadeira, com aqueles cabelos ruivos desgrenhados como sempre, Dedo Empoeirado estava sentado. Com um ar ausente, fazia Gwin andar em seu braço estendido.

Quando Meggie chegou com Mo e Elinor pela nave central, ele ergueu rapidamente a cabeça. Gwin subiu em seu ombro e arreganhou os pequenos dentes, afiados como cacos de vidro, como se tivesse notado a repulsa com que Meggie olhava para o seu dono. Agora ela sabia por que a marta tinha chifres e por que aparecia um bicho igual a ela numa página do livro. Agora ela sabia tudo: por que Dedo Empoeirado achava aquele mundo rápido e barulhento demais, por que ele não entendia nada de automóveis e, algumas vezes, dava a impressão de estar em outro lugar. Mas ela não sentia pena dele, como Mo. Seu rosto marcado por cicatrizes apenas a lembrava de que ele a enganara, atraindo-a como o flautista de Hamelin. De como ele zombara dela com seu fogo, com suas bolinhas coloridas: "Venha, Meggie… por aqui, Meggie… confie em mim, Meggie". Ela teve vontade de subir os degraus e dar uma bofetada na boca dele, na boca mentirosa dele.

Dedo Empoeirado pareceu adivinhar os pensamentos de Meggie. Ele desviou o olhar, e também não encarou Mo nem Elinor. Em vez disso, pôs a mão no bolso e pegou uma caixa de fósforos. Com um ar distraído, tirou um palito da caixa, acendeu-o e, absorto em seus pensamentos, ficou observando a chama e passando o dedo por ela. Quase como uma carícia, até chamuscar a ponta do dedo.

Meggie desviou o olhar. Ela não queria ver, queria esquecer que ele estava ali. À sua esquerda, ao pé da escada, havia dois tonéis de ferro, marrons de ferrugem, e dentro deles havia lenha. Achas claras, recém-cortadas, cuidadosamente empilhadas. Meggie estava se perguntando para que serviria aquela lenha quando novamente ecoaram passos na igreja. Basta vinha pela nave central, segurando um galão de gasolina. Quando passou por Cockerell e Nariz Chato, os dois abriram caminho, mal-humorados.

— Ora, ora, Dedo Podre está brincando de novo com o seu melhor amigo? — ele perguntou enquanto subia os degraus.

Dedo Empoeirado abaixou o palito de fósforo e levantou-se.

— Tome — disse Basta, pondo o galão de gasolina a seus pés. — Mais um brinquedinho. Faça fogo para nós. É o que você mais gosta de fazer.

Dedo Empoeirado jogou o palito de fósforo queimado no chão e acendeu um outro.

— E você? — ele perguntou baixinho enquanto segurava o palito aceso diante do rosto de Basta. — Você ainda tem medo dele, não é mesmo?

Basta deu um tapa em sua mão e o palito caiu no assoalho.

— Oh, você não deveria fazer isso! — disse Dedo Empoeirado. — Isso dá azar. Você sabe como o fogo se ofende fácil.

Por um momento, Meggie pensou que Basta fosse bater nele, e não parecia ser a única a pensar assim. Todos os olhos estavam voltados para os dois. Mas alguma coisa parecia proteger Dedo Empoeirado. Talvez fosse mesmo o fogo.

— Você tem sorte de eu ter acabado de limpar a minha navalha! — disse Basta entre os dentes. — Agora, outra brincadeirinha dessas e você vai ganhar mais uns belos riscos nessa sua cara horrorosa. E a sua marta vai virar uma estola.

Gwin emitiu um rosnado, baixo mas ameaçador, e aconchegou-se na nuca de Dedo Empoeirado. Ele abaixou-se, recolheu o palito de fósforo apagado e o pôs de volta na caixa.

— Sim, com certeza você se divertiria — ele disse, ainda sem olhar para Basta. — Para que você quer que eu acenda o fogo?

— Para quê? Acenda e pronto. Depois cuidaremos de alimentá-lo. Mas que seja um fogo grande e voraz, e não manso como o fogo com o qual você gosta de brincar.

Dedo Empoeirado pegou o galão e subiu os degraus lentamente. Ele mal chegara diante dos tonéis enferrujados quando o portal da igreja se abriu uma segunda vez.

Meggie virou-se no momento em que a pesada porta de madeira rangeu, e então viu Capricórnio aparecer entre as colunas vermelhas. Ele lançou um rápido olhar para sua própria estátua ao passar por ela, e entrou na nave com passos rápidos. Vestia um terno vermelho, no tom das paredes da igreja, apenas a camisa era preta — e a pena que trazia enfiada na lapela. Pelo menos meia dúzia de seus homens o seguiam, como corvos atrás de um papagaio. O eco de seus passos parecia chegar até o teto.

Meggie segurou a mão de Mo.

— Ah, nossos hóspedes já estão aqui — disse Capricórnio ao parar diante deles. — Dormiu bem, Língua Encantada?

Seus lábios tinham uma forma estranha, eram ligeiramente arqueados, quase como os de uma mulher; ao falar, ele passava o dedo mínimo sobre eles de vez em quando, como se precisasse esticá-los. Eram tão descorados quanto o resto de seu rosto.

— Não foi gentil da minha parte enviar a menina logo ontem à noite? Inicialmente eu pretendia mostrá-la a você só hoje, como surpresa, mas então eu pensei: "Capricórnio, acho que você deve alguma coisa à menina, já que ela trouxe por livre e espontânea vontade aquilo que você buscava havia tanto tempo".

Ele tinha *Coração de tinta* na mão. Meggie notou como o olhar de Mo pousou no livro. Capricórnio era alto, mas Mo o sobrepujava em alguns centímetros. Isso visivelmente desagradava a Capricórnio. Ele se mantinha aprumado, como se assim pudesse compensar a diferença.

— Deixe Elinor levar minha filha para casa — disse Mo. — Deixe que as duas partam e lerei para você tudo o que quiser.

O que ele estava dizendo? Perplexa, Meggie olhou para ele.

— Não — ela disse. — Não, Mo, eu não quero ir!

Mas ninguém lhe deu atenção.

— Deixá-las ir? — Capricórnio voltou-se para os seus homens. — Vocês ouviram isso? Por que eu deveria fazer uma loucura dessas, agora que elas já estão aqui?

Os homens riram, mas Capricórnio voltou-se novamente para Mo.

— Você sabe tão bem quanto eu que, de agora em diante, fará tudo o que eu quiser — ele disse. — Agora que ela está aqui, estou certo de que você vai deixar de ser teimoso e não vai mais nos negar uma demonstração de sua arte.

Mo apertou a mão de Meggie, tão forte que seus dedos doeram.

— E quanto a este livro — Capricórnio examinou *Coração de tinta* com um olhar de reprovação, como se o objeto tivesse mordido seus dedos pálidos —, este livro extremamente enfadonho, tolo e verborrágico, posso lhe assegurar que tenho a intenção de jamais deixar que me aprisionem novamente em sua história. Todas essas

criaturas desnecessárias, essas fadas esvoaçantes com suas vozinhas estridentes, aquele tititi e bafafá por toda parte, o fedor de pelo e de esterco, os mercados onde a gente tropeçava em duendes de pernas tortas, os gigantes que espantavam a caça com seus pés de chumbo. Árvores sussurrantes, lagoas murmurantes… Não havia no mundo coisa alguma que não falasse! E aqueles caminhos lamacentos e intermináveis até a cidade mais próxima? Se é que se podia chamar aquilo de cidade… e aquela cambada de príncipes com suas roupas finas em seus castelos, os camponeses fétidos, tão pobres que não se podia roubar nada deles, os vagabundos e os mendigos com seus cabelos infestados de bichos pestilentos… Eu já estava farto de todos eles.

Capricórnio fez um sinal, e um de seus homens trouxe uma grande caixa de papelão. Pela forma como ele a carregava, devia ser muito pesada. Com um suspiro de alívio, ele a depositou no piso cinzento diante de Capricórnio. Capricórnio passou para Cockerell, que estava a seu lado, o livro que Mo escondera dele por tanto tempo. Então abriu a caixa. Ela estava cheia de livros, até a borda.

— Foi muito trabalhoso encontrar todos eles — declarou Capricórnio enquanto punha a mão na caixa e tirava dois livros de dentro. — Por fora eles são diferentes, mas o conteúdo é o mesmo. Como essa história foi copiada em diversas línguas, a busca foi especialmente difícil. Aliás, é uma peculiaridade bastante inútil deste mundo, todas essas línguas diferentes. Isso era muito mais simples no nosso mundo, não é verdade, Dedo Empoeirado?

Dedo Empoeirado não respondeu. Estava ali com o galão de gasolina na mão, e olhava fixamente para a caixa. Capricórnio andou lentamente até ele e jogou os dois livros no tonel.

— O que vocês estão fazendo? — Dedo Empoeirado quis pegar os livros, mas Basta os empurrou de volta.

— Os livros ficam onde estão — ele disse.

Dedo Empoeirado recuou e escondeu o galão nas costas, mas Basta arrancou-o das mãos dele.

— Parece que o nosso cuspidor de fogo quer dar a um outro a honra de fazer o fogo — ele disse em tom de deboche.

Dedo Empoeirado lançou-lhe um olhar cheio de ódio. Então voltou-se novamente para os tonéis, dentro dos quais os homens de Capricórnio jogavam cada vez mais

livros. Ao final, havia dezenas de exemplares de *Coração de tinta* sobre as pilhas de lenha, as páginas dobradas, as capas abertas como asas partidas.

— Sabe que outra coisa me deixava maluco no nosso antigo mundo, Dedo Empoeirado? — perguntou Capricórnio, enquanto tomava o galão de gasolina da mão de Basta. — A dificuldade de se fazer fogo. Para você era fácil, é claro, você até podia falar com ele, provavelmente foi um daqueles duendes rabugentos quem lhe ensinou… mas para nós era um negócio complicado. A lenha estava sempre úmida ou o vento entrava pela chaminé. Eu sei que você morre de saudades dos velhos tempos e sente falta dos seus amigos esvoaçantes e sussurrantes, mas eu não vou derramar uma lágrima por eles. Este mundo é infinitamente mais bem equipado do que aquele com o qual tivemos que nos contentar durante anos e anos.

Dedo Empoeirado parecia não ouvir uma palavra do que Capricórnio lhe dizia. Seu olhar estava fixo na gasolina malcheirosa que se derramava sobre os livros. As páginas a sugavam avidamente, como se desejassem a sua própria destruição.

— De onde vieram todos eles? — ele balbuciou. — Você sempre me disse que só restava um exemplar, o de Língua Encantada.

— Sei, sei, eu lhe disse algumas coisas. — Capricórnio pôs a mão no bolso da calça. — Você é um sujeito tão ingênuo, Dedo Empoeirado. É divertido contar mentiras para você. A sua falta de malícia sempre me espantou, afinal de contas você próprio mente com grande habilidade. Mas você prefere acreditar no que quer, é isso. Bem, agora você pode acreditar em mim: estes aqui — ele encostou de leve o dedo na pilha de livros ensopados — são de fato os últimos exemplares do nosso mundo de tinta preta. Basta e todos os outros levaram anos para encontrá-los em sebos e míseras bibliotecas de bairro.

Dedo Empoeirado olhava para os livros como alguém morrendo de sede olha para o último copo d'água.

— Mas você não pode queimá-los! — ele balbuciou. — Você prometeu que me levaria de volta se eu conseguisse o livro de Língua Encantada. Em troca eu lhe contei onde ele estava, trouxe a filha…

Capricórnio apenas sacudiu os ombros e pegou o livro da mão de Cockerell: o livro com capa verde-clara que Meggie e Elinor lhe entregaram de tão boa vontade. O livro que causara o rapto de Mo, e que fizera Dedo Empoeirado trair a todos.

— Eu também teria prometido buscar a lua no céu para você, se me fosse útil — disse Capricórnio enquanto, com um ar entediado, jogava *Coração de tinta* na pilha de seus semelhantes. — Gosto de fazer promessas, principalmente as que não posso cumprir.

Então ele tirou um isqueiro do bolso da calça. Dedo Empoeirado queria pular em cima dele, tirar o isqueiro de sua mão, mas Capricórnio fez um sinal para Nariz Chato.

Nariz Chato era tão alto e corpulento que, ao seu lado, Dedo Empoeirado quase parecia uma criança. E foi exatamente dessa maneira que ele o agarrou: como uma criança malcriada. Com o pelo arrepiado, Gwin pulou do ombro de Dedo Empoeirado. Um dos homens de Capricórnio começou a persegui-lo quando ele passou entre suas pernas, mas a marta conseguiu escapar e desapareceu atrás das colunas vermelhas. Os demais homens ficaram ali, rindo enquanto Dedo Empoeirado tentava desesperadamente livrar-se das garras inflexíveis de Nariz Chato. Nariz Chato divertia-se em deixá-lo se aproximar dos livros encharcados de gasolina, mas só o necessário para que pudesse tocar com os dedos os que estavam por cima.

Meggie sentiu-se muito mal vendo toda aquela maldade, e Mo deu um passo à frente, como se quisesse ajudar Dedo Empoeirado, mas Basta se pôs no seu caminho. De repente ele estava com a sua navalha na mão. A lâmina era estreita e brilhante, e parecia terrivelmente afiada quando ele a encostou no pescoço de Mo.

Elinor deu um grito e cobriu Basta com uma avalanche de palavrões que Meggie nunca ouvira antes. Ela não conseguia se mexer, e ficou como que petrificada olhando para a lâmina no pescoço do pai.

— Deixe-me ficar com um, Capricórnio, somente um! — Mo balbuciou, e só então Meggie compreendeu que ele não queria ajudar Dedo Empoeirado, mas que o que importava para ele era o livro. — Prometo que não pronunciarei uma só frase em que apareça o seu nome.

— Deixá-lo ficar com um? Você ficou louco? Você é a última pessoa a quem eu daria um exemplar — respondeu Capricórnio. — Quem me garante que um dia você não perderia o controle da sua língua, me fazendo voltar para dentro dessa história ridícula? Não, obrigado!

— Nada disso! — gritou Mo. — Eu não poderia fazê-lo voltar, mesmo que quisesse. Quantas vezes vou ter que repetir? Pergunte a Dedo Empoeirado, já expliquei isso a ele mais de mil vezes. Eu mesmo não entendo como e quando a coisa

acontece, acredite em mim de uma vez por todas!

A resposta de Capricórnio foi apenas um sorriso.

— Sinto muito, Língua Encantada, não acredito em ninguém por princípio, você já deveria saber. Somos todos mentirosos quando nos convém.

Com essas palavras ele acendeu o isqueiro e encostou a chama num dos livros. A gasolina deixara as páginas quase transparentes, parecendo pergaminhos, e elas pegaram fogo imediatamente. Até mesmo a capa, dura e coberta de tecido, queimou com a maior facilidade. O tecido ficou preto sob as labaredas vorazes.

Quando o terceiro livro pegou fogo, Dedo Empoeirado deu um pontapé tão forte no joelho de Nariz Chato que ele o soltou com um grito de dor. Ágil como Gwin, Dedo Empoeirado escapou daqueles braços fortes e precipitou-se em direção aos tonéis. Sem hesitar, ele pôs a mão nas chamas, mas o livro que trouxe para fora já ardia como uma tocha. Dedo Empoeirado deixou-o cair no chão e, desta vez com a outra mão, tentou resgatar outro livro do fogo, mas Nariz Chato agarrou-o pelo colarinho e sacudiu-o de forma tão brutal que ele perdeu o fôlego.

— Vejam só este louco! — zombou Basta enquanto Dedo Empoeirado olhava para as próprias mãos com o rosto desfigurado pela dor. — Alguém aqui pode me explicar do que ele tem tanta saudade? Será que é daquelas fadas horrorosas que ficavam babando quando ele se exibia nos mercados com as bolas dele? Ou talvez dos buracos nojentos onde se escondia com os outros vagabundos? Diabos, o cheiro ali era ainda pior do que dentro da mochila em que ele carrega essa marta fedorenta.

Os homens de Capricórnio riam, enquanto os livros lentamente se transformavam em cinzas. A igreja vazia ainda cheirava a gasolina, um cheiro tão penetrante que Meggie teve que tossir. Mo pôs o braço no ombro dela num gesto protetor, como se não fosse ele que Basta tivesse ameaçado, e sim ela. Mas e o próprio Mo, quem poderia protegê-lo?

Elinor olhou preocupada para o pescoço de Mo, como se temendo que Basta tivesse deixado marcas de sangue nele.

— Esses sujeitos são totalmente loucos! — ela sussurrou. — Você deve conhecer a frase: "Onde se queimam livros, em breve passarão a queimar pessoas". E se formos nós os próximos a cair numa pilha de lenha como essa?

Basta olhou para Elinor, como se tivesse ouvido o que ela dissera. Lançou-lhe um

olhar zombeteiro e beijou a lâmina de sua navalha. Elinor emudeceu, parecia que tinha engolido a língua.

Capricórnio havia tirado do bolso da calça um lenço impecavelmente branco como a neve. Limpou as mãos com esmero, como se quisesse remover de seus dedos até mesmo as lembranças de *Coração de tinta*.

— Muito bem, parece que isso finalmente está liquidado — observou, lançando um último olhar para as cinzas fumegantes.

Então, com um ar de satisfação consigo mesmo, ele subiu os degraus até a cadeira que tomara o lugar do altar. Com um suspiro profundo, deixou-se cair sobre o estofado vermelho desbotado.

— Dedo Empoeirado, vá cuidar das suas mãos com Mortola na cozinha! — ele ordenou com voz entediada. — Sem as suas mãos, você é completamente inútil.

Dedo Empoeirado lançou um olhar demorado para Mo antes de obedecer. Cabisbaixo e com o andar inseguro, ele passou pelos homens de Capricórnio. O caminho até o portal parecia interminavelmente longo. Por um breve instante, quando Dedo Empoeirado o abriu, a luz clara do sol brilhou dentro da igreja. Então as portas se fecharam atrás dele, e Meggie, Mo e Elinor estavam sozinhos com Capricórnio e seus homens, e com o cheiro de gasolina e de papel queimado.

— Agora vamos a você, Língua Encantada! — disse Capricórnio esticando as pernas. Ele usava sapatos pretos. Com grande prazer, observou o couro lustroso e tirou um pedaço de papel queimado da ponta do sapato. — Até agora, eu e Basta e o lastimável Dedo Empoeirado somos a única prova de que você é capaz de extrair coisas realmente espantosas de um amontoado de letras pretas. Você mesmo parece não confiar muito no seu dom, se dermos crédito às suas palavras, o que, como eu já disse, não é o meu caso. Ao contrário, acredito que você é um mestre da sua arte, e mal posso esperar que finalmente nos forneça algumas amostras da sua capacidade. Cockerell! Onde está o leitor? Eu não disse para trazê-lo aqui?

Cockerell passou a mão no cavanhaque com um certo nervosismo.

—Ele ainda estava escolhendo os livros — balbuciou. — Mas vou buscá-lo agora mesmo.

Cockerell fez uma mesura apressada e saiu arrastando a perna.

Capricórnio começou a tamborilar os dedos no braço da cadeira.

— Como você já deve ter ouvido falar, precisei recorrer aos serviços de um outro leitor durante o tempo em que você conseguiu se manter escondido de mim — ele disse para Mo. — Faz cinco anos que o encontrei, mas ele é um tremendo incompetente. É só olhar para a cara de Nariz Chato.

Nariz Chato abaixou a cabeça encabulado, quando todos os olhares se voltaram para ele.

— A perna manca de Cockerell também é obra dele. E você precisava ter visto a garota que ele tirou para mim de um dos livros dele. Eu tinha pesadelos só de olhar para ela. No final, passei a deixá-lo ler apenas quando queria me divertir com as aberrações dele, e comecei a procurar os meus homens neste mundo mesmo. O que eu fiz foi pegá-los enquanto ainda eram jovens. Em quase toda aldeia existe um menino solitário que gosta de brincar com fogo.

Ele examinou as unhas de suas mãos com um sorriso nos lábios, como um gato que contempla suas garras satisfeito.

— Eu incumbi o leitor de procurar os livros certos para você. De livros o pobre-diabo entende mesmo, vive enfiado neles como esses vermes brancos que se alimentam de papel.

— Ah, é? E o que você quer que eu extraia dos seus livros? — A voz de Mo soou irritada. — Quem sabe alguns monstros, algumas aberrações humanas como aquela?

E Mo apontou na direção de Basta.

— Pelo amor de Deus, não lhe dê essas ideias! — sussurrou Elinor, olhando preocupada para Capricórnio.

Mas este apenas limpou as cinzas de sua calça e sorriu.

— Não, obrigado, Língua Encantada — ele disse. — Já tenho homens suficientes e, quanto aos monstros, talvez tratemos deles mais tarde. Por enquanto, estamos nos arranjando muito bem com os cães que Basta adestrou, e com as cobras aqui da região. Elas funcionam perfeitamente como lembrancinhas letais. Não, Língua Encantada, tudo o que exijo hoje como prova da sua capacidade é ouro. Eu sou um ganancioso incorrigível. Meus homens fazem realmente o melhor que podem para espremer desta região tudo o que ela pode dar.

Com essas palavras de Capricórnio Basta acariciou sua navalha, e seu mestre concluiu: — Mas o que conseguimos não é suficiente para todas as coisas maravilhosas que há para comprar neste vasto mundo. Este mundo de vocês tem tantas páginas, Língua Encantada, tem páginas sem fim, e eu adoraria escrever o meu nome em todas elas.

— Com que tipo de letra você quer escrevê-lo? — perguntou Mo. — Basta irá riscá-las no papel com a navalha?

— Oh, não, Basta não sabe escrever — respondeu Capricórnio serenamente. — Nenhum dos meus homens sabe ler nem escrever. Eu os proibi. Sou o único que aprendeu, uma das minhas criadas me ensinou. Sim, acredite, estou perfeitamente em condições de estampar a minha marca neste mundo. E quando há alguma coisa para escrever, quem cuida disso é o meu leitor.

O portal da igreja se abriu, como se Cockerell estivesse esperando apenas por uma deixa. O homem que ele trazia estava com a cabeça encolhida entre os ombros, e não olhou nem para a direita nem para a esquerda enquanto o seguia. Era um homem baixo e magro, e não devia ser mais velho do que Mo, mas tinha as costas curvas como um ancião e sacudia os membros ao andar, como se não soubesse o que fazer com eles. Ele usava uns óculos que erguia nervoso a cada passo; em cima do nariz a armação estava colada com fita adesiva, como se ele já a tivesse quebrado muitas vezes. Com o braço esquerdo ele segurava firme uma pilha de livros contra o peito, como se eles lhe oferecessem proteção contra os olhares que se voltavam para ele vindos de todos os lados, e contra o sinistro local para onde fora arrastado.

Quando os dois finalmente chegaram ao pé da escada, Cockerell deu uma cotovelada nas costelas de seu acompanhante, que então fez uma mesura. Estava tão afoito que dois de seus livros caíram ao chão. Ele os recolheu rapidamente e curvou-se uma segunda vez diante de Capricórnio.

— Já o aguardávamos, Darius! — disse Capricórnio. — Espero que tenha encontrado aquilo que o incumbi de trazer.

— Oh, sim, sim! — balbuciou Darius, enquanto lançava para Mo um olhar que era quase de veneração. — É ele?

— É. Mostre-lhe os livros que escolheu.

Darius inclinou a cabeça e curvou-se novamente, desta vez diante de Mo.

— Todas estas são histórias em que aparecem grandes tesouros. Encontrá-las não foi tão fácil como eu pensava, afinal — ele balbuciou, com um leve tom de censura na voz — não há muitos livros nesta aldeia. E por mais que eu repita isso, nunca me trazem livros novos, e quando trazem eles não prestam para nada. Mas seja lá como for… agora eles estão aqui. Acho que apesar de tudo você vai ficar contente com a seleção.

Ajoelhou-se no chão diante de Mo e começou a espalhar seus livros sobre o piso de pedras, um ao lado do outro, até que Mo pudesse ler todos os títulos.

Já o primeiro fez Meggie sentir um arrepio. *A ilha do tesouro*. Ela olhou inquieta para Mo. "Este não!", ela pensou. "Este não, Mo!" Mas Mo já tinha um outro na mão: *Histórias das mil e uma noites*.

— Acho que este é o livro certo — ele disse. — Aí dentro certamente haverá ouro suficiente. Mas vou lhe dizer mais uma vez: não sei o que acontecerá. Nunca acontece quando quero. Sei que todos vocês aqui me consideram um mago, mas eu não sou. A magia vem dos livros, e eu não sei como ela funciona, não mais do que você e seus homens.

Capricórnio recostou-se na cadeira e examinou Mo com um olhar inexpressivo.

— Quantas vezes você ainda pretende me dizer isso, Língua Encantada? — ele disse em tom de enfado. — Pode repetir quantas vezes quiser, eu não vou acreditar. No mundo cujas portas hoje fechamos definitivamente, eu lidava com feiticeiros de vez em quando, com feiticeiros e bruxas, e muitas vezes tive que enfrentar a teimosia deles. Acho que Basta já lhe mostrou de forma convincente como costumamos dobrar a teimosia. Mas no seu caso esses métodos dolorosos não serão mais necessários, agora que sua filha é nossa hóspede.

Com essas palavras, Capricórnio lançou um breve olhar para Basta.

Mo quis segurar Meggie, mas Basta foi mais rápido. Ele a puxou para junto de si e pôs o braço ao redor de seu pescoço.

— A partir de hoje, Língua Encantada — prosseguiu Capricórnio, e sua voz ainda soava tão indiferente como se ele estivesse conversando sobre o tempo —, Basta será a sombra pessoal e exclusiva de sua filha. Isso com certeza a protegerá de cobras e cães ferozes, mas naturalmente não do próprio Basta, que será gentil com ela enquanto eu quiser que ele seja. E isso, por sua vez, depende do quanto eu estiver satisfeito com os

seus serviços. Será que consegui me fazer entender?

Mo olhou primeiro para ele e depois para a filha. Meggie, que sempre soubera mentir melhor do que ele, se esforçava por parecer tranquila para convencer o pai de que não precisava se preocupar com ela. Mas dessa vez ele não acreditou. Sabia que o medo que Meggie sentia era tão grande quanto o que ela própria via nos olhos dele.

"Talvez tudo isso seja apenas uma história!", pensou Meggie desesperada. "E daqui a pouco alguém vai simplesmente fechar o livro, de tão terrível e asqueroso que ele é, e Mo e eu estaremos de novo em casa e eu farei um café para ele." Ela fechou os olhos com força, como se dessa maneira seus pensamentos pudessem se tornar realidade. Mas, quando espiou pelas pálpebras entreabertas, Basta ainda estava atrás dela e Nariz Chato esfregava seu nariz amassado, enquanto olhava para Capricórnio com seu olhar canino.

— Muito bem — disse Mo, rompendo o silêncio com a voz cansada. — Lerei para você. Mas Meggie e Elinor não ficarão aqui.

Meggie sabia exatamente no que ele estava pensando. Ele pensava na mãe de Meggie, e em quem desapareceria dessa vez.

— Nada disso. É claro que as duas ficarão aqui — a voz de Capricórnio não soou mais tão serena. — E comece de uma vez, antes que o livro se transforme em pó nas suas mãos.

Mo fechou os olhos por um momento.

— Está bem, mas Basta tem que guardar a navalha — ele disse com voz rouca. — Se ele encostar num só fio de cabelo de Meggie ou de Elinor, juro que mandarei a peste dos livros para cima de você e dos seus homens.

Cockerell lançou um olhar assustado para Mo, e mesmo pelo rosto de Basta passou uma sombra, mas Capricórnio apenas riu.

— Devo lembrá-lo de que está falando de uma doença contagiosa, Língua Encantada — ele disse. — E ela também não se detém perante menininhas. Portanto, pare com essas ameaças vãs e comece a ler. Agora. Neste instante. E, como aperitivo, quero ouvir alguma coisa deste livro aqui!

E apontou para o livro que Mo descartara de imediato.

A ilha do tesouro.

18. Língua Encantada

O fidalgo Trelawney, o dr. Livesey e os outros senhores insistiram muito para que eu escrevesse toda a história da ilha do tesouro, do princípio ao fim, sem nada omitir exceto a posição exata da ilha; assim, neste ano da graça de 17..., pego na pena e começo com a época em que meu pai possuía a estalagem Almirante Benbow e quando o velho lobo do mar, de rosto queimado de sol e marcado por uma cicatriz de sabre, hospedou-se sob nosso teto.

Robert L. Stevenson, *A ilha do tesouro*

E, assim, foi numa igreja que Meggie ouviu seu pai ler em voz alta pela primeira vez depois de nove anos. Ainda muitos anos mais tarde, a cada vez que abria um dos livros que Mo lera naquela manhã, ela sentia no ar o cheiro de papel queimado.

Estava frio na igreja de Capricórnio, como mais tarde Meggie também se lembraria, embora lá fora o sol certamente já estivesse quente e alto no céu, quando Mo começou a ler. Ele sentou-se onde estava, no chão, com as pernas cruzadas, um livro no colo, os outros ao seu lado. Meggie ajoelhou-se perto dele antes que Basta pudesse segurá-la.

— Vamos, para a escada todos vocês! — ordenou Capricórnio a seus homens. — Nariz Chato, leve a mulher. Apenas Basta fica onde está.

Elinor debateu-se, mas Nariz Chato apenas precisou agarrá-la pelos cabelos e arrastá-la. Um após o outro, os homens de Capricórnio sentaram-se na escada aos pés de seu senhor. Junto deles, Elinor parecia uma pomba estufada no meio de um bando de corvos.

O único que parecia tão perdido quanto ela era o magro leitor, que se sentara bem no fim daquela fileira negra e não parava de mexer em seus óculos.

Mo abriu o livro que estava em seu colo e começou e folheá-lo com o cenho franzido, como se procurasse em suas páginas o ouro que deveria extrair para Capricórnio.

— Cockerell, se alguém der um pio enquanto Língua Encantada estiver lendo, corte a língua do infeliz! — disse Capricórnio.

Cockerell tirou uma faca do cinto e olhou para a fileira de homens como se já procurasse a primeira vítima. Um silêncio sepulcral espalhou-se pela igreja pintada de vermelho, um silêncio tão grande que Meggie pensou ouvir Basta respirar atrás dela. Mas talvez fosse apenas seu próprio medo.

Os homens de Capricórnio, a julgar por seus rostos, também pareciam não estar se sentindo confortáveis na própria pele. Eles olhavam para Mo com um misto de hostilidade e temor. Meggie conseguia entender isso tranquilamente. Talvez fosse um deles o próximo a desaparecer no livro que Mo folheava tão indeciso. Será que Capricórnio havia lhes contado que isso podia acontecer? Será que ele próprio sabia? E se acontecesse o que Mo temia: que ela própria desaparecesse? Ou Elinor?

— Meggie! — ele sussurrou, como se tivesse ouvido seus pensamentos. — Segure firme em mim, de algum jeito, está bem?

Meggie fez que sim e agarrou-se em seu pulôver com uma mão. Como se isso adiantasse!

— Acho que encontrei a passagem certa — disse Mo rompendo o silêncio.

Ele lançou um último olhar para Capricórnio, olhou mais uma vez para Elinor, deu um pigarro… e começou.

Tudo desapareceu. As paredes vermelhas da igreja, os rostos dos homens de Capricórnio e o próprio Capricórnio em sua cadeira. Havia apenas a voz de Mo e as imagens que as letras iam formando como um tapete num tear. Se fosse possível Meggie odiar Capricórnio ainda mais, ela teria odiado naquele momento. Afinal, ele era o único culpado pelo fato de Mo não ter lido para ela uma só vez em todos aqueles anos. Quantas coisas ele poderia tê-la feito ver com sua voz, que dava outro sabor a cada palavra e uma nova melodia a cada frase! O próprio Cockerell parecia ter se esquecido de sua faca e das línguas que deveria cortar, e escutava com atenção e de olhar ausente. Nariz Chato fitava o ar arrebatado, como se um navio pirata com as velas infladas viesse singrando diretamente por uma das janelas da igreja. Todos estavam calados.

Não se ouvia um som além da voz de Mo, que dava vida a letras e palavras.

Apenas uma pessoa parecia imune ao encanto. Com um ar inexpressivo, os olhos pálidos voltados para Mo, Capricórnio continuava sentado e esperava: pelo tilintar de moedas em meio aos sons harmoniosos das palavras, por pesados baús de madeira

úmida, cheios de ouro e prata.

Mo não o fez esperar muito. Enquanto lia o que Jim Hawkins, o garoto que era só um pouco mais velho do que Meggie, vira numa caverna escura durante suas terríveis aventuras, aconteceu: *Moedas de ouro, cunhadas com a efígie do rei George ou de um dos Luíses, dobrões, guinéus, moidores e cequins, as efígies de todos os reis da Europa no decorrer dos últimos cem anos, estranhas peças orientais, cujas inscrições pareciam um emaranhado de fios ou um pedaço de uma teia de aranha, moedas redondas, quadradas, moedas perfuradas no meio, como se houvessem sido usadas penduradas no pescoço — toda sorte de ouro cunhado parecia ter seu lugar naquela coleção, e eram tantas peças quantas as folhas no outono, de forma que tive dores nas costas de tanto que precisei me curvar, e meus dedos doíam de separá-las*.

As criadas ainda estavam limpando as últimas migalhas das mesas quando de repente as moedas começaram a cair sobre a madeira lustrosa. As mulheres recuaram assustadas, soltaram os panos de limpeza e puseram as mãos na boca, enquanto as moedas pululavam aos seus pés, moedas douradas, prateadas, cor de cobre, repicavam no chão de pedra, amontoavam-se tilintantes sob os bancos, mais e mais moedas. Algumas rolaram até o pé da escada. Os homens de Capricórnio levantaram-se sobressaltados, curvaram-se para pegar as pecinhas cintilantes que batiam em suas botas… e recolheram as mãos novamente. Nenhum deles ousou tocar no dinheiro enfeitiçado. Sim, o que era aquilo senão ouro feito de papel e tinta preta e do som de uma voz humana?

Quando a chuva de ouro cessou — no exato momento em que Mo fechou o livro —, Meggie viu que aqui e ali, em meio a todo aquele brilho e fulgor, misturava-se também um pouco de areia. Alguns besouros azulados reluzentes fugiram atarantados e, de um monte de moedinhas minúsculas, despontou a cabeça de um lagarto verde-esmeralda. O réptil olhou atônito ao seu redor. A língua dançava fora de sua boca angulosa. Basta arremessou a navalha contra ele, como se junto com o lagarto pudesse espantar o temor que acometera a todos, mas Meggie soltou um grito de advertência e o lagarto escapuliu dali tão depressa que a lâmina bateu sua ponta afiada nas pedras. Basta deu um pulo, recolheu a navalha e apontou-a num gesto ameaçador na direção de Meggie.

Capricórnio, porém, levantou-se da cadeira, o rosto inexpressivo como se ainda nada de muito interessante houvesse acontecido e, com um ar de superioridade, bateu palmas com suas mãos cheias de anéis.

— Nada mau para um começo, Língua Encantada! — ele disse. — Dê uma olhada, Darius! Ouro é isso, e não aqueles cacarecos tortos e enferrujados que você leu para mim. Mas agora você ouviu como se faz, e espero que tenha aprendido alguma coisa para o caso de eu precisar novamente dos seus serviços.

Darius não respondeu. Seus olhos estavam voltados para Mo, tão maravilhados que Meggie não teria se espantado caso ele tivesse se lançado aos pés de seu pai. Quando Mo se levantou, Darius andou até ele, hesitante.

Os homens de Capricórnio ainda estavam de pé olhando para o ouro como se não soubessem o que aconteceria com ele.

— O que vocês estão fazendo aí parados feito vacas no pasto? — exclamou Capricórnio. — Recolham o ouro.

— Foi maravilhoso! — sussurrou Darius para Mo enquanto os homens de Capricórnio começavam, com certa relutância, a recolher as moedas e a colocá-las em sacos e baús. Os olhos atrás de seus óculos brilhavam como os de uma criança que acabara de receber um presente pelo qual ansiara durante muito tempo.

— Já li esse livro muitas vezes — ele disse com voz insegura. — Mas nunca vi tudo tão nitidamente como hoje. E não só vi… eu também senti o cheiro, do sal e do alcatrão, e o cheiro podre que pairava sobre a ilha amaldiçoada…

— *A ilha do tesouro*! Céus, minhas pernas ainda estão bambas de tanto medo que senti! — Elinor apareceu atrás de Darius e empurrou-o com indelicadeza para o lado. Pelo jeito, Nariz Chato esquecera-se dela temporariamente. — "Logo ele vai aparecer", eu pensei o tempo todo. "Logo o velho Silver vai aparecer e bater nas nossas orelhas com sua muleta."

Mo apenas inclinou a cabeça, mas Meggie viu o alívio em seu rosto.

— Aqui, pegue-o! — ele disse para Darius pondo o livro em suas mãos. — Espero nunca mais ter que ler alguma coisa deste livro. Não se deve abusar da sorte.

— Todas as vezes que ele apareceu, você pronunciou o nome dele um pouco errado — Meggie cochichou em seu ouvido.

Mo passou o dedo no nariz dela.

— Ah, você notou! — ele respondeu num sussurro. — Pois é, pensei que isso pudesse ajudar. Talvez dessa maneira o velho pirata malvado não se sentisse

mencionado e ficasse quieto no seu canto. Por que você está me olhando assim?

— O que você acha? — respondeu Elinor no lugar de Meggie. — Por que ela está olhando tão admirada para o pai dela? Porque ninguém jamais leu dessa maneira, mesmo se as moedas não tivessem saído. Eu vi tudo, o mar e a ilha, tudo mesmo, como se pudesse tocá-los, e com a sua filha não deve ter sido diferente.

Mo sorriu. Empurrou com o pé algumas moedas que estavam na sua frente. Um dos homens de Capricórnio recolheu-as e enfiou no bolso furtivamente. Ao fazer isso, lançou um olhar aflito para Mo, como se temesse que ele, apenas com um estalido de sua língua, o transformasse num dos sapos ou besouros que ainda rastejavam entre o ouro.

— Eles têm medo de você, Mo! — sussurrou Meggie.

Mesmo no rosto de Basta ela podia ver o medo, embora ele fizesse um grande esforço para ocultá-lo tentando se mostrar especialmente entediado.

Apenas Capricórnio parecia manter-se totalmente frio com o que acontecera. Com os braços cruzados, ele observou seus homens apanharem as últimas moedas.

— Quanto tempo isso ainda vai demorar? — ele exclamou finalmente. — Deixem o dinheiro miúdo e sentem-se novamente. E você, Língua Encantada, pegue o próximo livro!

— O próximo? — a voz de Elinor saiu esganiçada de indignação. — Mas o que é isso? O ouro que os seus homens estão recolhendo é suficiente para pelo menos duas vidas. Agora nós vamos para casa!

Elinor ia se virar, mas Nariz Chato se lembrou dela. Ele segurou seu braço com brutalidade.

Mo ergueu o olhar na direção de Capricórnio.

Basta, porém, pôs a mão no ombro de Meggie com um sorriso malvado.

— Vamos logo, Língua Encantada! — ele disse. — Você ouviu muito bem. Ainda há uma pilha de livros aí.

Mo olhou demoradamente para Meggie, antes de se abaixar e pegar o livro que já tivera na mão uma vez: *Os contos das mil e uma noites*.

— O livro sem fim — ele murmurou enquanto o abria. — Sabia que os árabes

dizem que ninguém pode lê-lo até o final, Meggie?

Meggie fez que não com a cabeça enquanto se sentava ao lado dele no chão frio. Basta permitiu, mas sentou-se bem atrás dela. Meggie não sabia muitas coisas sobre as *Mil e uma noites*. Apenas sabia que o livro, na verdade, consistia em vários volumes. O exemplar que Darius dera a Mo só podia ser uma pequena compilação. Será que ali estavam os quarenta ladrões e Aladim com sua lâmpada maravilhosa? O que Mo leria?

Dessa vez, Meggie pensou ter identificado dois sentimentos conflitantes no rosto dos homens de Capricórnio: o medo do que Mo traria à vida e ao mesmo tempo o desejo quase ansioso de serem mais uma vez transportados para longe por sua voz, para bem longe, para lugares onde poderiam se esquecer de tudo, até de si mesmos.

Quando Mo começou a ler pela segunda vez, não havia mais cheiro de sal e de rum. Agora estava quente na igreja de Capricórnio. Os olhos de Meggie começaram a arder e, quando ela os esfregou, havia areia grudada em seus dedos. Mais uma vez, os homens de Capricórnio escutavam extasiados a voz de Mo, como se ele os tivesse transformado em pedras. E novamente Capricórnio era o único que parecia não sentir nada do encantamento. Só nos seus olhos se via que ele também estava fascinado. Eles estavam fixos no rosto de Mo feito os olhos de uma serpente. O terno vermelho fazia as pupilas de Capricórnio parecerem ainda mais descoradas. Seu corpo parecia estar tenso como o de um cão que farejou sua presa.

Mas dessa vez Mo o decepcionou. As palavras não liberaram os baús de tesouros, as pérolas e os sabres incrustados de pedras preciosas que a voz de Mo fizera reluzir e fulgurar, até que os homens de Capricórnio acreditassem poder colhê-los do ar. Uma outra coisa saiu das páginas, uma coisa que respirava, feita de carne e osso.

De repente, havia um garoto no meio dos tonéis ainda fumegantes onde Capricórnio mandara incendiar os livros. Meggie foi a única que o notou. Todos os outros estavam absortos demais na história. O próprio Mo não percebeu, estava longe, em algum lugar entre a areia e o vento, enquanto os seus olhos tateavam no labirinto de letras.

O garoto devia ser três ou quatro anos mais velho do que Meggie. O turbante em sua cabeça estava sujo, e os olhos no rosto moreno estavam escuros de medo. Ele esfregou-os como que para apagar a imagem falsa, o lugar falso que tinha diante de si. Olhou ao seu redor na igreja vazia, como se nunca tivesse visto uma edificação como aquela. E como poderia? Em sua história certamente não havia igrejas de torres

pontudas nem colinas verdejantes como as que esperavam por ele lá fora. O traje, que lhe chegava quase até os pés, era azul e brilhava como um pedaço do céu.

"O que vai acontecer se eles o virem?", pensou Meggie. "Certamente ele não é o que Capricórnio estava esperando."

Mas nesse momento Capricórnio também já o havia notado.

— Espere! — ele gritou tão alto que Mo interrompeu a frase no meio e ergueu a cabeça.

De forma brusca e um tanto contrafeitos, os homens de Capricórnio voltaram à realidade. Cockerell foi o primeiro a se pôr de pé.

— Ei, de onde é que ele veio? — rosnou.

O jovem abaixou-se, olhou em volta com o rosto paralisado pelo medo e saiu correndo em zigue-zague como um coelho. Mas não foi muito longe. Imediatamente, três homens correram atrás dele e o apanharam ao pé da estátua de Capricórnio.

Mo pôs o livro no chão ao seu lado e cobriu o rosto com as mãos.

— Ei! Fulvio sumiu! — exclamou um dos homens de Capricórnio. — Ele simplesmente evaporou.

Todos olharam para Mo. O medo estava de volta no rosto deles, só que dessa vez não se tingia apenas de admiração, mas também de cólera.

— Leve o garoto embora, Língua Encantada — ordenou, irritado. — Iguais a ele já tenho mais do que o suficiente. E traga-me Fulvio de volta.

Mo tirou as mãos do rosto e levantou-se.

— Pela centésima milésima vez: eu não posso trazer ninguém de volta! — ele exclamou. — E isso não é mentira só porque você não quer acreditar. Eu não posso. Não posso determinar o que ou quem sai do livro, nem quem entra.

Meggie segurou sua mão. Alguns dos homens de Capricórnio se aproximaram, dois deles seguravam o garoto. Eles puxavam os braços dele como se fossem arrancá-los. Com os olhos arregalados de pavor, o menino examinava os rostos estranhos.

— Voltem para os seus lugares! — Capricórnio gritou para os homens furiosos. Alguns deles já estavam ameaçadoramente perto de Mo. — Por que tanto alvoroço? Vocês já se esqueceram das besteiras que Fulvio fez no último serviço, colocando a

polícia nos nossos calcanhares? Era justamente o homem certo para ir embora. E quem sabe esse garoto aí não é um incendiário talentoso? Mesmo assim, agora eu gostaria de ver pérolas, ouro, joias. Afinal é disso que trata essa história toda, portanto desembuche!

Começou um burburinho entre os homens. A maioria deles, porém, voltou para a escada e sentou-se novamente nos velhos degraus. Apenas três ainda ficaram na frente de Mo, encarando-o com um olhar hostil. Um deles era Basta.

— Muito bem! Fulvio não é insubstituível! — ele exclamou sem despregar o olho de Mo. — Mas quem será o próximo que esse bruxo maldito vai fazer sumir pelos ares? Não quero terminar numa história estúpida qualquer, e me ver de turbante no meio de um deserto!

Os homens que estavam com ele balançaram a cabeça concordando, e olharam para Mo com cara tão feia que Meggie quase esqueceu de respirar.

— Basta, não vou repetir outra vez — a voz de Capricórnio soou tranquila e ameaçadora. — Deixem Língua Encantada continuar a leitura! E se algum de vocês começar a bater os dentes de medo, é melhor ir logo lá para fora ajudar as mulheres a lavar roupa.

Alguns homens olharam sequiosos para o portal da igreja, mas nenhum deles se atreveu a sair. Finalmente, os dois que estavam com Basta também se viraram em silêncio e sentaram-se junto com os outros.

— Você ainda vai me pagar por Fulvio! — Basta disse entre os dentes para Mo, antes de se postar novamente ao lado de Meggie.

"Bem que o próprio Basta podia ter desaparecido", pensou Meggie.

O garoto ainda não havia dito uma palavra.

— Prendam-no, mais tarde veremos se podemos aproveitá-lo — ordenou Capricórnio.

O garoto nem mesmo tentou resistir quando Nariz Chato o arrastou consigo; ele o seguiu como que entorpecido, cambaleante, como se esperasse finalmente despertar. Em que momento compreenderia que aquele sonho não teria fim?

Quando a porta se fechou atrás dos dois, Capricórnio voltou para sua cadeira.

— Continue a ler, Língua Encantada — ele disse. — O dia mal começou.

Mo, porém, olhou para os livros a seus pés e sacudiu a cabeça.

— Não! — ele disse. — Você viu que aconteceu de novo. Estou cansado. Contente-se com o que eu trouxe da ilha do tesouro. Essas moedas valem uma fortuna. Quero ir para casa e nunca mais ver a sua cara.

A voz de Mo soou mais rouca do que de costume, como se tivesse lido em demasia.

Por um momento, Capricórnio olhou para ele com desprezo. Depois olhou para os sacos e baús que seus homens haviam enchido com moedas, como se calculasse em pensamento por quanto tempo aquele ouro lhe adoçaria a vida.

— Você tem razão — ele disse finalmente. — Amanhã continuaremos. Senão ainda pode surgir por aqui um camelo fedorento ou um garoto esfomeado.

— Amanhã? — Mo deu um passo em sua direção. — Que história é essa? Como se não bastasse! Um dos seus homens já desapareceu, você quer ser o próximo?

— Eu aceito correr o risco — respondeu Capricórnio sem se deixar impressionar.

Seus homens levantaram-se de supetão quando ele se ergueu da cadeira e começou a descer lentamente os degraus do altar. Ficaram ali feito garotinhos, embora fossem consideravelmente maiores do que Capricórnio, com as mãos cruzadas nas costas, como se temessem que a qualquer momento ele verificasse o asseio de suas unhas. Meggie lembrou-se do que Basta dissera: de como ele era novo quando começou a trabalhar para Capricórnio. Então ela se perguntou se era medo ou admiração que fazia os homens baixarem a cabeça.

Capricórnio parara diante de um dos sacos abarrotados.

— Acredite, Língua Encantada, ainda tenho muitos planos para você — ele disse, enfiando a mão dentro do saco e deixando as moedas deslizarem entre seus dedos. — Hoje foi apenas um teste. Afinal, eu tinha que me convencer de seu talento com meus próprios olhos e ouvidos, não é mesmo? Com certeza vou aproveitar muito bem todo este ouro, mas amanhã você lerá algo diferente para mim.

Capricórnio andou lentamente até as caixas onde antes estavam os livros, que agora não passavam de cinzas e pedaços de papel queimado, e pôs a mão dentro de uma delas.

— Surpresa! — anunciou sorridente, erguendo um livro.

Era um exemplar bem diferente daquele que Elinor e Meggie haviam levado para ele. Ainda possuía uma sobrecapa de papel, colorida, com uma figura que Meggie não conseguiu distinguir de longe.

— Sim, senhor, ainda tenho um! — declarou Capricórnio, enquanto observava os rostos estupefatos com um ar de satisfação. — Meu exemplar pessoal e exclusivo, por assim dizer. E amanhã, Língua Encantada, é ele que você vai ler para mim. Como já disse, este mundo me agrada imensamente, mas aí dentro há um amigo dos velhos tempos do qual sinto falta por aqui. Nunca permiti que o seu substituto testasse a sua arte com ele, pois sempre receei que o trouxesse para mim sem cabeça ou com uma perna só. Mas agora você está aqui, e é um mestre da feitiçaria!

Mo olhava incrédulo para o livro na mão de Capricórnio, como se esperasse que no instante seguinte ele se dissolvesse no ar.

— Descanse, Língua Encantada — disse Capricórnio. — Poupe sua preciosa voz. Você terá muito tempo para isso, pois tenho que me ausentar e só estarei de volta amanhã ao meio-dia. Levem os três de volta para o alojamento! — ele ordenou aos seus homens. — Levem comida suficiente e alguns cobertores para a noite. Ah, e digam a Mortola que leve um chá para ele, uma dessas coisas que fazem milagres por uma voz rouca e cansada. Não foi chá com mel que você sempre recomendou, Darius?

Darius apenas confirmou com a cabeça e olhou para Mo cheio de compaixão.

— De volta para o alojamento? Por acaso o senhor está falando do buraco onde o seu capanga nos meteu ontem à noite? — o rosto de Elinor encheu-se de manchas vermelhas, que Meggie não conseguiu adivinhar se eram de horror ou indignação. — Isso que o senhor está fazendo se chama privação de liberdade! Ah, qual o quê, sequestro! Isso mesmo, sequestro. Sabe quantos anos de cadeia isso dá?

— Sequestro! — Basta deixou a palavra derreter na língua. – Isso soa bem, realmente.

Capricórnio sorriu para ele. Então olhou para Elinor, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

— Basta, essa senhora tem alguma serventia para nós? — ele disse.

— Não que eu saiba — respondeu Basta, sorrindo como um garotinho que acabou de receber permissão para destruir um brinquedo.

Elinor empalideceu. Quis dar um passo para trás, mas Cockerell se pôs em seu caminho e a segurou.

— O que costumamos fazer com o que não tem serventia, Basta? — perguntou Capricórnio em voz baixa.

Basta ainda sorria.

— Pare com isso! — Mo ralhou com Capricórnio. — Pare imediatamente de assustá-la, ou não lerei mais uma única palavra.

Capricórnio deu-lhe as costas com um ar entediado. E Basta continuava sorrindo.

Meggie viu como Elinor pôs a mão nos lábios trêmulos. Ela correu para o seu lado.

— Ela tem serventia, sim. Ela entende de livros melhor do que ninguém! — Meggie disse enquanto apertava a mão de Elinor.

Capricórnio virou-se. Seu olhar fez Meggie sentir um arrepio, como se alguém passasse os dedos gelados em suas costas. As pestanas eram claras como teias de aranha.

— Elinor com certeza conhece mais histórias de tesouros do que esse seu leitor de meia-tigela! — ela balbuciou.— Com certeza.

Elinor apertou os dedos de Meggie com tanta força que quase os esmagou. Seus próprios dedos estavam empapados de suor.

— Sim, com certeza! — ela disse com a voz sumida. — Acabam de me ocorrer várias delas.

— Sei, sei — disse Capricórnio e apertou seus lábios delicados. — Bem, vamos ver.

Então ele fez um sinal para seus homens, que empurraram Elinor, Meggie e Mo: eles passaram pelas mesas, pela estátua de Capricórnio e pelas colunas vermelhas, e finalmente pelo pesado portal, que gemeu quando foi aberto.

A igreja lançava sombra na praça cercada de casas. O ar tinha cheiro de verão, e o sol brilhava no céu azul como se nada tivesse acontecido.

19. Perspectivas sombrias

Kaa abaixou a cabeça e pousou-a suavemente no ombro de Mowgli por um momento.

— Um coração valente e uma língua gentil — ela elogiou. — Assim você vai longe na selva, filhote de homem. Mas agora vá embora depressa com seus amigos. Vá dormir, pois a lua já está se pondo e o que vai acontecer agora não é para os seus olhos.

Rudyard Kipling, *O livro da selva*

De fato, eles receberam comida farta. Ao meio-dia uma mulher lhes trouxe pão e azeitonas, e à noite foi servido um macarrão, que exalava um delicioso aroma de alecrim fresco. Mas isso não bastou para abreviar aquelas horas interminavelmente longas, e mesmo a barriga cheia não foi capaz de espantar o medo do dia seguinte. Talvez nem mesmo um livro o fizesse, mas era inútil pensar sobre isso. Não havia nenhum livro ali, apenas as paredes sem janelas e a porta trancada. Pelo menos havia uma lâmpada nova no teto, e eles não precisaram ficar o tempo todo no escuro. A toda hora, Meggie espiava pela fresta debaixo da porta para ver se já havia anoitecido. Imaginou os lagartos tomando sol lá fora. Ela vira alguns deles na praça em frente à igreja. Será que o lagarto verde-esmeralda que escapulira do meio das moedas havia conseguido sair da igreja? E o garoto? Sempre que fechava os olhos, Meggie via seu olhar atônito.

Ela se perguntou se os mesmos pensamentos passavam pela cabeça de Mo. Desde que haviam sido trancafiados novamente, ele quase não abrira a boca. Ele se jogara na cama de palha e virara o rosto para a parede. Elinor também não tinha falado muito. "Quanta generosidade!", ela apenas murmurara quando Cockerell trancou a porta atrás deles. "Nosso anfitrião nos obsequiou com mais dois montes de palha mofada." Depois ela se sentou num canto com as pernas esticadas e ficou ali parada, olhando com uma expressão sombria primeiro para os seus joelhos e depois para as paredes sujas.

— Mo? — Meggie perguntou em algum momento, quando não conseguiu mais suportar o silêncio. — O que você acha que eles vão fazer com o garoto? E que amigo é esse que Capricórnio quer que você retire do livro?

— Não sei, Meggie — foi só o que ele respondeu, sem se virar.

Então ela o deixou em paz, fez sua cama de palha ao lado da dele e começou a andar lentamente ao longo das paredes nuas. Talvez atrás de uma delas estivesse o garoto desconhecido. Ela encostou o ouvido na parede, mas não conseguiu ouvir nada. Alguém riscara o próprio nome no reboco: Ricardo Bentone, 19/5/96. Meggie passou o dedo sobre as letras. Dois palmos adiante havia um outro nome, e depois mais um. Meggie perguntou-se o que teria acontecido com eles, com Ricardo, Ugo e Bernardo… "Talvez eu também deva escrever o meu nome", ela pensou, "para o caso de…" Por precaução, ela não foi até o final da frase.

Atrás dela, Elinor deitou-se com um suspiro em sua cama de palha. Quando Meggie se virou, ela sorriu.

— O que eu não daria agora por um pente! — ela disse, tirando o cabelo da testa. — Eu nunca teria imaginado que numa situação dessas fosse sentir justamente a falta de um pente, mas é verdade. Deus do céu, não tenho mais nem um grampo. Devo estar parecendo uma bruxa, ou uma escova de limpeza que já teve dias melhores.

— Que nada, você está muito bem. De qualquer forma, os grampos vivem escorregando do seu cabelo — disse Meggie. — Acho até que você parece mais jovem assim.

— Mais jovem? Hum. Bem, se você acha. — Elinor olhou para si mesma. Seu pulôver cinza como o pelo de um rato estava todo sujo, e suas meias já tinham três furos. Ela puxou a barra da saia sobre o joelho. — Você foi realmente muito amável lá na igreja, me ajudando. Minhas pernas pareciam de gelatina, de tanto medo que senti. Não sei o que está acontecendo comigo. Eu me sinto como se fosse uma outra pessoa, como se a boa e velha Elinor tivesse voltado para casa e me deixado aqui sozinha.

Seus lábios começaram a tremer, e por um instante Meggie pensou que ela fosse começar a chorar, mas na verdade a velha Elinor ainda estava lá.

— Pois é, veja como são as coisas! — ela disse. — Na hora do aperto é que se vê de que cepa a pessoa é feita. Sempre pensei que eu fosse feita de carvalho, mas ao que parece sou feita é de uma pereira ou de alguma outra madeira mole como manteiga. É só um tipinho ordinário brincar com uma lâmina diante do meu nariz e a madeira já racha.

Agora sim vieram as lágrimas, por mais que Elinor tentasse engoli-las. Irritada, ela

enxugou os olhos com as costas das mãos.

— Acho que você está aguentando muito bem, Elinor — disse Mo, ainda com o rosto virado para a parede. — Acho que vocês duas estão indo muito bem. Eu é que deveria torcer o meu próprio pescoço por ter metido vocês nesta encrenca.

— Imagine, se é para torcer o pescoço de alguém, tem que ser o desse Capricórnio — disse Elinor. — E o desse Basta. Oh, meu Deus, nunca pensei que um dia teria tanto prazer em imaginar como matar uma pessoa. Mas tenho certeza de que se eu tivesse a oportunidade de pôr as mãos no pescoço desse Basta…

Quando percebeu o olhar espantado de Meggie, ela se calou constrangida, mas a menina apenas sacudiu os ombros.

— Eu sinto a mesma coisa — Meggie murmurou, enquanto começava a riscar um *M* na parede com a chave do cadeado da bicicleta dela. Estranho ainda estar com a chave no bolso da calça. Como uma lembrança de outra vida.

Elinor passou o dedo num dos furos de sua meia. Mo deitou-se de costas e ficou olhando para o teto.

— Sinto muito, Meggie — ele disse de repente. — Sinto muito por ter deixado que eles pegassem o livro.

Meggie riscou um grande *E* na parede.

— Ah, isso não faz diferença — ela disse, dando um passo para trás. Os *G*s de seu nome pareciam *O*s mordidos. — Provavelmente, você não conseguiria trazê-la de volta de qualquer forma.

— Sim, provavelmente — murmurou Mo, e fixou o olhar no teto de novo.

— A culpa não é sua, Mo — disse Meggie.

"O que importa é que você está comigo", ela quis acrescentar. "O que importa é que Basta nunca mais vai encostar uma faca no seu pescoço novamente. Eu quase não me lembro dela, só a conheço por algumas fotos."

Mas ela se calou, pois sabia que nada disso consolaria Mo. Ao contrário, o deixaria ainda mais triste. Pela primeira vez, Meggie teve uma ideia do quanto ele sentia a falta da mãe dela. E por um instante maluco ela sentiu ciúme.

Ela riscou um *I* no reboco, o que foi fácil, e então deixou cair a chave do cadeado.

Lá fora, passos se aproximavam.

Elinor tapou a boca quando eles pararam. Basta abriu a porta. Atrás dele, vinha uma mulher. Meggie reconheceu a velha da casa de Capricórnio. Com uma cara mal-humorada, ela passou na frente de Basta e pôs no chão um copo e uma garrafa térmica.

— Como se eu já não tivesse um monte de coisas para fazer! — ela resmungou antes de sair novamente. — Agora temos que alimentar também esses senhores. Pelo menos eles podiam trabalhar, já que vocês têm que mantê-los aqui.

— Diga isso a Capricórnio — foi a resposta de Basta.

Então ele desembainhou sua navalha, deu um sorriso para Elinor e limpou a lâmina no casaco. Lá fora já estava escurecendo, e sua camisa branca brilhava à luz do crepúsculo.

— Saboreie o chá, Língua Encantada — ele disse enquanto se divertia com o medo no rosto de Elinor. — Mortola pôs tanto mel que a sua boca vai colar no primeiro gole. Mas amanhã com certeza a sua garganta estará nova em folha.

— O que vocês fizeram com o garoto? — perguntou Mo.

— Oh, acho que ele está aí ao lado. Amanhã Cockerell vai submetê-lo a uma pequena prova de fogo, e então saberemos se ele pode ser aproveitado.

Mo sentou-se.

— Uma prova de fogo? — ele perguntou. Sua voz soou séria e ao mesmo tempo irônica. — Bem, você não deve ter feito uma. Você tem medo até dos fósforos de Dedo Empoeirado.

— Dobre essa língua! — disse Basta, enfurecido. — Mais uma palavra e eu a cortarei fora, mesmo sendo tão valiosa.

— Não, você não fará isso — disse Mo enquanto se levantava.

Sem pressa, ele encheu o copo com o chá fumegante.

— Talvez não. — Basta baixou a voz, como se tivesse medo de estar sendo espionado. — Mas a sua filhinha também tem uma língua, e não é tão valiosa quanto a sua.

Mo jogou o copo com o chá quente na direção dele, mas Basta foi tão rápido que o copo se espatifou na porta fechada.

— Tenham bons sonhos! — ele exclamou do outro lado, fechando o trinco. — Mandarei trazer outro copo. E amanhã nos veremos novamente.

Ninguém disse uma palavra depois que ele se foi. Durante muito, muito tempo.

— Mo, conte uma história! — sussurrou Meggie em algum momento.

— O que você quer ouvir? — ele perguntou pondo a mão em seu ombro.

— Aquela história em que estamos no Egito — ela murmurou. — Em que procuramos tesouros, enfrentamos tempestades de areia, escorpiões e aqueles espíritos terríveis que se levantam das tumbas para vigiar os tesouros deles.

— Ah, essa história! — disse Mo. — Não foi no seu aniversário de oito anos que eu a inventei para você? Pelo que me lembro, ela é bem arrepiante.

— É, e muito! — disse Meggie — Mas termina bem. Tudo termina bem e nós voltamos para casa, carregados de tesouros.

— Eu também quero ouvir essa história! — disse Elinor com a voz trêmula.

Talvez ela ainda estivesse pensando na navalha de Basta.

E então Mo começou a contar, sem o ruído das páginas, sem o labirinto infindável das letras.

— Mo, nunca saiu nada de uma história contada, não é? —Meggie perguntou preocupada em algum momento.

— Não — ele respondeu. — Para isso acontecer, é preciso de tinta de impressão e da cabeça de uma outra pessoa que tenha inventado a história.

E então ele continuou a contar, e Meggie e Elinor ficaram ouvindo até que sua voz as levou para longe, muito longe. E eles acabaram adormecendo.

Os três despertaram com o mesmo ruído. Alguém estava mexendo na fechadura. Meggie pensou ouvir alguém xingar com voz abafada.

— Oh, não! — murmurou Elinor. Ela foi a primeira a se levantar. — Agora eles vieram me buscar! A velha os convenceu! Para que nos alimentar? Você talvez — ela disse com um olhar nervoso na direção de Mo. — Mas a mim, para quê?

— Encoste na parede, Elinor — disse Mo, enquanto empurrava Meggie para trás de si. — Fiquem as duas longe da porta.

A fechadura arrebentou com um clique abafado e alguém abriu a porta, apenas o suficiente para passar apertado. Dedo Empoeirado. Ele lançou um último olhar preocupado para fora, então voltou a fechar a porta atrás de si e encostou-se nela.

— Ouvi dizer que aconteceu de novo, Língua Encantada! — ele disse baixando a voz. — Dizem que o pobre do garoto ainda não deu um pio. Entendo muito bem. Acredite, é uma sensação horrível de repente vir parar numa outra história.

— O que o senhor quer aqui? — esbravejou Elinor.

A visão de Dedo Empoeirado apagara instantaneamente todo o medo de seu rosto.

— Deixe-o, Elinor. — Mo empurrou-a para o lado e aproximou-se de Dedo Empoeirado. — Como estão as suas mãos?

Dedo Empoeirado deu de ombros.

— Eles passaram um unguento, mas a pele ainda está vermelha como as chamas que a lamberam.

— Pergunte o que ele quer aqui! — sussurrou Elinor. — E se ele tiver vindo só para nos dizer que não pode fazer nada para nos tirar deste atoleiro, então por favor torça esse pescoço de mentiroso dele.

Como resposta, Dedo Empoeirado jogou um molho de chaves para ela.

— Por que a senhora acha que estou aqui? — ele disse rudemente, enquanto apagava a luz. — Não foi fácil roubar de Basta as chaves do seu carro, e um "obrigada" talvez caísse bem, mas podemos deixar isso para depois. Agora não devemos mais ficar aqui muito tempo, temos que sumir de uma vez.

Ele abriu a porta com cuidado e escutou.

— Há um guarda lá em cima na torre da igreja — Dedo Empoeirado sussurrou. — Mas ele observa a colina, e não a aldeia. Os cães estão nos canis e, no caso de termos que lidar com eles, felizmente eles gostam mais de mim do que de Basta.

— Por que deveríamos confiar nele de repente? — sussurrou Elinor. — E se houver alguma armação por trás?

— Vocês têm que me levar junto! Isso é tudo o que há por trás! — respondeu Dedo Empoeirado rispidamente. — Não tenho mais nada para fazer aqui! Capricórnio me enganou. Ele acabou com o resto de esperança que eu ainda tinha! Ele acha que

pode fazer isso comigo. “Dedo Empoeirado não passa de um cão em que se pode pisar sem que ele morda”, é o que ele pensa. Só que está muito enganado. Ele queimou o livro, e vou pegar de volta o leitor que eu trouxe para ele. E quanto à senhora — ele apontou o dedo queimado para o peito de Elinor — a senhora vai junto, porque tem um automóvel. Ninguém escapa a pé desta aldeia, nem dos homens de Capricórnio, nem das cobras que rastejam pelas colinas. Só que eu não sei dirigir, portanto…

— Está vendo? Eu já sabia! — Elinor quase esqueceu de baixar a voz. — Ele quer apenas salvar a própria pele. Por isso está nos ajudando! Ele não está com a consciência pesada. Não, isso não… por que estaria?

— Para mim tanto faz por que ele está nos ajudando — Mo a interrompeu, impaciente. — O que importa é que vamos sair daqui. Mas vamos levar mais alguém.

— Mais alguém? Quem? — Dedo Empoeirado olhou para ele preocupado.

— O garoto. O garoto a quem impus o mesmo destino que impus a você — respondeu Mo enquanto passava por Dedo Empoeirado. — Basta disse que ele está bem aqui ao lado, e uma fechadura não é nenhum empecilho para os seus dedos habilidosos.

— Esses dedos habilidosos que queimei hoje! — disse Dedo Empoeirado, irritado — Mas como queira. Esse seu coração mole ainda vai nos custar o pescoço.

Quando Dedo Empoeirado bateu na porta com o número 5, ouviu-se um leve rumor atrás dela.

— Parece que eles ainda querem deixá-lo viver! — ele sussurrou enquanto começava a mexer na fechadura. — Os condenados à morte eles trancam na cripta debaixo da igreja. Basta fica pálido como massa de pão quando Capricórnio o manda para lá. É que eu contei para ele que um fantasma morava entre as lápides de pedra, só para me divertir.

Ele deu uma risadinha com a lembrança, como um menino maroto que conseguiu pregar uma boa peça em alguém.

Meggie olhou na direção da igreja.

— Eles matam com frequência? — ela perguntou baixinho.

Dedo Empoeirado deu de ombros.

— Não com tanta frequência quanto antigamente. Mas acontece…

— Pare de contar essas histórias! — murmurou Mo.

Ele e Elinor não tiravam os olhos da torre da igreja. O vigia estava sentado no muro, bem ao lado do sino. Meggie ficou tonta só de olhar para cima.

— Não são histórias, Língua Encantada, é a verdade! Você não a reconhece mais? Sim, ela é uma garota muito feia. Ninguém gosta de encará-la.

Dedo Empoeirado deu um passo para trás e fez uma mesura.

— Tenham a bondade. A fechadura está destrancada. Podem ir buscá-lo.

— Entre você! — Mo sussurrou para Meggie. — De você ele vai ter menos medo.

Estava escuro como breu atrás da porta. Já lá dentro, Meggie ouviu novamente um farfalhar, como se um animal se mexesse na palha.

Dedo Empoeirado enfiou o braço pela abertura da porta e pôs uma lanterna na mão de Meggie. Quando ela a ligou, o foco de luz incidiu no rosto moreno do garoto. A palha que haviam dado para ele estava ainda mais mofada do que aquela onde Meggie dormira. De qualquer forma, parecia que o garoto não havia pregado o olho desde que Nariz Chato o prendera ali. Ele abraçava suas pernas, como se fossem a única coisa que pudesse ampará-lo.

Talvez ele ainda estivesse esperando que o sonho ruim acabasse.

— Venha! — sussurrou Meggie, estendendo a mão para ele. — Queremos ajudá-lo! Vamos tirá-lo daqui!

Ele não se mexeu. Apenas olhava fixamente para ela, com os olhos apertados de desconfiança.

— Meggie, depressa! — sussurrou Mo através da porta.

O garoto o viu, e recuou até bater de costas na parede.

— Por favor — sussurrou Meggie. — Você precisa vir conosco! Aqui eles vão fazer coisas ruins com você!

Ele continuava a olhar para ela. Então ergueu-se, hesitante, sem tirar os olhos de Meggie. Era mais alto do que ela, quase um palmo.

De repente, correu em direção à porta aberta, tirando Meggie do caminho tão

bruscamente que ela caiu. Mas ele não conseguiu passar por Mo.

— Ei, ei — Mo sussurrou. — Fique calmo, está bem? Nós realmente queremos ajudá-lo, mas você tem que fazer o que dissermos, entendeu?

O garoto olhou para ele com uma expressão hostil.

— Vocês são todos demônios! — ele falou. — Demônios ou espíritos maus!

Então ele entendia a língua deles. E por que não entenderia? Sua história era contada em todas as línguas do mundo.

Meggie levantou-se e apalpou o joelho. Estava sangrando, por causa da batida no chão de pedra.

— Se quiser ver alguns demônios, é só ficar por aqui! — ela sussurrou ao passar pelo garoto.

Ele recuou diante dela, como se ela fosse uma bruxa. Mo puxou-o para junto de si.

— Está vendo o vigia lá em cima? — ele disse no ouvido do garoto, e apontou para a torre da igreja. — Se ele nos vir, vai nos matar.

O garoto olhou para a sentinela. Dedo Empoeirado andou até eles.

— Agora venham de uma vez! Se ele não quiser vir, terá que ficar bem aqui. E vocês, tirem os sapatos — Dedo Empoeirado acrescentou, olhando para os pés nus do garoto. — Senão vão fazer mais barulho do que um rebanho de cabras.

Elinor resmungou alguma coisa mas obedeceu, e o garoto os seguiu, ainda que hesitante. Dedo Empoeirado ia na frente com muita pressa, como se quisesse fugir da própria sombra. Meggie tropeçava a toda hora, tão íngreme era a ladeira pela qual eles desciam. Elinor xingava baixinho a cada vez que topava com o dedão do pé numa pedra do calçamento. Estava escuro naquela ruela estreita. Arcos de pedra apoiavam-se entre as casas próximas umas das outras, como se assim as impedissem de desabar. Os lampiões enferrujados lançavam sombras fantasmagóricas. Sempre que um gato saía da entrada de uma casa, Meggie levava um susto.

Mas a aldeia de Capricórnio dormia. Apenas uma única vez eles passaram por uma sentinela, que fumava encostada no muro de uma viela lateral. Dois gatos brigavam em cima de um telhado, e a sentinela virou-se e pegou uma pedra do chão para jogar nos animais.

Dedo Empoeirado aproveitou a ocasião. Meggie estava contente por ele ter mandado que tirassem os sapatos. Sem fazer ruído, eles passaram pela sentinela, que ainda estava de costas. Meggie ousou respirar novamente apenas quando dobraram a esquina. Mais uma vez, ela reparou nas casas vazias, em todas as janelas mortas e nas portas apodrecidas. O que destruíra as casas? Apenas o tempo? Os moradores haviam fugido de Capricórnio ou a aldeia estava abandonada antes de ele se instalar ali com seus homens? Dedo Empoeirado não havia comentado alguma coisa sobre isso?

Ele fez um sinal com a mão para que todos parassem, e pôs o dedo nos lábios em sinal de advertência. Eles haviam chegado aos limites da aldeia. Diante deles havia apenas o estacionamento. Dois lampiões iluminavam o asfalto rachado. No lado esquerdo erguia-se um alto alambrado.

— Lá atrás fica a praça de festas e cerimônias de Capricórnio — sussurrou Dedo Empoeirado. — Acho que antigamente os jovens da aldeia jogavam futebol ali, mas agora é onde acontecem as comemorações diabólicas de Capricórnio: fogueiras, bebida, alguns tiros no ar, fogos de artifício, rostos pintados de preto, é disso que eles gostam.

Eles calçaram os sapatos novamente antes de seguirem Dedo Empoeirado no estacionamento. Meggie olhava o tempo todo para a cerca de arame. Comemorações diabólicas. Parecia que ela estava vendo o fogo, os rostos pintados de negro…

— Venha logo, Meggie — sussurrou Mo, enquanto a puxava atrás de si.

De algum lugar na escuridão vinha o barulho de água, e Meggie lembrou-se da ponte pela qual haviam passado na ida. E se desta vez houvesse uma sentinela lá?

Havia diversos automóveis no estacionamento, a perua de Elinor também estava lá, um pouco afastada dos outros. Atrás deles, sobre os telhados, erguia-se a torre da igreja, e nada mais os protegia dos olhos da sentinela. Meggie não conseguia vê-la daquela distância, mas com certeza estava lá. Besouros pretos rastejando em cima de uma mesa, era assim que eles deviam parecer vistos do alto. Será que a sentinela possuía um binóculo?

— Vamos logo, Elinor! — sussurrou Mo quando já fazia uma pequena eternidade que ela estava tentando abrir a porta do seu automóvel.

— Já vai, já vai! — ela resmungou. — Eu não tenho mãos tão ágeis como as do nosso amigo dos dedos empoeirados.

Mo pôs o braço no ombro de Meggie enquanto olhava preocupado ao redor, mas tanto na praça quanto nas ruelas nada se mexia, além de alguns gatos. Tranquilizado, ele fez Meggie subir no banco de trás.

O garoto hesitou por um momento, examinou o automóvel como se fosse um animal estranho, sem ter certeza se aquele bicho era manso ou se o devoraria, mas finalmente também entrou.

Meggie lançou-lhe um olhar pouco amigável e ficou o mais longe possível dele. Seu joelho ainda doía.

— Onde se enfiou o devorador de fósforos? — sussurrou Elinor. — Droga, não me diga que esse sujeito desapareceu de novo.

Meggie foi a primeira a descobrir onde estava Dedo Empoeirado. Ele se esgueirava entre os outros automóveis.

Elinor agarrou o volante, como se fosse difícil resistir à tentação de partir sem ele.

— O que esse sujeito pretende agora? — ela sussurrou.

Ninguém sabia. Dedo Empoeirado ficou lá fora por tanto tempo que parecia uma tortura e, quando voltou, fechou a navalha que tinha na mão.

— O que foi agora? — ralhou Elinor quando ele se enfiou ao lado do garoto no banco de trás. — O senhor não disse que tínhamos que nos apressar? E o que aprontou com a navalha? Não foi para cima de alguém com ela, espero.

— Por acaso eu me chamo Basta? — retrucou Dedo Empoeirado irritado, enquanto encolhia as pernas atrás do banco do motorista. — Eu cortei os pneus, só isso. Medida preventiva.

Ele ainda estava com a navalha na mão.

Meggie olhou para ele preocupada.

— Essa é a navalha de Basta — ela disse.

Dedo Empoeirado sorriu, quando a pôs de volta no bolso da calça.

— Era. Eu também adoraria ter roubado o amuleto estúpido dele, mas ele o usa em volta do pescoço mesmo à noite, e isso seria perigoso demais.

Em algum momento, um cão começou a latir. Mo abriu sua janela e pôs a cabeça

para fora, preocupado.

— Acreditem se quiserem, são apenas sapos que estão fazendo esse barulho infernal — disse Elinor.

Mas o que Meggie também ouviu ecoar de repente no meio da noite não era a voz de um sapo e, quando olhou apavorada pelo vidro de trás, ela viu um homem sair de um dos automóveis estacionados, um furgão branco empoeirado e sujo. Era um dos homens de Capricórnio, Meggie já o vira antes na igreja. Ele olhava ao redor com olhos sonolentos.

Quando Elinor ligou o motor, ele sacou a espingarda que trazia nas costas e correu em direção ao carro. Por um momento Meggie quase sentiu pena dele, de tão atônito e sonolento que estava. O que Capricórnio faria com uma sentinela que dormia em vez de vigiar? Mas então ele apontou e atirou. Meggie abaixou a cabeça atrás do encosto, enquanto Elinor acelerava.

— Droga! — ela ralhou com Dedo Empoeirado. — O senhor não viu esse sujeito quando andou ao redor dos carros?

— Não, eu não vi! — gritou Dedo Empoeirado de volta. — E agora dirija! Não por aí! O caminho ali na frente, que leva para a estrada!

Elinor girou bruscamente o volante. Ao lado de Meggie, o garoto se encolheu. A cada tiro, ele apertava os olhos e tapava os ouvidos. Existiam espingardas em sua história? Provavelmente tantas quantos automóveis. Ele e Meggie batiam a cabeça um no outro a cada tranco que Elinor dava com o automóvel pelo caminho de pedra. Quando finalmente desembocaram numa estrada, as coisas não estavam muito melhores.

— Esta não é a estrada pela qual viemos! — exclamou Elinor.

A aldeia de Capricórnio estava acima deles como uma fortaleza. As casas não pareciam menores dali.

— Sim, é a mesma! Mas quando chegamos Basta nos recebeu mais acima!

Dedo Empoeirado agarrou-se no assento com uma mão e com a outra segurou firme a sua mochila. Um rosnado furioso saiu de dentro dela, e o garoto lançou um olhar aterrorizado em sua direção.

Meggie pensou reconhecer o ponto em que Basta os havia recebido: a colina da

qual avistaram pela primeira vez a aldeia. Então de repente as casas haviam desaparecido, engolidas pela noite, como se a aldeia de Capricórnio nunca tivesse existido. Não havia sentinela na ponte nem na grade enferrujada que bloqueava a estrada. Meggie ficou olhando para ela até que a escuridão a engoliu. "Acabou", ela pensou. "Acabou mesmo."

*

A noite estava clara. Meggie nunca vira tantas estrelas. O céu estendia-se sobre as colinas negras como um pano bordado com minúsculas pérolas. O mundo todo parecia feito só de colinas, costas de gatos arqueadas diante do rosto da noite, sem gente, sem casas. Sem medo.

Mo virou-se e tirou o cabelo de Meggie de cima do rosto dela.

— Tudo bem? — ele perguntou.

Ela fez que sim e fechou os olhos. De repente, tudo o que ela queria era dormir… isso se o tumulto no seu coração deixasse.

— Isto é um sonho! — alguém murmurou ao seu lado com voz monótona. — Somente um sonho. O que mais seria?

Meggie virou-se. O garoto não olhou para ela.

— Deve ser um sonho! — ele repetiu, balançando a cabeça para a frente com tanta energia como se quisesse encorajar a si próprio. — Tudo parece de mentira, falso, completamente maluco, igual aos sonhos, e agora — ele apontou para fora com um movimento de cabeça — ainda por cima estamos voando. Ou é a noite que passa voando por nós. Ou seja lá o que for.

Meggie quase sorriu. "Não é um sonho", ela quis dizer, mas estava cansada demais para explicar toda aquela história complicada. Ela olhou para Dedo Empoeirado. Ele passava a mão em sua mochila, provavelmente tentando acalmar a marta furiosa.

— Não me olhe assim! — ele disse quando notou o olhar de Meggie. — *Eu* não vou explicar a ele. Quem tem que fazer isso é o seu pai. Afinal ele é o responsável pelo pesadelo do garoto.

A consciência pesada de Mo parecia escrita em sua testa quando ele se virou para o menino.

— Como você se chama? O seu nome não estava na… — ele parou.

O garoto olhou para ele desconfiado e baixou a cabeça.

— Farid — ele respondeu com voz inexpressiva. — Meu nome é Farid, mas acho que falar num sonho dá azar. A pessoa não volta.

E então apertou de novo os lábios, olhou para a frente como se não quisesse encarar ninguém, e permaneceu calado. Será que em sua história ele tinha pais? Meggie não conseguia se lembrar. A história só falava de um garoto, um garoto sem nome, que servia a um bando de salteadores.

— É um sonho! — ele sussurrou novamente. — Apenas um sonho. O sol vai nascer e tudo vai ter desaparecido. Isso mesmo.

Mo fitou-o, infeliz e desconcertado, como alguém que capturou um passarinho e tem que aguentar a censura dos pais. "Pobre Mo", pensou Meggie. "Pobre Farid." Mas ela também tinha um outro pensamento, um pensamento do qual se envergonhava. Ele estava ali desde que o lagarto havia saído do meio das moedas de ouro na igreja de Capricórnio. "Eu gostaria de ter esse dom", o pensamento sussurrava desde então, bem baixinho, mas sempre reiterado. O desejo se instalara em seu coração como um cuco num ninho alheio e, por mais que ela tentasse espantá-lo, ele começara a estufar e a se espalhar. "Eu também gostaria", ele sussurrava. "Gostaria de poder tirá-las de lá, de poder pegá-las, todas as figuras, todas as maravilhosas figuras, quero que elas saiam das páginas e sentem-se ao meu lado, que sorriam para mim, eu quero, eu quero, eu quero..."

Lá fora ainda estava escuro, como se não existisse manhã.

— Não vou parar! — disse Elinor. — Vou dirigir até chegar na frente da minha casa.

Então, ao longe, atrás deles, como dedos tateando a escuridão, surgiram os faróis de um automóvel.

20. Cobras e espinhos

Os Borribles viraram-se e viram no começo da ponte um círculo ofuscante de luz branca, que vinha do fundo do céu escuro. Eram os faróis de um automóvel posicionado no lado norte da ponte, o lado que os fugitivos haviam deixado havia apenas poucos minutos.

Michael de Larrabeiti, *Os Borribles 2*
— No labirinto dos Wendel

Os faróis se aproximavam, por mais que Elinor pisasse decidida no acelerador.

— Talvez seja um automóvel qualquer! — disse Meggie, mas ela mesma sabia que isso era mais do que improvável. Havia apenas uma aldeia à margem da estradinha sinuosa e esburacada pela qual eles seguiam havia quase uma hora, e era a aldeia de Capricórnio. Os perseguidores só podiam estar vindo de lá.

— E agora? — exclamou Elinor. Ela quase dirigia em zigue-zague, de tão nervosa. — Não vou deixar que me prendam novamente naquele buraco. Não. Não. E não.

A cada "não" ela batia com a palma da mão no volante.

— O senhor não disse que havia cortado os pneus? — ela ralhou com Dedo Empoeirado.

— E cortei! — ele respondeu furioso. — Pelo jeito, eles estavam prevenidos para um caso como este, ou será que a senhora nunca ouviu falar de estepes? Acelere! Logo deve chegar uma cidadezinha. Não deve estar muito longe. Se conseguirmos chegar até lá…

— Se conseguirmos, sim, se conseguirmos! — exclamou Elinor, batendo com o dedo no mostrador de gasolina. — A gasolina dá no máximo para mais dez, talvez vinte quilômetros.

Eles nem chegaram a tanto. Numa curva fechada, um dos pneus dianteiros estourou. Elinor conseguiu girar o volante um segundo antes de o carro resvalar para fora da estrada. Meggie deu um grito e tapou o rosto com as mãos. Por um instante terrível, ela pensou que todos fossem despencar pela ribanceira que se perdia na

escuridão do lado esquerdo da estrada, mas a perua patinou para a direita, raspou com o para-lama no muro baixo de pedras que cercava o outro lado da estrada, deu um último suspiro e parou debaixo de uma azinheira que se curvava sobre a estrada como se quisesse tocar o asfalto com seus galhos.

— Oh, mas que droga, mil vezes droga! — vociferou Elinor enquanto soltava o cinto de segurança. — Todos estão bem?

— Agora eu sei por que nunca confiei em automóveis! — murmurou Dedo Empoeirado, abrindo a porta.

Meggie ficou sentada, o corpo todo tremendo. Mo tirou-a de dentro do carro e olhou em seus olhos, preocupado.

— Tudo bem?

Meggie fez que sim.

Farid saiu pelo mesmo lado que Dedo Empoeirado. Será que ele ainda achava que era um sonho?

Dedo Empoeirado parou no meio da estrada, com a mochila nos ombros, e escutou atentamente. Ao longe, o ronco de um motor avançava pela noite.

— Temos que tirar o carro da estrada! — ele disse.

— O quê? — Elinor olhou para ele espantada.

— Temos que empurrá-lo para baixo.

— O meu carro? — Elinor quase gritou.

— Ele tem razão, Elinor — disse Mo. — Talvez assim consigamos despistá-los. Vamos empurrar o carro para baixo. Provavelmente eles nem sequer vão vê-lo no escuro. E, caso vejam, vão pensar que caímos para fora da estrada. Enquanto isso, subimos o morro e nos escondemos entre as árvores.

Elinor lançou um olhar desconfiado para cima.

— Mas é muito íngreme! E se houver cobras?

— Basta já deve ter arranjado uma outra navalha — disse Dedo Empoeirado.

Elinor lançou-lhe um olhar gélido. Então, sem mais uma palavra, ela foi até o carro e abriu o porta-malas.

— Onde está a nossa bagagem? — ela perguntou.

Dedo Empoeirado mediu-a com um olhar zombeteiro.

— Provavelmente Basta a distribuiu entre as criadas de Capricórnio. Ele gosta de fazer agrados para elas.

Elinor olhou para ele como se não acreditasse numa única palavra. Então fechou o porta-malas, apoiou os braços no carro e começou a empurrar.

Eles não conseguiram.

Por mais que puxassem e empurrassem, o carro de Elinor, embora saísse da estrada, não desceu mais de dois metros. Então ele empacou, o nariz de lata entalado no matagal, e não se mexeu mais. Mas o barulho do motor, que soava tão estranho naquele lugar ermo, já penetrava ameaçadoramente alto em seus ouvidos. Empapados de suor, eles voltaram para a estrada — depois de Dedo Empoeirado ter dado um último chute no carro teimoso —, passaram por cima do muro, que parecia não ter uma só pedra com menos de mil anos, e começaram a escalar a encosta. Agora o importante era se afastar da estrada.

Mo puxou Meggie, e Dedo Empoeirado ajudou Farid. Elinor já estava bastante ocupada consigo mesma. Toda a encosta estava coberta de muros, tentativa penosa de delimitar pequenos campos e jardins na terra árida, para algumas oliveiras, vinhas e o que mais desse fruto naquele solo. Mas as árvores estavam cercadas de mato e a terra coberta de frutos que ninguém colhera, porque os homens haviam ido embora para algum lugar em busca de uma vida menos dura.

— Abaixem a cabeça! — disse Dedo Empoeirado ofegante, enquanto se agachava com Farid atrás de um dos muros desmoronados. — Eles estão vindo.

Mo puxou Meggie para trás da árvore mais próxima. A touceira espinhosa que crescia entre as raízes enodoadas tinha a altura exata para escondê-los.

— E as cobras? — sussurrou Elinor enquanto cambaleava atrás deles.

— Aqui é muito frio para elas! — sussurrou Dedo Empoeirado de seu esconderijo. — A senhora não aprendeu nada sobre elas nos seus livros?

Elinor estava com a resposta na ponta da língua, mas Mo tapou sua boca com a mão. Lá embaixo, apareceu o carro. Era o furgão do qual a sentinela dorminhoca havia saído. Sem diminuir a velocidade, o carro passou pelo ponto onde eles haviam

empurrado a perua de Elinor e desapareceu depois da próxima curva. Aliviada, Meggie quis tirar a cabeça dos espinhos, mas Mo empurrou-a para baixo novamente.

— Ainda não! — ele sussurrou, aprumando os ouvidos.

Era uma noite tão quieta como Meggie nunca vira antes. Era como se ela pudesse ouvir as árvores respirarem, as árvores, a relva e a própria noite.

Os faróis do furgão surgiram na encosta de um outro morro: dois dedos de luz na escuridão tateando ao longo de uma estrada invisível. Mas de repente eles pararam de se mover.

— Eles estão voltando! — sussurrou Elinor. — Oh, meu Deus. E agora?

Ela quis se levantar, mas Mo a segurou firme.

— Você está louca? — ele sussurrou. — É tarde demais para continuar a subir. Eles nos veriam.

Mo tinha razão. Logo o furgão estava de volta. Meggie viu como ele parou a apenas poucos metros do ponto onde eles haviam empurrado o carro de Elinor. Ela ouviu o barulho das portas se abrindo, e viu dois homens descerem do carro. Os dois estavam de costas para ela, mas, quando um deles se virou, Meggie pensou ter reconhecido o rosto de Basta, embora não passasse de uma mancha clara na noite.

— Aqui está o carro! — disse o outro.

Era Nariz Chato? Pelo menos era alto e largo como ele.

— Veja se eles estão aí dentro.

Sim, era Basta. Meggie teria reconhecido sua voz em meio a milhares de outras.

Nariz Chato começou a descer a encosta, desajeitado como um urso. Meggie o ouviu praguejar, contra o mato, os espinhos, a escuridão e a maldita gentalha que fazia com que ele tivesse que perambular noite afora. Basta ainda permanecia na estrada. Seu rosto adquiriu sombras marcantes quando ele acendeu o cigarro com um isqueiro. A fumaça branca rodopiou na direção deles e Meggie pensou sentir o cheiro dela.

— Eles não estão aqui! — exclamou Nariz Chato. — Devem ter continuado a pé. Diabos! Você acha que temos que ir atrás deles?

Basta andou até a beira da estrada e olhou para baixo. Então virou-se para observar a encosta onde Meggie estava agachada ao lado de Mo, com o coração aos pulos.

— Eles não podem estar muito longe — ele disse. — Mas no escuro vai ser difícil encontrar a pista deles.

— Também acho! — Nariz Chato ofegava quando apareceu de novo na estrada. — Afinal de contas, não somos uns índios imbecis, não é mesmo?

Basta não respondeu. Apenas ficou ali, escutando a noite e fumando seu cigarro. Então sussurrou algo para Nariz Chato. O coração de Meggie quase parou.

Nariz Chato olhou preocupado ao seu redor.

— Não, é melhor irmos buscar os cães! — Meggie o ouviu dizer. — Mesmo que estejam escondidos em algum lugar por aqui, como vamos saber se eles foram para cima ou para baixo?

Basta lançou um olhar para as árvores, olhou para a estrada e apagou o cigarro no chão. Então voltou para o carro e pegou duas espingardas.

— Primeiro vamos tentar para baixo — ele disse, jogando uma espingarda para Nariz Chato. — A gorda deve ter preferido descer.

Sem mais uma palavra, ele desapareceu na escuridão. Nariz Chato lançou um olhar sequioso para o furgão, e foi atrás de Basta com seus passos pesados, sem parar de resmungar.

Mal os dois haviam sumido de suas vistas, Dedo Empoeirado levantou-se, silencioso como uma sombra, e apontou para cima. O coração de Meggie parecia querer sair pela boca quando eles o seguiram. Eles escalaram o morro, esgueirando-se de árvore em árvore, de moita em moita, sempre lançando um olhar para trás. A cada galho que se quebrava sob os seus pés, Meggie tinha um sobressalto, mas felizmente Basta e Nariz Chato também faziam barulho enquanto se embrenhavam na mata do outro lado da estrada.

Em algum momento eles deixaram de ver a estrada. Mesmo assim, o medo não os abandonou, o medo de que Basta talvez já tivesse voltado e agora subisse o morro atrás deles. Mas, por mais que eles aprumassem os ouvidos, só escutavam a própria respiração.

— Logo eles vão notar que escolheram a direção errada! — sussurrou Dedo Empoeirado. — E então vão buscar os cães. Foi sorte eles já não os terem trazido. Basta não confia muito neles, e com razão, pois eu os alimentei com queijo. Isso é

ruim para o faro dos cães. Mesmo assim, em algum momento eles irão buscá-los, pois o próprio Basta não vai querer voltar para Capricórnio com uma má notícia.

— Então temos que ir mais depressa! — disse Mo.

— E para onde? — Elinor já estava sem fôlego.

Dedo Empoeirado olhou ao redor. Meggie perguntou-se para quê. Seus olhos quase não viam nada de tão escuro que estava.

— Temos que nos manter na direção sul — disse Dedo Empoeirado. — Na direção da costa. Temos que estar entre outras pessoas, só isso pode nos salvar. Lá embaixo as noites são claras e ninguém acredita no diabo.

Farid estava ao lado de Meggie. Ele olhava atento para a noite, como se o seu olhar pudesse atrair a manhã ou descobrir, em algum lugar naquele negror, as pessoas das quais Dedo Empoeirado falara. Mas não se via uma luz na escuridão além do emaranhado de estrelas que brilhavam frias e distantes no céu. Por um momento Meggie viu nelas olhos traiçoeiros, e ela pensou ouvi-las dizer: "Veja, Basta, ali estão eles. Venha logo, apanhe-os!".

Eles prosseguiram sua marcha cambaleante, juntos uns dos outros, para que ninguém se perdesse. Dedo Empoeirado tirara a marta da mochila e prendera a coleira na guia antes de deixá-la andar. Gwin não parecia estar gostando muito. A toda hora, Dedo Empoeirado precisava puxá-lo do meio do mato e afastá-lo de todos os cheiros tentadores que se mantinham inacessíveis ao nariz humano. Ele mostrava os dentes e rosnava irritado, mordia e puxava a guia.

— Droga, vou acabar tropeçando nessa besta em miniatura! — xingou Elinor. — Será que ele não pode tomar mais cuidado com os meus pés feridos? Uma coisa é certa: assim que estivermos de novo entre seres humanos, irei para o melhor quarto de hotel que o dinheiro pode pagar e descansarei os meus pobres pés num travesseiro grande e macio.

— Você ainda tem dinheiro? — A voz de Mo soou incrédula. — Eles pegaram logo todo o que eu tinha.

— Oh, a minha carteira Basta também pegou logo — disse Elinor. — Mas sou uma mulher precavida. Meu cartão de crédito está num lugar seguro.

— Existe um lugar seguro contra Basta? — Dedo Empoeirado puxou Gwin de

cima de uma árvore.

— Lógico! — respondeu Elinor. — Nenhum homem tem muitas ganas de revistar senhoras gordas e velhas. Isso pode ser vantajoso. Um dos meus livros mais valiosos…

Ela parou de falar de repente e pigarreou, quando seu olhar se deparou com Meggie. Mas Meggie fez de conta que não ouvira a última frase de Elinor, ou que pelo menos não havia entendido do que ela estava falando.

— Tão gorda assim você não é! — ela disse. — E velha também é um exagero.

Como seus pés doíam!

— Oh, muito obrigada, querida! — disse Elinor. — Acho que vou comprá-la do seu pai para que você me diga essas coisas simpáticas três vezes por dia. Quanto você quer por ela, Mo?

— Preciso refletir — disse Mo. — Que tal três barras de chocolate por dia?

Assim eles seguiram conversando, as vozes pouco mais que um murmúrio, enquanto avançavam sobre a pelagem espinhenta da colina. O assunto sobre o qual eles falavam não tinha a menor importância, pois todas aquelas palavras sussurradas serviam apenas para um fim: afastar o medo e o cansaço que tornava suas pernas pesadas. Eles avançavam mais e mais, na esperança de que Dedo Empoeirado soubesse para onde os conduzia. Meggie ficou o tempo todo bem perto de Mo. Pelo menos suas costas ofereciam alguma proteção contra os galhos espinhentos. Eles viviam se enroscando na roupa dela e arranhando o rosto, feito animais malvados com garras afiadas que espreitavam na escuridão.

Finalmente, eles deram numa trilha que podiam seguir. Estava cheia de cartuchos de espingarda vazios nas beiras, jogados por caçadores que haviam levado a morte àquele lugar silencioso. No chão de terra batida era mais fácil andar, embora Meggie mal conseguisse erguer os pés de tanto cansaço. Quando o sono a fez tropeçar nos calcanhares de Mo, ele a ergueu e a carregou nas costas, como fazia antigamente quando ela ainda não conseguia acompanhar o passo de suas longas pernas. "Pulga", ele a chamava na época, "Peninha" ou "Sininho", como a fada de *Peter Pan*. Às vezes ele ainda a chamava assim.

Cansada, Meggie deitou o rosto no ombro do pai e tentou pensar em Peter Pan em vez de cobras ou homens armados com facas. Mas dessa vez a sua própria história

era forte demais para se deixar espantar por uma história inventada.

Farid não dissera mais nada. A maior parte do tempo ele ia atrás de Dedo Empoeirado. O garoto parecia ter gostado de Gwin. Toda vez que a marta se enroscava com a guia em algum lugar, Farid corria para libertá-la, mesmo que Gwin arreganhasse os dentes e tentasse morder seus dedos. Uma vez ele cravou os dentes tão fundo no polegar do garoto que começou a sangrar.

— Então, você ainda acredita que isto aqui é um sonho? — zombou Dedo Empoeirado quando Farid limpava o sangue.

O garoto não respondeu. Apenas observava seu polegar dolorido. Então ele sugou o sangue e cuspiu.

— E o que mais seria? — ele perguntou.

Dedo Empoeirado olhou para Mo, mas este parecia tão absorto em pensamentos que nem sequer notou o olhar.

— Poderia ser simplesmente uma nova história — disse Dedo Empoeirado.

Farid riu.

— Uma nova história. Gostei. Sempre gostei de histórias.

— Ah, é? E o que está achando desta?

— Um pouco espinhenta demais, e já estava na hora de clarear o dia. Mas pelo menos eu não preciso trabalhar. Já é alguma coisa.

Meggie teve que sorrir.

Um pássaro gritou ao longe. Gwin parou e ergueu o focinho. A noite pertencia aos predadores. Sempre tinha sido assim. Em casa, na proteção de luzes e de paredes sólidas, é fácil esquecer isso. A noite protege os caçadores, facilita seu avanço furtivo e acomete de cegueira as suas presas. As palavras de um dos livros preferidos de Meggie lhe vieram à mente: *"... pois as horas da noite são horas poderosas para dentes caninos, garras e patas"*.

Ela apoiou o rosto no ombro de Mo. "Talvez agora seja melhor eu andar com minhas próprias pernas", ela pensou. "Ele já está me carregando há muito tempo." Então ela adormeceu nas costas do pai.

21. Basta

"Esta floresta, agora tão pacífica, deve ter estremecido outrora com os gritos de morte", pensei. E a imagem era tão convincente que até hoje penso ouvir os gritos.

Robert L. Stevenson, *A ilha do tesouro*

Meggie acordou quando Mo parou de andar. O caminho os levara quase até o cimo da colina. Ainda estava escuro, mas a noite empalidecera, e ao longe começava a erguer seu manto para uma nova manhã.

— Precisamos descansar, Dedo Empoeirado — Meggie ouviu Mo dizer. — O garoto já está cambaleando, os pés de Elinor com certeza também precisam de um descanso, e este lugar até que não é tão mau, se quer saber.

— Que pés? — perguntou Elinor, sentando-se no chão com um gemido. — Você está se referindo a esses bolos doloridos na ponta das minhas pernas?

— Exatamente — disse Mo, enquanto a ajudava a se levantar. — Eles ainda precisam dar uns passos. Podemos descansar ali em cima.

A cerca de cinquenta metros à esquerda, bem no topo da colina, entre as oliveiras, havia uma casa baixa, se é que aquela construção merecia esse nome. Meggie escorregou das costas de Mo antes de começarem a subir. As paredes davam a impressão de que alguém empilhara algumas pedras com pressa, o telhado havia desmoronado e, no lugar onde antigamente ficava a porta, havia um buraco escuro.

Mo teve que se abaixar bastante para conseguir passar. O chão estava coberto de ripas e telhas quebradas. Num canto havia um saco vazio, cacos de cerâmica, talvez de um prato ou de uma travessa, alguns ossos roídos.

Mo suspirou.

— Não é muito aconchegante, Meggie — ele disse. — Mas imagine que você está no esconderijo dos Garotos Perdidos ou…

— … na barrica de Huckleberry Finn — Meggie olhou ao redor. — Acho que mesmo assim prefiro dormir lá fora.

Elinor entrou. Ela também não pareceu gostar muito das acomodações.

Mo deu um beijo em Meggie e voltou para a porta.

— Acredite, aqui dentro é mais seguro! — ele disse.

Meggie olhou para ele preocupada.

— Aonde você vai? Você também precisa dormir.

— Que nada, não estou com sono — ele disse, mas seu rosto o desmentia. — Agora durma, está bem?

Então desapareceu lá fora.

Elinor afastou as ripas quebradas com o pé.

— Venha! — ela disse, tirou o casaco e o esticou no chão. — Vamos tentar nos acomodar aqui juntas. Seu pai tem razão, vamos simplesmente imaginar que estamos em outro lugar. Por que as aventuras só podem ser divertidas quando a gente lê?

Enquanto dizia isso, ela se esticava no chão. Hesitante, Meggie deitou-se ao seu lado.

— Pelo menos não está chovendo — observou Elinor, olhando para o telhado desmoronado. — E temos as estrelas sobre nós, embora já estejam um pouco apagadas. Talvez eu devesse mandar abrir alguns buracos no telhado lá de casa.

Com movimentos impacientes de cabeça, ela ofereceu seu braço como travesseiro para Meggie.

— Assim as aranhas não vão passear nas suas orelhas quando estiver dormindo. Meu Deus — Meggie ainda a ouviu murmurar —, acho que preciso comprar um par de pés novos. Estes aqui não têm mais salvação.

Então ela adormeceu.

Meggie, porém, ficou deitada com os olhos abertos escutando os ruídos lá fora. Ela ouviu Mo conversando em voz baixa com Dedo Empoeirado, mas não conseguiu entender sobre o que eles falavam. Em certo momento, ela pensou ter ouvido o nome de Basta. O garoto também ficara lá fora. Farid. Mas dele não se ouvia um pio.

Depois de alguns minutos, Elinor começou a roncar. Mas Meggie não conseguia dormir, por mais que tentasse, então se levantou de mansinho e foi de novo para fora. Mo estava acordado. Ele estava sentado com as costas apoiadas numa árvore, observando como a manhã expulsava a noite das colinas ao redor. A alguns passos de

distância, estava Dedo Empoeirado. Ele apenas ergueu um pouco a cabeça quando Meggie saiu da cabana. Será que ele pensava em fadas e duendes? Farid estava deitado ao lado dele, encolhido como um cachorrinho, e Gwin estava a seus pés devorando alguma coisa. Meggie virou a cabeça depressa.

O crepúsculo avançava sobre as colinas, conquistando um cume após o outro. Meggie avistou casas ao longe, espalhadas como brinquedos nas encostas verdejantes. Em algum lugar atrás delas devia estar o mar. Ela pôs a cabeça no colo de Mo e olhou para o rosto dele.

— Aqui eles não vão nos achar mais, não é? — ela perguntou.

— Não, claro que não! — ele disse, com o rosto não tão despreocupado como a voz, aliás nem um pouco. — Por que você não está dormindo com Elinor?

— Ela ronca — murmurou Meggie.

Mo sorriu. Então, com o cenho franzido, ele olhou de novo para a encosta onde, escondida entre ervas, arbustos espinhosos e a relva alta, estava a trilha que os conduzira até ali.

Dedo Empoeirado também não tirava os olhos da trilha. A visão dos dois homens vigilantes tranquilizou Meggie, e ela logo caiu num sono tão profundo quanto o de Farid, como se o terreno diante da casa em ruínas não estivesse coberto de espinhos, mas sim de penas de ganso. E quando Mo a sacudiu e tapou sua boca com a mão, ela pensou que fosse um sonho ruim.

Ele pôs um dedo nos lábios para adverti-la. Meggie ouviu um farfalhar na relva, os latidos de um cão. Mo ergueu-a e empurrou-a junto com Farid para a escuridão protetora da cabana. Elinor ainda roncava. Ela parecia uma menina à luz que a manhã derramava em seu rosto, mas, assim que Mo a despertou, voltou tudo outra vez: o cansaço, as preocupações e o medo.

Mo e Dedo Empoeirado puseram-se ao lado da entrada, um à esquerda, o outro à direita, com as costas contra a parede. Vozes masculinas cortaram o silêncio da manhã. Meggie pensou ter ouvido os cães fungarem e desejou se dissolver em ar, ou em qualquer coisa invisível e sem cheiro. Farid estava ao seu lado, de olhos arregalados. Pela primeira vez, Meggie percebeu que eles eram quase negros. Ela nunca vira olhos tão escuros, as pestanas longas como as de uma menina.

Elinor estava encostada na parede em frente, mordendo os lábios de medo. Dedo

Empoeirado fez um sinal para Mo, e antes que Meggie pudesse entender o que os dois pretendiam eles precipitaram-se para fora. As oliveiras atrás das quais eles se esconderam tinham troncos curtos e galhos emaranhados que caíam até o chão, como se o peso das folhas fosse demasiado para eles. Uma criança poderia se esconder ali facilmente, mas será que os galhos ofereciam proteção suficiente também para dois homens adultos?

Meggie espiou pela abertura da porta. As batidas de seu coração quase a sufocavam. Lá fora o sol subia mais e mais. A luz do dia penetrava em cada vale, debaixo de cada árvore, e de repente Meggie desejou que a noite voltasse. Mo ajoelhara-se para que não vissem a sua cabeça através do emaranhado de galhos. Dedo Empoeirado encostou-se no tronco curvo e ali, terrivelmente perto, no máximo a vinte passos dos dois, estava Basta. Abrindo caminho entre os cardos e a relva alta, ele se aproximava.

— Eles já estão lá embaixo no vale! — Meggie ouviu uma voz mal-humorada resmungar. No instante seguinte, Nariz Chato apareceu ao lado de Basta. Eles haviam trazido dois cães de aspecto assustador. Meggie viu como eles farejavam, enfiando suas cabeçorras na relva.

— Com as duas crianças e a gorda? — Basta sacudiu a cabeça e olhou para os lados.

Farid espiava atrás de Meggie e recuou assustado, como se alguém o tivesse mordido, quando viu os dois homens.

— Basta? — os lábios de Elinor formaram o nome sem emitir som.

Meggie fez que sim e, enxergando os dois com os próprios olhos, Elinor ficou ainda mais pálida do que já estava.

— Mas que droga, Basta, quanto tempo você ainda pretende ficar zanzando por aqui? — a voz de Nariz Chato ecoou longe no silêncio que pairava sobre as colinas. — Daqui a pouco as cobras vão acordar, e eu estou com fome. Vamos simplesmente dizer que eles caíram no vale com o carro. Empurramos mais aquela lata velha, e ninguém vai perceber essa mentirinha! As cobras vão dar cabo deles de qualquer maneira. E, se não derem, eles vão se perder, morrer de fome, pegar uma insolação, ou sei lá o quê. De qualquer forma, nunca os veremos novamente.

— Ele deu queijo para eles! — disse Basta, furioso, puxando os cães. — Aquele

maldito devorador de fogo ficou alimentando os cachorros com queijo para estragar o faro deles. Mas ninguém quis acreditar em mim. Não admira que eles abanem o rabo de alegria sempre que veem a cara horrorosa dele.

— Você bate demais neles! — resmungou Nariz Chato. — Por isso eles não estão se esforçando. Os cães não gostam de apanhar.

— Besteira. É preciso bater neles, senão mordem! Eles gostam do devorador de fogo porque é igualzinho a eles, abana o rabinho e é traiçoeiro e feroz. — Um dos cães se deitou na grama e começou a lamber as patas. Furioso, Basta deu um chute nas costelas dele e o puxou. Depois gritou para Nariz Chato: — Pode voltar para a aldeia se quiser! Mas eu vou pegar esse devorador de fogo e cortar os dedos dele um por um. Aí veremos se ainda vai conseguir jogar bolas. Eu sempre disse que não podíamos confiar nele, mas o chefe achava aqueles joguinhos com fogo tãão divertidos.

— Está bem, está bem. Todo mundo sabe que você nunca o suportou — disse Nariz Chato com uma voz entediada. — Mas talvez ele não tenha nada a ver com o sumiço dos outros. Você sabe, ele sempre foi e voltou quando lhe deu na telha; talvez amanhã volte sem saber de nada.

— Sim, isso seria típico dele — resmungou Basta, que continuou a andar. Passo a passo, se aproximava das árvores atrás das quais Mo e Dedo Empoeirado se escondiam. — E a chave do carro da gorda, foi Língua Encantada que tirou de debaixo do meu travesseiro? Hein? Não. Desta vez, as melhores desculpas não vão adiantar nada. Porque ele pegou mais uma coisa, uma coisa que me pertence.

Dedo Empoeirado pôs involuntariamente a mão no cinto, como se temesse que a navalha de Basta pudesse atrair o dono. Um dos cães ergueu a cabeça fungando e puxou Basta na direção das árvores.

— Ele farejou alguma coisa! — Basta baixou a voz. Ela soou rouca de excitação. — Esse animal estúpido finalmente farejou alguma coisa!

Dez passos, ou talvez menos, e ele estaria entre as árvores. O que Mo e Dedo Empoeirado fariam? O que poderiam fazer?

Nariz Chato foi atrás de Basta com um ar desconfiado.

— Eles devem ter farejado um porco-do-mato — Meggie o ouviu dizer. — É preciso tomar cuidado com esses bichos, eles derrubam e pisoteiam a gente. Droga, acho que tem uma cobra ali. Uma dessas pretas. Você está com o antídoto no carro,

não é?

Ele ficou imóvel, como que petrificado, olhando para o chão em volta dos pés. Basta não lhe deu atenção e foi atrás do cachorro. Mais alguns passos e Mo poderia tocá-lo se esticasse a mão. Basta tirou a espingarda das costas e parou para escutar. Os cães o puxaram para a esquerda e, com fortes latidos, pularam num dos troncos.

Gwin estava entre os galhos.

— O que foi que eu disse? — gritou Nariz Chato. — Eles farejaram uma marta! Esses bichos fedem tanto que eu mesmo poderia farejá-los.

— Só que esta não é uma marta comum! — disse Basta entre os dentes. — Não a está reconhecendo?

Ele olhou para a cabana em ruínas, mas não viu mais nada.

Mo aproveitou a ocasião. Pulou de trás da árvore, agarrou Basta e tentou tirar a espingarda de suas mãos.

— Pega! Pega, seu maldito vira-lata! — berrou Basta, e desta vez os cães realmente pareciam querer obedecer.

Eles pularam em cima de Mo, com os dentes amarelos à mostra.

Antes que Meggie pudesse correr para ajudá-lo, Elinor a segurou firme, como da outra vez em sua casa, por mais que ela se debatesse também agora.

Mas dessa vez Mo não estava sozinho. Antes que os cães pudessem mordê-lo, Dedo Empoeirado agarrou a coleira deles. Meggie pensou que eles iriam trucidar Dedo Empoeirado quando ele os puxou para trás, mas em vez disso eles lamberam as mãos dele, começaram a pular como se ele fosse um velho amigo e quase o derrubaram, enquanto Mo tapava a boca de Basta para que não pudesse chamá-los de volta.

Mas Nariz Chato também chegou. Por sorte ele demorava para entender as coisas. Foi o que os salvou: aquele breve instante em que ele ficou parado olhando para Basta, que se debatia nos braços de Mo.

Dedo Empoeirado havia puxado os cães para a árvore mais próxima. Ele estava acabando de amarrar as guias no tronco áspero quando Nariz Chato despertou de sua paralisia.

— Solte os cachorros! — ele gritou, apontando a espingarda para Mo.

Dedo Empoeirado xingou com voz abafada e desamarrou os cachorros, mas a pedra que Farid jogou foi mais rápida. Ela atingiu Nariz Chato no meio da testa — uma pedra muito pequena e discreta, mas que derrubou o gigante na relva, como se fosse uma árvore abatida, bem aos pés de Dedo Empoeirado.

— Mantenha os cães longe de mim! — gritou Mo, enquanto Basta ainda tentava usar a espingarda.

Um dos cães abocanhara a manga de Mo. Ao menos era o que Meggie desejava: que tivesse sido somente a manga.

Antes que Elinor pudesse detê-la, ela correu em direção ao feroz animal e agarrou a coleira cheia de cravos. O cão não soltava, por mais que ela o puxasse. Ela viu o sangue na manga de Mo, e o cano da espingarda de Basta quase bateu na cabeça dela.

Dedo Empoeirado tentou chamar os cães de volta, e eles pareciam dispostos a obedecer, pelo menos soltaram Mo. Mas, ao mesmo tempo, Basta conseguiu se libertar.

— Pega! — ele gritou.

Os cães ficaram ali parados, rosnando, sem decidir se deveriam obedecer a Basta ou a Dedo Empoeirado.

— Malditos vira-latas! — gritou Basta, apontando a espingarda para o peito de Mo.

No mesmo instante, Elinor encostou a espingarda de Nariz Chato na cabeça de Basta. As mãos dela tremiam, e o rosto estava coberto de manchas vermelhas, como sempre acontecia quando ficava nervosa, mas assim mesmo ela parecia mais do que decidida a fazer uso da arma.

— Abaixe essa espingarda! — ela disse com voz trêmula. — E ai de você se disser uma palavra errada para os cães! Talvez eu nunca tenha segurado uma espingarda antes, mas apertar o gatilho com certeza eu consigo.

— Deita! — Dedo Empoeirado ordenou aos cães.

Eles lançaram um olhar inseguro para Basta, mas, quando este se calou, eles se deitaram na grama e deixaram que Dedo Empoeirado os prendesse na árvore mais próxima.

O sangue escorria da manga de Mo. Meggie sentiu vertigens com a visão.

Dedo Empoeirado fez uma atadura no ferimento com um lenço de seda vermelho, que absorveu o sangue e o fez desaparecer.

— Não está tão ruim quanto parece — ele disse para Meggie quando ela se aproximou com as pernas bambas.

— Você tem alguma coisa na sua mochila com a qual possamos amarrá-lo? — perguntou Mo, apontando com a cabeça para Nariz Chato, que ainda estava desmaiado.

— O homem da navalha aqui também vai precisar de uma embalagem! — disse Elinor.

Basta olhou para ela cheio de ódio.

— Não me olhe assim! — ela disse, e cutucou o peito dele com o cano da espingarda. — Uma espingarda destas consegue fazer tantos estragos quanto uma navalha, e pode acreditar que estou tendo algumas ideias bem malvadas.

Basta fez uma careta de desprezo, mas não tirou os olhos do dedo indicador de Elinor, que continuava no gatilho.

Na mochila de Dedo Empoeirado havia uma corda, não muito grossa mas firme.

— Não vai dar para os dois — observou Dedo Empoeirado.

— Para que vocês querem amarrá-los? — perguntou Farid. — Por que não os matam? Era o que eles pretendiam fazer conosco!

Meggie olhou para ele com assombro, mas Basta deu uma gargalhada.

— Olha só! — ele zombou. — Poderíamos ter aproveitado o garoto! Mas quem disse que iríamos matá-los? Capricórnio os quer vivos. Mortos não sabem ler.

— Ah, é? E você não queria cortar alguns dedos meus? — perguntou Dedo Empoeirado enquanto enrolava a corda nas pernas de Nariz Chato.

Basta sacudiu os ombros.

— Desde quando alguém morre por causa disso?

Em troca, Elinor cutucou as costelas dele com tanta força que ele quase caiu para

trás.

— Vocês ouviram? Acho que o garoto tem razão. Talvez devêssemos realmente matar esses sujeitos — ela disse.

Mas eles não fizeram isso, é claro.

Havia mais uma corda na mochila que Nariz Chato carregava, e Dedo Empoeirado começou, com visível prazer, a amarrar Basta. Farid o ajudou. Pelo jeito ele sabia como imobilizar uma pessoa.

Eles levaram os dois prisioneiros para a casa em ruínas.

— Não é gentil da nossa parte? Aqui as cobras os deixarão em paz por um tempo — disse Dedo Empoeirado, enquanto conduziam Basta através da abertura estreita. — Ao meio-dia, naturalmente estará bem mais quente por aqui, mas talvez até lá alguém já tenha encontrado vocês. Soltaremos os cães. Se eles forem espertos não voltarão para a aldeia, mas os cães raramente são espertos. Hoje à tarde, o mais tardar, o bando todo virá procurá-los.

Nariz Chato só acordou quando já estava deitado ao lado de Basta sob o teto esburacado. Ele girou os olhos furioso e seu rosto ficou vermelho-púrpura. Mas, assim como Basta, não conseguiu emitir nenhum som, pois Farid os havia amordaçado, também de forma bastante profissional.

— Um momento — disse Dedo Empoeirado antes de deixar os dois entregues ao destino. — Ainda tenho uma pendência, uma coisa que sempre quis fazer.

E, para o horror de Meggie, ele tirou a navalha de Basta do cinto e andou em direção aos prisioneiros.

— O que significa isso? — perguntou Mo, e se pôs em seu caminho.

Pelo jeito ele pensara a mesma coisa que Meggie, mas Dedo Empoeirado apenas riu.

— Não se preocupe, não vou riscar no rosto dele a mesma estampa com a qual ele embelezou o meu — disse. — Vou apenas fazê-lo sentir um pouco de medo.

E então ele se agachou e cortou a fita de couro que Basta trazia no pescoço, na qual estava pendurado um saquinho, fechado com uma fita vermelha. Dedo Empoeirado abaixou-se e ficou balançando o saquinho para lá e para cá diante do rosto de Basta.

— Agora nada mais o protege contra o mau-olhado, contra espíritos e demônios, contra pragas, gatos pretos e tudo o mais do que você tem medo.

Basta tentou chutá-lo com as pernas amarradas, mas Dedo Empoeirado esquivou-se facilmente.

— Até nunca mais, Basta! Mas, se alguma vez os nossos caminhos se cruzarem novamente, eu já tenho isto — ele disse, e amarrou a fita de couro ao redor de seu próprio pescoço. — Sem dúvida, há um fio de cabelo seu aqui dentro, não é? Não? Talvez seja melhor eu pegar um. Jogar o cabelo de uma pessoa no fogo não faz com que aconteçam coisas terríveis com ela?

— Agora chega! — disse Mo, puxando Dedo Empoeirado. — Vamos embora. Sabe-se lá quando Capricórnio vai dar pela falta dos dois. Já lhe contei que ele não queimou todos os livros? Ainda existe um exemplar de *Coração de tinta*.

Dedo Empoeirado parou abruptamente, como se uma cobra o tivesse mordido.

— Achei que deveria lhe contar — Mo olhou para ele, pensativo. — Embora saiba que isso vai lhe trazer ideias estúpidas.

Dedo Empoeirado apenas aquiesceu. E sem dizer uma palavra continuou a andar.

— Por que não pegamos o carro deles? — propôs Elinor quando voltaram à trilha que estavam percorrendo. — Eles devem tê-lo deixado na estrada.

— Seria muito arriscado — respondeu Dedo Empoeirado. — Sabe-se lá quem está nos esperando na estrada. Além disso, precisaríamos de mais tempo para voltar até lá do que para chegar à próxima vila. E um automóvel desses é fácil de achar. Você quer dar pistas para Capricórnio?

Elinor suspirou.

— Foi só uma ideia — ela murmurou, massageando o tornozelo dolorido.

Eles mantiveram-se na trilha, pois as cobras já começavam a se movimentar na relva alta. Uma delas, preta e fina, até passou na frente deles, serpenteando pela terra amarela. Dedo Empoeirado enfiou uma vara debaixo de seu corpo escamoso e jogou-a de volta no matagal cheio de espinhos. Meggie imaginara que as cobras fossem maiores, mas Elinor assegurou-lhe que as menores eram as mais perigosas. Elinor mancava, mas fazia o máximo para não deter os outros. Mo também ia mais devagar do que antes. Ele tentava disfarçar, mas estava preocupado com a mordida que o

cachorro dera em seu braço.

Meggie ia bem junto dele, sempre voltando o olhar preocupado para o lenço vermelho. Em algum momento eles deram numa estrada pavimentada. Um caminhão carregando botijões de gás enferrujados vinha na direção deles. Todos estavam cansados demais para se esconderem, e além disso o caminhão não vinha da direção de Capricórnio. Meggie viu como o homem no volante olhou espantado ao passar por eles. Eles de fato deviam parecer uma trupe estranha com suas roupas imundas, ensopadas de suor e rasgadas por todos aqueles arbustos espinhentos pelos quais haviam passado.

Pouco depois, eles passaram pelas primeiras casas. Cada vez havia mais delas, cravadas nas encostas, coloridas, com flores nas portas. Não demorou muito e eles estavam na periferia de uma cidade maior. Meggie viu casas de vários andares, palmeiras com folhas empoeiradas e, de repente, não muito longe, o mar prateado.

— Meu Deus do céu, espero que nos deixem entrar em algum banco — disse Elinor. — As pessoas devem estar achando que fomos atacados por um bando de salteadores.

— E foi isso mesmo que aconteceu. — disse Mo. — Não foi?

22. Em segurança

Os dias arrastavam-se melancólicos, mas cada novo amanhecer levava consigo um pouquinho da angústia que oprimia a alma do garoto.

Mark Twain, *As aventuras de Tom Sawyer*

Apesar das meias rasgadas, Elinor não foi barrada na agência bancária. Antes disso, porém, ela entrou no primeiro café que encontrou e desapareceu no banheiro feminino. Meggie nunca soube onde exatamente ela costumava esconder suas coisas de valor, mas, quando Elinor voltou, havia lavado o rosto, os cabelos não estavam mais tão desgrenhados e ela empunhava com um ar triunfante um cartão de crédito dourado. Então ela pediu café da manhã para todo mundo.

Era uma sensação estranha de repente estar num café, comendo e observando lá fora na rua pessoas absolutamente normais indo para o trabalho, fazendo compras ou apenas passando por ali e conversando. Meggie quase não podia acreditar que passara só duas noites e um dia na aldeia de Capricórnio, e que tudo aquilo — toda aquela agitação cotidiana lá fora — não cessara durante esse tempo.

Mas alguma coisa havia mudado. Desde que Meggie vira Basta encostar a faca no pescoço de Mo, era como se o mundo tivesse adquirido uma mancha, uma terrível queimadura marrom-escura que ainda se alastrava, crepitando e exalando mau cheiro.

Mesmo as coisas mais inocentes de repente tinham uma sombra suja. Uma mulher sorriu para Meggie e parou na vitrine de um açougue. Um homem puxava uma criança com tamanha impaciência que ela tropeçou e começou a chorar com o joelho machucado. E aquele ali, por que seu casaco tinha uma saliência na altura do cinto? Será que ele possuía uma navalha como Basta?

A paz parecia irreal, falsa. A fuga através da noite e o medo na cabana abandonada pareciam a Meggie mais reais do que a limonada que Elinor lhe oferecia.

Farid mal tocou no copo que recebeu. Cheirou o conteúdo amarelo, tomou um gole e então ficou olhando pela janela. Seus olhos não conseguiam decidir quem ou o que deveriam seguir. Sua cabeça ia para lá e para cá, como se ele acompanhasse um jogo invisível cujas regras tentava desesperadamente entender.

Depois do café da manhã, Elinor perguntou no balcão qual era o melhor hotel da

cidade. Enquanto ela pagava a conta com seu cartão de crédito, Meggie e Mo observavam as delícias que estavam expostas na vitrine do balcão. Quando se viraram, Dedo Empoeirado e Farid haviam desaparecido. Elinor ficou muito preocupada, mas Mo a tranquilizou.

— Você não consegue segurar Dedo Empoeirado com uma cama de hotel. Ele não gosta de dormir debaixo de um teto muito firme — ele disse — e sempre andou sozinho por aí. Talvez ele queira ir embora, talvez pare na próxima esquina e faça uma apresentação para os turistas. Mas pode estar certa de que para Capricórnio ele não voltará.

— E Farid? — Meggie não conseguia acreditar que ele simplesmente se fora com Dedo Empoeirado.

Mo apenas sacudiu os ombros.

— Você não reparou que ele não desgrudou de Dedo Empoeirado o tempo todo? — ele disse. — Não sei se foi por causa dele ou de Gwin.

O hotel que recomendaram a Elinor no café ficava numa praça, perto da avenida ladeada de palmeiras e de lojas que atravessava a cidade. Elinor pediu dois quartos no último andar, de cuja sacada se podia ver o mar. Era um hotel grande. Embaixo, na entrada, ficava um homem vestido de forma esquisita que, embora parecesse espantado com a falta de bagagem dos três, ignorou com um sorriso simpático as roupas sujas que vestiam. As camas eram tão macias e tão brancas que a primeira coisa que Meggie fez foi enfiar a cara nelas. A sensação de estar fora da realidade, porém, não desaparecera. Alguma parte dela ainda estava na aldeia de Capricórnio, tropeçava em espinhos e escondia-se trêmula na cabana em ruínas, enquanto Basta se aproximava do lado de fora. Com Mo, parecia acontecer a mesma coisa. Sempre que ela olhava para ele, seu rosto estava com uma expressão ausente e, em vez do alívio que esperava depois de tudo o que haviam passado, ela descobriu tristeza e uma melancolia que a assustava.

— Você não está pensando em voltar, está? — ela perguntou ao pai, quando viu novamente aquela expressão no rosto dele.

Ela o conhecia tão bem.

— Não, não se preocupe! — ele respondeu, e acariciou seus cabelos.

Mas Meggie não acreditou nele.

Elinor parecia nutrir os mesmos temores que Meggie. Por diversas vezes ela falou com Mo com uma cara muito séria — na porta do quarto no corredor do hotel, no café da manhã, no almoço — e, quando Meggie se aproximava, ela parava de repente. Foi também Elinor quem chamou um médico para cuidar do braço de Mo, embora ele achasse que não era necessário, e quem comprou roupas novas para todos eles, junto com Meggie pois, como ela dissera: "Se eu escolher algo para você, sei que vai acabar não usando". Além disso, ela fez muitos telefonemas. Ela telefonava o tempo inteiro e visitou todas as livrarias da cidade. No terceiro dia, no café da manhã, ela de repente declarou que iria para casa.

— Meus pés não estão mais doendo, a saudade dos meus livros está me matando, e se eu topar com mais um turista em traje de banho vou começar a gritar — ela disse para Mo. — Já aluguei um carro. Mas, antes de partir, gostaria de lhe dar isto aqui!

Com essas palavras, ela passou um papelzinho para Mo por cima da mesa. Nele havia um nome e um endereço, escritos com a letra grande e impetuosa de Elinor.

— Eu o conheço, Mortimer! — ela disse. — Sei muito bem que *Coração de tinta* não sai da sua cabeça. Por isso, arranjei o endereço de Fenoglio para você. Acredite, não foi fácil, mas afinal há uma boa chance de que ele ainda possua alguns exemplares. Ele não mora longe daqui. Prometa-me que irá visitá-lo e tirar para sempre da sua cabeça o livro que está naquela maldita aldeia.

Mo ficou olhando para o endereço como se quisesse decorá-lo, então guardou o papel em sua carteira nova.

— Você tem razão, vale a pena fazer uma tentativa! — ele disse. — Muito obrigado, Elinor!

Ele até parecia um pouco feliz.

Meggie não entendera uma palavra. Ela apenas sabia de uma coisa: que estava certa. Mo ainda pensava em *Coração de tinta*, não conseguia se conformar por tê-lo perdido.

— Quem é Fenoglio? — ela perguntou com voz insegura. — Algum dono de livraria?

O nome lhe pareceu conhecido, mas ela não conseguiu se lembrar de onde.

Mo não respondeu. Ficou olhando pela janela.

— Vamos embora com Elinor, Mo! — disse Meggie. — Por favor!

Era bom passear pela praia de manhã, e Meggie gostava das casas coloridas, mas ela queira ir embora. A cada vez que via as colinas que se erguiam atrás da cidade, seu coração batia mais depressa e, por diversas vezes, ela pensou ver no meio da multidão o rosto de Basta ou de Nariz Chato. Ela queria ir para casa, ou pelo menos até a casa de Elinor. Queria ver Mo fazendo novos trajes para os livros de Elinor, imprimindo no couro finas estampas douradas, escolhendo papéis para as folhas de guarda, preparando o tecido, apertando a prensa. Queria que tudo voltasse a ser como era antes daquela noite em que Dedo Empoeirado aparecera.

Mas Mo sacudiu a cabeça.

— Antes preciso fazer essa visita, Meggie — ele disse. — Então iremos para a casa de Elinor. O mais tardar depois de amanhã.

Meggie olhou para o prato. Que coisas incríveis se podiam comer no café da manhã de um hotel caro… mas ela não tinha mais apetite para waffles com morangos frescos.

— Muito bem, então vejo vocês daqui a dois dias. Quero que me dê a sua palavra de honra, Mortimer! — era impossível ignorar a preocupação na voz de Elinor. — Você virá, mesmo que não consiga nada com Fenoglio. Prometa!

Mo não conteve o riso.

— Palavra de honra, Elinor — ele disse.

Elinor deu um suspiro profundo de alívio e mordeu o croissant que ficara o tempo todo esperando no prato.

— Não me pergunte o que tive que fazer para conseguir esse endereço! — ela disse com a boca cheia. — Esse homem realmente não mora longe daqui, de carro deve ser menos de uma hora de viagem. Estranho que ele e Capricórnio morem tão perto um do outro, não é?

— Sim, é estranho — murmurou Mo, olhando pela janela.

O vento agitava as palmeiras no jardim do hotel.

— Quase todas as histórias de Fenoglio se passam nesta região — prosseguiu Elinor — mas, pelo que sei, ele viveu fora do país por muito tempo e só voltou há poucos anos.

Ela fez um sinal para a garçonete, que lhe serviu café.

Meggie sacudiu a cabeça quando ela lhe perguntou se queria mais alguma coisa.

— Mo, eu não quero mais ficar aqui! — ela disse baixinho. — E também não quero visitar ninguém. Quero ir para casa. Ou pelo menos para a casa de Elinor.

Mo pegou a xícara de café. Ele ainda fazia uma careta de dor quando mexia o braço esquerdo.

— Faremos essa visita amanhã, Meggie — ele disse. — Você mesma ouviu, não é longe daqui. E o mais tardar depois de amanhã você dormirá novamente naquela cama gigantesca de Elinor, onde caberia toda a sua classe.

Ele queria fazê-la rir, mas Meggie não estava animada. Ela observou os morangos em seu prato. Como eram vermelhos.

— Também vou precisar alugar um carro, Elinor — disse Mo. — Você pode me emprestar o dinheiro? Eu devolvo assim que nos encontrarmos novamente.

Elinor fez que sim e lançou um longo olhar para Meggie.

— Sabe de uma coisa, Mortimer? — ela disse. — Acho que por enquanto não é bom falar de livros com a sua filha. Eu me lembro dessa sensação. Toda vez que eu via o meu pai tão enfronhado num deles que nós ficávamos invisíveis, eu tinha vontade de pegar uma tesoura e picá-lo em pedacinhos. E agora? Agora eu fiquei tão louca quanto ele. Não é estranho? Pois é!

Ela dobrou o guardanapo e arrastou a cadeira para trás.

— Agora vou fazer a mala, e você vai contar à sua filha quem é Fenoglio.

Então ela se foi. E Meggie estava sozinha com Mo. Ele pediu mais um café, embora nunca bebesse mais de uma xícara.

— O que há com os seus morangos? — ele perguntou. — Você não vai comer?

Meggie sacudiu a cabeça. Mo deu um suspiro e pegou um.

— Fenoglio é o homem que escreveu *Coração de tinta* — ele disse. — Pode ser que ele ainda tenha alguns exemplares. É até mesmo bastante provável.

— Ah, que nada! — disse Meggie com desdém. — Capricórnio já deve ter roubado esses também. Ele roubou todos, você mesmo viu!

Mas Mo sacudiu a cabeça.

— Acho que em Fenoglio ele não pensou. Sabe, acontece uma coisa curiosa com os escritores. A maior parte das pessoas não consegue imaginar que os livros são escritos por pessoas iguais a elas. Normalmente elas supõem que os escritores já estão mortos, e quase ninguém imagina que possa cruzar com um deles na rua ou no supermercado. As pessoas conhecem as suas histórias, mas não os seus nomes, e muito menos o rosto. E a maior parte dos escritores gosta disso. Você ouviu Elinor contar que foi muito difícil descobrir o endereço de Fenoglio. É mais do que provável que Capricórnio não faça ideia de que o criador dele vive a menos de duas horas daquela aldeia.

Meggie não tinha tanta certeza assim. Pensativa, ela começou a fazer dobras na toalha e depois a desdobrar novamente o tecido amarelo-claro.

— Mesmo assim, eu preferiria ir para a casa de Elinor. O livro… — ela hesitou, mas então resolveu dizer. — Não entendo por que você quer o livro de qualquer jeito. Ele não serve para nada.

"Ela se foi", Meggie acrescentou em pensamento. "Você já tentou trazê-la de volta, mas não é possível. Vamos para casa."

Mo pegou mais um dos morangos, o menorzinho de todos.

— Os menores são sempre os mais doces — ele disse, e o pôs na boca. — Sua mãe adorava morangos. Ela nunca se cansava de comê-los, e ficava brava quando chovia muito na primavera e eles mofavam nos canteiros.

Um sorriso passou furtivamente por seu rosto quando ele olhou novamente para a janela.

— Só mais esta tentativa, Meggie — ele disse. — Só mais esta. E depois de amanhã iremos para a casa de Elinor. Prometo.

23. Uma noite cheia de palavras

Que criança, ao não conseguir dormir numa noite tépida de verão, não pensou ver no céu o navio pirata de Peter Pan?

Quero lhe ensinar a ver esse navio.

Roberto Cotroneo, *Se uma criança numa manhã de verão*

Meggie ficou no hotel enquanto Mo foi à agência buscar o automóvel que havia reservado. Ela levou uma cadeira até a sacada e ficou contemplando o mar através da balaustrada pintada de branco. Como um vidro azul, ele brilhava ao longe, além das casas, e Meggie tentou não pensar em nada, simplesmente em coisa nenhuma. O alarme de um automóvel ecoava até lá em cima, tão alto que ela quase não ouviu Elinor bater na porta.

Ela já estava voltando pelo corredor quando Meggie abriu a porta.

— Ah, você está aí — disse Elinor, e voltou meio encabulada.

Ela escondia alguma coisa nas costas.

— Estou. Mo foi buscar o automóvel.

— Trouxe uma coisa para você, de despedida — disse Elinor, tirando um pacote achatado das costas. — Não foi fácil achar um livro sem vilões, mas tinha que ser necessariamente um que o seu pai pudesse ler para você sem causar danos. Acho que com este aqui nada de ruim pode acontecer.

Meggie abriu a embalagem de papel florido. Na capa do livro viam-se duas crianças e um cão; elas estavam ajoelhadas num pedaço estreito de rocha ou de pedra e olhavam preocupadas para o abismo atrás delas.

— São poemas — declarou Elinor. — Não sabia se você gostava desse tipo de coisa, mas pensei que, se o seu pai lesse para você, eles certamente soariam maravilhosos.

Meggie abriu o livro. Ela leu: "*... nunca lavo minha sombra, mesmo que a tenha há tanto tempo*...". As palavras vieram sopradas das páginas até ela, como uma pequena melodia. Ela fechou o livro novamente, com cuidado.

— Obrigada, Elinor. Eu… infelizmente não tenho nada para você.

— Ah, mas eu também tenho algo muito bom! — disse Elinor, tirando mais um pacotinho da bolsa recém-adquirida. — O que uma devoradora de livros como você vai fazer com um livro só? Este aqui é melhor você ler sozinha. Dentro dele há um monte de vilões. Apesar disso acho que você vai gostar. Afinal de contas, nada como algumas páginas para nos consolar quando estamos fora de casa, você não acha?

Meggie concordou com a cabeça.

— Mo me prometeu que iremos nos encontrar com você depois de amanhã — ela disse. — Você vai se despedir dele antes de partir, não é?

Ela pôs o primeiro presente de Elinor em cima da cômoda e abriu o segundo. Era um livro grosso; isso era bom.

— Ah, não! Prefiro que você faça isso por mim! Não sou muito boa em despedidas. Além disso, logo nos veremos novamente. E eu já disse para ele cuidar bem de você. Nunca deixe os livros abertos — ainda disse Elinor antes de se virar. — Estraga as lombadas. Mas isso o seu pai já deve ter lhe dito milhares de vezes.

— Muitas — disse Meggie, mas Elinor já desaparecera.

Pouco depois, Meggie ouviu alguém arrastando uma mala até o elevador, mas não abriu a porta para ver se era Elinor. Ela também não gostava de despedidas.

O resto do dia, Meggie passou quase todo em silêncio. No fim da tarde, Mo levou-a para jantar num pequeno restaurante, a apenas duas quadras dali. O sol já se punha quando eles voltaram, e as ruas estavam cheias de gente. O movimento era especialmente intenso numa praça, e, quando Meggie abriu caminho com Mo entre a multidão, ela viu que as pessoas se apinhavam em volta de um cuspidor de fogo.

Todos se calaram quando Dedo Empoeirado fez uma tocha em chamas lamber o seu braço. Enquanto ele se curvava e os espectadores aplaudiam, Farid andava entre o público estendendo uma pequena caneca de prata. A caneca era a única coisa que não parecia combinar muito com aquele lugar. Farid, porém, não tinha uma aparência muito diferente da dos garotos que passeavam pela praia e se cutucavam a cada vez que cruzavam com uma garota. Talvez a pele fosse um pouco mais escura e o cabelo um tanto mais preto, mas certamente ao vê-lo ninguém pensaria que ele viera de uma história em que tapetes voavam, montanhas se abriam e lâmpadas podiam realizar desejos. Ele não usava mais o traje azul que lhe chegava aos pés, e sim uma calça e uma

camiseta. Parecia mais velho com elas. Dedo Empoeirado devia tê-las comprado para ele, assim como os sapatos, com os quais ele pisava com muito cuidado, como se seus pés ainda não tivessem se acostumado a eles. Quando viu Meggie no meio da multidão, ele acenou com a cabeça encabulado e continuou a andar.

Dedo Empoeirado cuspiu uma última bola de fogo no ar, cujo tamanho fez recuar mesmo os espectadores mais corajosos, então deixou as tochas de lado e pegou as bolas. Ele as lançou tão alto que as pessoas tiveram que deitar a cabeça para trás para vê-las. Ele as apanhava e lançava para cima novamente com o joelho, elas rolavam em seus braços como se puxadas por um fio invisível, apareciam em suas costas como se ele as tivesse colhido do ar vazio, pulavam em sua testa, em seu joelho novamente, tão leves, lembravam pequenas dançarinas… parecia que nada tinha peso, que era apenas um jogo alegre… não fosse o rosto de Dedo Empoeirado. Ele se mantinha sério atrás das bolas rodopiantes, como se não tivesse a menor relação com as mãos que dançavam, nem com a destreza, nem com a leveza despreocupada. Meggie se perguntou se seus dedos ainda doíam. Eles pareciam avermelhados, mas talvez fosse apenas o brilho do fogo.

Quando Dedo Empoeirado se curvou e guardou as bolas na mochila, os espectadores foram se dispersando com hesitação, mas ao final restaram apenas Mo e Meggie. Farid sentou-se na calçada e se pôs a contar o dinheiro que havia recolhido. Ele parecia satisfeito, como se nunca tivesse feito outra coisa na vida.

— Então você ainda está aqui — disse Mo.

— Por que não? — Dedo Empoeirado juntou suas coisas, as duas garrafas que já utilizara no jardim de Elinor, as tochas queimadas, a escarradeira, cujo conteúdo derramou com displicência no chão. Ele arranjara uma nova sacola, a antiga devia ter ficado na aldeia de Capricórnio. Meggie aproximou-se de mansinho da mochila, mas Gwin não estava dentro dela.

— Achei que você já tinha ido embora, para um outro lugar, onde Basta não pudesse encontrá-lo.

Dedo Empoeirado sacudiu os ombros.

— Antes eu preciso ganhar mais algum dinheiro. Além disso, eu gosto do clima daqui, e as pessoas sempre param para me ver. E são generosas. Não é verdade, Farid? Quanto ganhamos desta vez?

O garoto teve um sobressalto quando Dedo Empoeirado se voltou para ele. Farid havia posto de lado a caneca com o dinheiro e ia pôr um palito de fósforo aceso dentro da boca naquele exato momento. Apagou-o rapidamente com os dedos. Dedo Empoeirado reprimiu um sorriso.

— Ele quer aprender a brincar com o fogo de qualquer jeito. Está sempre com bolhas nos lábios.

Meggie olhou discretamente para Farid. Ele agiu como se não a notasse, enquanto guardava as coisas de Dedo Empoeirado na sacola, mas ela tinha certeza de que ele escutava atentamente cada palavra que os outros diziam. Duas vezes ela flagrou o olhar de Farid, um olhar escuro, e da segunda vez ele virou o rosto tão bruscamente que quase deixou cair uma das garrafas de Dedo Empoeirado.

— Ei, ei, cuidado com isso, hein? — advertiu-o Dedo Empoeirado, impaciente.

— Não haveria uma outra razão para você ainda estar aqui? — perguntou Mo, quando Dedo Empoeirado se virou para ele outra vez.

— O que você está querendo dizer? — Dedo Empoeirado desviou o olhar. — Ah, sei. Você está pensando que eu poderia voltar por causa do livro. Está me superestimando. Eu sou um covarde.

— Que besteira! — A voz de Mo soou irritada. — Elinor foi para casa hoje.

— Bom para ela. — Dedo Empoeirado examinou o rosto de Mo com um ar inexpressivo. — E você? Não vai com ela?

Mo olhou para as casas ao redor e sacudiu a cabeça.

— Antes quero visitar alguém.

— Aqui? Quem?

Dedo Empoeirado vestiu uma camisa de mangas curtas, uma camisa folgada e colorida que não queria combinar de jeito nenhum com seu rosto marcado por cicatrizes.

— Existe alguém que ainda poderia possuir um exemplar. Você sabe…

O rosto de Dedo Empoeirado permaneceu impassível, mas seus dedos o denunciaram. De repente eles tinham dificuldade de enfiar os botões da camisa nas casas.

— Não pode ser! — ele disse com voz rouca. — Capricórnio não deve ter deixado sobrar nenhum.

Mo sacudiu os ombros.

— Talvez. Mas quero tentar mesmo assim. O homem do qual estou falando não é dono de uma livraria nem de um sebo. Capricórnio provavelmente nem sabe que ele existe.

Dedo Empoeirado olhou ao redor. Alguém fechou a janela de uma das casas, e do outro lado da praça algumas crianças brincavam entre as cadeiras de um restaurante, até que o garçom as expulsou dali. O ar tinha cheiro de comida quente e da fumaça da apresentação de Dedo Empoeirado. Não se via nenhum homem vestido de preto na rua, a não ser o garçom, que arrumava as cadeiras com um ar entediado.

— E quem seria esse misterioso desconhecido? — Dedo Empoeirado baixou a voz num sussurro.

— O homem que escreveu *Coração de tinta*. O lugar onde ele mora não fica longe daqui.

Farid aproximou-se com passos lentos, a caneca de prata na mão.

— Gwin ainda não voltou — ele disse para Dedo Empoeirado. — E não temos mais nada para atraí-lo. Quer que eu vá comprar alguns ovos?

— Não, deixe que ele mesmo se arranja. — Dedo Empoeirado passou o dedo em suas cicatrizes. — Guarde o dinheiro no saco de couro, você sabe, o que está dentro da mochila!

A voz dele soou impaciente. Meggie teria censurado Mo se ele tivesse falado com ela naquele tom, mas Farid parecia não se importar. Ele saiu dali todo solícito.

— Eu realmente pensei que havia acabado, que não havia mais retorno, nunca mais… — Dedo Empoeirado parou de falar e olhou para cima.

Um avião atravessava o céu noturno piscando luzes coloridas. Farid também olhou. Ele havia guardado o dinheiro e estava sentado ao lado da mochila, esperando. Uma coisa peluda veio deslizando pela praça, agarrou a ponta da calça dele e subiu até o ombro. Com um sorriso, Farid pôs a mão no bolso da calça e deu um pedaço de pão para Gwin.

— E se ainda existir mesmo um livro? — Dedo Empoeirado tirou o cabelo da

testa. — Você ainda me dá mais uma chance? Tentaria me mandar de volta mais uma vez? Só uma vez?

Sua voz soou tão melancólica que Meggie sentiu pena. Mas o rosto de Mo parecia ausente.

— Você não pode voltar, não para este livro! — ele disse. — Sei que você não quer ouvir uma palavra sobre isso, mas é assim. Conforme-se de uma vez por todas. Talvez eu possa ajudá-lo em algum momento, eu tenho uma ideia, ela é meio maluca, mas…

Ele não continuou, apenas balançou a cabeça e pisou numa caixa de fósforos vazia que estava na calçada.

Meggie olhou para Mo espantada. De que ideia ele estava falando? Ela existia de fato ou ele apenas queria consolar Dedo Empoeirado? Se fosse isso, ele não havia atingido o objetivo. Dedo Empoeirado olhou para ele com a velha hostilidade.

— Irei com você — ele disse. Seus dedos haviam deixado um pouco de fuligem no rosto quando ele passou a mão nas cicatrizes. — Irei com você quando for visitar esse homem, e depois veremos.

Atrás deles soaram risadas alegres. Dedo Empoeirado virou-se. Gwin tentava subir na cabeça de Farid, e o garoto ria como se não existisse nada mais delicioso do que algumas garras pontudas de marta no couro cabeludo.

— Ele não tem saudades! — murmurou Dedo Empoeirado. — Perguntei a ele! Tudo isto aqui lhe agrada — ele disse apontando ao seu redor com a mão. — Até mesmo o barulho e o fedor dos automóveis. Ele está feliz aqui. A ele, pelo visto, você fez um favor.

O olhar que Dedo Empoeirado lançou para o pai de Meggie foi tão reprovador que ela segurou a mão dele involuntariamente.

Gwin pulara dos ombros de Farid e farejava a calçada. Uma das crianças que antes brincavam entre as mesas abaixou-se e olhou espantada para os pequenos chifres. Mas, antes que ela pudesse estender a mão para o bichinho, Farid se pôs no meio deles, pegou Gwin e sentou-se novamente com a marta nos ombros.

— Onde mora esse…? — Dedo Empoeirado não terminou a frase.

— A cerca de uma hora daqui.

Dedo Empoeirado calou-se. No céu, piscavam novamente as luzes de um avião.

— Às vezes, de manhã bem cedinho, quando eu ia para o poço me lavar — ele murmurou —, havia umas fadinhas minúsculas voando sobre a água, só um pouco maiores do que as libélulas de vocês, e azuis como violetas. Elas gostavam de voar nos cabelos da gente, às vezes até cuspiam no nosso rosto. Elas não eram muito gentis, mas à noite elas brilhavam como vaga-lumes. De vez em quando eu apanhava uma delas e a trancava num vidro. Quem soltar uma fada à noite antes de dormir terá sonhos maravilhosos.

— Capricórnio disse que havia duendes e gigantes — disse Meggie baixinho.

Dedo Empoeirado olhou pensativo para ela.

— Sim, havia — ele disse. — Duendes, fadas, homenzinhos de vidro… Capricórnio não gostava muito deles, de nenhum deles, sem exceção. Ele teria matado todos se pudesse. Capricórnio mandou que perseguissem qualquer coisa com pernas.

— Devia ser um mundo perigoso — Meggie estava tentando imaginar como seria tudo, os gigantes, os duendes… e as fadas.

Uma vez, Mo lhe dera um livro sobre fadas.

Dedo Empoeirado sacudiu os ombros.

— Sim, é perigoso, e daí? Este aqui também é perigoso, não é?

De repente, deu as costas para Meggie, andou até a mochila e jogou-a sobre os ombros. Então fez um sinal para o garoto. Farid ergueu a sacola com as bolas e as tochas e levou-a solicitamente para ele. Dedo Empoeirado voltou-se para Mo mais uma vez.

— Ai de você se contar sobre mim para esse homem! — ele disse. — Não quero vê-lo. Ficarei esperando no carro. Apenas quero saber se ele tem um exemplar do livro, entendeu? Já que nunca conseguirei o de Capricórnio.

Mo deu de ombros.

— Como você quiser…

Dedo Empoeirado examinou os dedos vermelhos e passou a mão na pele esticada.

— Talvez ele queira me contar como termina a minha história — ele murmurou.

Meggie olhou para ele incrédula.

— Você não sabe?

Dedo Empoeirado sorriu. Meggie continuava não gostando daquele sorriso. Ele parecia esconder alguma coisa.

— O que tem de mais nisso, princesa? — ele perguntou em voz baixa. — Por acaso você sabe como a sua história termina?

Meggie não tinha uma resposta.

Dedo Empoeirado deu uma piscada para ela e se virou.

— Amanhã de manhã estarei no hotel — ele disse.

Então se foi, sem ao menos se virar. Farid o seguiu levando a pesada sacola, feliz como um cão perdido que finalmente encontrou um dono.

Naquela noite a lua estava no céu, redonda e alaranjada. Mo abrira as cortinas antes de irem para a cama para que pudessem vê-la: um lampião colorido entre todas aquelas estrelas brancas.

Nenhum dos dois conseguia dormir. Mo comprara alguns livros de bolso, que pareciam um pouco gastos, como se já tivessem passado por muitas mãos. Meggie estava lendo o livro com os vilões que Elinor lhe dera. Ela gostou, mas em algum momento seus olhos ficaram cansados. Ela adormeceu depressa, com Mo ao seu lado. Ele lia sem parar, enquanto a lua cor de laranja pairava lá fora no céu estranho.

Quando a certa hora ela acordou assustada de um sonho confuso, Mo ainda estava sentado na cama, com as costas aprumadas, o livro aberto na mão.

A lua já se fora e pela janela só dava para ver a noite.

— Você não está conseguindo dormir? — perguntou Meggie, e sentou-se.

— Ah, aquele cachorro idiota mordeu o meu braço esquerdo, e você sabe que é justamente deste lado que eu durmo melhor. Além disso, estou com preocupações demais na cabeça.

— Eu também estou com muitas preocupações. — Meggie pegou no criado-mudo o livro de poemas que Elinor lhe dera. Ela alisou a capa, passou a mão na lombada arredondada e contornou as letras da capa com o dedo indicador. — Sabe de uma coisa, Mo? Acho que eu também gostaria de saber.

— O quê?

Meggie passou a mão novamente na capa do livro. Ela acreditava tê-lo ouvido sussurrar. Bem baixinho.

— Ler assim — ela disse. — Ler assim, como você. Fazendo tudo ganhar vida.

Mo olhou para ela.

— Você está louca? — ele disse. — Os problemas que temos vêm todos exclusivamente disso.

— Eu sei.

Mo fechou seu livro, com o dedo entre as páginas.

— Leia alguma coisa para mim, Mo! — ela disse baixinho. — Por favor. Só uma vez.

Ela estendeu-lhe o livro de poemas.

— Foi Elinor quem me deu. Ela disse que com ele não pode acontecer muita coisa.

— Ah, é? Ela disse isso? — Mo abriu o livro. — E se acontecer?

Ele começou a folhear as páginas lisas.

Meggie pôs seu travesseiro bem perto do dele.

— Você não tem mesmo como fazer Dedo Empoeirado voltar para o livro? Ou você o enganou?

— De jeito nenhum. Você sabe que não sou bom mentiroso.

— É verdade — Meggie sorriu. — O que você está pensando em fazer, então?

— Vou lhe dizer quando souber se vai funcionar.

Mo continuou folheando o livro de Elinor. Com o cenho franzido, ele leu uma página, folheou mais um pouco, leu uma outra.

— Por favor, Mo! — Meggie chegou bem pertinho dele. — Só um poema. Bem pequenininho. Por favor. Para mim.

Ele suspirou.

— Só um?

Meggie fez que sim.

Lá fora, o alarme do automóvel silenciara. O mundo estava tão calmo que parecia ter se recolhido num casulo, para somente sair na manhã seguinte, rejuvenescido e pronto para outra.

— Por favor, Mo, leia! — disse Meggie.

E Mo começou a preencher o silêncio com palavras. Ele as atraía para fora das páginas, como se elas estivessem esperando apenas por sua voz — palavras longas e breves, altivas e ternas, ronronantes, rumorejantes. Elas dançavam pelo quarto, pintavam imagens de vidro colorido e faziam cócegas na pele. Mesmo enquanto dormia, Meggie ainda podia ouvi-las, embora Mo já tivesse fechado o livro. Palavras que lhe explicavam o mundo, o lado sombrio e o lado iluminado, e construíam um muro contra sonhos ruins. Naquela noite, nem um único pesadelo conseguiu atravessá-lo.

Na manhã seguinte, um passarinho voava sobre a cama de Meggie, cor de laranja como o luar da noite anterior. Ela tentou pegá-lo, mas ele voou para a janela, o céu azul esperava por ele. O passarinho bateu no vidro várias vezes, machucando a cabecinha minúscula. Até que Mo abriu a janela e o deixou sair.

— E então, você ainda gostaria de conseguir ler como eu? — perguntou Mo, depois que Meggie seguiu o pássaro com o olhar até ele se fundir com o azul.

— Ele era maravilhoso! — ela disse.

— Sim, mas será que vai gostar daqui? — perguntou Mo. — E quem será que foi para o lugar dele, lá de onde ele veio?

Meggie sentou-se perto da janela, enquanto Mo descia para pagar a conta. Ela se lembrava exatamente do último poema que Mo lera na noite anterior. Ela pegou o livro no criado-mudo, hesitou por um instante — e abriu-o.

Há um lugar onde termina a calçada
Antes de começar a rua
Ali cresce a relva clara e macia
Ali arde o sol quente e purpúreo
E ali dorme o pássaro-da-lua

Depois de longa viagem
No vento frio de hortelã.

Meggie sussurrou as palavras de Shel Silverstein enquanto lia, mas nenhum pássaro-da-lua saiu do abajur. E o cheiro de hortelã ela certamente estava apenas imaginando.

24. Fenoglio

Vocês não me conhecem, a não ser que tenham lido um livro que se chama *As aventuras de Tom Sawyer*, mas isso não tem importância. Foi o sr. Mark Twain quem fez o livro, e o que ele conta ali dentro é verdade, quer dizer, mais ou menos. Em algumas coisas ele exagerou, mas na maior parte não. Na verdade, tanto faz. Eu ainda não conheci ninguém que não minta de vez em quando.

Mark Twain, *As aventuras de Huckleberry Finn*

Dedo Empoeirado já esperava no estacionamento com Farid quando eles chegaram do hotel. Sobre as colinas próximas pairavam nuvens de chuva, que um vento morno e úmido impelia lentamente para o mar. Tudo parecia cinzento naquele dia, até mesmo o reboco colorido das casas e os arbustos floridos na beira da estrada. Mo pegou a estrada costeira, que Elinor dissera ter sido construída pelos romanos, e seguiu na direção oeste.

Durante toda a viagem, o mar estava à esquerda deles, a água até o horizonte, algumas vezes escondido pelas casas, outras pelas árvores. Naquela manhã não parecia tão convidativo como no dia em que Meggie viera das montanhas com Elinor e Dedo Empoeirado. O cinza do céu refletia-se opaco nas ondas, e a espuma borbulhava como num balde de água suja. Várias vezes, quando deu por si, Meggie estava olhando de novo para a direita, na direção das colinas, entre as quais, em algum lugar, se escondia a aldeia de Capricórnio. Uma vez, ela até mesmo pensou ter visto a pálida torre da igreja atrás de um monte escuro e seu coração disparou, embora ela soubesse que aquela não podia ser a igreja de Capricórnio. Afinal de contas, seus pés ainda se lembravam perfeitamente do longo caminho.

Mo dirigia mais depressa do que de costume, muito mais depressa, parecia louco para chegar. Depois de quase uma hora, eles saíram da estrada costeira e seguiram por uma estradinha estreita e sinuosa que os conduziu através de um vale cinzento, coberto de construções. As encostas estavam repletas de estufas, com vidraças caiadas contra o sol, que naquele dia se ocultava atrás das nuvens. Somente quando a estrada começou a subir, o verde voltou a aparecer dos dois lados da estrada. Campos incultos empurravam os muros e oliveiras retorciam-se à beira da estrada. Eles passaram por algumas bifurcações e várias vezes Mo precisou consultar o mapa que havia comprado,

mas no final os nomes nas placas estavam sempre certos.

Eles entraram numa pequena vila, que não tinha quase nada além de uma praça, algumas casas e uma igreja que se parecia muito com a da aldeia de Capricórnio. Quando desceu do carro, Meggie avistou o mar lá embaixo. Mesmo daquela distância, via-se a espuma nas ondas, tão agitado ele estava naquele dia cinzento. Mo estacionara o carro na praça, ao lado do monumento aos mortos de duas guerras passadas. A lista de nomes era extensa para um lugarejo tão pequeno. Meggie teve a impressão de que havia quase tantos nomes quanto casas na aldeia.

— Pode deixar aberto que eu tomo conta! — disse Dedo Empoeirado quando Mo quis trancar o carro.

Ele jogou a mochila nos ombros, prendeu Gwin na corrente embora a marta estivesse cochilando, e sentou-se num degrau da escadaria do monumento. Sem dizer uma palavra, Farid acomodou-se ao lado dele. Mas Meggie foi atrás de Mo.

— Lembre-se de que você prometeu não dizer nada sobre mim! — gritou Dedo Empoeirado atrás deles.

— Está bem, está bem! — respondeu Mo.

Farid estava brincando com fósforos novamente; Meggie surpreendeu-o quando se virou mais uma vez para observar o local. Ele já aprendera a apagar o palito na boca, mas Dedo Empoeirado tirou os fósforos dele assim mesmo e Farid ficou olhando infeliz para as mãos vazias.

Com a profissão de seu pai, Meggie tivera oportunidade de conhecer muitas pessoas que gostavam de livros, pessoas que os vendiam, colecionavam, imprimiam ou, como Mo, cuidavam deles para que não se deteriorassem, mas nunca antes ela havia encontrado alguém que escrevia as frases que preenchiam todas aquelas páginas. Ela nem ao menos sabia o nome do autor de alguns dos seus livros favoritos, o que dizer então da cara que eles tinham. Ela sempre via os personagens que surgiam das palavras, nunca os que estavam por trás delas e os haviam inventado. Era como Mo havia dito: a maior parte das vezes imaginamos os escritores mortos, ou então muito, muito velhos. Mas o homem que abriu a porta depois de Mo ter tocado duas vezes a campainha não era nem uma coisa nem outra. Bem… velho ele era, sim, bastante velho, pelo menos aos olhos de Meggie, com uns sessenta anos no mínimo, ou talvez mais. Seu rosto era enrugado como o de uma tartaruga, mas seus cabelos eram pretos, sem o menor reflexo grisalho (mais tarde ela descobriria que ele os tingia), e não

parecia exatamente frágil. Ao contrário, ele se plantou diante deles no batente da porta de uma maneira tão imponente que a língua de Meggie ficou paralisada na hora.

Felizmente não aconteceu o mesmo com Mo.

— Senhor Fenoglio? — ele perguntou.

— Sim?

Seu rosto adquiriu uma expressão ainda mais ausente. Todas as rugas se encheram de desagrado. Mas isso não pareceu impressionar Mo.

— Mortimer Folchart — ele se apresentou. — Esta é minha filha, Meggie. Um dos livros do senhor me trouxe até aqui.

Um menino apareceu na porta ao lado de Fenoglio, um menino pequeno, de uns cinco anos de idade, e do outro lado uma menina enfiou-se entre o velho e o batente. Ela lançou um olhar curioso para Mo e depois para Meggie.

— Pippo roubou o chocolate do bolo — Meggie ouviu-a sussurrar enquanto olhava preocupada para Mo.

Quando ele piscou para a menina, ela deu uma risadinha e se escondeu nas costas de Fenoglio, que continuava com cara de poucos amigos.

— Todo o chocolate? — ele murmurou. — Eu já vou. Diga a Pippo que ele se meteu numa encrenca danada.

A menina fez que sim e saiu correndo, parecendo feliz por ser a portadora da má notícia. O menino abraçou a perna de Fenoglio.

— Trata-se de um livro muito especial — prosseguiu Mo. — *Coração de tinta*. O senhor o escreveu faz muito tempo e infelizmente não é mais possível comprá-lo em lugar nenhum.

Meggie mal conseguia acreditar que as palavras se desgrudavam dos lábios de Mo, com o olhar sombrio que ainda repousava sobre ele.

— Sei. E daí? — Fenoglio cruzou os braços.

A menina apareceu novamente, à esquerda dele.

— Pippo se escondeu — ela sussurrou.

— Isso não vai adiantar nada — disse Fenoglio. — Eu sempre o encontro.

A menina disparou dali novamente. Meggie a ouviu chamar pelo ladrão de chocolate dentro da casa.

Mas Fenoglio voltou-se para Mo.

— O que o senhor deseja? Caso queira me fazer perguntas capciosas sobre o livro, esqueça. Não tenho tempo para essas coisas. Além disso, como o senhor mesmo disse, já faz uma eternidade que o escrevi.

— Não, não quero fazer perguntas, a não ser uma. Eu gostaria de saber se o senhor ainda possui alguns exemplares, e se poderia me vender um deles.

Agora o velho homem já não olhava para Mo com um ar tão ausente.

— Ora, vejam só. O senhor deve ter de fato gostado do livro. Sinto-me lisonjeado. Muito embora… — seu rosto se fechou novamente. — O senhor não é um desses malucos que colecionam livros raros só porque são raros, é?

Mo sorriu.

— Não! — ele disse. — Eu gostaria de lê-lo. Só de lê-lo.

Fenoglio apoiou um braço no batente da porta e olhou para a casa da frente, como se temesse que ela pudesse desmoronar no instante seguinte. A viela onde ele morava era tão estreita que, se Mo esticasse os braços, poderia tocar os dois lados. Muitas das casas eram feitas de pedras rústicas cor de areia, como as casas na aldeia de Capricórnio, porém ali havia flores nas janelas e também nas escadas, e muitas janelas pareciam recém-pintadas. Na frente de uma casa havia um carrinho de bebê, diante de outra, uma lambreta, e ouviam-se vozes pelas janelas abertas. Em algum momento, pensou Meggie, a aldeia de Capricórnio havia sido como aquela.

Uma velha senhora passou por eles e olhou desconfiada para os estranhos. Fenoglio acenou para ela com a cabeça, murmurou um breve cumprimento e esperou até que ela desaparecesse atrás de uma porta pintada de verde.

— *Coração de tinta* — ele disse. — Faz muito tempo mesmo. E é estranho que o senhor venha me perguntar justamente por ele.

A menina voltou. Ela puxou a manga de Fenoglio e cochichou alguma coisa em seu ouvido. O rosto de tartaruga de Fenoglio abriu-se num sorriso. Meggie gostou muito mais dele assim.

— Eu sei, ele sempre se esconde lá, Paula — ele disse baixinho para a menina. —

Talvez você deva aconselhá-lo a tentar um esconderijo melhor.

Paula saiu correndo pela terceira vez, não sem antes lançar para Meggie um olhar cheio de curiosidade.

— Bem, vamos entrar — disse Fenoglio.

Sem mais uma palavra, ele fez um sinal para Mo e Meggie entrarem na casa. Mancando, pois o menino ainda estava pendurado na sua perna feito um macaquinho, ele os conduziu ao longo de um estreito corredor. Ao final, Fenoglio abriu a porta que dava na cozinha, onde, em cima da mesa, se encontravam as ruínas de um bolo. A cobertura marrom estava cheia de buracos, como a capa de um livro roído pelas traças durante muitos anos.

— Pippo? — Fenoglio gritou tão alto que a própria Meggie estremeceu, embora não se sentisse culpada por nenhum crime. — Sei que você está me ouvindo. E agora escute bem, para cada buraco neste bolo vou dar um nó no seu nariz. Entendeu?

Meggie ouviu uma risadinha. Parecia vir do armário que havia ao lado da geladeira. Fenoglio partiu um pedaço do bolo furado para si.

— Paula — ele disse —, dê um pedaço para a menina, caso ela não se importe com os buracos.

Paula saiu de sob a mesa e esperou a resposta de Meggie.

— Eu não me importo — disse Meggie.

Então Paula pegou uma faca enorme, cortou um pedaço igualmente enorme do bolo e o pôs em cima da toalha na frente de Meggie.

— Pippo, passe um dos pratos de rosas para cá — disse Fenoglio.

De dentro do armário saiu uma mão com um prato. Os dedos estavam marrons de chocolate. Meggie pegou-o rapidamente antes que caísse, e pôs o pedaço de bolo em cima dele.

— O senhor também quer? —perguntou Fenoglio para Mo.

— Eu preferiria o livro — respondeu Mo.

Ele estava bastante pálido.

Fenoglio colheu o menininho da sua perna e sentou-se.

— Rico, vá procurar uma outra árvore — ele disse, e então voltou-se para Mo com um ar pensativo. — Não posso lhe dar o livro. Não possuo mais nenhum exemplar. Todos foram roubados, todos. Eu os emprestei para uma exposição sobre livros infantis antigos, em Gênova. Entre eles havia uma edição especial, ricamente ilustrada, e também um exemplar com uma dedicatória do ilustrador, os dois livros que pertenciam aos meus filhos, junto com todas as anotações que eles rabiscaram (eu sempre pedi a eles que sublinhassem as partes de que mais gostavam), e finalmente o meu exemplar pessoal. Todos foram roubados, dois dias após a inauguração da exposição.

Mo passou a mão no rosto como se pudesse apagar dele a decepção.

— Roubados! — ele disse. — É claro.

— É claro? — Fenoglio apertou os olhos e olhou para Mo cheio de curiosidade. — O senhor precisa me explicar isso. Não o deixarei sair da minha casa antes de saber por que o senhor está interessado justamente nesse livro. Olhe que posso soltar as crianças em cima do senhor, o que não seria nada agradável.

Mo tentou sorrir, mas não conseguiu muito bem.

— O meu também foi roubado — ele disse finalmente. — E também era um exemplar muito especial.

— Incrível — Fenoglio ergueu as sobrancelhas. Elas pareciam lagartas arrepiadas sobre os seus olhos. — Vamos, conte-me.

Toda a hostilidade desaparecera do rosto do homem. A curiosidade tomara o seu lugar, nada além da pura curiosidade. Nos olhos de Fenoglio, Meggie reconheceu a mesma fome insaciável por histórias que ela sentia a cada vez que um novo livro aparecia diante de seus olhos.

— Não há muito o que contar — respondeu Mo, e Meggie percebeu na voz do pai que ele não pretendia contar a verdade ao velho escritor. — Eu restauro livros. Vivo disso. Encontrei o seu livro num sebo há muitos anos, eu pretendia reencadernálo e depois vendê-lo, mas gostei tanto que acabei ficando com ele. Então ele foi roubado e eu tentei em vão adquirir um novo exemplar. Uma amiga que entende muito de livros raros finalmente me sugeriu que procurasse o próprio autor. Foi ela que conseguiu o seu endereço para mim. E então eu vim até aqui.

Fenoglio apanhou algumas migalhas de bolo da mesa.

— Muito bem — ele disse. — Mas me conte o resto da história.

— O que o senhor está querendo dizer?

O velho homem olhou firme para Mo até que este virou a cabeça e olhou pela estreita janela da cozinha.

— Estou querendo dizer que consigo farejar boas histórias a quilômetros de distância, portanto não tente esconder uma de mim. Vamos lá, desembuche. O senhor também receberá um pedaço desse fabuloso bolo furado.

Paula sentou-se no colo de Fenoglio. Encaixou a cabeça debaixo do queixo dele e ficou olhando para Mo tão cheia de expectativas como o seu velho avô.

Mas Mo sacudiu a cabeça.

— Não, acho melhor deixar isso para lá. De qualquer forma, o senhor não acreditaria numa só palavra.

— Oh, eu acredito nas coisas mais malucas! — retrucou Fenoglio, enquanto cortava um pedaço de bolo para Mo. — Eu acredito em qualquer história, desde que seja bem contada.

A porta do armário abriu-se um pouquinho, e Meggie viu a cabeça de um menino sair para fora.

— E o meu castigo? — ele perguntou.

Devia ser Pippo, a julgar pelos dedos sujos de chocolate.

— Depois — disse Fenoglio. — Agora tenho outra coisa para fazer.

Decepcionado, Pippo saiu do armário.

— Você disse que ia dar nós no meu nariz.

— Nó duplo, nó de marinheiro, nó borboleta, o que você quiser, mas antes preciso ouvir essa história. Fique fazendo mais algumas traquinagens até que eu tenha tempo para os seus nós.

Pippo fez uma tromba e desapareceu no corredor. O outro menininho correu depressa atrás dele.

Mo continuava calado, enfiando migalhas de bolo no tampo arranhado da mesa e desenhando figuras invisíveis com o dedo.

— Nessa história aparece uma pessoa, e eu prometi que não falaria dela para você — ele disse finalmente.

— *Uma promessa ruim não se torna melhor só porque foi cumprida* — disse Fenoglio. — Pelo menos é o que está escrito num dos meus livros preferidos.

— Não sei se foi uma promessa ruim — Mo suspirou e olhou para o teto, como se pudesse encontrar nele a resposta. — Está bem. Vou lhe contar. Mas Dedo Empoeirado vai me matar se souber.

— Dedo Empoeirado? Uma vez eu dei esse nome a um personagem. É claro, um dos saltimbancos de *Coração de tinta*! Chorei ao narrar sua morte no último capítulo, de tão emocionante que a cena ficou.

Meggie quase engasgou com o pedaço de bolo que acabara de pôr na boca, mas Fenoglio prosseguiu impassível.

— Não são muitos os personagens que morrem nos meus livros, mas às vezes simplesmente acontece. As cenas de morte não são fáceis de escrever, elas logo ficam piegas, mas a de Dedo Empoeirado naquela época realmente saiu muito bem.

Perplexa, Meggie olhou para Mo.

— Ele morre? Mas… você sabia disso?

— É claro. Eu li a história inteira, Meggie.

— Mas por que você não contou para ele?

— Ele não quis ouvir.

Fenoglio acompanhou o diálogo com cara de desentendido… e de imensa curiosidade.

— *Quem* o mata? — perguntou Meggie. — Basta?

— Ah, Basta! — Fenoglio sorriu de contentamento. Todas as suas rugas encheram-se de satisfação consigo mesmo. — Um dos melhores vilões que já criei. Um cão raivoso, mas não chega aos pés do meu outro herói do mal: Capricórnio. Basta arrancaria o próprio coração por ele, mas Capricórnio nada sabe de tais paixões. Ele não sente nada, absolutamente nada, nem ao menos a própria crueldade lhe dá prazer. De fato inventei algumas figuras sinistras em *Coração de tinta*. Também há Sombra, o cão de Capricórnio, como eu mesmo o chamei. Mas naturalmente isso é

um eufemismo para um monstro como ele.

— Sombra? — a voz de Meggie quase não passava de um sussurro. — Ele mata Dedo Empoeirado?

— Não, não. Desculpe, esqueci completamente a sua pergunta. Quando começo a falar dos meus personagens, é difícil me fazer parar. Não, é um dos homens de Capricórnio que mata Dedo Empoeirado. Realmente, a cena ficou muito boa. Dedo Empoeirado tem uma espécie de marta de estimação, o capanga de Capricórnio quer matá-la, pois sente um grande prazer em matar pequenos animais. Bem, Dedo Empoeirado tenta salvar o amiguinho peludo… e morre por ele.

Meggie emudeceu. "Pobre Dedo Empoeirado", ela pensou. "Pobre Dedo Empoeirado." Ela simplesmente não conseguia pensar em mais nada.

— Qual dos homens de Capricórnio? — ela perguntou. — Nariz Chato? Ou Cockerell?

Fenoglio olhou para ela cheio de espanto.

— Incrível. Você consegue gravar todos os nomes? Eu esqueço a maioria deles assim que acabo de inventá-los.

— Não é nenhum dos dois, Meggie — disse Mo. — No livro, o nome do assassino nem sequer é mencionado. É todo um bando que caça Gwin, e um deles investe com um punhal. Provavelmente alguém que ainda está lá esperando por Dedo Empoeirado.

— Ainda está lá esperando? — Fenoglio olhou confuso para Mo.

— Isso é terrível! — sussurrou Meggie. — Ainda bem que eu não continuei a ler.

— Mas o que você quer dizer com isso? Por acaso está falando do meu livro? — a voz de Fenoglio soou ofendida.

— Estou. Estou, sim — disse Meggie, lançando um olhar indagador para Mo. — E Capricórnio? Quem o mata?

— Ninguém.

— Ninguém?

Meggie olhou para Fenoglio tão indignada que ele começou a coçar o nariz, encabulado. Era um nariz considerável.

— Por que está me olhando assim? — ele exclamou. — Sim. Eu o deixei escapar. É um dos meus melhores vilões. Por que deveria matá-lo? Na vida real também é assim: os grandes assassinos escapam e vivem felizes até o fim da vida, enquanto os bons morrem, às vezes até mesmo os melhores. Assim é que são as coisas. Por que nos livros tem que ser sempre diferente?

— E Basta? Ele também fica vivo? — Meggie lembrou-se do que Farid dissera na cabana: "Por que vocês não os matam? Era o que eles pretendiam fazer conosco!".

— Basta também fica vivo — respondeu Fenoglio. — Na época, aventei por um tempo a ideia de fazer uma continuação de *Coração de tinta*, e não queria renunciar aos dois. Eu estava orgulhoso deles! Bem, Sombra também não saiu mal… não, realmente, mas gosto mais das minhas figuras humanas. Sabe, se você me perguntasse de qual dos dois eu tinha mais orgulho, de Basta ou de Capricórnio, eu não saberia dizer!

Mo voltara a olhar pela janela. Então se virou para Fenoglio.

— O senhor gostaria de se encontrar com os dois? — ele perguntou.

— Com quem? — Fenoglio olhou surpreso para ele.

— Com Capricórnio e Basta.

— Credo, não!

Fenoglio riu tão alto que Paula ficou assustada e tapou a boca dele.

— Bem, nós os encontramos — disse Mo, cansado. — Eu e Meggie, e Dedo Empoeirado.

25. O final errado

Uma história, um romance, um conto — essas coisas assemelham-se a seres vivos, e talvez o sejam de fato. Elas têm sua cabeça, suas pernas, sua circulação sanguínea e sua roupa, como pessoas de verdade.

Erich Kästner, *Emil e os detetives*

Fenoglio ainda ficou calado por um bom tempo depois que Mo terminou sua história. Paula já havia saído em busca de Pippo e Rico. Meggie ouvia seus passos ruidosos no assoalho de madeira do andar de cima, para lá e para cá, um salto, um escorregão, risadinhas e gritinhos. Mas a cozinha de Fenoglio estava tão silenciosa que se ouvia o tique-taque do relógio na parede ao lado da janela.

— Ele tem cicatrizes no rosto? O senhor sabe… — ele olhou para Mo à espera de uma resposta.

Mo confirmou com a cabeça.

Fenoglio retirou algumas migalhas de bolo de sua calça.

— Foi Basta quem lhe fez as cicatrizes — ele disse. — Porque os dois gostavam da mesma garota.

Mo fez que sim novamente.

— Sim, eu sei.

Fenoglio olhou pela janela.

— As fadas trataram os cortes — ele disse. — Por isso ficaram apenas cicatrizes finas, quase nada mais do que três traços descorados na pele, não é?

Mo confirmou. E Fenoglio olhou novamente para fora. Na casa da frente, uma janela estava aberta; dava para ouvir uma mulher brigando com uma criança.

— Na verdade eu deveria estar muito orgulhoso — murmurou Fenoglio. — Todo escritor deseja criar figuras cheias de vida, e as minhas até mesmo saíram para fora do livro!

— Foi porque o meu pai leu em voz alta — disse Meggie. — Ele pode fazer isso

com outros livros também.

— Ah, é claro. — Fenoglio balançou a cabeça para a frente. — Que bom que você me lembrou disso. Senão eu poderia me considerar um pequeno deus, não é? Mas sinto muito por sua mãe. Embora, desse ponto de vista, isso também não seja culpa minha.

— Para o meu pai é pior — disse Meggie. — Eu não me lembro dela.

Mo olhou surpreso para ela.

— É natural. Você era mais nova do que os meus netos — Fenoglio observou pensativo e andou até a janela. — Eu realmente gostaria de vê-lo. Me refiro a Dedo Empoeirado. Agora naturalmente estou com pena de ter inventado um final tão triste para o pobre coitado. Mas que combina com ele de alguma maneira. Como disse Shakespeare de forma tão bonita: "Cada um desempenha o seu papel, e o meu é triste". Ele olhou para a rua. No andar de cima, alguma coisa se espatifou, mas Fenoglio não pareceu muito interessado.

— Eles são mesmo seus filhos? — perguntou Meggie apontando para cima.

— Deus me livre, não. São meus netos. Uma das minhas filhas também mora aqui na aldeia. Eles vêm sempre aqui e eu conto histórias para eles. Conto histórias para a metade da aldeia, mas não sinto mais vontade de escrevê-las. Onde ele está agora?

Fenoglio voltou-se para Mo com um olhar indagador.

— Dedo Empoeirado? Não posso lhe dizer. Ele não quer vê-lo.

— Ele teve um choque quando meu pai lhe contou sobre o senhor — acrescentou Meggie.

"Mas Dedo Empoeirado precisa saber o que vai acontecer com ele", ela pensou. "Ele tem que saber. Aí então ele vai entender que realmente não pode voltar. E mesmo assim vai continuar sentindo saudades. Para sempre."

— Preciso vê-lo! Uma vez só. O senhor não entende isso? — Fenoglio olhou suplicante para Mo. — Eu poderia segui-los discretamente. Afinal, como ele poderia me reconhecer? Eu só quero me assegurar de que ele realmente é como o imaginei.

Mas Mo sacudiu a cabeça.

— Acho melhor o senhor deixá-lo em paz.

— Que nada! Posso vê-lo quando quiser. Afinal de contas, fui eu que o inventei!

— E o matou — acrescentou Meggie.

— Pois é — Fenoglio ergueu as mãos, desconcertado. — Eu queria deixar a coisa emocionante. Você não gosta de histórias emocionantes?

— Só quando elas têm um final feliz.

— Final feliz! — Fenoglio bufou com desprezo e voltou sua atenção para o andar de cima. Algo ou alguém caíra no chão com um forte estrondo, e a queda foi seguida por um choro alto. Fenoglio correu para a porta.

— Esperem aqui! Eu já volto! — ele exclamou, e desapareceu no corredor.

— Mo! — sussurrou Meggie. — Você precisa contar para Dedo Empoeirado! Precisa lhe dizer que ele não pode voltar.

Mas Mo sacudiu a cabeça.

— Ele não quer ouvir, acredite. Já tentei dezenas de vezes. Talvez não seja má ideia fazê-lo se encontrar com Fenoglio. Talvez ele acredite mais no seu criador do que em mim.

Com um suspiro, ele limpou da mesa algumas migalhas de bolo.

— Havia uma ilustração em *Coração de tinta* — ele murmurou enquanto passava a palma da mão no tampo da mesa, como se dessa forma pudesse fazer a imagem aparecer. — Sob uma arcada havia um grupo de mulheres vestidas com roupas suntuosas, como se estivessem indo para uma festa. Uma delas tinha os cabelos claros como os de sua mãe. O desenho não mostra o rosto dessa mulher, que está de costas para o observador, mas eu sempre imaginei que era ela. Louco, não é?

Meggie pôs a mão sobre a dele.

— Mo, prometa que você nunca mais vai voltar àquela aldeia! — ela disse. — Por favor! Prometa que não vai tentar pegar o livro de volta.

O ponteiro de segundos do relógio da cozinha de Fenoglio cortava o tempo em fatias dolorosamente finas, até que Mo finalmente respondeu.

— Prometo — ele disse.

— Diga isso olhando para mim!

Ele obedeceu.

— Eu prometo — repetiu. — Só quero conversar mais uma coisa com Fenoglio, depois iremos para casa e esqueceremos o livro. Satisfeita?

Meggie fez que sim. Embora ela se perguntasse o que ainda havia para conversar.

Fenoglio voltou carregando Pippo nas costas. O menino chorava, e as outras duas crianças vinham atrás com cara emburrada.

— Buracos no bolo e agora um na testa, acho que vou ter que mandar vocês todos de volta para casa! — esbravejou Fenoglio, enquanto sentava Pippo numa cadeira.

Então ele remexeu no grande armário até encontrar um curativo, e colou-o sem muito cuidado na testa de seu neto.

Mo empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Estive pensando — ele disse. — E decidi levá-lo até Dedo Empoeirado.

Fenoglio virou-se para ele, surpreso.

— Talvez o senhor possa fazê-lo entender de uma vez por todas que ele não pode voltar — prosseguiu Mo. — Sabe-se lá o que ele ainda pode tentar fazer; receio que possa ser perigoso para ele. Além disso, tive uma ideia, é uma ideia maluca, mas eu gostaria de discuti-la com o senhor.

— Mais maluca do que tudo o que acabei de ouvir? Isso não deve ser possível!

Os netos de Fenoglio entraram novamente no armário e fecharam a porta em meio a risadinhas.

— Quero ouvir a sua ideia — disse Fenoglio. — Mas antes quero ver Dedo Empoeirado!

Mo olhou para Meggie. Não era comum Mo quebrar uma promessa, e ele se sentia visivelmente desconfortável com isso. Meggie entendia isso muito bem.

— Ele está esperando na piazza — disse Mo, com voz hesitante. — Mas deixe-me falar com ele primeiro.

— Na piazza? — os olhos de Fenoglio se arregalaram. — Isso é maravilhoso!

Ele andou até o espelho que havia ao lado da porta da cozinha e ajeitou os cabelos pretos, como se temesse que Dedo Empoeirado pudesse ficar decepcionado com a

aparência de seu criador.

— Vou fazer de conta que não o estou vendo, até que você me chame — ele disse. — Sim, vamos fazer assim.

Houve um barulho no armário, e Pippo saiu de dentro dele vestindo um casaco que lhe chegava nos calcanhares. Na cabeça ele havia posto um chapéu enorme, que lhe cobria os olhos.

— É claro! — Fenoglio tirou o chapéu da cabeça de Pippo e pôs em sua própria. — Aí está! Levarei as crianças! Um avô com seus três netinhos não é nenhuma visão inquietante, certo?

Mo assentiu com a cabeça e puxou Meggie pelo corredor estreito.

Eles desceram a rua que levava de volta à piazza e ao automóvel, e Fenoglio os seguiu a alguns metros de distância. Os netos pulavam em volta dele como três cachorrinhos.

26. Um arrepio e um pressentimento

E só então ela largou o livro. E olhou para mim. E declarou: — *A vida não é justa*, Bill. Contamos a nossos filhos que ela é justa, mas isso é uma infâmia. Não é uma simples mentira, é uma mentira cruel. A vida não é justa, nunca foi e nunca será.

William Goldman, *O noivo da princesa*

Dedo Empoeirado estava esperando sentado nos degraus frios de pedra. Sentia náuseas de medo, ele próprio não sabia muito bem do quê. Talvez o monumento atrás dele lhe lembrasse demais a morte. Ele sempre tivera medo da morte, ele a imaginava fria, como uma noite sem fogo. Contudo, nos últimos tempos, ele temia ainda mais uma outra coisa, e essa coisa era a tristeza. Desde que Língua Encantada o trouxera para aquele mundo, ela o seguia como uma segunda sombra. Era uma tristeza que tornava os membros pesados e o céu cinzento.

Ao lado dele, Farid pulava os degraus da escadaria. Para cima e para baixo, com pés ágeis e uma cara faceira, como se Língua Encantada o tivesse transportado diretamente para o paraíso. O que o fazia tão feliz? Dedo Empoeirado olhou em volta, observou as casas estreitas, amarelas, cor-de-rosa, cor de pêssego, as janelas verde-escuras e os telhados vermelhos como ferrugem, o oleandro florido na frente de um muro, como se seus galhos estivessem em chamas, os gatos que passeavam em cima dos muros quentes. Farid aproximou-se furtivamente de um deles, agarrou-o pelo pelo cinzento e o segurou no colo, embora o gato tivesse cravado as unhas em sua coxa.

— Sabe o que eles fazem aqui para que os gatos não se reproduzam demais? — Dedo Empoeirado esticou as pernas e piscou para o sol. — Assim que chega o inverno, eles trancam os seus próprios gatos em casa e colocam tigelas com comida envenenada na porta para os vira-latas.

Farid acariciou as orelhas pontudas do gato cinzento. Seu rosto estava pasmo, não havia mais nenhum vestígio da felicidade ronronante que pouco antes o fizera parecer tão leve. Dedo Empoeirado desviou depressa o olhar. Por que ele dissera aquilo? Por que estragara a felicidade do rosto do garoto?

Farid deixou o gato ir e subiu os degraus até o monumento.

Ele ainda estava lá no alto do muro, com as pernas esticadas, quando os outros dois voltaram. Língua Encantada não tinha nenhum livro na mão, seu rosto estava tenso, e a consciência pesada estampava-se em sua testa.

Por quê? Por que Língua Encantada estaria com a consciência pesada? Dedo Empoeirado olhou desconfiado ao seu redor, sem saber o que procurar. Língua Encantada sempre carregava os sentimentos estampados no rosto. Ele era um livro permanentemente aberto, cujas páginas qualquer um podia ler. Sua filha era diferente. Não era muito fácil decifrar o que acontecia dentro dela. Mas, quando ela se aproximou, Dedo Empoeirado pensou identificar em seus olhos algo de preocupação, talvez até piedade. Era por ele? O que aquele escrevinhador havia contado para que a menina olhasse para ele daquele jeito?

Dedo Empoeirado se levantou, bateu o pó da calça e, quando os dois pararam na sua frente, disse: — Ele não tinha mais nenhum livro, certo?

— Certo. Todos foram roubados — respondeu Língua Encantada. — Já faz anos.

A filha dele não tirava os olhos de Dedo Empoeirado.

— Por que está me olhando assim, princesa? — ele perguntou, zangado. — Você sabe de alguma coisa que eu não sei?

Na mosca. Sem fazer pontaria. Ele não queria acertar nada, muito menos uma verdade. A menina mordeu os lábios, ainda olhando para ele com aquela mistura de piedade e preocupação.

Dedo Empoeirado passou a mão nas cicatrizes, coladas em seu rosto como um cartão-postal: "Lembranças de Basta". Não havia dia em que ele conseguisse esquecer do cão raivoso de Capricórnio, por mais que desejasse. "Para você agradar ainda mais às garotas no futuro!", Basta sussurrara em seu ouvido antes de limpar o sangue da navalha.

— Oh, mas que droga, mas que droga!

Dedo Empoeirado deu um pontapé num muro, tão forte que ficou sentindo o pé durante dias.

— Você contou sobre mim para o escrevinhador! — ele gritou com Língua Encantada. — E agora até a sua filha sabe mais sobre mim do que eu próprio! Pois bem, desembuche. Agora eu também quero saber. Conte. Afinal você sempre quis

fazer isso. Basta me estrangula, é isso? Ele estica o meu pescoço, prende a minha respiração até eu ficar duro que nem uma bengala, não é? Mas como isso me afetaria? Agora Basta está aqui. A história se modificou, ela só pode ter se modificado! Basta não pode fazer nada contra mim se você me mandar de volta!

Dedo Empoeirado deu um passo na direção de Língua Encantada. Queria agarrá-lo, sacudi-lo, bater nele por tudo o que lhe fizera, mas a menina se pôs entre os dois.

— Pare! Não é Basta! — ela exclamou enquanto o empurrava para trás. — É algum dos homens de Capricórnio, alguém que ainda está esperando por você, sim. Eles querem matar Gwin e você tenta ajudá-lo, e por isso eles matam você! Nessa parte, nada se modificou! Vai acontecer e pronto, não há o que você possa fazer. Entende? Por isso você tem que ficar aqui, você não pode voltar, nunca mais!

Dedo Empoeirado olhou para a menina como se assim pudesse fazê-la se calar, mas ela resistiu. Até mesmo tentou pegar a mão dele.

— Fique feliz por estar aqui! — ela balbuciou enquanto recuava. — Aqui você pode sair do caminho deles. Você pode fugir para bem longe e…

A voz de Meggie sumiu. Talvez ela tenha visto as lágrimas nos olhos de Dedo Empoeirado. Irritado, ele as enxugou com a manga. Ele olhava para os lados, como um animal que caiu numa armadilha e procura uma saída. Mas não havia saída. Nenhum lugar para ir e, o que era pior, nenhum lugar para voltar.

Mais acima, no ponto de ônibus, duas mulheres olhavam curiosas para baixo. Era comum Dedo Empoeirado atrair olhares como aquele, todos viam que ele não pertencia àquele mundo. Um forasteiro, era o que ele era e sempre seria.

Do outro lado da praça, três crianças e um homem mais velho jogavam futebol com uma lata. Farid olhou para eles. Tinha a mochila de Dedo Empoeirado pendurada nos ombros estreitos, e sua calça estava cheia de pelos do gato cinzento. O menino encontrava-se absorto em pensamentos, enfiando os dedos dos pés descalços entre as pedras do calçamento. Vivia tirando os tênis que Dedo Empoeirado comprara para ele, mesmo no asfalto quente andava descalço, os tênis amarrados na mochila, como uma presa que levava para casa.

Dedo Empoeirado também olhou para as crianças que estavam brincando. O velho que estava com elas não acabara de acenar? Dedo Empoeirado deu um passo atrás. Um arrepio correu por sua espinha.

— Meus netos estão muito admirados com a marta domesticada que aquele garoto traz pela corrente — disse o velho quando se aproximou.

Dedo Empoeirado deu mais um passo para trás. Por que o homem olhava para ele daquela maneira? Ele o examinava de um jeito totalmente diferente do das mulheres no ponto de ônibus.

— As crianças afirmam que a marta sabe fazer piruetas. E que o garoto come fogo. Será que podemos nos aproximar e ver isso de perto?

O arrepio espalhou-se pelo corpo de Dedo Empoeirado, embora o sol queimasse sua pele. A maneira como o velho olhava para ele — como a um cão, que fugira de casa havia muito tempo e agora voltara, com o rabo entre as pernas e talvez cheio de piolhos, mas sem dúvida alguma o seu cão.

— Que absurdo, não há pirueta alguma! — ele gritou. — Não há nada para ver aqui!

Ele recuou mais um passo, mas o velho o acompanhou, como se uma fita invisível os unisse.

— Sinto muito! — ele disse erguendo a mão, como se quisesse tocar suas cicatrizes.

Dedo Empoeirado bateu com as costas num automóvel estacionado. Então o velho escritor estava bem na sua frente. O jeito embasbacado como olhava para ele…

— Suma daqui! — Dedo Empoeirado empurrou-o bruscamente. — Farid, traga as minhas coisas!

O garoto correu para o lado dele. Dedo Empoeirado arrancou a mochila de suas costas, pegou a marta e a enfiou dentro dela, sem dar atenção a seus dentes arreganhados. O velho olhava para os chifres de Gwin. Com um movimento rápido, Dedo Empoeirado pendurou a mochila nas costas e tentou passar por ele.

— Por favor, quero apenas conversar com você.

O velho se pôs no caminho de Dedo Empoeirado e segurou no braço dele.

— Mas eu não.

Dedo Empoeirado tentou se soltar. Seus dedos ossudos eram espantosamente fortes, mas ele tinha a navalha, a navalha de Basta. Ele a tirou da mochila, e a segurou

sob o queixo do velho. Sua mão tremia, ele nunca sentira prazer em encostar uma lâmina no rosto de alguém, mas o velho cedeu.

E Dedo Empoeirado começou a correr.

Ele não deu atenção ao que Língua Encantada gritava atrás dele. Corria, como antigamente precisara fazer tantas vezes. Em suas pernas ele podia confiar, embora ainda não soubesse até onde elas o levariam. Deixou para trás a aldeia e a estrada, enfiou-se debaixo de árvores, abriu caminho em meio à relva selvagem, deixou-se engolir por arbustos amarelos como mostarda, escondeu-se na folhagem prateada das oliveiras, sempre se afastando das casas, das estradas pavimentadas. A natureza sempre o protegera.

Somente quando começou a sentir dor ao respirar, Dedo Empoeirado jogou-se na relva, atrás de uma cisterna abandonada na qual os sapos coaxavam e a água da chuva acumulada evaporava ao sol. Ele ficou ali deitado, ofegante, ouvindo as batidas de seu próprio coração e olhando para o céu.

Quem era o velho?

Ele levou um susto. O garoto estava na sua frente. Ele o seguira.

— Suma daqui! — gritou Dedo Empoeirado.

O garoto agachou-se entre as flores selvagens. Elas cresciam por toda parte, azuis, amarelas, vermelhas, como manchas de tinta borrifadas na relva.

— Não quero mais a sua companhia! — disse Dedo Empoeirado secamente.

O garoto ficou calado, colheu uma orquídea selvagem e examinou suas pétalas. A flor parecia uma abelha, uma abelha num caule.

— Que flor mais estranha! — ele murmurou. — Nunca vi uma flor assim.

Dedo Empoeirado sentou-se e apoiou as costas na parede da cisterna.

— Você vai se arrepender se vier atrás de mim — ele disse. — Eu vou voltar, você sabe para onde.

Somente quando disse isso ele tomou consciência de que já estava decidido. Já fazia tempo. Ele voltaria. Dedo Empoeirado, o covarde, voltaria para a toca do leão. Não importava o que Língua Encantada dissesse, o que sua filha dissesse… ele só queria uma coisa. Ele sempre quisera apenas uma coisa. E se ele não podia tê-la agora,

pelo menos tinha a esperança de que um dia ela se tornaria realidade.

O garoto ainda estava lá.

— Agora vá de uma vez. Volte para Língua Encantada! Ele cuidará de você.

Farid continuou sentado, imóvel, com os braços ao redor das pernas encolhidas.

— Você vai voltar para a aldeia?

— Vou! Para onde moram os diabos e os demônios. Acredite, eles comem um garoto como você no café da manhã, para abrir o apetite.

Farid passou as pétalas da orquídea pelas maçãs do rosto. Fez uma careta quando as folhas pinicaram sua pele.

— Gwin quer sair — ele disse.

Ele tinha razão. A marta estava mordendo a mochila e pondo o nariz para fora. Dedo Empoeirado abriu as fivelas e deixou-a ir.

Gwin piscou com a luz do sol e rosnou irritado, provavelmente por causa do horário impróprio, e correu em direção ao garoto.

Farid pôs a marta no ombro e olhou para Dedo Empoeirado com olhos sérios.

— Nunca vi flores como essas — ele disse mais uma vez. — Nem colinas tão verdes ou uma marta tão esperta. Mas homens como esses de que você está falando eu conheço muito bem. Eles são iguais em toda parte.

Dedo Empoeirado sacudiu a cabeça.

— Esses são piores.

— Não, não são.

A teimosia na voz de Farid fez Dedo Empoeirado rir, ele mesmo não sabia por quê.

— Poderíamos ir para outro lugar — disse o garoto.

— Não, não podemos.

— Por quê? O que você quer na aldeia?

— Roubar uma coisa — respondeu Dedo Empoeirado.

O garoto balançou a cabeça como se roubar fosse a coisa mais normal do mundo, e enfiou a orquídea no bolso da calça com cuidado.

— Antes você me ensina mais algumas coisas sobre o fogo?

— Antes?

Dedo Empoeirado riu. O garoto era esperto, ele sabia que provavelmente não haveria um depois.

— É claro — ele respondeu. — Ensino tudo o que sei. Antes.

27. Apenas uma ideia

— Pode ser tudo verdade — disse o espantalho.

— Mas promessa é dívida, é preciso cumprir as promessas.

L. Frank Baum, *O mágico de Oz*

Eles não foram para a casa de Elinor depois que Dedo Empoeirado os deixou.

— Meggie, sei que prometi a você que iríamos para a casa de Elinor — disse Mo quando estavam, os dois meio perdidos, na praça diante do monumento. — Mas eu gostaria de partir só amanhã. Como já lhe disse, preciso conversar com Fenoglio.

O velho homem ainda estava no mesmo lugar onde havia falado com Dedo Empoeirado, olhando fixamente para a rua. Seus netos o puxavam pela manga e o chamavam, mas ele parecia não notá-los.

— Você quer conversar com ele sobre o quê?

Mo sentou-se na escada do monumento e puxou Meggie para junto de si.

— Está vendo aqueles nomes ali? — ele perguntou enquanto apontava para cima, onde letras cinzeladas na pedra falavam de homens que não existiam mais. — Atrás de cada um desses nomes, há uma família, uma mãe ou um pai, irmãos, talvez uma esposa. Se um deles descobrisse que pode dar vida às palavras, que o que agora é apenas um nome poderia se tornar carne e osso novamente, você não acha que eles fariam tudo, tudo mesmo para que isso acontecesse?

Meggie olhou para a longa sequência de nomes. Ao lado do primeiro alguém pintara um coração e, nas pedras diante do monumento, havia um buquê de flores secas.

— Ninguém pode despertar os mortos, Meggie — prosseguiu Mo. — Talvez seja verdade que a morte é apenas o começo de uma nova história, mas ainda ninguém leu o livro em que ela está escrita, e o seu autor certamente não mora num lugarejo na costa, onde joga futebol com seus netos. Mas o nome da sua mãe não está escrito numa dessas pedras, está escondido em algum lugar num livro, e eu tenho uma ideia de como talvez ainda seja possível mudar o que aconteceu há nove anos.

— Você quer voltar!

— Não, eu não quero. Eu dei a minha palavra a você. Já deixei de cumpri-la alguma vez?

Meggie fez que não com a cabeça. "A palavra que você deu a Dedo Empoeirado", ela pensou, "você quebrou"; mas não disse o que estava pensando.

— Então, está vendo? — disse Mo. — Quero conversar com Fenoglio, só por isso quero ficar aqui mais um dia.

Meggie olhou para o mar. O sol rompera entre as nuvens, e a água de repente brilhava e reluzia, como se alguém tivesse derramado tinta sobre ela.

— Não é longe daqui — ela murmurou.

— O quê?

— A aldeia de Capricórnio.

Mo olhou para o oeste.

— É estranho que ele tenha vindo morar justamente aqui, não é? É como se ele tivesse procurado um lugar parecido com o país da sua história.

— E se ele nos encontrar?

— Impossível. Você sabe quantos lugarejos como este existem nesta costa?

Meggie sacudiu os ombros.

— Ele já o encontrou uma vez, e você estava muito mais longe.

— Ele me encontrou com a ajuda de Dedo Empoeirado, que com certeza não o ajudará novamente. — Mo se pôs de pé e ergueu Meggie. — Venha, vamos perguntar a Fenoglio onde podemos passar a noite. Além disso, parece que ele está precisando de companhia.

Fenoglio não revelou se Dedo Empoeirado era como ele havia imaginado. Foi bastante lacônico enquanto os dois o acompanharam de volta para casa. Mas quando Mo lhe disse que ele e Meggie gostariam de ficar mais um dia, seu rosto se iluminou um pouco. Ele até mesmo lhes ofereceu um apartamento, que de vez em quando alugava para turistas.

Mo aceitou agradecido.

Ele e o velho escritor ficaram conversando até o fim da tarde, enquanto os netos de Fenoglio corriam atrás de Meggie por aquela casa cheia de esconderijos. Os dois homens sentaram-se no escritório de Fenoglio, que ficava ao lado da cozinha. Meggie tentou várias vezes escutar através da porta fechada, mas Pippo e Rico sempre a apanhavam com suas mãozinhas sujas e a puxavam para a escada antes que ela tivesse conseguido ouvir dez palavras.

Finalmente, ela desistiu. Deixou Paula lhe mostrar os gatinhos que passeavam com a mãe deles no pequeno jardim atrás da casa, e acompanhou os três até a casa onde moravam com os pais. Eles não ficaram muito tempo lá, apenas o suficiente para convencer a mãe de que podiam ficar na casa do avô também para a próxima refeição.

Fenoglio serviu macarrão com sálvia no jantar. Pippo e Rico tiraram do macarrão a erva de gosto acre com caretas de nojo, mas Meggie e Paula saborearam as folhas frescas e crocantes. Depois de comer, Mo bebeu com Fenoglio uma garrafa inteira de vinho tinto, e quando o velho escritor finalmente os acompanhou até a porta, ele disse: — Então está combinado, Mortimer, você cuida dos meus livros e amanhã mesmo eu começo meu trabalho.

— Que trabalho, Mo? — perguntou Meggie, enquanto os dois andavam pelas vielas parcamente iluminadas.

A noite não tornara o ar muito mais fresco; um vento estranho começava a soprar pela aldeia, quente e arenoso como se transportasse o deserto através do mar.

— Eu preferiria que você não pensasse mais nisso — disse Mo. — Vamos fazer de conta que estamos de férias por alguns dias. Acho que tudo aqui tem cara de férias, você não acha?

Meggie respondeu apenas com a cabeça. Era verdade, Mo a conhecia muito bem. Quantas vezes ele não adivinhava o que ela estava pensando antes que ela o dissesse! Mas de vez em quando ele esquecia que ela não tinha mais cinco anos, e que era preciso mais do que algumas palavras bonitas para distraí-la das coisas que a preocupavam.

"Tudo bem", ela pensou, seguindo Mo calada pela aldeia em repouso. "Se ele não quer me contar o que Fenoglio vai fazer para ele, vou perguntar ao próprio cara-de-tartaruga. E se ele também não me disser, um dos seus netos vai descobrir para mim!" Meggie já não podia mais se esconder debaixo da mesa sem ser notada, mas Paula ainda tinha o tamanho adequado para espionar.

28. Em casa

Para mim, em minha pobreza, minha biblioteca bastava-me como ducado.

William Shakespeare, *A tempestade*

Já era quase meia-noite quando Elinor finalmente viu seu portão surgir à margem da estrada. Lá embaixo, na beira do lago, as luzes se enfileiravam como uma caravana de vaga-lumes e refletiam-se trêmulas na água escura. Era bom voltar para casa. Até mesmo o vento que soprou no rosto de Elinor quando ela desceu do carro para abrir o portão era familiar. Tudo era familiar, o perfume da cerca viva e da terra, e o ar muito mais frio e úmido do que no sul. Seu gosto também não era mais salgado. "Acho que vou sentir falta do gosto do mar", pensou Elinor. O mar sempre a enchia de nostalgia, ela mesma não sabia do quê.

O portão de ferro rangeu baixinho quando ela o abriu, quase como se lhe desse as boas-vindas. Não haveria nenhuma outra voz para saudá-la. "Mas que pensamento mais bobo, Elinor!", ela murmurou, irritada, enquanto entrava de novo no automóvel. "Os seus livros irão cumprimentá-la. E isso basta!"

Já durante a viagem ela tivera um desses acessos. Havia decidido voltar para casa sem pressa, evitando as grandes estradas, e pernoitara num pequeno lugarejo nas montanhas, cujo nome esquecera. Ela sentia-se feliz por estar sozinha novamente, afinal era a isso que estava acostumada, mas então de repente o silêncio dentro do automóvel a incomodara e, ao passar por uma cidadezinha que nem ao menos possuía uma livraria e onde quase todos já estavam dormindo, resolveu entrar num café apenas para ouvir algumas vozes. Ela não ficara muito tempo lá dentro, só o suficiente para um café bebido às pressas, pois estava irritada consigo mesma. "O que é isso, Elinor?", murmurara quando estava de volta dentro do carro. "Desde quando você sente falta da companhia de outras pessoas? Está realmente na hora de voltar para casa, antes que você fique completamente esquisita."

Quando chegou lá em cima, sua casa lhe pareceu estranha, tão escura e abandonada como estava. Apenas o perfume do jardim espantou um pouco o mal-estar enquanto ela subia os degraus até a porta da casa. A lâmpada sobre a porta, que costumava ficar acesa à noite, estava apagada. Elinor precisou de um tempo ridiculamente grande para conseguir enfiar a chave na fechadura. Enquanto abria a

porta e tateava no vestíbulo, escuro como breu, ela xingou baixinho o homem que costumava cuidar da casa e do jardim em sua ausência. Ela tentara telefonar para ele três vezes antes de partir, mas ele devia estar de novo na casa da filha. Por que ninguém entendia que naquela casa estavam guardados tesouros incríveis? Sim, se eles fossem de ouro seria diferente, mas eram apenas de papel, de papel e tinta…

Estava tudo quieto, extremamente quieto, e por um instante Elinor pensou ouvir a voz de Mortimer, a mesma voz que ela ouvira encher de vida a igreja pintada de vermelho. Ela teria continuado a ouvi-la por cem anos; que nada, por duzentos anos. Pelo menos.

— Ele vai ter que ler para mim quando chegar — ela murmurou enquanto tirava os sapatos dos pés cansados. — Há de existir algum livro que ele possa pegar nas mãos sem perigo.

Como é que ela ainda não havia reparado em como sua casa podia ser silenciosa? Era um silêncio sepulcral, e a alegria que Elinor esperara sentir quando estivesse novamente entre suas quatro paredes só aparecia timidamente .

— Oláááá, estou de volta! — ela exclamou para o silêncio, enquanto tateava no escuro em busca do interruptor. — Agora vou espanar o pó de vocês e arrumá-los direitinho nas estantes, meus tesouros!

A luz no teto se acendeu, e Elinor recuou tão assustada que caiu em cima da própria bolsa, que ela havia largado no chão.

— Oh, céus! — ela sussurrou enquanto se punha de pé novamente. — Oh, meu Deus do céu. Não!

Nas paredes, as estantes, feitas sob medida por um marceneiro, estavam vazias. Os livros que antes ficavam tão bem-arrumados nas prateleiras, com as lombadas uma ao lado da outra, agora estavam jogados e amontoados no chão, dobrados, sujos, rasgados, como se pesadas botas tivessem dançado uma dança selvagem em cima deles. Elinor começou a tremer, da cabeça aos pés. Ela passou por cima de seus tesouros aviltados como quem atravessa um lago pantanoso, tropeçou, empurrou alguns para o lado, ergueu um outro e o deixou cair novamente, e assim prosseguiu até o longo corredor que levava para a biblioteca.

No corredor, as coisas não estavam melhores. Os livros se amontoavam em montes tão altos que Elinor mal conseguiu abrir caminho em meio aos destroços.

Então ela estava diante de sua biblioteca. A porta estava apenas encostada, e Elinor ficou parada ali uma eternidade, com as pernas bambas, até que finalmente criou coragem para abri-la.

Sua biblioteca estava vazia.

Não havia um livro, um único livro, nas estantes nem nas vitrines, cujos vidros estavam quebrados. Também não havia livros no chão. E no teto havia um galo vermelho pendurado, morto.

Elinor pôs a mão na boca quando o viu. Ele estava de cabeça para baixo, a crista cobrindo os olhos petrificados. Suas penas ainda brilhavam, como se a vida tivesse se refugiado nelas: nas delicadas penas ruivas do peito, nas asas com manchas escuras e nas longas penas da cauda, verde e brilhantes como seda.

Uma das janelas estava aberta. Uma seta preta tinha sido desenhada com carvão na veneziana. Ela apontava para fora. Elinor correu para a janela, com os pés cambaleantes de medo. A noite não estava escura o bastante para esconder o que havia lá fora no gramado: um monte disforme de cinzas, esbranquiçadas sob a luz da lua, cinza-claro como as asas das traças, cinza como papel queimado.

Ali estavam eles. Seus preciosos livros. Ou o que restara deles.

Elinor ajoelhou-se no assoalho cuja madeira escolhera com tanto critério. Pela janela aberta em cima dela, o vento soprava, o vento familiar, e quase tinha o cheiro do ar da igreja de Capricórnio. Elinor quis gritar, quis praguejar, xingar, esbravejar, mas nenhum som saiu de sua boca. Ela só conseguiu chorar.

29. Um bom lugar para ficar

— Eu não tenho mãe — disse Peter.

E também não sentia a menor falta.

Ele achava que se exagerava muito o valor as mães.

James M. Barrie, *Peter Pan*

O apartamento que Fenoglio costumava alugar estava apenas duas vielas distante de sua casa. Tinha um pequeno banheiro, uma cozinha e dois quartos. Como ficava no andar térreo, era um pouco escuro. As camas rangiam quando eles se deitavam, mas apesar disso Meggie dormiu, de qualquer forma muito melhor do que na palha úmida de Capricórnio ou na cabana com o telhado desmoronado.

Mo não dormiu bem. Na primeira noite, Meggie acordou três vezes com o barulho dos gatos brigando lá fora, e nas três vezes ele estava deitado com os olhos abertos, os braços cruzados atrás da cabeça, olhando para a janela escura.

Na manhã seguinte ele já estava de pé bem cedo, e comprou o que precisavam para o café da manhã na pequena venda que havia no final da rua. Os pãezinhos ainda estavam quentes, e Meggie quase teve a sensação de estar de férias quando Mo a levou até a próxima cidade para comprar as ferramentas mais importantes para o seu trabalho — pincéis, estiletes, tecido, papelão — e um sorvete verdadeiramente gigantesco, que eles tomaram juntos num café com vista para o mar. Meggie ainda estava com o gosto do sorvete na boca quando eles bateram na porta da casa de Fenoglio. O velho tomou mais um café com Mo em sua cozinha pintada de verde, e depois levou os dois para o sótão, onde guardava os seus livros.

— Você não está falando sério! — protestou Mo quando estavam diante das estantes cobertas de pó. — Você deveria ser proibido de ficar com eles, imediatamente! Qual foi a última vez em que esteve aqui em cima? Dá para tirar o pó com uma espátula!

— Tive que alojá-los aqui — defendeu-se Fenoglio enquanto a consciência pesada se escondia em suas rugas. — Lá embaixo estava muito apertado com todas essas estantes, e além disso os meus netos viviam pondo os dedinhos neles.

— Bem, eles não teriam provocado tantos estragos quanto o pó e a umidade — disse Mo com voz tão zangada que Fenoglio se retirou.

— Pobre criança. O seu pai é sempre assim tão severo? — ele perguntou para Meggie enquanto eles desciam a escada íngreme.

— Só quando se trata de livros — ela respondeu.

Fenoglio enfiou-se no escritório antes que ela pudesse fazer qualquer pergunta. Seus netos estavam na escola e no jardim de infância, então ela pegou os livros que Elinor lhe dera e sentou-se com eles na escada que dava para o jardinzinho de Fenoglio. Ali cresciam roseiras silvestres, tão cheias que mal se podia dar um passo sem se enroscar em suas gavinhas, e do último degrau dava para ver o mar, o mar distante, mas que parecia tão próximo…

Meggie abriu o livro de poemas. O sol estava claro e ela teve que apertar os olhos, mas, antes de começar a ler, ela olhou para trás para se certificar de que Mo não havia descido novamente. Não queria que ele a surpreendesse fazendo o que pretendia fazer. Estava envergonhada, mas a tentação era grande demais.

Depois de se certificar de que não vinha ninguém, ela respirou fundo, pigarreou — e começou. Ela formou cada palavra com os lábios, como vira Mo fazer, quase carinhosamente como se cada letra fosse uma nota que, se pronunciada com indiferença, desafinaria na melodia. Mas logo ela notou que, quando dava atenção a cada palavra, a frase deixava de soar e que, se prestasse atenção apenas ao som e não ao sentido, as imagens atrás dela se perdiam. Era difícil. Muito difícil. E o sol começou a deixá-la sonolenta, até que finalmente ela fechou o livro e ficou sentindo seus raios mornos tocarem-lhe o rosto. De qualquer forma, tentar aquilo tinha sido uma atitude boba, muito boba…

No final da tarde vieram Pippo, Paula e Rico, e Meggie foi passear com eles pela aldeia. Eles foram até a venda em que Mo estivera de manhã, sentaram juntos em cima de um muro no final da aldeia, observaram as formigas carregando sementes e flores pelas pedras e contaram os navios que passavam ao longe no mar.

Mais um dia se passou dessa maneira. De vez em quando, Meggie se perguntava por onde andaria Dedo Empoeirado e se Farid ainda estava com ele, como estava Elinor e se ela também se perguntava onde eles estariam.

Não havia resposta para nenhuma dessas perguntas, e Meggie também não

descobriu o que Fenoglio fazia atrás da porta de seu escritório.

— Ele morde o lápis — relatou Paula, uma vez em que conseguiu se esconder debaixo da escrivaninha. — Ele morde o lápis e fica andando para lá e para cá.

— Mo, quando vamos nos encontrar com Elinor? — Meggie perguntou na segunda noite, quando notou que ele não conseguia dormir de novo. Ela se sentou na beira da cama dele. Rangia tanto quanto a dela.

— Logo — ele respondeu. — Mas agora vá dormir, está bem?

— Você sente falta dela?

A própria Meggie não sabia de onde viera aquela pergunta tão direta. Ela simplesmente estava em sua língua e teve que sair.

Mo demorou para responder.

— Às vezes — ele respondeu finalmente. — De manhã, à tarde, à noite. Quase sempre.

Meggie sentiu o ciúme cravar suas pequenas garras no coração dela. Ela conhecia a sensação, que aparecia sempre que Mo arranjava uma nova amiga. Mas ciúmes da própria mãe?

— Conte-me sobre ela! — Meggie disse baixinho. — Mas nada de histórias inventadas, como as que você me contava antigamente.

Antigamente, ela havia procurado em seus livros uma mãe que combinasse com ela, mas em seus livros preferidos quase não havia mães. Tom Sawyer? Sem mãe. Huck Finn? Também. Peter Pan, os meninos perdidos? Nada de mãe à vista. Jim Knopf, órfão. E nos contos de fadas só havia madrastas malvadas, mães ciumentas sem coração… a lista poderia continuar indefinidamente. Antigamente, isso consolara Meggie. Não ter mãe não parecia ser tão fora do comum. Pelo menos não em suas histórias preferidas.

— O que você quer que eu conte? — Mo olhou para a janela. Lá fora os gatos estavam brigando novamente. Seus gritos soavam como o choro de bebês. — Você se parece mais com ela do que comigo. Felizmente. Ela ri como você, ela come uma mecha de cabelo enquanto lê, igualzinha a você. Ela é míope, mas é vaidosa demais para usar óculos…

— Entendo.

Meggie sentou-se ao lado dele. O braço de Mo quase não doía mais, a mordida do cão de Basta estava praticamente curada. Mas ficaria uma cicatriz, clara como aquela deixada nove anos antes pela navalha de Basta.

— Como você entende? Eu gosto de óculos — disse Mo.

— Eu não. E daí?…

— Ela gosta de pedras, pedras chatas e arredondadas, que acariciam a mão. Ela sempre anda com uma ou duas na bolsa. Além disso, ela tem o hábito de colocá-las em cima dos livros, principalmente dos livros de bolso, porque não gosta de capas com pontas viradas. Mas você sempre pegava as pedras dela e as fazia rolar no chão.

— Então ela ficava zangada.

— Que nada. Ela fazia cócegas no seu pescoço gordinho até você largar as pedras. — Mo virou-se para ela. — Você realmente não sente falta dela, Meggie?

— Não sei. Só quando estou zangada com você.

— Então mais ou menos umas doze vezes por dia.

— Imagine! — Meggie cutucou-o com o cotovelo.

Os dois escutaram a noite. A janela estava um pouco aberta e lá fora estava quieto. Os gatos haviam sumido, provavelmente estavam lambendo as feridas. Quase sempre havia um gato malhado com uma orelha rasgada na frente da venda. Por um momento, Meggie pensou ouvir o barulho do mar ao longe, mas talvez fosse apenas a estrada ali perto.

— Para onde você acha que foi Dedo Empoeirado?

A escuridão a envolvia como uma toalha macia. “Vou sentir falta do calor”, ela pensou. “Vou mesmo.”

— Não sei — respondeu Mo, e sua voz soou ausente. — Espero que para bem longe, mas não estou muito certo.

Não, Meggie também não estava.

— Você acha que o garoto ainda está com ele?

Farid. Ela gostava desse nome.

— Acho que sim. Ele anda atrás dele como um cão.

— Eu gosto dele. Você acha que Dedo Empoeirado também gosta?

Mo sacudiu os ombros.

— Não sei do que ou de quem Dedo Empoeirado gosta.

Meggie encostou a cabeça em seu peito, como sempre fazia em casa quando ele lhe contava uma história.

— Ele ainda quer o livro, não é? — ela sussurrou. — Basta vai picá-lo em pedacinhos se o apanhar. Ele já deve ter uma nova navalha.

Lá fora, alguém andava pela estreita viela. Uma porta se abriu e se fechou, um cão latiu.

— Se você não existisse — disse Mo —, eu também voltaria.

30. Pippo tagarela

— Vocês foram mal-informados — disse-lhe Flor-de-manteiga. — Aqui não há nenhuma aldeia em muitas milhas.

— Então também não há ninguém que possa ouvi-la gritar — disse o siciliano, e saltou até ela com uma agilidade incrível.

William Goldman, *O noivo da princesa*

Na manhã seguinte, por volta das dez horas, Elinor telefonou para a casa de Fenoglio. Meggie estava com Mo no sótão, observando-o libertar um livro de sua capa mofada, com tanto cuidado como se salvasse um animal ferido de uma armadilha.

— Mortimer! — chamou Fenoglio pela escada. — Tem uma mulher histérica ao telefone gritando coisas incompreensíveis no meu ouvido. Ela afirma ser uma amiga sua.

Mo largou o livro sem capa e desceu. Fenoglio passou-lhe o fone com má vontade. A voz de Elinor vomitava raiva e desespero no ambiente pacífico do escritório. Mo esforçava-se por tirar um sentido de tudo o que ela despejava em seu ouvido.

— Como ele sabia… ah, claro… — Meggie o ouviu dizer. — Queimados? Todos?

Ele passou a mão no rosto e olhou para Meggie, mas ela teve a sensação de que seu olhar a atravessava.

— Está bem… Sim, com certeza, embora eu receie que também nesse caso eles não acreditem numa só palavra sua. E isso que aconteceu com os livros não é da competência da polícia local?… Ah, sei. É claro… Irei buscá-la. Certo.

Então ele pôs o fone no gancho.

Fenoglio não conseguiu esconder sua curiosidade. Ele farejava uma nova história.

— O que foi isso agora? — perguntou, impaciente, enquanto Mo ficou parado olhando para o telefone.

Era sábado. Rico estava pendurado nas costas de Fenoglio como um macaquinho, mas as outras crianças ainda não haviam aparecido.

— Mortimer, o que foi? Você não fala mais conosco? Olhe para o seu pai, Meggie! Ali parado feito um estafermo!

— Era Elinor — disse Mo. — A tia da mãe de Meggie. Eu contei sobre ela para você. Os homens de Capricórnio invadiram a casa dela. Tiraram os livros das estantes da casa inteira e os usaram como capachos, e os livros que estavam na biblioteca — ele hesitou um momento antes de continuar —, os livros mais preciosos, eles levaram para fora e queimaram no jardim. Tudo o que ela encontrou na biblioteca foi um galo morto.

Fenoglio fez seu neto escorregar de suas costas.

— Rico, vá dar uma olhada nos gatinhos! — ele disse. — Isto aqui não é para os seus ouvidos.

Rico protestou, mas seu avô empurrou-o impiedosamente para fora do escritório e fechou a porta.

— Como você tem tanta certeza de que foram os homens de Capricórnio? — ele perguntou ao voltar-se para Mo novamente.

— E quem mais seria? Além disso, pelo que me lembro, o galo vermelho é a marca registrada dele. Você se esqueceu da sua própria história?

Fenoglio calou-se com uma expressão aflita.

— Não, não, eu me lembro — ele murmurou.

— E como está Elinor? — Meggie esperou a resposta de Mo com o coração disparado.

— Felizmente ela ainda não havia chegado em casa, demorou no caminho de volta. Graças aos céus. Mas você pode imaginar como ela está. Os livros mais bonitos, meu Deus…

Fenoglio recolheu com pressa alguns soldados de brinquedo que estavam em seu tapete.

— Sim, Capricórnio ama o fogo — ele disse com a voz embargada. — Se foi ele de fato, sua amiga pode se dar por sortuda que ele não a tenha queimado junto com os livros de uma vez.

— Direi isso a ela.

Mo pegou uma caixa de fósforos que estava sobre a escrivaninha de Fenoglio, ergueu-a e abaixou-a de novo lentamente.

— E os meus livros? — Meggie teve que criar coragem para fazer a pergunta. — Meu baú, que estava escondido debaixo da cama?

Mo pôs a caixa de fósforos de volta em cima da escrivaninha.

— Esta é a única boa notícia — ele disse. — Nada aconteceu com o seu baú. Ele ainda está lá debaixo da cama. Elinor conferiu.

Meggie respirou aliviada. Será que havia sido Basta quem pusera fogo nos livros? Não, Basta tinha medo do fogo, ela se lembrava muito bem de como Dedo Empoeirado havia zombado dele. Mas, no final das contas, não fazia diferença qual dos casacos-pretos tinha sido. Os tesouros de Elinor haviam ido embora, e nem mesmo Mo podia trazê-los de volta.

— Elinor está vindo para cá de avião, tenho que ir buscá-la — disse Mo. — Ela encasquetou que tem que pôr a polícia atrás de Capricórnio. Eu disse a ela que acho perda de tempo. Mesmo se ela pudesse provar que foram os capangas dele que invadiram a casa dela, como pretende provar que foi ele quem deu a ordem? Mas você conhece Elinor.

Meggie concordou com uma expressão abatida. Sim, ela conhecia Elinor, e entendia muito bem a reação dela.

Mas Fenoglio riu.

— A polícia! É inútil querer pegar Capricórnio com a polícia! — ele exclamou. — Capricórnio faz as próprias regras, as próprias leis…

— Pare! Isso não é um livro que você está escrevendo! — Mo interrompeu-o em tom rude. — Talvez seja muito divertido inventar alguém como Capricórnio, mas pode acreditar que não é nem um pouco divertido encontrar-se com ele. Estou indo para o aeroporto, Meggie fica aqui. Cuide bem dela.

Antes que Meggie pudesse protestar, ele já saíra pela porta. Ela foi para a rua atrás dele, mas Paula e Pippo vieram ao seu encontro. Eles a seguraram e tentaram levá-la consigo. Queriam brincar com ela de canibal, de bruxa, do monstro de seis braços — personagens das histórias de seu avô, com os quais eles povoavam seu mundo e suas brincadeiras. Quando Meggie finalmente conseguiu se soltar daquelas mãozinhas, Mo

já estava longe. O lugar onde ele havia estacionado o carro alugado estava vazio, e Meggie ficou na piazza, sozinha com o monumento aos mortos e alguns velhos que contemplavam o mar, com as mãos enfiadas no bolso da calça.

Indecisa, ela andou lentamente até os degraus diante do monumento e se sentou. Não estava com vontade de correr pela casa atrás dos netos de Fenoglio nem de brincar de esconde-esconde. Não, ela só queria ficar sentada ali e esperar pelo regresso de Mo. O vento quente que havia soprado na noite passada, deixando uma fina camada de areia nos peitoris das janelas, já tinha ido embora. O ar estava mais frio do que nos dias anteriores. O céu ainda estava claro sobre o mar, mas algumas nuvens cinzentas se aproximavam vindas da direção das colinas e, a cada vez que o sol desaparecia atrás delas, uma sombra se espalhava sobre os telhados do vilarejo fazendo Meggie sentir um arrepio.

Um gato chegou perto dela de mansinho, com as pernas esticadas, o rabo apontando para o alto. Era um bichano magro cheio de carrapatos, com costelas desenhadas como listras sob seu fino pelo cinzento. Meggie chamou-o baixinho até que ele pôs a cabeça debaixo do braço dela e, ronronando, pediu uns dedos carinhosos. Ele parecia não ter dono, estava sem coleira e não possuía um dedo de gordura que indicasse que alguém cuidava dele. Meggie coçou suas orelhinhas, o queixo, as costas, enquanto olhava para a rua que desaparecia no final da aldeia, depois de uma curva fechada.

A que distância ficava o aeroporto? Meggie apoiou o rosto nas mãos. Acima dela, as nuvens se acumulavam cada vez mais ameaçadoras. Elas se tornavam mais densas e avançavam, cinzentas de chuva.

O gato esfregou as costas no joelho de Meggie e, enquanto os dedos dela acariciavam o pelo sujo, de repente mais uma pergunta lhe veio à mente. E se Dedo Empoeirado não tivesse contado a Capricórnio apenas sobre a casa de Elinor? E se ele também tivesse contado onde *ela* e Mo moravam? Também haveria um monte de cinzas esperando por eles no sítio? Não. Ela não queria pensar nisso. “Ele não sabe!”, ela sussurrou. “Ele não sabe de nada, Dedo Empoeirado não lhe contou”, ela repetiu várias vezes, como uma esconjuração.

Em algum momento, Meggie sentiu uma gota de chuva na mão, depois mais uma. Ela olhou para o céu. Não havia mais um pedacinho azul. Como a proximidade do mar fazia o tempo mudar depressa! “Bem, é melhor esperar no apartamento”, ela pensou.

Talvez lá ainda houvesse um pouco de leite para o gato. O pobre bichinho não pesava mais do que um lenço. Meggie teve medo de quebrar alguma coisa nele quando o ergueu.

Dentro do apartamento estava escuro como o breu. Mo havia fechado as janelas de manhã para que não ficasse muito quente com o sol. Meggie estava tiritando de frio quando entrou no quarto, ensopada pela chuvinha fina. Ela pôs o gato em cima de sua cama desfeita, vestiu o pulôver enorme de Mo e foi até a cozinha. A caixa de leite estava quase vazia, mas o pouco que havia, dissolvido num tanto de água, foi suficiente para encher uma tigelinha.

O gato quase tropeçou nas próprias patas, de tão afoito que correu quando Meggie pôs o leite ao lado da cama. Lá fora a chuva engrossava cada vez mais. Meggie ouviu o barulho das gotas batendo na calçada. Ela abriu a janela. A faixa de céu entre os telhados estava escura, como se o sol já estivesse se pondo. Meggie andou devagar até a cama de Mo e sentou-se em cima dela. O gato ainda lambia a tigela, sua linguinha passava avidamente sobre a porcelana florida na esperança de saborear uma última gota. Meggie ouviu passos do lado de fora, e então alguém bateu na porta. Quem seria? Era impossível que Mo já estivesse de volta. Ou será que ele havia esquecido alguma coisa? O gato sumira, provavelmente se escondera debaixo da cama.

— Quem é? — perguntou Meggie.

— Meggie! — chamou uma voz de criança.

Claro, era Paula ou Pippo. Sim, devia ser Pippo. Talvez os dois quisessem que ela fosse procurar formigas com eles, apesar da chuva. Debaixo da cama, uma pata cinzenta assomou e agarrou o cadarço de seu tênis. Meggie entrou no corredor estreito.

— Não tenho tempo para brincar agora! — ela exclamou através da porta fechada.

— Por favor, Meggie! — suplicou a voz de Pippo.

Com um suspiro, Meggie abriu a porta.

E deu de cara com Basta.

— Olha só quem está aqui! — ele disse com uma voz baixa e ameaçadora, enquanto seus dedos seguravam o pescoço fino de Pippo. — O que você me diz,

Nariz Chato? Ela não tem tempo para brincar.

Basta empurrou Meggie bruscamente para trás e entrou com Pippo pela porta. Nariz Chato, é claro, também estava lá. Seu vasto tórax quase não passou pela porta.

— Solte-o! — Meggie ordenou para Basta com voz trêmula. — Você está machucando o menino.

— Estou? — Basta olhou para o rosto pálido de Pippo. — Isso não seria gentil da minha parte, já que ele nos mostrou onde você estava escondida.

Dizendo isso, ele apertou ainda mais o pescoço de Pippo.

— Sabe quanto tempo nós ficamos naquela cabana imunda? — ele sussurrou para Meggie.

Ela deu um passo para trás.

— Muuuito tempo! — Basta esticou a palavra e chegou perto de Meggie com sua cara de raposa, tão perto que ela viu o seu próprio reflexo nos olhos dele. — Não é verdade, Nariz Chato?

— Aqueles ratos malditos quase me devoraram os dedos dos pés — resmungou o gigante. — Em troca, eu gostaria muito de girar o nariz dessa bruxinha até ele ficar virado de ponta-cabeça na cara dela.

— Talvez mais tarde. — Basta empurrou Meggie para o quarto escuro. — Onde está o seu pai? O pequeno aqui disse que ele saiu. Para onde ele foi?

Ele soltou o pescoço de Pippo e deu um empurrão tão violento em suas costas que o menino tropeçou em Meggie.

— Fazer compras. — Meggie mal conseguia respirar de medo. — Como você nos encontrou?

E ela mesma se deu a resposta. Dedo Empoeirado. É claro. Quem mais? Mas em troca do que ele os traíra desta vez?

— Dedo Empoeirado — respondeu Basta como se tivesse lido seus pensamentos. — Não há muitos malucos neste mundo que andam por aí cuspindo fogo e possuem uma marta domesticada, que dirá uma com chifres. Só tivemos que perguntar um pouco por aí, e quando encontramos a pista de Dedo Empoeirado, obviamente encontramos a do seu pai também. E com certeza já lhes teríamos feito uma visita

antes, se este cabeça de vento — ele deu uma cotovelada tão forte no estômago de Nariz Chato que este soltou um grunhido de dor — não tivesse perdido vocês de vista no caminho para cá. Vasculhamos um monte de aldeias, gastamos a saliva e a sola dos sapatos, até que finalmente chegamos aqui e perguntamos para um desses velhos que ficam o dia inteiro olhando para o mar se ele lembrava das cicatrizes de Dedo Empoeirado. Onde ele se enfiou? Ele também foi fazer compras?

Ao dizer isso, Basta fez uma cara de deboche. Meggie sacudiu a cabeça.

— Ele foi embora — ela respondeu com a voz sumida. — Já faz tempo.

Então Dedo Empoeirado não os traíra. Não daquela vez. E Basta o deixara escapar por entre os dedos. Meggie quase sorriu.

— Vocês queimaram os livros de Elinor! — ela disse enquanto estreitava Pippo, ainda emudecido de medo, junto de si. — Vocês ainda vão se arrepender.

— Ah, é? — Basta deu um sorriso malvado. — Por quê? Cockerell divertiu-se à beça. Mas agora chega desse papo furado, nós não temos todo o tempo do mundo. O menino aí — Pippo afastou-se do dedo indicador de Basta como se ele fosse uma faca — nos contou algumas coisas estranhas sobre um avô que escreve livros, e sobre um livro que interessava muito ao seu pai.

Meggie engoliu a saliva. Mas que bobo era aquele Pippo. Que fedelho bobo e tagarela.

— O gato comeu sua língua? — perguntou Basta. — Talvez eu deva apertar um pouco mais o pescocinho magro do garoto?

Pippo começou a chorar e enfiou o rosto no pulôver de Mo, que Meggie ainda estava usando. Ela passou a mão em seus cabelos crespos, tentando consolá-lo.

— Esse livro não está mais com o avô dele! — ela gritou para Basta. — Vocês já o roubaram!

Sua voz soou rouca de ódio, e ela sentiu enjoo de seus próprios pensamentos. Ela queria chutar Basta, bater nele, enfiar na barriga do desgraçado a navalha novinha em folha que estava no cinto dele.

— Roubamos? É, pode ser — Basta deu um sorriso amarelo para Nariz Chato. — Mas preferimos nos convencer disso pessoalmente, não é?

Nariz Chato fez que sim com um ar ausente, e olhou para os lados.

— Ei, você está ouvindo?

Embaixo da cama, soou um ruído de algo raspando. Nariz Chato ajoelhou-se no chão, ergueu o lençol e passou o cano da espingarda sob a cama. O gatinho cinzento rosnou e disparou para fora de seu esconderijo. Quando Nariz Chato quis apanhá-lo, ele enfiou as garras em seu rosto deformado. Com um grito de dor, Nariz Chato se pôs de pé.

— Vou torcer o pescoço dele! — berrou. — E partir a nuca ao meio!

Meggie quis interceptá-lo quando ele foi para cima do gato, mas Basta se adiantou.

— Você não vai encostar a mão nele! — ele ralhou com Nariz Chato, enquanto o gatinho sumia atrás do armário. — Matar gatos dá azar. Quantas vezes ainda vou ter que lhe dizer isso?

— Que idiotice! Isso é uma superstição imbecil! Já torci o pescoço de muitas dessas bestas! — vociferou Nariz Chato enquanto passava a mão no rosto arranhado. — E por acaso tive mais azar do que você por causa disso? Às vezes você me enlouquece com essa sua ladainha: "Não pise na sombra que dá azar... Ei, você pisou primeiro com o pé esquerdo, dá azar!... Alguém bocejou. Droga, amanhã vou cair morto!".

— Pare! — vociferou Basta. — As suas lamúrias é que estão me enlouquecendo! Leve as crianças para a porta.

Pippo agarrou-se em Meggie quando Nariz Chato os arrastou pelo corredor.

— Mas por que esta choradeira? — ele rosnou no ouvido do menino. — Nós vamos visitar o seu avô!

Pippo não largou a mão de Meggie um só instante enquanto eles cambaleavam atrás de Nariz Chato. Ele a agarrou com tanta força que ela sentiu suas unhinhas curtas cravadas na pele. "Por que Mo não me escutou?", ela pensou. "Podíamos ter ido para casa."

A chuva ainda estava forte. Meggie sentia escorrer as gotas em seu rosto e na nuca. As vielas estavam desertas, não havia ninguém que pudesse ajudá-los. Basta ia logo atrás, ela o ouviu amaldiçoar a chuva em voz baixa. Quando eles chegaram à casa de Fenoglio, Meggie estava com os pés ensopados e Pippo com os cachos grudados na cabeça. "Talvez ele não esteja em casa!", pensou Meggie, esperançosa, e se perguntou

o que Basta faria se a porta vermelha se abrisse e Fenoglio aparecesse diante dele.

— Por acaso vocês foram enfeitiçados por algum mau espírito para ficarem na rua com esse tempo? — esbravejou o velho escritor. — Já estava indo procurá-los. Entrem, depressa!

— E nós também podemos entrar?

Basta e Nariz Chato haviam encostado na parede ao lado da porta, para que Fenoglio não os visse de imediato, mas agora Basta estava atrás de Meggie e punha as mãos nos ombros dela. Enquanto Fenoglio ainda olhava para ele estupefato, Nariz Chato deu um passo e pôs o pé na porta aberta. Pippo passou por ele lépido como um peixe e desapareceu dentro da casa.

— Quem são eles? — Fenoglio lançou um olhar de censura para Meggie, como se ela tivesse trazido os dois por vontade própria. — São amigos do seu pai?

Meggie enxugou a chuva do rosto e retribuiu o olhar de censura.

— Você deveria conhecê-los melhor do que eu! — ela disse.

— Conhecê-los? — Fenoglio olhou para ela desentendido. Então ele voltou o olhar para Basta mais uma vez, e seu rosto ficou pasmo. — Meu Deus! Não pode ser.

A cabeça de Paula apareceu atrás dele.

— Pippo está chorando — ela disse. — Ele se escondeu no armário!

— Fique com ele! — disse Fenoglio sem tirar os olhos de Basta. — Eu já vou.

— Quanto tempo ainda vamos ficar aqui fora, Basta? — resmungou Nariz Chato. — Até encolhermos?

— Basta! — repetiu Fenoglio, sem se mexer do lugar.

— Sim, é este o meu nome, velho! — Os olhos de Basta se estreitavam sempre que ele ria. — Estamos aqui porque você tem algo que nos interessa muito, um livro…

É claro. Meggie quase desatou a rir. Ele não estava entendendo nada! Basta não sabia quem era Fenoglio. E como saberia? Como ele podia saber que aquele velho homem o havia inventado, criado com papel e tinta, seu rosto, sua navalha e sua maldade?

— Chega de conversa! — grunhiu Nariz Chato. — As minhas orelhas já estão cheias d'água.

Ele tirou Fenoglio do caminho como se fosse uma mosca inoportuna e entrou na casa. Basta o seguiu com Meggie. Pippo ainda estava chorando na cozinha, dentro do armário. Paula permanecia diante da porta fechada tentando consolá-lo. Quando Fenoglio entrou na cozinha com os estranhos, ela se virou e olhou preocupada para o rosto de Nariz Chato. Ele estava com uma cara fechada, como sempre. Parecia simplesmente não ter sido feito para sorrir.

Fenoglio sentou-se à mesa e fez um sinal para Paula se aproximar.

— Então, onde ele está?

Basta olhou ao redor, mas Fenoglio estava absorto demais na contemplação de suas criaturas, e não respondeu. Chamava-lhe a atenção principalmente Basta, de quem não tirava os olhos, como se não pudesse acreditar no que via.

— Eu já disse, não há mais nenhum livro aqui! — Meggie respondeu por ele.

Basta fingiu que não ouviu, e fez um sinal impaciente para Nariz Chato.

— Vá procurar — ele ordenou. Nariz Chato obedeceu mal-humorado.

Meggie ouviu como ele batia os pés na estreita escada de madeira que levava para o sótão.

— Bem, agora me diga, sua pequena bruxa! Como vocês vieram parar aqui na casa do velho? — Basta deu um empurrão nas costas dele. — Como souberam que ele ainda tinha um exemplar?

Meggie lançou um olhar de advertência para Fenoglio, mas infelizmente sua língua era tão solta quanto a de Pippo.

— Como eles vieram até mim? Eu escrevi o livro! — proclamou, orgulhoso, o velho escritor.

Talvez ele esperasse que Basta se ajoelhasse a seus pés imediatamente, mas ele apenas contraiu os lábios num sorriso piedoso.

— É claro! — ele disse, tirando a navalha do cinto.

— É verdade, foi ele quem escreveu o livro! — Meggie simplesmente não conseguiu engolir as palavras.

Ela queria ver no rosto de Basta o mesmo medo que havia feito Dedo Empoeirado empalidecer quando soubera sobre Fenoglio, mas Basta apenas riu e começou a fazer entalhes na mesa da cozinha.

— E esta história quem foi que inventou? — ele perguntou. — O seu pai? Eu tenho cara de bobo por acaso? Todo mundo sabe que as histórias dos livros são antiquíssimas, e foram copiadas por pessoas que já estão mortas e enterradas.

Ele enfiou a lâmina na madeira, tirou-a novamente e enfiou outra vez. Sobre sua cabeça, Nariz Chato andava para lá e para cá fazendo grande barulho.

— Mortas e enterradas, que interessante. — Fenoglio pôs Paula em seu colo. — Você ouviu, Paula? Esse jovem pensa que todos os livros foram escritos em tempos remotos, por pessoas que já morreram e pegaram as histórias Deus sabe lá de onde. Vai ver elas as colheram do ar…

Paula deu uma risadinha. Dentro do armário, agora reinava silêncio. Provavelmente Pippo estava lá, sem respirar e com o ouvido grudado na porta.

— O que é que tem de tão engraçado nisso? — Basta empertigou-se como uma cobra em cujo rabo alguém houvesse pisado.

Fenoglio não lhe deu atenção. Contemplou suas próprias mãos com um sorriso, como se rememorasse o dia em que começara a escrever a história de Basta. Então ele olhou para Basta.

— Você… sempre usa mangas compridas, não é mesmo? — ele disse. — Quer que eu lhe diga por quê?

Basta apertou os olhos e ergueu o olhar para o teto.

— Que diabos, por que esse idiota precisa demorar tanto para encontrar um livro?

Fenoglio olhava para ele com os braços cruzados.

— É muito simples: porque ele não sabe ler! — disse baixinho. — Você também não sabe, ou será que aprendeu nesse meio-tempo? Nenhum dos homens de Capricórnio sabe, nem mesmo o próprio Capricórnio.

Basta cravou a navalha tão fundo no tampo da mesa que teve que fazer força para tirá-la.

— É claro que ele sabe ler, do que você está falando? — Ele curvou-se sobre a mesa com um ar ameaçador. — Não gosto da sua conversa, velho. Que tal se eu fizesse mais umas rugas na sua cara?

Fenoglio sorriu. Talvez ele pensasse que Basta não poderia lhe fazer nada porque ele o havia inventado. Meggie não estava tão certa disso.

— Você usa mangas compridas — continuou Fenoglio lentamente, como se quisesse dar tempo a Basta para entender bem cada palavra — porque o seu chefe gosta de brincar com fogo. Você queimou os dois braços, até os ombros, quando incendiou para ele a casa de um homem que ousou negar a filha a Capricórnio. Desde então, é um outro capanga que ateia o fogo, e você se limita a lidar com a navalha.

Basta levantou-se tão bruscamente que Paula desceu do colo de Fenoglio e se escondeu debaixo da mesa.

— Você gosta de bancar o sabichão! — ele rosnou enquanto apontava a navalha para o queixo de Fenoglio. — Só que você apenas leu o maldito livro. E daí?

Fenoglio olhou em seus olhos. A faca em seu queixo não parecia assustá-lo tanto quanto a Meggie, nem de longe.

— Sei tudo sobre você, Basta — ele disse. — Sei que você daria a sua vida por Capricórnio a qualquer momento, e que anseia todos os dias por um elogio dele. Sei que você era mais novo do que Meggie quando os capangas dele o recolheram e que, desde então, você o considera uma espécie de pai. Mas quer que eu lhe conte uma coisa? Capricórnio acha que você é burro, e o despreza por isso. Ele despreza todos vocês, filhos tão dedicados, embora ele mesmo tenha providenciado para que continuassem burros. E ele entregaria todos à polícia sem vacilar, se isso trouxesse algum proveito para ele. Você sabia?

— Feche essa boca suja, velho idiota! — a faca de Basta estava perigosamente perto do rosto de Fenoglio. Por um instante, Meggie achou que ele fosse cortar o nariz do escritor. — Você não sabe nada sobre Capricórnio. A não ser o que leu naquele livro idiota, e acho que agora eu deveria lhe cortar o pescoço!

— Espere!

Basta virou-se para Meggie.

— Não se meta! Depois eu cuido de você, sua pirralha insolente — ele disse.

Fenoglio havia posto as mãos no pescoço e olhava estupefato para Basta. Pelo jeito, ele finalmente compreendera que não estava seguro contra a navalha do personagem.

— É verdade! Você não pode matá-lo! — exclamou Meggie. — Senão…

Basta passou o polegar na lâmina da faca.

— Senão o quê?

Meggie procurava desesperadamente pelas palavras certas. O que ela poderia responder? O quê?

— Porque… Capricórnio também morreria! — ela exclamou. — Sim! Isso mesmo! Todos vocês morreriam, você, Nariz Chato e Capricórnio… Se você matar esse velho escritor, vocês morrerão, porque foi ele quem inventou todos vocês!

Basta esticou os lábios num sorriso desdenhoso, mas abaixou a navalha. E por um momento Meggie acreditou perceber em seus olhos algo que poderia ser medo.

Fenoglio olhou para ela aliviado.

Basta deu um passo para trás, examinou a lâmina atentamente, como se tivesse encontrado nela uma mancha, e lustrou-a com uma ponta de seu paletó preto.

— Não acredito numa única palavra de vocês, só para deixar claro! — ele disse. — Mas essa história é tão maluca que talvez o próprio Capricórnio também queira ouvi-la.

Ele lançou um último olhar para a navalha reluzente, fechou-a e enfiou-a de volta no cinto.

— Por isso não levaremos apenas a menina e o livro, mas também o velho.

Meggie ouviu como Fenoglio respirou fundo. Ela mesma não tinha certeza se seu próprio coração ainda batia, de tanto medo que estava sentindo. Basta a levaria. "Não!", ela pensou. "Não."

— Levar-me? Para onde? — perguntou Fenoglio.

— Pergunte à menina! — Basta apontou na direção de Meggie com um ar debochado. — Ela e o pai já tiveram a honra de ser nossos hóspedes. Pernoite, refeições, tudo incluído.

— Mas isso é um absurdo! — exclamou Fenoglio. — Eu pensei que vocês quisessem o livro.

— Pensou errado. Nem ao menos sabemos se ainda existe um. Viemos apenas para levar Língua Encantada de volta. Capricórnio não gosta nem um pouco quando seus hóspedes partem sem se despedir, e Língua Encantada é um hóspede muito especial, não é verdade, meu amor? — Basta piscou para Meggie. — Mas ele não está aqui, e eu tenho coisa melhor para fazer do que ficar esperando. Por isso levarei a filha dele, e ele virá atrás dela por conta própria.

Basta andou até Meggie e pôs o cabelo dela atrás da orelha.

— Ela não é uma bela isca? — ele perguntou. — Acredite em mim, meu velho: quando se tem a filha, tem-se o pai também, como um urso amestrado com uma argola no nariz.

Meggie tirou a mão dele com um tapa. Ela estava tremendo de raiva.

— Não faça isso de novo! — Basta sussurrou em seu ouvido.

Meggie ficou contente ao ouvir os passos pesados de Nariz Chato descendo a escada nesse momento. Esbaforido, ele apareceu na porta da cozinha com uma pilha de livros debaixo do braço.

— Tome! — ele exclamou enquanto os descarregava na mesa da cozinha. — Todos começam com essa argola aberta, e a menor fechada sempre vem depois. Exatamente como você desenhou para mim.

Ele pôs ao lado dos livros um papelzinho ensebado, onde estavam escritos um *C* meio torto, seguido de um *o*. As letras davam a impressão de ter sido escritas com muito esforço.

Basta espalhou os livros na mesa e separou-os com a navalha.

— Não — ele disse empurrando dois deles para fora da mesa, de forma que eles caíram no chão abertos e com as páginas dobradas. — Estes também não.

Mais dois foram parar no chão, e finalmente Basta varreu o resto de cima da mesa.

— Tem certeza que não há mais nenhum? — ele perguntou a Nariz Chato.

— Tenho.

— Ai de você se estiver enganado. Pode acreditar: quem estará encrencado será

você, e não eu.

Nariz Chato lançou um olhar preocupado para os livros aos seus pés.

— Ah, sim, mais uma pequena mudança: vamos levar também esse aí — Basta apontou para Fenoglio com a navalha. — Para que ele possa contar suas belas histórias para o chefe. Acredite, elas são realmente divertidas. E caso ele ainda tenha um livro escondido, lá em casa teremos tempo suficiente para lhe perguntar. Cuide do velho, que eu tomo conta da menina.

Nariz Chato acatou a ordem arrancando Fenoglio da cadeira. Basta agarrou o braço de Meggie. De volta para Capricórnio. Ela mordeu os lábios para não começar a chorar enquanto Basta a arrastava em direção à porta da cozinha. Não. Basta não veria uma lágrima sua, ela não lhe daria esse prazer. "Pelo menos eles não pegaram Mo!", ela pensou. E de repente, ela não conseguia pensar em outra coisa: e se eles cruzassem com Mo antes de saírem da aldeia? E se encontrassem Mo e Elinor?

De repente ela estava com pressa, mas Nariz Chato parara na porta.

— E a menina e o chorão dentro do armário? — ele perguntou.

O choro de Pippo parou, e o rosto de Fenoglio ficou mais branco do que a camisa de Basta.

— Bem, meu velho, o que você acha que vou fazer com os dois? — perguntou Basta com ar debochado. — Você que acha que sabe tudo sobre mim.

Fenoglio não disse uma palavra. Provavelmente passavam pela sua cabeça todas as crueldades que ele inventara para Basta.

Basta divertiu-se com o medo em seu rosto por alguns minutos preciosos, e depois se virou para Nariz Chato.

— Os pirralhos ficam — ele disse. — Uma criança já é suficiente.

Fenoglio custou para recuperar a voz.

— Paula, Pippo, vão para casa! — ele exclamou enquanto Nariz Chato os empurrava pelo corredor. — Ouviram? Imediatamente. Digam para sua mãe que viajei por uns dias! Entendido?

— Vamos passar mais uma vez no apartamento — ordenou Basta quando estavam lá fora na rua. — Esqueci completamente de deixar um recado para o seu pai. Afinal

ele precisa saber onde você está, não é mesmo?

"Que recado pode ser esse se você mal sabe escrever duas letras?", pensou Meggie, mas não disse nada, é claro. Durante todo o caminho, ela receava que Mo cruzasse com eles. Mas, quando eles chegaram ao apartamento, apenas uma velha senhora vinha descendo a rua.

— Uma palavra e eu volto para torcer o pescoço das duas crianças! — sussurrou Basta para Fenoglio quando a mulher afrouxou o passo.

— Olá, Rosália — disse Fenoglio com a voz abafada. —Tenho novos inquilinos para o meu apartamento. O que você me diz?

A desconfiança sumiu do rosto de Rosália, e em alguns instantes a mulher desapareceu no final da viela. Meggie abriu a porta e, pela segunda vez, deixou Basta e Nariz Chato entrarem no apartamento onde ela e Mo haviam se sentido tão seguros.

No corredor, ela se lembrou novamente do gatinho. Preocupada, olhou em volta, mas não conseguiu encontrá-lo em lugar algum.

— O gato precisa sair — ela disse quando eles estavam no quarto. — Senão ele vai morrer de fome.

Basta abriu a janela.

— Agora ele pode sair.

Nariz Chato bufou com desprezo, mas desta vez não disse nada sobre a superstição de Basta.

— Posso pegar alguma coisa para vestir? — perguntou Meggie.

Nariz Chato apenas grunhiu. E Fenoglio olhou infeliz para si mesmo.

— Eu também posso precisar de alguma coisa para vestir — ele disse, mas ninguém lhe deu atenção.

Basta estava ocupado em deixar seu bilhete. Cuidadosamente, com a ponta da língua entre os dentes, ele riscou seu nome no guarda-roupa com a navalha. BASTA. Mo entenderia muito bem o recado.

Meggie enfiou com pressa algumas coisas em sua mochila. Ficou com o pulôver de Mo. Quando ela ia enfiar os livros de Elinor entre as roupa, Basta tirou-os de sua mão.

— Eles ficam aqui! — ele disse.

Mo não veio ao encontro deles durante o caminho para o carro de Basta.

Durante todo o interminável caminho.

31. Nas colinas felpudas

— Deixe-a em paz — disse Merlim. — Talvez ela só queira ser amiga depois de conhecê-lo bem. Com as corujas as coisas não são assim pá-pum.

T. H. White, *O único e eterno rei*

Dedo Empoeirado avistou a aldeia de Capricórnio do alto da colina. Ela parecia estar ao alcance de sua mão. O sol espelhava-se em algumas janelas e, num dos telhados, um dos casacos-pretos trocava algumas telhas quebradas. Dedo Empoeirado podia vê-lo enxugando o suor da testa. Nem mesmo naquele calor infernal aqueles patetas tiravam o paletó, como se tivessem medo de se desfazer sem o uniforme negro. Pensando bem, os corvos também não tiravam suas penas no sol; e eles não passavam de um bando de corvos, predadores, carniceiros, que gostavam de enfiar o bico pontudo na carne morta.

No começo, o garoto ficara inquieto ao ver o quão próximo da aldeia de Capricórnio ficava o esconderijo que Dedo Empoeirado havia escolhido, mas ele havia lhe explicado que naquelas colinas não havia lugar mais seguro do que aquele. Os muros carbonizados estavam praticamente ocultos. Arbustos e ervas silvestres haviam se agarrado às pedras pretas de fuligem, e coberto com galhos verdes a dor e a infelicidade. Os homens de Capricórnio haviam incendiado a casa pouco depois de tomar posse da aldeia abandonada. A velha mulher que vivia na casa recusara-se a ir embora, mas Capricórnio não tolerava olhos curiosos tão perto de seu esconderijo. Então ele os soltara, seus corvos, seus homens de preto, e eles atearam fogo no galinheiro, que havia sido construído pela própria dona, e também na casa, na qual havia um quarto só. Eles pisotearam os canteiros plantados com tanto esmero e mataram a tiros o jumento, que era quase tão velho quanto sua dona. Como sempre, eles chegaram na calada da noite, mas a lua estava especialmente clara, conforme relatara a Dedo Empoeirado uma das criadas de Capricórnio. A velha senhora saíra atarantada da casa, chorando e gritando. Ela praguejou e vociferou contra todos, mas olhava o tempo inteiro apenas para um deles: Basta, que ficara um pouco afastado porque tinha medo do fogo, com sua camisa tão branca ao luar. Talvez ela tenha visto nele algo de inocência ou um bom coração. A um sinal de Basta, porém, Nariz Chato tapou a boca da mulher, enquanto os outros riam, e de repente ela estava morta. Ela foi deixada sem vida entre os canteiros pisoteados, e desde aquele dia não havia lugar

nas colinas que Basta temesse mais do que aquele lá em cima, onde as paredes carbonizadas despontavam entre os pés de tomilho selvagem. Sim, não havia melhor ponto para observar a aldeia de Capricórnio.

Dedo Empoeirado ficava a maior parte do tempo em cima de um dos carvalhos que outrora deviam ter fornecido sombra para a velhinha quando ela se sentava na frente de sua casa. Os galhos o escondiam com segurança de qualquer olhar curioso que se perdesse na encosta. Horas a fio, ele ficava ali, imóvel, observando o estacionamento e as casas com o binóculo. Ele ordenara a Farid que ficasse afastado, na baixada que havia atrás da casa. O garoto obedecera muito a contragosto. Ele não desgrudava de Dedo Empoeirado. Tinha medo de ficar na casa incendiada.

— O espírito dela ainda deve estar aqui — ele sempre dizia. — O espírito da velha. E se ela tiver sido uma bruxa?

Mas Dedo Empoeirado apenas ria dele. Naquele mundo não havia espíritos. Pelo menos, eles não davam as caras. A baixada atrás da casa era tão protegida que na véspera ele até mesmo se arriscara a acender uma fogueira. O garoto havia caçado um coelho, ele era muito hábil com armadilhas e muito menos piedoso do que Dedo Empoeirado. Quando Dedo Empoeirado pegava um coelho, só se aproximava da armadilha quando estivesse seguro de que o bichinho não se debatia mais. Farid não tinha essa compaixão. Talvez ele tivesse passado fome muitas vezes.

Com que admiração ele ficava assistindo sempre que Dedo Empoeirado fazia fogo com alguns galhos finos! O garoto já havia queimado todos os dedos em suas brincadeiras. O fogo lhe mordera o nariz e os lábios, mas mesmo assim Dedo Empoeirado sempre o surpreendia confeccionando tochas com algodão e galhos finos, ou brincando com palitos de fósforo. Uma vez ele pôs fogo na grama seca, e Dedo Empoeirado o agarrou e o sacudiu como a um cachorro desobediente, até que lhe vieram lágrimas nos olhos.

— Ouça bem, vou lhe dizer pela última vez! O fogo é um animal perigoso! — ele dissera, furioso. — Ele não é seu amigo. Ele o matará se você o tratar da maneira errada, e o denunciará aos seus inimigos com a fumaça!

— Mas ele é seu amigo! — o garoto balbuciara com uma voz desafiadora.

— Que besteira! Eu só não sou imprudente. Eu presto atenção no vento! Eu já lhe disse milhares de vezes: não faça fogo quando está ventando. Agora suma daqui e vá procurar Gwin.

— Ele é seu amigo, sim! — o garoto murmurara antes de sair. — Pelo menos ele lhe obedece mais do que a marta.

Farid tinha razão. O que não significava muita coisa, pois uma marta obedece apenas a si mesma, e naquele mundo o fogo não era nem um décimo tão obediente como no outro. Lá, as chamas tomavam a forma de flores quando Dedo Empoeirado lhes ordenava. Elas se ramificavam feito árvores na noite e lançavam uma chuva de fagulhas sobre ele. Elas gritavam e sussurravam com suas vozes crepitantes e dançavam com ele. Ali as chamas eram dóceis e teimosas ao mesmo tempo, estranhos bichos mudos, que de vez em quando mordiam a mão que os alimentava. Apenas algumas vezes, nas noites frias, quando o fogo era a única coisa que espantava a solidão, ele acreditava ouvir sussurros, mas eram palavras incompreensíveis.

Apesar disso, o garoto provavelmente tinha razão. O fogo era seu amigo, mas também era o culpado de que Capricórnio o tivesse chamado, lá na outra vida. "Mostre-me como lidar com o fogo", ele dissera quando seus homens o haviam levado até ele, e Dedo Empoeirado obedecera. Hoje ele se arrependia do quanto lhe havia ensinado, pois Capricórnio gostava de soltar as rédeas do fogo e só as retomava quando já estivesse saciado, depois de devorar colheitas e estábulos, casas e tudo o que não fosse capaz de fugir a tempo.

— Ele ainda não voltou? — Farid encostou-se no tronco áspero da árvore.

O garoto era silencioso como uma cobra. Dedo Empoeirado levava um susto sempre que ele aparecia tão repentinamente.

— Ainda não! — ele respondeu. — A sorte está sorrindo para nós.

No primeiro dia, o carro de Capricórnio ainda estava no estacionamento, mas à tarde dois de seus ajudantes puseram-se a lustrá-lo até brilhar como um espelho e, pouco antes de escurecer, ele partira. Capricórnio saía com frequência, para os lugarejos na costa ou para uma de suas bases, como ele gostava de chamar, embora a maior parte delas não passasse de uma cabana na floresta com um ou dois homens entediados. Ele próprio não sabia guiar um automóvel melhor do que Dedo Empoeirado; alguns de seus homens sabiam, embora quase nenhum deles possuísse carteira de motorista por não saberem ler.

— Esta noite eu vou descer de novo — disse Dedo Empoeirado. — Ele não vai ficar muito tempo fora, e Basta com certeza logo estará de volta.

O carro de Basta não fora visto no estacionamento desde que eles haviam chegado. Será que ele e Nariz Chato ainda estavam amarrados na cabana abandonada?

— Ótimo! Quando iremos? — A voz de Farid soou como se ele quisesse partir imediatamente. — Logo após o pôr do sol? Nessa hora estarão todos na igreja jantando.

Dedo Empoeirado espantou uma mosca do binóculo.

— Irei sozinho. Você ficará aqui tomando conta das nossas coisas.

— Não!

— Sim. É muito perigoso. Quero visitar alguém, e para isso terei que entrar no pátio da casa de Capricórnio.

O garoto olhou para ele espantado. Seus olhos eram negros e às vezes pareciam já ter visto muitas coisas.

— Por que esse espanto, hein? — Dedo Empoeirado reprimiu um sorriso. — Você não pensou que eu pudesse ter amigos na casa de Capricórnio?

O garoto sacudiu os ombros e olhou para a aldeia. Um veículo acabava de entrar no estacionamento, uma caminhonete empoeirada. No compartimento de carga havia duas cabras.

— Lá se vão novamente as cabras de um camponês! — murmurou Dedo Empoeirado. — Ele foi inteligente em deixá-las ir, senão o mais tardar hoje à noite haveria um bilhete na porta do seu estábulo.

Farid olhou intrigado para ele.

— "*Amanhã o galo vermelho cantará*", estaria escrito no bilhete. É a única frase que os homens de Capricórnio sabem escrever. Às vezes, eles simplesmente penduram um galo morto na porta. Isso todo mundo entende.

— O galo vermelho? — o garoto sacudiu a cabeça. — É uma maldição ou algo parecido?

— Não! Mas que diabos, você está parecendo Basta de novo — Dedo Empoeirado riu baixinho.

Os homens de Capricórnio desceram do carro. O mais baixo carregava duas sacolas abarrotadas, o outro puxava as cabras para fora.

— O galo vermelho é o fogo, o fogo que eles põem nos seus estábulos ou nas suas oliveiras. Às vezes o galo canta dentro de casa ou, se alguém foi muito teimoso, no quarto das crianças. Quase todo mundo possui alguma coisa que lhe é cara.

Os homens levaram as cabras para a aldeia. Um deles era Cockerell, Dedo Empoeirado o reconheceu pelo andar manco. Ele já se perguntara se Capricórnio sabia de todos esses negócios, ou se seus homens de vez em quando também não trabalhavam em prol dos próprios bolsos.

Farid prendeu um gafanhoto na mão fechada em concha e ficou observando o inseto por entre os dedos.

— Eu vou assim mesmo — ele disse.

— Não.

— Eu não tenho medo!

— Pior ainda.

Depois que seus prisioneiros haviam fugido, Capricórnio mandara instalar holofotes na frente da igreja, no telhado de sua casa e no estacionamento. Isso não tornava exatamente mais fácil passar desapercebido por ali. Já na primeira noite, Dedo Empoeirado havia entrado na aldeia com as cicatrizes em seu rosto dissimuladas por uma camada escura de fuligem, pois ele sabia que seria reconhecido muito facilmente.

Capricórnio também reforçara as sentinelas, provavelmente por causa dos tesouros que Língua Encantada havia conseguido para ele. É claro que eles já estavam muito bem escondidos no porão de sua casa, trancados nos pesados cofres que Capricórnio mandara instalar. Ele não gostava de gastar o seu ouro. Ele o acumulava como os dragões dos contos de fadas. De vez em quando, ele enfeitava seus dedos com um anel, ou ornava com um colar o pescoço de uma criada que lhe agradava no momento. Ou então mandava Basta lhe comprar uma nova espingarda de caça.

— Com quem você quer se encontrar?

— Não é da sua conta.

O garoto libertou o gafanhoto, que saiu saltando apressado com suas longas pernas verde-oliva.

— É uma mulher — disse Dedo Empoeirado. — Uma das criadas de Capricórnio. Ela já me ajudou algumas vezes.

— É aquela da foto na sua mochila?

Dedo Empoeirado abaixou o binóculo.

— Como você sabe o que tenho na mochila?

O garoto encolheu a cabeça entre os ombros, como alguém que está acostumado a receber uma sova para cada palavra dita sem pensar.

— Eu estava procurando os fósforos.

— Se eu o apanhar mais uma vez enfiando a mão na minha mochila, mandarei Gwin morder você.

O garoto deu um sorriso.

— Gwin nunca me morde.

E ele tinha razão. A marta era louca pelo garoto.

— Onde é que se enfiou aquele diabinho infiel? — Dedo Empoeirado espiou entre os galhos. — Não o vejo desde ontem.

— Acho que ele encontrou uma fêmea.

Farid remexeu as folhas secas com um galho. O chão estava repleto delas debaixo das árvores. À noite, as folhas denunciariam quem tentasse se aproximar de seu acampamento.

— Se você não me levar — disse o garoto sem olhar para Dedo Empoeirado —, eu irei atrás de você do mesmo jeito.

— Se você vier atrás de mim, vou enchê-lo de pancada.

Farid abaixou a cabeça e olhou para os pés com um ar inexpressivo. Então olhou para as ruínas atrás das quais eles haviam montado o acampamento.

— Não me venha de novo com a história do espírito da velha! — disse Dedo Empoeirado com irritação. — Quantas vezes vou ter que repetir? O perigo está todo nas casas lá embaixo. Faça um fogo ali atrás se estiver com medo do escuro.

— Espíritos não têm medo de fogo — a voz do garoto não era mais do que um sussurro.

Dedo Empoeirado desceu de seu posto de observação com um suspiro. O caso do

garoto era mesmo quase tão sério quanto o de Basta. Ele não tinha medo de maldições, escadas e gatos pretos, mas via espíritos por toda parte, e não apenas o da velha que dormia em algum lugar por ali na terra dura. Não, Farid via ainda outros espíritos, legiões deles: criaturas malvadas quase onipotentes que arrancavam o coração de pobres garotos mortais e o comiam. Ele não quis acreditar em Dedo Empoeirado quando este lhe explicou que os espíritos não tinham vindo junto com ele, que eles haviam sido deixados num livro, junto com os ladrões que o chutavam e espancavam. Provavelmente ele morreria de medo se ficasse sozinho naquela noite.

— Está bem, você vem comigo — disse Dedo Empoeirado. — Mas sem dar um pio, entendido? Lá embaixo não há espíritos, e sim homens de verdade com navalhas e espingardas.

Agradecido, Farid abraçou-o com seus braços magros.

— Já chega, já chega! — disse Dedo Empoeirado rudemente, afastando o garoto. — Vamos, quero ver se você já aprendeu a ficar numa mão só.

O garoto obedeceu imediatamente. Com a cabeça vermelha, ele se equilibrou primeiro no braço direito, depois no esquerdo, com as pernas nuas para o ar. Depois de três segundos de oscilação, ele caiu nas folhas duras de um arbusto, mas se levantou bem depressa e tentou novamente.

Dedo Empoeirado sentou-se debaixo de uma árvore.

Estava na hora de mandar o garoto embora. Mas como? Num cão se pode jogar algumas pedras, mas num garoto… Por que ele simplesmente não ficara com Língua Encantada? Ele entendia melhor de tomar conta de alguém. E, afinal de contas, fora ele quem o trouxera. Mas não, o garoto tinha ido atrás dele.

— Vou procurar Gwin — disse Dedo Empoeirado, e se levantou.

Sem uma palavra, Farid foi atrás dele.

32. De volta

Ela falou ao rei na esperança secreta de que ele proibisse o filho dele de sair. Mas o rei disse: — Bem, minha cara, na verdade as aventuras são úteis até mesmo para os bem pequenos. As aventuras podem ficar no sangue de um homem, mesmo que mais tarde ele não se lembre de tê-las vivido.

Eva Ibbotson, *O segredo da plataforma 13*

Naquele dia cinzento e chuvoso em que Meggie a viu do alto pela segunda vez, a aldeia de Capricórnio não pareceu de fato um lugar perigoso. As casas se erguiam tímidas, como que em andrajos, em meio ao verde das colinas. Nenhum raio de sol maquiava a idade das ruínas, e Meggie quase não podia acreditar que eram as mesmas casas que lhe pareceram tão ameaçadoras na noite de sua fuga.

— Interessante! — sussurrou Fenoglio quando Basta entrou no estacionamento. — Sabe que este lugar é realmente muito parecido com um dos cenários que inventei para *Coração de tinta*? Bem, aqui não há um castelo, mas a paisagem ao redor é praticamente a mesma, a idade da aldeia também deve bater mais ou menos. E você sabia que *Coração de tinta* se passa num mundo que não é muito diferente da nossa Idade Média? Bem, naturalmente eu acrescentei algumas coisas, as fadas e os gigantes, por exemplo, e algumas coisas eu deixei de lado, mas…

Meggie não continuou a ouvi-lo. Ela não conseguia deixar de pensar na noite em que eles haviam fugido de Capricórnio, e no quanto ela desejara nunca mais ver o estacionamento, a igreja e aquelas colinas.

— Vamos, andem! — grunhiu Nariz Chato quando abriu a porta do automóvel. — Você ainda se lembra do caminho, não é?

Sim, Meggie se lembrava, embora agora tudo parecesse diferente. Fenoglio examinava as vielas como um turista.

— Eu conheço esta aldeia! — ele sussurrou para Meggie. — Isto é, ouvi falar dela. Existem várias histórias tristes sobre ela. Houve um terremoto aqui no século passado, e depois, na última guerra…

— Poupe a sua língua para mais tarde, escrevinhador — interrompeu Basta. — Não gosto de cochichos.

Fenoglio lançou-lhe um olhar irritado, e calou-se. Ele não abriu mais a boca até chegarem à igreja.

— Vamos, abram a porta! O que estão esperando? — rosnou Nariz Chato.

Meggie abriu junto com Fenoglio o pesado portal de madeira. O ar frio que veio ao encontro deles tinha um cheiro tão choco como no dia em que ela estivera ali com Mo e Elinor. No interior da igreja, quase nada havia se alterado. As paredes vermelhas pareciam ainda mais ameaçadoras agora, com o dia nublado e cinzento, e a expressão no rosto de boneco da estátua de Capricórnio parecia ainda mais maldosa. Os tonéis em que os livros haviam sido queimados também estavam no mesmo lugar, mas a cadeira de Capricórnio fora retirada do topo da escada. Dois dos seus homens estavam justamente subindo os degraus com uma nova poltrona. A mulher velha que parecia uma gralha, e da qual Meggie não gostava de se lembrar, estava com eles e lhes dava instruções com voz impaciente.

Basta empurrou duas mulheres que estavam ajoelhadas limpando o chão na nave central, e se pavoneou em direção aos degraus do altar.

— Onde está Capricórnio, Mortola? — ele gritou para a velha já de longe. — Tenho novidades para ele. Novidades importantes.

A mulher nem ao menos virou a cabeça.

— Mais para a direita, seus palermas! — ela ordenou aos dois homens que ainda lutavam com a poltrona pesada. — Ora, façam-me o favor, não é tão difícil!

Só então ela se virou para Basta com uma expressão de tédio.

— Esperávamos que voltasse mais cedo — ela disse.

— Como assim? — a voz de Basta se elevou, mas Meggie pôde ouvir a insegurança que soava nela, quase como se ele sentisse medo da velha. — Você sabe quantos vilarejos existem nesta maldita costa? E nem mesmo tínhamos certeza de que Língua Encantada estivesse na região. Mas eu posso confiar no meu faro, e cumpri a minha tarefa.

E ele apontou na direção de Meggie.

— Ah, é? — o olhar da gralha passou por Basta e voltou-se para o lugar onde estavam Meggie e Fenoglio, junto com Nariz Chato. — Estou vendo apenas a garota e um velho. Onde está o pai dela?

— Ele não estava lá! Mas ele virá. A garota é a melhor isca.

— E como ele vai saber que ela está aqui?

— Eu deixei um bilhete!

— Desde quando você sabe escrever?

Meggie viu como os ombros de Basta ficaram tensos de raiva.

— Eu deixei o meu nome, nenhuma outra palavra é necessária para fazê-lo entender onde encontrar a preciosa filhinha dele. Diga a Capricórnio que trancarei os dois numa das gaiolas.

Dizendo isso, ele girou nos calcanhares e se pavoneou novamente até Meggie e Fenoglio.

— Capricórnio não está aqui e não sei quando estará de volta — Mortola gritou atrás dele. — Mas até o regresso dele quem manda aqui sou eu, e sou da opinião de que nos últimos tempos você não tem cumprido suas tarefas conforme o esperado.

Basta virou-se como se tivesse levado uma mordida na nuca, mas Mortola prosseguiu, impassível: — Primeiro você deixa Dedo Empoeirado roubar suas chaves, depois perde os nossos cães e temos que ir resgatar você nas montanhas, e agora isso. Me dê aqui as suas chaves.

A gralha estendeu a mão.

— O quê?

Basta ficou pálido como um garoto que vai ser castigado na frente de toda a classe.

— Você ouviu muito bem. Vou ficar com as chaves, as chaves das gaiolas, da cripta e do depósito de gasolina. Traga-as aqui.

Basta não se mexeu.

— Você não tem esse direito! — ele disse entre os dentes. — Foi Capricórnio quem me deu as chaves, e só ele pode tirá-las de mim.

Ele se virou novamente.

— É o que ele fará! — exclamou Mortola atrás dele. — Ele vai querer ouvir seu relatório assim que voltar. Talvez ele consiga entender melhor do que eu por que você não trouxe Língua Encantada.

Basta não respondeu. Pegou Meggie e Fenoglio pelos braços e arrastou-os em direção ao portal. A gralha gritou alguma coisa atrás deles, mas Meggie não conseguiu entender. E Basta não se virou novamente.

Basta trancou Meggie e Fenoglio no cubículo de número cinco, o mesmo em que Farid ficara.

— Agora vocês podem esperar aí até o seu pai chegar! — ele disse antes de empurrar Meggie para dentro.

Era como se ela estivesse tendo um sonho ruim pela segunda vez. Só que agora nem ao menos havia a palha mofada para sentar, e a lâmpada no teto estava queimada. Em compensação, entrava um pouco da luz do dia por um buraquinho na parede.

— Bem, que maravilha! — disse Fenoglio, sentando-se no chão frio com um suspiro. — Um estábulo. Que falta de imaginação. Na verdade, eu imaginei que Capricórnio teria pelo menos um autêntico calabouço para os seus prisioneiros.

— Um estábulo? — Meggie encostou-se na parede. Ela ouvia a chuva tamborilar na porta fechada.

— Sim. O que você pensou que fosse isto aqui? Antigamente, todas as casas eram construídas assim, o gado entrava por baixo, as pessoas por cima. Em algumas aldeias nas montanhas, eles ainda guardam as cabras e os jumentos dessa maneira. E de manhã, na hora em que os rebanhos saem para os pastos, os montes fumegantes de esterco se espalham pelas ruas e as pessoas pisam em cima quando saem para comprar pão.

Fenoglio arrancou um pelo do nariz, examinou-o como se não pudesse acreditar que algo tão espevitado pudesse crescer ali, e jogou-o fora com um peteleco.

— É incrível — ele murmurou. — Foi exatamente assim que imaginei a mãe de Capricórnio: o nariz, os olhos próximos, até mesmo aquele jeito de cruzar os braços e esticar o queixo para o alto.

Meggie olhou incrédula para ele.

— Mãe de Capricórnio? A gralha?

— A gralha! É assim que você a chama? — Fenoglio riu baixinho. — É exatamente esse o apelido dela na minha história. Realmente espantoso. Tenha cuidado com ela. Ela não tem um caráter muito agradável.

— Pensei que ela fosse a governanta.

— Hum, e é isso mesmo que você deveria pensar. Portanto, guarde esse nosso segredinho por enquanto, está bem?

Meggie fez que sim, embora não estivesse entendendo nada. De qualquer forma, saber quem era a velha não tinha a menor importância. Nada tinha importância. Desta vez nenhum Dedo Empoeirado viria abrir a porta à noite. Tudo havia sido em vão — como se eles nunca tivessem fugido. Ela foi até a porta trancada e pressionou as mãos contra ela.

— Mo virá para cá! — ela sussurrou. — E então seremos prisioneiros de Capricórnio para sempre.

— Não, não! — Fenoglio levantou-se e foi até ela. Ele a estreitou junto de si, fazendo-a encostar o rosto em seu casaco. O tecido era áspero e cheirava a cachimbo. — Ainda vai me ocorrer alguma coisa. Afinal de contas, eu inventei esses vilões. Seria ridículo se eu não conseguisse deixar o mundo livre deles novamente. O seu pai teve uma ideia, mas…

Meggie ergueu o rosto molhado de lágrimas e olhou para ele cheia de esperanças, mas o velho homem sacudiu a cabeça.

— Depois. Agora me explique qual é o interesse de Capricórnio em seu pai. Tem a ver com o dom da leitura que ele possui?

Meggie fez que sim e enxugou as lágrimas.

— Ele quer que Mo traga alguém do livro, um velho amigo…

Fenoglio ofereceu um lenço para ela. Quando ela assoou o nariz, caíram algumas partículas de tabaco.

— Um amigo? Capricórnio não tem amigos — afirmou o velho escritor com o cenho franzido.

Então Meggie sentiu Fenoglio respirar fundo de repente.

— Quem é? — ela perguntou, mas Fenoglio limitou-se a enxugar uma lágrima do rosto dela.

— Alguém que espero que você só encontre entre as duas capas de um livro — ele respondeu evasivamente. Depois se virou e começou a andar para lá e para cá. —

Logo Capricórnio estará de volta. Tenho que pensar em como o enfrentarei.

Mas Capricórnio não chegou. Lá fora escureceu, e ninguém veio tirá-los daquela prisão. Eles nem ao menos receberam algo para comer. Esfriou quando o ar da noite começou a entrar pelo buraco na parede, e eles ficaram sentados lado a lado no chão duro, para se aquecerem.

— Basta continua muito supersticioso? — perguntou Fenoglio em algum momento.

— Sim, muito — respondeu Meggie. — Dedo Empoeirado gosta de provocá-lo por causa disso.

— Bom — murmurou Fenoglio.

E não disse mais nada.

33. A criada de Capricórnio

Como nunca vi meu pai nem minha mãe, as primeiras representações que fiz da aparência deles baseiam-se paradoxalmente em seus túmulos. A forma das letras no túmulo do meu pai levou-me à curiosa noção de que ele era um homem robusto e de ombros largos, com cabelos pretos encaracolados e pele escura. Da forma e da inclinação das letras na inscrição "Assim como Georgiana, esposa do supracitado", tirei a conclusão infantil de que minha mãe era sardenta e enfermiça.

Charles Dickens, *Grandes esperanças*

Dedo Empoeirado partiu quando a noite já tinha caído por completo. O céu ainda estava nublado, não se via uma única estrela. Apenas de vez em quando a lua aparecia entre as nuvens, uma lua fininha, quase definhando, como uma fatiazinha de limão num mar de tinta.

Dedo Empoeirado estava grato por tanta escuridão, mas o garoto quase morria de susto a cada vez que um galho roçava em seu rosto.

— Que diabos, eu deveria tê-lo deixado junto com a marta! — ralhou Dedo Empoeirado. — Você vai acabar nos denunciando se continuar batendo os dentes desse jeito. Olhe para a frente! É do que está ali que você tem que ter medo! Das espingardas, e não dos espíritos.

Na frente deles, a apenas alguns passos de distância, estava a aldeia de Capricórnio. Os holofotes recém-instalados espalhavam entre as casas cinzentas uma luz clara como o dia.

— E venham me dizer agora que essa tal de eletricidade é uma bênção! — sussurrou Dedo Empoeirado, enquanto se esgueiravam ao longo do estacionamento.

Uma sentinela entediada andava para lá e para cá entre os carros estacionados. Bocejando, ela se encostou na caminhonete onde Cockerell transportara as cabras naquela tarde e ajeitou os fones nos ouvidos.

— Muito bom! Desse jeito poderia passar um exército por aqui e ele não ouviria! — sussurrou Dedo Empoeirado. — Se Basta estivesse aqui, trancaria esse sujeito nos estábulos de Capricórnio por três dias, sem um pedaço de pão.

— E se fôssemos por cima dos telhados?

Todo o medo desaparecera do rosto de Farid. A sentinela com a espingarda não amedrontava o garoto como os espíritos imaginários. Era uma insensatez tamanha que Dedo Empoeirado sacudiu a cabeça. Mas a ideia dos telhados de fato não era boba. Rente à parede de uma das casas que davam para o estacionamento, crescia uma videira. Havia anos que ninguém a podava. Assim que a sentinela, gingando ao som da música que enchia os seus ouvidos, se dirigiu para o outro lado do estacionamento, Dedo Empoeirado começou a trepar nos galhos lenhosos. O garoto escalou-os ainda melhor. Ao chegar em cima do telhado, ele estendeu a mão orgulhoso para Dedo Empoeirado. Como gatos perambulando na noite, os dois prosseguiram, esgueirando-se por chaminés e antenas, e por trás dos holofotes que dirigiam luz apenas para baixo, deixando tudo acima deles protegido pela escuridão. Certa hora, uma telha se soltou sob as botas de Dedo Empoeirado, mas ele conseguiu apanhá-la antes que ela se espatifasse na rua lá embaixo.

Quando chegaram à praça em que ficavam a igreja e a casa de Capricórnio, desceram por uma calha. Por alguns segundos sufocantes, Dedo Empoeirado agachou-se atrás de uma pilha de caixas de frutas vazias e conferiu se havia sentinelas ali. Não apenas a praça, mas também as estreitas vielas que passavam ao lado da casa de Capricórnio encontravam-se mergulhadas na luz clara dos holofotes. Havia um gato preto sentado no poço em frente à igreja. Basta provavelmente teria uma síncope ao vê-lo, mas Dedo Empoeirado estava muito mais preocupado com as sentinelas na frente da casa de Capricórnio. Duas andavam para lá e para cá diante da porta. Uma delas, um sujeito troncudo e desajeitado, fora quem encontrara Dedo Empoeirado quatro anos antes, no norte, numa cidade onde ele pretendia fazer sua última apresentação. Junto com dois outros, ele o arrastara até a aldeia, e Capricórnio havia perguntado por Língua Encantada e pelo livro, do seu jeito todo especial.

Os dois homens discutiam. Estavam tão ocupados consigo mesmos que Dedo Empoeirado criou coragem e, com alguns passos rápidos, desapareceu na rua que passava em frente à casa de Capricórnio. Farid seguiu-o, silencioso como uma sombra que tivesse adquirido vida. A casa de Capricórnio era um edifício grande e maciço, que em algum momento devia ter sido a prefeitura, ou então um convento ou uma escola. Todas as janelas estavam escuras, e na estreita viela não havia nenhuma outra sentinela à vista. Mas Dedo Empoeirado manteve-se alerta. Sabia que as sentinelas gostavam de se esconder nos batentes escuros das portas, com seus ternos pretos que os deixavam

invisíveis como corvos na noite. Sim, Dedo Empoeirado sabia quase tudo sobre a aldeia de Capricórnio. Já andara muito por aquelas vielas desde que Capricórnio o mandara buscar para que ele procurasse Língua Encantada e o livro. Sempre que as saudades de seu mundo o enlouqueciam, ele vinha até ali, para junto de seus velhos inimigos, apenas para não se sentir tão estranho. Nem mesmo o medo de Basta era suficiente para mantê-lo afastado.

Dedo Empoeirado apanhou uma pedra do chão, chamou Farid para perto de si com um sinal e jogou a pedra mais adiante no meio da rua. Nada se mexeu. A sentinela fazia a sua ronda conforme o esperado, e Dedo Empoeirado esgueirou-se até o muro alto atrás do qual ficava o jardim de Capricórnio: canteiros de hortaliças, árvores frutíferas e ervas, protegidas contra o vento frio que às vezes soprava das montanhas próximas. Dedo Empoeirado costumava distrair as criadas enquanto elas capinavam os canteiros. Não havia holofotes no jardim, tampouco sentinelas (quem roubaria legumes?), e do pátio para a casa havia apenas uma porta com grades, que ficava trancada à noite. Além disso, o canil ficava logo atrás do muro, mas agora ele estava vazio, como Dedo Empoeirado verificara ao pular. Os cães não haviam voltado das colinas. Eles foram mais espertos do que Dedo Empoeirado imaginara, e pelo jeito Basta não tinha arranjado outros. Burrice dele.

Dedo Empoeirado fez um sinal para o garoto segui-lo e, depois de passar pelos canteiros cultivados com esmero, chegou à porta gradeada. O garoto olhou para ele com um ar indagador quando viu as pesadas grades, mas Dedo Empoeirado apenas pôs o dedo nos lábios e olhou para cima, na direção de uma das janelas do segundo andar. As venezianas, enegrecidas pela noite, estavam abertas. Dedo Empoeirado emitiu um miado tão autêntico que logo diversos gatos responderam, mas atrás da janela tudo continuou imóvel. Dedo Empoeirado xingou abafando a voz, escutou a noite por um momento, e imitou o grito estridente de uma ave de rapina. Farid levou um susto e encostou-se na parede. Dessa vez, algo se mexeu no andar de cima. Uma mulher debruçou-se na janela. Quando Dedo Empoeirado lhe acenou, ela acenou de volta e desapareceu novamente.

— Não me olhe assim! — sussurrou Dedo Empoeirado quando notou o olhar preocupado de Farid. — Podemos confiar nela, muitas mulheres daqui não suportam Capricórnio e seus homens, muitas nem mesmo estão aqui por vontade própria. Mas todas têm medo dele, medo de perder o emprego, medo de que incendeiem as casas dos familiares se falarem sobre ele e sobre o que acontece aqui, ou de que ele envie

Basta com sua navalha… Resa não tem essas preocupações; ela não tem família.

"Não tem mais", ele acrescentou em pensamento.

A porta atrás da grade se abriu e a mulher da janela, Resa, apareceu com expressão preocupada atrás das barras de metal. Ela estava pálida sob os cabelos louros escuros.

— Como você está? — Dedo Empoeirado aproximou-se e enfiou a mão pela grade.

Resa apertou seus dedos com um sorriso, e apontou com a cabeça para o garoto.

— Esse é Farid. — Dedo Empoeirado baixou a voz. — Digamos que ele me persegue. Mas pode confiar nele. Ele gosta de Capricórnio tanto quanto nós.

Resa fez que sim, lançou-lhe um olhar de censura e sacudiu a cabeça.

— Sim, eu sei, não foi nada esperto da minha parte voltar aqui. Você soube o que aconteceu? — Dedo Empoeirado não conseguia evitar que o orgulho transparecesse na sua voz. — Eles acham que eu sou trouxa, mas estão enganados. Ainda há um livro e eu vou pegá-lo! Não me olhe assim. Você sabe onde Capricórnio guarda esse livro?

Resa sacudiu a cabeça. Atrás deles ouviu-se um ruído, Dedo Empoeirado virou-se assustado mas era apenas um camundongo atravessando o pátio silencioso. Resa tirou do bolso de seu roupão um lápis e uma folha de papel. Ela escreveu devagar, com letras bem desenhadas, sabia que para Dedo Empoeirado era mais fácil ler em letras de fôrma. Fora ela quem o ensinara a ler e a escrever, para que os dois pudessem conversar.

Como sempre, demorou um certo tempo até as letras tomarem sentido para Dedo Empoeirado. Ele ficava orgulhoso sempre que os sinais rebuscados finalmente se juntavam formando palavras, e ele conseguia arrancar o seu segredo. "*Vou procurar*", ele leu baixinho.

— Está bem, mas tenha cuidado. Não quero que você arrisque o seu lindo pescoço.

Mais uma vez, ele se debruçou sobre o papel.

— O que você quer dizer com "*A gralha está com as chaves de Basta*"?

Ele devolveu o papel para ela. Farid observava encantado a mão de Resa escrever,

como se assistisse a um número de magia.

— Acho que você vai ter que ensinar a ele também — sussurrou Dedo Empoeirado através da grade. — Está vendo como ele olha para você?

Resa ergueu a cabeça e sorriu para Farid. Encabulado, ele olhou para o lado. Resa passou o dedo no rosto.

— Você o acha um garoto bonito? — Dedo Empoeirado deu um sorriso zombeteiro, enquanto Farid, envergonhado, não sabia para onde olhar. — E quanto a mim? Sou bonito como a lua? Hum, o que devo pensar desse elogio? Que tenho quase tantas cicatrizes quanto ela?

Resa tapou a boca com a mão. Era fácil fazê-la rir, ela ria como uma menininha. Só assim se podia ouvir sua voz.

Tiros romperam o silêncio da noite. Resa agarrou a grade, e Farid agachou-se assustado ao pé do muro. Dedo Empoeirado ergueu-o novamente.

— Não é nada — ele sussurrou. — Os vigias estão atirando nos gatos de novo. Eles sempre fazem isso quando estão entediados.

O garoto olhou para ele incrédulo, mas Resa continuou a escrever.

— "*Ela tirou as chaves dele*" — leu Dedo Empoeirado. —"*Como punição*." Ah, mas Basta não vai gostar nada disso. Ele se gabava de ter essas chaves, como se cuidasse da menina dos olhos de Capricórnio.

Resa fez um gesto como se tirasse uma faca do cinto, e fez uma cara tão feia que Dedo Empoeirado quase desatou a rir. Ele olhou rapidamente ao redor mas, entre os muros altos, o pátio estava silencioso como um cemitério.

— Oh, posso muito bem imaginar que Basta está furioso — ele sussurrou. — Ele faz tudo para agradar a Capricórnio, corta rostos e pescoços e coisas do gênero.

Resa pegou a folha de papel mais uma vez. Novamente, demorou até que ele conseguisse decifrar as letras bem definidas.

— Então você ouviu falar de Língua Encantada? Quer saber quem ele é? Bem, se não fosse por mim, ele ainda estaria preso no estábulo de Capricórnio. O que mais? Pergunte a Farid. Língua Encantada colheu ele da história como uma maçã madura. Felizmente não trouxe nenhum dos espíritos devoradores de carne dos quais o garoto não para de falar. Sim, ele é um leitor muito bom, muito melhor do que Darius. Está

vendo? Farid não manca, seu rosto sempre foi desse jeito, e ele ainda tem a própria voz, embora agora esteja parecendo que não.

Farid lançou um olhar zangado para ele.

— Como é Língua Encantada? Basta ainda não desfigurou o rosto dele, é o que posso lhe dizer.

Uma veneziana rangeu em cima deles. Dedo Empoeirado encostou-se na grade. Apenas o vento, pensou a princípio, nada além do vento. Farid olhou para ele com os olhos arregalados de susto. Provavelmente o rangido lhe soava como um demônio, mas o ser que se debruçou na janela em cima deles era de carne e osso: Mortola, ou "a gralha", como era chamada em segredo. Todas as criadas eram subordinadas a ela, nada estava a salvo dos seus olhos e ouvidos, nem mesmo os segredos que as mulheres sussurravam à noite em seus dormitórios. Os próprios cofres de Capricórnio estavam mais bem acomodados do que elas. Todas dormiam na casa de Capricórnio, cada quatro em um quarto, exceto as que estivessem envolvidas com um de seus homens e morassem com o parceiro numa das casas abandonadas.

A gralha apoiou-se no peitoril e respirou o ar frio da noite. Ela ficou ali com o nariz para fora da janela por tanto tempo que Dedo Empoeirado desejou torcer seu pescoço magro, mas ao cabo de uma eternidade todos os cantos de seu corpo pareciam estar cheios de ar fresco, e ela fechou novamente a janela.

— Tenho que ir, mas volto amanhã. Talvez até lá você já tenha descoberto alguma coisa sobre o livro! — Dedo Empoeirado apertou novamente a mão de Resa. Seus dedos eram ásperos de tanto lavar e esfregar. — Sei que eu já disse, mas mesmo assim: tome cuidado e fique longe de Basta.

Resa sacudiu os ombros. O que ela podia fazer com um conselho tão desnecessário? Quase todas as mulheres da aldeia mantinham distância de Basta, mas ele não se mantinha à distância delas.

Dedo Empoeirado esperou diante da porta gradeada até que ela aparecesse na janela do quarto. Com uma vela, Resa fez um sinal para ele.

A sentinela no estacionamento ainda estava com o fone nos ouvidos. Absorto em pensamentos, o casaco-preto dançava entre os automóveis, com a espingarda na mão estendida, como se segurasse uma moça no braço. Quando a certa altura ele olhou novamente na direção de Dedo Empoeirado e Farid, eles já haviam sido engolidos pela

noite.

No caminho de volta para o esconderijo, eles não encontraram ninguém, somente uma raposa, que fugiu deles com olhos famintos. Entre as paredes da casa incendiada, Gwin devorava um pássaro. As penas brilhavam na escuridão.

— Ela sempre foi muda? — perguntou o garoto, quando Dedo Empoeirado se estendeu para dormir debaixo das árvores.

— Desde que a conheço — respondeu Dedo Empoeirado, e virou-se de costas para ele.

Farid deitou-se ao seu lado. Ele fazia isso toda noite, e por mais que Dedo Empoeirado se afastasse, quando acordava o garoto estava sempre perto dele.

— A foto na sua mochila — ele disse. — É dela.

— E daí?

O garoto não respondeu.

— Caso você tenha ficado de olho nela — disse Dedo Empoeirado zombeteiro —, esqueça. É uma das criadas favoritas de Capricórnio. Ela até mesmo tem permissão para lhe servir o café da manhã e ajudá-lo a se vestir.

— Há quanto tempo ela está com ele?

— Cinco anos — respondeu Dedo Empoeirado. — E em todos esses anos Capricórnio nunca permitiu que ela saísse da aldeia. Mesmo de casa ela só pode sair raramente. Ela tentou fugir duas vezes, mas nunca foi muito longe. Numa das tentativas, foi mordida por uma cobra. Ela nunca me contou como Capricórnio a castigou, mas sei que depois disso ela nunca mais tentou fugir.

Atrás deles, ouviu-se um farfalhar. Farid ergueu-se depressa, mas era apenas Gwin. A marta lambeu o focinho quando pulou na barriga do garoto. Farid riu e tirou uma pena de seu pelo. Gwin começou a lamber freneticamente seu pescoço, seu nariz, como se estivesse com saudades do garoto, e então desapareceu de novo na noite.

— É mesmo uma marta muito simpática — sussurrou Farid.

— Não — disse Dedo Empoeirado, puxando o cobertor fino até o queixo. — Ele deve gostar de você porque você tem cheiro de garota.

Farid respondeu com um longo silêncio.

— Resa é parecida com a filha de Língua Encantada — ele disse, justamente quando Dedo Empoeirado estava pegando no sono. — Ela tem a mesma boca e os mesmos olhos, e também ri como ela.

— Que idiotice! — disse Dedo Empoeirado. — Não existe a mínima semelhança. As duas têm olhos azuis, isso é tudo. Isso é muito comum por aqui. Agora durma de uma vez.

O garoto obedeceu. Enrolou-se no pulôver que Dedo Empoeirado lhe dera e virou-se de costas. Logo sua respiração estava calma como a de um bebê. Dedo Empoeirado, porém, passou a noite inteira com os olhos abertos, cismando na escuridão.

34. Segredos

— Se eu tivesse que ser sagrado cavaleiro — disse Wart com um olhar sonhador para o fogo —, então eu... pediria a Deus que enviasse todo o mal do mundo para mim, apenas para mim. Se eu o derrotasse, nada mais dele restaria, e se ele me derrotasse, então apenas eu sofreria por isso.

— Isso seria muito imprudente da sua parte — disse Merlim —, e você seria derrotado. E teria que sofrer por isso.

T. H. White, *O único e eterno rei*

Capricórnio recebeu Meggie e Fenoglio na igreja; junto com ele havia cerca de doze de seus homens. Ele estava sentado em sua nova poltrona de couro preto, que fora instalada ali sob a supervisão de Mortola. Dessa vez, para variar, seu terno não era vermelho, mas amarelo-pálido como a luz da manhã que entrava pela janela. Ele mandara chamá-los cedo. Lá fora a névoa ainda envolvia as colinas, sobre as quais o sol pairava como uma bola flutuando em águas turvas.

— Por todas as letras do alfabeto! — sussurrou Fenoglio quando andava junto com Meggie pela nave central da igreja, com Basta em seus calcanhares. — Ele é exatamente como eu o imaginei. "Pálido como um copo de leite", sim, acho que foram essas as palavras que usei.

Ele começou a andar mais depressa, como se não aguentasse esperar para ver de perto sua criatura. Meggie não conseguiu acompanhar seu passo, e Basta o puxou de volta antes que ele chegasse à escada.

— Ei, o que é isso? — Basta disse entre os dentes. — Não tão depressa, e faça o obséquio de se curvar. Entendido?

Fenoglio lançou-lhe um olhar de desprezo e parou com o corpo aprumado. Basta levantou a mão para bater, mas Capricórnio fez um movimento quase imperceptível com a cabeça e Basta abaixou a mão como uma criança que levou uma bronca. Ao lado da poltrona de Capricórnio, com os braços cruzados nas costas feito asas, estava Mortola.

— Realmente, Basta, ainda me pergunto o que deu nessa sua cabeça para não trazer também o pai dela! — disse Capricórnio, desviando o olhar de Meggie para o

rosto de tartaruga de Fenoglio.

— Ele não estava lá, já expliquei isso para vocês — a voz de Basta soou ofendida. — Vocês queriam que eu ficasse ali parado como um sapo na lagoa esperando por ele? Logo ele vai aparecer por aqui de livre e espontânea vontade! Todos nós vimos como ele é louco por essa menina! Aposto a minha navalha que ainda hoje, o mais tardar amanhã, ele nos dará o ar da sua graça.

— A sua navalha? Aquela que você há pouco tempo esqueceu onde tinha guardado? — O deboche na voz de Mortola fez Basta apertar os lábios.

— Você está amolecendo, Basta! — observou Capricórnio. — Sua cabeça quente está enevoando os seus pensamentos. Mas vamos ao outro suvenir que você nos trouxe!

Fenoglio não desgrudara os olhos de Capricórnio por um só instante. Ele o observava como um artista que, depois de longos anos, revê um quadro que pintou. E, a julgar pela expressão em seu rosto, estava gostando do que via. Meggie não conseguia ver nenhum vestígio de medo em seus olhos, apenas uma curiosidade quase incrédula e satisfação, satisfação consigo mesmo. Capricórnio não gostou desse olhar, como Meggie também notou. Ele não estava acostumado a ser encarado tão destemidamente, como fazia o velho escritor.

— Basta me contou algumas coisas estranhas a seu respeito, senhor…

— Fenoglio.

Meggie observou o rosto de Capricórnio. Ele teria lido alguma vez o nome que ficava na capa de *Coração de tinta,* logo embaixo do título?

— Até mesmo a voz dele é como imaginei! — Fenoglio sussurrou para Meggie.

Ele parecia encantado como uma criança diante da jaula do leão. "Só que Capricórnio não está dentro da jaula", pensou Meggie. A um olhar de seu chefe, Basta cravou o cotovelo com tanta força nas costas do velho homem que ele perdeu o fôlego.

— Não gosto que cochichem na minha presença — declarou Capricórnio, enquanto Fenoglio ainda ofegava. — Como disse, Basta contou-me uma história deveras mirabolante: que o senhor afirma ser o homem que escreveu um certo livro… Como é mesmo que ele se chama?

— *Coração de tinta* — Fenoglio esfregou as costas doloridas. — Ele se chama *Coração de tinta*, pois trata de alguém cujo coração é negro de tanta maldade. O título ainda me agrada.

Capricórnio ergueu as sobrancelhas e sorriu.

— Oh, como devo entender isso? Como um elogio talvez? Afinal é da minha história que o senhor está falando.

— Não, não é, não. É da minha. Você apenas aparece nela.

Meggie viu como Basta indagou Capricórnio com o olhar, mas este moveu a cabeça de forma quase imperceptível, e as costas de Fenoglio foram poupadas temporariamente.

— Sei, sei, que interessante. Então você insiste nas suas mentiras.

Capricórnio abriu as pernas e levantou-se da poltrona. Com passos lentos, ele começou a descer os degraus. Fenoglio sorriu para Meggie com uma expressão de cumplicidade.

— Que sorriso é esse? — a voz de Capricórnio soou cortante como a navalha de Basta.

Ele parou bem na frente de Fenoglio.

— Ah, é que acabei de lembrar que a vaidade é uma das características que atribuí a você, vaidade e… — Fenoglio fez uma pausa de efeito antes de continuar — e algumas outras fraquezas, que no entanto é melhor que eu não revele diante de seus homens, não é mesmo?

Capricórnio observou-o em silêncio, durante uma pequena eternidade. Então ele sorriu. Foi um sorriso discreto e apagado, quase que somente com os cantos da boca, enquanto seus olhos passeavam pela igreja, como se ele tivesse se esquecido completamente de Fenoglio.

— Você é um velho insolente — ele disse. — E mentiroso, ainda por cima. Mas se pretende me impressionar com seus desaforos e suas vigarices, como fez com Basta, terei que desapontá-lo. As suas afirmações são ridículas, assim como você, e foi uma idiotice completa da parte de Basta trazê-lo até aqui, pois agora teremos que nos livrar de você de alguma maneira.

Basta empalideceu. Ele se aproximou de Capricórnio, com a cabeça encolhida

entre os ombros.

— Mas e se ele não estiver mentindo? — Meggie o ouviu sussurrar para Capricórnio. — Ambos afirmam que todos nós morreremos se encostarmos no velho.

Capricórnio olhou para Basta com tanto desprezo que ele cambaleou para trás, como se tivesse sido golpeado.

Fenoglio, porém, parecia estar se divertindo divinamente. Meggie teve a impressão de que ele observava tudo aquilo como se fosse uma peça de teatro que estava sendo representada especialmente para ele.

— Pobre Basta! — ele disse para Capricórnio. — Você está sendo injusto com ele novamente, pois ele tem razão. E se eu não estiver mentindo? E se eu realmente tiver inventado os dois, você e Basta? Vocês irão se desfazer no ar se me fizerem alguma coisa? Sim, tudo indica que é isso o que vai acontecer.

Capricórnio soltou uma gargalhada. Mas Meggie percebeu que ele estava refletindo sobre o que Fenoglio dissera, e que as palavras do escritor o haviam deixado preocupado, por mais que ele se esforçasse para esconder isso atrás de uma máscara de indiferença.

— Eu posso provar que sou quem afirmo ser! — disse Fenoglio tão baixinho que, além de Capricórnio, somente Basta e Meggie puderam ouvir suas palavras. — Devo fazer isso aqui diante de seus homens e de suas mulheres? Devo contar a eles sobre os seus pais?

A igreja estava em silêncio. Ninguém se mexia, nem Basta nem os homens que esperavam diante dos degraus. Até as mulheres que estavam limpando o chão debaixo da mesa ergueram-se para olhar na direção de Capricórnio e do velho desconhecido. Mortola ainda estava ao lado da poltrona, ela esticara o queixo para a frente, como se assim pudesse ouvir melhor o que estava sendo sussurrado lá embaixo.

Capricórnio examinou suas abotoaduras sem dizer uma palavra. Elas pareciam gotas de sangue em sua camisa clara. Então ele dirigiu novamente os olhos sem cor para o rosto de Fenoglio.

— Diga o que quer dizer, velho! Mas, se tem amor à vida, diga de forma que só eu escute.

Ele disse isso em voz baixa, mas Meggie ouviu em sua voz a cólera reprimida com

muito esforço. Ela nunca sentira tanto medo dele antes.

Capricórnio fez um sinal para Basta, que recuou alguns passos, relutante.

— A menina pode ouvir, não é? — Fenoglio pôs a mão no ombro de Meggie. — Ou você também tem medo dela?

Capricórnio nem ao menos olhou para Meggie. Ele só tinha olhos para o velho homem que o havia criado.

— Então fale de uma vez, mesmo que não tenha nada a dizer! Você não é o primeiro nesta igreja que tenta salvar sua pele com algumas mentiras, mas, se continuar com seus disparates, ordenarei a Basta que enrole uma linda víbora em volta do seu pescoço. Sempre tenho alguns espécimes em casa para ocasiões como esta.

Fenoglio também não se impressionou muito com essa ameaça.

— Bem! — ele disse lançando um olhar ao redor, como se lamentasse não ter mais público. — Por onde vou começar? Bem, primeiro alguns princípios fundamentais: o narrador de uma história não escreve tudo o que sabe sobre seus personagens. Os leitores não precisam saber de tudo. É melhor que algumas coisas sejam segredos que o narrador compartilha com suas criaturas. No caso dele, por exemplo — ele apontou para Basta —, eu sempre soube que ele foi uma criança muito infeliz antes de você recolhê-lo. Como foi dito de forma tão acertada num livro maravilhoso, "*é terrivelmente fácil convencer uma criança de que ela é detestável*". Basta estava convencido disso. Não que você o tenha feito mudar de opinião, não! Por que o faria? Mas de repente havia alguém a quem ele podia se afeiçoar, alguém que lhe dizia o que devia fazer… ele encontrou um deus, Capricórnio, e mesmo que você o trate mal… bem, quem disse que todos os deuses são bondosos? A maior parte deles é severa e cruel, não é mesmo? No livro, eu não escrevi tudo isso. Eu sabia, isso já era o suficiente. Mas agora chega de falar de Basta, vamos a você.

Capricórnio não tirava os olhos de Fenoglio. Seu rosto estava tenso, como se tivesse se transformado em madeira.

— Capricórnio. — A voz de Fenoglio soou quase carinhosa quando ele pronunciou o nome. Ele olhou por cima dos ombros de Capricórnio, como se tivesse esquecido que falava de alguém de carne e osso, que estava na sua frente e não mais num mundo feito somente de palavras, entre duas capas de papelão. — É claro que ele tem um outro nome, mas nem ele mesmo se lembra mais qual é. Ele se faz chamar

de Capricórnio desde que tem quinze anos, por causa do signo do zodíaco sob o qual nasceu. Capricórnio, o inacessível, o insondável, que gosta de se fazer de deus ou de diabo, conforme as circunstâncias. Mas o diabo tem mãe? — Pela primeira vez, Fenoglio olhou nos olhos de Capricórnio. — Você tem.

Meggie olhou para a gralha. Ela andara até a escada, com as mãos nodosas fechadas, mas Fenoglio falava baixo.

— Você gosta de espalhar que ela provém de uma casa nobre — ele prosseguiu. — Sim, às vezes você até gosta de contar que ela era filha de um rei. O seu pai, conforme você afirma, era um escudeiro na corte do pai dela. De fato é uma bela história. Posso lhe contar a minha versão?

Pela primeira vez, Meggie viu no rosto de Capricórnio algo que podia ser medo, um medo sem nome, sem começo nem fim. E atrás dele, como uma gigantesca sombra negra, erguia-se o ódio. Meggie tinha certeza: Capricórnio teria matado Fenoglio naquele instante, mas o medo atava as mãos de seu ódio e o tornava ainda maior.

Fenoglio também via isso?

— Sim, conte, conte a sua história. Por que não? — Os olhos de Capricórnio estavam vidrados como os de uma serpente.

Fenoglio deu um sorriso maroto como o de seu neto.

— Bem, vamos continuar. A história do escudeiro naturalmente é mentira.

Meggie seguia tendo a impressão de que o velho homem se divertia magnificamente. Ele se comportava como se estivesse brincando com um gatinho. Como ele podia conhecer tão mal a criatura que havia criado?

— O pai de Capricórnio era um simples ferreiro — Fenoglio prosseguiu, sem se deixar perturbar pela cólera fria nos olhos de Capricórnio. — Ele deixava o filho brincar com o carvão em brasa e, às vezes, batia nele tão violentamente como batia no ferro que forjava. A compaixão era punida com surras, as lágrimas também, assim como cada "eu não sei" ou "eu não consigo". "A força é o que conta!", foi o que ele ensinou ao filho. "O mais forte faz as regras, somente ele, portanto trate de ser você quem as faz." A mãe de Capricórnio também considerava essa a única verdade no mundo, nada podia contestá-la. Dia após dia, ela dizia ao filho que um dia ele seria o mais forte. Ela não era uma princesa, e sim uma criada com mãos e joelhos ásperos, e

seguia o filho como uma sombra, mesmo quando ele começou a sentir vergonha dela e inventou uma nova mãe e um novo pai para si. Ela o admirava por sua crueldade, adorava ver o medo que ele espalhava. E amava o seu coração negro como tinta. Sim, seu coração é uma pedra, Capricórnio, uma pedra negra, tão capaz de sentir pena quanto um pedaço de carvão, e você tem muito orgulho disso.

Capricórnio começou a mexer novamente em suas abotoaduras, ele as girava e examinava absorto, como se toda a sua atenção estivesse dedicada às pequenas peças vermelhas de metal, e não às palavras de Fenoglio. Quando o velho escritor se calou, Capricórnio puxou a manga do casaco cuidadosamente sobre o punho e puxou um fio de linha da barra. Ele pareceu ter removido a cólera desse modo. Toda a cólera, o ódio, o medo, nada mais se podia ver em seu olhar pálido e indiferente.

— Esta é mesmo uma história espantosa, velho — ele disse em voz baixa. — Gostei dela. Você é um bom mentiroso, e por isso vou mantê-lo aqui. Por enquanto. Até eu me fartar das suas histórias.

— Me manter aqui? — Fenoglio empertigou-se. — Eu não pretendo ficar aqui! O que…

Mas Capricórnio tapou a boca dele com a mão.

— Nem mais uma palavra! — ele sussurrou. — Basta me contou sobre os seus três netos. Se você me causar problemas ou contar as suas mentiras para os meus homens, pedirei a Basta que embrulhe algumas víboras em papel de presente e as deixe na porta da casa dos seus netos. Fui claro, meu velho?

Fenoglio deixou a cabeça cair, como se Capricórnio tivesse quebrado seu pescoço apenas com algumas palavras sussurradas. Quando ele a ergueu novamente, o medo estava instalado em cada ruga de seu rosto.

Com um sorriso de satisfação, Capricórnio enfiou a mão no bolso da calça.

— Sim, todos vocês têm o coração mole atado a alguma coisa — ele disse. — Filhos, netos, irmãos, pais, cães, gatos, canários… Todo mundo tem: camponeses, donos de lojas, até mesmo os policiais têm família, ou pelo menos um cão. Você devia ter visto o pai dela!

Capricórnio apontou para Meggie tão de repente que ela levou um susto.

— Ele virá até aqui, mesmo sabendo que não o deixarei ir embora, nem ele nem a

filha dele. Mesmo assim ele virá. Este mundo não está maravilhosamente organizado?

— Sim — murmurou Fenoglio. — Maravilhosamente.

E pela primeira vez ele contemplou sua criatura não com admiração mas com repulsa. Capricórnio preferiu assim.

— Basta! — ele gritou, e fez um sinal para que ele se aproximasse.

Basta se pôs a andar exageradamente devagar. Ele ainda parecia ofendido.

— Leve o velho para o quarto onde prendemos Darius antes! — ordenou Capricórnio. — E ponha uma sentinela na porta.

— Você quer que eu o leve para a sua casa?

— Sim, por que não? Afinal de contas ele afirma ser algo como o meu pai. Além disso, as histórias dele são divertidas.

Basta sacudiu os ombros e pegou o braço de Fenoglio. Meggie olhou assustada para o escritor. Logo ela estaria totalmente sozinha, sozinha com as paredes sem janelas e com a porta trancada num estábulo de Capricórnio. Mas Fenoglio segurou a mão dela antes que Basta pudesse levá-lo.

— Deixe a menina comigo — ele disse para Capricórnio. — Você não pode prendê-la de novo naquele buraco e deixá-la sozinha.

Capricórnio lhe deu as costas com uma expressão de indiferença.

— Como quiser. De qualquer forma, o pai dela logo estará aqui.

Sim, Mo viria. Meggie não conseguia pensar em outra coisa enquanto Fenoglio a levava consigo, com o braço em seu ombro, como se pudesse realmente protegê-la de Capricórnio, de Basta e de todos os outros. Mas ele não podia. E Mo poderia? É claro que não. “Por favor!”, ela pensou. Talvez ele não conseguisse mais encontrar o caminho. Ele não podia vir. Era a única coisa que ela desejava. A única coisa em todo o mundo.

35. Objetivos distintos

Faber enfiou o nariz no livro.

— Você sabia que os livros cheiram a noz-moscada ou a outras especiarias exóticas? Quando eu era pequeno sempre gostava de cheirá-los.

Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*

Farid avistou o automóvel.

Quando ele apareceu na estrada, Dedo Empoeirado estava deitado debaixo de uma árvore, tentando refletir. Desde que soubera que Capricórnio estava de volta, ele não conseguira mais ter um único pensamento claro. Capricórnio estava de volta e ele ainda não sabia onde procurar o livro. As folhas desenhavam sombras em seu rosto, o sol atravessava os galhos como agulhas brancas e quentes, e ele sentia a testa arder. Basta e Nariz Chato também haviam voltado, é claro. O que ele esperava? Que eles ficassem fora para sempre?

— Por que você está nervoso, Dedo Empoeirado? — ele sussurrou para as folhas. — Você nunca deveria ter voltado para cá. Sabia que seria perigoso.

Ele ouviu passos se aproximarem, passos apressados.

— Um carro cinza! — Farid ofegava quando se ajoelhou ao seu lado na grama, de tão depressa que correra. — Acho que é Língua Encantada!

Dedo Empoeirado levantou-se de um salto. O garoto sabia do que estava falando. De fato sabia distinguir aqueles besouros de lata fedorentos. Ele próprio nunca conseguira.

Afoito, ele seguiu Farid até o ponto de onde se enxergava a ponte. Como uma cobra preguiçosa, a estrada ondulava em direção à aldeia de Capricórnio. Não lhes restava muito tempo caso quisessem cortar o caminho de Língua Encantada. Sem parar para pensar, os dois desabalaram encosta abaixo. Farid foi o primeiro a pular no asfalto. Dedo Empoeirado sempre tivera orgulho da própria agilidade, mas o garoto era ainda mais hábil do que ele, rápido em suas pernas finas como as de um gamo. Agora ele já brincava com o fogo como com um cachorrinho, tão esquecido da vida que de vez em quando Dedo Empoeirado o lembrava, com um palito de fósforo aceso,

de como eram quentes os dentes daquele cãozinho.

Língua Encantada freou bruscamente quando viu Dedo Empoeirado e Farid no meio da estrada. Ele parecia muito cansado, como se tivesse dormido mal algumas noites. Ao lado dele estava Elinor. De onde ela vinha? Ela não tinha voltado para casa e para o seu mausoléu de livros? E onde estava Meggie?

O rosto de Língua Encantada se fechou quando ele viu Dedo Empoeirado. Ele desceu do automóvel.

— É claro! — ele exclamou enquanto andava na direção de Dedo Empoeirado. — *Você* contou para eles onde estávamos! Quem mais seria? O que Capricórnio prometeu a você desta vez?

— Eu contei o que para quem? — Dedo Empoeirado recuou. — Não contei nada para ninguém. Pergunte ao garoto.

Língua Encantada nem ao menos olhou para Farid. A devoradora de livros também descera. Ela ficou ao lado do automóvel com cara amarrada.

— A única pessoa aqui que contou alguma coisa foi você! — exclamou Dedo Empoeirado. — Você contou ao velho sobre mim, embora tivesse prometido que não contaria.

Língua Encantada parou. Era tão fácil fazê-lo sentir-se culpado.

— Vocês deveriam esconder o automóvel debaixo das árvores. — Dedo Empoeirado apontou para a beira da estrada. — A qualquer momento pode passar um dos homens de Capricórnio, e eles não gostam nem um pouco de automóveis estranhos.

Língua Encantada virou-se e olhou para a estrada.

— Você não está acreditando nele, não é? — exclamou Elinor. — É claro que foi ele quem traiu vocês, quem mais seria? É só ele abrir a boca que já começa a mentir.

— Basta levou Meggie. — Língua Encantada soou inexpressivo, bem diferente de antes, como se, junto com sua filha, tivessem levado também o timbre de sua voz. — Eles também levaram Fenoglio, ontem de manhã, quando fui buscar Elinor no aeroporto. Desde então estamos procurando esta maldita aldeia. Eu já não sei mais quantas aldeias abandonadas há nestas colinas. Somente quando passamos pela barreira da estrada é que tive certeza de que finalmente estávamos na estrada certa.

Dedo Empoeirado ficou calado olhando para o céu. Alguns pássaros voavam para o sul, negros como o uniforme dos homens de Capricórnio. Ele não vira quando eles haviam trazido a menina, mas também não ficara o dia inteiro olhando para o estacionamento.

— Basta passou vários dias fora, de fato eu pensei que ele estava procurando vocês — ele disse. — Você tem sorte de ele não ter conseguido apanhá-lo.

— Sorte? — Elinor ainda estava ao lado do automóvel. Então ela exclamou para Língua Encantada: — Diga para ele sair do nosso caminho! Ou eu mesma vou passar por cima dele! Ele estava mancomunado com esses incendiários miseráveis desde o começo.

Língua Encantada ainda olhava para Dedo Empoeirado como se não pudesse decidir se acreditava nele ou não.

— Os homens de Capricórnio invadiram a casa de Elinor — ele disse finalmente. — Eles fizeram uma fogueira no jardim com todos os livros da biblioteca dela.

Dedo Empoeirado teve que admitir que por um momento sentiu quase uma certa satisfação. O que aquela fanática por livros estava achando? Que Capricórnio simplesmente a esqueceria? Ele sacudiu os ombros e olhou para Elinor com uma cara inexpressiva.

— Isso era de se esperar — ele disse.

— Isso era de se esperar? — a voz de Elinor quase não saiu.

Agressiva como um fila, ela partiu para cima dele. Farid se interpôs no caminho, mas ela o empurrou tão bruscamente para o lado que ele caiu no asfalto quente.

— Talvez você consiga enganar esse garoto com os seus números de cuspir fogo e com as suas bolas coloridas, seu devorador de fósforos! — ela vociferou. — Mas comigo isso não funciona! De todos os livros da minha biblioteca, a única coisa que sobrou foi um monte de cinzas! A polícia ficou muito admirada com a maestria do incendiário. "Pelo menos eles não incendiaram a sua casa, senhora Loredan! Nem mesmo houve danos no seu jardim, a não ser pela mancha do fogo no gramado." De que me interessa a casa? De que me interessa a maldita grama? Eles queimaram meus livros mais preciosos!

Dedo Empoeirado viu as lágrimas em seus olhos, mesmo tendo virado o rosto

depressa, e de repente sentiu uma certa compaixão. Pensando bem, talvez ela fosse semelhante a ele: o lar dela também consistia em papel e tinta de impressão, como o dele. Talvez ela se sentisse tão estranha quanto ele no mundo real. Mas Dedo Empoeirado não demonstrou sua compaixão, ele a escondeu sob a máscara do deboche e da indiferença, assim como ela escondia o seu desespero com a raiva.

— Mas o que a senhora estava pensando? Capricórnio sabia o seu endereço. Era de se prever que ele mandasse os homens dele depois que vocês simplesmente desapareceram. Ele sempre foi muito rancoroso.

— Ah, é, e por quem ele sabia onde eu moro? Por você? — Elinor ergueu a mão com os punhos fechados, mas Farid segurou o braço dela.

— Ele não denunciou nada — o garoto exclamou. — Nada nem ninguém. Ele só está aqui para roubar uma coisa.

Elinor abaixou o braço.

— Então é isso! — Língua Encantada pôs-se do lado dela. — Você veio buscar o livro. Isso é loucura!

— É? E você? O que pretende fazer? — Dedo Empoeirado olhou para ele com desprezo. — Você pretende simplesmente entrar na igreja de Capricórnio e pedir a ele que devolva a sua filha?

Língua Encantada não respondeu.

— Ele não vai devolvê-la e você sabe disso! — prosseguiu Dedo Empoeirado. — Ela é apenas a isca e, assim que você tiver mordido, vocês dois serão prisioneiros de Capricórnio, provavelmente até o fim da vida.

— Eu queria trazer a polícia! — Irritada, Elinor libertou seu braço das mãos morenas de Farid. — Mas Mortimer foi contra.

— O que foi inteligente da parte dele! Capricórnio teria mandado Meggie para as montanhas e vocês nunca mais a veriam.

Língua Encantada olhou para a direção em que, atrás das colinas, se via o contorno escuro das montanhas.

— Espere até eu roubar o livro! — disse Dedo Empoeirado. — Esta noite entrarei novamente na aldeia! Não posso libertar a sua filha como da última vez, pois Capricórnio triplicou as sentinelas, e à noite a aldeia toda fica mais clara do que a

vitrine de uma joalheria, mas talvez eu descubra onde ela está presa! Aí você pode fazer o que quiser com essa informação. E como agradecimento por meus esforços, antes você lerá o livro e tentará me mandar de volta. Que tal?

Dedo Empoeirado achou a proposta bastante racional, mas Língua Encantada refletiu brevemente e então recusou com a cabeça.

— Não! — ele disse. — Não! Sinto muito, não posso mais esperar. Meggie já deve estar se perguntando onde estou. Ela precisa de mim.

E com isso ele se virou e voltou para o automóvel.

Mas, antes que ele pudesse entrar, Dedo Empoeirado se pôs em seu caminho.

— Eu também sinto muito — ele disse enquanto abria a navalha de Basta. — Você sabe que eu não gosto dessas coisas, mas às vezes precisamos proteger as pessoas contra as próprias besteiras. Não vou permitir que você entre às cegas nessa aldeia, como um coelho numa armadilha, apenas para que Capricórnio capture você e sua maravilhosa voz novamente. Isso não vai ajudar a sua filha, e a mim muito menos.

A um sinal de Dedo Empoeirado, Farid também pegara a sua navalha. Ele a comprara para o garoto numa cidadezinha à beira-mar; quase não passava de um canivete, mas Farid a encostou com tanta firmeza nas costelas de Elinor que ela contraiu o rosto.

— Meu Deus, você está querendo me cortar de verdade, seu pequeno cretino? — ela vociferou.

O garoto recuou, mas não abaixou a faca.

— Tire o carro daí, Língua Encantada! — ordenou Dedo Empoeirado. — E não tenha ideias idiotas: o garoto vai segurar a faca no peito da sua amiga maluca por livros até que você volte aqui.

Língua Encantada obedeceu. Naturalmente. O que mais ele poderia fazer? Eles amarraram os dois nas árvores que cresciam atrás da casa incendiada, a apenas alguns passos de distância de seu acampamento. Elinor reclamou aos berros, como Gwin fazia quando era puxado para fora da mochila pelo rabo.

— Pare! — ralhou Dedo Empoeirado. — Não será de grande ajuda para nós se os homens de Capricórnio nos acharem aqui.

Aquilo funcionou. Ela parou na hora. Língua Encantada havia encostado a cabeça

no tronco da árvore e fechado os olhos.

Farid testou mais uma vez todos os nós das cordas, até que Dedo Empoeirado o chamou com um sinal.

— Você vai ficar aqui vigiando os dois quando eu entrar na aldeia esta noite — ele cochichou. — E não me venha com os espíritos novamente. Afinal, desta vez você não estará sozinho.

O garoto olhou para ele melindrado, como se Dedo Empoeirado tivesse posto a sua mão no fogo.

— Mas eles estão amarrados! — ele protestou. — O que há para vigiar? Até hoje ninguém conseguiu desmanchar os meus nós, palavra de honra! Por favor. Quero ir com você! Eu posso vigiar, ou distrair as sentinelas. Posso até mesmo entrar na casa de Capricórnio! Eu sou mais silencioso do que Gwin!

Mas Dedo Empoeirado sacudiu a cabeça.

— Não! — ele disse em tom rude. — Hoje irei sozinho. E se precisar de alguém para me seguir feito uma sombra, eu arrumo um cachorro.

Então ele deixou o garoto.

Era um dia quente. O céu sobre as colinas estava azul e sem uma única nuvem. Ainda faltavam muitas horas para escurecer.

36. Na casa de Capricórnio

No sonho, eu entrei algumas vezes em casas escuras que não conhecia. Casas estranhas, escuras, assustadoras. Quartos negros que me envolviam até eu não conseguir mais respirar…

Astrid Lindgren, *Mio, meu filho*

Duas estreitas camas-beliche de metal encostadas na parede caiada, um armário, uma mesa diante da janela, uma cadeira, uma prateleira sobre a qual havia apenas uma vela. Meggie tinha esperanças de poder ver da janela a estrada ou pelo menos o estacionamento, mas o quarto tinha vista apenas para o pátio. Algumas das criadas de Capricórnio estavam agachadas nos canteiros arrancando ervas daninhas, e as galinhas ciscavam numa área cercada de arame. O muro em volta do pátio era alto como o de uma prisão.

Fenoglio estava sentado na cama de baixo, com o olhar fixo no chão poeirento. As tábuas do assoalho rangiam quando eles andavam. Do outro lado da porta, Nariz Chato reclamava.

— O que você quer que eu faça? Não, com os diabos, procure outra pessoa! Prefiro entrar escondido na aldeia vizinha e pôr um trapo com gasolina na porta de alguém ou um galo morto na janela. Por mim, até fico dançando com uma máscara de diabo na frente das janelas, como Cockerell teve que fazer no mês passado. Mas eu não vou ficar aqui feito um dois de paus vigiando um velho e uma menininha! Pegue um dos garotos, eles ficam felizes quando podem fazer alguma coisa que não seja lavar os carros.

Mas Basta não se deixou convencer.

— Depois do jantar você será substituído! — ele disse, e saiu.

Meggie ouviu seus passos se distanciarem no longo corredor, eram cinco portas até a escada, depois lá embaixo, à esquerda, estava a porta de entrada… ela gravara o caminho direitinho. Mas como passaria por Nariz Chato? Ela foi mais uma vez até a janela. Só de olhar para fora, sentiu vertigens. Não, por ali não seria possível descer, ela poderia quebrar o pescoço.

— Deixe a janela aberta! — disse Fenoglio atrás dela. — Aqui dentro está tão

quente que eu vou acabar derretendo.

Meggie sentou-se ao lado dele na cama.

— Eu vou fugir! — ela sussurrou. — Assim que escurecer.

O homem velho olhou para ela espantado, mas então sacudiu a cabeça energicamente.

— Você ficou louca? É perigoso demais!

Lá fora no corredor, Nariz Chato ainda reclamava com seus botões.

— Vou dizer que preciso ir ao banheiro. — Meggie segurou firme sua mochila. — E então vou sair correndo.

Fenoglio segurou-a pelos ombros.

— Não! — ele sussurrou mais uma vez com voz firme. — Não, você não vai! Vamos ter alguma outra ideia! Ter ideias é a minha profissão, você já se esqueceu?

Meggie apertou os lábios.

— Está bem, está bem! — ela murmurou.

Então ela se levantou e andou lentamente de volta para a janela.

Lá fora o sol se punha.

"Vou tentar assim mesmo", ela pensou, enquanto atrás dela Fenoglio se esticava com um suspiro na cama estreita. "Não vou fazer o papel de isca! Vou fugir antes que eles prendam Mo também."

E enquanto ela esperava pela escuridão, espantou pela centésima vez a pergunta que não saía da sua cabeça.

Onde estava Mo?

Por que ele ainda não chegara?

37. Imprudência

— Você acha então que é uma armadilha? — perguntou o conde.

— Sempre acho que tudo é uma armadilha até provarem o contrário — respondeu o príncipe. — Por isso ainda estou vivo.

William Goldman, *O noivo da princesa*

O ar continuou quente depois que o sol se pôs. Nem mesmo uma brisa soprava na escuridão, e os vaga-lumes dançavam sobre a relva seca quando Dedo Empoeirado se pôs mais uma vez a caminho da aldeia de Capricórnio.

Naquela noite, duas sentinelas rondavam o estacionamento, e nenhuma delas usava fones de ouvido, por isso Dedo Empoeirado resolveu aproximar-se da casa de Capricórnio por um novo caminho. Do outro lado da aldeia, as vielas haviam sido gravemente destruídas pelo terremoto que também expulsara os últimos moradores, havia mais de cem anos. O estrago fora tamanho que Capricórnio não tinha se preocupado em mandar executar ali nenhuma obra de reconstrução. Essas vielas estavam bloqueadas pelos escombros de paredes desmoronadas, e escalar esses escombros era de fato perigoso. Quase sempre alguma coisa desabava, mesmo depois de tantos anos, e os homens de Capricórnio evitavam essa parte da aldeia onde, atrás de portas apodrecidas, ainda se podia ver em algumas mesas a louça suja de habitantes desaparecidos. Não havia holofotes, e mesmo as sentinelas andavam por ali só muito raramente.

Na viela em que Dedo Empoeirado entrou, as telhas e pedras quebradas amontoavam-se em pilhas mais altas do que seu joelho e escorregavam sob seus passos. Temeroso de que o barulho tivesse chamado a atenção de alguém, ele parou para escutar os sons da noite, e viu uma sentinela entre as casas em ruínas. Sua boca ficou seca de medo, enquanto ele se abaixava atrás da parede mais próxima. Ela estava cheia de ninhos de andorinhas, um ao lado do outro. A sentinela aproximou-se assobiando. Dedo Empoeirado conhecia aquele casaco-preto, que já estava com Capricórnio havia anos. Basta o recrutara numa outra aldeia, num outro país. Capricórnio não vivera sempre naquelas colinas. Houve outros lugares, outras aldeias isoladas como aquela, uma vez até mesmo um castelo. Mas sempre chegava o dia em que se rompia a rede de medo que Capricórnio sabia tecer tão bem, e a polícia ficava alerta. Em algum

momento isso aconteceria ali também.

A sentinela parou e acendeu um cigarro. A fumaça entrou no nariz de Dedo Empoeirado. Ele virou a cabeça e viu um gato, um bichano magro e branco sentado entre as pedras. Como que petrificado, ele o encarava com seus olhos verdes. "Psiu!", Dedo Empoeirado teve vontade de sussurrar. "Por acaso eu pareço perigoso? Não, mas aquele ali do outro lado vai atirar em você, e depois vai ser a minha vez." Os olhos verdes continuavam a fitá-lo. O rabo branco começou a oscilar para lá e para cá. Dedo Empoeirado olhou para suas botas cheias de pó, para um pedaço de ferro escondido entre as pedras, não só para o gato. Animais não gostam que olhem em seus olhos. Gwin arreganhava seus dentes afiados sempre que ele fazia isso.

A sentinela começou a assobiar novamente, o cigarro entre os lábios. Então, finalmente, quando Dedo Empoeirado já estava pensando que teria de ficar o resto da vida agachado atrás de uma parede em ruínas, o casaco-preto deu meia-volta e começou a andar. Dedo Empoeirado não ousou se mexer até que os passos tivessem silenciado. Quando ele se ergueu com as pernas duras, o gato saltou dali com um rosnado, e ele ficou por um bom tempo entre as casas mortas esperando que seu coração voltasse a bater devagar.

Dedo Empoeirado não encontrou mais sentinelas até pular o muro da casa de Capricórnio. O cheiro de tomilho penetrou em seu nariz, forte como se espalhava apenas durante o dia. Tudo parecia perfumado naquela noite quente, até mesmo os tomateiros e os pés de alface. No canteiro perto da casa, cresciam as plantas venenosas. A gralha as cultivava pessoalmente. Alguns casos de morte na aldeia haviam cheirado a espirradeira e a meimendro negro.

A janela do quarto em que Resa dormia estava aberta, como sempre. Quando Dedo Empoeirado imitou o rosnado raivoso de Gwin, uma mão acenou para ele da janela e desapareceu depressa novamente. Ele se encostou na porta gradeada e ficou esperando. O céu estava salpicado de estrelas, quase não parecia haver lugar para a noite. "Ela deve ter descoberto alguma coisa", ele pensou. "Mas e se ela me contar que Capricórnio trancou o livro no seu cofre?"

A porta atrás das grades se abriu. Ela sempre rangia, como que se queixando da perturbação noturna. Dedo Empoeirado virou-se e viu um rosto estranho. Era uma garota de quinze, talvez dezesseis anos. As maçãs do seu rosto ainda eram rechonchudas como as de uma criança.

— Onde está Resa? — Dedo Empoeirado agarrou as barras de metal. — O que aconteceu com ela?

A garota parecia paralisada de medo. Olhava para as cicatrizes de Dedo Empoeirado como se nunca tivesse visto um rosto marcado antes.

— Ela pediu a você que viesse? — Dedo Empoeirado sentiu vontade de enfiar as mãos pela grade para sacudir aquela pateta. — Diga logo, eu não tenho a noite toda.

Ele não podia ter pedido a Resa que o ajudasse. Devia ter procurado por conta própria. Como tinha sido capaz de colocá-la em perigo?

— Eles a prenderam? Fale de uma vez!

A garota olhou por cima dos ombros dele e deu um passo para trás. Dedo Empoeirado virou-se para ver o que ela tinha visto… e deu de cara com Basta.

Onde é que haviam estado seus ouvidos? Basta era famoso por seus passos silenciosos, mas Nariz Chato, que estava ao lado dele, não era nenhum mestre em se aproximar furtivamente. E Basta tinha mais companhia: Mortola estava ao seu lado. Portanto, na noite anterior ela não pusera a cabeça para fora da janela apenas para tomar ar fresco. Ou será que Resa o havia traído? Pensar nisso lhe doía.

— Realmente não achei que você tivesse coragem de voltar aqui! — rosnou Basta enquanto o empurrava contra a grade com a mão aberta.

Dedo Empoeirado sentiu as barras pressionarem suas costas.

Nariz Chato sorria de orelha a orelha, como uma criança na noite de Natal. Ele sempre sorria dessa maneira quando conseguia meter medo em alguém.

— O que você quer com a nossa bela Resa?

Basta abriu a navalha, e o sorriso de Nariz Chato ficou ainda mais largo quando ele viu as gotas de suor que o medo provocava no rosto de Dedo Empoeirado.

— Bem, é o que eu sempre digo — continuou Basta enquanto dirigia lentamente a ponta da faca para o peito de Dedo Empoeirado. — O devorador de fogo é apaixonado por Resa, ele a engoliria com os olhos se pudesse, mas ninguém quer acreditar em mim. Mesmo assim, para se atrever a vir aqui, sendo um medroso renomado como é…

— É que ele está apaixonado — disse Nariz Chato rindo.

Mas Basta sacudiu a cabeça.

— Não, Dedo Podre não viria aqui por amor, ele tem um coração duro demais para isso. Foi por causa do livro, não é? Você ainda tem saudade das fadas de asinhas e dos duendes fedorentos.

Basta passou a navalha quase com carinho no pescoço de Dedo Empoeirado, que esqueceu como se respirava. Ele simplesmente não se lembrava.

— Volte para o seu quarto! — a gralha ralhou com a garota atrás dele. — O que você ainda está fazendo aí?

Dedo Empoeirado ouviu o rumorejar de um vestido, e então a porta atrás dele se trancou.

A faca de Basta ainda estava em seu pescoço, mas, quando ele ia fazer a ponta subir mais um pouco, a gralha segurou o braço dele.

— Agora chega! — ela disse rudemente. — Acabou a brincadeira, Basta.

— Isso mesmo, o chefe disse que queria ele inteiro! — podia-se perceber na voz de Nariz Chato como ele desgostava dessa ordem.

Basta passou mais uma vez a navalha pelo pescoço de Dedo Empoeirado. Então fechou-a com um movimento brusco.

— É realmente uma pena! — disse Basta.

Dedo Empoeirado sentiu o bafo de Basta em sua pele. Tinha cheiro de menta, fresca e forte. Parece que uma garota que ele queria beijar lhe dissera que ele tinha mau hálito. Não era o que a garota pretendia, mas desde então Basta mascava folhas de menta de manhã à noite.

— Com você a gente sempre pode brincar, Dedo Empoeirado — ele disse enquanto recuava, com a navalha fechada ainda na mão.

— Leve-o para a igreja! — ordenou Mortola. — Vou informar Capricórnio.

— Sabia que o chefe está furioso com a sua amiguinha muda? — Nariz Chato sussurrou para Dedo Empoeirado, enquanto o escoltava junto com Basta. — Ela sempre foi uma espécie de favorita.

Por um breve instante, Dedo Empoeirado sentiu-se quase bem.

Resa não o traíra.

Assim mesmo, ele não devia ter pedido a ajuda dela. Nunca.

38. Palavras sussurradas

Ela gostava das lágrimas dele, e estendia seus belos dedos fazendo-as rolar por eles. Sua voz era tão baixa que no começo ele não conseguia entender o que ela dizia. Então ele entendeu. Ela disse que pensava que poderia sarar se as crianças acreditassem em fadas.

James M. Barrie, *Peter Pan*

Meggie tentou mesmo.

Assim que escureceu, ela começou a martelar com os punhos na porta. Fenoglio acordou sobressaltado, mas antes que ele pudesse detê-la Meggie já havia gritado para o vigia do outro lado da porta que precisava ir ao banheiro. O homem que substituíra Nariz Chato era um sujeito de pernas curtas com orelhas de abano, que espantava o tédio matando mariposas perdidas pela casa com um jornal. Já havia mais de uma dúzia grudada na parede branca quando ele deixou Meggie sair do quarto.

— Eu também preciso ir! — exclamou Fenoglio, certamente com a pretensão de demover Meggie de seu propósito, mas o vigia fechou a porta na cara dele.

— Um de cada vez — ele grunhiu para o velho escritor. — E, se não conseguir segurar, pode fazer pela janela.

Ele pegou o jornal quando levou Meggie até o banheiro. No caminho, matou mais três mariposas e uma borboleta que revoava agitada entre as paredes nuas. Finalmente ele abriu uma porta, a última antes da escada que levava para baixo. "Só alguns passos!", pensou Meggie. Com certeza, ela seria mais rápida do que ele para pular os degraus.

— Por favor, Meggie, você tem que esquecer essa ideia de fugir! — repetira Fenoglio várias vezes em seu ouvido. — Você vai se perder. Lá fora são quilômetros e quilômetros sem um só povoado! O seu pai a colocaria de castigo se soubesse o que você pretende fazer.

"Ele não faria isso", pensou Meggie. Porém quando ela estava naquele cubículo, onde não havia nada além de um vaso sanitário e um balde, ela quase perdeu a coragem. Estava tão escuro lá fora, terrivelmente escuro. E era um longo caminho até a porta de entrada da casa de Capricórnio.

— Eu preciso tentar! — ela sussurrou antes de abrir a porta. — Eu preciso!

O vigia apanhou-a já no quinto degrau. Ele a carregou de volta como um saco.

— Da próxima vez, vou levá-la para o chefe — ele disse enquanto a empurrava de volta para dentro do quarto. — Ele deve conhecer um bom castigo para você.

Meggie chorou baixinho por quase meia hora, e Fenoglio ficou sentado ao lado dela, olhando para a frente com uma expressão infeliz.

— Já está tudo bem — ele murmurava de vez em quando, mas não estava nada bem, absolutamente nada.

— Nem ao menos temos uma lâmpada! — ela disse entre soluços em algum momento. — E eles também levaram os meus livros.

Então Fenoglio enfiou a mão debaixo de seu travesseiro e pôs uma lanterna no colo dela.

— Achei debaixo do meu colchão — ele sussurrou. — Junto com alguns livros. Tenho a impressão de que alguém os escondeu ali.

Darius, o leitor. Meggie ainda se lembrava bem de como aquele homenzinho magro havia entrado afoito na igreja de Capricórnio. A lanterna devia pertencer a ele. Quanto tempo Capricórnio o teria mantido preso naquele quartinho frio?

— No armário também havia um cobertor, eu o deixei na cama de cima para você — sussurrou Fenoglio. — Não consigo subir. Quando tentei, a cama sacudiu como um barco em alto-mar.

— Tudo bem, prefiro ficar em cima mesmo.

Meggie enxugou o rosto com a manga. Ela não estava mais com vontade de chorar. Não adiantava nada mesmo.

Em cima do colchão, junto com o cobertor, Fenoglio deixara alguns livros de Darius para ela. Cuidadosamente, Meggie colocou-os lado a lado. Eram quase todos livros para adultos: um romance policial que parecia lido e relido diversas vezes, um livro sobre serpentes, um sobre Alexandre, o Grande, e a *Odisseia*. Um livro de contos de fadas e *Peter Pan* eram os únicos livros infantis — e *Peter Pan* ela já lera pelo menos meia dúzia de vezes.

Lá fora o vigia continuava a investir com o jornal e, debaixo dela, Fenoglio mexia-

se inquieto na cama estreita. Meggie sabia que não conseguiria dormir. Nem ao menos precisava tentar. Ela olhou mais uma vez para os livros desconhecidos. Um monte de portas fechadas. Por qual ela deveria entrar? Atrás de qual delas ela se esqueceria de tudo, de Basta e Capricórnio, de *Coração de tinta*, de si mesma, de tudo mesmo? Ela pôs de lado o romance policial, depois o livro sobre Alexandre, o Grande, hesitou um pouco e pegou a *Odisseia*. O pequeno volume parecia ter sido lido muitas vezes. Darius devia gostar muito dele. Ele até mesmo sublinhara algumas linhas, uma delas com tanta força que o lápis quase rasgara o papel: *"Mas os amigos não o salvaram, por mais que ele o desejasse com fervor"*. Meggie continuou a folhear indecisa as páginas gastas, mas então fechou o livro e o pôs de lado também. Não. Conhecia aquela história o bastante para saber que tinha quase tanto medo daqueles heróis quanto dos homens de Capricórnio. Ela enxugou uma lágrima que ainda restara em sua bochecha, e passou a mão em cima dos outros livros. Contos de fadas. Não gostava particularmente de contos de fadas, mas o livro era muito bonito. Suas páginas crepitaram quando Meggie começou a folheá-las. Eram finas como papel de seda, cobertas por letras miúdas. Havia figuras magníficas de anões e fadas, e as histórias contavam sobre criaturas poderosas, gigantescas, com forças colossais, até mesmo imortais, mas todas pérfidas: os gigantes devoravam gente, os anões eram gananciosos, e as fadas eram rancorosas e vingativas. Não. Meggie dirigiu o foco da lanterna para o último livro. *Peter Pan*.

Ali a fada também não era lá muito simpática, mas o mundo que a esperava entre as duas capas lhe era familiar. Talvez fosse exatamente o adequado para uma noite tão escura. Lá fora uma coruja piou, de resto a aldeia de Capricórnio estava em silêncio. Fenoglio murmurou algo durante o sono e começou a roncar. Meggie enfiou-se debaixo do cobertor áspero, tirou da mochila o pulôver de Mo e usou-o como travesseiro.

— Por favor! — ela sussurrou enquanto abria o livro. — Por favor, leve-me para longe daqui, apenas por uma ou duas horas, mas por favor leve-me para longe, muito longe.

No corredor, o vigia resmungou alguma coisa com seus botões. Provavelmente estava entediado. O assoalho rangia sob seus passos enquanto ele andava para lá e para cá, para lá e para cá, sem parar, na frente da porta trancada.

— Para longe! — sussurrou Meggie. — Leve-me para longe! Por favor!

Ela passou o dedo pelas linhas no papel áspero como areia, enquanto seus olhos

seguiam as letras que a levavam para um outro lugar, mais frio, num outro tempo, numa casa sem portas trancadas ou homens vestidos de preto. "*Mal a fada entrara, a janela se abriu*", sussurrou Meggie. Ela podia ouvi-la ranger. "*As estrelinhas desapareceram e Peter caiu no chão. Ele havia carregado Sininho por uma parte do caminho, e suas mãos ainda estavam cheias de pó de pirlimpimpim*." "Fadas", pensou Meggie, "entendo que Dedo Empoeirado sinta falta delas." Mas agora esse era um pensamento proibido. Ela não queria pensar em Dedo Empoeirado, apenas na fada Sininho, em Peter Pan e em Wendy, que estava dormindo e não fazia ideia que o estranho garoto, vestido com folhas e teias de aranha, havia entrado voando em seu quarto. "*— Sininho — ele chamou baixinho depois de se assegurar que as crianças dormiam. — Sininho, onde você está? — Sininho havia entrado numa jarra e estava adorando, ela nunca estivera dentro de uma jarra antes*." Sininho. Meggie sussurrou o nome duas vezes, sempre gostara de pronunciá-lo, com o sussurro do *s* e a agradável sonoridade do diminutivo. "*— Venha logo, venha aqui e me diga se você sabe onde eles puseram a minha sombra. — Um adorável tilintar, como se saído de um sino dourado, foi a resposta. Essa é a linguagem das fadas. Vocês, crianças normais, não podem ouvi-la, mas se pudessem saberiam que a conhecem de longa data*." "Se eu pudesse voar como a fada Sininho", pensou Meggie, "então eu poderia simplesmente subir ali no peitoril da janela e sair voando. Não teria que me preocupar com as cobras e encontraria Mo antes que ele chegasse aqui. Ele deve ter se perdido no caminho. Sim. Isso mesmo. Mas e se aconteceu alguma coisa com ele..." Meggie sacudiu a cabeça, como se dessa maneira pudesse espantar os pensamentos que começavam a voltar sorrateiramente. "*Sininho disse que a sombra de Peter Pan se encontrava no grande baú*" — Meggie sussurrou. —"*Ela se referia à cômoda, e Peter pulou até lá, abriu as gavetas e, com as duas mãos, esparramou seu conteúdo no...*"

Meggie parou. Havia uma claridade no quarto. Ela desligou a lanterna, mas a luz continuava lá... "*mil vezes mais clara do que as lamparinas*".

— "*E se ela ficasse quieta por um segundo*" — Meggie sussurrou — "*você veria: era uma...*"

Ela não pronunciou a palavra, apenas seguiu com os olhos a luz que oscilava para lá e para cá, agitada, mais rápida do que um vaga-lume e muito maior.

— Fenoglio!

O vigia no corredor não dera mais sinal de vida. Talvez ele tivesse pegado no sono. Meggie debruçou-se para fora da cama, até alcançar os ombros de Fenoglio com

os dedos.

— Fenoglio, veja!

Ela o sacudiu até ele finalmente abrir os olhos. E se ela voasse pela janela?

Meggie desceu da cama. Fechou a janela tão depressa, que quase prensou nela uma das asas brilhantes. Assustada, a fada chispou dali. Meggie ouviu um zunido que soou como um xingamento.

Fenoglio olhou com sono para a criatura cintilante.

— O que é isso? — ele perguntou com a voz rouca. — Um vaga-lume mutante?

Meggie voltou para a cama sem tirar os olhos da fada. Ela voava cada vez mais depressa pelo quarto estreito, como uma borboleta extraviada, subia até o teto, voltava para a porta, ia de novo até a janela. Sempre voltava para a janela. Meggie pôs o livro no colo de Fenoglio.

— *Peter Pan*.

Ele olhou para o livro, depois para a fada, depois de novo para o livro.

— Foi sem querer! — sussurrou Meggie. — Verdade.

A fada voou mais uma vez para a janela, inquieta.

— Não! — Meggie foi até ela. — Você não pode sair! Você não entende.

Era uma fada. Não era maior do que a sua mão, mas ainda não terminara de crescer. Era uma menina, que se chamava Sininho, e estava vestida elegantemente com uma folha plissada.

— Está vindo alguém! — Fenoglio ergueu-se tão depressa que bateu a cabeça na cama de cima. Ele tinha razão. Lá fora no corredor, passos se aproximavam, passos rápidos e decididos. Meggie recuou em direção à janela. O que seria aquilo? Era de madrugada. "Mo chegou!", ela pensou. "Ele está aqui." E seu coração pulou de alegria, embora ela não quisesse se alegrar.

— Esconda-a! — sussurrou Fenoglio. — Depressa, esconda-a!

Meggie olhou para ele confusa. "É claro! A fada." Eles não podiam descobri-la. Meggie tentou pegá-la, mas ela escapou de seus dedos e voou para o teto. Ali ela ficou, como uma lâmpada de vidro invisível.

Os passos agora estavam muito próximos.

— É isso que você chama de montar guarda? — era a voz de Basta. Meggie ouviu um gemido abafado, provavelmente ele acordara o guarda com um chute. — Vamos, abra, não tenho todo o tempo do mundo.

Alguém enfiou a chave na fechadura.

— Não é esta a chave, seu preguiçoso idiota! Capricórnio está esperando a menina, e eu direi a ele por que teve que esperar tanto.

Meggie subiu em sua cama, que chacoalhou perigosamente quando ela ficou de pé.

— Sininho! — ela sussurrou. — Por favor! Venha aqui!

Mas, mesmo que Meggie estendesse a mão com todo o cuidado, a fada voou de volta para a janela. E Basta abriu a porta.

— Ei, de onde é que ela veio? — ele perguntou, parando na porta aberta. — Fazia muitos anos que eu não via uma dessas criaturas com asas.

Meggie e Fenoglio ficaram calados. E o que deveriam dizer?

— Não pensem que vão se safar desta!

Basta tirou seu paletó, segurou-o com a mão esquerda e foi andando devagar em direção à janela.

— Fique na porta para o caso de ela escapar! — ele ordenou ao guarda. — Se a deixar passar, eu corto as suas orelhas.

— Deixe-a! — disse Meggie.

Ela desceu depressa da cama, mas Basta foi mais rápido. Jogou o paletó no ar, e a luz de Sininho se apagou como uma vela assoprada. Sob o tecido preto, ainda se viu um brilho suave quando o casaco caiu no chão. Basta recolheu-o com cuidado, fechou-o como um saco e parou com ele diante de Meggie.

— Vamos lá, meu amor, desembuche! — ele ordenou com voz calma. — De onde veio a fada?

— Eu não sei! — exclamou Meggie sem olhar para ele. — Ela… apareceu de repente.

Basta olhou para o vigia.

— Você já viu uma fada ou coisa parecida aqui na região? — ele perguntou.

O vigia ergueu o jornal, onde ainda estavam grudadas algumas asas de mariposas, e com um sorriso largo bateu-o contra o batente da porta.

— Não, mas se visse saberia o que fazer com ela! — ele disse.

— É, essas criaturinhas são incômodas como pernilongos. Mas dizem que dão sorte.

Basta virou-se para Meggie novamente.

— Portanto, desembuche de uma vez! Como ela veio parar aqui? Não vou perguntar de novo.

Meggie não conseguiu evitar, seus olhos voltaram-se para o livro que Fenoglio deixara cair. Basta seguiu o olhar dela e apanhou o livro.

— Ora, vejam só — ele murmurou enquanto examinava a ilustração da capa.

O ilustrador retratara Sininho muito bem. Na realidade ela era um pouco mais pálida do que na figura, e também um pouquinho menor, mas Basta naturalmente a reconheceu apesar disso. Ele soltou um assobio e depois segurou o livro bem perto do rosto de Meggie.

— Não vai querer me dizer que foi o velho! — ele disse. — Foi você. Aposto a minha navalha. Foi o seu pai que a ensinou a ler assim ou você herdou isso dele? Bem, tanto faz.

Ele enfiou o livro no cós da calça e puxou Meggie pelo braço.

— Venha, vamos contar isso para Capricórnio. Na verdade, eu deveria levá-la apenas para que você se reencontre com um velho conhecido seu, mas com certeza Capricórnio não terá nada contra uma novidade tão interessante.

— O meu pai chegou? — Meggie deixou-se levar sem resistir.

Basta sacudiu a cabeça e olhou para ela com ar de deboche.

— Não, ele ainda não deu as caras! — disse. — Pelo jeito, ele preza mais a própria pele do que a sua. Se eu fosse você, ficaria muito zangada com ele.

Meggie sentiu duas coisas ao mesmo tempo: decepção aguda e também alívio.

— Confesso que também estou bastante decepcionado com ele — prosseguiu Basta. — Afinal de contas, apostei a minha cabeça que ele viria, mas agora não

precisamos mais dele, não é mesmo?

Ele sacudiu o paletó, e Meggie acreditou ter ouvido, bem baixinho, um tilintar desesperado.

— Tranque o velho de novo! — ordenou Basta para o vigia. — E ai de você se estiver cochilando outra vez quando eu voltar.

Então ele arrastou Meggie pelo corredor.

39. Punição para os traidores

— E você? — perguntou Lobosh. — Você, Krabat, não tem medo?

— Mais do que você pode imaginar — disse Krabat. — E não apenas por mim.

Otfried Preussler, *Krabat*

A própria sombra de Meggie seguiu-a como um espírito mau quando ela atravessou com Basta a praça na frente da igreja. A luz ofuscante dos holofotes fazia a lua parecer um lampião obsoleto.

Já dentro da igreja não estava tão claro. A estátua de Capricórnio olhava empalidecida do alto da escuridão, meio engolida pelas sombras, e entre as colunas estava tudo tão negro que parecia que a noite se refugiara ali da luz dos holofotes. Apenas sobre Capricórnio pendia uma lâmpada solitária. Ele parecia entediado, sentado na poltrona com seu roupão de seda, brilhante como as penas de um pavão. Também dessa vez a gralha estava atrás dele, na luz escassa ela não era mais do que um rosto pálido em cima de um vestido preto. Num dos tonéis ao pé da escada, ardia um fogo. A fumaça queimava os olhos de Meggie, e a luz bruxuleante que vinha do tonel dançava pelas paredes e colunas, como se toda a igreja estivesse em chamas.

— Ponha o trapo diante da janela dos filhos dele, como última advertência! — a voz de Capricórnio ecoou até Meggie, embora ele não tivesse falado alto. Então ele ordenou a Cockerell, que estava ao pé da escada junto com dois outros homens: — Embeba em gasolina até pingar. Quando o cheiro penetrar no nariz desse cabeça-dura logo de manhã, ele finalmente vai entender que a minha paciência tem limite.

Cockerell acatou a ordem inclinando ligeiramente a cabeça, depois girou nos calcanhares e fez um sinal para os outros dois o seguirem. Seus rostos estavam enegrecidos com fuligem, e os três levavam uma pena de galinha na lapela.

— Ah, a filha de Língua Encantada! — grunhiu Cockerell em tom de zombaria, quando passou por Meggie com seu passo manco. — Ora, ora, o papai ainda não veio buscá-la? Parece que ele não está com muita saudade.

Os outros dois riram, e Meggie não pôde evitar que o sangue lhe subisse à face.

— Finalmente! — exclamou Capricórnio quando Basta parou com ela diante da

escada. — Por que demorou tanto?

No rosto da gralha, desenhou-se um sorriso furtivo. Ela ergueu ligeiramente o lábio inferior, o que dava ao seu rosto magro a expressão de grande satisfação. Essa satisfação inquietava Meggie muito mais do que a cara fechada que normalmente se via na mãe de Capricórnio.

— O vigia não acertava a chave! — retrucou Basta, irritado. — E depois eu tive que pegar isto aqui.

A fada começou a se mexer novamente, quando ele ergueu o paletó, formando uma barriga no tecido com suas tentativas desesperadas de se libertar.

— Mas o que é isso? — a voz de Capricórnio soou impaciente. — Agora você deu para caçar morcegos?

Basta apertou os lábios contrariado, mas guardou a resposta e pôs a mão embaixo do tecido preto sem dizer uma palavra. Ele xingou em voz baixa quando tirou a fada dali.

— Essas criaturinhas infernais! — ele esbravejou. — Eu tinha me esquecido de como elas mordem!

Sininho batia desesperadamente uma asa, a outra estava presa entre os dedos de Basta. Meggie não conseguiu olhar. Estava envergonhada por ter tirado a frágil fadinha de seu livro. Muito envergonhada.

Capricórnio examinou a fada com cara de nojo.

— De onde ela veio afinal? E que espécie é essa? Eu nunca vi uma com asas desse tipo.

Basta tirou *Peter Pan* da cintura e pôs o livro nos degraus.

— Acho que ela veio daqui — ele disse. — Veja a figura na capa, e dentro também tem retratos dela. E agora adivinha quem a tirou daí?

Ele apertou Sininho tão firme que ela começou a ofegar sem voz, e então pôs a outra mão no ombro de Meggie. Ela tentou se livrar dos dedos de Basta, mas ele apertou mais forte ainda.

— A menina? — a voz de Capricórnio soou incrédula.

— Sim, parece que ela é tão boa nisso quanto o seu pai. Veja só a fada! — Basta

segurou Sininho pelas pernas fininhas e a ergueu. — Ela está totalmente em ordem, não acha? Consegue voar, tilintar e xingar, ou seja, tudo o que essas criaturas idiotas fazem.

— Interessante. Aliás, interessantíssimo.

Capricórnio levantou-se da poltrona, apertou o cinto do roupão e começou a descer. Ele parou ao lado do livro que Basta deixara nos degraus.

— Então é de família! — ele murmurou, enquanto se curvava e recolhia o livro. Com o cenho franzido, ele examinou a capa. — *Peter Pan*. Mas este é um dos livros que o meu antigo leitor apreciava muito. Sim, eu me lembro, ele já leu para mim. Ele ia extrair um daqueles piratas, mas foi um fiasco completo. Ele me trouxe peixes fedidos e um gancho enferrujado. Não foi dessa vez que ele teve que comer os peixes de castigo?

Basta deu uma gargalhada.

— Foi, mas ele não reclamou tanto quanto no dia em que você mandou tirar os livros dele. Ele deve ter escondido este aqui.

— Sim, deve ter sido isso — disse Capricórnio, e foi andando até Meggie com um ar pensativo.

Ela sentiu vontade de morder os dedos dele quando ele pôs a mão em seu queixo e virou o rosto dela para que olhasse diretamente em seus olhos pálidos.

— Está vendo como ela olha para mim, Basta? — ele observou em tom de zombaria. — O mesmo olhar teimoso do pai. É melhor guardar esse olhar para ele, menina. Você deve estar muito zangada com seu pai, não é? Bem, a partir de agora não preciso mais me interessar pelo paradeiro dele. De hoje em diante você será a minha nova, a minha talentosíssima leitora. Mas você… você deve odiá-lo por tê-la abandonado, não é? Não se envergonhe disso. O ódio pode ser edificante. Eu também nunca gostei do meu pai.

Meggie virou a cabeça para o lado quando Capricórnio finalmente soltou seu queixo. Seu rosto ardia de raiva e de vergonha, e ela ainda sentia os dedos dele na pele, como se tivessem deixado manchas.

— Basta lhe contou por que outra razão teve que trazê-la aqui a esta hora da noite?

— Para encontrar alguém.

Meggie tentou falar com voz firme e sem medo, mas não conseguiu. O choro que estava preso em sua garganta exalou apenas um sussurro.

— Certo!

Capricórnio fez um sinal para a gralha, que acatou com um aceno de cabeça. Então ela desceu a escada e desapareceu no breu atrás das colunas. Pouco depois, Meggie ouviu um rangido sobre a cabeça e, quando olhou para o teto assustada, viu alguma coisa descendo da escuridão: uma rede, não, eram duas redes, como as que ela já vira nos barcos de pesca. Elas pararam a cerca de cinco metros do chão e ficaram ali suspensas, bem em cima da cabeça de Meggie. Só então ela percebeu que havia pessoas dentro da malha grosseira, como pássaros enroscados na rede de proteção de uma árvore frutífera. Meggie teve vertigens de olhar para o alto e imaginar a sensação de estar lá em cima suspensa apenas por algumas cordas.

— E então, não está reconhecendo o seu velho amigo? — Capricórnio pôs as mãos no bolso do roupão.

Sininho ainda estava presa nos dedos de Basta como uma boneca quebrada. Seu tilintar hesitante era o único ruído que se ouvia.

— Está, sim! — a satisfação na voz de Capricórnio era evidente. — É isso que acontece com traidores sujos que roubam chaves e libertam prisioneiros.

Meggie não se dignou a olhar para ele. Ela só tinha olhos para Dedo Empoeirado. Sim, claro. Era Dedo Empoeirado.

— Olá, Meggie — ele exclamou. — Você parece pálida.

Ele realmente se esforçava para soar despreocupado, mas Meggie ouviu o medo em sua voz. De vozes ela entendia.

— Seu pai mandou um grande abraço para você! Ele me pediu que lhe dissesse que logo virá buscá-la. E que não virá sozinho.

— Você vai virar um verdadeiro contador de histórias se continuar assim, devorador de fogo! — Basta exclamou para o alto. — Mas nem mesmo a menina acredita nas suas histórias. Você deveria pensar em algo melhor!

Meggie ficou olhando para Dedo Empoeirado. Ela gostaria tanto de acreditar nele.

— Ei, Basta, solte de uma vez essa pobre fada! — Dedo Empoeirado gritou para seu velho inimigo. — Mande-a aqui para cima, faz muito tempo que não vejo uma.

— Bem que você gostaria. Mas não, ficarei com esta para mim! — respondeu Basta, e cutucou o minúsculo nariz de Sininho com a ponta do dedo. — Ouvi falar que as fadas afastam o azar se a gente as deixar no quarto. Talvez eu a guarde num desses garrafões de vinho. Você, que foi sempre um grande amigo das fadas, deve saber o que elas comem. Devo alimentá-las com moscas?

Sininho deu uma cotovelada no dedo de Basta e tentou desesperadamente libertar sua segunda asa. Ela conseguiu, mas Basta continuou segurando firme suas pernas e, por mais que ela batesse as asas, não conseguiu soltar-se dele, até que finalmente desistiu com um tilintar quase sumido. Seu brilho estava fraco como o de uma vela no final do pavio.

— Sabe por que mandei trazer a menina, Dedo Empoeirado? — exclamou Capricórnio para o seu prisioneiro. — Para que ela convencesse você a nos contar alguma coisa sobre o pai dela e o paradeiro dele. Caso você realmente saiba, e já estou começando a duvidar disso. Mas agora não preciso mais dessa informação. A filha assumirá o lugar do pai, e isso bem na hora certa! Sim, pois decidi que temos que pensar em algo muito especial para punir você! Algo impressionante, inesquecível! Afinal, é o que um traidor merece, não é? Já faz uma ideia de onde quero chegar? Não? Vou dar uma dica. Em sua homenagem, a minha nova leitora lerá algo de *Coração de tinta* para nós. Afinal de contas, é o seu livro favorito, ainda que talvez você não goste do ser que ela vai trazer para o lado de cá. O pai dela já deveria ter trazido esse meu amigo há muito tempo, se você não o tivesse ajudado a fugir. Mas agora quem vai fazer isso é a filha. Você consegue imaginar de que amigo estou falando?

Dedo Empoeirado encostou na rede o rosto marcado por cicatrizes.

— Oh, sim, consigo, sim. Nunca me esqueceria dele — Dedo Empoeirado disse com voz tão baixa que Meggie teve que fazer um esforço para entender.

— Por que é que vocês estão falando só da punição do cuspidor de fogo? — A gralha reaparecera entre as colunas. — Vocês se esqueceram da nossa pombinha muda? A traição dela foi no mínimo tão ruim quanto a dele.

Ela lançou um olhar cheio de desprezo para a segunda rede.

— Sim, sim, é claro! — a voz de Capricórnio soou quase como um lamento. —

Um grande desperdício, mas não podemos fazer nada.

Meggie não conseguiu distinguir o rosto da mulher que estava suspensa no alto, numa segunda rede, atrás de Dedo Empoeirado. Viu apenas os cabelos loiros escuros, o tecido de um vestido azul e as mãos pequenas segurando as cordas.

Capricórnio deu um suspiro profundo.

— Ah, é mesmo vergonhoso! — ele disse, voltando-se para Dedo Empoeirado. — Você tinha que escolher justamente essa? Não podia convencer uma outra qualquer a bisbilhotar por aí para você? Eu realmente tenho uma queda por ela, desde que Darius, aquele incompetente, a tirou do livro para mim. Nunca me incomodei por ela ter perdido a voz no caminho. Não, não mesmo, e ingenuamente pensei que por causa disso poderia confiar mais nela. Sabia que antes os cabelos dela eram como fios de ouro?

— Sim, eu me lembro — respondeu Dedo Empoeirado com voz rouca. — Mas na sua presença eles escureceram.

— Que absurdo! — Capricórnio franziu o cenho, irritado. — Talvez devêssemos fazer uma tentativa com pó de fada. Espalhando um pouco de pó por cima, até mesmo o latão fica parecendo ouro. Quem sabe também funcione com cabelos de mulher.

— Já não vale mais a pena! — disse a gralha com escárnio. — A não ser que você queira que ela fique bonita para ser executada.

— Bom, tanto faz — Capricórnio virou-se bruscamente e voltou para a escada.

Meggie mal reparou. Estava olhando para a desconhecida. As palavras de Capricórnio ardiam como febre na sua testa: cabelos como fios de ouro… o leitor incompetente… Não, não podia ser. Ela olhou para cima, apertou os olhos para distinguir melhor o rosto atrás das cordas, mas as sombras que o escondiam eram escuras demais.

— Muito bem. — Capricórnio sentou-se em sua poltrona com mais um suspiro profundo. — De quanto tempo precisaremos para os preparativos? Afinal de contas, tudo tem que acontecer como manda o figurino.

— Dois dias. — A gralha subiu os degraus e ocupou novamente o lugar atrás dele. — Caso você queira convidar também os homens das outras bases.

Capricórnio franziu a testa.

— Sim, por que não? Já está em tempo de instituir um novo exemplo. Nos últimos tempos, a disciplina tem deixado muito a desejar.

Ele disse essas palavras olhando para Basta, que abaixou a cabeça, como se todas as falhas dos últimos dias pesassem como chumbo em suas costas.

— Então depois de amanhã — prosseguiu Capricórnio. — Assim que escurecer. Antes disso, Darius deve fazer mais um teste com a menina. Faça-a ler uma coisa qualquer, eu apenas quero ter certeza de que a aparição da fada não foi um acaso.

Basta havia embrulhado Sininho em seu casaco novamente. Meggie sentiu vontade de tapar os ouvidos para não ouvir o tilintar desesperado da fada. Apertou os lábios para que eles parassem de tremer, e olhou para Capricórnio.

— Só que eu não vou ler para você! — ela disse. Sua voz ecoou na igreja como a voz de uma pessoa estranha. — Nem uma única palavra! Não vou trazer ouro para você e muito menos um… carrasco!

Ela cuspiu essas palavras no rosto de Capricórnio, mas ele apenas continuou brincando entediado com o cinto do seu roupão.

— Leve-a de volta! — ele ordenou a Basta. — É tarde. A menina precisa dormir.

Basta deu um cutucão nas costas de Meggie.

— Vamos, você ouviu. Mexa-se.

Meggie olhou uma última vez para Dedo Empoeirado, então começou a andar, hesitante, na frente de Basta. Quando estavam de novo sob a segunda rede, ela olhou mais uma vez para cima. O rosto da mulher desconhecida ainda estava no escuro, mas ela acreditou ter reconhecido os olhos, o nariz estreito… e se ela imaginasse os cabelos mais claros…

— Vamos, ande — rosnou Basta.

Meggie obedeceu, mas olhou de novo para trás várias vezes.

— Não vou ler! — ela exclamou quando já estavam quase no portal. — Eu juro! Não vou ler *ninguém* para ele! Nunca!

— Não jure o que você não pode cumprir! — sussurrou Basta enquanto abria o portal.

Então ele a arrastou de volta para a praça iluminada.

40. O cavalo negro da noite

Ele se abaixou e tirou Sofia do bolso do colete. Ela estava apenas de camisola, os pés descalços. Ela tremia, olhando para as nuvens rodopiantes e as ondas de vapores fantasmagóricos ao seu redor.

— Onde estamos, afinal? — ela perguntou.

— Na Terra dos Sonhos — disse o BGA. — Estamos no lugar de onde vêm os sonhos.

Roald Dahl, *O BGA*

Fenoglio estava deitado na cama quando Basta despejou Meggie dentro do quarto.

— O que vocês fizeram com ela? — ele disse zangado enquanto se punha de pé rapidamente. — Ela está branca como a parede!

Mas Basta já havia fechado a porta atrás de si.

— O seu substituto virá daqui a duas horas! — Meggie o ouviu dizer ao vigia. Então ele se foi.

Fenoglio pôs as mãos nos ombros de Meggie e olhou preocupado para o rosto dela.

— E então? Conte! O que eles queriam com você? O seu pai está aqui?

Meggie fez que não com a cabeça.

— Eles prenderam Dedo Empoeirado — ela respondeu. — E uma mulher.

— Que mulher? Céus, você não está bem.

Fenoglio puxou-a para perto de si. Meggie sentou-se ao seu lado na cama.

— Acho que ela é a minha mãe — ela sussurrou.

— Sua mãe? — Fenoglio olhou para ela espantado, seus olhos estavam vermelhos por causa da noite passada em claro.

Meggie começou a alisar o vestido com uma expressão ausente. O tecido estava sujo e amassado. Também pudera, fazia dias que ela dormia com ele.

— Os cabelos dela estão mais escuros — ela balbuciou. — E a foto que Mo tem dela tem mais de nove anos… Capricórnio mandou pendurá-la numa rede, ao lado de Dedo Empoeirado. Ele pretende executar os dois daqui a dois dias, e quer que eu leia *Coração de tinta* para trazer esse amigo, como Capricórnio o chama, esse que eu contei para você! É o mesmo que ele queria que Mo trouxesse, você não quis me contar quem é, mas agora eu preciso saber!

Ela olhou suplicante para Fenoglio. O velho escritor fechou os olhos.

— Meu Deus! — ele murmurou.

Lá fora ainda estava escuro. A lua pairava diante da janela. Uma nuvem passou na frente dela como um vestido rasgado.

— Amanhã contarei tudo — disse Fenoglio. — Prometo.

— Não! Conte agora.

Ele olhou para ela pensativo.

— Não é uma história para contar à noite. Você terá pesadelos depois.

— Conte agora! — repetiu Meggie.

Fenoglio suspirou.

— Oh, meu Deus! Esse olhar eu conheço dos meus netos — ele disse. — Está bem.

Ele a ajudou a subir na cama, pôs o pulôver de Mo debaixo da cabeça dela e esticou o cobertor.

— Vou lhe contar com as palavras que estão em *Coração de tinta* — ele disse baixinho. — Sei esse trecho quase de cor, na época eu estava muito orgulhoso dele…

Fenoglio pigarreou antes de sussurrar as palavras na noite: — *"Mas havia alguém que era mais temido do que todos os homens de Capricórnio. Eles o chamavam de Sombra. Ele só aparecia quando Capricórnio o evocava. Ora ele era vermelho como o fogo, ora da cor das cinzas em que transformava tudo o que devorava. Como as chamas de uma fogueira, ele se erguia da terra em labaredas. Seus dedos, e até mesmo o seu hálito, traziam a morte. Ele se erguia dos pés do senhor dele, furtivo e sem rosto como um cão farejador, esperando que sua vítima fosse apontada*."

Fenoglio passou a mão na testa e olhou para a janela. Demorou um tempo até ele

continuar, como se precisasse evocar na memória cada palavra de muitos anos já passados.

— *"Dizia-se"* — ele finalmente retomou a narrativa — *"que Capricórnio mandara que um duende (ou um dos anões que entendiam de tudo o que o fogo e a fumaça são capazes de produzir) criasse Sombra a partir das cinzas de suas vítimas. Ninguém sabia ao certo, pois dizia-se que Capricórnio mandara matar aquele que havia dado vida a Sombra. Apenas uma coisa se sabia: que ele era imortal e invulnerável, e cruel como seu senhor."*

Fenoglio calou-se.

E Meggie olhou para a noite com o coração palpitante.

— Sim, Meggie — disse Fenoglio finalmente com voz baixa. — Acho que ele quer que você traga Sombra. E que Deus nos proteja se você conseguir. Existem muitos monstros neste mundo, quase todos são humanos, e todos são mortais. Eu não gostaria de ser culpado de que no futuro mais um monstro imortal venha a espalhar medo e terror neste planeta. O seu pai teve uma ideia quando me procurou, eu já disse uma vez a você. Talvez seja a nossa única chance, mas ainda não sei se vai funcionar. Preciso pensar, não temos muito tempo, e agora você deveria dormir. O que você disse? Que tudo deve acontecer depois de amanhã?

Meggie confirmou com a cabeça.

— Assim que escurecer! — ela sussurrou.

Fenoglio passou a mão no rosto com um ar cansado.

— Quanto à mulher, você não deveria se preocupar — ele disse. — Não sei se você vai gostar de ouvir isto, mas acho impossível que seja a sua mãe, por mais que talvez você deseje que sim. Como ela teria vindo parar aqui?

— Darius! — Meggie enfiou o rosto no pulôver de Mo. — O leitor ruim. Capricórnio disse que foi ele quem a trouxe, e que ela perdeu a voz no caminho. Ela voltou, tenho certeza, e Mo não sabe disso! Ele ainda acha que ela está no livro e…

— Bem, se você tiver razão, então seria muito melhor que ela ainda estivesse lá no livro — disse Fenoglio enquanto cobria Meggie mais uma vez com o cobertor. — Ainda acho que você está enganada, mas acredite no que quiser. E agora durma.

Meggie não conseguiu dormir. Com o rosto voltado para a parede, ela ficou ali deitada escutando dentro de si mesma. Preocupação e alegria misturavam-se em seu

coração, como duas tintas escorrendo no mesmo sentido. Toda vez que ela fechava os olhos, via as redes e os dois rostos presos atrás delas, Dedo Empoeirado e o outro, apagado como numa velha foto. Por mais que ela se esforçasse em ver melhor, ele sempre desaparecia.

Lá fora o dia já começava a raiar quando ela finalmente adormeceu, mas a noite não levou consigo os sonhos ruins. No lusco-fusco da madrugada, eles cresceram ainda mais rápido, e de segundos teceram uma eternidade. Gigantes de um olho só e aranhas gigantescas invadiram os sonhos de Meggie, cães do inferno, bruxas devoradoras de crianças, todas as figuras terríveis que ela já encontrara no reino das letras. Elas rastejavam do baú que Mo construíra e abriam caminho entre as páginas de seus livros favoritos. Brotavam monstros até mesmo dos livros de figuras que Mo lhe dera quando as letras ainda não faziam sentido para ela. Com suas cores berrantes e suas cabeleiras desgrenhadas, eles dançavam, sorriam com suas bocarras e arreganhavam os dentes pontudos. Ali estava o gato de Alice, do qual ela sempre sentira medo, e os monstros de Maurice Sendak, de quem Mo gostava tanto que chegara a pendurar um pôster na oficina dele. Como seus dentes eram grandes! Dedo Empoeirado ia sumir no meio deles como um pãozinho. Mas justamente quando um deles, aquele de olhos grandes e esbugalhados, estendia suas garras, na noite escura surgiu uma nova figura, crepitante como uma labareda, cinzenta e sem rosto, que pegou o monstro e o despedaçou como papel.

— Meggie!

Os monstros fugiram correndo, o sol bateu no rosto de Meggie. Fenoglio estava ao seu lado na cama.

— Você estava sonhando.

Meggie sentou-se e olhou para o rosto dele. Parecia que ele não havia pregado o olho a noite inteira, e com isso tinha adquirido mais algumas rugas.

— Onde está meu pai, Fenoglio? — ela perguntou. — Por que ele não vem?

41. Farid

Aqueles ladrões costumavam ficar à espreita nas estradas, atacar aldeias e cidades e atormentar os moradores. E sempre que pilhavam uma caravana ou saqueavam uma aldeia, levavam seus butins para lugares afastados e escondidos, longe da vista das pessoas.

A história de Ali Babá e os quarenta ladrões

Farid fitou a noite até doerem os olhos, mas Dedo Empoeirado não veio. Às vezes Farid pensava ver o rosto do companheiro entre os galhos das árvores. Às vezes acreditava ouvir o ruído mínimo dos passos dele nas folhas secas, mas era sempre ilusão. Farid estava habituado a espreitar a noite. Passara muitas e incontáveis noites fazendo isso, e aprendera a confiar mais em seus ouvidos do que nos olhos. Antes, na outra vida, quando o mundo ao seu redor não era verde, e sim amarelo e marrom, seus olhos o haviam deixado em apuros algumas vezes, mas nos ouvidos ele sempre pudera confiar.

Apesar disso, naquela noite, a mais longa de todas as noites, Farid espreitou em vão. Dedo Empoeirado não voltou. Quando o sol raiou sobre as colinas, Farid andou até os dois prisioneiros, deu-lhes água, um pouco do pão seco que ainda havia e algumas azeitonas.

— Seja sensato, Farid, solte-nos! — disse Língua Encantada quando ele pôs o pão em sua boca. — Dedo Empoeirado já deveria ter voltado, você sabe disso.

Farid não disse nada. Seus ouvidos amavam a voz de Língua Encantada. Ela o tirara de sua vida miserável, mas ele gostava ainda mais de Dedo Empoeirado. Ele mesmo não sabia por quê. E Dedo Empoeirado lhe dissera para vigiar os prisioneiros. Não dissera nada sobre soltá-los.

— Escute aqui, você é um rapaz inteligente — disse a mulher. — Portanto, use a cabeça por um momento, está bem? Você quer ficar sentado aqui até que os homens de Capricórnio venham e nos encontrem? Será um espetáculo e tanto, um garoto vigiando duas pessoas amarradas que não podem mexer um dedo para ajudá-lo. Eles vão morrer de rir.

Como era mesmo que ela se chamava? Eli-nor. Farid tinha dificuldade em gravar

esse nome, que pesava como uma pedra em sua língua. Soava como o nome de uma feiticeira de terras muito distantes. Ele tinha um certo medo dela, ela olhava para ele como um homem, sem vergonha, sem medo, e a voz dela podia se elevar, furiosa como a de um leão…

— Precisamos ir até a aldeia, Farid! — disse Língua Encantada. — Temos que descobrir o que aconteceu com Dedo Empoeirado e onde está a minha filha.

Sim, a garota… a garota de olhos claros, dois pequenos pedaços de céu, que caíram e foram apanhados por cílios escuros. Farid cavoucava a terra com um pau. Uma formiga passou na frente de seus pés carregando uma migalha de pão que era maior do que ela mesma.

— Talvez ele não entenda o que estamos falando! — disse Elinor.

Farid ergueu a cabeça e olhou irritado para ela.

— Eu entendo tudo!

Desde o primeiro instante, ele entendera tudo, como se nunca tivesse ouvido outra língua. Ele se lembrou da igreja vermelha. Dedo Empoeirado lhe explicara que era uma igreja, Farid nunca tinha visto um edifício daquele tipo antes. Ele também se lembrou do homem com a navalha. Em sua antiga vida, havia muitos homens como aquele. Eles adoravam suas armas e faziam coisas terríveis com elas.

— Você vai fugir se eu te soltar. — Farid olhou inseguro para Língua Encantada.

— Não vou. Ou você acha que eu vou deixar a minha filha lá embaixo, com Basta e Capricórnio?

Basta e Capricórnio. Sim, eram esses os nomes. O homem da navalha e o homem com os olhos claros como água. Um bandido, um assassino… Farid sabia tudo sobre eles. Dedo Empoeirado contara muitas coisas quando os dois se sentavam diante da fogueira à noite. Eles haviam trocado histórias escabrosas, embora ambos ansiassem por uma história feliz.

E aquela estava ficando mais escabrosa a cada dia.

— É melhor eu ir sozinho.

Farid fincou o pau na terra com tanta força que ele se partiu.

— Tenho prática de entrar escondido em aldeias estranhas, em palácios, casas…

era o meu trabalho, antigamente. Você sabe.

Língua Encantada fez que sim.

— Eles sempre me mandavam — continuou Farid. — Quem teria medo de um garoto magro? Eu podia bisbilhotar por toda parte sem despertar suspeitas. Quando será a troca da guarda? Qual o melhor caminho para a fuga? Onde mora o homem mais rico do lugar? Se tudo dava certo, eles me davam bastante comida. Se as coisas davam errado, me batiam como se eu fosse um cachorro.

— Eles? — perguntou Elinor.

— Os ladrões — respondeu Farid.

Os dois adultos se calaram. E Dedo Empoeirado ainda não voltara. Farid olhou para a aldeia e viu como os primeiros raios de sol começavam a brilhar sobre os telhados.

— Está bem. Talvez você tenha razão — disse Língua Encantada. — Você entra na aldeia sozinho e tenta descobrir o que precisamos saber, mas antes nos solta. Só assim poderemos ajudá-lo se eles o apanharem. Além disso, eu não gostaria de estar aqui amarrado deste jeito quando passar a primeira cobra.

A mulher olhou assustada ao redor, como se já tivesse ouvido um farfalhar entre as folhas secas. Mas Farid olhou pensativo para o rosto de Língua Encantada. Tentava descobrir se seus olhos também podiam confiar em Língua Encantada, como seus ouvidos já confiavam. Finalmente, ele se levantou sem dizer uma palavra, tirou do cinto a navalha que Dedo Empoeirado lhe dera e cortou a corda que prendia os dois.

— Oh, meu Deus, nunca mais vou deixar que me amarrem! — exclamou Elinor, esfregando os braços e as pernas. — Está tudo formigando, como se eu tivesse me transformado numa boneca de pano. Como você está, Mortimer? Você ainda sente os pés?

Farid examinou-a curioso.

— Você… não parece a mulher dele. Você é a mãe dele? — ele perguntou, apontando para Língua Encantada com a cabeça.

Elinor ficou vermelha como um pimentão.

— Meu Deus do céu, não! Como você teve essa ideia? Eu pareço tão velha assim? — Ela olhou para si mesma e fez que sim com a cabeça. — Sim, provavelmente.

Mesmo assim, eu não sou a mãe dele. E também não sou a mãe de Meggie, caso essa seja a sua próxima hipótese. Meus filhos eram todos de papel e tinta, e aquela criatura — ela apontou para os telhados da aldeia de Capricórnio, que brilhavam entre as folhagens — mandou matar muitos deles. Ele vai se arrepender, pode acreditar em mim.

Farid olhou para ela com uma expressão de dúvida. Não podia imaginar Capricórnio com medo de uma mulher, muito menos de uma que ficava quase sem fôlego para subir um morro e tinha medo de cobras. Não, se o homem de olhos pálidos tivesse medo de alguma coisa, era apenas daquilo que todo mundo tem: da morte. E Elinor não parecia alguém que soubesse matar. Língua Encantada também não.

— A menina… — perguntou Farid hesitante. — Onde está a mãe dela?

Língua Encantada andou até os restos da fogueira e pegou mais um pedaço do pão que estava entre as pedras enegrecidas.

— Ela se foi há muito tempo — ele disse. — Meggie tinha acabado de fazer três anos. E a sua mãe?

Farid sacudiu os ombros e olhou para o céu. Ele estava completamente azul, como se nunca houvesse existido noite.

— Estou melhor agora — ele disse, guardou de novo a navalha e pegou a mochila de Dedo Empoeirado. Gwin estava dormindo a apenas alguns passos, encolhido entre as raízes de uma árvore. Farid ergueu o animal e o enfiou na mochila. A marta protestou sonolenta, mas Farid enfiou a cabeça dela para dentro e fechou as fivelas.

— Por que você está levando a marta? — perguntou Elinor espantada. — Só o cheiro dela já pode denunciar você.

— Gwin pode ser útil — respondeu Farid, e enfiou também na mochila a ponta de seu rabo peludo. — Ele é inteligente. Mais inteligente até do que um cão ou um camelo. Ele entende o que a gente diz para ele, e talvez encontre Dedo Empoeirado.

Língua Encantada procurou em seu bolso até encontrar um pedaço de papel.

— Farid? Não sei se você vai conseguir descobrir onde eles prenderam Meggie — ele disse enquanto rabiscava algo às pressas com um toco de lápis — mas, se for possível, você poderia tentar fazer com que ela receba este bilhete?

Farid pegou o pedaço de papel e o examinou.

— O que está escrito? — ele perguntou.

Elinor tirou o bilhete de seus dedos.

— Com os diabos, Mortimer, o que é isso? — ela perguntou.

Língua Encantada sorriu.

— Meggie e eu já trocamos muitas mensagens com essa escrita, ela domina o código muito melhor do que eu. Não está reconhecendo? Vem de um livro. *"Estamos por perto"*, está escrito. *"Não se preocupe. Logo iremos buscá-la. Mo, Elinor e Farid."* Só Meggie conseguirá ler o bilhete, mais ninguém.

— Ah! — murmurou Elinor enquanto devolvia o bilhete para Farid. — Certo. Caso o bilhete caia em mãos erradas, é muito melhor assim, pois talvez alguns desses incendiários saibam ler.

Farid dobrou o papel até ele ficar quase do tamanho de uma moeda, e o enfiou no bolso da calça.

— O mais tardar quando o sol estiver em cima daquela colina ali, estarei de volta — ele disse. — Se eu não voltar…

— … irei procurá-lo — Língua Encantada terminou a frase.

— E eu também, é claro — acrescentou Elinor.

Farid não achou uma boa ideia, mas não disse nada.

Ele foi pelo mesmo caminho por onde Dedo Empoeirado descera na noite anterior, quando desaparecera como se os espíritos que espreitavam na escuridão o tivessem devorado.

42. Pelo na janela

Só a linguagem nos protege do horror das coisas indizíveis.

Toni Morrison, *discurso de recebimento do Prêmio Nobel de 1993*

Naquela manhã, Nariz Chato levou para Meggie e Fenoglio um café da manhã que não consistia apenas em pão e azeitonas. Ele também pôs sobre a mesa uma cesta com frutas e um prato cheio de bolinhos doces. O sorriso que ele serviu de lambuja, porém, não agradou a Meggie nem um pouco.

— Tudo para você, princesinha! — ele grunhiu, e deu um beliscão na bochecha dela. — Para a sua vozinha ficar um pouco mais forte. Está o maior rebuliço desde que Basta espalhou a notícia da execução. Pois é, é o que eu sempre digo: tem que haver algo mais na vida além de pendurar galos mortos e atirar em gatos.

Fenoglio olhou enojado para Nariz Chato, como se fosse quase impossível acreditar que tal criatura tivesse saído da pena dele.

— Sim, pois é. Faz muito tempo que não temos uma bela execução! — prosseguiu Nariz Chato enquanto voltava para a porta com seus passos pesados. — Chama muito a atenção, é a desculpa de sempre. E quando alguém tem que desaparecer: "Cuidado, cuidado! Faça parecer um acidente". Tem alguma graça nisso? Não. Nunca mais aconteceu como antigamente, quando tinha comida, bebida, dança e música, assim é que deve ser. Desta vez, finalmente vamos voltar aos velhos tempos.

Fenoglio bebeu um gole do café preto que Nariz Chato trouxera e engasgou.

— O que foi? Você não acha divertido, meu velho? — Nariz Chato o encarou com um olhar debochado. — Acredite, as execuções de Capricórnio são eventos muito especiais!

— E você acha que eu não sei? — murmurou Fenoglio, infeliz.

Nesse momento alguém bateu na porta. Nariz Chato havia deixado uma fresta aberta, pela qual Darius, o leitor, enfiou a cabeça.

— Desculpe! — ele disse baixinho, e olhou para Nariz Chato preocupado como um passarinho que precisa se aproximar de um gato faminto. — Eu… hum… vim para

fazer a menina ler alguma coisa. Ordem de Capricórnio.

— Ah, é? Bem, tomara que desta vez ela leia algo útil. Basta me mostrou a fada. Ela nem ao menos tem pó de fada, por mais que a gente sacuda. — No olhar que Nariz Chato lançou para Meggie misturavam-se repulsa e veneração. Talvez ele a considerasse uma espécie de feiticeira. Ao passar por Darius, ele rosnou: — Bata quando quiser sair!

Darius assentiu e ficou ali um instante, imóvel, antes de se sentar constrangido à mesa com Meggie e Fenoglio. Ele lançou olhares cobiçosos para as frutas, até que Fenoglio lhe estendeu a cesta. Hesitante, ele pegou um damasco. Levou embevecido a pequena fruta à boca, como se esperasse nunca mais na vida ter algo tão delicioso entre os lábios.

— Céus, isto é um damasco! — zombou Fenoglio. — Não é exatamente uma fruta rara nesta região.

Darius cuspiu o caroço na mão com uma cara encabulada.

— Quando eu ficava trancado neste quarto — ele declarou timidamente —, eles me davam apenas pão seco. Também levaram os meus livros, mas eu consegui esconder alguns, e quando a fome era grande demais, eu ficava olhando para as figuras. A mais bonita delas era uma com damascos, às vezes eu ficava horas olhando para as frutas pintadas enquanto minha boca se enchia de água. Desde então, não consigo me controlar quando vejo damascos.

Meggie pegou mais um damasco da cesta e o colocou na mão magra de Darius.

— Eles trancavam você muitas vezes? — ela perguntou.

O homenzinho magro sacudiu os ombros.

— Todas as vezes que eu lia e alguma coisa não dava muito certo — ele respondeu evasivamente. — Bem, na verdade sempre. Eles acabaram desistindo, pois notaram que a minha leitura não ficava muito melhor com o medo que eles punham em mim. Ao contrário… Nariz Chato, por exemplo — ele baixou a voz e lançou um olhar nervoso em direção à porta —, eu li Nariz Chato com Basta ao meu lado me ameaçando com a navalha. Bem, fazer o quê…

Ele ergueu os ombros estreitos, resignado. Meggie olhou para ele com compaixão. Então perguntou com voz hesitante: — Você também leu mulheres do

livro?

— É claro — respondeu Darius. — Eu li Mortola! Ela afirma que eu a deixei mais velha, e desconjuntada como uma cadeira bamba, mas acho que no caso dela não errei muito. Por sorte, Capricórnio também foi dessa opinião.

— E mulheres mais jovens? — Meggie não olhou para Darius nem para Fenoglio ao perguntar. — Vocês também leram mulheres mais jovens?

— Oh, eu me lembro! — Darius suspirou. — Foi no mesmo dia em que li Mortola. Naquela época Capricórnio vivia mais ao norte, num sítio isolado e meio arruinado nas montanhas, e não havia muitas garotas na região. Eu morava com a minha irmã, não muito longe dali, e trabalhava como professor. Nas minhas horas vagas eu fazia leituras em livrarias e escolas, em festas de crianças e, de vez em quando, nas tardes quentes de verão, até mesmo numa praça ou num café. Eu amava ler em voz alta.

Seu olhar voltou-se para a janela, como se ali pudesse ver um pouco dos dias felizes já esquecidos.

— Basta reparou em mim quando eu estava lendo numa festa da aldeia, acho que era *Doutor Dolittle*, e de repente surgiu um pássaro. Quando eu estava indo para casa, Basta me pegou como se eu fosse um cão sem dono e me levou para Capricórnio. Primeiro ele me fez ler ouro, como fez com seu pai — Darius deu um sorriso triste para Meggie —, depois tive que lhe trazer Mortola, e então ele me ordenou que lesse as suas criadas. Foi terrível. — Ele ergueu os óculos com a voz trêmula. — Eu estava com um medo danado. Como é que eu podia ler direito? Ele me deixou tentar três vezes. Ah, eu tive tanta pena delas, não quero mais falar sobre isso!

Ele escondeu o rosto com as mãos, seus dedos eram magros como os de um homem velho. Meggie pensou ouvi-lo chorar e, por um instante, hesitou em fazer sua próxima pergunta, mas acabou por fazê-la.

— A criada que eles chamam de Resa — ela perguntou enquanto o seu coração parecia querer sair pela boca — também é uma delas?

Darius tirou as mãos do rosto.

— Sim, ela veio totalmente por acaso, seu nome nem estava escrito — ele respondeu com a voz sumida. — Na verdade, Capricórnio me pedira uma outra, mas de repente Resa estava lá. Primeiro eu pensei: "Desta vez eu não fiz nada errado". Ela

era tão bonita, de uma beleza quase irreal, com cabelos dourados e olhos tristes. Mas então percebemos que ela não falava. Mas Capricórnio não se incomodou, acho que isso até mesmo o agradou.

Meio sem jeito, ele pôs a mão no bolso da calça e tirou um lenço amarrotado de dentro.

— Eu sei que conseguiria fazer melhor! — ele soluçou. — Mas esse medo permanente… Posso?

Com um sorriso triste, ele pegou mais um damasco e deu uma mordida. Então ele secou o sumo da boca com a manga do casaco, pigarreou e olhou para Meggie. Seus olhos ficavam estranhamente grandes atrás daquelas lentes grossas.

— Para a… hum… festa que Capricórnio está planejando — ele disse enquanto baixava o olhar e passava o dedo pelo canto da mesa, encabulado —, você terá que ler *Coração de tinta*, como já deve saber. Até essa ocasião, o livro permanecerá guardado num local secreto. Apenas Capricórnio sabe onde. Por isso você só poderá vê-lo no… hum… evento. Portanto, para a última amostra que Capricórnio exige do seu talento, teremos que utilizar um outro livro. Felizmente ainda existem alguns livros nesta aldeia, não são muitos mas, bem, seja lá como for, fui incumbido de escolher o livro adequado.

Ele ergueu novamente a cabeça e deu um sorriso tímido para Meggie.

— Por sorte, desta vez eu não tive que procurar ouro nem coisas do tipo. Capricórnio quer apenas uma prova da sua capacidade, e por isso — ele pôs um pequeno livro sobre a mesa — escolhi este aqui.

Meggie debruçou-se sobre a capa.

— *Contos escolhidos de Hans Christian Andersen* — ela leu em voz alta e olhou para Darius. — São muito bonitos.

— Sim! — ele disse baixinho. — Tristes, mas muito bonitos mesmo.

Ele pegou o livro de cima da mesa e o abriu para Meggie num ponto em que, entre as páginas amareladas, à guisa de marcador, havia alguns pedaços de palha.

— A princípio eu tinha pensado no meu conto favorito, aquele do rouxinol, talvez você o conheça.

Meggie fez que sim.

— Sim, mas como a fada que você leu ontem não está nada bem na jarra onde Basta a prendeu — prosseguiu Darius — , achei que talvez fosse melhor se você fizesse uma tentativa com o soldadinho de chumbo.

O soldadinho de chumbo. Meggie ficou calada. O valente soldadinho de chumbo em seu barquinho de papel… Ela imaginou como seria se de repente ele estivesse ali, ao lado da cesta de frutas.

— Não! — ela disse. — Não. Eu já disse a Capricórnio. Não vou ler absolutamente nada para ele, nem mesmo como amostra. Diga a ele que eu não consigo mais. Diga que eu tentei e não saiu nada do livro.

Darius olhou para ela penalizado.

— Eu faria isso com prazer. Faria mesmo. Mas a gralha… — ele pôs o dedo nos lábios como se tivesse sido surpreendido. — Oh, perdão, naturalmente me refiro à nossa governanta, a senhora Mortola… é *para ela* que você deve ler. Eu apenas escolhi o texto.

A gralha. Meggie a viu diante de si, com seus olhos de passarinho. "E se eu mordesse a língua?", ela pensou. "Bem forte." Isso já lhe acontecera sem querer algumas vezes, e numa delas sua língua inchara tanto que ela tivera que falar com Mo em linguagem de sinais durante dois dias. Ela olhou para Fenoglio em busca de ajuda.

— Leia! — ele disse para sua surpresa. — Leia para a velha, mas só com uma condição: que você possa ficar com o soldadinho de chumbo. Conte alguma história para ela, diga que você precisa brincar com ele senão vai morrer de tédio, por exemplo. E então peça mais uma coisa, algumas folhas de papel e um lápis. Diga que quer desenhar. Entendeu? Se ela concordar, depois veremos.

Meggie não entendeu uma só palavra, mas antes que pudesse perguntar o que Fenoglio tinha em mente, a porta se abriu e a gralha entrou no quarto.

Ao vê-la, o leitor se pôs de pé tão afoito que derrubou da mesa o prato de Meggie.

— Oh, desculpe, desculpe! — ele balbuciou enquanto apanhava os cacos da louça com seus dedos ossudos. Ao pegar o último fez um corte fundo no polegar, e o sangue pingou no assoalho.

— Levante-se, palerma! — ralhou Mortola. — Você mostrou a ela o livro que deve ler?

Darius fez que sim, e olhou para o dedo cortado com uma expressão infeliz.

— Muito bem, agora suma daqui. Pode ir ajudar as mulheres na cozinha. Tem umas galinhas para depenar.

Darius fez uma careta de nojo, mas fez uma mesura e desapareceu no corredor, não sem antes lançar um olhar piedoso para Meggie.

— Muito bem! — disse a gralha, fazendo um sinal impaciente com a cabeça. — Comece a ler. E capriche!

Meggie leu, e o soldadinho de chumbo de repente estava lá. Foi como se ele simplesmente tivesse despencado do teto. *"Foi uma queda horrível. Ele foi parar no chão de ponta-cabeça, com a perna estendida no ar e a baioneta fincada entre as pedras do calçamento."*

A gralha o pegou antes que Meggie o alcançasse. Olhou para ele como se fosse um pedaço de madeira pintada, enquanto ele olhava para ela aterrorizado. Então ela o pôs no bolso de seu casaco de tricô grosseiro.

— Por favor! Posso ficar com ele? — balbuciou Meggie quando a gralha já estava na porta.

Fenoglio postou-se atrás dela para lhe dar cobertura, mas a gralha apenas olhou para Meggie com seu olhar vítreo de passarinho.

— A senhora… A senhora não tem nada para fazer com ele — Meggie gaguejou. — Eu estou tão entediada. Por favor.

A gralha olhou para ela impassível.

— Depois que eu o mostrar para Capricórnio, você o terá de volta — ela disse, e então desapareceu.

— O papel! — exclamou Fenoglio. — Você esqueceu o papel e o lápis!

— Sinto muito! — murmurou Meggie.

Ela não esquecera, simplesmente não tivera coragem de pedir mais uma coisa à gralha. Parecia que seu coração ia sair pela boca.

— Bem, teremos que arranjar de outra maneira — murmurou Fenoglio. — A questão é apenas como.

Meggie andou até a janela, encostou a testa no vidro e olhou para o jardim lá

embaixo, onde algumas das criadas de Capricórnio estavam ocupadas em prender os tomateiros nas estacas. O que Mo diria quando soubesse que ela também tinha o dom?, ela pensou. "Quem você tirou do livro, Meggie? A pobre Sininho e o valente soldadinho de chumbo?"

— Sim — murmurou Meggie enquanto desenhava com o dedo um *M* invisível na vidraça. "Pobre fadinha, pobre soldadinho de chumbo, pobre Dedo Empoeirado." E mais uma vez ela pensou na mulher, na mulher de cabelos escuros.

— Resa — ela murmurou. Teresa. Era esse o nome de sua mãe.

Ela já ia dar as costas para a janela quando viu pelo canto do olho que havia alguma coisa lá fora se aproximando pelo batente da janela… um focinho peludo. Meggie recuou assustada. Ratos subiam nas paredes das casas? Sim, subiam. Mas aquilo não era um rato, o focinho era muito achatado. Depressa, ela se encostou no vidro novamente.

Gwin.

A marta estava sentada no batente estreito, olhando para ela com olhos sonolentos.

— Basta! — murmurou Fenoglio atrás dela. — Isso mesmo, Basta vai me arrumar o papel. É uma ideia.

Meggie abriu a janela, bem devagar para que Gwin não se assustasse e despencasse lá de cima. Mesmo uma marta quebraria todos os ossos se caísse daquela altura no pátio pavimentado. Bem devagar, ela pôs a mão para fora. Seus dedos tremiam quando ela os passou nas costas de Gwin. Então ela o agarrou, antes que ele pudesse mordê-la com seus dentinhos afiados, e rapidamente o trouxe para dentro do quarto. Preocupada, ela olhou para baixo, mas nenhuma das criadas percebera nada. Todas estavam curvadas sobre os canteiros, com os vestidos encharcados de suor por causa do sol quente que ardia nas suas costas.

Sob a coleira de Gwin havia um pedaço de papel sujo, dobrado centenas de vezes, preso com um pedaço de fita.

— Por que você abriu a janela? O ar lá fora está mais quente do que aqui dentro! Nós…

Fenoglio parou e olhou assombrado para o animal no braço de Meggie.

Rapidamente, ela pôs um dedo nos lábios em sinal de advertência. Então, apesar da resistência do animalzinho, ela apertou Gwin contra o peito e tirou o bilhete da coleira. A marta rosnou ameaçadora, e tentou morder mais uma vez os dedos de Meggie. Gwin não gostava nem um pouco quando alguém o segurava por tempo demais. Ele mordia até mesmo o próprio Dedo Empoeirado quando ele tentava fazer isso.

— O que você tem aí, uma ratazana? — Fenoglio aproximou-se.

Meggie soltou a marta, que imediatamente pulou para o batente da janela.

— Uma marta — exclamou Fenoglio, espantado. — De onde ela veio?

Apavorada, Meggie olhou para a porta, mas o guarda não parecia ter ouvido nada. Fenoglio pôs a mão na boca e olhou para Gwin tão espantado que Meggie quase começou a rir.

— Ela tem chifres! — ele murmurou.

— É claro. Porque você a inventou assim! — ela respondeu num sussurro.

Gwin ainda estava no batente. Seus olhos piscavam desconfortáveis. Ele de fato não gostava da luz do sol e costumava passar o dia dormindo. Como chegara ali?

Meggie pôs a cabeça para fora da janela, mas lá embaixo no pátio estavam apenas as criadas. Ela voltou depressa para o quarto e desdobrou o pedaço de papel.

— Uma mensagem? — Fenoglio curvou-se sobre os ombros dela. — É do seu pai?

Meggie fez que sim. Ela reconhecera a letra na hora, embora não estivesse tão uniforme como normalmente. Seu coração começou a dançar dentro do peito. Ela seguiu ansiosamente as letras com os olhos, como se fossem um caminho que finalmente a levaria até Mo.

— Que diabos está escrito aí? Não consigo decifrar uma só palavra — sussurrou Fenoglio.

Meggie sorriu.

— É a escrita dos elfos! — ela sussurrou. — Mo e eu a utilizamos como escrita secreta desde que eu li *O senhor dos anéis*, mas ele está um pouco destreinado. Cometeu muitos erros.

— Bem, e o que diz?

Meggie leu para ele.

— Farid, mas quem é Farid?

— Um garoto. Ele veio das *Mil e uma noites* quando Mo leu o livro, mas essa é outra história. Você o viu, ele estava junto com Dedo Empoeirado quando ele fugiu de você.

Meggie dobrou o papel e olhou pela janela mais uma vez. Uma das criadas havia se levantado. Ela limpou a terra das mãos e olhou para o muro alto, como se sonhasse simplesmente voar por cima dele. Quem trouxera Gwin? Mo? Ou a marta a encontrara ali sozinha? Era muito improvável. Ela não ficaria zanzando em plena luz do dia sem que houvesse alguém por trás.

Meggie enfiou o bilhete na manga do vestido. Gwin ainda estava sentado no batente, com um ar sonolento. Ele esticou o pescoço e começou a cheirar o ar lá fora. Talvez estivesse farejando os pombos que às vezes pousavam na janela.

— Dê-lhe pão para ele não ir embora! — sussurrou Meggie para Fenoglio.

Então ela foi até a cama e virou sua mochila de ponta-cabeça. Onde é que estava o lápis? Ela tinha um lápis, com certeza. Ali estava. Era quase um toco. Mas onde é que iria arrumar papel? Ela tirou um dos livros de Darius de sob o colchão e arrancou cuidadosamente a folha de guarda. Ela nunca chegara a arrancar a folha de um livro, mas agora era preciso.

Meggie ajoelhou-se no chão e começou a escrever, com as mesmas letras sinuosas que Mo utilizara em sua mensagem. Conhecia o código de cor. "*Estamos bem, e eu também sei ler como você, Mo! Eu li a fada Sininho, e amanhã, quando escurecer, Capricórnio quer que eu traga Sombra de* Coração de tinta *para matar Dedo Empoeirado*." Sobre Resa, ela não escreveu nada. Nenhuma palavra sobre Meggie ter pensado que vira sua mãe, e que também ela, se tudo corresse como Capricórnio queria, só tinha mais dois dias de vida. Uma notícia como aquela não cabia num pedaço de papel, por maior que ele fosse.

Gwin mordiscava avidamente o pão que Fenoglio segurava. Meggie dobrou a folha de papel e prendeu-a na coleira.

— Cuide-se! — ela sussurrou para Gwin, então jogou o resto do pão no pátio de

Capricórnio.

Gwin deslizou pela parede como se não houvesse nada mais fácil neste mundo. Uma das criadas gritou quando ele passou no meio de suas pernas. Ela disse alguma coisa para as outras mulheres, provavelmente estava preocupada com as galinhas de Capricórnio, mas Gwin já havia pulado o muro e desaparecido.

— Bom, muito bom, então seu pai está aqui! — sussurrou Fenoglio para Meggie, enquanto se punha ao lado dela na janela. — Em algum lugar lá fora. Muito bom. E você vai receber o soldadinho de chumbo de volta. Tudo está indo muito bem. Quem diria, hein?

Ele apertou a ponta do nariz, e piscou com a luz do sol.

— Como próximo passo — ele murmurou — vamos tirar vantagem da superstição de Basta! Que bom que eu o criei com esse ponto fraco! Foi um lance inteligente.

Meggie não entendeu do que ele estava falando, mas não importava. Ela só conseguia pensar numa coisa: Mo estava lá.

43. Um lugar escuro

— Jim, meu velho — disse Lucas com voz rouca —, essa foi uma viagem curta. Sinto muito que agora você tenha de compartilhar o meu destino.

Jim engoliu a saliva.

— Mas nós somos amigos — ele respondeu em voz baixa, e mordeu o lábio inferior para que parasse de tremer.

Michael Ende, *Jim Knopf e Lucas, o maquinista*

Dedo Empoeirado achou que Capricórnio fosse deixá-los, Resa e ele, pendurados naquela maldita rede até a execução, mas eles passaram ali apenas uma única e longa noite. Pela manhã, mal o sol começara a pintar manchas claras nas paredes vermelhas da igreja, Basta mandou baixar os dois. Por alguns segundos terríveis, Dedo Empoeirado pensou que Capricórnio decidira se livrar deles de maneira rápida e discreta. Quando sentiu novamente o chão firme sob os pés, ele não sabia o que deixava suas pernas mais bambas, se era o medo ou a noite passada na rede. De qualquer forma, ele quase não conseguia ficar de pé.

A primeira coisa que Basta fez foi tranquilizá-lo, embora certamente não fosse essa a sua intenção.

— Eu adoraria deixá-lo pendurado ali em cima mais um pouco — ele disse enquanto seus homens tiravam Dedo Empoeirado da rede. — Mas, por algum motivo, Capricórnio decidiu trancá-los na cripta pelo resto de suas miseráveis vidas.

Dedo Empoeirado fez todo o esforço que pôde para esconder seu alívio. A morte, portanto, ainda estava a alguns passos de distância.

— Deve ser porque Capricórnio se incomoda em ter plateia o tempo todo enquanto discute os planos sujos dele com vocês — Dedo Empoeirado disse. — Ou talvez queira simplesmente que possamos caminhar com nossas próprias pernas para a execução.

Outra noite na rede e Dedo Empoeirado não acreditaria que ainda tinha pernas. Já depois de uma noite seus ossos doíam tanto que, quando Basta o levou junto com Resa para a cripta, ele se movimentava como um ancião. Resa tropeçou algumas vezes na

escada, parecia estar ainda pior do que ele, mas se mantinha em silêncio. Quando Basta segurou seu braço no momento em que ela escorregou num degrau, ela se soltou dele e lançou-lhe um olhar tão gélido que ele a deixou prosseguir sozinha.

A cripta sob a igreja era um lugar úmido e escuro, mesmo quando o sol lá fora, como naquele dia, derretia as telhas das casas. As entranhas da velha igreja cheiravam a mofo, cocô de rato e outras coisas cujo nome Dedo Empoeirado nem queria saber. Logo após chegar à aldeia, Capricórnio mandara equipar com grades as estreitas câmaras onde sacerdotes já esquecidos dormiam em seus sarcófagos. "Para quem vai morrer, existe lugar mais adequado para dormir do que um sarcófago?", ele observara na ocasião, com uma gargalhada. Seu humor sempre fora bastante peculiar.

Nos últimos degraus, Basta os empurrou impaciente. Ele estava com pressa de voltar para a luz do dia, para longe dos mortos e dos espíritos. Suas mãos tremiam quando ele pendurou o lampião num gancho e destrancou a grade da primeira cela. Ali embaixo não havia luz elétrica. Também não havia calefação ou outros confortos, apenas os sarcófagos silenciosos e os ratos que se esgueiravam pelo piso gasto de pedras.

— Ei, não quer nos fazer mais um pouco de companhia? — perguntou Dedo Empoeirado quando Basta os empurrou para dentro da cela. Eles tiveram que encolher a cabeça. Mal dava para alguém ficar de pé sob as velhas abóbadas. — Podíamos contar histórias de fantasmas. Conheço umas novas.

Basta rosnou feito um cão.

— Não precisaremos de um caixão para você, Dedo Podre! — ele disse enquanto fechava a grade novamente.

— É verdade! Uma urna talvez, ou um vidro de geleia, mas não um caixão, com certeza.

Dedo Empoeirado deu um passo para trás da grade. Assim ele ficava fora do alcance da navalha de Basta.

— Estou vendo que você tem um novo amuleto! — ele exclamou. Basta já estava quase na escada. — É um pé de coelho de novo, ou é outra coisa? Eu já não lhe disse que esses trecos atraem fantasmas? No nosso antigo mundo nós podíamos enxergá-los, pena que aqui as coisas não são tão práticas assim. Mas eles estão aqui com certeza, com os seus sussurros e seus dedos frios.

Basta parou na escada, com os punhos fechados, ainda de costas. Dedo Empoeirado sempre se admirava ao ver como era fácil fazê-lo sentir medo somente com algumas palavras.

— Você ainda se lembra de como eles fazem as vítimas deles? — Dedo Empoeirado prosseguiu em voz baixa. — Eles sussurram o nome delas: "*Bastaaa!* ". Aí elas começam a sentir frio, e depois…

— Logo é o seu nome que eles vão sussurrar, Dedo Podre! — Basta o interrompeu com a voz trêmula. — Somente o seu.

Ele subiu os degraus apressadamente, como se os fantasmas já estivessem atrás dele.

O eco de seus passos cessou, e Dedo Empoeirado estava só. Com o silêncio, com a morte e com Resa. Ao que tudo indicava, eles eram os únicos prisioneiros. Às vezes, Capricórnio mandava prender algum pobre-diabo na cripta para assustá-lo, mas a maior parte dos que iam parar ali e escreviam seus nomes nos sarcófagos desapareciam em alguma noite escura, e ninguém jamais voltava a vê-los.

Sua despedida deste mundo seria um pouco mais espetacular.

"Minha última exibição, por assim dizer", pensou Dedo Empoeirado. "Talvez na hora eu perceba que tudo isso foi apenas um sonho ruim, e que eu só precisei morrer para voltar para casa." Era uma ideia agradável. Se pelo menos ele conseguisse acreditar nela.

Resa sentara-se no sarcófago. Era uma lápide de pedra lisa. O tampo estava rachado, e o nome que estivera ali durante algum tempo não era mais legível. A proximidade da morte não parecia amedrontar Resa.

Para Dedo Empoeirado era diferente. Ele não tinha medo de fantasmas e assombrações como Basta. Se aparecesse algum, ele o cumprimentaria educadamente. Não. Ele tinha medo da morte. Acreditava poder ouvi-la respirar ali embaixo, tão profundamente que não sobrava mais ar para ele próprio. Em seu peito, ele sentia como se estivesse sentado em cima de um animal monstruoso. Talvez lá em cima na rede não estivesse tão ruim. Pelo menos havia ar.

Ele sentiu como Resa o observava. Ela bateu no tampo do sarcófago, chamando-o para perto de si. Hesitante, ele sentou-se ao lado dela. Ela pôs a mão no bolso do vestido, tirou de dentro uma vela e segurou-a diante dele com um ar indagador. Dedo

Empoeirado sorriu. Sim, ele obviamente tinha fósforos. Era facílimo esconder de Basta e dos outros idiotas algo tão pequeno como alguns palitos de fósforos.

Resa fixou a vela bruxuleante na lápide com um pouco de cera. Ela adorava velas, velas acesas e pedras. Sempre carregava ambas nos bolsos, e também mais algumas coisas. Talvez ela só tivesse acendido a vela para ele hoje porque sabia o quanto ele amava o fogo.

— Sinto muito, eu deveria ter procurado o livro sozinho — ele disse enquanto passava o dedo pela chama clara. — Perdoe-me.

Ela tapou a boca de Dedo Empoeirado com a mão. Ele presumiu que isso significava que, para ela, nada havia a perdoar. Que simpática mentira velada. Ela tirou a mão e Dedo Empoeirado pigarreou.

— Você… não o encontrou, certo?

Não que isso fizesse alguma diferença agora, mas ele precisava saber.

Resa sacudiu a cabeça e ergueu os ombros, lamentando.

— Foi o que pensei — ele disse, e suspirou.

O silêncio era assustador, mais assustador do que mil vozes.

— Conte-me uma história, Resa! — ele disse baixinho, chegando mais perto dela. — "Por favor!", ele acrescentou em pensamento. "Espante o medo que está apertando o meu peito. Leve-nos para um outro lugar, para um lugar melhor."

Resa era capaz de fazer isso. Conhecia infinitas histórias, ela nunca lhe revelara de onde, mas ele sabia naturalmente. Ele sabia muito bem quem lera as histórias para ela, antes, em outro tempo. Ele reconhecera o seu rosto na primeira vez em que a vira na casa de Capricórnio. Língua Encantada já havia lhe mostrado a foto muitas vezes.

Resa tirou de um de seus bolsos insondáveis um pedaço de papel. Não eram apenas velas e pedras que se escondiam ali dentro. Assim como Dedo Empoeirado sempre levava consigo alguma coisa para fazer fogo, Resa sempre carregava lápis e papel, sua língua de madeira, como ela chamava. Aos olhos dos homens de Capricórnio, tocos de velas, um lápis e um pedaço de papel meio sujo não deviam ser coisas perigosas o bastante para serem confiscadas.

Quando contava uma das suas histórias, às vezes ela escrevia apenas meia frase, e Dedo Empoeirado tinha que completar. Assim ia mais depressa, e a história

enveredava por caminhos surpreendentes. Mas daquela vez ela não queria lhe contar nenhuma história, embora ele nunca tivesse precisado tanto de uma.

— Quem é a menina? — escreveu Resa.

Era claro. Meggie. Ele deveria mentir? Por que não? Mas Dedo Empoeirado não mentiu, ele próprio não sabia por quê.

— É a filha de Língua Encantada. Que idade? Doze anos, acho.

Era a resposta esperada. Ele viu nos olhos dela. Eram os olhos de Meggie. Talvez um pouco mais cansados.

— Como é Língua Encantada? Acho que você já me perguntou isso. Ele não tem cicatrizes como eu.

Ele tentou sorrir, mas Resa continuou séria. A luz da vela tremulava em seu rosto. "Você conhece o rosto dele melhor do que eu", pensou Dedo Empoeirado, "mas eu não vou lhe dizer. Ele me tirou todo um mundo, por que eu não posso tirar a mulher dele?"

Ela se levantou e segurou a mão um pouco acima da cabeça.

— Sim, ele é alto. Mais alto do que você e mais alto do que eu. — Por que ele não mentia? — Sim, seus cabelos são escuros, mas agora eu não quero falar sobre ele!

Ele mesmo percebeu como sua voz soou irritada.

— Por favor! — Ele pegou a mão dela e puxou-a para o seu lado novamente. — Prefiro que você me conte uma história. Logo a vela vai se apagar, e a luz que Basta nos deixou é suficiente para ver essas malditas lápides mas não para decifrar letras.

Ela olhou para ele pensativa, como se quisesse ler seus pensamentos, encontrar as palavras que ele não dissera. Mas Dedo Empoeirado sabia fechar o rosto melhor do que Língua Encantada, muito melhor. Sabia torná-lo impenetrável, um escudo contra olhares curiosos para seu coração. O que os outros tinham a ver com o coração dele?

Resa curvou-se novamente sobre o papel e começou a escrever."*Escute, ouça bem e preste atenção, pois isso aconteceu, sucedeu, ocorreu e se passou, meu querido, quando os animais domésticos eram selvagens. O cão era selvagem, e o cavalo era selvagem, e a vaca era selvagem, e a ovelha era selvagem, e o porco era selvagem — tão selvagem quanto se pode imaginar —, e eles vagavam à sua maneira selvagem pelas Vastas Florestas Selvagens. Mas o mais selvagem de todos os animais selvagens era o gato. Ele vivia só, e para ele um lugar não era diferente do*

outro." Resa sempre sabia de que história ele estava precisando. Ela era uma estranha naquele mundo, assim como ele. Não era possível que ela pertencesse a Língua Encantada.

44. O relato de Farid

— Pois bem — disse Zoff. — Eu tenho a dizer o seguinte, e quem achar que tem um plano melhor pode contar depois.

Michael de Larrabeiti, *Os Borribles 2*
— No labirinto dos Wendel

Quando Farid voltou, Língua Encantada já estava esperando por ele. Elinor dormia debaixo das árvores, seu rosto estava vermelho com o calor do meio-dia, mas Língua Encantada estava no mesmo lugar em que Farid o deixara. O alívio se espalhou em seu rosto quando ele viu o garoto subindo o morro.

— Ouvimos tiros! — ele gritou para Farid. — Achei que nunca mais fôssemos ver você.

— Eles atiram nos gatos — respondeu Farid, deixando-se cair na grama.

As preocupações de Língua Encantada o deixavam encabulado. Ele não estava acostumado a que se preocupassem com ele. *Por que demorou tanto? Onde é que você se enfiou?* Era a esse tipo de recepção que ele estava acostumado. Mesmo o rosto de Dedo Empoeirado estava sempre fechado, intransponível, como uma porta trancada. Já Língua Encantada trazia tudo escrito na testa — preocupação, alegria, aborrecimento, dor, amor —, mesmo quando tentava ocultar, como por exemplo agora ele tentava engolir as palavras que deviam estar queimando sua língua desde que Farid partira.

— A sua filha está bem — disse Farid. — E ela recebeu o bilhete, embora esteja trancada no andar de cima da casa de Capricórnio. Gwin é um grande alpinista, melhor do que Dedo Empoeirado, e isso não é pouca coisa.

Ele ouviu como Língua Encantada respirou aliviado, como se tivesse tirado todo o peso do mundo do seu peito.

— Eu até recebi uma resposta.

Farid pegou Gwin da mochila, segurou-o pelo rabo e tirou o bilhete de Meggie de sua coleira.

Língua Encantada desdobrou o papel cuidadosamente, como se tivesse medo de apagar as letras com os dedos.

— Folha de guarda — ele murmurou. — Ela deve ter arrancado de um livro.

— O que ela diz?

— Você tentou ler?

Farid sacudiu a cabeça e tirou um pedaço de pão do bolso da calça. Gwin merecia uma recompensa. Mas a marta desaparecera. Provavelmente recuperava o sono diurno do qual fora privada.

— Você não sabe ler, não é?

— Não.

— Bem, esta escrita aqui só poucos sabem. É a mesma que eu usei. Você viu, nem mesmo Elinor conseguiu decifrar.

Língua Encantada alisou o papel amarelo-pálido como areia do deserto, leu, e de repente ergueu a cabeça.

— Meu Deus do céu! — ele murmurou. — Mais essa.

— O que foi?

O próprio Farid mordeu o pão que guardara para Gwin. Estava duro; logo eles teriam que roubar mais.

— Meggie também tem o dom! — Língua Encantada sacudiu a cabeça incrédulo e olhou fixamente para o papel.

Farid apoiou os cotovelos na grama.

— Eu já sabia, todos estão falando disso… eu escutei as conversas. Eles dizem que ela sabe fazer feitiços como o pai, que agora Capricórnio não tem mais que esperar por você. Ele não precisa mais de você.

Língua Encantada olhou para ele como se ainda não tivesse pensado nisso.

— É verdade — ele murmurou. — E agora nunca mais a deixarão ir embora. Não por vontade própria.

Ele olhou para as letras que sua filha escrevera. Para Farid elas pareciam rastros de cobra na areia.

— O que mais ela escreveu?

— Que eles prenderam Dedo Empoeirado, e que ela será obrigada a ler *Coração de tinta*, para trazer alguém que irá matá-lo amanhã à noite.

Ele deixou o bilhete cair e passou a mão no cabelo.

— Também ouvi falar disso. — Farid arrancou um tufo de grama e o rasgou em pedacinhos. — Dizem que ele está preso na cripta no porão da igreja. O que mais diz o bilhete? Sua filha não diz nada sobre quem Capricórnio deseja que ela traga do livro?

Língua Encantada sacudiu a cabeça, mas Farid viu que ele sabia mais do que havia contado.

— Pode dizer! É um carrasco, não é? Alguém que é bom em cortar cabeças.

Língua Encantada ficou calado como se não tivesse ouvido.

— Eu já vi uma decapitação — disse Farid. — Portanto, pode me contar sem rodeios. Se o carrasco souber manejar bem a espada, a coisa é bem rápida.

Língua Encantada olhou para ele espantado, e então sacudiu a cabeça.

— Não é um carrasco — ele disse. — Pelo menos, não é um carrasco com uma espada. Não é nem mesmo uma pessoa.

Farid ficou pálido.

— Não é uma pessoa?

Língua Encantada sacudiu a cabeça. Demorou um certo tempo até ele conseguir falar de novo.

— Ele é chamado de Sombra — disse com voz monótona. — Não me lembro exatamente das palavras com as quais está descrito no livro, só sei que o imaginei como uma figura cinza e quente, feita de cinzas incandescentes, sem rosto.

Farid olhou para ele assombrado. Por um momento, desejou não ter perguntado.

— Todos… estão animados com a execução — ele continuou a contar com voz entrecortada. — Os casacos-pretos estão de bom humor. Eles também querem matar a mulher, aquela com a qual Dedo Empoeirado se encontrou, porque ela tentou encontrar o livro para ele.

Ele enfiou na terra os dedos dos pés descalços. Dedo Empoeirado tentara acostumá-lo a usar sapatos, por causa das cobras, mas a cada passo ele tinha a sensação

de que alguém segurava seus dedos, e por isso acabou jogando-os no fogo.

— Que mulher? Uma das criadas de Capricórnio? — Língua Encantada perguntou.

Farid fez que sim. Ele esfregou os dedos dos pés. Estavam cheios de picadas de formigas.

— Ela não fala, é muda como um peixe. Dedo Empoeirado tem uma foto dela na mochila. Ela já o ajudou outras vezes. Além disso, eu acho que ele está apaixonado por ela.

Farid não tivera dificuldade de espionar a aldeia. Ali havia muitos garotos da sua idade. Eles lavavam os automóveis para os casacos-pretos, poliam suas botas e suas armas, entregavam cartas de amor… Ele também já precisara entregar cartas de amor, antigamente, na outra vida. Botas ele não precisara limpar, mas armas sim. E recolher o estrume dos camelos. Lustrar automóveis certamente era mais agradável.

Farid olhou para cima. Umas nuvenzinhas brancas como penas de garça, eriçadas como flores de acácia, cruzavam o céu. Sempre passavam nuvens naquele céu. Farid gostava disso. O céu sobre o mundo de onde ele viera sempre estava nu.

— Já amanhã? — murmurou Língua Encantada. — Mas o que vou fazer? Como vou tirá-la da casa de Capricórnio? Talvez eu consiga entrar lá à noite, sem ser visto; eu precisaria de um terno preto daqueles…

— Eu trouxe um para você. — Farid puxou da mochila primeiro o paletó, depois a calça. — Roubei de um varal. Para Elinor, eu tenho um vestido!

Língua Encantada olhou para ele com uma admiração tão escancarada que Farid corou.

— Você é de fato um garoto corajoso. Talvez eu deva perguntar a *você* como tirar Meggie desta aldeia?

Farid riu encabulado e olhou para os pés. Perguntar a ele? Nunca alguém perguntara se ele tinha alguma ideia. Ele sempre fora apenas o cão farejador, o espião. Os planos, quem fazia eram outros: planos para roubos, assaltos, planos de vingança. O cão não era consultado. O cão apanhava quando não obedecia.

— Somos apenas dois, e lá embaixo eles são pelo menos vinte — ele disse. — Não vai ser fácil…

Língua Encantada olhou para o local onde estavam acampados. A mulher dormia debaixo das árvores.

— Você não está contando com Elinor? Pois devia. Ela é muito mais combativa do que eu, e no momento está muito furiosa.

Farid sorriu.

— Bem, então três! — ele disse. — Três contra vinte.

— Sim, isso não soa bem, eu sei. — Língua Encantada levantou-se com um suspiro. — Venha, vamos contar a Elinor o que você descobriu.

Farid, porém, ficou sentado na grama. Ele pegou um dos galhos secos que se espalhavam por toda parte. Lenha de primeira. Ali havia uma quantidade infinita de lenha. Em sua antiga vida, as pessoas iriam longe, muito longe por uma lenha como aquela. E pagariam em ouro. Farid examinou a lenha, passou os dedos na casca áspera e olhou para a aldeia de Capricórnio.

— Podemos deixar o fogo nos ajudar — ele disse.

Língua Encantada olhou para ele sem entender.

— Como assim?

Farid ergueu um graveto do chão e mais um. Começou a fazer uma pilha com os galhos e ramos secos que as árvores lançavam ali como se os tivessem em demasia.

— Dedo Empoeirado me mostrou como domar o fogo. É como Gwin: ele morde quando não se sabe como pegá-lo, mas se for bem tratado faz o que a pessoa quer. Foi assim que Dedo Empoeirado me ensinou. Se for utilizado na hora certa e no lugar certo…

Língua Encantada curvou-se, pegou um dos gravetos e passou a mão nele.

— Mas e depois, como você pretende prendê-lo novamente? Faz tempo que não chove. Antes que perceba, as colinas estarão em chamas.

Farid sacudiu os ombros.

— Só se o vento não for favorável.

Mas Língua Encantada sacudiu a cabeça.

— Não! — ele disse decidido. — Só brinco com o fogo nestas colinas se nada

mais me ocorrer. Vamos entrar na aldeia hoje à noite. Talvez consigamos passar pelos guardas. Talvez eles se conheçam tão mal uns aos outros que me tomem por um deles. Afinal de contas, já conseguimos escapar deles uma vez. Talvez consigamos de novo.

— São mesmo muitos *talvezes* — disse Farid.

— Eu sei — respondeu Língua Encantada. — Eu sei.

45. Algumas mentiras para Basta

— Cuidado! — ela gritou. — Eu cuspo no chão e o amaldiçoo. Que ele caia em grande desgraça! Se você vir Laird, então conte-lhe simplesmente que essa foi a milésima duocentésima décima nona vez que Jennet Clouston lançou uma praga contra ele e sua casa, seu palheiro e seu estábulo, seus criados e hóspedes, cavalheiros, senhoras, senhoritas e crianças. Que todos caiam em terrível desgraça!

Robert L. Stevenson, *Sequestrado*

Fenoglio só precisou de algumas frases para convencer o vigia de que precisava falar imediatamente com Basta. O velho homem era um mentiroso de muito talento. Tramava histórias a partir do nada, mais rápido do que uma aranha com sua teia.

— O que você quer, velho? — perguntou Basta quando estava na porta. Ele trouxera o soldadinho de chumbo. — Aqui está. Tome, bruxinha! Por mim, ele teria ido para o fogo, mas ninguém mais me dá ouvidos.

Dizendo isso para Meggie, ele pôs o soldado na mão dela.

O soldadinho de chumbo estremeceu ao ouvir a palavra "fogo", seu bigodinho arrepiou-se e seus olhos pareciam tão desesperados que partiram o coração de Meggie. Quando o envolveu em sua mão para protegê-lo, ela pensou ter sentido o coraçãozinho bater e se lembrou do final da história: "*Então o soldadinho derreteu, transformando-se num montinho de chumbo. No dia seguinte, quando foi limpar as cinzas, a criada o encontrou. O monte de chumbo tinha a forma de um coraçãozinho*".

— Sei, ninguém mais lhe dá ouvidos, eu também já reparei!

Fenoglio olhou com compaixão para Basta, como um pai para o filho, o que ele não deixava de ser, em certo sentido.

— É justamente por esse motivo que eu queria falar com você — ele abaixou a voz em tom de cumplicidade. — Quero lhe propor um negócio.

— Um negócio? — Basta olhou para ele com uma mistura de medo e arrogância.

— Sim, um negócio — repetiu Fenoglio baixinho. — Estou muito entediado! Eu sou um escrevinhador, como você me chamou com toda a razão. Preciso de papel para viver, assim como os outros precisam de pão e vinho e sei lá mais o quê. Traga-me

papel para escrever, Basta, e eu o ajudarei a recuperar as suas chaves. Você sabe, as chaves que a gralha tirou de você.

Basta pegou sua navalha. Quando ele a destravou, o soldadinho de chumbo começou a tremer tanto que a baioneta escorregou das suas minúsculas mãozinhas.

— Ah, é? E como? — perguntou Basta enquanto limpava as unhas com a ponta da navalha.

Fenoglio curvou-se para falar com ele.

— Escreverei uma pequena maldição para você. Uma praga que obrigará Mortola a ficar semanas de cama, e lhe dará tempo para mostrar a Capricórnio que você é o verdadeiro mestre das chaves. É claro que esse tipo de encantamento não tem efeito imediato, leva um certo tempo, mas acredite: quando começa a surtir efeito…

Fenoglio ergueu as sobrancelhas num gesto expressivo. Mas Basta torceu o nariz com desprezo.

— Já tentei com aranhas, com sal e com salsinha. Nada é capaz de derrubar a velha.

— Salsinha e aranhas! — Fenoglio riu baixinho. — Você é ingênuo, Basta. Não estou falando de simpatias infantis. Estou falando de letras escritas. Nada é mais poderoso do que as letras, no bem e no mal, pode acreditar.

Fenoglio baixou a voz e continuou num sussurro: — Eu também o criei com palavras, Basta! Você e Capricórnio.

Basta deu um passo para trás. Medo e ódio são irmãos, e Meggie viu os dois no rosto de Basta. E ela viu mais uma coisa: ele acreditava no velho escritor. Acreditava em cada palavra.

— Você é um feiticeiro! — ele exclamou. — Você e a garota, os dois deveriam ser queimados como aqueles malditos livros, e o pai dela também.

Rapidamente, ele cuspiu aos pés do velho, três vezes.

— Oh, cuspir. De que serve isso? É contra mau-olhado? — zombou Fenoglio. — Essa história de queimar na fogueira não é nenhuma ideia nova, Basta, mas você também nunca foi muito chegado a ideias novas. Bem, vamos fazer negócio ou não?

Basta ficou olhando para o soldadinho de chumbo, até que Meggie o escondeu em

suas costas.

— Está bem! — ele rosnou. — Mas vou examinar diariamente o que você escrever, entendeu?

"E como você pretende fazer isso?", pensou Meggie. "Se não sabe ler." Basta olhou para ela como se tivesse ouvido seus pensamentos.

— Conheço uma das criadas — ele disse. — Ela vai ler para mim. Portanto, não tente nenhum truque, entendeu?

— É claro! — Fenoglio assentiu energicamente com a cabeça. — Ah, um lápis não seria mau. Preto, se for possível.

Basta trouxe o lápis e toda uma pilha de papel sulfite. Fenoglio sentou-se à mesa com uma pose importante, pôs a primeira folha à sua frente, dobrou-a e então rasgou em nove partes iguais. Em cada uma delas ele escreveu cinco letras, floreadas, quase ilegíveis e sempre as mesmas. Então ele dobrou os papeizinhos com cuidado, cuspiu uma vez em cada um, e os entregou para Basta dizendo que ele precisava escondê-los da seguinte maneira: — Três onde ela dorme, três onde ela come, e três onde ela trabalha. Somente assim, depois de três dias e três noites, ocorrerá o efeito desejado. Contudo, se a pessoa amaldiçoada encontrar um dos papeizinhos, o encantamento passará a agir imediatamente contra você.

— Mas o que significa isso? — Basta olhou para os papeizinhos de Fenoglio como se eles fossem lhe transmitir a peste instantaneamente.

— Bem, esconda-os de maneira que ela não encontre! — retrucou Fenoglio, e o empurrou para a porta.

— Se não funcionar, meu velho — resmungou Basta antes de fechar a porta atrás de si —, vou enfeitar o seu rosto da mesma maneira que fiz com Dedo Podre.

Então ele se foi, e Fenoglio encostou-se na porta fechada com um sorriso de satisfação.

— Mas não vai funcionar! — sussurrou Meggie.

— E daí? Três dias são um longo tempo — respondeu Fenoglio enquanto se sentava à mesa novamente. — E espero que não precisemos deles. Afinal de contas, temos que impedir uma execução amanhã à noite, não é?

O resto do dia ele passou ora olhando para o ar, ora escrevendo como um

possesso. Encheu folhas e mais folhas com sua letra graúda, que corria impaciente sobre o papel.

Meggie não o perturbou. Sentou-se à janela com o soldadinho de chumbo, ficou olhando para as colinas e se perguntando onde naquela selva de folhas e de galhos Mo estaria escondido. O soldadinho de chumbo ficou sentado ao seu lado, com as pernas esticadas para a frente, observando com olhos assustados o mundo que lhe era totalmente estranho. Talvez ele pensasse na bailarina de papel por quem estava tão apaixonado, talvez não pensasse simplesmente em nada. Ele não disse uma única palavra.

46. Acordada na noite escura

Os criados também traziam flores, todos os dias, ao meio-dia. Braçadas de flores do carvalho e da giesta e da ulmária, as mais belas e delicadas que podiam ser colhidas na floresta e no campo.

Evangeline Walton, *Os quatro ramos de Mabinogi*

Lá fora já escurecera, mas Fenoglio continuava escrevendo. Embaixo da mesa, amontoavam-se as folhas que ele havia amassado ou rasgado. Eram muito mais numerosas do que as que ele punha de lado, cuidadosamente, como se as letras pudessem escorregar do papel. Quando uma das criadas, uma menina magra e franzina, trouxe o jantar, Fenoglio escondeu as folhas selecionadas debaixo de seu cobertor. Basta não voltou naquela noite. Devia estar muito ocupado em esconder os papeizinhos mágicos.

Meggie só foi dormir quando lá fora estava tão escuro que as colinas se fundiam com o céu. Ela deixou a janela aberta.

— Boa noite! — ela sussurrou para a escuridão, como se Mo pudesse ouvi-la.

Então pegou o soldadinho de chumbo, foi para a cama e o pôs sentado ao lado do seu travesseiro.

— Acredite, você teve mais sorte do que Sininho! — ela disse. — Basta ficou com ela porque acredita que as fadas trazem sorte, e sabe de uma coisa? Se conseguirmos sair daqui, prometo que farei uma bailarina de papel para você, igualzinha à da sua história.

Ele continuou calado, olhando para ela com seus olhos tristes, e então assentiu com um aceno discreto da cabeça, quase imperceptível. "Será que ele também perdeu a voz?", pensou Meggie. "Ou sempre foi mudo?" De fato, sua boca parecia ainda não ter sido aberta uma única vez. "Se o livro estivesse aqui", ela pensou, "eu poderia mandá-lo de volta, ou então tentar trazer a dançarina para ele." Mas o livro estava com a gralha. Ela também mandara levar dali todos os outros livros.

O soldadinho de chumbo encostou-se na parede e fechou os olhos. "Não, a bailarina só iria partir o seu coração!", pensou Meggie antes de adormecer. A última coisa que ela ouviu foi o lápis de Fenoglio correndo no papel, de uma letra para a

outra, rápido como um tecelão tramando uma imagem múltipla com um fio negro.

Nessa noite, Meggie não sonhou com monstros. Nem mesmo uma aranhinha se intrometeu em seus sonhos. Ela estava em casa simplesmente, sabia disso embora seu quarto se parecesse com o da casa de Elinor. Mo estava lá e sua mãe também. Ela se parecia com Elinor, mas Meggie sabia que era a mulher que estava pendurada na igreja ao lado de Dedo Empoeirado. Nos sonhos, sabemos de muitas coisas, sobretudo que não podemos confiar em nossos olhos. Sabemos e pronto. Quando ela ia se sentar ao lado da mãe, no velho sofá que ficava entre as estantes de Mo, de repente alguém sussurrou seu nome: "Meggie!". Várias vezes. "Meggie!" Ela não queria ouvir, queria que o sonho não terminasse nunca, mas a voz continuava a chamar, impiedosamente. Meggie a conhecia. Relutante, ela abriu os olhos.

Fenoglio estava ao lado da cama, com os dedos pretos de tinta, pretos como a noite que aparecia na janela aberta.

— O que foi? Quero dormir.

Meggie virou-se de costas para ele. Queria voltar para o sonho dela. Talvez ele ainda estivesse ali em algum lugar atrás de suas pálpebras. Talvez ainda tivesse sobrado um pouco de alegria em seus cílios, como ouro em pó. Nos contos de fada, os sonhos às vezes não deixavam algum vestígio? O soldadinho de chumbo ainda dormia, com a cabeça caída para a frente.

— Mas eu terminei! — Fenoglio sussurrou, embora pudesse ouvir perfeitamente o ronco do vigia do outro lado da porta. Na mesa, iluminada pela luz bruxuleante da vela, havia uma pilha fina de folhas escritas.

Meggie sentou-se bocejando.

— Temos que tentar fazer uma coisa esta noite! — cochichou Fenoglio. — Vamos ver se é possível mudar uma história, com a sua voz e as minhas palavras. Vamos tentar mandar o nosso soldadinho de volta.

Ele pegou as folhas, ansioso, e as colocou no colo de Meggie.

— Não é o ideal tentar fazer isso com uma história que não fui eu que escrevi, mas o que fazer? O que temos a perder?

— Mandar de volta? Mas eu não quero mandá-lo de volta! — disse Meggie, desapontada. — Ele morrerá. O menino o joga na lareira e ele derrete. E a dançarina

pega fogo. *Da bailarina restara apenas a lantejoula queimada, preta como carvão*.

— Não, não! — Fenoglio bateu impaciente com o dedo nas folhas de papel. — Eu escrevi uma nova história para ele, com um final feliz. *Essa* foi a ideia que seu pai teve: mudar as histórias! Ele só queria trazer sua mãe de volta reescrevendo *Coração de tinta* de forma que o livro a cuspisse de volta. Mas se essa ideia realmente funcionar, Meggie, se for possível alterar uma história escrita acrescentando palavras, poderemos mudar tudo nela: quem sai, quem entra, como ela termina, quem fica feliz e quem fica infeliz. Você entende? É apenas uma tentativa, Meggie! Mas se o soldado de chumbo desaparecer daqui, acredite, também poderemos alterar *Coração de tinta*! Como isso vai acontecer, eu ainda preciso pensar, mas agora leia. Por favor!

Fenoglio tirou a lanterna de sob o travesseiro e a pôs na mão de Meggie.

Hesitante, ela iluminou a primeira das páginas cheias de linhas escritas. De repente, seus lábios estavam secos.

— Termina bem de verdade? — ela umedeceu os lábios com a língua e olhou para o soldadinho, que ainda dormia. Pensou ouvir um ronco muito suave.

Fenoglio fez que sim, impaciente.

— Sim, sim, eu escrevi um final feliz bem açucarado. Ele se muda para o palácio com a bailarina e ali os dois vivem felizes e despreocupados até o fim dos seus dias… Sem coração fundido, sem papel queimado, nada além de amor e felicidade…

— Sua letra é difícil de entender.

— O quê? Eu fiz o maior esforço!

— Mesmo assim.

O velho escritor suspirou.

— Está bem — disse Meggie. — Vou tentar.

"Todas, todas as letras são importantes!", ela pensou. "Deixe-as soar, retumbar, sussurrar, crepitar, estrondear." Então ela começou a ler.

Na terceira frase, o soldadinho de chumbo sentou-se reto como uma tábua. Meggie viu pelo canto do olho. Por um instante, ela quase perdeu o fio da meada, tropeçou numa palavra e leu-a novamente. Depois disso, ela prosseguiu sem ousar olhar novamente para o soldadinho, até que Fenoglio pôs a mão em seu braço.

— Ele se foi! — ele sussurrou. — Meggie, ele se foi!

Ele tinha razão. A cama estava vazia.

Fenoglio apertou o braço dela com tanta força que doeu.

— Você é mesmo uma pequena maga! — ele sussurrou. — Mas eu também não me saí mal, não é? Não, realmente não.

Ele ficou um tempo admirando seus dedos sujos de tinta. Então começou a bater palmas e a dançar pelo quarto feito um velho urso. Quando Fenoglio finalmente parou ao lado da cama de Meggie, estava um pouco sem fôlego.

— Nós dois vamos preparar uma surpresa desagradável para Capricórnio! — ele disse enquanto um sorriso se espalhava por todas as rugas do seu rosto. — Vou começar a trabalhar agora mesmo! Oh, sim! Ele vai ter o que quer: você vai lhe trazer Sombra. Mas o seu velho amigo vai ter se transformado, eu cuidarei disso! Eu, Fenoglio, o mestre da palavra, o mago da tinta, o feiticeiro de papel. Eu criei Capricórnio, e eu o riscarei da história, como se ele nunca tivesse existido, o que, devo admitir, teria sido melhor! Pobre Capricórnio! Com ele acontecerá o mesmo que aconteceu com o mago que fez uma mulher de flores para o seu sobrinho. Você conhece a história, não é?

Meggie olhava para o lugar onde o soldadinho de chumbo estivera. Sentia falta dele.

— Não! — ela murmurou. — Que mulher de flores?

— É uma história muito antiga. Vou contar a versão reduzida. A mais longa é mais bonita, mas logo irá amanhecer. Bem, era uma vez um mago de nome Gwydion, que tinha um sobrinho a quem ele amava mais do que a tudo no mundo, mas a mãe do menino lançara uma maldição sobre ele.

— Por quê?

— Agora não importa o porquê. Ela o amaldiçoou. Se ele tocasse numa mulher, morreria. Isso cortava o coração do mago. Seu sobrinho predileto ficaria condenado eternamente à solidão? Não. Afinal, de que serviam suas habilidades mágicas senão para ajudar o sobrinho? Assim, ele se trancou por três dias e três noites em sua oficina de magia e criou uma mulher de flores, de nove flores para ser preciso. Nunca antes existira uma mulher tão bela, e o sobrinho de Gwydion apaixonou-se por ela à

primeira vista. Mas Blodeuwedd, era esse o nome dela, trouxe a desgraça ao rapaz. Ela se apaixonou por um outro, e juntos os dois mataram o sobrinho do mago.

— Blodeuwedd! — Meggie saboreou o nome como uma fruta exótica. — Que triste. O que aconteceu com ela? O mago também a matou por vingança?

— Não. Gwydion a transformou numa coruja, e desde então todas as corujas piam como uma mulher em prantos.

— Bonito! Triste e bonito — murmurou Meggie. Por que as histórias tristes volta e meia eram tão bonitas? Na vida real era diferente. — Bom, agora conheço a história da mulher de flores. Mas o que ela tem a ver com Capricórnio?

— Bem, Blodeuwedd agiu contra as expectativas daquele que a invocou. E é exatamente isso que vou cuidar para que aconteça: a sua voz e as minhas palavras, novas e bonitas, vão fazer com que Sombra *não faça* o que Capricórnio espera dele!

Fenoglio parecia satisfeito, como uma tartaruga que acabou de encontrar um folha de alface fresca num lugar totalmente inesperado.

— E o que exatamente ele *vai fazer*?

Fenoglio franziu a testa. A satisfação desaparecera.

— Ainda estou trabalhando nisso — ele disse, irritado, e bateu com a ponta do dedo na testa. — Aqui. E isso leva tempo.

Lá fora ouviram-se vozes, vozes masculinas. Vinham do outro lado do muro. Meggie desceu depressa da cama e correu para a janela aberta. Ela ouviu passos, passos rápidos e tropeços, em fuga — e então tiros. Ela se esticou tanto tentando ver alguma coisa que quase caiu da janela, mas não conseguiu ver nada, naturalmente. O barulho parecia vir da praça da igreja.

— Ei, ei, cuidado! — sussurrou Fenoglio, segurando-a firme pelos ombros.

Tiros novamente. Os homens de Capricórnio gritavam alguma coisa uns para os outros. Suas vozes soavam enfurecidas, nervosas. Por que ela simplesmente não conseguia entender o que eles diziam? Ela olhou para Fenoglio apavorada, talvez ele tivesse conseguido entender alguma coisa da gritaria. Palavras, nomes…

— Sei o que você está pensando, mas com certeza não era o seu pai — ele a tranquilizou. — Ele não seria louco a ponto de tentar entrar à noite na casa de Capricórnio!

Delicadamente, ele a afastou da janela. As vozes silenciaram. A noite ficou quieta novamente, como se nada tivesse acontecido.

Com o coração aos pulos, Meggie voltou para a cama. Fenoglio ajudou-a a subir.

— Faça-o matar Capricórnio! — ela sussurrou. — Faça Sombra matá-lo.

Ela própria se assustou com suas palavras. Mas não mudou de ideia.

Fenoglio esfregou a testa.

— Sim, acho que terei que fazer isso, não é? — ele murmurou.

Meggie pegou o pulôver de Mo e o abraçou. Em algum lugar da casa, ela ouviu bater portas e ecoar passos na direção deles. Depois tudo silenciou novamente. Aquele silêncio soava ameaçador. Silêncio mortal, pensou Meggie. A expressão não lhe saía mais da cabeça.

— O que acontecerá se Sombra não obedecer a você também? — ela disse. — Como a mulher de flores? O que acontecerá?

— Nisso — respondeu Fenoglio lentamente — é melhor nem pensar.

47. Sozinha

— Ah, por que eu não fiquei simplesmente na minha toca de hobbit? — disse o pobre senhor Bolseiro, enquanto sacolejava nas costas de Bombur.

J. R. R. Tolkien, *O hobbit*

Quando ouviu os tiros no escuro, Elinor levantou-se tão depressa que tropeçou no próprio cobertor. Ela caiu de comprido na relva cheia de tufos espinhentos, que picaram suas mãos quando ela se apoiou para levantar.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus, eles foram pegos! — ela balbuciou, enquanto cambaleava pela noite à procura do vestido estúpido que o garoto havia roubado para ela. Estava tão escuro que ela mal conseguia ver os próprios pés.

— Eu sabia, eu sabia — ela sussurrava sem parar. — Por que eles não me levaram, aqueles malditos cabeças de vento, eu poderia vigiar, eu teria prestado atenção.

Mas quando finalmente encontrou o vestido e começou a vesti-lo por cima da cabeça, ela parou de repente.

Silêncio. Silêncio mortal.

"Eles foram baleados!", algo sussurrava dentro dela. "Por isso esse silêncio. Estão mortos. Mortos da silva. Estão estendidos no chão daquela praça na frente da casa, numa poça de sangue, os dois, oh, meu Deus. E agora?" Ela começou a chorar. "Não, Elinor, nada de lágrimas. O que é isso? Vá procurá-los, vá de uma vez."

Ela se pôs a caminho. Aquela era a direção certa?

— Você não pode ir junto, Elinor! — dissera Mortimer.

Ele ficara tão diferente no terno que Farid havia roubado para ele, parecia um dos capangas de Capricórnio, mas afinal era esse o objetivo do disfarce. Até mesmo uma espingarda o garoto arranjara.

— Por que não? — ela respondera. — Eu até concordo em pôr esse vestido idiota!

— Uma mulher chamaria muito a atenção! Você mesma viu. À noite, não há

mulheres na rua. Apenas os guardas. Pergunte ao garoto.

— Não quero perguntar! Por que ele não roubou um terno para mim? Eu poderia me disfarçar de homem!

Para isso eles não tinham resposta.

— Elinor, por favor, precisamos de alguém que fique com as nossas coisas!

— Com as nossas coisas? Você se refere à mochila imunda de Dedo Empoeirado?

Ela a chutara de raiva. Como eles se achavam espertos! Mas seu disfarce de nada lhes servira! Quem os reconhecera? Basta, Nariz Chato, o perna de pau? "Ao amanhecer estaremos de volta, Elinor! Com Meggie." Mentiroso! Ela percebera em sua voz que nem ele mesmo acreditava no que dizia. Elinor tropeçou na raiz de uma árvore, agarrou-se em algo espinhento e ajoelhou-se aos prantos. Assassinos! Assassinos e incendiários. Por que ela tinha que se meter com aquela gente? Ela deveria ter percebido, naquele dia em que Mortimer aparecera tão repentinamente diante da sua porta e lhe pedira que escondesse o livro. Por que ela simplesmente não se recusara? Ela não tinha percebido na hora que o devorador de fósforos tinha "encrenca" escrito na testa com tinta vermelha? Mas o livro… sim, o livro. É claro que ela não pudera resistir…

"A marta fedorenta eles levaram", ela pensou, enquanto se reerguia. "Mas a mim não. E agora eles estão mortos." "Vamos chamar a polícia!" Quantas vezes ela não dissera isso?! Mas a resposta de Mortimer era sempre a mesma. "Não, Elinor, Capricórnio daria sumiço em Meggie assim que o primeiro policial pisasse na aldeia. E a navalha de Basta é mais rápida do que toda a polícia do mundo, pode crer." Aquela pequena ruga formara-se em sua testa, ela o conhecia bem o bastante para saber o que ela significava.

O que ela ia fazer agora que estava tão sozinha?

"Não se faça de boba, Elinor!", ela ralhou consigo mesma. "Você sempre esteve sozinha, já se esqueceu? Use a cabeça. Você precisa ajudar a menina, não importa o que tenha acontecido com o pai dela. Você precisa tirá-la desta maldita aldeia, não há mais ninguém que possa fazer isso além de você, ou você quer que ela se transforme numa dessas criadas acanhadas que não se atrevem a erguer a cabeça e estão ali apenas para limpar e cozinhar para os gentis cavalheiros? Talvez ela obtenha permissão para de vez em quando ler algo para Capricórnio, quando ele tiver vontade, e então quando

ela ficar mais velha… ela é uma belezinha…

Elinor sentiu um enjoo no estômago.

— Preciso de uma daquelas espingardas — ela sussurrou —, ou uma faca, uma grande faca afiada, com ela eu entro escondida na casa de Capricórnio. Quem é que vai me reconhecer neste vestido indescritível?

Mortimer sempre achara que ela só sabia se virar num mundo que estivesse entre duas capas de papelão, mas agora ela iria mostrar a ele!

"Mas como?", algo dentro dela sussurrou. "Ele se foi, Elinor, assim como os seus livros."

Ela começou a chorar tão alto que ela mesma se assustou e tapou a boca com a mão. Um galho se quebrou sob os seus pés e, atrás de uma das janelas da aldeia de Capricórnio, a luz se apagou. Ela tinha razão. O mundo era terrível, cruel, impiedoso, negro como um sonho mau. Não havia um lugar para viver. Os livros eram o único lugar onde havia compaixão, consolo, alegria… e amor. Os livros amavam a todos que os abriam, ofereciam proteção e amizade sem exigir nada em troca, e nunca iam embora, nunca, mesmo quando não eram bem tratados. *Amor, verdade, beleza, sabedoria e consolo perante a morte*. Quem dissera isso? Algum outro bibliomaníaco como ela, de cujo nome não conseguia se lembrar, só das palavras. As palavras são imortais… a não ser que venha alguém e ponha fogo nelas. E mesmo assim…

Ela continuou a se arrastar. A luz vinda da aldeia de Capricórnio se derramava na noite como uma água leitosa. No estacionamento, entre os automóveis, três dos assassinos estavam cochichando.

— Podem falar! — sussurrou Elinor. — Podem se gabar com os seus dedos cheios de sangue e o seu coração de pedra, vocês ainda vão se arrepender de tê-los matado.

O que era melhor? Ir para lá agora mesmo ou esperar que amanhecesse? Ambas as opções eram insanas, ela não passaria por duas esquinas. Um dos três homens olhou para os lados, e por um momento Elinor pensou que ele poderia vê-la. Ela se precipitou de volta, escorregou e se agarrou num galho exatamente na hora em que seus pés iam perder o apoio outra vez. Então ouviu um farfalhar atrás de si e, antes que pudesse se virar para ver o que era, uma mão tapou sua boca. Ela quis gritar, mas não saiu som algum, de tão firme que os dedos pressionavam seus lábios.

— Então você está aqui. Sabe há quanto tempo estou atrás de você?

Não podia ser. Ela tinha certeza de que nunca voltaria a ouvir aquela voz.

— Desculpe, mas eu sabia que você iria gritar! Venha!

Mortimer tirou a mão de sua boca e fez um sinal para que ela o seguisse. Ela não sabia o que preferiria fazer: abraçá-lo ou bater nele com força até doer.

Somente quando quase não se viam mais as casas da aldeia de Capricórnio atrás das árvores, ele parou.

— Por que você não ficou no acampamento? Sair assim feito doida pela escuridão… Você sabe o quanto isso é perigoso?

Aquilo era demais. Elinor ainda estava sem fôlego de tão depressa que ele andara.

— Perigoso? — era difícil falar baixo estando tão furiosa. — Você está falando de perigo? Eu ouvi os tiros e a gritaria! Pensei que vocês estavam mortos! Pensei que vocês tinham sido fuzilados…

Ela passou a mão no rosto.

— Ah, que nada, eles não têm pontaria — ele disse. — Felizmente.

Ela ficou com vontade de sacudi-lo por ter dito aquilo com tanta calma.

— Ah, é? E cadê o garoto?

— Ele também está bem, só teve um arranhão na testa. Quando eles atiraram, a marta fugiu e ele foi atrás dela. O tiro o atingiu de raspão. Eu o deixei lá em cima no acampamento.

— A marta? Essa é a única preocupação de vocês, a marta dentuça e fedorenta? Esta noite me custou dez anos da minha vida! — Elinor voltou a falar alto, mas rapidamente baixou a voz. — E eu com este vestido medonho! Vi vocês dois na minha frente, com sangue, feridas e tudo… Isso, olhe para mim com essa cara de santo. É um milagre que eu não esteja morta. Eu não podia ter dado ouvidos a você. Devíamos ter procurado a polícia… desta vez eles têm que acreditar em nós, nós…

— Foi só um azar, Elinor! — ele a interrompeu. — Acredite em mim. Era justamente aquele tal de Cockerell que estava vigiando a casa. Os outros não teriam me reconhecido.

— E o que vai acontecer amanhã? Talvez seja Basta ou Nariz Chato! O que adianta para a sua filha se você estiver morto?

Mortimer lhe deu as costas.

— Mas eu não estou morto, Elinor! — ele disse. — E vou tirar Meggie de lá, antes que ela desempenhe o papel principal numa execução.

Quando chegaram ao acampamento, Farid já estava dormindo. O lenço ensopado de sangue que Mortimer havia atado ao redor da cabeça do garoto quase parecia o turbante que ele usava quando surgira atrás das colunas da igreja de Capricórnio.

— Não é tão ruim quanto parece — sussurrou Mo. — Mas, acredite em mim, se eu não o tivesse segurado, ele teria corrido pela aldeia atrás da marta. E se eles não tivessem nos descoberto, com certeza ele também teria entrado na igreja para ver Dedo Empoeirado.

Elinor apenas balançou a cabeça e enrolou-se no cobertor. A noite estava amena, em outro lugar certamente seria uma noite pacífica.

— Como vocês os despistaram? — ela perguntou.

Mortimer sentou-se ao lado de Farid. Só então Elinor viu que ele estava com a espingarda que o garoto roubara. Ele a tirou do ombro e a pôs na grama ao seu lado.

— Eles não nos seguiram por muito tempo — ele respondeu. — E para quê, afinal? Eles sabem que voltaremos. Só precisam esperar.

E Elinor estaria com eles, ela jurou para si mesma. Ela não queria nunca mais se sentir como naquela noite, tão abandonada por tudo e por todos.

— O que vocês pretendem fazer a seguir? — ela perguntou.

— Farid propôs que ateássemos fogo. Até agora eu achei isso muito perigoso, mas estamos correndo contra o tempo.

— Fogo? — Elinor sentiu como se a palavra queimasse sua língua.

Desde que encontrara as cinzas de seus livros, a simples visão de um palito de fósforo a fazia entrar em pânico.

— Dedo Empoeirado ensinou algumas coisas ao garoto, além disso qualquer idiota sabe fazer fogo. Se pusermos fogo na casa de Capricórnio…

— Você ficou louco? E se o fogo se alastrar pelas colinas?

Mo abaixou a cabeça e passou a mão no cano da espingarda.

— Eu sei — ele disse. — Mas não vejo outro jeito. O fogo vai provocar um tumulto, os homens de Capricórnio estarão ocupados em apagá-lo, e na confusão eu tentarei me aproximar de Meggie. Farid cuidará de Dedo Empoeirado.

— Isso é loucura! — desta vez Elinor não conseguiu evitar que sua voz se elevasse.

Farid murmurou alguma coisa no sono, passou a mão sem cuidado pela atadura e virou-se para o outro lado.

Mo ajeitou o cobertor e encostou-se no tronco da árvore novamente.

— Mesmo assim, é o que faremos, Elinor — ele disse. — Acredite, eu quebrei a cabeça até pensar que estava louco. Não temos outra saída. E, se não adiantar, vou pôr fogo também naquela igreja cretina. Vou derreter o ouro e transformar toda a maldita aldeia em escombros e cinzas. Quero a minha filha de volta.

Elinor não respondeu. Ela se deitou e fez de conta que dormia, embora não conseguisse pregar um olho. Quando rompeu a manhã, ela convenceu Mortimer a dormir um pouco e deixá-la vigiando. Não demorou muito para que ele adormecesse. Assim que a respiração dele entrou num ritmo constante, ela tirou aquele vestido idiota, vestiu suas próprias roupas, penteou os cabelos desgrenhados e escreveu um bilhete. "*Vou buscar ajuda. Volto ao meio-dia. Por favor, não façam nada até eu voltar. Elinor*."

Ela deixou o bilhete na mão entreaberta de Mo, para que ele o encontrasse logo ao acordar. Quando passou pelo garoto, ela viu que a marta voltara. Estava encolhida ao seu lado lambendo as patinhas, e fitou Elinor com seus olhos negros quando ela se curvou sobre Farid para ajeitar a atadura. Aquele diabinho! Ela jamais gostaria daquele bicho, mas o garoto o amava como a um cachorro. Com um suspiro, ela se ergueu novamente.

— Cuide bem dos dois, está bem? — ela sussurrou, e então se pôs a caminho.

O automóvel ainda estava debaixo das árvores, no lugar onde eles o haviam escondido. Era um bom esconderijo, ela mesma passou por ele sem perceber, com tantos galhos que o fechavam. O motor pegou logo. Preocupada, Elinor escutou a

manhã por um momento, mas a única coisa que ouviu foram os pássaros que saudavam a alvorada tão vivazes como se aquele fosse o último dos dias.

A próxima aldeia, pela qual ela chegara com Mortimer, ficava a menos de meia hora de carro. Ali devia haver um posto policial.

48. A gralha

Mas eles o acordaram com palavras, suas armas afiadas e reluzentes.

T. H. White, *O livro de Merlim*

Ainda era muito cedo quando Meggie ouviu a voz de Basta no corredor. Ela não tocara no café da manhã que uma das criadas trouxera. Quando Meggie lhe perguntou o que havia acontecido durante a noite, o que significavam os tiros, a garota olhou para ela amedrontada, sacudiu a cabeça e saiu depressa pela porta. Provavelmente ela tomava Meggie por uma bruxa.

Fenoglio também não tomou o café da manhã. Ele escrevia. Escrevia sem parar, enchia folha após folha, rasgava o que havia escrito, começava de novo, punha uma página de lado e começava a próxima, franzia a testa, amassava o papel... e recomeçava do início. Fazia horas que ele estava nessa lida, e de todas as folhas conservara apenas três. Apenas três. Ao ouvir a voz de Basta, ele as escondeu rapidamente debaixo do colchão, e as outras, amassadas, ele empurrou com o pé para baixo da cama.

— Meggie, depressa, me ajude a escondê-las — ele sussurrou. — Basta não pode achar as páginas. Nenhuma delas.

Meggie obedeceu, mas só pensava numa coisa: por que Basta viera? Queria lhe dizer alguma coisa? Queria ver o rosto dela quando lhe dissesse que ela não precisava mais esperar por Mo?

Fenoglio estava novamente sentado à mesa, diante de uma folha em branco onde rabiscara às pressas algumas palavras, quando a porta se abriu.

Meggie prendeu a respiração, como se assim também pudesse segurar as palavras — as palavras que logo sairiam da boca de Basta e lhe cortariam o coração.

Fenoglio largou o lápis e se pôs ao lado dela.

— O que foi? — ele perguntou.

— Vim buscar a menina — disse Basta. — Mortola quer vê-la.

Sua voz soou irritada, como se fosse indigno para ele realizar uma tarefa tão sem

importância.

Mortola? A gralha? Meggie olhou para Fenoglio. O que significava aquilo? Mas o velho homem apenas ergueu os ombros, desconcertado.

— A pombinha precisa dar uma olhada no que vai ler esta noite. Para depois não ficar gaguejando como Darius e estragar tudo — declarou Basta, fazendo um sinal impaciente para Meggie. — Venha de uma vez.

Meggie deu um passo em sua direção, mas então parou.

— Antes eu quero saber o que aconteceu esta noite — ela disse. — Eu ouvi tiros.

— Ah, isso! — Basta sorriu. Seus dentes eram quase tão brancos quanto a sua camisa. — Acho que o seu pai queria visitá-la, mas Cockerell não o deixou entrar.

Meggie continuou ali, como se tivesse criado raízes. Basta pegou o braço dela e puxou sem delicadeza nenhuma. Fenoglio tentou segui-los, mas Basta bateu a porta no nariz dele. Fenoglio gritou alguma coisa que Meggie não conseguiu entender. Havia um rumorejar em seus ouvidos, como se ela ouvisse o próprio sangue correr depressa demais nas veias.

— Ele conseguiu fugir, se isso a consola — disse Basta enquanto a empurrava para a escada. — Embora isso não queira dizer muita coisa, pensando bem. Várias vezes os gatos conseguem escapar quando Cockerell atira neles, mas no final alguém sempre os encontra mortos em algum canto.

Meggie deu um chute na canela dele, com toda a força. Então ela disparou escada abaixo, porém Basta logo a alcançou. Com o rosto desfigurado pela dor, ele agarrou seus cabelos e puxou-a para perto de si.

— Não tente fazer isso de novo, meu bem! — ele disse entre os dentes. — Você tem sorte de ser a atração principal da nossa festa hoje à noite, senão eu torceria o seu lindo pescoço agora mesmo.

Meggie não tentou novamente. Mesmo se quisesse, não teria tido oportunidade. Basta não soltou mais seus cabelos. Ele a puxava atrás de si como a um cão desobediente. Lágrimas de dor corriam dos olhos de Meggie, mas ela virou o rosto de forma que Basta não pudesse vê-las.

Ele a levou para o porão. Ela nunca havia estado naquela parte da casa de Capricórnio. O teto era baixo, ainda mais baixo do que no estábulo em que ela, Mo e

Elinor haviam sido trancafiados pela primeira vez. As paredes estavam pintadas de branco como na parte superior da casa, e ali também tinha muitas portas. A maior parte delas parecia estar fechada havia muito tempo. Em algumas, havia fortes cadeados. Meggie lembrou-se dos cofres sobre os quais Dedo Empoeirado contara, e do ouro que Mo havia lido na igreja de Capricórnio. "Eles não atingiram Mo!", ela pensou. "É claro que não. O perna de pau não tem pontaria."

Finalmente, eles pararam diante de uma porta. Ela era de uma madeira diferente das outras, os veios eram bonitos como a pele de um tigre. A madeira adquiria um brilho avermelhado à luz das lâmpadas nuas.

— Acredite em mim! — sussurrou Basta antes de bater na porta. — Se você for tão insolente com Mortola como é comigo, ela vai deixá-la pendurada numa das redes da igreja até você começar a morder as cordas de tanta fome. Comparado com o dela, o meu coração é mole como um desses bichinhos de pelúcia que se põem na cama para as menininhas que não conseguem dormir.

Seu hálito de hortelã roçou o rosto de Meggie. Nunca mais ela conseguiria comer nada que cheirasse a hortelã.

O quarto da gralha era tão grande que era possível dançar dentro dele. As paredes eram vermelhas como na igreja, mas não dava para ver muito delas. Estavam cobertas por fotos com molduras douradas, fotos de casas e de pessoas. Elas se apinhavam na parede como uma multidão numa praça muito pequena. No meio delas, numa moldura dourada como as outras, mas muito maior, havia um retrato de Capricórnio. Quem quer que o tivesse pintado era tão talentoso quanto o autor da estátua de Capricórnio na igreja. No retrato, o rosto de Capricórnio era mais redondo e mais suave do que na realidade, e sua boca estranhamente feminina parecia uma fruta exótica sob o nariz, que saíra um pouco largo e curto demais. Só os olhos haviam sido bem retratados. Inexpressivos como na vida real, eles olhavam de cima para Meggie, como os olhos de um homem que observa um sapo que pretende dissecar para ver como é feito por dentro. Nenhum rosto, isso ela aprendera na aldeia de Capricórnio, é mais assustador do que um rosto sem compaixão.

A gralha causava uma impressão estranha, empertigada numa poltrona de orelhas de veludo verde, bem embaixo do retrato do filho. Estava sentada como se não estivesse habituada a isso, como uma mulher que sempre tinha algo para fazer e preenchia a calma com desconforto. Mas talvez seu corpo a forçasse algumas vezes a

descansar naquela poltrona de mau gosto, que parecia grande demais para ela. Meggie viu que as pernas da velha mulher estavam inchadas. Disformes, elas se abaulavam dos pés até os joelhos pontudos. Quando notou o olhar de Meggie, a gralha cobriu os joelhos com a barra da saia.

— Você disse a ela por que pedi que a trouxesse aqui?

Ela teve que fazer um esforço para se levantar. Meggie viu como ela apoiou a mão numa mesinha e apertou os lábios. Basta parecia apreciar essa fraqueza; um sorriso se esboçou em seus lábios, até que a gralha apagou seu contentamento com um olhar gélido. Impaciente, ela chamou Meggie com um gesto. Como a menina não se pôs em movimento imediatamente, Basta deu um empurrão nas costas dela.

— Venha, quero lhe mostrar uma coisa.

A gralha começou a andar, com passos lentos porém firmes, em direção a uma cômoda, que parecia pesada demais para seus pés graciosamente arqueados. Em cima da cômoda, entre duas lâmpadas amareladas, havia um estojo de madeira. Ele era adornado com um desenho formado por diminutos furinhos.

Quando a gralha ergueu a tampa, Meggie recuou assustada. Havia duas cobras no estojo, finas como lagartos e não muito mais compridas do que o antebraço de Meggie.

— Mantenho o meu quarto sempre aquecido para que as duas não fiquem muito sonolentas! — declarou a gralha, enquanto abria a gaveta de cima da cômoda e tirava de dentro uma luva. Era uma luva firme, de couro preto, tão rígida que ela custou a conseguir calçá-la em sua mão pequena. — Seu amigo Dedo Empoeirado pregou uma peça de mau gosto na pobre Resa quando lhe pediu que procurasse o livro.

Enquanto dizia isso, Mortola pegava o cofre e agarrava com força uma das cobras, segurando atrás da cabeça chata do animal.

— Ora, venha cá! — ela disse rispidamente para Basta, estendendo-lhe a cobra ondulante. Meggie viu no rosto de Basta que tudo dentro dele se recusava a fazer isto, mas ele se aproximou e pegou a cobra, mantendo afastado de si o corpo escamoso, que serpenteava e se retorcia.

— Está vendo? Basta não gosta das minhas cobras! — a gralha observou com um sorriso. — Ele nunca gostou, mas isso não é grande coisa. Que eu saiba, Basta não gosta de absolutamente nada além da sua navalha. Além disso, ele acredita que as

cobras dão azar, o que naturalmente é uma baita besteira.

Mortola entregou a segunda cobra para Basta. Meggie viu os minúsculos dentes venenosos quando a víbora abriu a boca. Por um momento, ela quase sentiu pena de Basta.

— Bem, o que você me diz? Não é um bom esconderijo? — perguntou a gralha, pondo a mão dentro do cofre pela terceira vez. Mas agora ela tirou um livro de dentro. Meggie saberia que livro era mesmo se não tivesse reconhecido a capa colorida.

— Já guardei muitas coisas valiosas neste cofre — prosseguiu a gralha. — Ninguém sabe da existência dele além de Basta e Capricórnio. A pobre Resa procurou o livro em muitos quartos, ela é uma mocinha corajosa, mas não chegou até o meu estojo. E olha que ela gosta de cobras, acho que não conheço ninguém que tenha tão pouco medo delas quanto essa menina, embora já tenha sido mordida uma vez. Não é verdade, Basta?

A gralha tirou a luva e lançou-lhe um olhar debochado.

— Basta gosta de assustar com cobras as mulheres que o rejeitam. Com Resa ele não teve sucesso. Como é que foi mesmo? Ela pôs a cobra na sua porta, não foi, Basta?

Basta ficou calado. As cobras ainda se retorciam em suas mãos. Uma delas havia se enrolado no braço dele.

— Ponha-as de volta! — a gralha ordenou. — Mas tenha cuidado.

Então ela voltou com o livro para a sua poltrona.

— Sente-se! — ela ordenou, apontando para o pufe que havia ao lado da poltrona.

Meggie obedeceu. Ela olhou discretamente ao seu redor. O quarto de Mortola lembrava um desses baús de tesouro, muito abarrotado. Ali havia tudo em demasia, um excesso de castiçais dourados, abajures demais, tapetes, quadros, vasos, estatuetas de porcelana, flores de seda, sininhos dourados.

A gralha lançou um olhar zombeteiro para Meggie. Ali sentada com seu vestido preto e feio, ela parecia um cuco que invadira o ninho de outro pássaro.

— Um quarto luxuoso para uma criada, não é verdade? — ela observou, com ar de satisfação consigo mesma. — Capricórnio sabe dar valor ao que tem.

— Ele deixa você morar num porão! — retrucou Meggie. — Embora seja a mãe dele.

Por que não é possível simplesmente engolir as palavras, apanhá-las bem depressa e mandá-las de volta para os lábios? A gralha olhou para ela com tanto ódio que Meggie já podia sentir os dedos nodosos dela em seu pescoço. Mas Mortola apenas ficou ali sentada, olhando para ela com aqueles olhos vidrados de passarinho.

— Quem lhe contou isso? O velho bruxo?

Meggie apertou os lábios e olhou para Basta. Provavelmente ele não entendera uma só palavra, pois estava justamente pondo as cobras de volta no estojo. Será que ele sabia do segredinho de Capricórnio? Antes que ela pudesse refletir mais a respeito, Mortola pôs o livro em seu colo.

— Se você tocar nesse assunto com qualquer pessoa, aqui ou em outro lugar — disse a gralha entre os dentes —, eu prepararei pessoalmente a sua próxima refeição. Um pouco de extrato de acônito, umas pontas de teixo ou talvez algumas sementes de cicuta no molho, que tal? Garanto que a refeição não cairia muito bem. E agora comece a ler.

Meggie olhou para o livro em seu colo. Quando Capricórnio o exibira na igreja, ela não distinguira a figura na sobrecapa. Agora tinha a oportunidade de vê-la de perto. O fundo era uma paisagem, que parecia uma representação um tanto alterada das colinas ao redor da aldeia de Capricórnio. Em primeiro plano havia um coração, um coração negro, envolto em chamas vermelhas.

— Abra de uma vez! — ordenou a gralha.

Meggie obedeceu, e abriu o livro na página que começava com um *H*, onde estava sentada a marta de chifres. Quanto tempo fazia que ela tinha visto aquela mesma página na biblioteca de Elinor? Uma eternidade, toda uma vida?

— Não é esta a página. Mais para a frente! — ordenou a gralha. — Até a página com o canto dobrado.

Meggie obedeceu sem dizer uma palavra. Não havia ilustração naquela página, nem na página ao lado. Sem pensar, ela alisou o canto dobrado com a unha do polegar. Mo odiava páginas dobradas.

— O que é isso? Está querendo desmarcar a página? — zombou a gralha. —

Comece no segundo parágrafo, mas não precisa ler em voz alta. Não estou com vontade de ver Sombra de repente no meio do meu quarto.

— E até onde? Até onde vou ler hoje à noite?

— E eu sei? — A gralha curvou-se e esfregou a perna esquerda. — Quanto tempo você costuma levar normalmente para tirá-los dos livros, as suas fadas e soldadinhos de chumbo e sei lá mais o quê?

Meggie abaixou a cabeça. Pobre Sininho.

— Não dá para dizer — ela murmurou. — Cada vez é diferente. Às vezes é rápido, às vezes só acontece depois de muitas páginas ou nem mesmo acontece.

— Bem, então leia todo o capítulo, isso deve ser suficiente! E não quero saber de "nem mesmo acontece"!

A gralha esfregou a outra perna. As duas estavam enfaixadas, Meggie podia ver as faixas sob as meias escuras.

— O que você está olhando? — ela ralhou. — Você pode ler alguma coisa contra isso de algum livro? Será que você conhece alguma história que tenha uma receita contra a velhice e a morte, hein, sua bruxinha?

— Não — sussurrou Meggie.

— Então pare de olhar feito boba e preste atenção no livro. Veja bem cada palavra. Hoje à noite não quero ouvir nem uma única palavra errada, gaguejada ou balbuciada, entendido? Desta vez Capricórnio terá que receber exatamente o que deseja. Eu cuidarei para que isso aconteça.

Meggie deixou correr os olhos pelas letras. Ela não entendia uma palavra do que lia, só conseguia pensar em Mo e nos tiros na noite. Mas ela fingiu que continuava a ler, mais e mais, sob o olhar vigilante de Mortola. Finalmente, ergueu a cabeça e fechou o livro.

— Pronto — ela disse.

— Tão depressa? — a gralha olhou para ela incrédula.

Meggie não respondeu. Ela olhou para Basta, que estava encostado na poltrona de Mortola com uma cara entediada.

— Não vou ler isto hoje à noite — ela disse. — Vocês atiraram no meu pai

ontem. Basta me disse. Não vou ler uma palavra.

A gralha se virou para Basta.

— O que significa isso? — ela perguntou, irritada. — Você acha que a menina vai ler melhor se você partir o seu coraçãozinho bobo? Diga a ela que vocês não conseguiram acertar, vamos.

Basta baixou o olhar como um garotinho cuja mãe apanhou fazendo alguma travessura.

— Mas eu já disse — ele rosnou. — Cockerell não tem pontaria. O pai dela não sofreu um arranhão.

Meggie fechou os olhos de alívio. Sua agonia havia passado. Tudo estava bem, e o que ainda não estava logo iria ficar.

A felicidade lhe dava coragem.

— Tem mais uma coisa! — ela disse.

Do que ela deveria ter medo? Eles precisavam dela. Só ela podia ler o tal de Sombra, ninguém mais. Além de Mo, obviamente, e eles não haviam capturado Mo. Eles não o pegariam, jamais.

— O que mais? — a gralha passou os dedos nos cabelos presos na nuca. Como ela teria sido quando tinha a idade de Meggie? Será que ela já tinha lábios tão estreitos naquela época?

— Só vou ler se puder ver Dedo Empoeirado mais uma vez. Antes que ele… — ela não terminou a frase.

— Por quê?

"Porque quero dizer a ele que vamos tentar salvá-lo", pensou Meggie, "e porque eu acho que minha mãe está com ele", mas naturalmente ela não disse isso.

— Quero dizer a ele que sinto muito — foi o que ela respondeu em vez disso. — Afinal de contas, ele nos ajudou uma vez.

Mortola torceu a boca com uma expressão de deboche.

— Que comovente! — ela disse.

"Eu só quero vê-la de perto uma vez", pensou Meggie. "Talvez não seja ela.

Talvez…”

— E se eu disser que não?

A gralha mediu-a com o olhar, como um gato que brincava com um ratinho jovem e inexperiente.

Mas Meggie já esperava essa pergunta.

— Então vou morder a minha língua — ela disse. — Vou morder com tanta força que ela vai ficar inchada e não poderei ler hoje à noite.

A gralha recostou-se em sua poltrona e riu.

— Você ouviu isso, Basta? A pequena não é boba.

Basta apenas fez que sim. Mas Mortola olhou para Meggie quase com benevolência.

— Vou lhe dizer uma coisa: seu pequeno desejo imbecil será satisfeito. Mas, quanto à sua leitura de hoje à noite, gostaria que você desse uma olhada nas minhas fotos.

Meggie olhou ao seu redor.

— Olhe bem para elas. Está vendo todos esses rostos? Todos eles tornaram-se inimigos de Capricórnio, e nunca mais se ouviu falar de nenhum deles. As casas que você está vendo nessas fotos não estão mais de pé, nenhuma delas, o fogo as devorou. Hoje à noite, quando você estiver lendo, pense nas fotos, sua bruxinha. Se começar a gaguejar ou tiver a ideia estúpida de simplesmente fechar a boca, logo o seu rosto também vai olhar através de uma dessas belas molduras de ouro. Mas se fizer bem o seu trabalho, deixaremos você voltar para o seu pai. Por que não? Leia como um anjo esta noite e você o verá novamente! Alguém me contou que a voz dele transforma as palavras em seda e veludo, em carne e osso. É assim que você vai ler, sem tremer nem gaguejar como aquele desastrado do Darius. Você me entendeu?

Meggie olhou para ela.

— Entendi — ela disse baixinho, embora soubesse que a gralha estava mentindo.

Eles nunca a deixariam voltar para Mo. Ele teria que vir buscá-la.

49. O orgulho de Basta e a astúcia de Dedo Empoeirado

— De qualquer forma, eu gostaria de saber se alguma vez apareceremos em histórias e canções. Estamos numa, é claro, mas quero dizer: ser posto em palavras, sabe, contadas ao pé da lareira ou lidas de um grande livro grosso com letras vermelhas e pretas, anos e anos depois. E as pessoas dirão: "Vamos ouvir a história de Frodo e do anel!". E elas dirão: "Essa é uma das minhas histórias preferidas".

J. R. R. Tolkien, *O senhor dos anéis*

Basta reclamou o tempo inteiro quando levou Meggie para a igreja.

— Morder a língua? Como é que a velha foi cair numa dessas? E quem é que tem que levar a insolente para a cripta? Basta, quem mais seria? O que é que eu sou aqui, afinal? A única criada do sexo masculino?

— Cripta?

Meggie pensava que os prisioneiros ainda estivessem nas redes, mas quando entrou na igreja não viu nada deles, e Basta a empurrou impaciente por entre as colunas.

— Sim, a cripta — ele respondeu, irritado. — Lugar de guardar os que estão mortos e os que em breve estarão. Ali, para baixo. Vamos logo, tenho coisa melhor para fazer hoje do que servir de babá para a senhorita Língua Encantada.

Ele apontou para uma escada íngreme que descia para a escuridão. Os degraus estavam gastos, e eram altos e desiguais, fazendo com que Meggie tropeçasse a cada dois passos que dava. Lá embaixo estava tão escuro que ela nem notou que a escada havia acabado, e continuou tateando com o pé à procura do próximo degrau até que Basta a empurrou para a frente.

— E agora mais essa? — ela o ouviu esbravejar. — Por que esse maldito lampião está apagado de novo?

Um fósforo se acendeu, e o rosto de Basta surgiu da escuridão.

— Visita para você, Dedo Podre! — ele anunciou em tom de zombaria enquanto

acendia o lampião. — A filhinha de Língua Encantada quer se despedir de você. O pai trouxe você a este mundo, e a filha vai providenciar para que você o deixe esta noite. Por mim ela não viria, mas a gralha deu para amolecer depois de velha. A menina parece mesmo gostar de você. Não deve ser por causa do seu belo rosto, certo?

A risada de Basta ecoou lúgubre contra as paredes úmidas.

Meggie andou até a grade atrás da qual estava Dedo Empoeirado. Olhou rapidamente para ele, e então seu olhar passou por cima dos ombros dele. A criada de Capricórnio estava sentada sobre o sarcófago de pedra. O lampião que Basta acendera espalhava uma luz escassa, mas suficiente para que Meggie reconhecesse aquele rosto. Era o rosto da foto de Mo. Apenas os cabelos que o emolduravam estavam mais escuros, e do sorriso não havia mais nenhum sinal.

Quando Meggie se aproximou da grade, sua mãe ergueu a cabeça e olhou para ela fixamente, como se não houvesse nada no mundo além de Meggie.

— Mortola deixou você vir aqui? — disse Dedo Empoeirado. — Difícil de acreditar.

— A menina ameaçou morder a língua — Basta ainda estava na escada e brincava com a pata de coelho que trazia no pescoço como amuleto.

— Eu queria lhe pedir desculpas — Meggie disse as palavras para Dedo Empoeirado, mas olhava para a mãe, que continuava sentada no sarcófago.

— Por quê? — Dedo Empoeirado deu seu sorriso estranho.

— Por hoje à noite. Porque vou ler.

Como ela poderia contar aos dois sobre o plano de Fenoglio? Como?

— Bem, agora você já pediu desculpas — disse Basta, impaciente. — Venha, o ar aqui embaixo vai deixar sua vozinha ainda mais rouca.

Mas Meggie não se virou. Agarrou-se à grade com toda a força.

— Não — ela disse. — Quero ficar mais.

Talvez lhe ocorresse alguma coisa, algumas frases que não despertassem suspeitas.

— Eu li mais uma coisa — ela disse para Dedo Empoeirado. — Um soldadinho de chumbo.

— Ah! — Dedo Empoeirado sorriu novamente. Estranho, desta vez seu sorriso não lhe pareceu enigmático nem arrogante. — Bem, então nada mais pode dar errado hoje à noite, não é?

Ele olhou para ela, pensativo, e Meggie tentou lhe dizer com os olhos: "Nós vamos salvá-lo. As coisas não vão acontecer como Capricórnio pretende! Acredite em mim!".

Dedo Empoeirado ainda olhava para ela. Ele tentou entender e ergueu as sobrancelhas com um ar indagador. Então olhou para Basta.

— Ei, Basta, como vai a fada? — ele perguntou. — Ela ainda está viva ou sua presença já a matou?

Meggie viu sua mãe se aproximar dela, hesitante, como se pisasse em vidro quebrado.

— Ela ainda está viva! — respondeu Basta, mal-humorado. — Mas não para de tilintar, não consigo pregar um olho. Se continuar assim, vou dizer a Nariz Chato para torcer o pescoço dela, como ele faz com as pombas que fazem cocô no carro dele.

Meggie viu sua mãe tirar um pedaço de papel do bolso do vestido, e colocá-lo discretamente na mão de Dedo Empoeirado.

— Isso vai dar pelo menos dez anos de azar para vocês dois — disse Dedo Empoeirado. — Acredite. Você sabe que de fadas eu entendo. Ei, cuidado, tem alguma coisa atrás de você…

Basta virou-se como se alguém tivesse mordido sua nuca.

Rápido como um raio, Dedo Empoeirado passou a mão pela grade e pôs o bilhete na mão de Meggie.

— Imbecil! — vociferou Basta. — Não tente fazer isso de novo, entendeu?

Ele se virou exatamente no instante em que os dedos de Meggie se fechavam em volta do papel.

— Um bilhete! Ora, vejam só!

Meggie tentou em vão manter a mão fechada, mas Basta abriu seus dedos sem muito esforço. Então ele olhou para as letras diminutas que sua mãe havia escrito.

— Vamos, leia! — ele resmungou, segurando o papel diante dos olhos dela.

Meggie recusou-se.

— Leia! — Basta baixou a voz, ameaçador. — Ou vou ter que fazer no seu rosto um desenho tão bonito como o do nosso amigo aqui.

— Pode ler, Meggie — disse Dedo Empoeirado. — O cretino sabe que sou louco por um bom gole mesmo.

— Vinho? — Basta deu uma gargalhada. — Você quer que a menina arranje vinho para você? Como é que ela vai fazer isso?

Meggie olhou atentamente para o bilhete e gravou todas as palavras até decorá-las. "*Nove anos é muito tempo. Eu comemorei todos os seus aniversários. Você é ainda mais bonita do que imaginei*."

Ela ouviu a risada de Basta.

— Sim, isso é típico de você, Dedo Empoeirado. — ele disse. — Você acha que pode afogar o seu medo no vinho. Mas um barril inteiro não seria suficiente.

Dedo Empoeirado deu de ombros.

— Mas valeu a tentativa.

Talvez ele tenha parecido um pouco satisfeito demais quando disse isso. Basta franziu a testa e examinou com um ar pensativo seu rosto marcado por cicatrizes.

— Por outro lado — ele disse lentamente —, você sempre foi um macaco velho. E ali tem letras demais para uma garrafa de vinho. O que você me diz, queridinha?

Ele mostrou o bilhete mais uma vez para Meggie.

— Vai ler para mim ou terei que mostrar para a gralha?

Meggie foi tão rápida que já havia escondido o bilhete nas costas enquanto Basta ainda olhava para a sua mão vazia.

— Me dê aqui, sua pestinha! — ele disse entre os dentes. — Me dê esse bilhete, ou vou cortar os seus dedos.

Mas Meggie recuou até encostar na grade.

— Não! — ela exclamou, agarrando-se com uma mão na barra. Com a outra ela passou o bilhete para dentro da cela. Dedo Empoeirado entendeu na hora. Ela sentiu o papel deslizar de seus dedos.

Basta deu em Meggie uma bofetada tão forte que ela bateu com a cabeça na grade. Uma mão acariciou seus cabelos e, quando ela olhou em volta como que entorpecida, deparou-se com o rosto de sua mãe. "Logo ele vai notar", ela pensou, "logo ele vai perceber tudo." Mas Basta só tinha olhos para Dedo Empoeirado, que balançava o bilhete para lá e para cá atrás da grade, como uma minhoca na frente do bico de um pássaro faminto.

— Então, como é que é? — disse Dedo Empoeirado dando um passo para trás. — Vai ter coragem de entrar ou prefere lutar com a menina?

Basta permaneceu imóvel, como uma criança que tivesse levado uma bofetada de forma totalmente inesperada. Então ele pegou o braço de Meggie e puxou-a para perto de si. Ela sentiu algo frio em seu pescoço. Não precisou ver para saber o que era.

Sua mãe deu um grito e puxou a mão de Dedo Empoeirado, mas ele ergueu ainda mais o bilhete.

— Eu sabia! — ele disse. — Você é um covarde, Basta! Prefere encostar uma faca no pescoço de uma criança, porque não tem coragem de me enfrentar. Claro, se pelo menos Nariz Chato estivesse aqui, com seus ombros largos e seus punhos pesados... Mas ele não está. Vamos, coragem, você tem a navalha! Eu tenho apenas as minhas mãos, que nem gosto muito de usar para lutar, você sabe.

Meggie sentiu Basta afrouxar o aperto. A lâmina não pressionava mais a sua pele. Ela engoliu a saliva e pôs a mão no pescoço, quase esperando sentir o sangue morno, mas não havia nada. Basta a soltou com um empurrão tão violento que ela tropeçou e caiu no chão úmido e frio. Então ele pôs a mão no bolso da calça e tirou de dentro um molho de chaves. A cólera o fazia arquejar, como um homem que tivesse corrido muito depressa. Com os dedos trêmulos, ele enfiou uma chave na fechadura da cela.

Dedo Empoeirado o observava com um olhar inexpressivo. Ele fez um sinal para que a mãe de Meggie se afastasse da grade e também recuou, ágil como um dançarino. Seu rosto não revelava se ele tinha medo, apenas as cicatrizes pareciam mais escuras do que de costume.

— Para que isso? — ele disse quando Basta entrou na cela empunhando a navalha. — Ponha essa coisa para lá. Se você me matar, vai estragar todo o prazer de Capricórnio. E isso ele não perdoaria.

Sim, ele estava com medo. Meggie ouviu em sua voz, as palavras saíam de seus lábios um pouco depressa demais.

— Quem está falando em matar? — grunhiu Basta, enquanto fechava a porta da cela atrás de si.

Dedo Empoeirado recuou até o sarcófago.

— Ah, você quer enfeitar um pouco mais o meu rosto? — ele disse quase num sussurro. Agora havia algo mais em sua voz: ódio, repulsa, raiva. — Não pense que desta vez vai ser fácil. Aprendi algumas coisas nesse meio-tempo.

— É mesmo? — Basta estava a menos de um passo dele. — E o que seria? O seu amigo, o fogo, não está aqui para ajudá-lo. Nem mesmo a marta fedorenta está com você.

— Estava pensando em palavras! — Dedo Empoeirado pôs a mão no sarcófago. — Ainda não lhe contei? As fadas me ensinaram a lançar uma maldição. Sentiram pena do meu rosto cortado e sabiam como sou ruim de luta. Eu o amaldiçoo, Basta, pelos ossos do morto que está neste túmulo. Aposto que já faz tempo que não há mais um sacerdote aqui, e sim alguém em quem vocês trataram de dar um sumiço, não é verdade?

Basta não respondeu, mas seu silêncio dizia mais do que qualquer palavra.

— Sim, é claro. Um túmulo tão antigo é um magnífico esconderijo.

Dedo Empoeirado passou os dedos pelo tampo rachado, como se quisesse ressuscitar o morto com o calor da sua mão.

— O seu espírito irá atormentá-lo, Basta! — ele disse em tom conjurador. — Ele vai sussurrar o meu nome em seus ouvidos a cada passo que você der…

Meggie viu como a mão de Basta foi parar no pé de coelho.

— Esse amuleto não vai ajudá-lo em nada! — A mão de Dedo Empoeirado continuava sobre o sarcófago. — Pobre Basta! Já está sentindo o calor? Seus membros já começaram a tremer?

Basta investiu com a navalha, mas Dedo Empoeirado desviou-se da lâmina com grande agilidade.

— Me dê o bilhete que você pegou! — Basta gritou bem perto do rosto de Dedo

Empoeirado, que enfiou o bilhete no bolso da calça.

Meggie estava parada ali, imóvel como uma boneca. Pelo canto do olho, viu sua mãe pôr a mão no bolso do vestido. Quando a tirou novamente, ela segurava uma pedra, de cor cinza e um pouco maior do que um passarinho.

Dedo Empoeirado passou as mãos no tampo do sarcófago e depois as estendeu na direção de Basta.

— Posso tocá-lo com as minhas mãos? — ele perguntou. — O que acontece com alguém que toca num túmulo onde jaz uma pessoa que foi assassinada? Diga. Você entende dessas coisas.

Ele deu mais um passo para o lado, como um dançarino cortejando o seu par.

— Vou cortar os seus dedos nojentos se tentar encostar em mim! — berrou Basta, com o rosto vermelho de cólera. — Um por um, e depois a língua.

Ele investiu novamente com a navalha, mas cortou o ar com a lâmina reluzente, pois Dedo Empoeirado esquivou-se. Ele começou a pular cada vez mais depressa em volta de Basta, abaixando-se, recuando e avançando de novo, até que de repente se perdeu em sua dança arriscada. Atrás dele havia apenas a parede nua, e à direita, a grade. Basta avançou para cima dele.

Nesse momento, a mãe de Meggie ergueu a mão. A pedra atingiu a cabeça de Basta. Aturdido, ele se virou para ela como se não se lembrasse quem era, pôs a mão na cabeça e sentiu o sangue. Meggie não entendeu como Dedo Empoeirado fez isso, mas de repente ele estava com a navalha de Basta na mão. Basta olhou estupefato para sua própria lâmina, como se não pudesse conceber que ela se voltasse traiçoeiramente contra o peito dele.

— E agora, qual é a sensação? — Dedo Empoeirado encostou a navalha na barriga de Basta. — Está sentindo como a sua carne é macia? O corpo é uma coisa extremamente frágil, e não dá para comprar um novo. Como é mesmo que vocês fazem com os gatos e os esquilos? Nariz Chato gosta tanto de contar…

— Eu não caço esquilos — a voz de Basta soou rouca.

Ele tentou não olhar para a lâmina, que estava a menos de um palmo de sua camisa branca.

— É mesmo, é verdade. Eu me lembro. Você não se diverte com isso tanto

quanto os outros.

O rosto de Basta estava branco. Todo o vermelho da cólera desaparecera. O medo não é vermelho. O medo é pálido como o rosto de um morto.

— E agora, o que você pretende fazer? — Basta perguntou. Ele respirava pesadamente, como se estivesse sufocando. — Por acaso está achando que vai sair da aldeia com vida? Você será fuzilado antes que consiga chegar à praça.

— Bem, prefiro o fuzilamento a um encontro com Sombra — retrucou Dedo Empoeirado. — Além disso, nenhum de vocês é um exímio atirador.

A mãe de Meggie andou até ele. Ela fez um gesto como quem escreve com o dedo no ar. Dedo Empoeirado pôs a mão no bolso da calça e entregou-lhe o bilhete. Basta seguiu o papel com os olhos, como se pudesse atraí-lo usando o olhar. Resa escreveu algo no papel e o devolveu para Dedo Empoeirado. Com o cenho franzido, ele leu o que ela escrevera.

— Esperar até que escureça? Não, eu não quero esperar. Mas talvez seja melhor a menina ficar aqui. — Ele olhou para Meggie. — Capricórnio não fará nada com ela, já que agora ela é o novo Língua Encantada dele. E em algum momento o pai dela virá buscá-la.

Dedo Empoeirado guardou o bilhete novamente e passou a ponta da navalha ao longo dos botões da camisa de Basta. Eles estalaram quando o metal os tocou.

— Resa, vá para a escada. Eu vou resolver isto aqui, então atravessaremos a praça de Capricórnio bem devagar, como se fôssemos um casalzinho inocente.

Depois de hesitar um instante, Resa abriu a porta da cela. Ela parou diante da grade e pegou a mão de Meggie. Seus dedos estavam frios e um tanto ásperos, eram dedos de uma pessoa estranha. Mas o rosto era familiar, embora na foto tivesse uma aparência mais jovem e não tão preocupada.

— Resa! Não podemos levá-la! — Dedo Empoeirado agarrou o braço de Basta e o empurrou contra a parede. — O pai desta menina vai me matar se atirarem nela lá fora. Agora vire-se e tape os olhos dela. Ou você quer que ela assista?…

A navalha tremeu em sua mão. Resa olhou para ele aterrorizada e sacudiu energicamente a cabeça, mas Dedo Empoeirado fez de conta que não viu.

— Você tem que fincar com firmeza, Dedo Podre! — sussurrou Basta, enquanto

pressionava as mãos contra a pedra atrás de si. — Matar não é uma tarefa fácil. É preciso prática.

— Que nada! — Dedo Empoeirado o segurou pelo casaco e pôs a faca embaixo do seu queixo, como Basta havia feito com Mo aquele dia na igreja. — Qualquer imbecil pode matar. É fácil, tão fácil quanto lançar um livro no fogo, chutar uma porta ou meter medo numa criança.

Meggie começou a tremer, ela mesma não sabia por quê. Sua mãe deu um passo em direção à porta mas, quando viu a expressão de Dedo Empoeirado, ela parou. Virou-se, pôs o rosto de Meggie em seu peito e a envolveu firmemente com os braços. Seu cheiro pareceu familiar a Meggie, como algo esquecido havia muito tempo. Meggie fechou os olhos e tentou não pensar em nada, nem em Dedo Empoeirado, nem na navalha, nem no rosto pálido de Basta. E então, por um momento terrível, só desejou uma coisa: ver Basta estendido no chão, imóvel como um brinquedo que alguém jogou fora, um boneco feio e bobo, do qual sempre se teve um pouco de medo… A navalha de Basta estava a menos de um dedo de distância de sua camisa branca, mas de repente Dedo Empoeirado pôs a mão no bolso da calça de Basta, tirou de dentro as chaves da cela e deu um passo para trás.

— Ah, que besteira, você tem razão, não entendo nada de matar — ele disse enquanto saía de costas da cela. — E não é com você que vou aprender.

No rosto de Basta abriu-se um sorriso sarcástico, mas Dedo Empoeirado não reparou. Ele fechou a porta gradeada, pegou a mão de Resa e puxou-a para a escada.

— Solte-a! — ele insistiu quando viu que ela ainda segurava a mão de Meggie. — Acredite em mim. Não vai acontecer nada com ela, e não podemos levá-la!

Mas Resa sacudiu a cabeça e pôs o braço no ombro de Meggie.

— Ei, Dedo Empoeirado! — chamou Basta. — Eu sabia que você não ia ter coragem. Devolva a minha navalha. Você não sabe fazer nada com ela, mesmo!

Dedo Empoeirado não lhe deu atenção.

— Se você ficar, eles a matarão — ele disse para Resa, mas soltou sua mão.

— Ei, vocês aí em cima! — berrou Basta. — Aqui! Venham! Alarme! Os prisioneiros estão tentando fugir!

Meggie olhou assustada para Dedo Empoeirado.

— Por que você não o amordaçou?

— Mas com o quê, princesa? — disse rispidamente Dedo Empoeirado.

Resa puxou Meggie para junto de si e acariciou seus cabelos.

— Fuzilados, fuzilados, vocês serão fuzilados! — a voz de Basta soava esganiçada. — Eeeei! Alaaarme!

Gritando mais uma vez, ele começou a sacudir a grade.

Ouviram-se passos lá em cima.

Dedo Empoeirado lançou um último olhar para Resa. Então praguejou com voz abafada, virou-se e subiu os degraus gastos.

Meggie não conseguiu ouvir se ele chegou a abrir o portal, apenas os gritos de Basta soavam em seus ouvidos. Atônita, ela andou na direção do vilão, queria bater nele através da grade, naquele rosto que não parava de gritar. Ela ouviu passos novamente, gritos abafados… o que elas fariam agora? Alguém vinha descendo a escada com passos pesados. Era Dedo Empoeirado que voltava? Não foi o seu rosto que surgiu da escuridão, e sim o de Nariz Chato. Atrás dele, mais um dos homens de Capricórnio também descia a escada afobado. Ele parecia muito jovem, de rosto roliço e imberbe, mas foi logo apontando a espingarda para Meggie e sua mãe.

— Ei, Basta! O que você está fazendo atrás das grades? — perguntou Nariz Chato, estupefato.

— Abra, seu cabeça-oca duma figa! — ralhou Basta através das barras da grade. — Dedo Empoeirado fugiu.

— Dedo Empoeirado? — Nariz Chato passou a manga no rosto. — Então o garoto aqui tem razão. Ele acabou de me contar que viu o cuspidor de fogo atrás de uma coluna lá em cima.

— E você não foi atrás dele? Então você é mesmo tão tonto quanto parece!

Basta pressionou o rosto contra as barras como se assim pudesse atravessá-las.

— Ei, ei, cuidado com o que diz, entendeu? — Nariz Chato aproximou-se da grade e olhou para Basta com visível prazer. — Então Dedo Podre enganou você novamente. Capricórnio não vai gostar nada disso.

— Mande alguém atrás dele! — berrou Basta. — Ou direi a Capricórnio que

você o deixou fugir!

Nariz Chato tirou um lenço do bolso e assoou o nariz ruidosamente.

— Ah, é? E quem está atrás das grades, eu ou você? Ele não irá muito longe. No estacionamento há dois guardas, na praça mais três, e o rosto dele não é difícil de reconhecer. Afinal de contas você deu um jeito nisso, não é verdade? — A risada de Nariz Chato soou como latido de cachorro. — Sabe de uma coisa? Eu poderia tranquilamente me acostumar com esta visão! O seu rosto fica bem atrás das grades. Aí dentro você não pode ser arrogante nem esfregar a sua navalha no nariz de ninguém.

— Abra esta maldita porta de uma vez! — berrou Basta. — Ou vou cortar esse seu nariz nojento.

Nariz Chato cruzou os braços.

— Acontece que eu não posso abrir — ele observou com voz entediada. — Dedo Podre levou a chave. Ou você está vendo alguma chave por aqui?

Ele se virou com um ar interrogativo para o jovem, que mantinha Meggie e sua mãe na mira da espingarda. Quando o garoto fez que não com a cabeça, Nariz Chato abriu um sorriso que ia de orelha a orelha.

— Não, ele também não está vendo chave nenhuma. Bem, vou ter que falar com Mortola. Talvez ela tenha uma cópia de reserva.

— Tire esse sorriso da cara! — gritou Basta. — Senão eu o arrancarei dos seus lábios pessoalmente.

— Cada coisa que você diz. Também não estou vendo a sua navalhinha. Dedo Empoeirado a roubou de novo? Se continuar assim, logo ele vai ter uma coleção.

Nariz Chato virou-se de costas para Basta e apontou para a cela ao lado dele.

— Prenda a mulher ali e fique vigiando até eu voltar com a chave — ele disse. — Primeiro vou levar a pequena Língua Encantada de volta.

Meggie debateu-se quando ele a puxou, mas Nariz Chato simplesmente a ergueu e a pôs sobre os ombros.

— Afinal, o que a menina estava fazendo aqui embaixo? — ele perguntou. — Capricórnio sabe disso?

— Pergunte à gralha! — vociferou Basta.

— Eu, hein? Nem pensar — grunhiu Nariz Chato enquanto arrastava Meggie pela escada.

Ela ainda viu o garoto empurrar sua mãe para dentro da outra cela com o cano da espingarda, depois só viu os degraus, a igreja e a praça poeirenta, pela qual Nariz Chato a carregava como um saco de batatas.

— Bem, tomara que sua voz não seja tão fina como você! — ele grunhiu quando a pôs de pé diante da porta em que ela ficara trancada com Fenoglio. — Senão Sombra virá meio fraquinho, se é que de fato ele vai aparecer aqui esta noite.

Meggie não respondeu.

Quando Nariz Chato trancou a porta, ela passou por Fenoglio sem dizer uma palavra, subiu em sua cama e enfiou a cara no pulôver de Mo.

50. Azar para Elinor

Então Charley descreveu para ele a localização exata do posto policial, e além disso deu-lhe inúmeras instruções: como deveria ir em frente pelo caminho do portão e então no pátio subir os degraus à direita, e que ele deveria tirar o chapéu quando entrasse no recinto da repartição. Depois pediu-lhe que prosseguisse sozinho, e prometeu que esperaria por ele ali onde se despediram.

Charles Dickens, *Oliver Twist*

Elinor rodou mais de uma hora até finalmente encontrar uma cidadezinha com um posto policial. O mar ainda estava longe, mas as colinas eram mais baixas, e nas encostas, em vez do matagal que cercava a aldeia de Capricórnio, cresciam vinhas. Seria um dia de calor terrível, um dia ainda mais quente do que a véspera, já dava para sentir. Quando desceu do carro, Elinor ouviu o estrondo de um trovão ao longe. O céu sobre as casas ainda estava azul, mas era azul-escuro, escuro como águas profundas. Como um mau agouro.

"Não seja boba, Elinor!", ela pensou enquanto andava em direção à casa amarela do posto policial. "É uma tempestade, só isso, ou você já está ficando supersticiosa como Basta?"

Havia dois funcionários sentados no escritório estreito quando Elinor entrou. As jaquetas de seus uniformes estavam penduradas nas cadeiras. O ar estava tão abafado que daria para engarrafá-lo, apesar do grande ventilador que girava no teto.

O mais jovem dos dois, grandão e de nariz curto como um buldogue, já começou a zombar de Elinor enquanto ela contava sua história, e perguntou-lhe se por acaso ela estava com o rosto vermelho daquele jeito por apreciar muito o vinho da região. Elinor o teria derrubado da cadeira se o outro não a tivesse acalmado. Era um tipo alto e magro com um olhar melancólico e cabelos escuros, mais ralos acima da testa.

— Pare com isso! — ele censurou o colega. — Pelo menos deixe que ela termine a história.

Ele escutou com o rosto imóvel quando Elinor contou sobre a aldeia de Capricórnio e seus homens vestidos de preto, franziu a testa quando ela contou sobre os incêndios e os galos mortos, e ergueu as sobrancelhas quando ela falou sobre

Meggie e a execução planejada. Sobre o livro e sobre como a execução deveria acontecer, naturalmente ela nada mencionou. Afinal de contas, se alguém lhe contasse isso duas semanas antes, ela própria não teria acreditado numa palavra.

Quando ela chegou ao fim do relato, seu interlocutor ficou calado por um tempo. Ele arrumou os lápis em cima da escrivaninha, juntou alguns papéis e finalmente olhou para ela com um ar pensativo.

— Já ouvi falar dessa aldeia — ele disse.

— Claro, todo mundo já ouviu falar dela! — zombou o outro. — A aldeia do diabo, a aldeia maldita, que até mesmo as cobras evitam. As paredes da igreja são pintadas com sangue, e pelas ruas perambulam homens de preto que na verdade são assombrações e carregam fogo nos bolsos. É só alguém chegar perto e já se dissolve no ar. Puf!

Ele ergueu as mãos e bateu as palmas sobre a cabeça. Elinor mediu-o com um olhar gélido. Seu colega sorriu, mas então ele se levantou com um suspiro, vestiu lentamente a jaqueta e fez um sinal para que Elinor o seguisse.

— Vou dar uma olhada nisso! — ele disse por cima dos ombros.

— Se você não tem nada melhor para fazer! — exclamou o outro atrás dele, e deu uma gargalhada tão sonora que por pouco Elinor não voltou para derrubá-lo da cadeira.

Alguns minutos depois, ela estava sentada no banco do passageiro de uma viatura policial e, à sua frente, serpenteava pelas colinas a mesma estrada sinuosa da ida. "Meu Deus do céu, por que eu não fiz isso antes?", ela pensava a todo instante. "Agora tudo vai ficar bem, tudo. Ninguém vai ser fuzilado nem executado, Meggie vai ter de volta o pai e Mortimer, a filha. Sim, tudo vai ficar bem! Graças a Elinor!" Ela poderia cantar e dançar (embora não soubesse dançar muito bem). Nunca em sua vida ficara tão satisfeita consigo mesma. Agora, alguém que viesse lhe dizer que ela não se dava bem no mundo real…

O policial ao seu lado não disse uma palavra. Olhava somente para a estrada, fazia curva após curva numa velocidade que sempre acelerava dolorosamente as batidas do coração de Elinor e de vez em quando beliscava o lóbulo da orelha direita com uma expressão ausente. Ele parecia conhecer o caminho. Não hesitou nem uma das vezes em que a estrada se bifurcou, e em todas elas escolheu a direção certa. Elinor

lembrou-se da eternidade que ela e Mo haviam levado para encontrar a aldeia, e então, de forma totalmente repentina, teve um pensamento um tanto inquietante.

— Eles são muitos! — ela disse com a voz insegura quando ele fazia novamente uma curva, com tal velocidade que o abismo à sua esquerda ficou vertiginosamente perto. — Esse Capricórnio tem muitos homens. E eles estão armados, embora não tenham uma pontaria muito boa. O senhor não deveria pedir reforços?

Era sempre assim nos filmes, naqueles filmes ridículos em que havia apenas criminosos e policiais. Eles sempre pediam reforços.

O policial passou a mão nos cabelos ralos e fez que sim, como se ele também obviamente já tivesse pensado nisso.

— Claro! Claro! — ele disse enquanto pegava o aparelho de rádio com uma expressão ausente. — Reforços sempre são úteis, mas eles devem se manter recuados. Afinal, antes de mais nada é preciso fazer algumas perguntas.

Ele pediu cinco homens pelo rádio. Não eram muitos contra os casacos-pretos de Capricórnio, na opinião de Elinor, mas era melhor do que nada. De qualquer forma, era melhor do que um pai desesperado, um garoto árabe e uma colecionadora de livros um pouco acima do peso.

— Ali está! — ela disse quando a aldeia de Capricórnio apareceu ao longe, cinzenta e discreta no meio de todo aquele verde-escuro.

— Sim, foi o que pensei! — respondeu o policial, que voltou a ficar calado.

Quando ele apenas acenou brevemente com a cabeça para a sentinela no estacionamento, Elinor não quis pensar em nada de ruim. Foi somente quando estava na igreja pintada de vermelho, diante de Capricórnio, entregue pelo policial como um objeto que ele encontrara e agora devolvia ao seu legítimo dono, é que ela teve que admitir para si mesma que nada ficaria bem. Que agora estava tudo perdido e que ela fora muito ingênua, terrivelmente ingênua.

— Ela andou espalhando coisas ruins sobre vocês — ela ouviu o policial dizer. Ele evitava olhar para Elinor. — Disse alguma coisa sobre o sequestro de uma criança. Isso seria uma coisa bem diferente dos incêndios…

— Que besteira! — Capricórnio respondeu enfastiado à pergunta velada. — Eu adoro crianças, desde que não cheguem muito perto de mim. De resto, só servem

para atrapalhar os negócios.

O policial fez que sim, e contemplou as mãos com um ar infeliz.

— Ela também falou algo sobre uma execução…

— É mesmo? — Capricórnio olhou para Elinor como se estivesse de fato espantado com tão fértil imaginação. — Bem, você sabe, eu não preciso desse tipo de coisa. As pessoas fazem o que eu digo sem que eu precise tomar medidas mais drásticas.

— É claro! — murmurou o policial. — É claro.

Ele estava com muita pressa de ir embora. Quando seus passos rápidos e cortantes não ecoaram mais, Cockerell, que ficara o tempo todo sentado na escada, começou a rir.

— Ele tem três crianças pequenas, não é? Sim, os policiais deveriam ser proibidos de ter filhos pequenos. No caso desse aí foi bem fácil, Basta só precisou ficar plantado na frente da escola duas vezes. O que lhe parece? Devemos visitá-lo em casa mais uma vez? Para atualizar a boa impressão?

Ele lançou para Capricórnio um olhar indagador, mas este sacudiu a cabeça.

— Não, acho que não é necessário! É melhor pensarmos no que vamos fazer com a nossa visita aqui. O que fazemos com quem espalha rumores tão ruins sobre a gente?

Os joelhos de Elinor amoleceram quando os olhos pálidos dele se voltaram para ela. “Se Mortimer se oferecesse agora para me enviar para dentro de algum livro, acho que eu aceitaria! E me contentaria com qualquer um.”

Atrás dela havia mais três ou quatro dos casacos-pretos, portanto não fazia sentido sair correndo. “Agora a única coisa que você pode fazer, Elinor, é se entregar à sua sina com dignidade”, ela pensou.

Mas ler sobre essas coisas era muito mais fácil do que fazer.

— A cripta ou o estábulo? — perguntou Cockerell, enquanto andava lentamente em direção a ela. “A cripta?”, pensou Elinor. Dedo Empoeirado havia dito alguma coisa sobre isso, sim. E não havia sido coisa boa…

— A cripta? Por que não? Precisamos nos livrar dessa mulher, antes que ela traga outra pessoa aqui. — Capricórnio escondeu um bocejo atrás da mão. — Bem, então

Sombra terá mais trabalho para hoje à noite. Ele vai gostar.

Elinor queria dizer alguma coisa, alguma coisa ousada, heroica, mas sua língua não estava em condições de ser utilizada. Ela estava como que anestesiada dentro da boca. Cockerell já a havia arrastado até aquela estátua ridícula quando Capricórnio o chamou de volta.

— Esqueci completamente de perguntar a ela sobre Língua Encantada! — ele exclamou. — Pergunte se por acaso ela sabe onde ele se encontra no momento.

— Vamos, desembuche! — resmungou Cockerell, agarrando Elinor pela nuca como se quisesse sacudir as palavras para fora. — Onde ele está?

Elinor apertou os lábios. "Depressa, Elinor, depressa, uma boa resposta!", ela pensou, e de repente a sua língua voltou a funcionar.

— Por que você está perguntando isso para mim? — ela perguntou a Capricórnio, que ainda estava sentado em sua poltrona, tão pálido como se tivesse sido lavado por tempo demais, como se o sol que brilhava lá fora na praça o tivesse desbotado. — Você pode responder melhor do que qualquer um. Ele está morto. Os seus homens o mataram, a ele e ao garoto.

"Olhe para ele, Elinor", ela pensou. "Com os olhos bem firmes, como você olhava para o seu pai quando ele a apanhava com o livro errado. Algumas lágrimas não cairiam mal. Ora, vamos, basta pensar nos seus livros, em todos os seus livros queimados! Pense na última noite, no medo, no desespero. E, se nada disso ajudar, belisque-se!"

Capricórnio a examinou, pensativo.

— Eu não disse? — exclamou Cockerell. — Eu sabia que tínhamos acertado!

Elinor ainda olhava para Capricórnio, que estava embaçado atrás do véu de suas falsas lágrimas.

— Bem, vamos ver — ele disse lentamente. — Meus homens já estão mesmo vasculhando a colina atrás de um prisioneiro que fugiu. Presumo que você possa me dizer onde eles devem procurar pelos dois mortos.

— Eu os enterrei, e naturalmente não vou dizer onde.

Elinor sentiu as lágrimas escorrerem pelo seu nariz. "Por todas as letras do mundo, Elinor!", ela pensou. "Que grande atriz eu poderia ter sido!"

— Enterrou, sei, sei.

Capricórnio mexia nos anéis da mão esquerda. Ele usava logo três de uma vez, e ajeitou-os com o cenho franzido, como se tivessem saído do lugar sem autorização.

— Por isso eu fui até a polícia! — disse Elinor. — Para vingá-los, a eles e aos meus livros.

Cockerell riu.

— Os livros você não precisou enterrar, não é verdade? Eles queimaram muito bem, como lenha da melhor qualidade, e suas páginas tremeram como dedinhos brancos…

Ele ergueu a mão e imitou o movimento. Elinor não hesitou e desfechou-lhe uma bofetada, com toda a sua força, que não era pouca. O nariz de Cockerell começou a sangrar. Ele limpou-o com a mão e ficou olhando para ela, como se estivesse surpreso com o fato de que algo tão vermelho pudesse escorrer de seu corpo.

— Olhe só para isto — ele disse, e mostrou para Capricórnio os dedos sujos de sangue. — Você vai ver, ela vai dar mais trabalho para Sombra do que Basta.

Quando ele a levou, Elinor foi andando ao seu lado de cabeça erguida. Somente quando viu a escada, que já após uns poucos degraus íngremes desaparecia num buraco escuro e sem fundo, ela perdeu a coragem por um momento. "A cripta, é claro", agora se lembrava, "para onde vão os condenados à morte." Pelo menos era esse o cheiro, um cheiro podre e úmido, exatamente como ela teria imaginado o perfume da morte.

No começo, quando viu a figura encolhida de Basta encostada nas barras da grade, Elinor não acreditou em seus olhos. Achou que tivesse ouvido mal a última frase de Cockerell, mas ali estava ele, Basta, aprisionado como um tigre numa jaula, com o mesmo medo, a mesma falta de esperança nos olhos. Nem mesmo a visão de Elinor o animou. Ele olhou através dela, através dela e de Cockerell, como se eles fossem dois dos fantasmas que ele tanto temia.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntou Elinor. — Agora vocês prendem uns aos outros?

Cockerell sacudiu os ombros.

— Devo dizer a ela? — ele perguntou para Basta, mas não obteve resposta,

apenas o mesmo olhar vazio. — Primeiro ele deixou Língua Encantada escapar, e agora Dedo Empoeirado. Assim é claro que ele acabou se sujando com o chefe, mesmo sendo o queridinho dele. Bem, também já fazia anos que ele não deixava mais você botar fogo.

Em seu olhar, era visível a alegria que ele sentia com o sofrimento de Basta.

"Senhora Loredan, está na hora de pensar sobre o seu testamento!", pensou Elinor, enquanto Cockerell a empurrava para a frente. "Se agora Capricórnio manda executar o seu cão mais fiel, certamente não hesitará em fazer o mesmo com você."

— Ei, Basta, bem que você podia ficar um pouco mais alegre! — Cockerell exclamou, enquanto tirava do bolso do casaco o seu molho de chaves. — Afinal, agora você tem a companhia de duas mulheres.

Basta encostou a testa na grade.

— Vocês ainda não pegaram o devorador de fogo? — ele perguntou em tom inexpressivo. Sua voz soou como se ele estivesse rouco de tanto gritar.

— Não, mas a gorda aqui disse que pegamos Língua Encantada. Que ele está mortinho da silva. Ao que parece, Nariz Chato acabou acertando. Bem, pelo menos ele tinha treinado bastante com os gatos.

Atrás da porta gradeada que Cockerell abriu, algo se mexeu. Havia uma mulher sentada na escuridão, com as costas apoiadas em algo que parecia ser um sarcófago de pedra. Inicialmente, Elinor não conseguiu ver o rosto. Então ela se ergueu.

— Companhia para você, Resa! — exclamou Cockerell, enquanto empurrava Elinor porta adentro. — Vocês podem tagarelar um pouco.

Rindo alto, ele saiu dali com seus passos pesados.

Elinor, porém, não sabia se devia rir ou chorar. Preferiria ter encontrado sua sobrinha preferida em outro lugar.

51. Por um triz

— Eu não sei o que é — respondeu Fiver, infeliz.

— No momento, aqui não há perigo, mas ele virá, ele virá.

Richard Adams, *A longa jornada*

Farid ouviu os passos quando eles estavam preparando as tochas.

Elas tinham que ser maiores e mais firmes do que as que Dedo Empoeirado usava em suas apresentações. Afinal de contas, deveriam queimar por bastante tempo. Ele já havia cortado os cabelos de Língua Encantada com a navalha que Dedo Empoeirado lhe dera. Agora eles estavam curtos como uma escova, o que mudava pelo menos um pouco a aparência dele. Farid também lhe mostrara a terra que ele deveria esfregar no rosto para que sua pele parecesse mais escura. Desta vez ninguém podia reconhecê-los, ninguém. Mas então ele ouviu os passos. E vozes: uma voz xingava, a outra ria e exclamava alguma coisa. Elas ainda estavam muito longe para que eles pudessem entender as palavras.

Língua Encantada recolheu as tochas. Gwin tentou morder os dedos de Farid quando ele o enfiou dentro da mochila.

— Para onde, Farid, para onde? — sussurrou Língua Encantada.

— Eu sei!

Farid jogou a mochila nas costas e puxou Língua Encantada consigo em direção às ruínas carbonizadas da casa. Ele pulou por cima das pedras negras, no lugar onde antigamente havia uma janela, caiu na grama ressecada atrás da parede e se agachou. A prancha de metal que ele empurrou para o lado estava deformada pelo fogo e coberta de ervas floridas. Como neve, minúsculas florzinhas brancas espalhavam-se sobre o metal. Farid descobriu a prancha uma vez que pulara em cima dela, nas longas horas que havia passado ali com Dedo Empoeirado, com o silencioso, o impenetrável Dedo Empoeirado. Do muro para a grama, da grama para o muro, ele ficava pulando para espantar o silêncio e o tédio, até que notou um som oco e encontrou a prancha e um buraco embaixo dela. Talvez o compartimento subterrâneo não fosse originalmente nada além de uma despensa para mantimentos perecíveis, mas pelo menos uma vez ele já havia servido como esconderijo.

Língua Encantada levou um susto quando tocou o esqueleto na escuridão. Ele parecia pequeno, mal possuía o tamanho para ser o esqueleto de um adulto, e jazia pacificamente ali, no estreito compartimento subterrâneo, encolhido como se tivesse se deitado para dormir. Talvez Farid não sentisse medo por ele parecer tão pacífico. Se havia algum espírito ali embaixo, com certeza era aquele, mas não passava de uma figura triste e pálida, da qual não era preciso ter medo.

O espaço ficou apertado quando Farid tapou o buraco com a prancha novamente. Língua Encantada era grande, quase grande demais para o esconderijo, mas estar perto dele era tranquilizador, mesmo o seu coração batendo tão depressa quanto o de Farid. O garoto sentia cada batida enquanto os dois estavam ali agachados, lado a lado, escutando o que acontecia lá fora.

As vozes se aproximaram, mas ainda não era possível ouvi-las nitidamente, a terra as abafava como se fossem algo do outro mundo. Em certo momento um pé pisou no metal, e Farid cravou os dedos no braço de Língua Encantada. Ele não o largou até o silêncio voltar sobre as suas cabeças. Demorou muito tempo para eles confiarem novamente no silêncio, um tempo tão interminavelmente longo que Farid chegou a virar a cabeça algumas vezes com a impressão de que o esqueleto se mexia.

Eles de fato não estavam mais lá quando Língua Encantada ergueu a prancha com cuidado e espiou para fora. Apenas os grilos estrilavam sem parar, e um pássaro assustado levantou voo do muro carbonizado.

Eles haviam levado tudo, os cobertores, o pulôver de Farid, dentro do qual ele se enfiava à noite como um marisco numa concha, até mesmo a atadura ensanguentada que Língua Encantada enrolara em sua cabeça na noite em que eles quase haviam sido fuzilados.

— E daí? — disse Língua Encantada, quando estavam ao lado dos restos da fogueira. — Hoje à noite não precisaremos dos nossos cobertores.

Então ele passou a mão nos cabelos escuros de Farid.

— O que eu faria sem você, espião furtivo, caçador de coelhos e descobridor de esconderijos? — ele disse.

Farid olhou para os pés nus e sorriu.

52. Uma criaturinha tão frágil

Quando ela disse achar que Sininho ficaria satisfeita, ele perguntou: — Quem é Sininho?

— Peter! — ela disse chocada. Mas, quando ela explicou quem era, ele não conseguiu se lembrar.

— Existem tantas delas — ele disse. — Pensei que estava morta.

Acho que ele tinha razão, pois as fadas não vivem muito tempo, mas elas são tão pequeninas que o seu tempo breve não lhes parece tão curto assim.

James M. Barrie, *Peter Pan*

Os homens de Capricórnio estavam procurando Dedo Empoeirado no lugar errado, pois ele não conseguira sair da aldeia. Ele nem ao menos tentara. Dedo Empoeirado estava na casa de Basta.

Ela ficava numa viela logo atrás do pátio de Capricórnio, cercada por casas vazias, habitadas apenas por gatos e ratos. Basta não gostava de vizinhos, não apreciava a companhia de ninguém, a não ser a de Capricórnio. Dedo Empoeirado não tinha dúvida de que Basta dormiria na soleira da porta de Capricórnio se lhe fosse permitido, mas nenhum dos camisas-pretas morava na casa principal. Eles montavam guarda lá, nada além disso. As refeições eram feitas na igreja, e as noites eles passavam numa das muitas casas vazias da aldeia, essa era uma regra inflexível. A maior parte deles se mudava constantemente, morava um pouco numa casa e, quando surgiam goteiras, passava para outra casa. Apenas Basta morava no mesmo lugar desde que haviam chegado à aldeia. Dedo Empoeirado presumia que ele havia escolhido aquela casa porque ali, ao lado da porta, crescia um pé de arruda. Afinal, era a planta indicada para afastar o mal. Com exceção, é claro, do mal que habitava o próprio coração de Basta.

Era uma casa de pedras cinzentas, como a maioria das casas da aldeia, com janelas de madeira pintadas de preto, que Basta mantinha quase sempre fechadas e sobre as quais ele pintara um símbolo que, em sua opinião, afastava o azar, assim como as folhas azuladas da arruda. Às vezes, Dedo Empoeirado achava que o medo permanente que Basta tinha de maldições e desgraças repentinas devia-se ao temor que ele sentia

do que se passava dentro dele mesmo, e da suposição de que o resto do mundo fosse constituído da mesma maneira.

Dedo Empoeirado tivera sorte de conseguir chegar até a casa de Basta. Mal havia saído da igreja, ele se deparara com todo um bando dos homens de Capricórnio. É claro que eles o reconheceram de imediato. Sim, Basta realmente cuidara disso, de uma vez por todas. Mas o espanto dos homens dera tempo suficiente para que Dedo Empoeirado desaparecesse numa das ruas. Felizmente, Dedo Empoeirado conhecia cada canto daquela maldita aldeia. Sua primeira ideia era chegar até o estacionamento e dali fugir para as colinas, mas então ele se lembrou da casa vazia de Basta. Ele passara por buracos em muros, se arrastara através de porões e se agachara atrás dos peitoris de sacadas nunca mais utilizadas. Na hora de se esconder, o próprio Gwin não era melhor do que ele, e agora ele se beneficiava de sua estranha curiosidade, que sempre o levara a explorar os cantos ocultos e esquecidos daquele e de outros lugares.

Ele estava sem fôlego quando chegou à casa de Basta, provavelmente o único em toda a aldeia de Capricórnio que trancava a porta de casa. Mas a fechadura não era um obstáculo. Dedo Empoeirado se escondeu no sótão até as batidas do seu coração se acalmarem, embora ali em cima o assoalho estivesse tão podre que, a cada passo, ele tinha medo de que se partisse. Na cozinha de Basta, ele encontrou o bastante para comer; como um verme, a fome corroía as paredes de seu estômago. Nem ele nem Resa haviam recebido nada para comer desde que haviam sido pendurados nas redes, e agora encher a barriga com as provisões de Basta era um duplo prazer.

Quando já estava razoavelmente satisfeito, ele abriu uma fresta na janela para que pudesse ouvir a tempo os passos que se aproximassem, mas o único ruído que veio a seus ouvidos foi um tilintar, tão fraquinho que quase passou despercebido. Só então ele se lembrou da fada, a fada que Meggie trouxera de um livro maravilhoso para aquele mundo sem encantos.

Ele a encontrou no quarto de Basta. Não havia nada ali além de uma cama e uma cômoda. Em cima dela, cuidadosamente enfileirados, havia tijolos, todos cobertos de fuligem. Corria pela aldeia o boato de que Basta levava um tijolo de cada casa que Capricórnio mandava incendiar, mesmo temendo o fogo como temia. Pelo jeito, a história era verdadeira. Sobre um dos tijolos havia um jarro de vidro, do qual vinha uma luz suave, não muito mais clara do que a de um vaga-lume. A fada estava deitada no fundo, enrolada como uma borboleta que acabara de sair do casulo. Basta havia fechado o jarro com um prato, embora a frágil criaturinha não desse a impressão de

ainda ter forças para voar.

Quando Dedo Empoeirado removeu o prato, a fada nem ao menos ergueu a cabeça. Dedo Empoeirado pôs a mão na prisão de vidro e tirou com cuidado a pequena criatura de dentro. Seus membros eram tão delicados que ele tinha medo de quebrá-los. As fadas que ele conhecia eram diferentes, menores, mas de constituição mais forte, com pele azul-violeta e quatro asas cintilantes. Aquela tinha a mesma cor de pele de uma pessoa, uma pessoa muito pálida, e suas asas não se pareciam tanto com as de uma libélula, e sim com as de uma borboleta. Será que, apesar disso, seu alimento preferido era o mesmo das fadas que ele conhecia? Valia a pena tentar; ela parecia quase morta.

Dedo Empoeirado pegou o travesseiro da cama de Basta, colocou-o na cozinha sobre a mesa reluzente de limpa (tudo na casa de Basta era impecavelmente limpo como sua camisa branca) e deitou a fada sobre ele. Então encheu uma xícara com leite e a colocou em cima da mesa ao lado do travesseiro. Ela abriu imediatamente os olhos. No que tangia ao olfato apurado e à predileção por leite, portanto, ela não parecia se distinguir das outras fadas que ele conhecia. Ele mergulhou o dedo no leite e deixou uma gota branca cair em seus lábios. Ela lambeu como um gatinho faminto. Uma após a outra, Dedo Empoeirado fez escorrer as gotas em sua boca, até que ela se sentou e bateu suavemente as asas. Seu rosto já recuperara um pouco da cor, mas do seu suave tilintar ele não entendeu uma só palavra, embora dominasse três idiomas de fadas.

— Que pena! — ele sussurrou, enquanto ela abria as asas e, ainda um pouco insegura, voava em direção ao teto. — Assim não posso lhe perguntar se por acaso você consegue me tornar invisível, ou bem pequenino para me carregar até a festa de Capricórnio.

A fada olhou para ele lá de cima, emitiu um som indecifrável aos seus ouvidos e sentou-se no canto do guarda-comida.

Dedo Empoeirado sentou-se na única cadeira que havia na cozinha de Basta e olhou para a fada.

— Mesmo assim — ele disse —, é bom finalmente ver uma de vocês de novo. Se neste mundo o fogo tivesse um pouco mais de humor, se de vez em quando um duende ou um homem de vidro aparecesse entre as árvores, talvez eu até pudesse me acostumar com o resto, com o barulho, com a pressa, com a multidão e com o fato de que é muito difícil escapar das pessoas, e também com as noites claras…

Ele ficou mais um tempo ali, na cozinha do seu pior inimigo, observando a fada, como ela voava pelo quarto, examinando tudo (as fadas são curiosas e aquela, ao que tudo indicava, não era uma exceção) e bebericando o leite a toda hora, até que ele encheu a xícara novamente. De vez em quando alguns passos se aproximavam, mas sempre se distanciavam novamente. Ainda bem que Basta não tinha amigos. O ar que penetrava pela janela estava abafado e o deixou sonolento. A pequena faixa de céu sobre as casas ainda ficaria clara por horas. Tempo suficiente para que ele refletisse se iria ou não à festa de Capricórnio.

Por que deveria ir? Ele poderia pegar o livro mais tarde, quando o tumulto na aldeia estivesse esquecido e o cotidiano voltasse a reinar. E Resa? O que aconteceria com ela? Sombra viria buscá-la. Ninguém podia mudar isso, nem mesmo Língua Encantada, se é que ele fosse mesmo louco a ponto de tentar. Mas ele não sabia nada sobre ela, e com a filha não era preciso se preocupar. Afinal de contas, agora ela era o brinquedo favorito de Capricórnio. Ele não admitiria que Sombra fizesse mal a ela.

"Não, não irei", pensou Dedo Empoeirado. "Para quê? Não posso ajudá-los. Ficarei escondido aqui por um tempo. Amanhã não existirá mais Basta, e isso por si só já é ótimo. Talvez então eu também desapareça, para sempre, para longe daqui..." Não. Ele sabia que não faria isso. Não enquanto o livro estivesse ali.

A fada tinha voado até a janela. Curiosa, ela espiava a rua.

— Esqueça. Fique aqui! — disse Dedo Empoeirado. — Lá fora não há nada para você, acredite.

Ela olhou para ele com um ar indagador. Então fechou as asas e se ajoelhou no batente. E ali ficou, como se não conseguisse se decidir entre o quarto sufocante e a liberdade lá fora.

53. As frases certas

O terrível era isto: que das profundezas daquele lodo parecessem ecoar vozes e gritos, que a poeira amorfa se movimentasse e pecasse, que o que estava morto e não possuía corpo usurpasse a forma da vida.

Robert L. Stevenson, *O médico e o monstro*

Fenoglio escrevia sem cessar, mas as folhas embaixo do colchão não eram mais numerosas. Ele as pegava a toda hora, riscava e sublinhava, rasgava uma e punha outra no lugar.

— Não, não, não! — Meggie o ouvia resmungar. — Ainda não é isso, não.

— Em algumas horas estará escuro! — ela disse afinal, preocupada. — E se você ainda não tiver terminado?

— Eu terminei! — ele disse, irritado. — Já terminei dezenas de vezes, mas não estou satisfeito.

Ele baixou a voz num sussurro antes de prosseguir.

— É que há tantas perguntas: e se, depois de matar Capricórnio, Sombra vier para cima de você, de mim ou dos prisioneiros? E será que matar Capricórnio é de fato a única solução? O que acontecerá com seus homens depois? O que eu faço com eles?

— O que você faz? Sombra tem que matar todos eles — sussurrou Meggie de volta. — Senão como poderemos voltar para casa ou salvar a minha mãe?

Fenoglio não gostou dessa resposta.

— Céus, que menina mais sem coração você é! Matar todos! Você viu como alguns deles são jovens? — Ele sacudiu a cabeça. — Não, afinal de contas não sou um assassino de massas, sou um escritor! Ainda vai me ocorrer uma solução sem derramamento de sangue.

E então Fenoglio recomeçou a escrever… e a riscar… e a escrever de novo, enquanto lá fora o sol declinava cada vez mais, até que seus raios enfeitaram o cimo das colinas com uma cerca de ouro.

Sempre que se aproximavam passos no corredor, Fenoglio escondia o que

escrevera debaixo do colchão, mas ninguém foi conferir o que o velho rabiscava incansavelmente nas folhas em branco. Afinal, Basta estava na cripta.

As sentinelas, que montavam guarda entediadas diante da porta, receberam muitas visitas naquela tarde. Ao que tudo indicava, os homens das outras bases de Capricórnio também estavam na aldeia para a execução. Meggie encostou o ouvido na porta para ouvir a conversa. Eles riam muito, e suas vozes soavam alvoroçadas. Todos estavam alegres e ansiosos pelo que os esperava. Nenhum deles parecia sentir pena de Basta. Ao contrário, a morte do antigo favorito de Capricórnio naquela noite parecia aumentar ainda mais sua excitação. Naturalmente eles também falaram sobre Meggie. Eles a chamavam de pequena bruxa, bonequinha mágica, e nem todos pareciam convencidos de suas capacidades.

Sobre o carrasco de Basta, Meggie não conseguiu saber nada além do que o próprio Fenoglio lhe contara, e do que ficara em sua memória do trecho do livro que a gralha a fizera ler. Não era muito, mas ela ouvia o medo nas vozes diante da porta, e o terror respeitoso que dominava a todos quando ouviam mencionar aquele nome indizível. Nem todos conheciam Sombra, só os que, como Capricórnio, provinham do livro, e também Fenoglio, é claro. Mas aparentemente todos já tinham ouvido falar dele — e pintavam com as mais negras tintas o modo como ele se lançaria para cima dos prisioneiros. Sobre como ele matava as suas vítimas, parecia haver opiniões distintas, mas as hipóteses que Meggie escutava foram ficando mais terríveis conforme a noite se aproximava, até que ela não aguentou mais ouvir, sentou-se à janela e tapou os ouvidos.

Eram seis horas — o sino da torre da igreja deu a primeira badalada — quando de repente Fenoglio largou o lápis e contemplou satisfeito o que havia posto no papel.

— Consegui! — ele sussurrou. — Sim, aqui está. Vai dar certo. Agora não tem erro.

Cheio de impaciência, ele fez um sinal para Meggie e lhe passou a folha.

— Leia! — ele sussurrou, com um olhar nervoso na direção da porta.

Lá fora, Nariz Chato estava se gabando de como eles haviam envenenado as provisões de azeitonas de um camponês.

— É só isso? — Meggie examinou incrédula a folha escrita.

— Sim, claro! Você verá, mais do que isso não é necessário. É preciso que sejam

as frases certas. Leia de uma vez!

Meggie obedeceu.

Os homens lá foram riam e ela custou a se concentrar nas palavras de Fenoglio. Mas finalmente conseguiu. No entanto, mal havia terminado a primeira frase, de repente fez-se o silêncio lá fora, e a voz da gralha ecoou pelo corredor.

— Mas o que é isso, o chá das cinco?

Fenoglio pegou rapidamente a preciosa folha e a enfiou debaixo do colchão. Ele acabara de ajeitar o lençol quando a gralha abriu a porta bruscamente.

— O seu jantar — ela disse para Meggie, e pôs um prato fumegante em cima da mesa.

— E para mim? — perguntou Fenoglio em tom bastante jovial.

O colchão havia escorregado um pouco para o lado quando ele escondera o papel, e ele se encostou na cama para que Mortola não visse, mas felizmente ela não tinha olhos para ele. Meggie tinha certeza de que a gralha o considerava um mentiroso e nada mais, e de que ela provavelmente se aborrecia por Capricórnio não ser da mesma opinião.

— Coma tudo! — ela ordenou a Meggie. — E depois vista-se. Suas roupas são horríveis, e além disso estão duras de sujeira.

Ela fez um sinal para a criada que viera atrás dela. Era uma garota bem jovem, quando muito quatro ou cinco anos mais velha do que Meggie. Os boatos sobre os supostos poderes mágicos de Meggie pelo jeito também haviam chegado até ela. Em seu braço estava pendurado um vestido branco como a neve, e ela evitou olhar para Meggie quando passou por ela para pendurá-lo no armário.

— Não quero esse vestido! — Meggie reclamou. — Quero vestir isto aqui.

Ela pegou o pulôver de Mo da cama, mas Mortola o arrancou de suas mãos.

— Que absurdo. Você quer que Capricórnio pense que a enfiamos dentro de um saco? Ele escolheu este vestido e você vai usá-lo. Ou você mesma faz isso ou nós a enfiaremos dentro dele. Assim que escurecer, virei buscá-la. Lave-se e penteie os cabelos, você está parecendo um gato sem dono.

A criada voltou de mansinho, com uma expressão tão preocupada como se

temesse se queimar caso encostasse em Meggie. A gralha a empurrou para fora impaciente e foi atrás dela.

— Tranque a porta! — ela disse rudemente para Nariz Chato. — E mande os seus amigos embora. Você tem que vigiar.

Nariz Chato se arrastou até a porta com um ar entediado. Antes que a fechasse, Meggie pôde ver a careta que ele fez pelas costas da gralha.

Ela foi até o armário e passou a mão no tecido branco do vestido.

— Branco! — ela murmurou. — Não gosto de roupas brancas. A morte tem cães brancos. Mo me contou uma história sobre ela.

Fenoglio se pôs atrás de Meggie.

— Oh, sim, os cães brancos de olhos vermelhos da morte. Os fantasmas também são brancos, e os deuses antigos saciavam sua sede de sangue apenas com animais brancos, como se achassem a inocência mais saborosa. Mas, não. Não! — ele acrescentou rapidamente quando viu o olhar assustado de Meggie. — Acredite, Capricórnio com certeza não pensou em nada disso quando mandou o vestido para você. Como é que ele ia conhecer essas histórias? Branco também é a cor do começo e do fim, e nós dois, você e eu, vamos dar um jeito para que seja o fim de Capricórnio, e não o nosso.

Delicadamente, ele puxou Meggie até a mesa e sentou-a na cadeira. O cheiro de carne assada penetrava em seu nariz.

— Que carne é essa? — ela perguntou.

— Parece vitela. Por quê?

Meggie empurrou o prato.

— Não estou com fome — ela murmurou.

Fenoglio olhou para ela cheio de compaixão.

— Sabe, Meggie — ele disse. — Acho que a próxima história que escreverei será sobre você: como você salvou a nós todos, apenas com a sua voz. Com certeza seria muito emocionante…

— Mas também acabará bem?

Meggie olhou para a janela. Apenas mais uma, no máximo duas horas, e já estaria escuro. E se Mo também viesse para a festa? E se ele tentasse libertá-la mais uma vez? Ele não sabia o que ela e Fenoglio planejavam. E se atirassem nele de novo? E se tivessem acertado na noite anterior… Meggie pôs os braços na mesa e escondeu o rosto neles.

Ela sentiu Fenoglio passar a mão em seus cabelos.

— Tudo vai ficar bem, Meggie! — ele sussurrou. — Acredite, minhas histórias sempre terminam bem. Quando eu quero.

— As mangas do vestido são muito estreitas! — ela sussurrou. — Como vou tirar a folha de dentro sem que a gralha perceba?

— Eu vou distraí-la. Pode contar com isso.

— E os outros? Todos vão ver quando eu tirar a folha.

— Que nada. Você vai conseguir. — Fenoglio segurou o queixo dela. — Tudo vai dar certo, Meggie! — ele disse mais uma vez enquanto enxugava uma lágrima do rosto da menina com o indicador. — Você não estará sozinha, mesmo que na hora talvez pense que está. Eu estou aqui, e Dedo Empoeirado está em algum lugar lá fora. Acredite, eu o conheço como a mim mesmo, ele virá, mesmo que seja apenas para ver o livro, e talvez consegui-lo de volta… e depois o seu pai também estará por perto. E aquele garoto, que olhou tão apaixonado para você naquela praça em frente ao monumento, quando encontrei Dedo Empoeirado.

— Pare com isso! — Meggie deu uma cotovelada na barriga de Fenoglio, mas acabou rindo.

As lágrimas deixavam tudo embaçado, a mesa, suas mãos e o rosto enrugado de Fenoglio. Ela tinha a impressão de que nas últimas semanas havia gasto todas as lágrimas da sua vida.

— Por quê? Ele é um rapaz bonito. Eu não hesitaria em interceder em favor dele junto ao seu pai.

— Eu mandei parar!

— Só se você comer alguma coisa. — Fenoglio empurrou o prato de volta para ela. — E essa amiga de vocês, como é mesmo que ela se chama…

— Elinor.

Meggie pôs uma azeitona na boca e mordeu até sentir o caroço entre os dentes.

— Isso mesmo. Talvez ela já esteja lá fora, junto com seu pai. Meu Deus, pensando bem, estamos quase em maioria.

Por pouco, Meggie não engoliu o caroço da azeitona. Fenoglio sorriu satisfeito consigo mesmo. Sempre que conseguia fazê-la rir, Mo erguia a sobrancelha e fazia uma cara séria e espantada, como se nem com toda a sua boa vontade pudesse imaginar do que ela estava rindo. Meggie via tão nitidamente seu rosto que quase estendeu a mão para tocá-lo.

— Logo você verá o seu pai novamente! — sussurrou Fenoglio. — E então vai contar a ele que encontrou sua mãe totalmente por acaso e, de quebra, a salvou de Capricórnio. Isso já é alguma coisa, não?

Meggie apenas fez que sim.

O vestido pinicava no pescoço e nos braços. Não parecia um vestido de criança, mas sim de uma mulher adulta, e ficava muito grande em Meggie. Quando deu alguns passos, ela pisou na barra. As mangas eram estreitas, mas a folha de papel, fina como uma pata de libélula, entrou facilmente. Meggie ensaiou algumas vezes — enfiar para dentro, puxar para fora. Finalmente, ela deixou a folha dentro da manga. Fazia um barulhinho quando ela mexia as mãos ou erguia o braço.

A lua pairava pálida sobre a torre da igreja, e a noite vestia sua luz como um véu diante do rosto quando a gralha voltou para buscar Meggie.

— Você não se penteou! — ela observou, irritada.

Dessa vez havia uma outra criada com ela, uma mulher atarracada com um rosto vermelho e mãos vermelhas, que não demonstrou o menor temor perante os poderes de Meggie. Ela passou o pente nos cabelos da menina com tão pouco cuidado que quase a fez gritar.

— Sapatos! — disse a gralha quando viu os pés nus de Meggie saindo para fora da barra do vestido. — Será que ninguém pensou nos sapatos?

— Ela podia muito bem usar esses aí — a criada apontou para os tênis puídos de Meggie. — O vestido é longo, ninguém vai ver. Além disso, as bruxas não andam sempre descalças?

A gralha lançou-lhe um olhar que fez sua voz murchar nos lábios.

— Exatamente! — exclamou Fenoglio, que observara o tempo todo com um olhar zombeteiro como as duas mulheres se arranjavam com Meggie. — É verdade. Elas sempre andam descalças. Também devo trocar de roupa para a ocasião solene? O que se deve usar numa execução? Suponho que me sentarei bem ao lado de Capricórnio, não é?

A gralha espichou o queixo. Ele era pequeno e suave, como se fosse de um outro rosto, mais delicado.

— Pode ficar como está. Prisioneiros não precisam trocar de roupa — ela disse enquanto punha uma fivela de pérolas nos cabelos de Meggie. O sarcasmo escorria de sua voz feito veneno.

— Prisioneiro? O que significa isso? — Fenoglio arrastou a cadeira.

— Sim, prisioneiro. O que mais seria? — A gralha deu um passo para trás e avaliou Meggie com o olhar. — Acho que assim está bom. Estranho, com os cabelos soltos ela me lembra alguém.

Meggie abaixou a cabeça depressa e, antes que a gralha pudesse refletir mais a fundo sobre o que percebera, Fenoglio desviou a atenção dela para si.

— Não sou um prisioneiro comum, minha senhora, vamos deixar isso claro mais uma vez! — ele estrilou. — Sem mim, nada disto aqui existiria, inclusive a sua desagradável pessoa!

A gralha mediu-o com um último olhar de desprezo e pegou Meggie pelo braço, por sorte não por aquele sob cuja manga estavam escondidas as preciosas palavras de Fenoglio.

— O guarda virá buscá-lo quando chegar a hora — ela disse enquanto puxava Meggie para a porta.

— Pense no que o seu pai lhe disse — exclamou Fenoglio, quando Meggie já estava no corredor. — As palavras só ganham vida quando você as saboreia na língua.

A gralha deu um empurrão nas costas de Meggie.

— Vamos de uma vez! — ela disse, e fechou a porta atrás de si.

54. Fogo

Mas de repente Bagheera deu um salto.

— Não! Já sei! Corra depressa para o vale lá embaixo, para as cabanas dos homens, e pegue um pouco da Flor Vermelha que eles cultivam lá. Assim, quando chegar a hora, você terá um amigo mais poderoso do que eu ou Baloo ou qualquer um da alcateia que goste de você. Pegue a Flor Vermelha!

Com "a Flor Vermelha", Bagheera referia-se ao fogo; só que na selva ninguém o chamava pelo nome, pois todos o temiam como à morte.

Rudyard Kipling, *O livro da selva*

Eles partiram quando o crepúsculo se estendeu sobre as colinas. Gwin ficou no acampamento. Depois do que acontecera em sua última incursão noturna à aldeia de Capricórnio, o próprio Farid concordou que era melhor assim. Língua Encantada deixou que ele fosse na frente. Não sabia sobre o medo que o garoto sentia de espíritos e de outras figuras noturnas, Farid conseguira esconder bem isso dele, muito melhor do que de Dedo Empoeirado. Língua Encantada também não zombava de seu medo do escuro, como fazia Dedo Empoeirado, e estranhamente isso tornava o medo menor, fazia-o encolher, como só acontecia na luz do dia.

Quando Farid começou a descer a encosta íngreme, com passos cautelosos e ao mesmo tempo firmes, ele ouviu sussurrar os espíritos nas árvores e nos arbustos como na outra noite. Mas agora eles não se aproximaram, como se de repente fossem eles que o temessem e ele pudesse comandá-los, como Dedo Empoeirado fazia com o fogo.

O fogo. Eles haviam decidido ateá-lo diretamente na casa de Capricórnio. Assim as chamas não alcançariam a colina tão depressa e ameaçariam o que Capricórnio mais prezava: sua câmara do tesouro.

Desta vez, a aldeia não estava silenciosa e deserta como nas noites anteriores. Havia um zunido no ar, como o de um vespeiro. Só no estacionamento patrulhavam quatro sentinelas armadas e, ao redor do alambrado que cercava o campo de futebol vazio, havia uma série de automóveis estacionados. Seus faróis acesos mergulhavam o campo numa luz ofuscante. O asfalto parecia uma toalha clara que alguém havia

estendido na escuridão.

— Então é ali que o espetáculo vai acontecer — sussurrou Língua Encantada, quando eles se aproximavam das casas. — Pobre Meggie.

No meio da praça haviam montado uma espécie de tablado, em frente ao qual havia uma jaula, talvez para o monstro que a filha de Língua Encantada deveria trazer do livro, ou então para os prisioneiros. Na margem esquerda do campo, de costas para a cerca de arame e para a aldeia, havia alguns bancos compridos de madeira, nos quais já estavam sentados alguns casacos-pretos, como corvos empoleirados que haviam encontrado um lugarzinho quente e iluminado para passar a noite.

De início, eles pensaram em entrar na aldeia pelo estacionamento. No meio de tanta gente de fora, não seriam notados tão depressa; mas acabaram se decidindo por um caminho mais longo e mais escuro. Farid foi na frente de novo, usando cada tronco de árvore como cobertura, sempre se mantendo acima das casas, até que chegaram à parte da aldeia que não era habitada e parecia ter sido pisoteada por um gigante. Mesmo ali, naquela noite patrulhavam mais guardas do que de costume. Várias vezes eles precisaram se esquivar na sombra de um portão, se agachar atrás de um muro ou pular uma janela e, prendendo a respiração, esperar que o guarda passasse. Felizmente havia muitos cantos escuros na aldeia de Capricórnio, e os guardas se arrastavam entediados pelas vielas, como fazem os homens que têm certeza de que nenhum perigo os ameaça.

Farid estava com a mochila de Dedo Empoeirado, com tudo o que era necessário para acender um fogo rápido e eficaz. Língua Encantada carregava a lenha que eles haviam recolhido para o caso de as chamas não encontrarem alimento suficiente entre as pedras. Além disso, havia ali também os estoques de gasolina de Capricórnio. Farid ainda sentia aquele cheiro no nariz, da noite em que havia estado preso. Os tonéis eram vigiados de vez em quando, mas talvez nem fossem necessários.

Era uma noite sem vento, as chamas queimariam tranquilas e constantes. Farid lembrou-se da advertência de Dedo Empoeirado: "Nunca faça fogo quando está ventando. O vento de repente mete as mãos dentro dele, e ele vai se esquecer de você; então o vento vai começar a soprar e atiçar o fogo até ele pular em cima de você e arrancar a pele dos seus ossos com lambidas". Mas naquela noite o vento estava dormindo, e o ar imóvel enchia as vielas como água morna num balde.

Eles esperavam encontrar a praça diante da casa de Capricórnio vazia, mas,

quando espreitaram de uma das vielas, viram meia dúzia de casacos-pretos na frente da igreja.

— O que eles ainda estão fazendo aqui? — sussurrou Farid, enquanto Língua Encantada o puxava para a sombra diante de uma porta. — A festa já vai começar.

Duas criadas saíram da casa de Capricórnio, cada qual com uma pilha de pratos. Elas os levaram para a igreja. Tudo indicava que, mais tarde, o sucesso da execução seria comemorado ali. Na hora em que as criadas passaram pelos homens, eles assobiaram. Uma das mulheres quase deixou cair a louça quando um deles tentou erguer sua saia com o cano da espingarda. Era o mesmo homem que reconhecera Língua Encantada na última noite, lá na aldeia. Farid pôs a mão na testa, que ainda sangrava, e o amaldiçoou com as piores pragas que conhecia. Desejou que ele contraísse a peste bubônica, uma sarna… Por que justamente ele estava ali? Mas, mesmo que conseguissem passar por ele sem serem reconhecidos, como iriam atear o fogo com os outros perambulando por ali?

— Calma! — sussurrou Língua Encantada. — Eles já estão indo embora. Agora precisamos descobrir se Meggie não está mesmo na casa.

Farid assentiu e olhou para o grande edifício. Atrás de duas janelas ainda havia luz, mas isso não devia significar nada.

— Vou até a praça lá embaixo e vejo se ela já está lá — ele disse no ouvido de Língua Encantada.

Talvez eles já tivessem tirado Dedo Empoeirado da igreja, talvez ele estivesse na jaula e Farid poderia sussurrar-lhe que haviam trazido seu melhor amigo, o fogo, para salvá-lo.

Apesar das lâmpadas claras, a noite preenchia muitos cantos entre as casas com suas sombras. Farid já ia partir dali quando a porta da casa de Capricórnio se abriu. A velha saiu de dentro, a velha que tinha cara de abutre. Ela puxava a filha de Língua Encantada, que ia atrás. Farid quase não a reconheceu no longo vestido branco. Atrás das duas, o homem que havia atirado neles saiu pela porta, com a espingarda na mão. Ele olhou para os lados, e então tirou um molho de chaves do bolso, trancou a porta e chamou um dos homens que estavam na frente da igreja com um sinal. Ao que tudo indicava, ele ordenou-lhe que vigiasse a casa. Uma sentinela, portanto, ficaria ali enquanto os outros iriam para a festa.

Farid sentiu como Língua Encantada, ao seu lado, retesava todos os músculos, como se fosse sair correndo atrás da filha, que estava quase tão pálida quanto o vestido. Farid agarrou seu braço para adverti-lo, mas Língua Encantada parecia ter se esquecido dele. Um único descuido e ele sairia da sombra que os protegia!

— Não! — preocupado, Farid puxou-o de volta, da melhor forma que conseguiu; afinal de contas ele mal chegava à altura de seus ombros.

Felizmente, os homens de Capricórnio não estavam olhando na direção deles; seus olhos acompanhavam a velha, que atravessava a praça depressa, fazendo a garota tropeçar algumas vezes na barra do vestido.

— Ela está pálida! — sussurrou Língua Encantada. — Céus, você viu o medo que está sentindo? Talvez olhe para cá, talvez possamos lhe fazer um sinal de alguma maneira…

— Não! — Farid ainda o segurava firme com as duas mãos. — Temos que fazer fogo. Só isso pode ajudá-la. Por favor, Língua Encantada, eles podem ver você.

— Não me chame o tempo inteiro de Língua Encantada. Isso me dá nos nervos.

A velha sumiu com Meggie entre as casas. Nariz Chato ia atrás delas, lerdo como um urso no qual alguém vestira um terno preto, e então finalmente os outros também se foram. Rindo, eles desapareceram nas ruas, alegres e ansiosos com o que a noite lhes reservava: morte, temperada com medo, e a chegada de um novo horror à aldeia maldita.

Apenas o vigia da casa de Capricórnio ainda estava lá. Emburrado, ele seguiu os outros com o olhar, pisou num maço de cigarros vazio e bateu com os punhos na parede. Só ele perderia a diversão. A sentinela lá em cima, na torre da igreja, pelo menos poderia assistir a tudo de longe…

Eles já contavam com a presença de um casaco-preto diante da casa. Farid explicara a Língua Encantada qual seria a melhor maneira de se livrar dele, e Língua Encantada concordara integralmente com o plano. Quando silenciaram os passos dos homens de Capricórnio, e só se ouvia o burburinho do estacionamento ao longe, eles saíram da sombra como se acabassem de chegar pela viela e foram andando, lado a lado, em direção ao guarda. Este olhou para os dois desconfiado, afastou-se da parede onde estava encostado e sacou a espingarda que estava em seu ombro. Aquela espingarda era uma visão inquietante. Involuntariamente, Farid passou a mão na testa,

mas pelo menos o vigia não era um dos homens que poderiam reconhecê-lo de imediato: nem o perna de pau, nem Basta, nem outro dos sanguinários cães particulares de Capricórnio.

— Ei, você precisa nos ajudar! — exclamou Língua Encantada, sem dar atenção à espingarda. — Os idiotas se esqueceram da poltrona de Capricórnio. Temos que levar lá para baixo.

O guarda continuou com a espingarda apontada.

— Ah, é? Mais essa agora. Aquele trambolho é de moer o esqueleto, de tão pesado. De onde vocês são? — ele olhou para o rosto de Língua Encantada como se tentasse se lembrar se já o vira alguma vez. A Farid ele não deu nenhuma atenção. — Vocês são do norte? Ouvi falar que lá vocês têm diversão à beça.

— Temos mesmo. — Língua Encantada chegou tão perto do guarda que ele deu um passo para trás. — Agora venha, você sabe que Capricórnio não gosta nem um pouco de esperar.

O guarda assentiu, ainda mais emburrado.

— Está bem, está bem — ele resmungou enquanto olhava para a igreja. — Não faz nenhum sentido montar guarda aqui. O que eles estão achando? Que o cuspidor de fogo vai entrar aqui para roubar o ouro? Ele sempre foi um covarde, e já deu no pé há muito tempo…

Língua Encantada bateu com a coronha da espingarda em sua cabeça enquanto ele ainda olhava para a igreja, e arrastou-o para trás da casa de Capricórnio, onde a noite estava escura como breu.

— Você ouviu o que ele disse? — Farid enrolou uma corda nas pernas do homem inconsciente. Amarrar coisas era algo que ele fazia melhor do que Língua Encantada. — Dedo Empoeirado fugiu! O guarda só podia estar falando dele! Disse que ele deu no pé.

— Sim, eu ouvi! E estou tão contente quanto você, mas a minha filha ainda está aqui.

Língua Encantada pôs a mochila em seus braços e olhou ao redor. A praça continuava silenciosa e abandonada, como se não houvesse outras pessoas além deles na aldeia de Capricórnio. Da sentinela na torre da igreja não se ouvia nada,

provavelmente naquela noite ela também estava olhando para o campo de futebol iluminado.

Farid tirou duas tochas e a garrafa com querosene da mochila de Dedo Empoeirado. "Dedo Empoeirado, o cuspidor de fogo, conseguiu escapar!", ele pensou. "Ele escapou!" O menino quase riu alto.

Língua Encantada correu de volta para a casa de Capricórnio, espiou em algumas janelas e finalmente arrombou uma delas. Depois tirou o casaco e o pressionou contra o vidro para abafar o ruído. Do estacionamento, subia o som da música e de risadas.

— Os fósforos! Não estou achando!

Farid remexeu em vão nas coisas de Dedo Empoeirado, até que Língua Encantada tirou a mochila de sua mão.

— Me dê aqui! — ele sussurrou. — Prepare as tochas.

Farid obedeceu. Cuidadosamente, embebeu o algodão com o líquido de odor acre. "Dedo Empoeirado voltará para buscar Gwin", ele pensou, "e então me levará com ele." De uma das ruas vinham vozes, vozes de homens. Por alguns instantes terríveis, pareceu que se aproximavam, mas então elas sumiram novamente, engolidas pela música que vinha do estacionamento e enchia a noite como um perfume ruim.

Língua Encantada ainda procurava os fósforos.

— Droga — ele xingou baixinho, e tirou a mão da mochila.

Seu polegar estava sujo de cocô de marta. Ele o limpou no muro mais próximo, pôs a mão mais uma vez na mochila e jogou uma caixa de fósforos para Farid. Então ele tirou mais uma coisa: o pequeno livro que Dedo Empoeirado guardava num bolso interno e que Farid havia folheado várias vezes. Havia fotos coladas, recortes de figuras de fadas, de bruxas, duendes, ninfas e árvores antiquíssimas… Língua Encantada olhava para elas enquanto Farid embebia a segunda tocha. Então ele viu a foto, a foto da criada de Capricórnio que tentara ajudar Dedo Empoeirado e que deveria morrer naquela noite por causa disso. Será que ela também fugira? Língua Encantada olhava para a foto como se não houvesse mais nada no mundo.

— O que foi? — Farid encostou o fósforo na tocha encharcada. A chama lambeu o ar, faminta e sibilante. Como era bonita! Farid molhou os dedos com a língua e passou a mão por ela. — Aqui! Tome!

Ele estendeu a tocha para Língua Encantada, era melhor que ele a jogasse pela janela, afinal ele era mais alto. Mas Língua Encantada estava olhando para a foto, totalmente absorto.

— Esta é a mulher que ajudou Dedo Empoeirado — disse Farid. — A que eles prenderam também! Acho que ele está apaixonado por ela. Aqui.

Mais uma vez, ele estendeu a tocha flamejante para Língua Encantada.

— O que você está esperando?

Língua Encantada olhou para ele como se tivesse acordado de um sonho.

— Sei, sei, apaixonado — ele murmurou enquanto pegava a tocha de sua mão.

Então ele pôs a foto no bolso da camisa, olhou mais uma vez para a praça vazia e jogou a tocha dentro da casa de Capricórnio pela vidraça quebrada.

— Erga-me, quero ver como queima!

Língua Encantada atendeu ao seu desejo. O aposento parecia ser uma espécie de escritório, Farid viu papel, uma escrivaninha, uma foto de Capricórnio na parede. Alguém ali parecia saber escrever, apesar de tudo. A tocha ardeu no chão entre as folhas escritas, lambeu, crepitando alegremente, a mesa servida com abundância, subiu e então saltou mais longe, da mesa para as cortinas diante da janela. Ávida, ela devorou o tecido escuro. Todo o quarto se encheu de vermelho e amarelo. A fumaça saiu pelo vidro quebrado e mordeu os olhos de Farid.

— Tenho que ir! — Língua Encantada o pôs de volta bruscamente no chão.

A música se calara. De repente, o silêncio era fantasmagórico. Língua Encantada começou a correr em direção à viela que conduzia ao estacionamento.

Farid seguiu-o com o olhar. Ele ainda tinha mais uma tarefa. Esperou até que as chamas saíssem pela janela, então começou a gritar: — Fogo! Fogo na casa de Capricórnio!

Sua voz ecoou na praça vazia.

Com o coração aos pulos, ele correu para a esquina da grande casa e olhou para a torre da igreja. A sentinela se pusera de pé num salto. Farid acendeu a segunda tocha e lançou-a diante do portal da igreja. Um cheiro de fumaça se espalhou pelo ar. O guarda parou um instante, estupefato, virou-se, e então finalmente começou a tocar o

sino.

E Farid saiu correndo atrás de Língua Encantada.

55. Traição, tagarelice e estupidez

E então ele disse:

— Eu vou morrer, não há dúvida; não há nenhum meio de sair desta estreita prisão!

A história de Ali Babá e os quarenta ladrões

Elinor achou que estava de fato se comportando corajosamente. Embora ainda não soubesse direito o que aconteceria com ela — se sua sobrinha sabia de mais alguma coisa, não lhe dissera —, não havia dúvida de que não era nada de bom.

Teresa também não deu aos homens que foram buscá-la na cripta o gosto de ver suas lágrimas. Praguejar ou xingá-los, de qualquer forma, ela não podia mais. Sua voz se fora como um vestido aposentado. Felizmente ela tinha consigo dois pedaços de papel, sujos e amassados, pequenos demais para tantas palavras, acumuladas durante nove anos, mas era melhor do que nada. Ela os preenchera até as bordas com letrinhas minúsculas, sem que sobrasse espaço para uma única palavra. Sobre ela mesma e o que vivera ela não quis contar nada, apenas fez gestos impacientes de recusa quando Elinor lhe perguntou. Não, ela queria fazer perguntas, perguntas e mais perguntas, sobre sua filha e seu marido. E Elinor sussurrava as palavras em seu ouvido, bem baixinho, para que Basta não soubesse que as duas mulheres que iriam morrer com ele se conheciam desde que a mais jovem dera seus primeiros passos... entre as longas estantes de Elinor, que na época estavam recheadas de livros até não caber mais como se não houvesse outras pessoas além deles na aldeia de Capricórnio.

Basta não estava aguentando muito bem. Sempre que olhavam para ele, elas viam suas mãos agarradas às barras da grade, os nós dos dedos brancos sob a pele queimada de sol. Uma vez Elinor pensou tê-lo ouvido chorar, mas quando vieram buscá-lo na cela seu rosto estava tão inexpressivo como o de um defunto, e depois que o prenderam naquela jaula indescritível ele se encolheu num canto e ali ficou, imóvel como um boneco com o qual ninguém queria mais brincar.

A jaula tinha cheiro de cachorro e de carne crua, e de fato se parecia com um canil. Alguns dos homens de Capricórnio passavam o cano da espingarda nas grades cinzentas antes de se sentarem nos bancos a eles destinados. Basta, sobretudo, ouviu

tantos gracejos e injúrias que teriam sido demais até para dez homens. Apesar disso, ele não se mexeu uma única vez, e daí se via quão profundo era seu desespero.

Elinor e Teresa, apesar de tudo, mantinham distância dele dentro da jaula, tanto quanto era possível. Elas também ficaram afastadas das grades, e de todos os dedos que se enfiavam ali, das caretas que faziam para elas, dos cigarros acesos que jogavam em sua direção. Ficaram ali de pé, perto uma da outra, contentes de estar juntas e ao mesmo tempo tristes por isso.

Na beira da praça, logo ao lado da entrada, cuidadosamente separadas dos homens, estavam sentadas as mulheres que trabalhavam para Capricórnio. Ali nada se via da excitação alegre e ruidosa que reinava entre os homens. Eram quase todos rostos aflitos, e a cada instante um olhar se voltava para Teresa, cheio de medo e compaixão.

Capricórnio chegou quando os longos bancos já estavam lotados. Para os garotos não havia lugar, eles se agachavam no chão, na frente dos casacos-pretos. Com o rosto imóvel, Capricórnio passou por eles sem lhes dar atenção, como se fossem apenas um bando de corvos que haviam se reunido a mando seu. Só diante da jaula em que estavam seus prisioneiros ele afrouxou o passo, para medir cada um deles com um breve olhar de satisfação consigo mesmo. Basta viu toda a sua vida voltar numa fração de segundo quando seu velho senhor e mestre parou diante da grade; então ergueu a cabeça e olhou para Capricórnio, suplicante, como um cão que pede perdão ao seu dono, mas Capricórnio passou sem dizer uma palavra. Depois que o grande vilão se acomodou em sua poltrona de couro preta, Cockerell postou-se de pernas abertas atrás dele. Aparentemente, ele era o novo favorito.

— Pelo amor de Deus! Pare de olhar para ele desse jeito! — Elinor ralhou com Basta quando notou que seu olhar ainda estava fixo em Capricórnio. — Ele planeja servir você como uma mosca para um sapo, que tal manifestar um pouquinho de revolta? Afinal, você sempre teve uma dessas belas ameaças na ponta da língua: vou torcer o seu pescoço, vou picá-lo em pedacinhos… onde elas foram parar?

Mas Basta apenas baixou a cabeça novamente e ficou olhando para o chão entre suas botas. Ele pareceu a Elinor uma ostra da qual alguém sugara a carne e a vida.

Depois que Capricórnio tomou assento e silenciou a música que ecoara na praça o tempo todo, eles trouxeram Meggie. Haviam posto nela um vestido horroroso, mas ela mantinha a cabeça erguida, e a velha, que todos chamavam de gralha, estava tendo

trabalho para arrastá-la até o tablado que os casacos-pretos haviam montado no meio do campo de futebol. Em cima dele havia uma única cadeira, que parecia perdida ali, como se alguém a tivesse esquecido. Uma forca e uma corda teriam parecido mais adequadas a Elinor. Meggie olhou na direção da jaula deles quando a gralha a puxou pela escada de madeira.

— Olá, meu bem! — exclamou Elinor quando Meggie a viu, aterrorizada. — Não se preocupe, só estou aqui porque não queria perder a sua leitura!

Estava tudo tão quieto após a chegada de Capricórnio que a voz de Elinor ecoou por todo o campo. Ela soou animada e corajosa. Felizmente, ninguém podia ouvir como o seu coração martelava contra suas costelas. Ninguém notou que ela quase sufocava de medo, pois havia vestido sua couraça, sua couraça impenetrável, bastante útil, sob a qual sempre se escondera em tempos difíceis. A cada golpe da dor, ela se tornava um pouco mais dura, e dor não faltara na vida de Elinor.

Alguns dos casacos-pretos riram com suas palavras, e mesmo no rosto de Meggie esboçou-se um sorriso pálido. Elinor pôs o braço no ombro de Teresa e a estreitou junto de si.

— Veja a sua filha! — ela sussurrou para Teresa. — Valente como… como…

Ela queria comparar Meggie a alguma heroína de livro, mas só lhe ocorriam homens, e além disso nenhum deles lhe parecia valente o bastante para se comparar com a menina que estava ali tão aprumada, olhando para os casacos-pretos de Capricórnio de queixo erguido, cheia de orgulho.

A gralha não trouxera apenas Meggie, mas também um homem velho. Elinor supunha que fosse o causador de toda aquela encrenca: Fenoglio, o inventor de Capricórnio, de Basta e de todos os outros monstros, inclusive a criatura que deveria tirar-lhes a vida naquela noite. Elinor sempre dera mais valor aos livros do que aos escritores, e olhou para o velho sem muita benevolência quando Nariz Chato passou com ele pela jaula. Havia uma cadeira destinada a ele, a apenas alguns passos da poltrona de Capricórnio. Elinor se perguntou se isso queria dizer que Capricórnio havia ganhado um novo amigo, mas, quando Nariz Chato se postou atrás do velho com uma cara enfezada, ela concluiu que na verdade se tratava de mais um prisioneiro.

Capricórnio ergueu-se assim que o senhor se sentou. Sem dizer uma palavra, ele correu os olhos pela longa fileira de seus homens, lentamente, como se evocasse na memória que serviço cada um havia prestado para ele, e também o que havia feito de

errado. O silêncio que se espalhou cheirava a medo. Todas as risadas sumiram, não se ouvia um só sussurro.

— A maioria de vocês — começou Capricórnio com a voz elevada — não precisa de explicações sobre a razão pela qual serão punidos os três prisioneiros que estão vendo ali! Para os demais, é suficiente que eu diga que se trata de traição, tagarelice e estupidez. Certamente é discutível se a estupidez é um crime que merece a morte. Eu penso que sim, pois ela pode ter as mesmas consequências que a traição.

Com essa última frase, fez-se um alvoroço nos bancos. De início Elinor pensou que ele havia sido provocado pelas palavras de Capricórnio, mas então ela ouviu os sinos. Até Basta ergueu a cabeça quando seu repicar ecoou pela noite. A um sinal de Capricórnio, Nariz Chato reuniu cinco homens com um aceno de cabeça e, escoltado por eles, retirou-se com passos pesados. Os que ficaram começaram a cochichar, inquietos, alguns até mesmo se ergueram para olhar na direção da aldeia. Capricórnio, porém, ergueu a mão para dar um fim ao burburinho.

— Não é nada — ele exclamou, com voz tão alta e cortante que de repente todos fizeram silêncio novamente. — Um incêndio, nada mais. E de incêndios afinal de contas nós entendemos bastante, não é mesmo?

Uma risada irrompeu na plateia, mas alguns espectadores, mulheres e homens, ainda olhavam preocupados para as casas.

Eles haviam conseguido, portanto. Elinor mordeu os lábios com tanta força que começaram a doer. Mortimer e o garoto haviam posto fogo na casa. Ainda não se via a fumaça sobre os telhados, e logo todos os rostos se voltaram tranquilizados novamente para Capricórnio, que começava a contar algo sobre traição e falsidade, sobre disciplina e os perigos da displicência. Mas Elinor o escutava apenas com um ouvido. A todo instante ela olhava para as casas, mesmo sabendo que isso não era inteligente da sua parte.

— Já falei demais sobre os prisioneiros que aqui estão! — exclamou Capricórnio. — Passemos àqueles que escaparam.

Cockerell ergueu um saco que estava atrás da poltrona de Capricórnio e o entregou para ele. Capricórnio pôs a mão dentro dele com um sorriso e ergueu algo: um pedaço de tecido, de uma camisa ou um vestido, rasgado e coberto de sangue.

— Eles estão mortos! — exclamou Capricórnio para a plateia. — É claro que eu

preferiria vê-los aqui, mas infelizmente não foi possível deixar de atirar neles quando tentavam fugir. Bem, ninguém vai sentir falta do traidor que cuspia fogo, e que quase todos vocês conheceram, e Língua Encantada por sorte deixou uma filha, que herdou o seu talento.

Teresa se virou para Elinor, os olhos vidrados de medo.

— Ele está mentindo! — sussurrou Elinor, embora ela também não conseguisse desgrudar o olho do pano ensanguentado. — Está usando as minhas mentiras! Isso não é sangue, é tinta, algum tipo de tinta…

Mas ela viu que Teresa não acreditava nela. Acreditava no trapo ensanguentado, assim como sua filha. Elinor viu isso no rosto de Meggie e teve vontade de gritar que Capricórnio estava mentindo, mas queria que ele continuasse acreditando que todos estavam mortos e que ninguém viria estragar a sua festa.

— Sim, pode se gabar de um trapo sujo de sangue, seu incendiário miserável! — ela gritou pela grade. — Disso você realmente pode se orgulhar. Para que você precisa de mais um monstro? Vocês são todos monstros! Todos os que estão sentados aí! Assassinos de livros, sequestradores de crianças!

Ninguém lhe deu atenção. Alguns dos casacos-pretos riram. Teresa aproximou-se da grade, agarrou com os dedos o arame fino e olhou para Meggie.

Capricórnio deixou o pano ensanguentado cair no braço da sua poltrona. "Eu conheço esse trapo!", pensou Elinor cheia de orgulho. "Já o vi em algum lugar. Eles não estão mortos. Quem mais teria ateado o fogo? O devorador de fósforos!", algo sussurrou dentro dela, mas ela não quis ouvir. Não, a história tinha que ter um final feliz. Tinha que ter! Ela nunca gostara de histórias que não terminavam bem.

56. Sombra

Meu céu é latão Minha terra ferro Minha lua um bolo de barro Pestilência o meu sol Ardendo ao meio-dia E um vapor de morte À noite William Blake, *Segunda lamentação de Enion*

Muitas vezes, consta nos livros que o ódio é quente, mas na festa de Capricórnio Meggie aprendeu que ele é frio, uma mão gelada que enrijece o coração e o pressiona contra as costelas como um punho fechado. O ódio a fez sentir frio, apesar do ar tépido que a acariciava como se quisesse fazê-la acreditar que o mundo ainda era bom e são, apesar do pano ensanguentado sobre o qual Capricórnio repousava sorridente sua mão cheia de anéis.

— Bem, era isso! — ele exclamou. — Agora vamos ao que nos trouxe aqui efetivamente. Esta noite não queremos apenas punir alguns traidores, mas também festejar a ocasião com o reencontro de um velho amigo. Alguns de vocês certamente ainda se lembram dele, e os outros, eu prometo, jamais o esquecerão depois deste encontro.

Cockerell contraiu o rosto magro num sorriso sem graça. Ele não parecia estar muito alegre com esse reencontro, e com as palavras de Capricórnio o medo se estampou também em outros rostos.

— Bem, chega de conversa. Agora ouviremos uma leitura.

Capricórnio recostou-se em sua poltrona e fez um sinal para a gralha.

Mortola bateu palmas e Darius atravessou a praça apressado, trazendo o estojo que Meggie vira pela última vez no quarto da gralha. Ele parecia saber o que havia dentro. Seu rosto estava mais magro do que de costume quando ele abriu o estojo e o entregou para a gralha baixando a cabeça num gesto servil. As cobras deviam estar dormindo, pois dessa vez Mortola não calçou a luva para pegá-las. Ela até mesmo as pendurou no ombro enquanto tirava o livro do estojo. Depois ela pôs as cobras de volta, cuidadosamente, como se fossem joias preciosas, fechou a tampa e devolveu o estojo para Darius, que ficou parado com um ar de constrangimento. Meggie viu o olhar de piedade do antigo leitor de Capricórnio quando a gralha a levou para a cadeira e pôs o livro em seu colo.

Ali estava ele novamente, em seu traje de papel colorido, o causador daquela calamidade. Que cor ele teria por baixo? Meggie levantou a sobrecapa e viu um tecido vermelho-escuro, vermelho como as chamas que envolviam o coração negro. Tudo o que havia acontecido começara entre as páginas daquele livro, e agora a salvação só podia vir de seu autor. Meggie passou a mão na capa, como sempre fazia antes de abrir um livro. Ela copiara esse gesto de Mo. Desde que se entendia por gente, ela se lembrava deste movimento: como ele pegava um livro, passava a mão pela capa quase carinhosamente e então o abria, como se fosse uma caixa repleta de preciosidades nunca antes vistas. Naturalmente, as maravilhas que ele esperava encontrar muitas vezes não estavam atrás da capa, então ele fechava o livro de novo, desapontado com as promessas não cumpridas. Mas *Coração de tinta* não era desse tipo. Histórias ruins não despertavam para a vida. Nelas nunca havia um Dedo Empoeirado, nem mesmo um Basta.

— Tenho uma coisa a lhe comunicar! — o vestido da gralha tinha cheiro de lavanda. O perfume envolveu Meggie como uma ameaça. — Se você não fizer direito a sua tarefa, caso passe pela sua cabecinha a ideia de errar de propósito ou de torcer as palavras para que o convidado de Capricórnio não venha, então Cockerell — Mortola estava tão perto que Meggie sentiu seu hálito — vai cortar o pescoço do velho ali. Talvez Capricórnio não ordene que ele faça isso, pois acredita nas mentiras estúpidas do velho, mas eu não acredito e Cockerell fará o que eu mandar. Você me entendeu, anjinho?

Ela beliscou a bochecha de Meggie com seus dedos magros. Meggie empurrou a mão de Mortola e olhou para Cockerell. Ele estava atrás de Fenoglio, sorrindo para ela, e passou o dedo no pescoço do escritor num gesto de ameaça.

Fenoglio o empurrou e lançou para Meggie um olhar que deveria dizer tudo de uma vez só: incentivo e consolo, e uma risada muda perante todos os horrores que os cercavam. O êxito do plano dependeria dele, apenas dele e de suas palavras.

Meggie sentiu o papel em sua manga, ele pinicava a pele. Suas mãos lhe pareceram as mãos de uma outra pessoa quando ela começou a folhear o livro. O trecho onde deveria começar a leitura não estava mais marcado pelo canto dobrado da página. Entre as páginas havia um marcador, preto como carvão. “Tire o cabelo da testa!”, dissera Fenoglio. “Será o sinal para mim.” Mas justamente quando ela ia erguer a mão esquerda, começou um novo tumulto nos bancos.

Nariz Chato voltara, com o rosto coberto de fuligem. Ele correu até Capricórnio e disse algo em seu ouvido. Capricórnio franziu a testa e ergueu o olhar na direção das casas. Meggie viu duas colunas de fumaça, ao lado da torre da igreja. Pálidas, elas subiam bem alto no céu.

Mais uma vez, Capricórnio ergueu-se da poltrona. Ele tentou falar de modo sereno e irônico, como um homem que se divertia com uma traquinagem infantil, mas seu rosto dizia outra coisa.

— Sinto muito ter que estragar um pouco a festa para alguns de vocês, mas esta noite o galo vermelho também está cantando entre nós. É só um franguinho, mas teremos que torcer o pescoço dele assim mesmo. Nariz Chato, pegue dez homens.

Nariz Chato obedeceu e saiu dali com seus novos ajudantes. Agora os bancos estavam visivelmente mais vazios.

— Não deem as caras por aqui antes de tere encontrado o incendiário! — exclamou Capricórnio atrás deles. — Vamos ensinar para ele, aqui e ainda esta noite, o que significa pôr fogo na casa do Diabo.

Alguém riu. Mas quase todos os que haviam ficado olhavam inquietos na direção da aldeia. Algumas das criadas até mesmo haviam se levantado, porém a gralha chamou uma a uma pelo nome com sua voz cortante e elas logo se sentaram entre as outras, como estudantes que levaram palmadas nas mãos. Apesar disso, a inquietação permaneceu. Poucos olhavam para Meggie, quase todos estavam de costas para ela, apontando para a fumaça e cochichando. Da torre da igreja subia um clarão avermelhado, e sobre os telhados erguia-se a fumaça cinzenta.

— O que é isso? O que tanto olham para um pouco de fumaça? — Agora a irritação na voz de Capricórnio era evidente. — Um pouco de fumaça, algumas chamas. E daí? Por acaso vamos deixar que isso estrague a festa? O fogo é o nosso melhor amigo, esqueceram?

Meggie viu os rostos se voltarem hesitantes para ele novamente. E então ela ouviu um nome. Dedo Empoeirado. Uma voz de mulher o havia pronunciado.

— O que é isso? — a voz de Capricórnio soou tão cortante que Darius quase deixou cair da mão o estojo com as cobras. — Não existe mais nenhum Dedo Empoeirado. Ele está deitado nas colinas, com a boca cheia de terra e a marta no peito. Não quero mais ouvir o nome dele. Ele está esquecido, como se nunca houvesse

existido…

— Não é verdade — a voz de Meggie ecoou tão alto na praça que ela própria se assustou. Ela ergueu o livro. — Ele está aqui. Não importa o que vocês façam com ele. Todos os que lerem esta história poderão vê-lo, até mesmo ouvir a sua voz, e também poderão vê-lo rir e cuspir fogo.

O campo de futebol ficou em silêncio, em silêncio completo. Apenas alguns pés raspavam inquietos o saibro, quando de repente Meggie ouviu algo atrás de si. Era um tiquetaque, como o de um relógio, mas que ao mesmo tempo soava diferente, como a língua de uma pessoa imitando o tiquetaque: tique, taque, tique, taque, tique, taque. O som vinha dos automóveis que estavam estacionados atrás do alambrado e iluminavam a praça com a luz de seus faróis. Meggie não pôde evitar, olhou em volta, apesar da gralha e de todos os olhares desconfiados que se voltavam para ela. Se achou tão insensata que merecia umas palmadas. E agora, se os outros também vissem a figura, a figura pequena que se erguera entre os automóveis e se agachara depressa novamente. Mas ninguém pareceu ter notado, nem o olhar dela nem o tiquetaque.

— Foi um belo discurso! — disse Capricórnio lentamente. — Mas você não está aqui para fazer discursos fúnebres para traidores mortos. Você está aqui para ler. E não vou repetir isso!

Meggie se obrigou a olhar para ele. Só para não olhar para os automóveis. E se realmente fosse Farid? E se o tiquetaque não fosse imaginação dela?…

A gralha olhou desconfiada ao redor. Talvez ela também tivesse ouvido o tiquetaque, baixinho e inocente, nada mais do que uma língua que alguém batia contra os dentes. Mas o que significava aquilo? A não ser que alguém ali conhecesse a história do Capitão Gancho e de seu medo do crocodilo com o relógio na barriga… A gralha com certeza não conhecia. Mas Mo sabia que Meggie entenderia o seu sinal. Quantas vezes ele não a despertara com o tiquetaque, bem pertinho de seu ouvido, tão pertinho que fazia cócegas? "Café da manhã, Meggie!", ele sussurrava. "O crocodilo chegou!"

Sim, Mo sabia que ela reconheceria o tiquetaque que Peter Pan imitara para se aproximar do barco do Capitão Gancho e salvar Wendy. Foi um ótimo sinal.

"Wendy!", pensou Meggie. Como é que continuava a história? Por um momento ela quase esqueceu onde estava, mas a gralha a fez lembrar. Bateu em sua cabeça com a palma da mão.

— Comece de uma vez, sua bruxinha! — ela disse entre os dentes.

E Meggie obedeceu.

Ela retirou depressa o marcador preto de cima das letras. Tinha que se apressar, tinha que ler antes que Mo fizesse alguma besteira. Afinal, ele não sabia o que ela e Fenoglio planejavam.

— Agora vou começar, e não quero que ninguém me atrapalhe! — ela gritou. — Ninguém! Entenderam?

"Por favor!", ela pensou, "Por favor, não tente fazer nada!"

Alguns dos homens de Capricórnio que ainda estavam ali riram, mas este encostou-se e cruzou os braços com grande expectativa.

— Sim, gravem bem o que a menina falou! — ele exclamou. — Quem perturbar será servido para Sombra como aperitivo de boas-vindas!

Meggie enfiou dois dedos na manga do vestido. Ali estavam elas, as palavras de Fenoglio. Ela olhou para a gralha.

— *Ela* está me atrapalhando! — ela disse em voz alta. — Não consigo ler se ela ficar atrás de mim.

Capricórnio fez um sinal impaciente para a gralha. Mortola fez uma careta, como se ele tivesse lhe ordenado que comesse sabão, mas deu um passo para trás, dois, três passos hesitantes. Devia bastar.

Meggie ergueu a mão e tirou o cabelo da testa.

O sinal de Fenoglio.

Imediatamente, ele deu início à sua representação.

— Não! Não! Não! Ela não vai ler — ele exclamou, dando um passo em direção a Capricórnio, antes que Cockerell pudesse detê-lo. — Não posso admitir uma coisa dessas! Sou o inventor dessa história, e não a escrevi para que fosse usada para matar e assassinar!

Cockerell tentou tapar a boca de Fenoglio com a mão, mas ele mordeu seus dedos e esquivou-se com uma destreza que Meggie jamais esperaria do velho escritor.

— Eu o criei! — ele bradou enquanto Cockerell o perseguia ao redor da poltrona

de Capricórnio. — E me arrependo! Oh, criatura torpe com cheiro de enxofre!

Então ele correu para a praça. Antes de chegar à jaula com os prisioneiros, Cockerell o alcançou. Para se vingar da zombaria vinda dos bancos que a cena lhe rendeu, ele girou com tanta força o braço de Fenoglio que o velho deu um grito de dor. Mas ele parecia satisfeito quando Cockerell o arrastou de volta para o lado de Capricórnio, muito satisfeito, pois sabia que tinha dado tempo suficiente a Meggie. Eles haviam treinado bastante. Seus dedos tremeram quando ela puxou a folha de dentro da manga, mas ninguém percebeu que ela a enfiou entre as páginas do livro. Nem mesmo a gralha.

— Mas que velho mais fanfarrão! — exclamou Capricórnio. — Por acaso eu tenho cara de quem foi inventado por alguém como ele?

Mais uma vez, irromperam as gargalhadas. A fumaça sobre a aldeia parecia ter sido esquecida. Cockerell tapou a boca de Fenoglio com a mão.

— Mais uma vez, e espero que seja realmente a última! — gritou Capricórnio para Meggie. — Comece! Os prisioneiros já esperaram demais por seu carrasco.

Mais uma vez o silêncio se espalhou, mais uma vez ele cheirava a medo.

Meggie curvou-se sobre o livro em seu colo.

As letras pareciam dançar nas páginas.

"Venha!", pensou Meggie. "Venha e nos salve. A todos nós: Elinor e minha mãe, Mo e Farid. Salve Dedo Empoeirado se ele ainda estiver aqui e, por mim, salve até mesmo Basta."

Ela sentia sua língua como um animalzinho que havia se refugiado em sua boca e agora batia com a cabeça em seus dentes.

— *"Capricórnio tinha muitos homens*", ela começou. *"E todos eles eram temidos nos vilarejos vizinhos. Eles fediam a fumaça fria, a enxofre e a tudo que cheirava a fogo. Quando um deles aparecia nos campos ou nas ruas, todos trancavam as portas e escondiam suas crianças. 'Mãos-de-fogo' era como as pessoas os chamavam, cães sanguinários. Os homens de Capricórnio tinham muitos nomes. Eram temidos durante o dia, e à noite entravam nos sonhos das pessoas para assustá-las. Mas havia alguém que era mais temido do que todos os outros homens de Capricórnio."* — Meggie tinha a impressão de que sua voz crescia a cada palavra. Ela parecia estar por toda parte. — *"Eles o chamavam de Sombra."*

Mais duas linhas, então virar a página. As palavras de Fenoglio esperavam ali. "Dê só uma olhada, Meggie!", ele sussurrara ao lhe mostrar a folha. "Não sou um artista? Existe algo mais belo neste mundo do que as letras? Sinais mágicos, vozes dos mortos, peças de mundos maravilhosos, melhores do que este. Elas consolam e espantam a solidão. São guardiãs de segredos, arautos da verdade…"

"Saboreie cada palavra, Meggie", a voz de Mo sussurrava dentro dela. "Deixe-as derreter na boca. Está saboreando as cores? O vento e a noite? O medo e alegria? E o amor. Saboreie, Meggie, e tudo despertará para a vida."

— "*Eles o chamavam de Sombra. Ele aparecia apenas quando Capricórnio o evocava*" — ela leu. Como o *s* sibilara, e que escuro saíra o *o*! — "*Ora ele era vermelho como o fogo, ora da cor das cinzas em que transformava tudo o que devorava. Como as chamas de uma fogueira, ele se erguia da terra em labaredas. Seus dedos, e até mesmo o seu hálito, traziam a morte. Ele se erguia dos pés do senhor dele, furtivo e sem rosto como um cão farejador, esperando que sua vítima fosse apontada. Dizia-se que Capricórnio mandara que um duende (ou um dos anões que entendiam de tudo o que o fogo e a fumaça são capazes de produzir) criasse Sombra a partir das cinzas de suas vítimas. Ninguém sabia ao certo, pois dizia-se que Capricórnio mandara matar aquele que havia dado vida a Sombra. Apenas uma coisa se sabia: que ele era imortal e invulnerável, e cruel como seu senhor*."

A voz de Meggie sumiu como se o vento a tivesse apagado dos lábios.

Algo se ergueu do cascalho que cobria a praça, cresceu nas alturas, estendeu seus membros cinzentos. A noite recendia a enxofre. O cheiro ardia tanto nos olhos de Meggie que todas as letras ficaram embaçadas, mas ela tinha que continuar a ler, enquanto a medonha criatura crescia, cada vez mais para o alto, como se quisesse tocar o céu com seus dedos de enxofre.

"*Uma noite, porém, uma noite tépida e estrelada, quando Sombra apareceu, ele não ouviu a voz de Capricórnio, e sim a voz de uma menina. Quando ela pronunciou seu nome, ele se lembrou de todas aquelas pessoas de cujas cinzas era formado, de toda a dor e toda a tristeza…*"

A gralha apareceu atrás dos ombros de Meggie.

— O que é isso? O que você está lendo?

Mas Meggie levantou-se e esquivou-se antes que ela pudesse lhe arrancar a folha.

— "*Ele se lembrou*" — ela continuou a ler com voz bem alta — "*e resolveu se vingar, se vingar de todos os que eram a causa daquela infelicidade, dos que haviam assombrado o mundo*

com sua crueldade."

— Faça ela parar!

Era a voz de Capricórnio? Meggie quase tropeçou na borda do tablado ao tentar se esquivar da gralha. Darius estava ali, com o estojo na mão, como que embasbacado. E de repente, devagar como se tivesse todo o tempo do mundo, ele pôs o estojo no chão e agarrou a gralha por trás com seus braços finos. E não a largou, por mais que ela xingasse e se debatesse. E Meggie continuou a ler, com o olhar voltado para Sombra, que estava diante dela e a encarava do alto. Ele realmente não tinha rosto, mas tinha olhos, olhos terríveis, vermelhos como o brilho que ardia entre as casas, como as brasas de um fogo oculto.

— Tirem o livro dela! — gritou Capricórnio. Ele estava de pé diante de sua poltrona, como se estivesse com medo de que as próprias pernas se recusassem a obedecer-lhe se ele desse um só passo em direção a Sombra. — Tirem o livro dela!

Mas nenhum dos seus homens se mexeu, nenhum dos jovens, nenhuma das mulheres tentou ajudá-lo. Todos olhavam apenas para Sombra, que estava ali imóvel e escutava a voz de Meggie como se ela lhe contasse uma história esquecida havia muito tempo.

— "*Sim, ele queria se vingar*" — Meggie continuou a ler. Se pelo menos sua voz não tremesse tanto, mas não era fácil matar, mesmo que alguém fizesse isso por ela. — "*E assim Sombra foi até o seu senhor e estendeu sua mão cinzenta*..."

Como se movia com silêncio a figura assustadora e gigantesca!

Meggie olhou para a próxima frase de Fenoglio: "*E Capricórnio caiu de bruços e seu coração negro parou de bater*...".

Ela não conseguia dizer, não conseguia.

Tudo tinha sido em vão.

Então de repente havia alguém atrás dela, ela absolutamente não notara quando ele subira no tablado. O garoto que estava com ele carregava uma espingarda, que apontava para o banco de forma ameaçadora, mas ninguém se mexeu. Ninguém mexeu um só dedo para salvar Capricórnio. E Mo tirou o livro da mão de Meggie, correu os olhos pelas linhas que Fenoglio havia acrescentado e, com voz firme, leu até o fim o que o velho homem escrevera.

— "*E Capricórnio caiu de bruços e seu coração negro parou de bater, e todos que haviam incendiado e assassinado a seu serviço desapareceram, como cinzas levadas pelo vento*."

57. Apenas uma aldeia abandonada

Nos livros encontro os mortos como se estivessem vivos, nos livros vejo o que está por vir. Tudo se deteriora e desaparece com o tempo, toda a glória cairia no esquecimento se Deus não tivesse dado aos mortais o recurso dos livros.

Richard de Bury, *citado por Alberto Manguel*

Assim morreu Capricórnio, exatamente como Fenoglio descrevera. Cockerell desapareceu no mesmo instante em que seu senhor caiu no chão, e com ele mais da metade dos homens que estavam nos bancos. Os demais fugiram, todos saíram correndo, os garotos e as mulheres também. Ao seu encontro, vinham os homens que Capricórnio enviara para apagar o fogo e os que deveriam procurar o incendiário. Seus rostos estavam sujos de fuligem e cheios de horror, não por causa das chamas na casa de Capricórnio… eles já as haviam apagado. Não. Nariz Chato havia se dissolvido no ar diante de seus olhos, e com ele ainda outros. Eles haviam sumido como se tivessem sido engolidos pela escuridão, como se nunca tivessem existido, e talvez fosse isso mesmo. O homem que os havia criado também os havia destruído, apagado como erros num desenho, manchas no papel branco. Eles haviam desaparecido, e os outros, que não eram fruto das palavras de Fenoglio, correram de volta para relatar a Capricórnio o terrível fenômeno. Mas Capricórnio estava deitado de bruços, com seu terno vermelho sobre o cascalho, e nunca mais alguém lhe contaria nada sobre fogo e fumaça, sobre medo e morte. Nunca mais.

Apenas Sombra estava ali, tão grande que os homens que haviam corrido para o estacionamento puderam vê-lo de longe, cinzento diante do céu negro da noite, com olhos feito duas estrelas incandescentes, e esqueceram o que tinham para contar. Todos dispararam em direção aos automóveis estacionados, tudo o que queriam era ir embora, para bem longe, antes que o ser que havia sido convocado como um cão devorasse todos eles.

Meggie só voltou a si quando todos haviam ido embora. Ela enfiara a cabeça debaixo do braço de Mo, como sempre fazia quando não queria mais ver o mundo. Mo havia posto o livro debaixo do casaco, que de fato o fazia parecer um dos homens de Capricórnio, e a segurara enquanto tudo ao seu redor corria e gritava. Apenas Sombra estava ali, em silêncio completo, como se matar seu senhor tivesse exaurido

suas forças.

— Farid — Meggie ouviu Mo dizer em algum momento. — Você pode abrir a jaula ali?

Só então ela tirou a cabeça de sob o braço de Mo e viu que a gralha ainda estava ali. Por que ela não desaparecera? Darius ainda a segurava, como se tivesse medo do que aconteceria se a soltasse. Mas ela não chutava nem se debatia mais. Olhava para Capricórnio, e as lágrimas escorriam pelo seu rosto anguloso e pelo seu queixo fino e pingavam como chuva em seu vestido.

Farid pulou do tablado, ágil como Gwin, e correu para a jaula sem tirar os olhos de Sombra. Mas ele não se mexia mais, estava apenas ali, como se nunca mais fosse se mexer.

— Meggie — sussurrou Mo em seu ouvido. — Vamos até os prisioneiros, está bem? A pobre Elinor parece meio abalada, e além disso eu gostaria de lhe apresentar alguém.

Farid ainda não havia conseguido abrir a jaula, e as duas mulheres olhavam para ele.

— Não precisa me apresentar — disse Meggie, apertando sua mão. — Eu sei quem ela é. Eu já sei faz tempo, e gostaria tanto de ter lhe contado, mas você não estava aqui. Agora temos que ler mais uma coisa. As últimas frases.

Ela tirou o livro do casaco de Mo, e folheou até encontrar a página escrita com a letra de Fenoglio.

— Ele escreveu no verso, não cabia mais. Ele não consegue escrever com letra miúda.

Fenoglio.

Ela deixou cair a folha e olhou ao redor à procura dele, mas não conseguiu descobri-lo em nenhum lugar. Será que os homens de Capricórnio o haviam levado ou…

— Mo, ele não está aqui! — ela disse, atônita.

— Já irei procurá-lo — Mo a tranquilizou. — Mas agora leia, depressa! Ou prefere que eu leia?

— Não!

Sombra começou a se mexer novamente e deu um passo em direção ao corpo de Capricórnio, cambaleou para trás e virou-se, pesado como um urso dançarino. Meggie pensou ter ouvido um gemido. Farid agachou-se ao lado da jaula, quando os olhos vermelhos se voltaram em sua direção. Também a mãe de Meggie e Elinor recuaram. Meggie, porém, começou a ler. Com voz firme: — "*Sombra estava ali, e as lembranças lhe doíam tanto que quase o dilaceravam. Ele os ouvia em sua cabeça, todos os gritos e gemidos, e pensou ter sentido lágrimas em sua pele cinzenta. Seu medo queimava como fumaça em seus olhos. E então, de forma totalmente repentina, ele teve uma sensação diferente. Ela o fez cair ao chão, obrigou-o a se ajoelhar, e toda a sua tétrica figura desintegrou-se. De repente todos estavam ali novamente, todos de cujas cinzas ele fora criado: mulheres e homens, crianças, cães, gatos, duendes, fadas e muitos outros*."

Meggie viu a praça vazia se encher, cada vez mais. Eles se apinhavam no lugar onde Sombra havia caído, olhavam ao seu redor como dorminhocos que tivessem acordado de um longo sono, e então Meggie leu a última frase de Fenoglio. "*Eles acordaram como que de um sonho ruim, e finalmente tudo ficou bem*."

— Ele não está aqui! — disse Meggie, quando Mo tirou a folha de Fenoglio de sua mão e a pôs de volta dentro do livro. — Ele se foi, Mo! Ele está no livro. Eu sei.

Mo examinou o livro e o pôs de volta debaixo do casaco.

— Acho que você tem razão — ele disse. — Mas, se for assim, não podemos mudar isso por enquanto.

Então ele puxou Meggie para perto de si, os dois desceram do tablado e passaram por todas as pessoas e seres estranhos que se aglomeravam na praça de Capricórnio, como se sempre tivessem estado ali. Darius os seguiu, ele havia finalmente soltado a gralha, que estava de pé ao lado da cadeira na qual Meggie se sentara, com a mão nodosa no encosto, e chorava em silêncio, com o rosto imóvel como se consistisse apenas em lágrimas.

Uma fada minúscula, de pele azul, voou até os cabelos de Meggie e se desculpou com mil palavras, enquanto ela andava com Mo em direção à jaula onde estavam Elinor e sua mãe. Um sujeito cabeludo, parecendo meio gente, meio bicho, tropeçou nos pés de Meggie, e ela quase pisou num homenzinho muito pequeno que parecia ser todo feito de vidro. A aldeia de Capricórnio recebera alguns estranhos novos moradores.

Farid ainda tentava abrir a fechadura quando eles chegaram. Irritado, ele enfiava alguma coisa nela sem parar de resmungar. Dedo Empoeirado lhe mostrara direitinho como se fazia, mas aquela era uma fechadura muito especial.

— Pois é, que maravilha! — disse Elinor com ironia, encostando o rosto na grade diante deles. — Infelizmente, como esse Sombra não nos comeu no jantar, teremos que morrer de fome nesta jaula. O que você me diz da sua filha, Mo? Não é uma garota muito corajosa? Eu não teria conseguido dizer uma palavra, nem uma única palavra. Meu Deus, o meu coração quase parou quando aquela velha quis tirar o livro dela.

Mo pôs a mão no ombro de Meggie e sorriu, mas olhou para outra pessoa. Nove anos são um tempo longo, muito longo.

— Consegui! Consegui! — exclamou Farid, empurrando a porta da jaula.

Mas, antes que as duas mulheres pudessem dar um passo em direção à porta, uma figura se ergueu no canto mais escuro do canil, avançou com um salto e agarrou a primeira que estava no seu caminho: a mãe de Meggie.

— Parem! — disse Basta entre os dentes. — Parem, para que tanta pressa? Aonde você quer ir, Resa? Para a sua querida família? Você acha que eu não ouvi os cochichos lá embaixo na cripta? Ah, mas eu ouvi muito bem.

— Solte-a! — gritou Meggie. — Solte-a!

Por que ela não havia prestado atenção naquela trouxa escura, tão imóvel num canto? Como pudera pensar que Basta estaria morto como Capricórnio? Mas por que não estava? Por que ele não desaparecera, como Nariz Chato e Cockerell e todos os outros?

— Solte-a, Basta! — Mo disse em voz baixa, como se não tivesse forças para mais nada. — Você não sairá daqui, não com ela. Ninguém o ajudará, todos se foram.

— Oh, eu vou sair, sim! — retrucou Basta com voz maldosa. — Eu a estrangularei se você não me deixar passar. Vou quebrar seu pescocinho fino. Você sabia que ela é muda? Ela não pode dar nenhum pio, porque o charlatão do Darius a leu assim. Ela é um peixe mudo, um belo peixe, mas mudo. No entanto, pelo que conheço de você, sei que a quer assim mesmo, não é?

Mo não respondeu, e Basta riu.

— Por que você não está morto? — gritou Elinor. — Por que você não caiu morto como o seu senhor nem se dissolveu no ar? Diga logo!

Basta sacudiu os ombros.

— Sei lá eu — ele rosnou, enquanto apertava o pescoço de Resa com a mão. Ela tentou chutá-lo, mas ele apenas apertou ainda mais. — Afinal de contas, a gralha também está aqui. Bem, mas ela sempre deixou o trabalho sujo para os outros e, quanto a mim, talvez eu agora faça parte dos bons porque eles me puseram na jaula. Talvez eu ainda esteja aqui porque fazia tempo que eu não aprontava nada e Nariz Chato tinha muito mais prazer em matar. Talvez, talvez, talvez… seja lá como for, ainda estou aqui… e agora me deixe passar, sua devoradora de livros!

Mas Elinor não se mexeu.

— Não! — ela disse. — Você não sai daqui se não a soltar! Nunca pensei que esta história acabaria bem, mas acabou. E não vai ser um cretino como você que vai estragá-la no último minuto. Ou eu não me chamo Elinor Loredan!

Com um ar decidido, ela se plantou diante da porta da jaula.

— Desta vez você não está com a sua navalha! — ela continuou em tom ameaçador. — Você só tem essa sua boca suja, e acredite que ela não vai ajudar muito. Enfie os dedos nos olhos dele, Teresa! Chute e morda esse sujeitinho ordinário!

Mas, antes que Teresa pudesse obedecer, Basta a empurrou para a frente, com tanta força que ela tropeçou em Elinor e a derrubou. Elinor e também Mo, que estava indo socorrê-la.

Basta correu para a porta aberta da jaula, empurrou Farid e Meggie para o lado e saiu em disparada pelo meio de todas as criaturas que vagueavam feito sonâmbulos pela praça da festa de Capricórnio. Antes que Farid e Mo pudessem correr atrás de Basta, ele desaparecera.

— Bem, fabuloso! — murmurou Elinor, enquanto se arrastava com Teresa para fora da jaula. — Agora esse tipo vai me perseguir nos meus sonhos e, sempre que eu ouvir algum ruído lá fora no meu jardim, vou imaginar que a navalha dele está no meu pescoço.

*

Não apenas Basta, mas também a gralha desapareceu sem deixar vestígios naquela

noite. E quando eles se arrastaram cansados para o estacionamento em busca de um veículo que pudesse levá-los para fora da aldeia de Capricórnio, todos haviam desaparecido. Não havia mais um único automóvel no estacionamento escuro.

— Oh, não, por favor, diga que isso não é verdade! — gemeu Elinor. — Isso significa que teremos que ir a pé de novo, por todo esse maldito caminho cheio de espinhos?

— A não ser que por acaso você tenha um telefone — disse Mo.

Ele não se afastara um só passo de Teresa desde que Basta se fora. Olhara preocupado para o pescoço dela, onde ainda se viam as manchas vermelhas que os dedos de Basta haviam deixado. Ele tomara uma mecha de seus cabelos nos dedos e dissera que, escuros daquele jeito, eles eram quase mais bonitos. Mas nove anos são de fato um longo tempo, e Meggie observou como eles se aproximavam um do outro com cuidado, como duas pessoas em cima de uma ponte estreita que cruza um vasto nada.

Naturalmente, Elinor não tinha um telefone. Capricórnio mandara confiscar o dela, e, embora Farid tivesse se oferecido imediatamente para procurá-lo na casa incendiada de Capricórnio, ele não foi encontrado.

Assim, eles finalmente decidiram passar uma última noite na aldeia, junto com todos os outros que Fenoglio havia resgatado da morte. A noite ainda estava maravilhosamente amena, e eles poderiam dormir muito bem entre as árvores.

Junto com Mo, Meggie arranjou cobertores em número suficiente. Não foi difícil encontrá-los na aldeia mais uma vez abandonada. Eles só não entraram na casa de Capricórnio. Meggie não queria pisar novamente naquela soleira, e não era por causa do cheiro penetrante de queimado que ainda saía pelas janelas, nem das portas carbonizadas, mas sim das recordações que, só de olhar para a casa, a assaltavam como animais ferozes.

Quando estava deitada junto com Mo e sua mãe debaixo dos velhos carvalhos à margem do estacionamento, ela não parava de pensar em Dedo Empoeirado, e se perguntava se Capricórnio realmente mentira no caso dele e se ele de fato não estaria enterrado em algum lugar nas colinas. “Provavelmente nunca saberei o que foi feito dele”, ela pensou, enquanto uma fada azul balançava num dos galhos com uma expressão enigmática.

Toda a aldeia parecia encantada naquela noite. O ar estava cheio de murmúrios, e as figuras que vagavam pelo estacionamento pareciam ter saído de sonhos de crianças, e não das palavras de um velho homem. Meggie também se perguntou várias vezes naquela noite onde andaria Fenoglio e se ele estava gostando de fazer parte de sua própria história. Ela desejava muito que ele estivesse satisfeito, mas sabia que o escritor sentiria falta de seus netos e das brincadeiras de esconde-esconde no armário da cozinha.

Antes de fechar os olhos, Meggie viu Elinor perambulando entre os duendes e as fadas, com uma expressão tão feliz como ela nunca vira antes. À esquerda e à direita de Meggie, porém, estavam seus pais, e sua mãe escrevia, em folhas de árvores, no tecido de seu vestido e na areia. Havia tantas palavras que queriam ser contadas…

58. Nostalgia

Mas Bastian sabia que não poderia ir embora sem o livro. Agora ele se dava conta de que entrara ali somente por causa daquele livro, que o livro o havia chamado de alguma forma misteriosa, pois queria chegar até ele, pois na verdade sempre lhe pertencera!

Michael Ende, *A história sem fim*

Dedo Empoeirado assistiu a tudo, de cima de um telhado, a uma distância que permitiu que ele se sentisse seguro contra Sombra e ao mesmo tempo acompanhasse tudo o que acontecia — com o binóculo que encontrara na casa de Basta. Inicialmente, ele pretendia ficar em seu esconderijo. Já vira Sombra matar tantas vezes! Mas uma sensação estranha, irracional como os amuletos de Basta, o impelia: a de que ele poderia proteger o livro com sua simples presença. Enquanto se esgueirava pela rua, ele também sentiu outra coisa, algo que apenas admitia a contragosto: Dedo Empoeirado queria ver Basta morrer, com o mesmo binóculo que ele usara tantas vezes para observar suas futuras vítimas.

E então ele estava ali, sentado em cima de um telhado esburacado, com as costas apoiadas na chaminé fria e o rosto coberto de fuligem (pois o rosto é um clarão denunciador na noite), observando a fumaça subir no ponto onde ficava a casa de Capricórnio. Ele viu Nariz Chato sair correndo com alguns homens para apagar o fogo. Viu como Sombra se ergueu do chão, como o velho homem desapareceu, com um espanto indescritível no rosto, e como Capricórnio morreu da morte que ele mesmo evocara. Basta infelizmente não morrera, o que era realmente irritante. Dedo Empoeirado o viu fugir. A gralha o seguiu, ele também viu.

Ele viu tudo: Dedo Empoeirado, o espectador.

Tantas vezes ele fora somente um espectador, e aquela nem era a história dele. O que ele tinha a ver com Língua Encantada e sua filha, o garoto, aquela doida dos livros e a mulher que agora pertencia a um outro? Ela poderia ter fugido com ele, mas ficara na cripta, com sua filha. E ele a expulsara de seu coração, como sempre fazia quando alguém queria se acomodar ali de forma duradoura. Estava feliz por Sombra não a ter levado, mas ela não tinha mais nada a ver com ele. A partir de agora, Resa contaria a Língua Encantada todas as maravilhosas histórias que haviam espantado a solidão, as

saudades e o medo. O que isso lhe importava?

E as fadas e os duendes que agora perambulavam pela aldeia de Capricórnio? Tinham tanto a fazer naquele mundo quanto ele, e também não o deixariam esquecer que ele estava ali apenas por um motivo. Apenas o livro ainda o interessava, apenas o livro. Quando ele viu como Língua Encantada o guardou no casaco, decidiu recuperá-lo. Pelo menos o livro seria dele, tinha que ser.

O velho agora estava lá dentro, o velho de rosto enrugado. Louco. "Sim, o seu medo, Dedo Empoeirado!", ele pensou, amargurado. "Você é e sempre será um covarde. Por que *você* não estava ao lado de Capricórnio? Por que você não se arriscou a ficar atrás dele, talvez então *você* tivesse desaparecido no lugar do velho."

A fada com asas de borboleta e rosto branco como leite voara atrás dele. Ela era uma criaturinha vaidosa. Toda vez que via o próprio reflexo em alguma janela, ficava ali um tempo, sorrindo esquecida da vida, virando e girando no ar, ajeitando os cabelos com os dedos, contemplando a si mesma como se a cada vez se encantasse novamente com sua própria beleza. As fadas que ele conhecia não eram especialmente vaidosas, ao contrário, às vezes tinham um prazer especial em besuntar seus minúsculos rostinhos com lama ou pólen e então perguntar entre risadinhas qual delas se escondia atrás de toda aquela sujeira.

"Talvez eu devesse capturar uma para mim", pensou Dedo Empoeirado. Ela poderia me tornar invisível. Seria maravilhoso poder voltar a ficar invisível. E um duende desses — eu poderia me exibir com ele. Todos acreditariam que ele não passava de um homem minúsculo, vestindo uma roupa de pele. Ninguém sabia plantar bananeira por tanto tempo quanto um duende, ninguém sabia fazer caretas tão bem, e as suas danças divertidas então… Sim, por que não?

Quando a lua já havia percorrido metade do céu e Dedo Empoeirado ainda estava no telhado, a fada com asas de borboleta começou a ficar impaciente. Seu tilintar soava estridente e furioso quando ela voava ao redor dele. O que ela queria? Que ele a levasse de volta para o lugar de onde viera, para o lugar onde todas as fadas tinham asas de borboleta e entendiam a língua dela?

— Você está falando com a pessoa errada — ele disse baixinho para ela. — Está vendo lá embaixo a menina e o homem que está sentado ao lado da mulher com os cabelos loiros escuros? Eles são as pessoas certas para levá-la ao seu mundo. Mas já vou lhe adiantando: eles são ótimos para tirar alguém do seu lugar, só que não entendem

muito de mandar de volta. Mas tente mesmo assim! Talvez você tenha mais sorte do que eu!

A fada virou-se, olhou para baixo, lançou-lhe um último olhar indignado e saiu voando. Dedo Empoeirado viu como o seu brilho se misturou ao das outras fadas que voavam e brincavam entre os galhos das árvores. Elas esqueciam tão facilmente. Nenhuma preocupação durava mais do que um dia na cabecinha delas. E quem sabe talvez o ar tépido da noite a tivesse feito esquecer que aquela não era a história dela.

Já estava amanhecendo quando finalmente todos dormiram lá embaixo. Apenas o garoto vigiava. Era um garoto desconfiado, sempre de orelhas em pé, sempre alerta, exceto quando brincava com o fogo. Dedo Empoeirado sorriu quando se lembrou de seu rosto atento e de como ele havia chamuscado os lábios quando pegara escondido as tochas de sua mochila. O garoto não seria um problema. Não. Com certeza não.

Língua Encantada e Resa dormiam debaixo de uma árvore, Meggie estava no meio dos dois, protegida como um passarinho num ninho quente. A apenas um passo deles, dormia Elinor. Ela sorria no sono. Dedo Empoeirado nunca a vira tão feliz. Em seu peito estava deitada uma das fadas, encolhida como num casulo; Elinor a envolvera com a mão. O rosto da fada quase não era maior do que a ponta de seu polegar, e a luz da fada vazava através dos dedos fortes de Elinor como uma estrela aprisionada.

Farid levantou-se quando viu Dedo Empoeirado se aproximar. Ele tinha na mão uma espingarda, que com certeza pertencera a um dos homens de Capricórnio.

— Você… não está morto? — ele sussurrou, abismado.

O garoto ainda não usava sapatos. Também pudera, vivia tropeçando nos cadarços e amarrá-los sempre lhe causara grandes problemas.

— Não, não estou morto. — Dedo Empoeirado parou diante de Língua Encantada e olhou para ele e para Resa. Então perguntou ao garoto: — Onde está Gwin? Espero que você tenha cuidado bem dele!

— Ele fugiu depois que atiraram contra nós, mas depois ele voltou! — havia orgulho na voz do garoto.

— Ótimo. — Dedo Empoeirado agachou-se ao lado de Língua Encantada. — Pois é, ele sempre soube a hora de se mandar, exatamente como o seu dono.

— Ontem à noite, nós o deixamos no acampamento, lá em cima na casa

incendiada, porque sabíamos que as coisas iriam ser bem perigosas aqui — prosseguiu o garoto. — Mas eu ia buscá-lo, assim que acabasse o meu turno de vigia.

— Bem, eu mesmo posso fazer isso. Não se preocupe, ele deve estar bem. Uma marta como ele sabe se virar.

Dedo Empoeirado estendeu a mão e a enfiou debaixo do paletó de Língua Encantada.

— O que você está fazendo? — a voz do garoto soou preocupada.

— Apenas pegando o que me pertence — respondeu Dedo Empoeirado.

Língua Encantada não se mexeu quando ele tirou o livro de seu casaco. Ele dormia como uma pedra. O que poderia perturbar seu sono agora? Ele tinha tudo o que desejava.

— Não é seu!

— É, sim.

Dedo Empoeirado levantou-se. Olhou para os galhos em cima dele. Bem ali dormiam três fadas; ele sempre se perguntara como elas podiam dormir em árvores sem despencar de lá de cima. Com cuidado, ele colheu duas delas de um galho fino, soprou suavemente em seus rostos quando elas abriram os olhos bocejando e as enfiou no bolso.

— O sopro lhes dá sono — ele explicou ao garoto. — Apenas uma dica, caso você tenha que lidar com elas. Mas acho que funciona apenas com as azuis.

Ele não acordou nenhum duende. Os duendes eram um povo teimoso, demoraria muito tempo para convencê-los a ir com ele, e podia ser que Língua Encantada acordasse antes disso.

— Leve-me com você! — o garoto se pôs no seu caminho. — Aqui, estou com a sua mochila.

Ele a ergueu, como se com ela quisesse comprar a companhia de Dedo Empoeirado.

— Não. — Dedo Empoeirado pegou a mochila, pendurou-a nos ombros e lhe deu as costas.

— Sim! — O garoto correu atrás dele. — Você tem que me levar. Senão o que

vou dizer a Língua Encantada quando ele notar que o livro sumiu?

— Diga que você pegou no sono.

— Por favor.

Dedo Empoeirado parou.

— E ela? Você gosta da garota. Por que você não fica com ela?

O garoto enrubesceu. Ele olhou por um longo tempo para a menina, como se quisesse gravar sua imagem. Então virou-se de novo para Dedo Empoeirado.

— Eu não sou como eles.

— Também não é como eu.

Dedo Empoeirado deixou-o para trás mais uma vez, mas, quando já se encontrava a alguns metros do estacionamento, o garoto estava atrás dele. Ele tentava andar bem devagar para que Dedo Empoeirado não o ouvisse e, quando este finalmente se virou, o garoto parou como um ladrão apanhado em flagrante.

— O que é isso? Não vou ficar aqui por muito tempo — ralhou Dedo Empoeirado. — Agora que tenho o livro, vou procurar alguém que possa me mandar de volta. E se for um gago como Darius e me mandar de volta com a perna manca ou com a cara achatada? O que você vai fazer então? Você estará sozinho.

O garoto sacudiu os ombros e olhou para ele com seus olhos negros como carvão.

— Eu já sei cuspir fogo muito bem! — ele disse. — Treinei bastante depois que você foi embora. Mas engolir ainda não dá muito certo.

— E é mais difícil mesmo. Você é muito afobado. Eu já lhe disse mil vezes.

Eles encontraram Gwin nas ruínas da casa incendiada, dormindo, com penas grudadas no focinho. Ele pareceu satisfeito de ver Dedo Empoeirado, até mesmo lambeu sua mão, mas logo foi atrás do garoto. Eles andaram até o dia raiar, sempre em direção ao sul, onde em algum lugar ficava o mar. Então eles pararam para descansar e se alimentar, com provisões da despensa de Basta: um pouco de salame picante, um pedaço de queijo, pão e azeite. O pão já estava um tanto duro e eles o mergulharam no azeite e comeram em silêncio, sentados na grama, e depois prosseguiram. Entre as árvores, florescia uma sálvia selvagem azul e rosa-claro. No bolso de Dedo Empoeirado, as fadas começaram a se mexer, e o garoto ia atrás dele como uma

segunda sombra.

59. Para casa

E ele navegou de volta quase um ano inteiro, e durante muitas semanas e mais um dia, até chegar ao seu quarto, onde era noite e o jantar esperava por ele e ainda estava quente.

Maurice Sendak, *Onde vivem os monstros*

De manhã, quando Mo notou que o livro sumira, a primeira coisa que Meggie pensou foi que Basta o havia levado, e ela se sentiu mal com a ideia de que ele estivera ali à noite enquanto eles dormiam. Mas Mo tinha outra suspeita.

— Farid também se foi, Meggie! — ele disse. — Você acha que ele teria ido com Basta?

Não, ela não achava. Farid teria ido apenas com uma pessoa. Meggie podia imaginar muito bem Dedo Empoeirado surgindo da escuridão, exatamente como naquela noite em que tudo havia começado.

— Mas e Fenoglio? — ela disse.

Mo apenas suspirou.

— Não sei se eu teria tentado trazê-lo de volta, Meggie — ele disse. — Já saíram tantas desgraças desse livro, e eu não sou um escritor que saiba escrever as palavras que quer ler. Sou apenas uma espécie de médico de livros. Posso lhes dar novas capas, posso torná-los um pouco mais jovens, livrá-los das traças e impedir que com os anos as suas páginas caiam, como pode acontecer com os cabelos de um homem. Mas continuar a tramar suas histórias, encher novas páginas com as palavras certas, isso eu não sei. Este é um ofício diferente, totalmente diferente. Um escritor famoso escreveu uma vez: "*O escritor pode ser visto como uma tríade: como contador de histórias, como professor ou como mago… mas o que predomina é o mago, o feiticeiro*". Sempre achei que ele tinha razão.

Meggie não sabia o que dizer. Só sabia que sentia falta do rosto de Fenoglio.

— E Sininho? — ela perguntou. — O que aconteceu com ela? Ela também vai ter que ficar aqui?

Quando acordara, a fada estava deitada na grama ao seu lado. Agora estava voando

com as outras fadas. Olhando de relance, elas pareciam um bando de borboletas. Nem com toda a boa vontade Meggie conseguia imaginar como ela fugira de Basta. Ele não a havia trancado num jarro?

— Bem, pelo que me lembro, em algum momento Peter Pan esqueceu que ela existia, por assim dizer — disse Mo. — Não é verdade?

Sim, ela também se lembrava desse detalhe.

— Mesmo assim! — ela murmurou. — Pobre Fenoglio!

Mas, no instante em que disse isso, sua mãe sacudiu energicamente a cabeça. Mo procurou papel em seus bolsos, mas tudo o que encontrou foi a conta de um posto de gasolina e uma caneta hidrográfica. Teresa pegou as duas coisas de sua mão com um sorriso. Então ela escreveu, enquanto Meggie se sentava na grama ao seu lado: "*Não sinta pena dele. Ele não caiu numa história ruim*".

— Capricórnio ainda está lá? Você se encontrou com ele? — perguntou Meggie.

Quantas vezes ela e Mo haviam se perguntado isso? Afinal, *Coração de tinta* continuava a contar sobre ele. Mas talvez houvesse de fato algo atrás da história impressa, todo um mundo que se transformava como o mundo deles fazia a cada dia.

"*Só ouvi falar dele*", escreveu sua mãe. "*As pessoas falavam dele como se ele tivesse viajado. Mas havia outros, tão ruins quanto ele. Era um mundo cheio de horrores e belezas e…*", as letras foram ficando tão pequenas que Meggie mal conseguiu decifrá-las, "… *eu sempre entendi perfeitamente a saudade de Dedo Empoeirado*."

A última frase inquietou Meggie, mas, quando ela olhou preocupada para a sua mãe, ela riu e pegou a mão da menina. "*Eu sempre tive mais saudade de vocês, muito mais*", ela escreveu na palma da mão, e Meggie fechou os dedos sobre as palavras como se dessa maneira pudesse retê-las. Ela ainda as lia no longo caminho para a casa de Elinor, e levou vários dias até que elas se apagassem.

Elinor não conseguia se conformar com o fato de terem que se aventurar a pé novamente pelas colinas cheias de cobras e espinhos.

— Estão loucos? — ela vociferou. — Só de pensar meus pés já estão doendo.

Então ela e Meggie puseram-se mais uma vez em busca de um telefone. Era uma sensação estranha andar pela aldeia agora realmente abandonada, passar em frente à casa de Capricórnio, enegrecida pela fumaça, e pelo portal quase carbonizado da

igreja. A praça em frente estava coberta pela água. O céu azul que se espelhava ali fazia parecer que ela havia se transformado num lago durante a noite. As mangueiras que os homens de Capricórnio haviam usado para salvar a casa de seu chefe estavam enroladas ali como serpentes gigantescas. De fato, o fogo se alastrara somente pelo andar térreo, mas mesmo assim Meggie não se atreveu a entrar e, depois de procurarem em vão em dezenas de casas, Elinor desapareceu sozinha atrás da porta queimada. Meggie lhe explicou como ela encontraria o quarto da gralha, e Elinor levou uma espingarda para o caso de a velha ter voltado para salvar pelo menos alguns dos tesouros saqueados por seu filho. Mas a gralha desaparecera, assim como Basta, e Elinor voltou com um sorriso triunfante nos lábios e um telefone na mão.

Eles chamaram um táxi. Foi difícil explicar ao motorista que a barreira que ele encontraria na estrada não devia ser respeitada, mas pelo menos ele não acreditava nas histórias diabólicas que se contavam sobre a aldeia. Mo e Elinor o esperaram na estrada para que ele não se deparasse com os duendes e as fadas. Meggie ficou na aldeia com sua mãe, enquanto os dois foram até a cidade mais próxima. Algumas horas depois, eles voltaram com dois carros alugados, mais exatamente dois micro-ônibus. Sim, pois Elinor decidira oferecer um lar a todos os estranhos seres que tinham ido parar em seu mundo. "Asilo", como ela chamou. "Afinal de contas, o nosso mundo não tem tolerância nem muita compreensão com as pessoas que são um pouco diferentes. Que dirá daquelas que são azuis e voam?"

Demorou um tempo até que todos compreendessem a oferta de Elinor. Naturalmente, ela também valia para as pessoas, mas a maior parte delas decidiu ficar na aldeia de Capricórnio. Ela as fazia lembrar de um lar que a morte deixara quase esquecido, e além disso Meggie contara às crianças sobre os tesouros que ainda deviam estar no porão de Capricórnio. Eles deveriam ser suficientes para sustentar todos os novos habitantes da aldeia de Capricórnio até o fim de suas vidas. Os pássaros, cães e gatos que haviam fugido de Sombra já tinham desaparecido nas colinas, mas algumas das fadas e dois dos homenzinhos de vidro também decidiram — encantados com as flores da região, o cheiro de alecrim e as estreitas vielas, em que cada pedra parecia sussurrar uma história antiga — ficar e fazer da outrora maldita aldeia o seu lar.

Apesar disso, ao final, dentro dos ônibus, pousadas nos encostos dos assentos cinzentos ou voando para lá e para cá, estavam quarenta e três fadas azuis de asas de libélula. Pelo jeito, Capricórnio havia matado fadas a torto e a direito, como outros fazem com mosquitos. Sininho estava entre as que ficaram, o que não deixou Meggie

especialmente desapontada, pois ela observara que a fada de Peter Pan era bastante voluntariosa. Além disso o seu tilintar era mesmo irritante, e Sininho tilintava sem parar sempre que não conseguia o que queria.

Além dos quatro duendes, ainda subiram no ônibus de Elinor treze homens e mulheres de vidro, e também Darius, o infeliz leitor gago. Nada mais o prendia à antiga aldeia abandonada, agora habitada novamente. Ali moravam muitas lembranças dolorosas para ele. Ele se ofereceu para ajudar Elinor a reconstruir a sua biblioteca, e ela aceitou (Meggie tinha a leve suspeita de que ela secretamente aventava a ideia de fazer Darius voltar a ler, agora que a presença ameaçadora de Capricórnio não o fazia mais tropeçar na língua).

Meggie olhou para trás por um longo tempo quando eles deixaram a aldeia de Capricórnio. Ela sabia que nunca esqueceria aquela visão, assim como não esquecemos certas histórias, mesmo que tenham nos dado medo, ou talvez justamente por isso.

Antes de partir, Mo perguntara preocupado mais uma vez se para ela estava tudo bem se antes fossem para a casa de Elinor. Estranhamente, ela tinha mais saudade da casa de Elinor do que do velho sítio onde ela e Mo haviam passado os últimos anos.

No gramado atrás da casa, no ponto em que os homens de Capricórnio haviam incinerado os livros, ainda se via a mancha deixada pelo fogo, mas Elinor mandara remover as cinzas — depois de ter enchido um pote de geleia com o fino pó cinzento. Ele ficava no seu criado-mudo.

Muitos dos livros que os homens de Capricórnio haviam apenas arrancado das estantes já estavam de volta no lugar, outros esperavam para ser reencadernados na mesa de trabalho de Mo, mas as estantes da biblioteca ainda estavam vazias e, embora ela as tenha enxugado depressa, Meggie viu as lágrimas nos olhos de Elinor quando as duas estavam diante delas.

Nas semanas seguintes, Elinor fez compras. Comprou livros. Viajou por toda a Europa. Darius estava sempre com ela, e às vezes Mo também acompanhava os dois. Meggie, porém, ficou com a mãe na grande casa. Elas se sentavam juntas perto de uma janela e olhavam para o jardim lá fora, onde as fadas construíam seus ninhos, estruturas esféricas que ficavam penduradas nos galhos das árvores feito bolas de Natal. As criaturas de vidro acomodaram-se no sótão de Elinor, e os duendes cavaram suas moradias entre as grandes árvores velhas que existiam em abundância no jardim de Elinor. Ela insistia para que eles saíssem o mínimo possível de seu terreno. Ela os

advertia enfaticamente contra os perigos do mundo que havia além de sua cerca viva, mas não demorou muito e as fadas começaram a voar até o lago à noite, os duendes esgueiravam-se pelas aldeias adormecidas à sua margem e os homens de vidro desapareciam na relva alta que cobria as encostas das montanhas ali perto.

— Não se preocupe tanto — disse Mo, quando Elinor reclamou mais uma vez de tamanha falta de bom senso. — O mundo de onde eles vieram também não era um mundo exatamente inofensivo.

— Mas era diferente! — retrucava Elinor. — Não havia automóveis. E se as fadas voarem contra um para-brisa? Também não havia caçadores com espingardas que atiram em tudo o que se mexe apenas para se divertir.

Entrementes, Elinor sabia tudo sobre o mundo de *Coração de tinta*. A mãe de Meggie havia usado muito papel para escrever suas lembranças. Toda noite Meggie lhe pedia que contasse mais, e elas se sentavam juntas. Teresa escrevia e Meggie lia. Às vezes, ela tentava desenhar o que sua mãe descrevera.

Os dias se passavam e as estantes de Elinor se encheram com novos livros maravilhosos. Muitos estavam em estado lastimável, e Darius, que havia começado a fazer um catálogo dos tesouros impressos de Elinor, interrompia muitas vezes seu trabalho para assistir ao de Mo. Com os olhos arregalados, ele se sentava ao seu lado, enquanto Mo libertava um livro de sua capa estragada, costurava páginas soltas, colava lombadas e fazia todo o necessário para conservar os livros por muitos anos.

Mais tarde, Meggie não saberia dizer em que momento, eles decidiram ficar para sempre com Elinor. Talvez tenha sido somente depois de muitas semanas, mas talvez eles já soubessem desde o primeiro dia. Meggie ficou com o quarto da cama muito grande, embaixo da qual ainda estava o seu baú de livros. Ela adoraria ter lido seus livros preferidos para sua mãe, mas agora entendia por que Mo lia em voz alta apenas muito raramente. E uma noite, quando mais uma vez ela não conseguia dormir porque pensara ter visto o rosto de Basta lá fora, ela se sentou à mesa que havia diante de sua janela e começou a escrever, enquanto as fadas tremeluziam no jardim de Elinor e os duendes farfalhavam pelos arbustos.

O plano de Meggie era o seguinte: ela queria aprender a inventar histórias, como Fenoglio fazia. Queria aprender a escolher as palavras, para que pudesse ler para sua mãe sem se preocupar que dali saísse alguém que olharia para ela com olhos cheios de saudades. As palavras apenas poderiam fazê-los voltar, todos aqueles que não eram

feitos de outra coisa senão de palavras, e por isso Meggie decidiu que as palavras seriam o seu ofício. E onde se podia aprender isso melhor do que numa casa em cujo jardim as fadas faziam seus ninhos e à noite os livros sussurravam histórias das estantes?

Como Mo dissera: o ofício de escrever histórias tem algo a ver com a magia.

Copyright © 2003 by Cecilie Dressler Verlag GmbH & Co. KG, Hamburgo *A publicação desta obra recebeu o apoio do Instituto Goethe*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Tintenherz

O trecho de O senhor dos anéis *reproduzido na página 382 foi extraído da tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Piseta, publicada pela editora Martins Fontes.*

Capa
Cornelia Funke

Preparação
Rafael Mantovani

Revisão
Isabel Jorge Cury
Marise Simões Leal ISBN 978-85-8086-162-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Ebook adquirido na Livrarialivros.com